



TRILOGIA PROFUNDAMENTE | 1

PROFUNDAMENTE APAIXONADO

ALESSA ABLE

Da mesma autora de Ensina-me O Prazer



P R O F U N D A M E N T E | 1

PROFUNDAMENTE APAIXONADO

ALESSA ABLE

Da mesma autora de Ensina-me O Prazer

PROFUNDAMENTE APAIXONADO

“O reencontro que mudou a vida dele para sempre.”

ALESSA ABLE

1º EDIÇÃO.

Como se trata de uma história dividida em quatro partes, deve-se ler os livros na ordem, pois são dependentes um do outro por contar a história dos mesmos personagens.

Copyright © 2016 by Alessa Ablle.
Copyright © 2018 by Alessa Ablle.

TÍTULO Profundamente Apaixonado.

IMAGENS DA CAPA © Depositphotos

ILUSTRAÇÃO & DIAGRAMAÇÃO Artessa Covers.

Ablle, Alessa

Profundamente Apaixonado / Alessa Ablle ; revisão Paola Leal. — 2ª ed.
— Rio de Janeiro : Alessa Ablle, 2018.

Coleção Profundamente ; 1.

1. Romance / 2. Ficção / 3. Drama / 4. Erótico

Todos os direitos desta obra reservados à Alessa C. Ablle.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.

William Shakespeare.

Quem não arrisca, não petisca. ;)

SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Bônus](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Bônus](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte & Um](#)

[Vinte & Dois](#)

[Vinte & Três](#)

[Vinte & Quatro](#)

[Vinte & Cinco](#)

[Vinte & Seis](#)

[Vinte & Sete](#)

[Vinte & Oito](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[NÃO PERCA O SEGUNDO VOLUME](#)

[SOBRE A AUTORA:](#)

[CONTATO](#)

Prólogo

FINAL DE FEVEREIRO DE 2013.

Será que todas as mudanças são vistas com bons olhos e acolhidas com o mesmo entusiasmo? Será que as coisas ruins que uma surpresa pode nos trazer, deve ser encarada como uma provação do destino? Será que mostrar força significa que podemos suportar mais?



A FORMA DE UM BELO HOMEM, caminha pelas ruas movimentadas de Nova York. Ele é alto, cabelos claros, de um tom loiro sujo, muito sexy. Braços fortes e compridos assim como as pernas longas e torneadas. Malhado, postura adequada e um rosto lindo. Está com uma calça jeans escura, sapatos esporte-fino e uma camisa de manga longa branca de algodão sedoso.

É fim de tarde em Manhattan em pleno fevereiro, o finalzinho do inverno e o frio já começa a se afastar, dando espaço para primavera chegar. Mudanças sempre vêm com as novas estações, para todo mundo, principalmente para aquele jovem homem.

Ele atravessa a rua acenando para um de seus amigos. Com seu passo elegante, um pisar firme que lembra um modelo desfilando em uma longa passarela, ele alcança o amigo.

“Fala Ethan, como está indo a vida?”

“Estou muito bem, mas creio que meu pai não está satisfeito com isso.”

“Por quê?”

Ethan faz uma cara de desgosto. “Parece que ele não está muito feliz comigo sem ter nada para fazer e pelo que ele me contou, o dever me chama na Costa Oeste do país.”

“Que merda, hein.”

“Nem me fale, Colen. Eu pretendia ficar por aqui mais tempo. Não queria voltar para casa tão cedo.” Diz com desânimo.

Parece que passar um ano de férias após terminar sua faculdade, não fora suficiente para ele.

“Então diz isso para ele, cara.”

A feição de Ethan deixa óbvio que já tentou ao máximo convencer o pai, e ele tentou mesmo. Mas nada adiantou e em seus planos voltar para Los Angeles não aconteceria tão cedo. Não tinha nada lá para ele querer, de verdade, largar sua vida boa, sua rotina e voltar para *casa*. Teimoso como sempre, ele ficou irritado com a pressão que seu pai estava fazendo para ele retornar.

Se em todos os contos de fadas os príncipes são como Ethan — desprendidos de querer amor e aproximação — não sei dizer, mas uma coisa é certa: A princesa que o aguarda há cinco horas, é encantadora e irá deixá-lo com a cabeça virada. O modo “*homem livre*” se desprenderá dele facilmente apenas em uma olhada na bela jovem à sua ‘*espera*’.

“Eu já falei, Colen, mas ele não entende.”

“Então boa sorte em voltar à vida. Agora você será um homem responsável e de negócios.” O amigo fala rindo e dando um tapa em suas costas.

Ethan retribui com um olhar cansado e logo os dois caminham para um *pub*, a fim de tomar uma bebida lembrando os velhos tempos da faculdade e de certa forma, Ethan está se despedindo da vida mansa que levava há bastante tempo. E mal ele sabe que uma revolução acontecerá em sua vida quando voltar para o seu verdadeiro *lar*.



MAIS TARDE DAQUELE MESMO DIA, uma típica sexta-feira à noite, em torno das onze e meia. Uma jovem de cabelos tão claros quanto o sol e olhos verdes brilhantes, acorda de um pesadelo gritando.

“Aaaah!” É seu suspiro ao acordar. Um som parecido com um sopro de esperança e alívio.

Os músculos do seu rosto estão tão contraídos quanto de todo o seu corpo. As mãos agarradas aos lençóis com toda a sua força, como se as cobertas pudessem lhe tirar do sono tortuoso e amedrontador. Seus olhos se abrem com a queimação das lágrimas que pressionam suas pálpebras e com um soluço ela chora baixinho.

Não sei dizer se ela chora de alívio ou ainda pelo terror do pesadelo, mas seu choro é comovente.

A pobre garota está sofrendo há muito tempo com os sonhos, mas eles estão piorando conforme a data do dia mais aterrorizante da sua vida chega. Ela não sabe explicar porque eles só ficam mais aterrorizantes e reais perto desse dia.

A porta do seu quarto se abre e uma senhora de cabelos loiros e uma aparência tão bela quanto a da jovem, adentra o cômodo preocupada.

“Tudo bem, minha querida?” Ela sussurra.

A garota movimenta sutilmente os ombros e aceita o abraço quando a mulher senta na beira de sua cama.

“De novo teve mais um pesadelo? Fala para mim”, a mulher fala acariciando os cabelos da jovem.

“Não é nada, mamãe. Eu só vi um filme de terror ontem com a Clara.” Se afasta e deita o rosto na mão da mãe quando acaricia sua maçã do rosto. “Não se preocupe. Eu estou bem.” Ela prefere mentir a preocupar a mãe e toda a família. É sempre assim.

“Eu sei que você não está bem, Victoria.”

Victoria Colton, tão bela quanto pode uma garota real ser, mas tão triste que ninguém gostaria de ter o seu coração no peito. Meiga, carinhosa e extremamente protegida.

O bicho papão das histórias é bem real para ela e sua família, que sofrem há muitos anos. A pobre garota, prestes a fazer seus dezenove anos não sabe dizer se vivia ou sobrevivia todos os dias. Os monstros ainda a perseguem e não estão debaixo da cama. Eles estão lá fora, nas ruas, esperando novamente o dia que todos estejam de olhos fechados para pegá-la.

Victoria pode ser vista como uma fraca, boba e chata menina rica, mas ela é uma vítima dos seus medos e das lembranças. E o que ela mais quer na vida é viver uma *vida* normal.

Assim como nos contos de fadas, ela sonha com o dia do seu *felizes para sempre*, porém, nunca pensou em se apaixonar nas circunstâncias em que vive. Ela sempre pensa: *Quem amaria alguém como eu?*

Sua vida não é fácil. Ela é privada de muitas coisas, deixou de curtir a vida como qualquer criança e adolescente, mesmo com tanto dinheiro, ela não teve *tudo*. O dinheiro não pode comprar o que ela mais almeja. *Liberdade*.



MAS O DESTINO É IMPREVISÍVEL, ou até mesmo *previsível*, porque irá juntar dois corações distintos. Um não pensa em amor por uma grande decepção. É totalmente descrente sobre as pessoas. O outro coração sofre tanto que não planeja compartilhar a dor com mais ninguém.

Entretanto, a vida deles foi interligada há muito tempo e apenas o retorno de um bastará para acontecer o que eles pensaram nunca acontecer.

Este é um conto de fadas *quase real*. O amor é forte, mas o ódio e a destruição também, pois ganharam forças com o tempo. Ethan precisará lutar com todas as forças para salvar Victoria, e muito além desse mal. Terá que salvá-la principalmente do medo e das lembranças que a dominam.

Um

Victoria

TERÇA-FEIRA, 06 DE OUTUBRO DE 2013.



UM BARULHO CHATO COMEÇA A TOCAR NO FUNDO DA MINHA MENTE, cada vez mais alto, invadindo meu inconsciente. Tento esquecer a melodia, mas parece que fica mais alta. Até que tenho noção de que o barulho é meu despertador. Luto um pouco para continuar dormindo, remexendo na cama, mas não por muito tempo.

Resmungo, desistindo, e me virando, solto meu travesseiro favorito — que eu sempre durmo abraçada — e estico meu braço até a mesa de cabeceira para desligar o despertador do meu celular.

Viro novamente o corpo, ficando de barriga para cima e abro os olhos. Fito o teto branco e o lindo lustre de cristal no meio da minha suíte, que parece ter sido decorada para alguma princesa da Disney.

Paredes brancas com uma linha dourada no meio, minha cama de dossel em madeira branca, no meio do quarto com as mesas de cabeceira em cada lado e a cortina branca de voal fica presa no alto — como uma cabana sobre minha cama. É meu esconderijo.

Suspirando, sento na cama e olho para esquerda, as longas portas da varanda com cortinas, que dão para a frente da casa, deixam passar a leve luz da manhã por baixo. Aperto o botãozinho ao lado da cabeceira e as cortinas se abrem, deixando a luz do sol invadir totalmente.

Tudo aqui em casa é muito lindo e cheio de detalhes, culpa da minha mãe que é decoradora e muito perfeccionista.

Tiro as cobertas de cima do meu corpo e pulo para fora da cama de uma vez, para não desistir. Normalmente não tenho essa preguiça e nem sempre preciso do despertador, mas ontem fiquei até altas horas conversando com minha melhor amiga Clara no telefone.

Ela é tão tagarela quanto eu. *Minha nossa!* Se eu não colocasse o despertador para me acordar, mesmo levantando antes de ele tocar, eu estaria ferrada mais de uma vez. Porém, eu sempre deixo *ele* preparado de terça à sexta — os dias que eu tenho aula — para às oito da manhã.

O sensor de luz detecta quando passo pelas portas duplas de vidro do meu *closet* e meu banheiro, em frente à minha cama. Tudo sempre impecável. Acho que minha família leva muito a sério a mania de me chamarem de *princesa*. Às vezes me sinto como uma boneca, mas até que eu gosto. *Quem não gosta de luxo e conforto?*

Faço minha rotina matinal: banho, lavar cabelo, secar cabelo, pentear, passar maquiagem e depois escolher minha roupa e sapato. Após terminar de me aprontar, me fito no espelho de corpo inteiro. Calça jeans clara, com um rasgado no joelho direito, blusa branca de seda com a gola caída para o lado e as sandálias que Cora me deu no meu aniversário deste ano. *Ótima.*

Pego minha pasta com meus materiais e minha bolsa com meus pertences na mesa ao lado das portas do *closet*, onde fica meu computador, a impressora e a estante ao lado, com todos os meus livros favoritos e os de estudo. Em cima da cadeira da escrivaninha, pego também a bolsa de feltro da Nike com minha roupa para malhar. Isso eu não posso esquecer mesmo. Adoro ir à academia.

Saio do quarto, deixando a porta aberta para a arrumadeira entrar e limpar. Não tem muito que fazer, entretanto ela vem pelo menos *olhar*. Sempre deixo meu quarto limpo para não dar trabalho e faço as coisas que é preciso. Como eu mesma mantenho meu banheiro limpo e lavo o box com os produtos que ficam no armário da pia. Ser rica não significa fazer nada e explorar os outros.

Desço as escadas, vou até a sala de estar rapidinho e deixo minhas coisas no sofá e me dirijo para o balcão da cozinha. São nove e vinte da manhã e a hora do café da manhã já passou. Isso quer dizer que eu não vou comer na mesa com meus pais, que comeram às sete horas como todas as manhãs.

Chegando à cozinha vejo meu irmão Will, sentado em uma das banquetas. Ele escuta meus passos e vira-se para mim. Seus lábios se curvam gentilmente para cima, me presenteando com seu sorriso cordial e eu retribuo com um sorriso aberto e contente por vê-lo aqui.

Sento-me ao seu lado, em frente ao prato com panquecas e frutas vermelhas com um fio de mel por cima e um copo de suco de laranja. Meu café da manhã predileto.

“*Mm...*” Faço o som com a garganta. O cheiro e a aparência abrem meu apetite. Logo pego o garfo, cortando um pedaço da panqueca e enfiando na boca.

Will ri com meu entusiasmo e eu o olho de soslaio. *Bobo*, penso prendendo o sorriso enquanto mastigo.

Amo meu irmão e ele é muito presente na minha vida, *quer dizer*, muito mais que os irmãos normalmente são. Ele sempre esteve e tenho certeza que sempre estará ao meu lado quando eu precisar. Desde criança seu jeito comigo é muito protetor e ao mesmo tempo tivemos um relacionamento aberto.

Ele sempre me levou para passear, deu presentes e broncas, escondeu meus segredos — junto com minha madrinha, Cora. Eles dois são bem mais velhos do que eu, na verdade, uma grande diferença de dezesseis e dezessete anos. Por isso e *outras coisas*, eu os respeito muito. Meu irmão é a minha segunda referência paterna. Forte e único, ele nunca me deixou sozinha.

Will nunca ficou muito tempo longe de mim, apenas quando estava cursando sua faculdade em Londres, mas eu tinha uns três anos e quando ele voltou eu já estava com seis/sete. Ele é minha rocha, meu herói, *meu rei* como eu o chamo, já que ele me chama de *princesa* desde que nasci.

“Bom dia, princesa”, diz com um grande sorriso e sua voz forte e rouca.

“Bom dia, rei.” Cumprimento-o de boca cheia e ele cerra os olhos me repreendendo, mas é brincadeira.

Will não mora mais aqui em casa, mesmo assim ele me leva às vezes para faculdade. Apesar de eu ter motorista e carro, que uso poucas vezes. Não posso me dar ao luxo de sair sozinha, nem na esquina. Sou extremamente *protegida*. Cercada de todos os lados.

Will, quando terminou sua faculdade de Direito aos vinte e quatro anos comprou um duplex, que para minha alegria sua incrível cobertura fica em frente à praia de Santa Monica. Mesmo sendo um pouquinho distante de casa, eu amo a casa dele e a distância é até boa.

Lá é meu segundo lar e refúgio quando preciso espairecer meus pensamentos. Também é meu abrigo quando saio para balada. Afinal de contas, meu irmão vai comigo.

Sempre saio na vigília de Will que não confia minha vida a nenhum dos meus amigos e muito menos à Clara. Ele não acredita que ela vai ser uma boa companhia se também for para curtir a noite. E mesmo com os meus seguranças ele não me larga nas baladas. É muito preocupado. Eu até o entendo, só que ele nunca saberá disso. Ele pode achar que eu gosto de como sou tratada e isso está longe de ser verdade. Eu odeio ser tão vigiada.

Will sempre diz:

“Se ela vai sair com você com o mesmo propósito — ele faz aspas — para 'curtir a noite', como você quer que eu acredite que ela vai cuidar de você e você dela também, quando as duas estiverem tão felizes e alegres dançando, praticamente bêbadas? Então a resposta é não. Ou vocês vão comigo, ou vocês não vão.”

Então o jeito é ir com ele. Ou eles.

Cora e Will muitas vezes vão comigo e parece que eu vou com meus pais juntos, porque ficam os dois tomando conta de mim ao invés de se divertirem também. E no fim da noite eu acabo no meu quarto na casa dele, que mandou

fazer desde que comprou a cobertura. Assim mamãe e papai dormem tranquilos enquanto eu estou segura na torre do rei William.

“Preparei seu café e pelo visto você adorou.” Diz ele humorado.

“Muito obrigada.” Inclino-me e deixo um beijo no seu rosto e volto a comer. “Você preparou como?”

“Eu fiz a maioria.” Ele diz rindo e balanço a cabeça. “Está sabendo que Cora vai estar fora?”

Assinto e depois de engolir, digo: “Eu sei que Cora vai viajar e voltar no domingo. Ela me pediu para não sair enquanto está longe,” digo e ele assente com aprovação. “Então eu estava pensando em assistir um filme com Clara aqui em casa. Ter uma sala de cinema tem que servir para algo.” Rio e bebo meu suco, e automaticamente pergunto: “Por quê? Você ia perguntar que horas que eu ia sair para se programar?” Faço uma cara de séria, mas ele sabe que estou debochando dele.

“Não, princesa”, responde com o rosto sério, de verdade. “Eu vou viajar também e isso leva a senhorita a fazer o que já ia fazer, ficar em *casa quietinha*.”

“Só porque você e a Cora não vão estar para me vigiar. Eu não sou mais criança. E os seguranças servem para quê?” Aumento o volume da voz e olho no fundo dos seus olhos cor de esmeralda que agora estão mais para cinza escuro como meus olhos devem estar também. Somos muito parecidos.

“Não tem nada a ver os seguranças nessa conversa. Você não vai sair sozinha sem mim e muito menos sem a Cora para — ”

“Às vezes vocês são irritantes com essa vigilância toda”, interrompo-o.

Ele respira fundo e diminui o tom de voz. “Não é vigília. É proteção, *cuidado*. Custa você entender que nós te amamos e queremos o seu bem? E que você precisa disso.”

“Eu sei, mas — ”

O celular dele toca, me cortando, e se levantando da mesa diz:

“Estou lhe esperando no carro.”

Vejo-o caminhando para fora de casa e fico pensando. Eles se preocupam porque me amam demais. Will e Cora se conheceram quando eram crianças e possuem praticamente a mesma idade por isso são amigos e até parecidos. Cora foi vizinha da minha casa quando tinha cinco anos. Ela e seus pai se mudaram de Londres para Los Angeles e logo se associaram a empresa do meu pai, porém a aliança se desmanchou e nunca soube o porquê.

Quando os pais dela voltaram para Londres, Cora não quis ir, apenas fez sua faculdade lá depois de terminar a escola aqui. Quando terminou, voltou para Los Angeles e comprou um apartamento próximo ao de Will. Eles meus

padrinhos e sempre cuidaram de mim.

Me ensinaram a ler, escrever, comer. Cora me ensinou a andar e Will a pedalar. Meus pais nunca interferiram em nada que eles faziam comigo, para eles era uma grande ajuda porque me tiveram em uma época que a empresa estava em crise e ao longo dos anos estavam cada vez mais cansados por causa da idade, pois quando nasci eles já tinham a idade avançada. Então até hoje, Will e Cora, exercem domínio e proteção por mim. Principalmente depois do que aconteceu a doze anos atrás.

Cortando meus pensamentos, me concentro em minha mãe descendo as escadas e ao passar por Will, ela o abraça, dando-lhe um beijo no seu rosto — ficando na ponta dos pés — e ajustando a gravata dele sutilmente.

Will é alto como papai e eu sou como mamãe. Não sou baixa, tenho um metro e setenta e cinco. E é a única coisa que puxei dela. Pois tenho a pele branca como de papai, os cabelos loiros acinzentados e os grandes olhos da cor dos de Will: verdes acinzentados, que vêm da família dos meus avós paternos. Meu irmão se parece muito com nosso pai. Na altura, na cor branca perolada de praia, só que é mais forte e musculoso, já que todo dia útil vai à academia e é mais jovem.

Mamãe chega à cozinha pegando uma xícara e colocando um pouco de café. Logo se vira para Margot — nossa governanta *desde sempre* — que acaba de sair da área de serviço.

Ela tem uma aparência muito convidativa. Seus olhos cor de amêndoa são gentis, o corpo baixo e fofo dá a ela uma aparência carinhosa. E como já tem seus sessenta e poucos anos, tenho um carinho por ela como se fosse minha avó.

“Margot, você poderia fazer o que eu pedi ontem, querida?” Mamãe pergunta suavemente, com seu sorriso encantador.

Minha mãe é um exemplo de mulher e a culpa é dela de eu ser tão delicada e boa com as pessoas. Ela não faz distinção de raça, cor, religião ou classe. Amo demais minha mãe e tenho orgulho da mulher que é e que me ensina a ser. Fora que tem uma beleza estonteante, mesmo com seus cinquenta e cinco anos. Meu pai também é um coroa muito esbelto e gentil. Extremamente sucinto.

“É claro, Sra. Colton.” Margot responde e se encaminha para as portas de vidro do quintal atrás de mim, à minha direita. Passando por mim, me cumprimenta com seu sorriso suave. “Bom dia, Victoria.”

“Bom dia, Margot.” Digo sorrindo.

Margot se vai e fico a sós com minha mãe na cozinha. Ela mantém uma das mãos no balcão e a outra segurando sua xícara, de frente para mim.

“Bom dia, meu docinho. Dormiu bem?”, pergunta e pega minha mão que está mais próxima dela e dá um beijinho.

Sorrio e trago sua mão para mim, deixando um beijo também.

“Dormi sim e a senhora?”

“Ótimo.”

Sua resposta não me convence.

“Will vai levá-la hoje. Certo?”

“Vai sim, como sempre.” Respondo feliz. “Falando nisso tenho que ir.” Me levanto e dou um beijo rápido em seu rosto.

“Tem o jantar hoje, não demore na academia.” Ela fala quando já estou pegando minhas coisas na sala.

“Tudo bem, mãe!” Confirmo e me encaminho para o corredor principal da casa. “Tchau.” Exclamo fechando a porta e a escuto se despedindo também.



POR MAIS QUE EU NÃO QUEIRA ADMITIR, Will está estranho o caminho todo para a faculdade. Não falou mais de cinco palavras e quando eu toquei no nome de Cora, ele apertou sua mandíbula. Estou começando a achar que ele está muito estressado com alguma coisa. Ele não está sendo o de sempre.

Estou notando essa oscilação de humor e uma tensão nele têm uns meses. Não sei mesmo o que deve ser, *talvez... Não pode ser isso*. Ele me contaria se fosse o que estou pensando e me alertaria. Quando paramos em um semáforo, não posso evitar e pergunto se ele está bem.

“Tudo certo, princesa”, ele responde sem emoção, me deixando mais preocupada.

Continuo olhando para ele por mais uns minutos. Ele parece cansado, e até triste.

“Porque eu *acho* que isso não é verdade?”

Ele suspira e olha para mim com um sorriso que não chega aos seus olhos.

“Eu estou ótimo,” fala e desvia os olhos para o trânsito quando o semáforo abre. “Não precisa se preocupar e não faça essa cara”, olha brevemente para mim. “Não tem nada de errado para você ficar assim.”

Com isso decido deixar o assunto de lado. Uma hora ele vai acabar explodindo e me contando. *Assim espero*.

“Como está a faculdade?” Ele pergunta mudando de assunto.

“Está tudo bem. Acho que eu vou passar tranquilamente nas provas deste semestre” abro um grande sorriso. “É assim que funciona quando fazemos o que amamos.”

“É”, Will assente, falando distraidamente. “O que amamos sempre queremos bem perto de nós.”

Quê?

Agora eu realmente estou sem entender. Do que ele está se referindo? Balanço a cabeça, bagunçando as coisas na minha mente. Melhor eu não questionar, ele já está fora dos padrões para eu piorar as coisas.

Assim que chegamos à faculdade, Will me abraça forte se despedindo.

Hoje o dia está muito estranho.



ESTOU AMANDO MEU CURSO DE MARKETING NA U.C.L.A. — Universidade da Califórnia, Los Angeles — e graças a Deus é apenas trinta minutos da minha casa. Longe e perto ao mesmo tempo. A universidade é maravilhosa e o curso é incrível. É meu estilo, ou como Clara diz: *A minha cara*.

Meu pai há anos fundou uma impressora de publicidade e com os anos ganhou nome e força no mercado de propaganda e marketing especializada nas Américas. Contudo têm outros setores como; entretenimento, investimentos, telecomunicação e manufatura. Mas o que importa é a área de marketing. *Já tenho emprego garantido.*

Eu sempre gostei de dar ideias para algumas campanhas de publicidade quando ainda estava no colegial. Então com intuito de um dia trabalhar nessa área, decidi fazer Marketing e um dia trabalhar na empresa, assim como Will, que é o CEO da sede de Los Angeles junto com o vice, Anton Brown, filho de Aaron Brown, segundo dono da empresa. Por isso o nome *Colton & Brown: Publicidade e Propaganda*.

Meu pai fundou a empresa há muitos anos e depois que se aposentou, há seis anos, meu irmão ficou com seu antigo cargo e Anton com o do pai dele, porém isso tem três anos.

Estou muito ansiosa para me formar, exercer meu trabalho na empresa e orgulhar meus pais, meu irmão e Cora. Eles são as pessoas mais importantes da minha vida. E enquanto não termino a faculdade, vou curtindo as aulas e como disse a Will, me saindo muito bem.

Meu único problema é o professor de gráficos, *Johnny Alberneth*, meu pesadelo. E hoje é terça-feira, tem aula dele abrindo a semana de aula com sua voz irritantemente chata.

Cruzo os dedos e entro na sala de aula.

“Srta. Colton,” ele fala com uma reverência fingida.

Meu bem. Nós já sabemos que o senhor não gosta de mim e a recíproca é verdadeira.

Cumprimento ele fazendo sinal com a cabeça e me sento na carteira da

frente.

“Pegue seu livro e abra na página 158.” Diz e bate a caneta na mesa para fazer efeito.

Nossa! Que medo.

“Rápido,” fala ríspido. “A senhorita chegou três minutos atrasada hoje.”

Caramba. Que azar o meu. Eu faltaria sua aula, mas não posso — penso olhando-o cética. Me sinto estranha de ser tão chata com ele, mas ele desperta o pior de mim.

“Claro, Sr. Albernett”, digo e lhe ofereço meu sorriso mais lindo. *Chato.*

Meu professor, Johnny Albernett: alto, branco neve, olhos castanhos — pequenos para a cara estranha dele — e por volta dos seus cinquenta e sete anos, é um ser *in-su-por-tá-vel*. Ele fala ríspido com todos os alunos — até mesmo com outros professores — e principalmente com os alunos que chegam atrasados, como eu hoje. Cheguei três minutos atrasada. Para ele isso representa três horas. Ele é um homem realmente chato e ninguém gosta dele, porém ele é bom no que trabalha. Um dos melhores professores da universidade.

Abro meu livro e começo a prestar atenção na aula e fazer anotações sem piscar. Além de ríspido, ele acha que todos têm que acompanhar o seu ritmo de pensar, escrever e entender tudo. *Quem me dera ser um androide.*

“Cara, você pode falar mais devagar?” Pede meu colega de classe, sentado ao lado da minha carteira.

“Sr. Duran, não estou aqui dando aula para crianças. Aprenda a ser mais veloz na caneta.”

Jesus. Esse homem me irrita. Se ele falasse assim comigo eu responderia à altura. *E ele me expulsaria da aula dele, com certeza.* Mas que se dane, nem meus pais falam comigo assim, que dirá um estranho com cara de tatu.



SÃO DUAS DA TARDE e depois de cinco horas de aula, dou graças que terminou. Vejo todos saindo da universidade tranquilos e conversando. Só que eu estou praticamente correndo para dentro do meu carro com meu motorista, Ken, que estava me aguardando — ele veio seguindo o carro de Will até minha faculdade, como faz sempre — para me levar ao meu segundo lugar favorito do mundo depois da fazenda da minha avó em Napa Valley. A academia, que fica próxima ao prédio da Colton & Brown.

A Fitness Lovers fica no centro da cidade em Westside de Los Angeles, o coração comercial da cidade. Levo quarenta minutos de casa até ela. Moro nas famosas montanhas de Hollywood Hills. Onde têm vários monumentos como; o

Parque Griffith, a incrível Hollywood ao sul, a Forest Lawn Memorial Park, o Reservatório e o teatro aberto, Hollywood Bowl. Onde moro é simplesmente incrível. Considerando que a assinatura de *Hollywood* fica no topo da montanha também. De fato, moro em um monumento e perto de muitas estrelas do cinema. Meus vizinhos são 65% atores, cantores e produtores famosos.

No caminho para academia, como meu almoço tardio dentro do carro. Graças a Margot, que preparou uma marmita para mim e colocou na bolsa. Ela sempre me salva. Hoje preciso correr por causa do jantar que terá lá em casa. Normalmente fico até mais tarde treinando, até umas cinco horas, porém hoje não.

Chegando, saio apressada do carro, pegando a bolsa da academia e dou um tchauzinho para Ken.

“Boa tarde, Victoriaaaa...” falam: Gustavo — o garoto mais incrível que eu já conheci — Clara — minha melhor amiga dos últimos tempos — e Giovanna — a menina mais inteligente e esforçada que eu já conheci. Os recepcionistas da academia.

Clara nem era para estar aqui, mas como fez uma burrada há alguns meses atrás, os pais dela pediram para o irmão empregá-la temporariamente na academia dele, como forma de castigo para minha amiga de infância.

“Boa tarde, pessoal. Como vocês estão hoje? Felizes em me ver?”

Solto uma risada, porque eu sei que eles sempre estão reclamando dos clientes chatos e falando que todos poderiam ser como eu. Deve ser porque eu trago doces e sempre perco uns trinta minutos conversando com eles, praticamente todo dia. Fazer o quê? Eu gosto de socializar.

“Tudo o de sempre, amiga. Posso ir com você hoje?” Clara fala com voz de menininha e pisca os olhos.

“Ah amiga... hoje vou sair mais cedo e não vou poder lhe dar carona.”

“Por quê? Qual é o evento em plena terça?”

Reviro os olhos para ela. “É um jantar de boas-vindas que meus pais vão dar.” Sorrio sem graça.

“Sem problemas. Meu tio me leva, ou alguém vem me buscar.”

Clara quase todos os dias volta comigo para casa. Ela mora perto de mim, então isso é *tipo* uma obrigação minha. Ela me escuta falar sem parar e eu a ajudo a chegar em casa, já que está sem carro, então vai comigo.



NO VESTIÁRIO FEMININO, troco minhas roupas por uma calça de yoga, top e blusa preta. Confesso, eu amo demais preto, principalmente para malhar. Assim chamo

menos atenção. Acredito que os homens olham as bundas de todas as cores. Coloco meu tênis e fico meus quarenta minutos *habituais* em frente ao espelho.

Eu tento, quase todos os dias, dar um jeito no meu cabelo, que está muito comprido, ficar *comportado* durante meu treino. Mas isso é um tempo perdido. Sempre saio da academia uma palhaça.

“Boa tarde, John-John”, cumprimento o professor que me orienta quando chego no salão dos aparelhos.

John-John — que eu ainda não descobri seu nome verdadeiro — é um loiro dos olhos castanhos, simpático, educado e de um profissionalismo admirável. Prezo muito seu trabalho e ele é um dos únicos professores desta academia que eu ainda não vi olhar para bunda de nenhuma mulher.

“Boa tarde.” Ele sorri para mim e faz cara de interrogação.

Ah já sei.

Ele está me perguntando se já fiz meus vinte minutos de aquecimento para estar no salão dos aparelhos.

Como um bom observado, ele sabe que não. Porque sempre fico parecendo que acabei de me afogar na piscina da academia e nadei uns 6 km. Roupas colando, cabelos ensopados e corpo brilhando de suor. Eu adoro tudo na academia, menos a minha cara de *Urso Panda* no fim.

“Eu sei, eu sei. Já estou subindo gigante”, digo indo para as escadas, para a área de aparelhos aeróbicos.

John-John é um homem com estatura baixa. Em média a altura dos homens é de 1,70 m para cima, e ele tem 1,61 m. Considerado um homem baixo e perto de mim, parece mais baixo ainda. Por isso o apelido; gigante.



APÓS FAZER MEUS 5 KM NA ESTEIRA, desço novamente para o primeiro andar e vou para o meu bebedouro favorito — apenas porque ele fica em frente aos espelhos e posso ver o estrago que já estou.

Bebo minha água calmamente, mexendo nos cabelos. Arrumo meu rabo de cavalo e limpo meus olhos. Não sou de usar muita maquiagem, mas o pouco de máscara para cílios que usei para ir à faculdade, fez o favor de borrar meus olhos.

Pego um pouco de papel, no puxador de papel da academia, e limpo o suor dos meus braços e do rosto tomando cuidado para não borrar ainda mais. Jogo fora o papel e quando estou terminando meu quarto copo d'água, para ir logo começar o treino, vejo *ele* chegar.

Ele, conhecido por mim, Clara e Cora — *as únicas com quem eu já falei*

sobre — como *Watchman* ou admirador.

Ele é o cara mais intimidador, confuso e meu admirador incontrolável, que por incrível que pareça, já está de olho em mim, começando mais um dia sua saga diária. Ficar me olhando, sem piscar ou cansar, os momentos que me alcança.

Olhar é até um eufemismo, porque ele não só olha. Ele me procura e quando acha, fica praticamente me vigiando. O que mais me irrita é que ele não fala comigo. Poxa, se ao menos ele me cumprimentasse e depois ficasse me mirando — *mas não*. Ele *apenas* me olha.

Ele sempre fez isso, acho que desde o primeiro dia que o vi por aqui, o que não faz muito tempo. Isso deve ter uns três meses e meio, acho. Juro que no começo eu não olhava, mas depois de certo tempo, acabei pegando a *doença* dele e comecei a fazer o mesmo. Entretanto, eu sempre desvio o olhar quando ele percebe. *Ele não*.

Ele me olha e olha o tempo inteiro, e quando eu sinto, acabo olhando de volta, mas ele não desvia. Na verdade, ele me olha com mais intensidade. *É enlouquecedor seus olhos perseguidores*.

A vantagem é que ele é bonito. Okay, eu admito, ele é *muito* bonito. Lindo. Sexy, elegante, forte, musculoso e posso dizer calmo. Por mais que ele seja todo bonitão, alto, cabelos loiros sujos, olhos que eu ainda não descobri a cor — *e era para saber, já que ele me olha tanto* — a pele dourada de praia, braços fortes, pernas compridas e torneadas, realmente todo definido e bem cuidado. Que deixa óbvio que ele chama atenção, ele parece não cobiçar isso. Ele aparenta realmente ser tranquilo.

Nunca o vi conversar com ninguém por muito tempo. Sempre está com o rosto sério e sem expressão, apenas tirando um único dia que eu o vi sorrir. Nunca vou esquecer aquele sorriso. Nossa senhora, que sorriso lindo...

Hoje ele está usando sua bermuda de treino da Nike cinza claro, que fica um pouco colada nas partes favorecidas dele — *ou seja, eu consigo ver muito bem o volume no meio das suas pernas e a definição das suas coxas* — e uma camiseta branca dos Lakers, que enriquece seus braços e abdômen reto e musculoso — sei disso porque quando ele vem com a blusa mais colada, é uma tortura olhar para ele. Não consigo não perceber como ele é *maravilhoso*.

Está ficando calor aqui?

Seu rosto é robusto, forte, com um queixo levemente quadrado — parece ter sido esculpido por deuses — e envolvido por uma barba de três dias e muito bem cuidada. Os cabelos são lisos, mas sempre armados para cima com um toque de: *passei a mão umas trezentas vezes*, e com isso eu desvio os olhos.

Ele me deixa tão... fora de órbita.

Focando em beber minha água e não querendo olhar para ele, me viro, dando-lhe as costas assim que ele chega onde estou. Tento me distrair com pensamentos aleatórios. E então... levo um susto. Vejo através dos espelhos seus olhos *penetrantes* em mim, mesmo eu tentando *fugir* deles.

Estou paralisada olhando para ele sem piscar pelo reflexo do espelho, assim como ele sempre faz. Suspiro e sinto meu coração acelerar e uma sensação estranha dentro de mim. Não suportando mais seus olhos, seu silêncio e ele *tão perto*, e viro-me ficando finalmente cara a cara com ele pela primeira.

Azuis.

Seus olhos são azuis. De um tom profundo e intenso. As luzes claras da academia, faz com que eles ganhem um tom turquesa. É lindo, *ele é lindo*.

Seu rosto é perfeito. Nariz, boca, sobrancelha — *que são loirinhas também* — e a barba da vontade de passar a mão só para saber se arranha como parece.

De onde surgiu esse pensamento?!

Ele contrai a mandíbula, morde de leve o lábio inferior e seus olhos me observam. Lentamente meu corpo e mais lentamente meu rosto. Ele olha cada polegada do meu rosto, como digitalizasse, e para brevemente em meus lábios — um pouco abertos, para me permitir não morrer sufocada, estou quase arfando. Sua língua aparece, lambendo seus lábios. Não sei... Ele parece querer me beijar. Respiro fundo e então ele pisca e seus olhos sobem para fixar os meus profundamente.

Nós estamos nos olhando fixamente. Sinto-me esquentar por dentro como tivesse acabado de beber um chá fervente.

Oh céus! Ele é de tirar o fôlego! Tão bonito. Bonito? Não. Lindo!

Piscando, para despertar, faço uma cara de interrogação. Mas ele continua no seu silêncio e me observando. Parece até bem estar... *longe* em seus pensamentos. Suspiro e resolvo ignorá-lo. Termino minha água, jogo o copo no lixo e me viro para ele decidida.

“Olá.” Solto simplesmente e quando ele não esboça reação, *o de sempre*, dou-lhe um sorriso sem graça e saio de perto dele.

Preciso fugir daqui antes que eu morra de ansiedade. Estou muito inquieta. Estou me sentindo sendo afogada. Sufocada. Me falta ar.



ASSIM QUE ACABO MEU TREINO, feito uma louca querendo apenas expulsar a ansiedade de ficar perto dos olhos azuis do *meu* admirador, fujo para o vestiário. Tomo um banho morno para aliviar e coloco uma roupa simples. Em casa vou me ajeitar para o jantar de qualquer forma mesmo. Quero apenas sair daqui.

Pego minha mala e saio do banheiro.

Nossa! Deus está brincando comigo. Porque justamente agora meu Watchman está saindo junto comigo. Ele do vestiário masculino, é claro, e está todo *lindo*.

Está com uma calça jeans escura e blusa de linho branca. Os cabelos úmidos e a barba estão mais escuros por causa do banho que tomou. *Meu Deus.* Ele é lindo de verdade. Aqueles tipos de homens que só se vê em revista e filme. Com certeza é o mocinho, o herói. O galã. Seria um perfeito Capitão América por ser loiro e forte, como no gibi.

Mas, sem me perder nele — de novo — aprumo minha postura e passo por ele de cabeça erguida. Tipo: *Não estou nem aí para você, seus olhos lindos, corpo sarado e sorriso galanteador. Têm vários assim.*

Isso é uma grande mentira. — Minha consciência canta na minha mente.

Inspiro com força. Não posso perder tempo, já são cinco horas da tarde. Eu já passei tempo demais na academia e agora já chega.

Subo as escadas na frente dele e andamos juntos até a saída. Chegando ao pátio, em frente às portas de vidro da recepção, pegamos caminhos opostos. Eu para o Ken — que está na calçada me esperando — e ele provavelmente para o seu carro no estacionamento.

Até amanhã, Watchman — penso olhando para as costas dele, enquanto entro no meu carro.

Dois

Ethan

TERÇA-FEIRA, 06 DE OUTUBRO DE 2013.



“OKAY MÃE, NÃO VOU ME ATRASAR.” Garanto e finalizo a ligação.

Abro a porta do meu porsche preto, que trouxe de Nova York — sou viciado em carros, quase um colecionador — e saio do carro pegando minha mala com minhas luvas de Boxe e meus pertences, no banco do carona. Ele não tem banco traseiro, o carro ideal para mim. Porque, como meu irmão diz; tenho *alergia* a pessoas.

Aperto o alarme, trancando-o e caminho pelo estacionamento, subo pelas escadas rolantes para o térreo — o estacionamento do parque onde fica minha academia *nova* é subterrâneo — e caminho pelo pátio. Olho para cima, tirando os óculos de sol e vejo o letreiro envidraçado da academia em azul e preto. *Fitness Lovers*.

De cara não fui muito simpático com a academia. Esse nome é tão *mulherzinha*, mas Anton praticamente me empurrou para me matricular nela e hoje, não troco por nada. Tem uma *coisinha* dentro dela que me fascina. Apesar de me deixar nervoso.

Passo direto pela recepção, sem cumprimentar ninguém. Não sou chegado a ficar de papo furado com pessoas que não me interessam ou não conheço. Os funcionários da recepção são sempre sorridentes e reparo que adoram falar. Nunca passei por eles e não os vi conversando com alguém. Aluno ou professor.

Não sei qual é a necessidade de ficar de conversa na frente da academia. Uns eram para estar treinando, queimando gordura, construindo músculos e gastando energia. E outros, eram para estar instruindo os outros. Mas não, eles ficam de conversa *fiada*.

Honestamente eu não gosto de bater papo e não é meu estilo ser simpático. E mesmo que eu fosse, hoje meu dia está uma merda. Para completar meu mau humor desde a hora que acordei, com o pau duro do meu desejo reprimido, por culpa de uma loira que não sai da minha cabeça, minha mãe está me enlouquecendo com o jantar que teremos hoje.

Eu realmente não entendo. Não vejo motivo algum para esse alvoroço por causa da minha volta a Los Angeles e porque os Colton vão jantar conosco. Contudo, meu pai quer formalmente me apresentar como o novo executivo

financeiro sênior da sede de Los Angeles, a principal. Eu acho essa formalidade uma grande babaquice, não entendo o porquê. Não queria essa algazarra toda apenas por minha chegada aqui.

Eu sou um dos filhos do segundo dono da empresa e automaticamente tenho direito de trabalhar nela. Já era se esperar eu fazer alguma representação na *Colton & Brown*. Era tão óbvio como a água é incolor que eu iria trabalhar na empresa. *Onde mais eu iria trabalhar?* Fiz minha faculdade pensando nisso. Se não teria feito medicina, *sei lá*. Aí sim, não teria nada a ver com a empresa da minha família. Mas não, eu fiz Engenharia Econômica e Financeira com honras em Harvard, para justamente trabalhar um dia ao lado do meu irmão.

Anton — meu único e irmão mais velho — é o CEO adjacente ao lado William Colton — filho de Ryan Colton, sócio de papai e fundador da empresa. Mas são os filhos que comandam agora. Meu irmão também é advogado de toda a empresa. E agora finalmente vou trabalhar e exercer meu diploma, ao lado deles. Não porque eu estava ansioso para isso, pelo contrário, vim por muita insistência.

Meu pai — Aaron Brown — me ligou cerca de seis meses atrás para informar que a empresa já estava à minha espera há muito tempo e que eu precisava retornar à Califórnia o quanto antes.

Ele não me queria de volta apenas para trabalho, ele e minha mãe estão de mudança para Washington Distrito, em Maryland, e meu pai precisava que eu voltasse e trabalhasse ao lado de meu irmão para cuidar do que é meu e criar mais responsabilidade. Assim ficaria tranquilo cuidando da nova sede da empresa.

Sei que o motivo também era que eles estavam sentindo minha falta, assim como eu também tinha deles. Do convívio com minha família. Mesmo os vendo quando eles iam para Nova York e antes para Inglaterra — quando morava lá, e principalmente minha mãe que vivia me visitando e levando minha sobrinha Hannah de quatro anos com ela — sentia falta deles, mas não queria voltar ainda.

Me formei em Harvard há um ano e meio. Nunca procurei exercer meu diploma. Não tinha procurado fazer nada na verdade. Eu estava tirando um tempo para curtir um pouco a vida. Descansar e ficar sem livros, estudos e tudo que envolvia faculdade. Queria aproveitar um tempo para não fazer nada e escolhi ficar na cidade mais calma do mundo — *para não dizer o contrário* — Nova York, a cidade que nunca dorme.

Eu já estava acostumado com a cidade de tanto passar meus fins de semana lá. Levava apenas quatro horas de carro e uma hora de avião, de Cambridge até Manhattan. E ao acabar os estudos, saí do alojamento da faculdade em

Massachusetts para um duplex *fodástico* e todinho meu — que eu já tinha ganhado dos meus pais logo que voltei para os Estados Unidos — no Upper East Side em frente a Quinta Avenida.

Eu e uns amigos da faculdade decidimos passar esse tempo livre em Nova York, curtindo as noites e a liberdade. Um deles chegou a ficar no quarto de hóspedes no meu apartamento. Minha gigantesca cobertura que está abandonada agora. Mas logo irei revê-la com certeza. Manhattan sempre vai ser meu segundo lar, principalmente porque minha primeira casa — no meu nome — está lá. E mau meu pai sabe que na verdade o prédio é meu agora. Sou ótimo com números, por sinal.

Em Manhattan, eu saía todas as noites, geralmente bebia com os caras em algum *pub* ou baladas. Conquistava alguma mulher, isso praticamente acontecia toda noite. Eu só queria algo a mais que a cerveja para esfriar a mente e curtir a noite. Queria aliviar a tensão do corpo, ficando com alguma mulher sem complicações. Não estava e continuo não querendo compromisso.

Pretendo voltar para Manhattan o quanto antes, assim que meu pai conseguir que eu seja transferido para a sede de Midtown. Vai ser ótimo. É perto do meu apartamento — de carro, é claro — e conheço a cidade na palma da mão. Entretanto, enquanto isso eu fico aqui, porque depois da ligação do meu pai — e milhares da minha mãe — e quase dez anos, retornei à Los Angeles. Essa cidade realmente é um contraste enorme com Nova York.

Aqui é calmo, mesmo com os turistas e movimentação por causa dos artistas que vivem na cidade e gravações cinematográficas. Los Angeles é limpa, azul e ensolarada, um ambiente fresco, sem muita poluição se comparamos a grande e majestosa Nova York. Adorava aquela poluição e o barulho todo. Porém eu realmente senti falta da Califórnia.

Voltar para casa depois de tanto tempo é bom e rever minha casa é ótimo. Ela é maravilhosa, luxuosa e moderna. Parece um aquário e fica nas montanhas de Hollywood Hills. Meu novo vizinho é nada menos, nada mais que o Pharrell Williams. Eu sempre amei essa casa e vou amar mais ainda quando meus pais se mudarem daqui a dez dias. Assim eu voltarei a viver sozinho e em paz, *outra vez*. Depois que me acostumei a viver sozinho, é difícil ter tanta gente em casa. Posso conviver com os empregados, eles não me perturbam. Mas conviver com meus pais outra vez é um pouco chato agora. Sou um homem crescido e gosto de fazer certas coisas que requer um pouco mais de liberdade. *Não estou falando de sexo*.

Voltar para casa também é reviver lembranças. Sejam elas boas como reencontrar meus amigos da escola. Colocar as novidades em dia, rever algumas garotas que eu já tinha saído quando jovem e hoje são noivas ou continuam na

mesmice de serem interesseiras. As ex-líderes de torcida nunca dão para muita coisa do que esperar marido, para acharem que assim elas são alguma coisa. Essas eu apenas comia mesmo.

Minha mãe sempre deu liberdade para mim e Anton. Sempre disse para nós respeitarmos as mulheres, mas nunca, jamais em hipótese alguma, casar com uma líder de torcida. Pena que ela não me disse para não confiar em afilhadas sonsas. *Isso é uma outra história.*

E logicamente voltar para cá significa trabalho no meu caso. Nesses cinco meses de volta a Los Angeles, Anton me apresentou à várias pessoas importantes que fazem parte da empresa. Mostrou minha sala, que é no mesmo andar que Cora — a queridinha dos Colton — e um andar à baixo do escritório dele e de William.

Porém apenas hoje vou conseguir reencontrar os Colton, embora eu tenha visto algumas vezes William pela empresa, porém apenas de passagem. Pelo que vi, ele não é de ficar parado quando está por lá.

Minha família e os Colton sempre foram muito unidos. Somos amigos acima de seremos parceiros de negócios. Quando jovem convivi bastante com todos eles em festas, eventos e jantares que nos reuníamos por causa da empresa. No entanto, hoje sou o mais distante deles. As vezes que vim visitar meus pais — páscoa, natal, ação de graças — nunca fui ver eles e nem ninguém. Era chegar aqui e voltar para Nova York. Minha missão era não dar chance ao azar de encontrar quem eu não estou nenhum pouco ansioso para rever nessa cidade.

E dentre todas as coisas que fiz esses cinco meses, a melhor e ao mesmo tempo pior ideia de Anton, foi entrar na a sua academia, há uns quatros meses. Onde estou caminhando neste exato momento pelo corredor de piso de cerâmica e luzes fortes. Essas luzes fosforescentes têm por todo o canto, e mesmo quase as três da tarde, estão ligadas e *cegando um*. Olhar para cima é como tentar enxergar um *sol artificial*, que fica no topo do salão principal, ilumina os três andares da academia, já que o terceiro e o segundo andar são vazados no meio. Corredores com corrimão de aço e vidro fumo, feito uma varanda, e as portas das aulas coletivas de vidro deixando todos assistirem tudo.

Mas nada me interessa. O funcionamento perfeito dos aparelhos, os salões de treino, a piscina com aquecedor e nem a porra do *sol artificial* e nem porque fica perto do trabalho — que começo amanhã.

Eu gosto muito dessa academia por causa de uma *coisinha*. Uma coisinha que não sai da minha cabeça. Que me faz acordar todo dia louco de desejo. Algo irrefreável. A *loira* linda, gostosa, falante e sexy, que no momento está bebendo água como sempre no bebedouro em frente aos espelhos. *Desconfio que ali seja um dos seus lugares preferidos.*

Desde o momento que coloquei os olhos nela, fiquei obcecado. Ela realmente é uma mulher linda. Deve ter uns 1,70 cm, cabelos loiros com mechas mais claras, magra, mas com curvas definidas. Uma bunda muito boa e seios fartos. Adoro quando ela vem com blusas folgadas, que não consegue esconder seu *dote*. Ela tem a pele branca de um tom angelical, sorriso encantador — porque diferente de mim, *minha* desconhecida vive conversando e sorrindo para todos — e aparenta ser mais nova que eu uns dois, três anos. Ela é uma mulher muito atraente, na verdade encantadora.

É engraçada, falante e simpática com todos, *menos comigo*. Não consigo entender porque ela não tenta ser dessa maneira comigo. Tenho que admitir que ela me intriga. Toda vez que a vejo, fico inquieto, *quase* nervoso.

Sou um homem confiante, com uma conversa, conquisto qualquer mulher ou qualquer um. Depende do objetivo é claro. Com as mulheres às vezes só preciso olhar para conquistar. No entanto com *ela* realmente não consegui nada até agora. Não me reconheço e isso me tira do sério já há algum tempo.

Chegando ao bebedouro onde ela está, coloco minha mala de esportes no sofá que fica perto, e vou pegar um copo d'água também. Lógico que tenho segundas intenções. Quero mesmo é ficar perto dela. E quando estou, ela vira-se para ficar de frente para o espelho, me dando as costas. Obviamente não quer olhar para mim.

Mas eu sou teimoso e alto, então consigo enxergar seu rosto perfeitamente e a assisto levar o copo com água até a boca e beber. *Essa boquinha...* Meus pensamentos quase me pegam de *jeito*, o que é ruim. Ela vai acabar fugindo de mim assim.

Só que não deixo de reparar e ficar paralisado com seus lábios tão rosas e carnudos. Ela captura meu olhar, pisca com força e acaba se virando lentamente de frente para mim. *Ela é linda demais. Puta que o pariu.*

Calmamente passo meus olhos por seu corpo esbelto. As longas pernas, a barriga lisinha — sua blusa, com uma suave mancha de suor, me permite ver bem seu abdômen sequinho e o leve formato do volume de seus seios. *Esses peitos não conseguem se esconder dos meus olhos, meu anjo* — penso quase salivando de desejo.

Puxo o ar e a encaro. Viajo nos seus lábios, pelo seu nariz levemente arrebitado e deixando-me levar por esta mulher, chego aos olhos. Fico surpreendido quando fixo meus olhos nos dela e a vejo com o olhar preso em mim. *Porra.*

Que olhos perfeitos. Bem desenhados, grandes e com cílios enormes. São de um tom cinza esverdeado, dando um toque de perfeição a uma mulher que eu já não sabia mais o que seria irresistível. *Eu preciso tê-la urgentemente.*

Ela mexe nos cabelos, termina sua água — *enquanto eu fico encarando-a* — e depois levanta a sobancelha esquerda e sorri brevemente.

“Olá” diz, fica quieta e então desvia-se de mim, se afastando e me deixa com cara de babaca. *Minha cara oficial desde o dia que eu a vi.*

O quê? O que foi isso? Ela nunca fala. Melhor. Nunca fala comigo.

Ela é difícil de ler. Às vezes fico desesperado para descobrir mais sobre ela, mas não sei como me aproximar. Se eu pedir ajuda ao John-John, ele vai fazer alguma piada e meu *plano* vai por água abaixo. Acho que o melhor é tentar falar com ela do meu jeito, ou se eu continuar olhando, ela acaba conversando comigo.

Isso foi bem idiota. *Eu estou sendo um idiota.* Estar com medo de uma mulher na verdade é patético, mas o problema é que tenho medo de me aproximar e descobrir o quanto mais ela pode me afetar.

Pego minha mala e desço ao vestiário para guardá-la no meu armário e finalmente poder começar meu treino. Não quero ficar pensando mais nela, por mais que nós estejamos no mesmo ambiente.



ASSIM QUE TERMINO DE MALHAR, me encaminho para o vestiário para tomar banho e me aprontar logo para o jantar de hoje à noite. Logo termino o banho e enquanto estou apenas com minha toalha enrolada na cintura, reparo o hematoma enorme abaixo das minhas costelas, que ganhei na aula de Boxe há três dias, na sexta-feira passada, porque fiquei distraído quando vi *minha bela estranha* passar pelo corredor da academia. O fato de a sala de lutas ser envidraçada e permitir que os outros alunos possam ver a aula rolar, me fez acabar ganhando um belo soco. Estou com dor, mas o que mais me dói é meu ego, que está ficando no fundo da lata de lixo. Essa falta de coragem de falar com ela está me deixando louco.

Merda. Amanhã eu vou falar com ela e ponto.

Termino de me arrumar e saio do vestiário. Ao sair dou de cara com ela indo para o primeiro piso e com certeza para a saída. *Caralho*, está ainda mais bonita do que antes. Calça jeans colada em suas maravilhosas pernas, blusa preta justa, que desperta minha ereção e se aperta em minhas calças.

Ela passa na minha frente e sobe às escadas, me dando a visão da sua bela bunda, que é definida e de um tamanho ótimo. Ela é bem gostosinha. Na verdade, *deliciosa* e não tem como eu desviar, e pelo visto esquecer. No pátio, pegamos caminhos oposto e entro no meu carro tentando controlar meu desejo por ela.



EM CASA, VOU DIRETO PARA MEU QUARTO pegar meu blazer azul marinho. Sempre uso ele para encontros sem muita formalidade e ele faz uma boa combinação com minha calça jeans escura e a camisa de linho branco. No espelho me fito e vejo que esse traje foi praticamente minha vestimenta em Harvard por muito tempo. Saio do *closet* e coloco meus sapatos sociais. Ao terminar, escuto meu celular tocar, avisando que alguém mandou uma mensagem.

+01 510-97630080 — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 18:25

OI. SOU EU, BIA, AMIGA DO LUCCA. NOS CONHECEMOS NO SOUND'UP NO SÁBADO RETRASADO. LEMBRA? ENTÃO... QUERIA SABER SE VOCÊ TOPA SAIR COMIGO NESSE SÁBADO AGORA. PODERIA SER NO SOUND'UP MESMO.

BEIJINHOS.

AGUARDO SUA RESPOSTA.

Conheci essa *Bia* por meio do meu amigo Lucca. Ele me levou para uma nova boate bem animada e particularmente conhecida. Confesso que curti a noite com essa morena. Ela é atraente e um pouco folgada demais. Pelo visto o que pensei dela, é a pura verdade. *Ela é atirada e quer repetir a dose comigo.*

Nossa transa foi rápida e gostosa. Fui para casa dela e depois embora, nada de passar a noite. Isso é algo muito íntimo. Para mim não tem nada a ver dormir com as mulheres que eu apenas quero prazer por um curto tempo e as mulheres sempre confundem as coisas quando passamos a noite com elas. Enfim, não faço isso nunca.

Respondo que vou ligar e marcar a hora para nos encontramos. Buscar as mulheres também é algo que não faço. É tão íntimo quanto dormir.

Guardo meu celular no bolso e saio do quarto. Descendo as escadas, vejo minha mãe com uma bolsa na mão, toda elegante com um vestido vinho e os cabelos castanhos claros — *pintados porque é claro que ela e meu pai estão ficando grisalhos, mas ela mantém a cor original* — estão escovados, e meu pai seguindo o caminho para a porta da garagem. Ele também está todo arrumado, de paletó e o caramba. Cabelo cuidado e aquele jeito dele despojado. Braços soltos no corpo e o andar texano. *Para que isso tudo?*

“Ei!” Eu os chamo. “Onde vocês estão indo?”

“Para o jantar, meu filho”, responde mamãe com o rosto confuso, como se eu fosse louco.

“Calma!” Chego à sua frente quando ela para ao pé da escada. “O jantar

não vai ser aqui em casa.” Era para ser uma pergunta.

“Não, querido. Vai ser na casa do Ryan e da Elizabeth.” Ela passa a mão na minha roupa, ajeita o blazer, desnecessariamente. “Você já está pronto para ir?” Pergunta se dirigindo novamente para saída, dando as costas para mim.

“Vou pegar minha carteira e podem ir sem mim.” Resmungo um pouco mais alto, subindo as escadas de volta.

“Como assim Ethan Lyon Brown?” Ela sempre fala meu nome todo quando está zangada comigo.

Paro no meio das escadas, no segundo andar, e falo olhando para eles: “Vou com meu carro, então podem ir primeiro.” Direciono meu olhar para o meu pai. “Algum problema com isso, pai?”

“Não, filho.” Ele assente puxando minha mãe para eles irem logo.

Chego no meu quarto e pego a chave do carro em cima da mesa de escritório, na parede da porta e desço as escadas correndo. Logo entro no meu carro e quando estou saindo da garagem, prestes a pegar o caminho da rua, isso em menos de 3 minutos que meu pai saiu, ele me envia uma mensagem que me faz rir.

AARON BROWN *PAI — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:15

VENHA, OU SUA MÃE IRÁ LHE BUSCAR E COLOCAR VOCÊ PARA LIMPAR A PISCINA DE NOVO ;)

Meu Pai é o melhor do mundo. Sempre dando as dicas certas para não sofrer com a fúria da minha mãe, que é mais rigorosa que ele. Nunca irei me esquecer da vez que ela me colocou para limpar a piscina por um mês. Eu tinha matado aula e bem no dia de prova. Sofri muito na época da escola por ser muito teimoso.

Porém meus castigos eram bobos, até que uma vez fui castigado de verdade. Uma única vez.

Escondi da minha mãe, na verdade da minha família, que estava tendo um relacionamento com Nicole, afilhada da minha mãe, quando tinha meus dezesseis anos. Mesmo que a culpa não tivera sido totalmente minha e ainda por cima, aquela filha da puta inventou uma mentira das grandes para os meus pais e os dela, minha mãe ficou muito zangada comigo. Chego a pensar até mesmo um pouco decepcionada. Então decidi que eu iria estudar meus dois últimos anos escolares na Inglaterra como castigo.

Nicole foi a maior culpada por eu hoje ser descrente sobre a honestidade das pessoas e ter ficado nove anos longe dos meus pais. Mesmo que eu sempre quis estudar em Harvard, nunca sonhei em estudar fora do país.

Mas acabou que eu gostei de viver lá. Dos males esse foi um presente, porque curti muito viver os anos em Londres, e quando voltei para os Estados Unidos, fui direto para Boston.

E acredito que minha mãe foi a quem mais sofreu com o castigo. Ela sentiu muito minha falta e vivia indo para Inglaterra, e depois para Cambridge. Era de se esperar mesmo ela ir. Dona Lauren é uma mãe coruja. Chorou muito quando passei para faculdade, porque teria que ficar mais cinco, ou seis anos — no meu caso sete anos — distante de casa, estudando do outro lado do país.



TOCO O INTERFONE E ESPERO. Os portões de ferro da casa dos Colton começam a se abrir, passo a marcha do carro e subo pela rampa que leva à entrada da bela mansão.

Cheguei o mais ligeiro, sem necessidade nenhuma. A rua deles fica duas ruas transversais a minha. Levei menos de dez minutos até aqui.

Essa rua me traz muitas lembranças. Passei muito tempo por aqui quando adolescente, e realmente *apenas passei*, não *fiquei*. Eram meros minutos. Normalmente os vizinhos que brincavam nela eram crianças, e eu nunca gostei de brincar na rua. Sempre fui chato — ainda sou.

Na época que mais passei a frequentar essa rua, por causa dos Colton, eu tinha meus doze, treze anos. Nessa fase, eu queira ficar de papo com meus amigos da escola e alguns amigos do meu irmão, seis anos mais velhos do que eu, e jamais fiz menção de brincar na rua com as crianças. Porque Anton fazia, mesmo com dezessete anos na cara.

Estaciono o carro na vaga de visitantes no pátio em frente à casa e vejo meu irmão. Ele, Jennifer, sua esposa e Hannah, filha deles, acabaram de chegar também e estão saindo do carro.

Eu mal saio do meu carro quando Hannah solta a mão da mãe e vem em minha direção, correndo com suas perninhas e os bracinhos para o alto, gritando:

“Tio Ethan! Tio Ethan! Me pega.”

Sorrio feliz por vê-la e a pego no ar quando se joga para mim. “Ei, meu anjinho.” Exclamo a forma carinhosa que dei a ela.

Hannah me dá um beijo no rosto, retribuo seguindo com ela nos braços, para o encontro de Jennifer e Anton. Cumprimento minha cunhada — com um beijo no rosto — e meu irmão bate nas minhas costas, não devolvo porque Hannah está no meu colo. Meu irmão é um ignorante quando cumprimenta as pessoas assim — os homens. Não sei como nunca deslocou o ombro de alguém.

“Achei que você não viria.” Ele diz com seu humor habitual. Anton é o

Smurf Feliz e claro que ele me chama de Smurf Zangado.

“Por que não?” Questiono interessado.

“O jeito que seu humor estava mais cedo. Parecia que você iria se trancar no quarto, ou ia passar horas socando um saco de pancadas.”

Entorto a boca e o ignoro. Não estou a fim de falar dos meus problemas, não agora. Depois, talvez, eu conte a ele porque meu mau humor me assombra por longos dias. Ou desde que vi a minha estranha sorridente.

Anton é meu melhor amigo. Amo meu irmão e eu deveria beijar os pés dele por ter feito Hannah e hoje mais ainda por ter trago ela no jantar. Ele não é muito mais velho do eu, tem trinta e dois anos. Seis anos e um mês mais velho e ele nunca me deixou esquecer isso.

Anton com apenas vinte anos se casou com sua primeira e única namorada — *Jennifer*. Eles foram namorados desde a terceira série primária e eram loucos um pelo outro. Depois de oito anos casados e com certeza em um casamento sólido e feliz, eles conceberam Hannah, *meu anjinho*.

Sou louco por minha sobrinha e afilhada, porque como Anton é meu único irmão e Jennifer é minha melhor amiga do sexo oposto. Eles me deram Hannah para apadrinhar. Eu aceitei muito feliz abençoar minha sobrinha.

Desde o nascimento, sou um verdadeiro tio babão, mesmo com a distância que Nova York tem de Los Angeles. Minha mãe sempre levou Hannah para me visitar. Então nunca perdi o contato com ela e nossa aproximação é muito boa, na verdade, ela me ama tanto quanto eu a amo.

Hannah é muito esperta, feliz e humorada como o pai, o que eu não gosto muito e nunca confessei ao meu irmão. Ele já se gaba demais por Hannah parecer com ele. Os cabelos loiros claros puxaram o lado do meu pai, especificamente minha avó. Os olhos, ela herdou da minha mãe. São cor de âmbar assim como os do meu irmão. Eu sou a mistura do lado da minha mãe, com os olhos do meu avô Gideon e os cabelos do meu pai, loiro.

Mas Hannah é uma menininha incrível. Amo sua existência por várias razões e duas delas é que ela sempre consegue me distrair, me tirando o foco de qualquer coisa, principalmente das brigas que tinham sobre eu voltar logo para casa. E em eventos que eu não estou com ânimo para ir. Ela me deixa calmo, puxa toda minha energia para suas gracinhas e assim eu a tornei meu escudo favorito.



A MANSÃO DOS COLTON, é estonteante. Marfim, grandes janelas brancas, as cinco varandas envidraçadas com molduras em branco, divididas pelos três andares.

Três no segundo andar e duas no terceiro. Há uma treliça de madeira branca com flores trepadeiras, nos cantos da casa. As duas colunas romanas e as portas duplas fazem a fachada da casa deslumbrante.

Sua grama verde e sempre bem cuidada, com flores distribuídas por todos os cantos do terreno e a imensa garagem, que fica à esquerda, próxima ao pátio onde está meu carro e de Anton estacionado. E para completar tem a fonte no meio, fazendo uma ilha de retorno aos portões.

Uau. Eu tinha me esquecido como eles são ricos. Não que a minha família não seja, mas os Colton optam pelo luxo clássico.

As portas brancas com o brasão da família Colton se abrem e surge Margot, governanta da casa, como sempre sorridente e simpática. Ela dá um passo para o lado, nos convidando a entrar.

Uma música suave preenche o ambiente e enquanto meu irmão, Jenny e eu, com Hannah no colo entramos. Observo as três portas no corredor. Onde sei perfeitamente que fica um dos banheiros de visitas — do lado direito — e do lado esquerdo, as portas da sala de TV e de um armário para guardar casacos das visitas, ou guarda-chuva, embaixo das escadas.

Depois do lobby, vem a grande e ampla sala de estar. Meus olhos percorrem a extensa e sofisticada casa. Percebo que eles não mudaram muita coisa por aqui *enquanto eu estive fora*. Mesmo que eu não tenha vindo muitas vezes aqui, lembrava-me muito bem.

A grande área das salas, do lado direito da casa, é dividida por uma parede de vidro, separando: sala de estar e sala de jantar.

A sala de estar com luxuosos móveis. Um grande sofá em 'L' cor de marfim, duas confortáveis poltronas com os pés em mogno escuro e acolchoadas com algo que parece um urso jogado nelas. Uma mesa de centro de madeira rústica polida com um vaso de flores naturais. No aparador todo de espelho, perto da parede de vidro, têm porta-retratos e alguns enfeites. Um deles é o anjo, onde em uma das asas bate um pequeno relógio.

As paredes brancas têm quadros: Uma pintura abstrata, a réplica da pintura de Mona Lisa e uma linda pintura da fonte dos desejos de Roma. As grandes janelas com longas e leves cortinas brancas se misturam a beleza do chão de porcelanato que espelha os enormes lustres de cristal e vidro. O lustre maior se localiza acima das iniciais dos sobrenomes da família: 'WC' — *Wayne Colton* no chão.

Na sala de jantar, um pouco mais a diante e em frente a cozinha americana aberta com moveis brancos e um balcão de mármore clara e banquetas de madeira negra, há um lustre de cristal menor que ilumina a grande mesa com dez cadeiras de madeira em branco e forradas em verde musgo. E na parede da sala

de jantar — a parede que é do escritório — tem um espelho com moldura dourada e logo ao lado, próxima às janelas, um bar em madeira negra com taças e copos de cristal, abastecido com as melhores bebidas e um frigobar com portas de vidros, que gela mais outras bebidas.

E do lado esquerdo da casa, fica as escadas feita em duas etapas de mármore clara. Um aparador com mais fotos encosta-se a parede que sustenta a escada. E logo mais à frente a cozinha, que pode ser visto das escadas e das duas salas.

No fim da casa, chega-se às portas de correr de vidro que leva ao imenso quintal. Um jardim florido e verde com uma piscina gigante, grama bem cuidada e uma casa da piscina. Tudo muito luxuoso e com muitos toques parecidos com a minha casa, porém a minha é mais futurista, pois é aberta e envidraçada em boa parte.

Tudo aqui é de extremo bom gosto. Ainda bem. Digo isso, porque têm algumas casas que nem consigo me concentrar nos meus pensamentos de tantos *trecos* e cores espalhadas na casa. Ser rico às vezes é uma merda. Alguns perdem a noção do que comprar.

Saindo da cozinha, Elizabeth Colton vem nos cumprimentar. Sorrindo e com os braços estendidos na direção de Jennifer, que dá um passo à frente.

“Sejam bem-vindos”, Elizabeth fala educadamente.

Ela é uma senhora muito bonita. Cabelos loiros claros, pele branca e sorriso amigável. Seus olhos azuis claros são brilhantes e para os seus cinquenta e tantos anos, é bem conservada. Assim como minha mãe. O cirurgião plástico é bom. Porque tem umas senhoras por aí, que fica pior depois, do que antes.

“Obrigada”, diz Jennifer e logo em seguida meu irmão abraça Elizabeth.

“Obrigado e boa noite, Elizabeth.”

“De nada, querido.” Ela diz e se vira para mim, e olha para Hannah primeiro. “Olha como você está linda e ficando a cara do seu pai. Você está crescendo muito rápido, bonequinha.”

“Está mesmo.” Jennifer fala.

Elizabeth sorri e troca um olhar com meu irmão rapidamente, e Anton fica com um orgulhoso sorriso no rosto. Enquanto eu torço a cara — brincando com ele — e recebo um soco no ombro e acabo rindo também.

Hannah abre um grande sorriso e estendendo as mãozinhas, para segurar o rosto de Elizabeth. Beija o rosto dela que lhe retribui e a pega do meu colo.

“*Obigada*, vovó Lize.” Diz minha sobrinha já no seu colo.

Fico surpreso com o cumprimento de Hannah, mas parece que Elizabeth está acostumada. Vovó?

“Obrigado pelo o que Hannah?” Brinco. “Seu pai é feio.”

Faço cócegas e ela bate em mim com suas mãozinhas, então paro.

“Não é nada.” Ela faz cara de brava e se joga para Anton, que a pega com prazer. “Papai é bonitão que nem modelo de *tuecas*.” Ela fala fazendo todos riem.

“De onde você tirou isso, mocinha?”, pergunto.

Envergonhada ela aponta para sua mãe, e Jennifer levanta as sobrancelhas com um sorriso culpado. “Filha, mamãe não falou nada disso.” Nega com a cabeça e dá um leve tapinha no narizinho da filha.

“Jennifer!” Fazendo cara de espanto, mas achando graça da esposa, Anton deixa um beijo no rosto dela e abraçando mais a filha, murmura no seu ouvido: “Não repita mais isso.”

Hannah afirma com a cabeça sorrindo com a brincadeira.

“Minha nossa. Você está mudado, Ethan.” Elizabeth diz me cumprimenta com um abraço, então me inclino e a abraço também. “Bem-vindo de volta.”

Sorrio sem jeito. “Obrigado.”

“Senti falta de estar em casa?”

“Algumas vezes eu senti sim,” faço uma respiração teatral, “mas minha mãe não deixou que eu ficasse muito sem ela. Então?” Reviro os olhos com humor e ela sorri.

“Ora, ora, ora.” Vindo da porta do escritório. “Olha quem está aqui.” Surge William Colton ao lado de seu pai, Ryan. Que não dá para negar o parentesco.

Quando o vi na empresa não tinha reparado, mas Will está maior e mais forte, do que me lembrava. Ele poderia ser lutador de *MMA* tranquilamente. Não digo isso só por causa do seu porte físico, mas pela cara de sério que ele tem. Sempre tive respeito por ele e confesso que até medo às vezes. Lembro-me de quando era moleque e percebia como ele era um cara muito responsável, maduro e bastante sério. Ele é mais próximo do meu pai e meu irmão, sempre foi, devido à idade e a convivência.

Ryan não mudou muito — parece que o gene dessa família passa bem pela velhice. Ele é uns dez anos mais velho que meu pai, mas sua postura não o deixa parecer tão mais velho assim. E sem contar que ele é tão humorado quanto Anton e meu pai. Com seu terno simples e a gola solta, cumprimenta todos rapidamente antes de precisar se retirar, quando Margot chama-o para atender uma ligação importante em seu escritório.

Logo que o pai sai, Will cumprimenta meu irmão com um aperto de mão e dá um beijo no rosto de Jennifer e pega Hannah do meu irmão. Parece que ela conquistou todos eles.

“Olá, boneca.” Will brinca com ela.

Hannah lhe dá um beijinho no rosto. “Cadê a *Pincesa*?”

Princesa? De quem ela está falando?

Ódio me consome agora. Ter ficado tanto tempo separado deles, me faz perceber quanto todos são próximos, *menos eu* e enquanto todos abrem um sorriso por causa da pergunta de Hannah, eu fico sem entender. *Quem diabos é princesa?*

Abrindo um grande sorriso, Will responde. “Eu a vi saindo, deve estar no jardim.”

“Cadê a bonequinha mais linda da tia?” Descendo as escadas com um sorriso no rosto, Cora, a queridinha dos Colton. Para mim ela é *um* deles.

Está com um vestido azul escuro e sandálias claras. É uma mulher muito bonita, com cabelos loiros, um pouco mais claros do que os dos Colton, na altura dos seios. Um belo rosto com feições marcantes e sorridentes. Alta e dona de um corpo muito bonito.

Ela beija cada lado do rosto de Hannah, fala com meu irmão, Jennifer e me olha com cara de interrogação. Eu a olho também e sorrio. Não a tinha visto na empresa e por estranho que pareça, ela me faz lembrar *alguém*. *Seus olhos verdes... Não. Isso é loucura.*

“Nossa!” Ela abre um grande sorriso e me abraça. Quando se afasta, diz: “Você está lembrando seu irmão agora. Está um homem. Como você está?”

“Eu estou bem e você?”

A conversa vai se desdobrando, e quando começa a ficar chata, *pessoal* demais, a campainha toca me salvando. Não importa quem seja, teve a autorização para entrar e deve ser conhecido. Aqui é tudo mantido em sete chaves, sempre foi.

Will abre a porta e meus pais aparecem dizendo:

“Olá família.”

“Por que vocês demoraram tanto?” Pergunto confuso.

“Sua mãe quis comprar uma torta.” Meu pai sorri piscando o olho. “Sabe como ela é.”

Mamãe o cutuca com o cotovelo e meu pai geme fingindo sentir dor.

“Que bobagem, Lauren.” Elizabeth vai ao encontro deles.

Em seguida todos se cumprimentam e inicia-se uma agradável conversa, onde meu irmão fala algo engraçado, fazendo todos rirem. Como sempre Anton é meu oposto; *falante e palhaço*. Em tudo ele é diferente.

De repente Hannah fica agitada e desce do colo de Will, correndo para as portas da varanda. *Aonde essa menina vai?*

“Hannah, espere!” Peço e fazendo papel de idiota, vou atrás dela.

Ela vai direto para o jardim, e vou andando rapidamente — mesmo que para ela seja uma corrida, para mim são meros passos.

“*Pincesa!*” Ela exclama alto, chamando a tal princesa, e eu continuo não vendo porra nenhuma. Estou começando a achar que essa *princesa* é sua amiga imaginária.

Ela passa por uma das árvores que tem no jardim, me fazendo lembrar de que naquela direção tem a tal fonte que fica nos fundos do jardim. Preocupado apresso mais meus passos e me abaixo para pegá-la *em um solavanco*, antes que ela chegue naquela merda de fonte e se afogue.

Porém quando eu quase a alcanço, tropeço e acabo esbarrando em alguma coisa. Erguendo-me para ver o que esbarrei. Congelo. *Putá merda.*

Três

Victoria

TERÇA-FEIRA, 06 DE OUTUBRO DE 2013.



ASSIM QUE O MOTORISTA ME DEIXA EM CASA, saio correndo apressada para as escadas e passando pelo corredor do segundo andar, entro no meu quarto para trocar de roupa.

No meu *closet*, encontro a roupa que tinha separado ontem mesmo e Margot se encarregou para alguém passar. Escolhi um vestido de verão branco com flores em degrade; de azul para rosa. Sem mangas, sustentado apenas por duas alças finas e na altura dos joelhos, marcando minha cintura.

Vestida, sento-me na penteadeira, dentro do *closet*, e me maqueio. Passo uma base iluminadora em meu rosto pálido, por natureza. Blush rosa nas bochechas, acompanhado a sombra branca perolada e aplico uma quantidade exagerada de mascaras preta nos cílios. Por fim, um brilho labial transparente.

Levantando-me e paro em frente ao espelho de corpo inteiro e me admiro. Maquiagem, vestido, sandália *Valentino* rosa bege que ganhei de presente da Cora. Ótimo. Estou pronta para receber os convidados. Que na realidade o único convidado será o filho mais novo dos Brown.

Tenho um convívio bastante próximo a Lauren e Aaron Brown. Jennifer e Hannah, esposa e filha, do filho mais velho, Anton. O filho mais novo; *Ethan*. Não o vejo tem muito tempo.

Tenho vagas lembranças dele de quando era criança. Ele não era muito próximo de mim. Mas lembro da única vez que ficamos realmente pertos. Foi quando ele me ajudou a achar um abrigo para um gatinho que eu achei na rua. Ele foi bem legal comigo daquela vez.

Consigo me lembrar bem da sua fisionomia de quando era adolescente. Era bem bonitinho e muito curto e grosso. Nunca quis brincar na rua com os outros vizinhos, como Anton mesmo sendo bem mais velho que a maioria fazia.

A última memória que eu tenho dele, foi no último natal que ele passou aqui em Los Angeles, onde todos vieram para festa que meus pais deram. Eu tinha uns dez anos. Ethan já era um homem. Estava de calça jeans, camisa polo preta com uma listra vermelha na gola e boné. Rio com a lembrança da sua mania de sempre usar boné em todos os eventos. Lauren ficava irritada porque não conseguia fazê-lo tirar. Uma vez, em uma festa da empresa — *que era traje*

à rigor — ele foi de boné. Que por incrível que pareça combinava com a gravata e ficou bonito.

Eu nunca entendi aquela mania, porque bem... Mesmo eu sendo bem mais nova que ele, o achava bonito. Seu rosto era marcante e os cabelos eram de um castanho claro, chegando ao loiro escuro. Ele parecia um dos bonecos namorados das minhas Barbie.

Cortando meus pensamentos, escuto meu celular tocar, e vou até a mesa do meu computador — onde deixei carregando — e olho para saber quem é: LIGAÇÃO PRIVADA.

“Alô. Quem é?”

“Como assim: Quem é?”, a voz inconfundível de Clara sai alta, me deixando surda. “É assim que trata sua melhor amiga?”

“Desculpa, Clara, mas aqui não apareceu seu nome.” Digo confusa e pergunto: “Por quê?”.

Clara solta uma risada e responde “AH! Desculpa Vic,” ela ri de novo. “Não estou telefonando do meu celular. Ai meu Deus, como eu sou burra.”

Nós duas rimos.

“Ok, maluca. O que você quer? Está ligando de onde?”

“Um amigo meu que me emprestou o telefone dele. Estou indo para casa agora e adivinha? Bateria zerou.” Ela solta um suspiro fundo e continua: “Eu liguei porque queria saber se você falou com o George?”

Ai senhor! De novo essa história de falar com meu ex-namorado que está teimando em voltar comigo. O que é impossível. E eu nem sei para que ele quer.

De qualquer forma, não consigo ficar muito perto dele, depois que ele teve a ousadia de me trair com uma conhecida minha de infância, e falar que a culpa era minha por ser tão *patricinha* e não querer ir à viagem que ele tinha organizado com uns meninos da sua faculdade, e alguns amigos nossos da vizinhança, inclusive a sua *ficante da noite*.

Eu não estava com a menor vontade de ir para Las Vegas ficar de putaria com os insuportáveis e babacas dos amigos dele. E eu não me enganei e foi isso mesmo que eles acabaram fazendo lá: orgias. Sem contar que Will nunca me deixaria ir para Las Vegas. Um risco desnecessário e sem tamanho. Uma aventura idiota.

George sabia das regras para a minha segurança, mas a verdade é que ele nunca ligou mesmo para isso. Sempre foi babaca, eu que não percebi.

Ele foi para Las Vegas sem mim. Só que eu não esperava que fosse me trair na primeira vez que ele ficasse tão *disponível* e tivesse a oportunidade de vadiar pelas minhas costas. Porém, ele não esperava também que assim que ele voltasse da viagem, eu iria descobrir sua traição, e vindo da *própria* garota que me

colocou um par de ‘chifres’.

Ela me contou tudo e disse que ele miseravelmente a humilhou no dia seguinte, dizendo que ela foi uma distração da sua noite passada e não queria mais vê-la. George ficou muito surpreso quando Rebecca, uma das minhas amigas mais próximas e sobrinha de Jennifer — esposa de Anton —, descobriu pela garota, que eles ficaram. Ela sabia que ele estava namorando e ainda por cima comigo.

Rebecca então me ligou dizendo que tinha que conversar comigo. E veio até minha casa com Lois — menina de Vegas — e contou tudo o que aconteceu. E foi assim que dei um pé na bunda daquele filho de uma mãe.

Desde o nosso término, que irá fazer quatro meses e um pouco mais, ele está insistindo em uma segunda chance. Só que para ele é *zero chance!*

Respiro fundo, fechando a porta do meu quarto e me direcionando para o andar de baixo.

“Não, eu não tive o desgosto de falar com aquele idiota.”

Clara resmunga alguma coisa. “Ah... Desculpe, Vic. Eu apenas perguntei, porque ele me ligou e disse que queria falar com você.”

Fico incrédula. “Clara, por que você está de amiguinha dele, quando você não aceitou também o Derek te trair?” *Poxa*. Não consigo entender ela às vezes.

Saio de casa e vou para o jardim, para tentar me acalmar. *O jardim sempre faz isso comigo*.

“Desculpa, Vic”, ela murmura. “Eu só quero que você fale com ele e talvez vocês possam sei lá — ”

Eu a corto: “Possa sei lá o que?” Aumento minha voz. “Não estou lhe entendendo.”

“Eu sei. Desculpa,” fala resignada, “é que ele está me enchendo à cabeça também.”

“E?” Pergunto sem a menor paciência.

“E que se você falar com ele, talvez ele nos deixe em paz.”

“U-hum.”

“Vic é claro que eu não quero que você volte com ele.”

“Que bom, não é.” Zombo.

“Você acha o que?” Diz com raiva. “Por mim eu já tinha metido a mão na cara dele. Você é passiva demais, Victoria. Por isso quero que fale com ele.”

“Pra que?” Rio dela. “Pra eu acertar a cara dele?”

“É!”

“Jura?”

“Juro e talvez acerte as bolas dele também.” Ela diz e eu solto uma gargalhada.

“Meu Deus, Clara. Você precisa se tratar, viu.”

“E você precisar bater de vez em quando nas pessoas que te fazem mal.” Ela ri, mas fala sério. “Principalmente no George, na Pamina que roubou sua vaga de Julieta na peça de teatro da escola e também naquele maluco da academia que fica te assediando.”

Depois que eu consigo parar de rir, conto para ela o que aconteceu hoje com o meu *Watchman*, já que tocou no assunto e ela fica muda por uns dois minutos até que fala:

“Sério que você conseguiu finalmente falar com ele?”

“Eu não diria falar... Nós apenas...” faço uma pausa para pensar. “Eu o cumprimentei. Só isso.”

“Só isso?” Ela fala um pouco alto demais. “Victoria Colton, para uma tagarela como você, isso é deprimente.”

Eu rio do seu exagero

“Mas enfim. O que ele respondeu?” Ela pergunta.

“Eu não sei.”

“Hum? Como assim você não sabe?” Murmura confusa.

“Eu saí andando e não esperei ele responder de volta.”

“Porra!” Ela grita. “Você tem problema? Qual foi, Vic?”

“Não grita, Clara.”

“Desculpa tá,” ela diminui a voz. “É que eu não estou te entendendo. Porque você não fala com ele? Você é a *miss simpatia*. Pelo amor de Deus, Vic.” Sua voz está incrédula.

“Eu sei. Eu sei. É que ele me deixa nervosa. Nã... Não sei.”

Sento em um banquinho do jardim, que fica perto da mini réplica da fonte dos desejos de Roma — *minha mãe é louca por ela* — e desejo muito jogar uma moeda ali e pedir paciência e calma. Falar desse homem me cansa.

Mesmo tendo passado apenas três meses — na verdade já deve ter três e meio — dessa loucura toda de '*olhadas e olhadas*', ele está cada vez mais consumindo minha energia e minhas conversas com Clara.

Eu tenho que concordar com ela sobre eu não falar com ele ser estranho da minha parte. Eu sou uma tagarela sem cura desde sempre. É só uma pessoa me dizer “Oi” e sorrir que eu puxo assunto. Eu nunca me controlo. Adoro falar, qualquer coisa e graças a Deus e a minha família, eu sei conversar sobre qualquer coisa que alguém estiver disposto a compartilhar. Por isso, eu acho que estou ficando louca. Mas que saco, ele também não faz esforço para falar de volta comigo. A culpa não é só minha.

Olho para o céu e respiro fundo.

“Não sabe o quê?” Pergunta ela.

“Eu fico estranha perto dele.”

“Eu já percebi, gatinha.” Diz de forma irônica.

“Olha Clara, eu não sei o que eu tenho ou ele. Porque, você tem que concordar que eu falo assim tão *abertamente* com as pessoas, porque elas também falam comigo.”

Isso é a pura verdade. Eu falo sem parar com as pessoas que falam comigo de volta. Se eu sentir que a pessoa não quer, eu me retiro. Não gosto de pessoas que não sejam recíprocas. Para o bem ou para o mal.

“Agora eu pergunto. E?”

“E que por mais que ele fique me olhando, nunca, nunca mesmo tentou falar comigo. Talvez ele não esteja interessado.”

“Como é que é, Victoria?”

“O quê?” Digo cansada de me explicar.

“O que você quer dizer com isso?”

“Ah... Talvez ele me olha por olhar não por —”

“Espera aí!” Clara me corta com um risinho na voz. “Você tem certeza que é do mesmo cara que nós estamos falando?”

“Sim” Murmuro.

“Você está a fim dele ou acha que ele está?”

“Não sei” *Não sei mesmo.*

“Mas você disse que ele não te interessava e —”

Eu a interrompo dessa vez. “Eu disse que ele não me interessava porque me deixa inquieta. Porque ele não fala comigo. O interessado que falo, é no sentido de ser... amigo também, Clara. Porém...” suspiro olhando para a fonte dos desejos, filtrando meus pensamentos. “Isso não significa que eu vá ficar aturando ele me olhando, sei lá... até completar trinta anos.”

Nós rimos e me levanto. Escutei vozes e acho que chegaram os convidados e juro que ouvi meu nome também.

“Ok, eu estou lhe entendendo agora.” Ela está sorrindo ainda, posso sentir no tom de sua voz.

“Eu preciso resolver esse problema, antes que eu — ” não completo a frase porque recebo um esbarrão forte, tropeçando para frente um pouco e cambaleando.

Giro meu corpo para olhar para trás e não acredito no que estou vendo. Sinto meus olhos se arregalarem e minha boca se abrir em espanto.

“O quê?” Minha voz sai estranha e ele espelha meu semblante surpreso.

Ele.

O cara da academia que fica me olhando toda hora e de quem eu estou conversando nesse exato momento. Ele está na minha casa olhando para mim

petrificado.

O que ele está fazendo aqui?

E por que ele tem que ser tão bonito?

Ele está com a mesma roupa que saiu da academia hoje, quando nos vimos pela última vez, que na verdade faz poucas horas. Mas agora um lindo blazer azul marinho — que faz seus olhos ficarem mais azuis — dá o toque final no seu *look*.

Ele entorta a boca em um sorriso patenteado e sexy.

“O quê, o quê, Vic?” Clara berra do outro lado da ligação.

Meu Deus, até me esqueci dela.

“Desculpe, Clara”, falo baixo, como se ele não pudesse me ouvir estando bem na minha frente, e me olhando fixamente como sempre faz. “Eu te ligo depois. Okay?! Beijos.” Sem deixá-la responder, encerro a ligação e endurecendo meu olhar para ele e pergunto; “O que você está fazendo aqui?”

Ele parece em choque e ficamos em silêncio por milésimos de segundos. Parados, nos olhando e de repente escuto uma voz suave e baixinha chamar meu apelido.

“Pincesa.”

Olho para baixo e um sorriso descontrolado se abre em meu rosto para minha *bonequinha* favorita. Adoro Hannah.

Quatro

Ethan

TERÇA-FEIRA, 06 DE OUTUBRO DE 2013.



NÃO ACHO QUE ISSO SEJA UM DELÍRIO, mas a *minha estranha sorridente* está na minha frente, olhando para mim espantada e posso dizer olhando em seus olhos, que ela está um tanto surpresa também.

“O quê?” Ela fala e começa a passar seus lindos olhos verdes em mim.

Aproveitando seu silêncio, faço o mesmo que ela. Lentamente a olho dos pés à cabeça. Ela trocou de roupa e está mais bonita. Mais *gostosa*. Seu vestido branco, que marca sua cintura e fazem seus seios sobressaírem, sustentado por tiras finas, desperta meu desejo por ela. Descendo foco em suas lindas e longas pernas expostas. Posso apenas ver um palmo à baixo do joelho. E nos pés as sandálias, que a permite olhar meu rosto, quase, no mesmo nível.

Voltando meu olhar para cima, em seu rosto angelical, vejo que ela se maquiou um pouco e algo que passou nos olhos os deixaram maiores e acesos. Tornando-os mais acinzentados do que verdes. Sua boca, naturalmente carnuda, está com brilho labial e mais cheia. Estou com uma maldita vontade de prová-los agora.

É mesmo ela na minha frente? Caralho.

Alguém fala com ela no telefone, já que ela está paralisada me olhando de boca aberta. Por fim ela responde e encerra a ligação. Sustento seu olhar firme dentro dos meus e a escuto dizer:

“O que você está fazendo aqui?”

Engulo em seco e balanço a cabeça, para reanimar meus pensamentos. Limpo a garganta, para dizer alguma coisa, porém minha sobrinha a chama e puxa seu vestido, roubando a atenção dela. *Minha* bela estranha olha para baixo e abre um enorme sorriso para Hannah, e eu fico com inveja. Ela fala com uma voz suave e se abaixa para ficar na altura de Hannah e as duas se abraçam. *Até sua voz me fascina.*

Elas trocam ideias e a estranha com seu jeito doce, conversa com toda paciência com minha sobrinha. A cena na minha frente, faz minha cabeça dá um nó. Por que *ela* está aqui? E por que ela conhece minha sobrinha? Noto que elas são bem próximas. *Merda. Quanto mais eu vou precisar assistir e saber sobre o*

que se passou enquanto eu estava longe? Será que ela é namorada do Will? Quem é ela?

Um tempo depois, alguém chama Hannah e ela vai embora me deixando a sós com a *minha estranha sorridente*. Só que ela não está sorrindo agora. Ela levanta o rosto e me olha em desafio. Com certeza está esperando minha resposta. Uma atitude da minha parte. Minha sobrinha esqueceu totalmente da minha existência. *Certo, Ethan. Ela tem quatro anos de idade*. Minha consciência me critica.

Decidido, estendo minha mão, para me apresentar corretamente:

“Ethan Brown” e abro o meu melhor sorriso.

Sua reação ao ouvir meu nome me deixa confuso. Sua cabeça tomba levemente para o lado, pensativa e ela me dá um olhar de espanto e divertimento.

“Ethan!?”

Apenas afirmo com a cabeça e ela abre um grande sorriso e me digitaliza rapidamente dos pés à cabeça de novo.

“Você cresceu”, diz contemplativa e balançando a cabeça como estivesse me avaliando e acho que *aprovando*.

Assinto novamente. *Acho que estou em choque*. Por que ela me deixa sem fala? *Merda*. E ela me conhece?

“Cadê seu boné?” Ela pergunta sorrindo. Que pergunta mais idiota.

“Meu boné?”

Ela tenta esconder seu sorriso e morde o lábio inferior. Sinto minha ereção dá uma acordada. *Merda*. Agora não é hora para isso. Tento relaxar e não focar na sua boca.

“Você vivia usando boné quando era mais novo.” Explica.

“Mmm...” Faço pensativo e levo minha mão ao queixo.

Induzo meus pensamentos até minha adolescência e lembro-me do meu vício de colecionar bonés e de usá-los também. Porque nem tudo que colecionamos, usamos de fato. E eu não consigo *achar* ela no meu passado, mas ao mesmo tempo ela não me é estranha. *Sempre achei isso*. Olhando bem para ela, questiono:

“De onde eu conheço você?”

Ela abre um sorriso sem graça: “Ah... podemos dizer,” ela entorna a boca, humorada, “daqui mesmo.”

“Mas como eu não me lembro de você?” *Como é que eu te esqueci?*

“Eu acho que deve ser porque você não gostava muito de mim.” Ela dá de ombros. “Não sei.” Murmura.

“Não gostava?”

Ela faz que não com a cabeça, com um sorrisinho.

“Por que você diz isso?”

Ela abre e fecha a boca, faz gestos com as mãos, buscando as palavras. “Estou brincando, mas uma coisa é verdade. Você não curtia ficar onde eu estava e de brincar com as outras crianças que *eu brincava*” ela solta uma risada, “não era nada em particular não. Eu acho. Você era mais velho e eu entendia.”

Em um *flashback*, me lembro de uma garota loirinha risonha, que um dia eu ajudei a procurar um lar para um gato. Lembro dessa mesma menina pegando um boné meu e jogando na piscina da minha casa. Ela roubando o último pedaço da torta de chocolate que minha mãe tinha feito, na varanda lá de casa. Lembro também dela em um vestido rosa no meu último natal em Los Angeles, que foi exatamente nesta casa. *Mais que caralho.*

“Victoria?”

Ela abre um sorriso, ficando mais confortável com a minha presença e assente. “É, sou eu” diz levantando de leve as mãos e os ombros, como estivesse se desculpando.

“Nossa. Eu nunca imaginei que fosse você.”

“É” fala sem graça, desviando o olhar, “eu também não imaginei que era você.”

Ela morde o lábio inferior — *de novo* — para segurar seu sorriso envergonhado. Assinto sem saber o que fazer ou dizer.

Eu fiquei olhando para essa mulher que nem um perseguidor maluco, sem dizer nada por quase quatro meses e teve até uma vez que eu a vi no *Starbucks*, na cafeteria que eu gosto de ir perto de casa, e me escondi e a admirei de longe, em vez de simplesmente entrar e falar com ela.

Como eu não sabia disso? Será que devo me desculpar por ter sido um obcecado e louco? Estou pensando seriamente nisso agora.

Ficamos em silêncio — nem um pouco estranho e constrangedor — por segundos, ou até minutos. Um olhando um para o outro. Parece um daqueles momentos de reconfiguração e eu só penso em como ela é uma mulher atraente e linda, e deixou para trás a doce menininha.

Victoria abre e fecha a boca algumas vezes antes de decidir tomar a iniciativa e soltar:

“Então?”

“Então?” Digo sorrindo levemente de lado.

Nós dois começamos a rir e quando paramos, eu fico paralisado por seus olhos, por sua beleza, por ela inteira. Puta merda, como *ela é linda*. Linda mesmo. São poucas mulheres que tem uma beleza como a dela. Naturalmente loira, olhos claros, cor perfeita, corpo gostoso e lábios cheio de verdade. Acho que babei, porque ela baixa o rosto sorrindo sem graça, mas logo o volta para

mim.

“O que você fez esse tempo todo?” Puxa assunto.

Pergunta fácil. Ótimo.

“Terminei meus dois últimos anos da escola na Inglaterra. Depois passei seis anos com a cara nos livros em Harvard.”

“Uau. Então você passou todos esses anos longe de casa para se matar de estudar?”

“Mais ou menos” falo e cerro a mandíbula. Ela levanta as sobrancelhas em questionamento silencioso. Rio e resolvo dizer: “E passei um tempo em Nova York de férias, depois de acabar a faculdade.”

“Nossa, que férias mais tranquilas.” Seu sarcasmo me faz rir.

“É. Não foram as férias para relaxar que todo mundo escolhe. Apenas queria curtir um tempo sem livros, professores e tudo mais. Sem aporrinhção na minha cabeça.”

“Entendo, sua mãe falava de você às vezes.” Ela me dá um olhar cúmplice, “Você curtiu muito as noites lá também. Com certeza. Não é?”

Ah não. Olho para ela e não consigo pensar no que dizer. Porque eu galinhei e muito em Nova York, mas não quero falar isso para ela. Não quero que ela fique com a impressão de que eu sou um cafajeste, apesar de eu ser. Isso pode estragar minhas chances. Se já não me bastasse ser o cara que ficava olhando para ela sem dizer nada. Não posso deixar que ela pense que sou um cretino.

“Sim. Um pouco.” Falo sem entusiasmo. “E você? O que tem feito de bom?”

Ela suspende as sobrancelhas em sinal de surpresa. “Ah. Eu estou cursando minha faculdade, nada demais.”

“Qual é o seu curso?”

“Marketing e propaganda.”

“Legal”, falo com sinceridade. “Com quantos anos você está agora?”

“Dezenove e você?”

“Vinte e seis.”

Ela assente, como estivesse registrando a informação e diz: “Você não se lembrou mesmo de mim?”

“Não é que eu não tenha me lembrado. Apenas que você está muito... mudada e eu não tive muito contato com você antes.” *Porque se eu tivesse, a primeira vez que coloquei meus olhos em você, eu iria saber quem você é.*

“Está tudo bem. Eu entendo que por você ser mais velho, não tínhamos muito contato. Normal.”

“Isso não justifica. Eu poderia ter dado mais atenção a você, Victoria. Afinal nossas famílias são amigas.”

Ela levanta os ombros e diz com um leve sorriso: “Sem problemas. Agora a gente pode mudar isso. Se você quiser.” Sua voz é tão doce.

“Eu quero”, digo assentindo com entusiasmo e sorriso. “Quero sim, Victoria.”

Meu primeiro sorriso feliz desde que voltei de Nova York. *Porque eu quero, e muito mudar isso. Eu quero muito ela.* O que nove anos fizeram com ela. Hum! Uma melhora significativa.

“Ok”, ela assente sorrindo. “E só para você saber. Praticamente ninguém me chama assim.” Ela revira os olhos. “Na verdade, só me chamam de Victoria quando querem me dar uma bronca.” Ela dá risada.

“Certo. Então como devo lhe chamar?” Ergo a sobrancelha, brincando e falo: “Princesa?”

Seus olhos ficam petrificados como fossem de vidro. Victoria passa alguns segundos me fitando congelada, parecendo que está em transe e piscando os olhos para despertar, engole em seco e responde automaticamente:

“Não. Me chame de Vic.” Dá de ombros “Se quiser.”

“Certo, Vic.” Repito.

Sei que ela pediu para chamá-la assim, porém internamente não gosto muito. Não quero ser igual a todos os amigos dela. Seu nome é lindo e forte. Gosto de falar ele. *Victoria.*

Victoria soa bem na minha boca, ou princesa. Ela realmente parece uma princesa, ou um anjo de tão linda. Sinto algo enquanto fito seus olhos verdes esmeraldas que transcendem ao cinza. *Estou lascado.*

Contudo, ela parece estar normal e me chama para sentar no banco de madeira perto da ponte. E conversamos sobre nossa infância. Onde recordamos quando eu a ajudei com um gatinho de rua.

Particularmente não tinha muitas lembranças dela comigo, mas desse gatinho eu lembro como um filme na minha cabeça. Lembro de todas as festas que nossas famílias estavam juntas e nas vezes que eu a vi brincando de boneca em algum canto da casa. Até na minha casa.

Eu gostava mesmo de ir para a cafeteria paquerar as meninas, jogar basquete e nos meus dezesseis anos, andar de moto e enquanto isso o tempo passava, e crescíamos separados.

Sou mais velho que ela sete anos e para mim Victoria era uma criança naquela época. E automaticamente me afastei dela. Não foi de propósito, entretanto ela não foi totalmente invisível para mim. Sempre notei que ela era muito ligada aos animais. Ela era sempre muito doce e educada. Minha mãe sempre gostou dela.

Lembro que ela sempre estava ajudando um bichinho de rua e fazia mutirão

para levar alimentos para alguns animais de rua. E que os seguranças dela sempre a rodeavam quando tinha seus nove, dez anos, mais ainda.

Então não foi surpresa saber que agora ela tem uma instituição para animais de rua ou abandonados por seus donos. Ela sempre vai visitar eles na enorme fazenda em Napa Valley e me convidou para um dia ir lá com ela. Eu vou, é claro.

Além de linda, educada, simpática, *e não posso esquecer, gostosa*, é muito gentil com todos e ama animais. Realmente uma raridade. E eu estou ficando enfeitiçado por ela.



NA HORA QUE O JANTAR É SERVIDO, escolho o assento ao lado de Victoria como um adolescente animado demais. Estamos sentados na enorme mesa que tem no jardim. Porém minha sobrinha está roubando toda atenção de Victoria. Enquanto ela brinca com Hannah, que está do seu lado também. Ela conversa com todos à mesa, muito atenciosa e meiga.

De vez em quando ela vira o rosto para mim, me olha com as bochechas rosadas e sorri. Isso está me tirando dos eixos, me deixando duplamente ansioso. Ficar perto dela já força meu autocontrole e ainda com seus olhares. Me sinto pendurado em um precipício.

Aguardo ela virar seu rosto novamente, ansioso e quando faz, seus olhos me fitam brilhando. Chego mais perto e murmuro — assegurando que ninguém está prestando atenção em nós — pertinho do seu ouvido:

“Por que Hannah te chama de princesa?”

Sinto seu corpo se enrijecer. Ela engole em seco, abaixa o rosto rapidamente, ficando com as bochechas mais vermelhas e respira fundo. Tomando um grande fôlego.

Eu sei jogar também, querida — penso satisfeito com sua reação.

Seu rosto levanta vagarosamente para mim e os olhos cinzas estão verdes como uma pedra de esmeralda. Brilhantes e acesos.

“É porque Will me chama assim desde sempre”, responde e seus ombros se erguem quase imperceptível, dando de ombros. “É meio que um apelido, mas só a família conhece e me chama assim.” Sua voz está arranhada.

Assinto em retorno e mantenho meus olhos nela, por um tempo em seus olhos, depois em seus lábios. Espero ela se virar, mas não faz. Victoria continua virada para mim sustentando o olhar quando foco neles de novo. Estou por um fio. Um fio de avançar e agarrar seu rosto para lhe dar um beijo.

Deus, como eu quero beijar essa boca e tirar o sorrisinho que teima em ficar

estampado me provocando reações totalmente desconhecidas.

Alguém fala meu nome e corta o clima com Victoria. Respiro e dou atenção à dona da casa. Essa foi por pouco, muito pouco mesmo.



EU NÃO SEI SE EU VOU CONSEGUIR RESPEITAR a história das nossas famílias e manter distância dela quando eu não quero outra coisa a não ser pegá-la em meus braços. Beijá-la e fazer tudo que venho fantasiado. Até mesmo sonhado. Eu me sinto no deserto com sede. Só que minha sede é dela. Eu preciso dela. *Preciso acabar com minha sede e urgente.*

Assim que eu e minha família nos despedimos dos Colton, cada um se direciona para os seus carros, e suas casas. Fecho a porta do carro dos meus pais, assim que minha mãe entra e me inclino:

“Vou dá uma volta antes de ir para casa. Okay?”

“Está bem, filho. Qualquer coisa ligue.”

Rio e assinto. Minha mãe ainda me trata como tivesse dezesseis anos. Aceno para o carro de Anton, depois para os meus pais e após entrar no meu, buzino para Elizabeth e Ryan na porta. Infelizmente sem Victoria.

Na rua, desvio o caminho de casa para a estrada que leva ao Parque Griffith. Preciso espairar um pouco meus pensamentos e agora estou correndo a quilômetros por hora, feito um louco. O único pensamento que martela na minha mente é Victoria.

Como é que eu vou chegar nela depois de ter sido um idiota quando moleque e um lunático quando adulto? Estou com um grande problema. Ela não sai da minha cabeça.

Estou tentando não entrar em pânico. Preciso traçar um plano para me aproximar de Victoria e torço profundamente para funcionar. Porque não sei se vou suportar não tê-la, mesmo nem sabendo qual é a real força que me puxa para ela. Apenas preciso descobrir.

Cinco

Victoria

SEXTA-FEIRA, 09 DE OUTUBRO DE 2013.



“VIC,” OUÇO ALGUÉM ME CHAMAR, como se estivesse em uma longa distância.
“Victoria.”

“Victoria Colton?” Minha professora da faculdade aparece na minha frente. Ela e minha amiga de classe estão me olhando com rostos ansiosos.

“Sim?” Falo confusa, intercalando meu olhar para as duas.

“Você está bem?” Minha professora pergunta.

“Sim”, respondo, confirmando com a cabeça. “Por quê?”

“Eu e Rebecca chamamos você várias vezes e você não respondeu nenhuma delas.”

“Ah.”

“É, Vic. Você parecia um pouco perdida em seus pensamentos. Longe daqui.”

Olho para Rebecca Wilson, que está me olhando como se eu estivesse enlouquecendo. *E o pior é que eu me sinto assim mesmo.*

“Você sempre foi um pouco sonhadora, Vic. Só que há dois dias você piorou de uma forma que... Não está nem mais escutando te chamarem.” Ela diz preocupada.

Faço uma cara culpada. “Desculpa, Becca” e volto meus olhos para a professora — ainda bem que hoje é sexta-feira e a Sra. Law é gente boa. “Me desculpe, Sra. Law. Não vai mais se repetir.” Lhe ofereço meu sorriso sem graça.

“Não tem problema. Só me avise se não estiver se sentindo bem.” Ela sorri. “Você pode ir embora quando quiser. Não está mais na escola, entendeu?”

“Okay.” Assinto “Me desculpe novamente e eu vou me lembrar disso.”

Ela acena com a cabeça uma única vez e volta para sua mesa, mexe no seu notebook e o vídeo que a classe estava assistindo sobre propaganda, volta a passar.

“E aí?” Rebecca vira-se na cadeira — ao meu lado — e me fita. “O que você tem? Está no mundo da lua.”

Abro a boca confusa sem a menor ideia do que responder a ela. Porque eu não sei *bem* o que tenho.

“Ah... Nada.” Sorrio para tentar convencê-la. “Deixa para lá. Só estava

sonhando acordada como sempre.”

Nós duas rimos e ela se acomoda em sua carteira, voltado a prestar atenção no documentário. Já, eu, disfarço. Meus pensamentos vagam, pensando nele. *Oh céus.*

Uns trinta minutos depois, a aula acaba e as meninas, me chamam para almoçar no *nosso* restaurante. A maioria das sextas-feiras, nós almoçamos juntas no restaurante aqui perto.

“Hoje não meninas.” Respondo ao convite.

Thiphanny e Loren me abraçam, e Rebecca ao fazer o mesmo me olha preocupada.

“Você está realmente bem, Vic?”

“Estou. Juro.”

“Qualquer coisa você pode me ligar. Sabe disso.”

Sorrio agradecida. “Obrigada, mas estou bem mesmo.”

Ela assente e segue com as meninas para um lado e eu para o meu carro. Me sinto livre hoje. Ken pode até estar de tocaia, me seguindo, mas estou de carro. Eu gosto de dirigir, só sou proibida de fazer isso como muitas outras coisas na minha vida.

Dentro do carro, fico parada, esperando vir de algum lugar — *talvez caia do céu* — uma ideia para onde eu devo ir. Não quero ir para o único lugar que sempre vou depois da faculdade. *Para academia.* E não estou indo desde o dia que descobri que *meu Watchman* é na verdade Ethan Brown.

Como isso foi acontecer?

Ethan. *O filho dos Brown.* Minha nossa. Não sei como fugir disso. Eu sei que ele sempre estará nas reuniões, confraternizações de família e da empresa, e em outras festividades que eu também estarei também. Ou seja, estou sem saída. Somos ligados por natureza. Não tem como eu simplesmente *fugir* saindo da academia como antes. Não o ver é uma missão impossível.

Mas esse não é o problema. Fico pensando no que vou fazer quando ele estiver na minha frente. Ele me deixa tão... esquisita. Uns sentimentos estranhos. Antes eu achava uma loucura ele me olhando e desde o momento que descobri quem é ele, algo mudou. Embora eu não sei quem é Ethan Brown de verdade. O que ele faz nos tempos livres. O que ele gosta e o que pensa. E o mais importante, sua fascinação em me olhar.

Passei minhas duas últimas noites, tentando achar alguma lógica para sua admiração obcecada por mim e não consegui achar nenhuma justificativa. Na noite do jantar, depois que descobrimos nossas identidades, Ethan continuou me olhando da mesma forma *intensa*. A única diferença era que estávamos próximos e ele falava. *Graças a Deus.*

Achei que estava sonhando quando o vi no meu jardim, ou algo do tipo. Foi bizarro dar de cara com ele, justamente quando estava falando dele com Clara. Naquele momento percebi que se eu não tivesse olhado sério para ele e exigido o *porquê* de ele estar na minha frente, ele ia continuar mudo. Ele me irrita tanto com isso.

Meus pensamentos e tudo mais; corpo, mente e sentidos, ficam confusos perto dele. No jardim, senti como se o tempo não tivesse passado para nós e fôssemos amigos desde crianças. Que aquilo foi um *reencontro*. Porém, eu sei que foi mais como *se fosse a primeira vez* e imediatamente eu quis saber *tudo* sobre ele.

Adorei o seu jeito com minha família: espontâneo e falante. Claro, depois que ele perdeu sua armadura protetora, mas ainda sim reservado. Seu jeito amoroso com Hannah. Ela o adora na mesma intensidade. Ele brincando e achando graça das idiotices de seu irmão. Eu amei seu riso. Tão bonito, que saia natural e forte, acontecendo raras vezes.

E teve o *momento...* quando ele me chamou de princesa na mesa. *Minha nossa!* Eu fiquei sem fôlego e meu corpo ficou quente. Sua voz no meu ouvido, seu hálito. Me senti *perdida* — no bom sentido — e meu corpo todo se arrepiou. Tive um surto de querer ouvi-lo me chamar de princesa com mais *vontade*. De um jeito que eu nunca desejei ou quis de alguém.

Isso me assusta. Eu não sou uma garota que tem pensamentos como estes; tão carnis e safados. Meu corpo e cérebro estão me confundindo. Ele está me confundindo. Enganando-me e respondendo aos meus instintos.

Eu já o tinha visto diversas vezes na academia, mas nunca tinha ouvido sua voz. Tão forte, firme e com uma rouquidão profunda. Sexy. Ele é lindo demais e sua voz me deixa *leve*. O pensamento do que eu faria para me sentir *leve* de novo, derrete em meu cérebro. Corre em minhas veias, freneticamente.

Respiro profundamente e ligo meu carro, com o propósito de ir aonde eu me sinto melhor e posso pedir apoio. *Meu porto seguro*.



“BOA TARDE, SRTA. COLTON.”

“Boa tarde, Carlos.” Cumprimento o porteiro do prédio onde Cora mora, que é o mesmo prédio do meu irmão.

Entro no elevador, aperto o número do andar e me recosto na parede de frente as portas de aço e onde fica um espelho de corpo inteiro, que está causando calafrios em minha pele, por causa do ar-condicionado.

Pego meu celular, na bolsa gigante que estou sendo obrigada a levar comigo

para todos os cantos pelo simples fato de estar usando vestido, e *claro*, não tem bolsos.

Disco o número de Clara e espero.

“Alô, amiga.” Ela atende feliz.

“Oi, amiga”, falo rindo.

“Vic, eu queria mesmo falar com você.”

“Sobre?” Pergunto curiosa.

“Ah, sobre...” ela bufa. “Sobre o seu Ethan”

“Ele não é meu.”

“Que seja. Seu Watchman, como você fala.”

“Para com isso, Clara”, dou-lhe uma bronca. Isso me deixa confusa. Pensar nele como *meu*.

“Você me entendeu, porra. Deixa disso. Enfim, sobre o gostoso da academia ou Ethan Brown.” Reviro os olhos. “Estou morta de curiosidade de saber mais sobre ele. E quero saber por que você faltou três dias seguidos à academia. Coisa que você só faz quando está de cama. Ou seja, raramente.” Assinto todas as vezes, mesmo ela não me vendo e então ela baixa a voz: “E o mais importante...” faz suspense.

“Fala logo, Clara.”

“Eu finalmente saí do meu castigo e meus pais me deram um carro novinho. E... adivinha?”

“Não?!” Falo fazendo uma curiosidade fingida. Adoro provocar Clara. Saio do elevador e caminho para a porta do apartamento de Cora.

“Eu não preciso mais trabalhar na academia do Mike.” Posso até vê-la pulando no final dessa frase.

“Que bom”, falo entusiasmada. “Agora você vai parar de ficar pendurada nas matérias da faculdade.”

“Poxa, é verdade.” Ela grita: “Yep!”.

Solto uma gargalhada.

Fico tão feliz por ela. Clara há oito meses bateu de carro, e se não bastasse ficar presa nas ferragens, quando ela desviou do menino que estava andando de bicicleta — por sinal, no meio da rua — antes de atingir uma árvore, ela infelizmente bateu na roda traseira do menino. Ele teve a perna quebrada, três costelas deslocadas e o braço em carne viva. Clara perdeu o carro, a carteira de motorista — provisoriamente —, deu dez mil cestas básicas e para completar, seus pais a fizeram ir trabalhar na academia do seu tio Mike. Ela ficou arrasada.

“Eu vou comemorar minha volta à vida e quero você comigo.”

“E quando você pretende fazer isso?” Pergunto com humor, já sabendo até a resposta.

“Amanhã é claro, e olha...” ela cochicha, para fazer drama “é noite de eletrônicos e estou sabendo que uns DJs conhecidos vão estar na 'NINE'. Nós temos que ir, Vic.”

Respiro fundo, porque eu já tinha falado que Will e Cora vão viajar e me pediram para não sair esse fim de semana. Não entendo a loucura deles. Os seguranças sempre estão comigo, mas não gosto de descumprir uma promessa.

“Clara, você sabe que amanhã e domingo, não vou poder sair.”

“Ah, deixa disso, Victoria. Você é maior de idade e sabe muito bem o que é certo e errado. Eu sei que eles se preocupem com você e eu também. Mas...” ela faz a voz manhosa, ao mesmo tempo que Cora abre a porta. “Por favorzinho. vamos. Por favor, amiga do meu coração.”

Dou risada por causa da sua gracinha e por causa de Cora, que está com a sobancelha erguida e as mãos na cintura em sua porta, me olhando.

“Vou ver isso e te ligo depois”, digo entrando no apartamento.

“Está bem, só... por favor. Não descarte *de cara*.” Ela fala pausadamente o: *descarte*.

“Sim, senhora.”

Desligo o telefone, jogando-o na minha bolsa, já pousando ela na mesa de vidro redonda que fica na sala de jantar de Cora e me virando para ela, vejo-a me encarando com o rosto sorridente.

“A que devo a honra dessa visita, mocinha? Você não me disse que viria.”

Ela vem até mim e a encontro no meio do caminho e nos abraçamos.

“Eu preciso de você, Cora” falo em seus abraços acolhedores, que *sempre* me confortam.

“O que você tem, princesa?” Ela fica preocupada.

“Estou tão confusa.”

Ela se afasta e me olha nos olhos, tentando me ler através deles. “Sobre o que?”

“Sabe aquele cara da academia? Que eu lhe contei.”

Ela abre um leve sorriso. “O seu perseguidor?”

“Não tem graça isso.”

“É, eu sei.” Diz disfarçando o sorriso. “Perdão.” Ela me tira dos braços, segurando minha mão e me leva na direção do grande sofá branco da sala de estar. “Senta aqui e converse comigo.”

Sentamos uma ao lado da outra: Cora vira um pouco o corpo na minha direção, e cruza as pernas, enquanto eu me sento sobre a minha perna esquerda, dobrada em cima do sofá e levo a perna direita para cima, depois que tiro minha sandália largando no chão e entrelaço os dedos na frente da minha perna.

“Agora, continua”, ela diz.

“Então... eu falei com ele.”

“É sério?” Pergunta ansiosa.

“U-hum, sim.”

“Qual é o nome dele?”

“Eu sei muito mais do que o nome dele.”

“O que você quer dizer com isso?” Seu rosto fica sem expressão por nanosegundos.

“Ele é o Ethan, Cora.”

Sua reação foi quase como a minha quando soube. Porém ela está mais para curiosa do que surpresa.

“Como assim?”

“Quero dizer isso mesmo. O cara da academia é o Ethan. Ethan Brown.”

“U-hum...” Acena a cabeça pensativa. “Você está me dizendo que era ele e não queria me contar antes?”

“Não” Minha voz sai na defensiva. “Claro que não.”

“Vocês não se reconheceram?” Sua expressão confusa, me faz querer rir. “O que?”

“É, isso aí. Não nos reconhecemos.” Sorrio de leve, sacudindo a cabeça.

“Entendo.” Ela levanta a sobrancelha, do modo que sempre faz quando se lembra de algo. “Bem, eu sei que vocês não eram amigos quando crianças. Mesmo com as idades — mais ou menos — próximas. Sete anos não é grande coisa. Você nunca sentiu que o conhecia ou achava ele parecido com alguém? Ele não está *tão* diferente assim.”

“Está sim.”

“Ele só se transformou em um homem, querida. Assim como você em uma mulher.”

“Eu sei.” Digo baixo. “Às vezes eu achava que o conhecia de algum lugar, mas realmente não reconheci ele. Mesmo ele estando *perto* de mim, eu nunca fiquei perto o suficiente, na verdade. Então...”

“Sim, sim!” Ela pega minhas mãos e segura firme. “Agora me explica por que você está se sentindo confusa?”

“Porque... eu estou... sei lá.” Dou de ombros. “Eu queria apenas que ele parasse de me olhar ou falasse comigo. Mas agora eu sei quem ele é e que eu não vou mais poder fugir dele apenas saindo da academia. Ele sempre vai estar em todos os lugares que eu estiver. Mais ou menos.”

Ela balança a cabeça, sem entender.

“Você sabe, Cora. Nas festas, nas reuniões da empresa e nos aniversários.” Minha voz falha no final.

“Por que você está tão nervosa com isso? Ele é apenas um homem que vai

fazer parte do seu círculo de interesses e relacionamentos.”

“Não é isso.” Me sinto cansada.

“Então é o que?” Ela suspira.

“Eu não sei como agir perto dele. Ele ainda não falou porque ficava me olhando e eu...”

“Pergunta.”

“Como assim, pergunta?”

“Você tem medo da resposta.” Sua afirmação me deixa agitada. Eu penso isso desde a primeira vez que o flagrei me olhando, mas não sei se é medo ou ansiedade.

“Mais ou menos.” Respondo, mesmo sabendo que não foi uma pergunta.

Ela aperta minhas mãos, para me dar coragem. “Abre logo o jogo. Você está a fim dele?”

Minha boca se abre em espanto. *Não acredito que ela falou isso.*

“Fale. Isso é normal, querida.”

Solto o ar, que eu nem notei que estava segurando. “Acho que sim.”

Ela abre um grande sorriso. “Ele é bonito.”

“Cora!” Exclamo fazendo cara feia para ela, mas ela continua sorrindo.

“O que? Ele é mesmo bonito e tenho certeza que também está a fim de você. Para mim essa é a única desculpa para ele ficar te olhando tanto. Afinal de contas, você é linda, meu bem.”

“Oh!” Sorrio de leve, fazendo o sonzinho *fofo* e me jogo em seus braços de modo que eu fique ainda sentada no sofá e a parte de cima do corpo, em seu colo, lhe abraçando forte e sendo retribuída.

“E se não estiver?” Falo baixo.

Sinto-a inclinar a cabeça um pouco para o lado, para poder ver meu rosto.

“Esse é o problema? Ele não querer você?”

Dou de ombros. “É e não é.” Ela levanta as sobrancelhas, me questionando. Então falo o meu medo: “Tenho medo das nossas famílias,” fujo dos seus olhos, “medo do Will. Ele vai enlouquecer, Cora. Lembra quando comecei a namorar o George? Ele parecia um maluco.”

Ela afaga de leve meus cabelos. “Ele não tem que falar nada. Você já é bem grandinha e sabe das coisas, e nós conhecemos o Ethan. Além do mais, William tem que conter seu ciúme com você. Já está na hora.”

Levantando, olho para ela muito séria. “Esse é o grande problema. E se o Ethan me machucar?” Ela franze a testa. “Quero dizer, emocionalmente, me magoar. O Will vai querer comê-lo vivo, e isso vai acabar com os laços das nossas famílias de tantos anos.”

Uma tristeza passa por seu rosto, mas logo em seguida ela puxa minhas

mãos para as delas, segurando forte.

“Não,” fala com a voz confiante. “Eu não vou permitir isso. Nada vai acontecer e também acredito e confio em Ethan. Ele sabe da importância que sua família tem para com a nossa e vice e versa. Então ele não vai fazer nada do que se arrepender depois. Ele é um homem de família. Uma família honrada e boa. Ele não pode ser diferente.”

Eu assinto veemente e relaxo um pouco, porque no fundo o que ela diz é uma verdade. Tanto eu quanto Ethan, sabemos que nossas famílias são ligadas por negócios e por afeições também. Então vou confiar no que a Cora disse. O que tiver que acontecer, não vai destruir nossas famílias.

“Eu espero que sim”, falo baixo.

“Confie e espere o tempo passar, princesa.”

“U-hum.”

Dou-lhe um abraço e vejo sua mala perto da porta, que eu não tinha reparado antes. Fico curiosa e pergunto depois que saio do seu abraço:

“Você já está indo?”

“Vou daqui a pouco.”

“Você vai viajar com o Will, não é?” Preciso tirar essa *pulga* atrás da orelha.

Ela foge dos meus olhos, olhando para todos os cantos da sua sala, para sua cozinha aberta pelo balcão, que fica à nossa direita. Então ela nega com cabeça.

“Vai sim.” Eu insisto, mas ela nega de novo e abaixa os olhos. “Por que vocês mentem pra mim?”

“Eu não estou mentindo.”

“Então por que você não fala que vai com ele? Que coisa irritante. Parem de me tratar como se eu tivesse cinco anos.” Me levanto e vou na direção da cozinha.

“Espere, Victoria.” Ela segura uma das minhas mãos, me fazendo parar. “Nós apenas não queremos te magoar.”

“Mas me magoa”, falo baixo, olhando para a foto de nós três na parede do corredor que leva aos quartos.

Ela rodeia meu corpo, para chegar à minha frente e leva sua mão para o meu queixo e o levanta com carinho para olhar para mim.

“Não magoa vocês estarem juntos e sim vocês não confiarem em mim”, murmuro.

“Desculpa, *filha*.”

Dou-lhe um sorriso fraco, por causa da forma que ela me chamou. Eu adoro quando ela me chama assim. Porque como ela é minha madrinha, e todos dizem que madrinha é como uma mãe substituta. Eu entendo e amo ouvir ela me

chamar de *filha*. Mas, mais do que isso, eu a tenho como minha segunda mãe.

“Tudo bem.”

Ela me abraça muito forte, e eu também faço o mesmo.

“Nós só não queremos que você fique com raiva da gente.” Ela diz quando me solta.

“E por que eu ficaria com raiva de vocês por estarem juntos?”

Ela sorri de lado, fracamente. “Porque você é mais importante do que isso para nós. E se você não quiser que fiquemos juntos... Vamos aceitar. Você sempre vai vir em primeiro lugar.”

Assinto, mas não compreendo. “Eu sei, Cora. Mas eu não vou ficar com raiva de vocês por isso. E até entendo. Poxa, vocês são amigos desde pequenos. É fofo. Eu fico feliz que vocês estão juntos.”

“É” Ela sorri envergonhada, mas noto que está triste também. “É mais do que isso, *filha*.”

“Você o ama?”

Ela fecha os olhos brevemente e quando os abrem, estão marejados.

“Muito.” Assente, tristemente.

Eu pego suas mãos. “Por que você quer chorar?” *Será que meu irmão não corresponde o seu amor?*

Ela solta minhas mãos, tira uma mecha de cabelo da frente do meu rosto, que caiu e aproveita para fazer um carinho no meu rosto.

“Deixa pra lá.”

“Não.” *Estou cansada de deixar para lá.*

Ela me dá as costas e leva a mão ao rosto, provavelmente para limpar alguma lágrima que escapou e olha para cima, dando uma respiração profunda.

“É uma história muito longa.” Lentamente ela se vira e volta a ficar de frente para mim, me olhando nos olhos. “Eu vou,” ela limpa a garganta. “Nós vamos te contar, mas não hoje e não agora. Tudo bem?”

“Eu posso aceitar isso. No entanto, vocês precisam me contar. Estou cansada de ser tratada por vocês — mais pelo Will — como uma criança que não entende nada.”

“Tudo bem.” Ela fica desconfortável e vai até a cozinha, pega uma garrafa de suco na geladeira, se serve e olha para mim, me oferecendo. “Quer?”

Eu nego com a cabeça.

“Tudo bem”, diz e bebe o suco com os olhos baixos.

“Cora”, falo do meu jeito mais manso possível, “você vai viajar com o Will para onde?”

Sem olhar para mim ela responde: “Nós vamos para Chicago resolver um problema com uma firma que nós fazemos publicidade.”

Não entendendo porque guardaram segredo da viagem se era para trabalho. Eu sei que às vezes eles viajam juntos por causa do trabalho. Cora há um ano, também faz parte da nossa empresa, no setor de propaganda, que é o setor que eu quero trabalhar.

Ela ajuda a encontrar novos projetos que precisam alcançar a mídia e renova contratos com os que já fazem parte do nosso círculo de propaganda junto com Will quando é preciso. Ela fez publicidade no mesmo ano e na mesma faculdade que meu irmão, há cerca de dezessete anos. Trabalhou para várias empresas desde então, mas ano passado meu pai insistiu que ela trabalhasse na *Colton & Brown*.

“Por que você não me disse que seria sobre trabalho?”

“Nem me veio essa ideia.” Ela assente vagarosamente com culpa.

“Está bem.” Respiro fundo. “Eu já estou indo, assim você pode ligar para o Will e pedir para ele vir te buscar. Então ele não me vê aqui.”

Viro para ir pegar minha bolsa, mas logo em seguida sinto seus braços me apertarem.

“Eu te amo, viu.” Sem mesmo me virar sei que ela está chorando. “Nós te amamos.”

“Eu sei que sim”, me viro e limpo suas lágrimas e dou lhe um beijo no rosto “e eu amo vocês também.”

“Você é muito importante para mim. Muito mesmo.”

Mais lágrimas caem e sinto minhas próprias lágrimas arderem em meus olhos, mas respiro fundo para não deixar cair. *Uma chorona já basta.*

“Okay. Agora pare de chorar.” Falo com a voz embargada.

Ela engole em seco. “Não fica com raiva de mim.” Ela soluça como uma criança. *Eu não entendo.* “Sou só uma *estranha*, mas não sei ficar sem você. Então... Por favor.” Então me abraça.

“Ei, para. Eu não estou com raiva de você e você não é uma estranha para mim. Faz parte da minha família.”

Ela assente suavemente e se afasta, passa as mãos no rosto para limpá-los, novamente. “Estou sendo boba.” Sorri *amarelo*. “Vou tomar um banho bem rápido e enquanto isso você me espera aqui. Por favor? Quero lhe dar um abraço antes de subir.” Ela se refere a cobertura de Will.

“Vou esperar.”

Ela me dá uma última olhada e vai para sua suíte, tomar banho.

Volto para a cozinha, me sirvo um pouco de suco, que ainda está fora da geladeira e me sento em uma das banquetas do balcão, pensando na reação de Cora.

Eu sei muito bem como ela é louca por mim. Sei que ela me tem como uma

filha e eu a tenho como uma mãe. Mas não entendi ela ter ficado tão nervosa e emocionada com a menção do seu relacionamento com Will.

Desconfiava do relacionamento deles ser mais do que amizade há muito tempo. Na verdade, eu acho que eles se gostam, — melhor se amam — já tem um longo tempo, acredito até que desde sempre. Então não entendo porque eles guardam essa relação a sete chaves, se é perceptivo para os olhos de todos. *Pelo amor de Deus*. Eles fazem tudo juntos, começando pela faculdade, são meus padrinhos juntos, vivem no mesmo prédio — não sei por que, não no mesmo apartamento — trabalham juntos, vão a eventos juntos e nas festas sempre estão sentados um ao lado do outro e nunca namoraram ninguém, ou ao menos tiveram um *affair*.

Se eles não tivessem nada, eu iria achar que: ou eles estavam malucos ou eu. Eu os amo tanto que saber que eles se amam e estão juntos me deixa extremamente extasiada. Eu realmente desejo tudo de bom para ambos.



QUARENTA MINUTOS DEPOIS, Cora volta vestindo uma calça social preta, de cintura alta, uma blusa social branca com mangas três quartos e com um scarpin simples, preto. Os cabelos loiros claros estão soltos e penteados de lado, lisos e brilhantes, combinando com uma leve maquiagem. Ela está deslumbrante e conhecendo meu irmão como eu conheço, que tem bom gosto para tudo, sei que ele vai ficar louco com Cora vestida deste jeito.

“Você já vestiu isso na empresa?” Pergunto curiosa e brincalhona.

Ela me olha confusa. “Já sim. Por quê?”

Abro um sorriso cúmplice. “O que o Will achou?”

Ela fica vermelha e muda de assunto.

“O que a Clara estava falando com você? Quando você estava chegando?”

O assunto de um milhão de dólares vem como um tiro no meu humor.

“Ela estava me dizendo que seu castigo acabou.”

“Só isso? Você parecia apreensiva não animada com a notícia.” Diz mexendo em sua bolsa de viagem.

Às vezes odeio que ela me conheça tão bem.

“Não.” Tento não puxar o assunto da comemoração à tona. “Ela não precisa mais trabalhar para o Mike. Está *super* feliz.”

Cora me olha desconfiada. “E ela vai comemorar neste fim de semana e quer que você vá. Não é?”

“U-hum.” Murmuro.

“Você quer ir?” Ela pergunta me olhando.

“O que você acha?” Resmungo no final.

Cora anda em direção a sua bolsa — de sair — que está em cima do aparador da sala de jantar e me entrega um embrulho. “Toma. Mas não conte a Will e me prometa que vai se cuidar. Qualquer coisa que acontecer ou você sentir de diferente, chame Ken, ele vai com você. É claro.”

Kennedy — ou Ken, prefiro assim — Jones é o meu segurança pessoal ou carrapato. Vai a alguns lugares comigo para me proteger, mas nos últimos tempos está me seguindo e todos acham que eu não percebo. Eu senti ele me seguindo até aqui hoje, por sinal. Nunca estou sozinha.

“Você tem certeza?”

“Não.” Ela respira fundo. “Só que eu vou confiar em você. Que vai me prometer fazer de tudo para que Ryan, Elizabeth, Will e eu vivermos mais uns quarenta anos.”

Eu caio na gargalhada.

“Não tem graça, mocinha. Já vou sofrer bastante ouvindo Will por estar dando essa ideia.”

“Que ideia?”

“Abre o embrulho.” Ela ordena gentilmente, revirando os olhos.

E assim que eu abro, começo a rir.

“*Spray de pimenta?*” Estou rindo tanto, que minha barriga dói.

“Não ria, viu. Isso pode te ajudar. Deus queira que não precise.” Ela solta um ar dramaticamente. “Lembre-se: Não beba nada vindo das mãos de um estranho — ”

“E de um conhecido?” Falo em cima dela.

“Depende. Quem?”

“Clara, Thiphanny, Becca, Derek, Andrew.”

“Okay, okay. Certo, deles pode. Porém, se certifique que foram eles que pegaram as bebidas.”

“Pode deixar.” Nossa, a preocupação estampada no seu rosto a deixa encantadora. “Fica tranquila, Cora. Vou me comportar e vou pedir para Ken ficar dentro da boate. Bem pertinho de mim.” Ela levanta a sobrancelha. “Está bem. Não tão perto, mas de uma distância que ele vai poder me ajudar, se qualquer coisa acontecer.”

Ela assente e vem me abraçar.

“Eu confio em você.” Beija meu rosto e sorri. “Ai meu Deus. William vai me matar.” Ela faz um biquinho fofo no final, e eu caio na gargalhada e ela ri também.



DEPOIS QUE AJUDO CORA A APAGAR TODAS AS LUZES e a lembro de pegar todas as suas coisas. Nós fechamos a porta, caminhamos até os elevadores e cada uma chama um elevador para si: Eu para descer e ela para subir.

“Seja boazinha e me ligue a qualquer momento.” Ela diz segurando firme minhas mãos.

“Sério? A qualquer hora?” Brinco.

Ela leva a mão na cabeça, ficando vermelha.

“Oh Deus. Para de fazer insinuações minhas e de Will, Victoria. Me respeite, menina.”

“Desculpa, é inevitável.”

Nós duas caímos na gargalhada de novo. Ela segura meus ombros e me faz um carinho.

“Você é adorável, minha princesa.”

Eu a abraço. “Te amo e faça boa viagem”, a solto “e não se preocupe comigo, e quando o Will descobrir que eu estou em uma festa. Por favor, tente acalmá-lo, por mim.” Faço cara de filhotinho.

“Essa carinha é um *bosta*. Will faz a mesma coisa”, diz sorrindo.

“Eu sei que ele faz.”

“Okay. Eu vou tentar acalmá-lo. Prometo.”

O elevador dela chega. Ao entrar, ela digita a senha para a cobertura e me dá um beijo rápido no rosto.

“Eu te amo, viu. Nunca se esqueça disso. Tudo é sobre você.” O elevador se fecha, e ela some.

Meu elevador apita e eu entro também, com um pensamento que leva um sorriso feliz se abrir em meu rosto e permanecer por alguns minutos: *Cora e Will são meus enigmas prediletos do mundo todo.*



“ENTÃO VOCÊ VAI MESMO?” Pergunta Clara animada.

“Vou.”

Ela pula e ri na minha frente como uma louca.

Depois que saí de Cora, decidi dar a boa notícia para Clara pessoalmente. Estou sentada nos degraus da frente da casa dela, olhando-a chamar atenção de todos os vizinhos e das pessoas que passam pela rua que fica três ruas da minha.

“Eu amo a Cora. Meu Deus, eu sempre amei aquela mulher.” Ela diz voltando a se sentar ao meu lado. Viro meu corpo para poder olhar para ela.

“Eu também a amo.”

“E agora? Você está contente que ela e Will finalmente resolveram falar para você que estão juntos?”

Para que eu fui contar para essa matraca?

“*Cala a boca*, Clara. Will não sabe que eu descobri e mesmo assim, eu espero que eles falem para a família toda eles mesmo.”

“Como se ninguém soubesse, mas está tudo bem.” Minha amiga esnoba. “Eu quero saber se você ficou feliz?” Ela me olha intensamente. “Você está feliz, certo?”

“Ah, caramba. É claro que sim.” Abro um grande sorriso.

“Ah, bem. Porque eu mesma estou explodindo de felicidade. Caramba!” Ela solta um gritinho “Imagina se eles se casarem e tiverem um bebê?” Ela deita de costas no chão. Clara, adora fazer drama. “Nossa, o bebê vai ser *sobrenaturalmente encantador*.”

“Sobrenaturalmente o que? Sério?” Digo rindo.

“Eu quis dizer: Lindo, perfeito e encantador.”

Me deito do seu lado, rindo.

Ela vira o rosto e me olha intrigada. “Você não vai ficar com ciúmes, não é?”

“É claro que não. Porque eu ficaria?”

“Porque eles foram como seus pais, Vic. Na verdade, são como seus pais.”

“Nada a ver.”

“Tudo a ver. Eles ajudaram a te criar, te tratam como uma filha até hoje. E eles praticamente vivem para você junto com seus pais. Tenho certeza que se você ligasse agora para um deles dois, dizendo que precisa de ajuda. Eles fariam o avião dar meia volta na porra do céu, apenas para cuidar da *princesa* deles.”

Sento de novo e olho a rua, um carro vermelho vivo acabou de passar e fito-o pensando nas palavras de Clara. Ela senta também e se inclina para frente, me olhando concentrada.

“Você sabe que é verdade”, murmura.

“Eu sei.”

“Vic?”

Olho para ela.

“Eu tenho certeza que eles sempre vão te amar do mesmo jeito. Casados ou não, juntos ou não, e com seus próprios filhos ou não.”

Assinto e desvio o olhar. Clara coloca a mão por cima da minha.

“Talvez sim”, digo triste. E eu não sei por que, isso me deixou incomodada.

“Eu tenho certeza que sim. Eles são loucos por você. Não duvide disso.”

“Eu não duvido.”

Clara assente abrindo um sorriso maroto e muito grande, que me assunta.

“O que foi agora? Porque esse sorriso do gato da *Alice no País das Maravilhas*?”

“Eu só quero saber sobre o Ethan”, diz o gato da Alice. *Maldita!*

“O quê?”

Ela me olha feio. “O que uma ova. Quando você vai falar com ele de novo?”

“Sobre?”

Ela se levanta, enfurecida. “Sobre ele te assediar. Sobre ele ser aquele pedaço de homem.”

Não me controlo e rio alto e ela continua:

“Sobre tipo: Se ele quer ficar com você ou não? Porque ele era o senhor *mudinho*? Tenho uma lista lá em cima no meu quarto. Quer que eu pegue?”

“Não.” Me levanto e caminho para a calçada de frente da casa.

“Você está indo embora?”

Eu paro. “Não estou pronta para falar com ele ainda e nem sobre isso.”

Ela chega ao meu lado, me fitando séria. “Por que não?”

“Não sei o que fazer.”

“Descobre.”

“Nossa. Que ideia genial, *Einstein*.”

“Victoria!” Ela exclama para chamar minha atenção. “Se você não tentar, nunca vai descobrir.”

“Eu sei. Mas tipo,” faço uma careta “e se ele me olhava porque me achava feia? Ou estranha?”.

Ela faz um bico e revira os olhos.

“Ah! Para, Clara. Você sabe que tem pessoas que me acham tagarela demais.”

“Por Deus. Você é tagarela demais”, ela fala alto, “mas ele não pode te acusar disso. Afinal de contas, você nem falava com ele antes de terça-feira.”.

“*Okay, mas as pessoas me acusam de... de...*”

“De que?”

“De...” continuo.

“De.Porra.Nem.Uma. Você é incrível e está querendo arrumar pretexto, isso sim. E desde quando você é feia ou estranha?”

“Então por que ele me olhava?”

“*Caralho*”, ela exclama um pouco alto demais e eu passo os olhos rapidamente pela rua, para ver se ninguém ouviu, e olhando para ela de novo vejo ela fazer uma cara de louca. “Porque ele está a fim de você e te acha gostoso.”

“Então porque na minha casa me pareceu que não era isso.”

Ela deixa a cabeça cair por lado, resignada. “Putá que pariu! Victoria Rose Wayne Colton. Você queria que ele te falasse de boa, na casa dos seus pais que queria sair com você e sabe lá, até te comer.”

“Claro que não”, falo com a voz baixa.

Ela continua: “E tem também a parte que ele descobriu que você era aquela chatinha da infância dele, que ele nem dava a mínima. Meu Deus, garota. Nem o mais canalha dos homens faria isso.”

“Talvez você tenha razão.”

“Eu tenho razão. Sempre tenho.” Ela faz um movimento exagerado com os cabelos. “E tem outra, *coração*. Ele deve estar preocupado com a carga que vem junto com a loira gostosa que ele está a fim. Porque se ele ficar com você, ele terá que andar no *sapatinho* para não apanhar do seu pai, do pai dele e talvez do irmão e com toda a certeza do planeta Terra,” ela faz um grande círculo com o indicador acima da sua cabeça, no ar “do seu irmão” e aponta o dedo para mim.

Legal, eu já estava com isso na cabeça e mesmo com as palavras de coragem de Cora, o que Clara acaba de dizer me atinge em *cheio*.

“Obrigada. Agora estou mais tranquila.”

Ela balança a cabeça e segura meus ombros. “Presta atenção, na amiga aqui.”

“Estou.”

“Ele estava te olhando há...”

“Há uns três meses mais ou menos.” Completo.

“Certo. Há três meses e eu realmente não tenho como saber o porquê de ele ficar só te olhando sem falar nada, mas que seja. Se era falta de coragem de como chegar em você, com certeza é porque você mexe com ele de uma forma diferente.” Assinto, concordando com ela. “Por que você acha mesmo, que um homem daqueles: lindo, gostoso e sexy, não ganha qualquer mulher apenas no olhar?”

“Provavelmente.” Balbucio.

“Com toda certeza, minha amiga. Então me escuta.” Ela fixa os olhos nos meus, muito certa do que está falando. “Ele agora conseguiu o que queria. A primeira oportunidade de se comunicar com a sua donzela.” Nós duas gargalhamos. “Agora, eu acredito, que ele irá ser homem o suficiente para chegar em você e falar o que pretende” ela fala pausadamente, com um sorriso safado e mexendo as sobrancelhas.

“Você não presta Clara Welling.”

“Eu só estou certa, minha amiga. E espero muito que você seja esperta também e agarre aquele homem.”

“E se o que você falou não for a realidade dos fatos?”
“Mas é!”
“E se não for?”
“Se não for, você agarra ele mesmo assim.”
Eu não a mereço.
“Jesus! Eu só não agarro porque ele já é seu.”
“Para com isso de que ele é meu.”
“Ele pode não ser teu ainda, *fofa*, mas eu não tenho dúvida de que isso não vai durar por muito mais tempo.”
“Tudo bem. Agora eu realmente tenho que ir.”
“Está bem e não esquece o que eu falei. Se você o ver novamente. Agarra.”
Solto uma gargalhada, caminho para o meu carro, entro e o ligo.
“Amanhã nós duas vamos dançar e ver se você relaxa um pouco. Você anda muito pensativa e chata” ela diz apoiada na minha janela do carro, me olhando, maliciosamente.
“Eu pensativa? Rá!” Debocho.
“Ah, é! Esqueci, na verdade, você está *mais* pensativa.”
“Você é uma doida.”
“Mas isso nós já sabíamos, minha amiga.”
Sorrio e passo a marcha do carro. Ela se afasta e nós duas damos até logo, quando arranco com o carro.



NO CAMINHO PARA CASA, vou rapidinho no Café que eu adoro e compro um chá para acalmar meus nervos. Essa história toda de festa da Clara, namoro de Cora e Will, e Ethan. Realmente me deixou com os nervos atrapalhados.

Após passar duas ruas, quase chegando em casa, meu chá termina e jogo o copo de papelão no lixinho que tem dentro do meu carro. Aproveito para pegar meu *pen-drive* no porta luvas, para ouvir música, que é minha outra forma de relaxar. Ergo-me novamente, para plugar o *pen-drive* na entrada *usb* do rádio do carro e tomo um susto com o pedestre que está correndo na rua. Mais especificamente passando na frente do meu carro em movimento e... *Paft!*

Tudo acontece rápido demais. Eu o vi, pisei no freio, para não lhe acertar, mas mesmo freando, ele desaparece na minha frente, porque... *caiu* no chão.

Ai meu Deus. Será que o matei?

Saio do carro apressada, ando em direção ao homem que está ajoelhado com as mãos no asfalto. Preciso ver como ele está. Observo-o fazer um movimento para o seu peito e barriga. Deve estar se verificando ou apenas se

limpando da sujeira do asfalto. Logo ele se levanta com uma certa dificuldade.

Merda, merda, merda. Eu não acredito nisso.

“Oh céus!” Arfo desesperada, com medo de ter machucado muito ele. “Me perdoe. Me perdoe. Eu estava distraída”, falo para as costas do homem, e o vejo girar o corpo, ficando de frente para mim lentamente.

Por Deus! O homem está apenas com um curto short de corrida azul caneta e seu tênis branco com as meias na altura das panturrilhas. E quando fica totalmente de frente para mim. Não posso acreditar. Eu sinceramente acho que o universo está de brincadeira comigo. Isso só pode ser brincadeira.

“Ethan?”

Ele nota que tem alguém na sua frente agora, quando digo o seu nome. Ethan parece estar um pouco desorientado. Deve ser por causa da pancada. *Com certeza é por causa da pancada.*

“Oi?” Ele me responde colocando a mão na nuca, parecendo zozinho.

E eu agradeço-o mentalmente, porque quem fica zozinho agora também sou eu. Meus olhos seguem o movimento da sua mão subindo até a nuca, fazendo seus bíceps, tríceps, ombros e abdômen — todos perfeitamente esculpidos e definidos — flexionarem e retesar os músculos, me deixando de boca aberta.

Minha mão parece sem controle querendo tocar seu torso esculpido. *Se controle Victoria.* Controlo minha boca, que por pouco não a abro de verdade deixando a baba escorrer. Porém eu não posso me ajudar em tudo. Estou tendo uma exposição de beleza, na minha frente, ao vivo e a cores, até mesmo com cheiro.

Respiro fundo e me concentro. Pisco os olhos e me preocupo com o bem-estar dele. Preciso saber como ele se sente, *não sei*. Talvez o leve para o hospital.

“Você está bem?” Indago baixinho.

Ele esfrega as mãos nos olhos e levanta os olhos para o meu rosto, focando-se em mim e empalidece.

“Você?” Ele pergunta e sinto que está surpreso.

Ah! Eu também estou.

Assinto sem graça. “Desculpe. Eu-eu eu sinto muito.” *Céus.* Estou gaguejando. Não acredito.

“Está tudo bem.” Diz ainda perdido, mas não sei se é porque ele foi atropelado ou porque quem o atropelou foi *eu*. Na verdade, nem sei o que pensar.

“Não, não está tudo bem”, falo nervosa. “Eu atrolei você.”

“Não foi um grande estrago, viu. Não é para tanto.” Diz ele e eu sei que está mentindo. “Eu nem estou sangrando.”

Ah meu Deus. Isso me faz sentir pior ainda. *Oh céus.*

“E se eu tivesse te acertado com força?” Coloco as mãos na cabeça “E você

morresse? Sua família ia me odiar. Lauren, Aaron, Anton... Oh meu Deus, a Hannah.”

Estou me desesperando no grau: beirando a loucura. Me sinto fraca e enjoada. Então sinto Ethan colocar as mãos no meu ombro e olhar nos meus olhos.

“Primeiro; aqui é uma rua residencial, ninguém pode passar de 40 km por hora”, ele explica com um sorriso tranquilo na face e eu assinto, porque ele está certo, no entanto. “Segundo; eu estava distraído também, não *tanto* porque quando vi seu carro desviei o quanto pude.”

“Não tanto.” Balbucio e olho para seu peito. *Que péssima ideia.* “Você caiu no chão.” Aponto com a mão para o meio da rua.

“Devo estar ralado, mas prometo que não estou sentindo nada. Foi apenas um susto.”

Eu balanço a cabeça, mas não estou conseguindo me concentrar em ficar calma. Não consigo acalmar meus nervos de jeito nenhum. Eu podia ter matado alguém. Eu podia ter matado o Ethan. *Logo ele.*

Ele parece sentir minha resistência por não querer aliviar minha culpa e aperta suas mãos em meus ombros. Eu volto a olhar para o seu rosto, que está muito sério agora.

“Você está bem?” Pergunta preocupado.

Oh, que fofo. Ele está preocupado comigo quando foi eu que o atrolei. Eu não deveria gostar disso, mas gosto e acabo negando com a cabeça. Porque não. Eu não estou mesmo me sentindo nada bem. *Principalmente com você sem camisa na minha frente, suado, com esses músculos todos e sexy* — penso fitando seu rosto, me concentrando nos seus olhos. Então ele olha para lado e me puxa.

“Se encoste um pouco aqui” diz quando chegamos perto de uma árvore. “O sol não está forte, mas pode te deixar mais instável.”

Aceito sua sugestão, só que ao invés de só me encostar, deslizo pelo tronco da árvore e me sento no chão, antes subo um pouco meu vestido, que vai até minha canela e abraço minhas pernas. Quando volto meus olhos para ele, que está de pé na minha frente, vejo-o sorrindo e franzo a testa para ele.

Eu juro que não consigo ver a graça em atropelar alguém. Por que ele está rindo?

Devo estar com a cara fechada, porque seu sorriso morre e ele se agacha na minha frente, apoiando os cotovelos entre as coxas e o joelho, e seus olhos azuis fitam o meu rosto.

Maldição. Essa não é uma posição muito legal, Ethan. Estou vendo quase tudo. Pelo o amor de Deus.

“Você está melhor agora?”, ele pergunta.

Rá! Rá! Rá! Tenho que rir. Não, não estou melhor. Na verdade, acho que até estou piorando com suas pernas abertas na minha frente e seus músculos rígidos e o volume no meio das suas pernas. Que definitivamente não consigo não notar.

“Sim” balbucio minha mentira.

Ele ergue a sobrancelha direita, desconfiado. “Tem certeza?” Pergunta de novo e eu assinto. Ele continua me olhando e abre um breve sorriso. “Posso me sentar do seu lado?”

“Pode, não sou dona da árvore.”

Ele solta uma gargalhada com minha resposta e se sentando um pouco a minha frente, do lado direito perto das minhas pernas, se vira para mim.

“Você é esquentadinha.” Fala brincalhão.

“Às vezes”, resmungo.

Ele ri de novo e aperta os olhos para mim. “E o que eu fiz *agora* para te deixar assim?”

Olho feio para ele. *Eu tenho uma lista de 'porquês'.*

Número 1: Porque você está sem camisa.

Número 2: Porque você está achando graça eu te atropelar.

Número 3: Porque você me irrita com essa mania de ficar me olhando desse jeito intenso.

Número 4: Porque eu sinto coisas que eu não sei o que são, quando você está perto de mim.

Número 5: *De novo, porque você está sem camisa.*

E dentre todas as opções, escolho a que me parece menos idiota ou que não me faça passar mais vergonha.

“Porque você está achando graça eu ter te atropelado?”

Ele fica envergonhado e os ombros caem. “Eu apenas acho que você está exagerando, sabe?! Eu estou bem.” Assente, com certeza. “Juro.”

Respiro fundo e olho para cima. Olho os troncos que sustentam as lindas folhas e frutos da árvore. *Acho que é uma macieira.*

“Tudo bem, eu concordo” murmuro um pouco distraída e sinto a preocupação me abandonar. “Talvez eu tenha exagerado mesmo.”

Talvez eu esteja me sentindo estranha *agora*, não só porque eu atropelei alguém, mas porque eu estou com os nervos e emoções em frangalhos em ter encontrado Ethan assim, tão de repente e catastroficamente.

Isto é o ponto alto que faltava para sugar o pouco de energia que me restava para sobreviver o resto do dia.

“Você parece cansada.” Sua voz soa genuína e preocupada, que invade

meus pensamentos.

Fecho os olhos, respirando fundo de novo. “Eu estou mesmo” murmuro.

“Por quê?”

Abro os olhos e em um movimento rápido, abaixo a cabeça, deixando minhas vistas turvas e tenho que piscar os olhos. Pisco meus olhos e fito o rosto dele. Que mostra interesse sincero.

“Muitas coisas.” Respondo-o e aperto um punho de grama da calçada.

“Não quer conversar?”

Sorrio com carinho para ele, suspirando.

Ele é a última pessoa que eu poderia conversar sobre as coisas que estão passando na minha cabeça. Afinal de contas, uma delas é sobre ele mesmo. Ele é meu foco principal.

“Não”, respondo de novo.

Ele fica sem jeito e foge os olhos dos meus, me fazendo sentir vergonha e rude com ele.

“Desculpe, Ethan. Não é que eu não queira falar com você... é que — ”

“É que eu sou um estranho para você”, ele completa.

“Não, não é isso.” Sorrio sem graça. “É que... Sabe quando você quer de algum jeito... esquecer seus problemas.” Murmuro e dou de ombros.

Ele assente. “Entendo bem isso.”

“E eu disse que queria tentar começar uma amizade com você.”

“Eu sei.” Diz com a voz rouca “Então... você não quer compartilhar nem mesmo um desses problemas comigo? Talvez eu possa ajudar.” Ele pisca o olho e eu dou uma risada.

Fito seus olhos, me concentro no fundo deles e me perco no azul turquesa deles, mas não é a beleza dos seus olhos que faz meu coração acelerar. É alguma coisa que eles passam para mim. Algo intenso e forte.

Piscando os olhos, balanço a cabeça para despertar e o falo:

“Obrigada, mas não, não hoje.”

“Está tudo bem.” Ele se movimenta, ficando com um dos joelhos no chão e bate as mãos umas nas outras, para limpá-las um pouco da grama. “Então, já vou indo”, fala de costas para mim.

“Quer uma carona?” Ofereço e ele se vira.

Por algum motivo não quero que ele vá. Eu gostei de ficar perto dele, mesmo que antes ele me deixasse louca por ficar me olhando sem falar comigo, agora eu quero ficar perto dele. Quero que ele *olhe* e fale comigo.

Ethan sorri de lado — estou começando a gravar esse seu sorriso.

“Não, eu vou voltar a fazer minha corrida e chegar em casa rápido. Está tudo certo, é logo ali mesmo” diz apontando para direita.

“Mas você não está com dor em lugar nenhum?”

Seus olhos ganham um brilho estranho, mas logo some, e ele abre um leve sorriso parecendo pensar em alguma coisa.

“Não.” Ele olha seu corpo e eu faço o mesmo.

Minhas mãos estão quase ganhando da minha consciência para tocá-lo. Quero passar as mãos em seu peito. No torso esculpido e nos seus ombros. Suspiro alto e ele sobe os olhos me pegando em flagrante olhando para o seu corpo e solta um sorriso convencido. Com certeza ele sabe o que passou na minha cabeça.

“Quer olhar minhas costas?” Pergunta e eu assinto hipnotizada.

Ele se senta de novo e vira as costas para mim, me dando a visão perfeita do seu corpo por trás.

Uau! Ele é realmente todo definido. Seus ombros largos vistos de trás parecem maiores e suas costas são envolvidas por músculos sobressalentes, mas não muito rudes apenas delineados. *Que lindo.*

Porém, o que mais me chama atenção, além da sua beleza física, são os dois lanhados posicionados nas asas de suas costas. Os ralados estão vermelhos e horríveis. Tenho certeza que se ele correr agora e suar, vai arder muito.

“Então. Tudo certo?” Ele indaga sobre os ombros.

“Ethan.”

“O que foi?”

“Você não pode correr agora.” Falo calmamente.

“Por que não?”

“Porque se você correr, vai suar e vai arder. Suas costas estão raladas do asfalto. Você está machucado.”

“Jura. Eu não sinto nada. Onde?”

Eu coloco minha mão direita perto do ralado, do lado direito para mostrar onde está. “Aqui”, murmuro. Ele resmunga, “e aqui” coloco do lado esquerdo, e ele puxa o corpo para a frente, fugindo do meu toque, mas continuo “e um pouco aqui”, falo colocando minha mão na altura da sua lombar.

Ele solta um ruído. Um resmungo ou reclamação pareceu *mais um gemido.*

“Porra” Ele xinga baixinho para si mesmo.

“Você tem que pedir para alguém ver isso, ou ir ao médico. Eu posso te levar.”

“Vou falar com minha mãe. Ela ainda está *aqui.*” Sua voz sai estranha.

“Eu podia ver para você. Afinal fui eu que o atrolei e nada mais justo eu te levar em casa.”

“Não precisa.” Em um movimento rápido, elegante e atlético, Ethan fica de pé e se vira para mim. “Eu devo ir agora. Alguém em casa resolve isso. Não se

preocupe.” Ele parece apressado, um pouco desesperado, eu acho.

“Tudo bem” digo e dou de ombros olhando-o.

Ele estende as mãos para mim. “Pegue, para eu te ajudar a levantar.”

Eu aceito e levanto as mãos. Ele as segura com firmeza e com um puxão rápido me leva para cima, me colocando de pé.

Só que eu devo ter esquecido a aula de física, que a força e gravidade são resultados da atração entre as massas de dois corpos. Que resulta, que um movimento leva ao outro e no meu caso: ele me puxa para ele, onde eu deveria ter me mantido firme para não ter sido lançada em seus braços com toda força e por lei da força gravitacional, cambaleio para trás devido ao choque dos nossos corpos. Resultado: Ele me puxa para ele de novo, me fazendo chocar com seu corpo e freando minha ida, espalmo minhas mãos em seu peito nu.

Ah caramba.

Depois que eu consigo me sustentar, solto uma respiração acelerada e profunda.

“Calma. Te peguei.” Ele fala com a voz acelerada também.

Levanto o rosto e fixo meus olhos nos dele. Trocamos olhares e nossas respirações tentam voltar ao normal. Ethan morde o lábio inferior com força, me olhando profundamente nos olhos, e eu estou com a boca aberta, deixando escapar lufadas de ar. Então ele desce os olhos para meus lábios e eu olho para sua boca também.

Sinto seu cheiro almiscarado e natural — que está forte por causa do suor — misturado ao perfume forte masculino da sua colônia e do seu sabonete de ervas. Mesmo suado ele é muito cheiroso.

Ethan inclina o rosto para o meu soltando os lábios, que estão avermelhados onde ele mordia. Eu acompanhando seu movimento e começo a ficar na ponta dos pés. *Ele é muito alto.*

A única coisa agora que passa pela minha cabeça, é que nós vamos nos beijar e eu nunca quis tanto uma coisa quanto eu quero beijá-lo. Quanto eu quero que ele me beije.

Nossos narizes se encostam. Sinto uma de suas mãos deslizando do meu ombro até minha cintura, me apertando e a outra mão, sobe para minha nuca e chegando à boca cada vez mais próxima da minha. Fecho meus olhos com a última visão do seu rosto na minha frente com os olhos cerrados, me preparo para sentir seus lábios encostarem aos meus. Meu coração parece pequeno dentro de mim e sinto-me quente. Estou me entregando ao frenesi que está passando pelo meu corpo. Não penso em mais nada.

Eu nunca senti isso antes.

Ele está prestes a me beijar.

Sinto-me flutuar.

Quando seus lábios estão colados aos meus, passando levemente de um lado para o outro como um carinho, sinto seu hálito de hortelã dentro da minha boca e sua barba arranhar meu queixo. Ethan aperta de leve as mãos no meu corpo e eu levo minhas mãos para seu rosto, sentindo sua barba na palma das minhas mãos e meu coração tamborilando dentro do meu peito.

De repente escutamos uma buzina seguida de um grito:

“Ei! Tire essa merda de carro do meio da rua agora.”

Como um balde de água fria, volto a ficar com os pés no chão outra vez, lentamente me soltando dos braços de Ethan. Ele deixa os braços caírem para o lado do seu corpo. Tudo muito caótico e desajeitado. Viro meu rosto para a voz que gritou conosco e vejo um homem. Ele está fora de seu carro, que está atrás do meu no meio da rua fazendo um pequeno escândalo.

Virando meu corpo todo, para ficar de frente para o homem, cruzo os braços, fitando-o com raiva. *Porque não passou do outro lado?* A rua é grande.

“Ela já vai tirar a porra do carro daí, seu babaca”, Ethan exclama. “E a rua é enorme.”

“É, mas o outro lado é contramão. Então vai se foder” replica o homem chato.

Ethan dá um passo para a frente, mas eu o detenho segurando sua mão com força. “Deixa para lá, Ethan.” Ele para e se vira para mim. “Eu já estava indo e você também.” Dou de ombros.

Seu olhar frustrado, se transforma em mágoa e eu sinto uma coisa apertar em meu peito. Ele entrelaça os dedos em uma das minhas mãos e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha com a outra.

“Você não precisa ir.” Murmura olhando meus olhos.

Engulo em seco. “Não tem problema”, murmuro igualmente com a voz triste e seus olhos demonstram tanto sentimento.

Ele dá um apertão em minha mão, me pedindo silenciosamente para ficar. Chega o rosto perto do meu de novo, muito perto.

“Vai demorar muito aí, esse namoro?” O homem *irritante* grita e buzina de novo.

Depois de soltar um som parecido como um rosnado, Ethan encosta a testa na minha e fala baixinho, “Vá”.

Deixando um beijo em seu rosto, me solto dele e caminho apressada para dentro do meu carro, mas antes paro e dou um olhar feio para o homem sem educação que está batendo os pés no chão agora. Mal ele sabe que meus seguranças me seguem. Se ele ousar fazer algo, morre.

“Amanhã você vê ele, boneca” diz ele sorrindo com sarcasmo.

Eu aperto meus olhos para ele, mostrando minha raiva. “O senhor é muito sem educação.”

“Obrigado.” Ele sorri e pisca o olho.

“Babaca.”

Entro no meu carro, fecho a porta com raiva e passo a marcha. Acelero com o carro e quando olho para Ethan, vejo-o ainda no mesmo lugar que o deixei. Está de cabeça baixa, com as mãos enterradas nos cabelos, parece furioso. Ele se vira, se aproxima da árvore e acerta com força o tronco, dando um soco nela.

Suspiro, enquanto dirijo meu carro e virando a esquina, ainda com os olhos nele. Me sinto derrotada e nem sei por quê. Não entendo. *Era só um beijo*. No entanto, uma coisa tenho certeza. Vou sonhar com tudo. Com o nosso *quase* beijo.

Seis

Ethan

SEXTA-FEIRA, 09 DE OUTUBRO DE 2013.



CHEGO EM CASA, FEITO UM RAIO, depois de correr as duas ruas para chegar. Cheio de raiva e espumando pela boca, literalmente, bato o portãozinho de acesso ao jardim, com raiva. Corro para o chuveiro da piscina. Preciso refrescar minha cabeça.

Entro de roupa e tudo debaixo do jato d'água. Levo um bom tempo debaixo da merda do chuveiro, deixando a água gelada resfriar meu corpo. O choque térmico é de longe a tentativa de acalmar meus nervos. Não só minha cabeça, mas como a porra do meu pau — que quase me ferrou quando fiquei excitado com a mão de Victoria em mim. Precisamente na minha lombar. Sua mão estava um pouco quente e foi incrível sentir em meu corpo. Eu tive que fugir. Senão eu ia virar para ela e agarrá-la.

Eu deveria ter feito mesmo isso. Deveria ter tomado ela em minhas mãos e a beijado com todo meu desejo. Victoria está me levando à loucura.

“Merda”, resmungo e dou um soco na parede. “Caralho.” Xingo de novo porque foi com a mão que soquei a árvore.

Nossa! Estou ficando decadente. Estou explodindo de raiva. De mim por não ser homem suficiente quando a vi pela primeira vez. Hoje mais ainda. Eu não apenas cheguei mais perto, como praticamente a beijei. E claro, estou furioso com aquele motorista filho de uma puta, que destruiu minha primeira chance — de verdade.

Lógico que beijá-la é apenas uma das coisas que eu quero fazer, mas tudo começa com um beijo, pelo menos para mim. Eu quero beijar Victoria, sentir seu gosto, seu cheiro de morango e baunilha. Quero tê-la por horas em minha cama. Com força, devagar. Ela é tão doce que precisa disso. Carinho, mas desejo fazê-la rasgar os lençóis e me arranhar também.

Esses pensamentos estão explodindo na merda da minha cabeça. Todos eles e de uma vez só. Ela não é uma mulher qualquer *para mim*. Soube disso desde que não consegui desligar do meu sistema minha vontade de tê-la. Ela é minha

obsessão. E tinha que ser justamente Victoria *Colton*?

Isso tornou tudo mil vezes pior e eu estou muito preocupado. Eu não posso negar o medo que me domina se eu estragar as coisas com ela. Não apenas porque ela é importante como a filha do sócio do meu pai e muito querida por todos da minha família, mas porque se eu entregar as coisas, eu ficaria sem ela. Eu não quero isso.

Porém estou confiante que não vou fazer merda nenhuma. Ou talvez eu apenas não deva passar dos limites. Talvez eu não deva chegar perto dela, mesmo que não goste dessa ideia. No entanto, se o que eu quero é apenas transar ela, essa vontade acabe alguma hora.

Não! Eu sei que não é apenas vontade de ficar com ela por uma noite. É mais. Se fosse, nas minhas tentativas de esquecer ela antes, saindo com outras mulheres, teria resolvido o problema. Então, eu sei que é mais que sexo.

Desde que ela apareceu na minha vida, *de volta*, não consigo parar de pensar nela. Nada me faz esquecê-la. Eu arrumei jeitos de tirá-la dos meus pensamentos, quando saía com outras mulheres, mas não adiantou merda nenhuma. E eu ainda nem sabia quem ela era. Agora sei e continuo na mesma. Nervoso e sem saber o que fazer, mas a certeza de que essa mulher vai ser minha, eu tenho e vou correr atrás disso.

Depois de me acalmar um pouco, tiro meu short de corrida, torso e visto de novo. Ando para o armário perto do chuveiro e pego uma toalha. Me enxugo com muito cuidado, porque sinto agora as dores e a ardência da pancada mais forte nas costas. A adrenalina já está deixando meu corpo e as dores chegando. Tiro os meus tênis, deixando-os no degrau da sauna. Caminho pelo deck da piscina e entro na cozinha, pelo balcão que dá para o quintal, ou a varanda gigante, que dá para as montanhas de Hollywood Hills.

“Oh meu Deus. O que foi isso nas suas costas?” Exclama horrorizada minha mãe em um som de pavor atrás de mim.

De onde ela veio?

Fecho os olhos arfando, ainda de costas para ela, e procuro algo para comer na geladeira. “Não foi nada mãe.”

“Como não foi nada, Ethan?”

Ela chega mais perto e sinto de leve suas mãos em minhas costas.

“Ai, porra.”

Ela me dá um tapa fraco no ombro. “Olha como fala.”

“Desculpe mãe, mas está ardendo.”

“Vem comigo” diz puxando minha mão.

“Para onde?” Falo travando os passos, fazendo-a parar também.

Ela se vira para mim. “Cuidar desse machucado, meu filho. Está horrível.”

“Não precisa e eu estou com fome. Deixa-me comer, depois vejo isso.”

Ela mantém o olhar sério. “Ethan, isso está muito feio” fala preocupada. “Vamos logo cuidar disso e você volta daqui a pouquinho para comer, ou melhor, alguém leva para você. Vamos.”

Mantenho meu olhar nela por alguns minutos e acabo concordando. Ter mãe médica dá nisso.

Subimos juntos para o meu quarto no segundo andar. É bom porque assim eu durmo logo e esqueço esse dia. Me aproximo da minha cama, para deitar e minha mãe chama minha atenção antes que eu me acomode.

“Não, senhor. Primeiro troque de roupa. Essa roupa está úmida demais, Ethan.” Ergo uma das sobancelhas e ela entorta a boca. “Isso mesmo. Não seja preguiçoso e relaxado.”

“Eu já tomei banho”, falo me defendendo.

“Percebo”, diz com as duas sobancelhas erguidas, me desafiando.

Bem, eu conheço esse olhar e sei que não tem como sair dessa conversa ganhando. Dona Lauren é ótima como pessoa e rígida como mãe. Então, vou fazer o que ela quer.

“Certo, vou me trocar. Espera.”

Ela sorri e assente. Balançando a cabeça viro-lhe as costas.

Contrariado chego ao meu *closet*, pego uma cueca boxer e vou para o meu banheiro me trocar, que fica dentro do *closet*. Pego uma toalha seca no armário e enrolo na cintura. Mamãe é uma mulher de muita classe e foi criada em uma família muito conservadora, então nem pensar em ficar de cueca na frente dela. Saio do *closet*, indo na direção da minha cama e vejo que ela está com a pequena mala de primeiros socorros dela.

“Eu falei para colocar uma roupa, não aparecer assim na minha frente, garoto” diz de cara amarrada e acenando para o meu corpo com a mão, nada satisfeita e se levantando vem em minha direção.

“Calma, Sra. Lauren. Eu estou de cueca, por baixo da toalha.”

Ela cerra os olhos, mas assente e olha para cama. “Tudo bem, agora se deite de barriga para baixo”, ordena.

Dou um beijo doce no seu rosto antes de me deitar e ela sorri. Logo sinto ela sentando próxima a minha lombar e passando o dedo indicador devagar no machucado.

“Agora me conta. Como você conseguiu isso?”

“Foi um acidente”, murmuro, sem querer falar sobre. “Não esquentar.”

“Não esquentar?” Ela fala com a voz alta, ofendida. “Eu sou sua mãe. É meu dever me esquentar com as coisas que acontecem com você, principalmente quando você aparece todo machucado desse jeito.”

Resmungo, bufando.

“Não bufe pra mim.”

Eu rio. “Desculpa, dona Lauren.”

“Engraçadinho. Mas então... você brigou com alguém?” Diz passando algo gelado em cima do rombóide.

“Hun.” Reclamo, “e não. Eu não briguei com ninguém.” *Apenas dei um soco na árvore, para não acertar a cara daquele motorista idiota.*

“Então explique por que você tem as costas nesse estado, um roxo na região das costelas e a sua mão está machucada também.”

Tomo uma respiração profunda, para não elevar minha pressão arterial. “Para começar, o roxo na costela foi terça-feira passada na academia, quando um cara me acertou no Boxe.” Ela faz um som afirmativo e continuo: “Minhas costas estão assim porque eu fui *levemente* atropelado.”

“O quê?” Ela se levanta espantada. “Como assim? Levemente? Quem fez isso?”

Ficando nervoso, levanto também e me viro para ela, seguro suas mãos com delicadeza.

“Calma, mãe. Não foi nada grave, a pessoa que me atropelou” — *era linda e* — “não estava andando em alta velocidade. Então eu vi há tempo e desviei.” Sorrio de lado. “Quer dizer, desviei o quanto pude. Não sou o *The Flash*.”

Mantenho meu sorriso para ela, o que não surge efeito, porque ela continua preocupada.

“Você tinha que fazer o motorista te levar para o hospital.” Ela passa a mão pela minha mão machucada cuidadosamente. “Tinha que fazer ele cuidar do que fez. Você pode estar com alguma costela quebrada.”

Preferia que ela me levasse para outro lugar e cuidasse de outra coisa que ela me causa.

“Não foi tão ruim assim”, minto, porque foi assustador. “Nem estou sentindo muita dor.”

Ela leva a mão até meu rosto e faz um carinho em minha barba.

“Tudo bem, tudo bem, meu filho. Agora deite de novo para eu poder continuar a cuidar dos arranhões e depois você descansa um pouco. Acho que não foi nada demais mesmo. Mas qualquer dor me avise.”

Concordo me deitando de bruços novamente, no meio da cama e ela se senta ao meu lado.

“Como você conseguiu ficar tão machucado apenas aqui?” Ela se refere a parte de cima das costas.

“Sei lá, mãe. Eu acho que rolei um pouco, mas agora que passou alguns minutos, consigo sentir uma leve dor nos ombros e no peito também, meu corpo

todo está dolorido na verdade. Com certeza rolei no asfalto.”

Depois de alguns minutos, ela diz:

“Terminei. Vou pedir para trazerem seu jantar e um remédio para dor. Agora fique quietinho e descanse.”

Inclinando-se ela beija meu rosto que está virado para a porta e sai. Faço o que ela pede, deixo o corpo mole e fecho os olhos, procurando pelo menos tirar um sono para aliviar as dores.



ESCUTO ALGUÉM BATER NA PORTA DO QUARTO, me despertando e antes de dar permissão para entrar, olho o relógio e levo um susto com a hora. Puta merda, eu tirei um cochilo muito longo. Já é quase sábado.

“Entre”, falo alto.

Estou coberto até os ombros, porque deixei o ar-condicionado no máximo. Tento deitar de barriga para cima, mas uma enorme dor me atinge, então o jeito é ficar deitado de lado, apenas para ver quem é.

“Ui.” Gisele chia por causa do frio.

Gisele é assistente pessoal da minha mãe e estuda enfermagem. É muito atenciosa e sua juventude é bem-vinda aqui em casa. Deve ter seus vinte e um anos e é até *charmozinha*. Tem os cabelos na altura do queixo e os olhos castanhos curiosos e grandes. É discreta e sabe que eu detesto que me incomode, por isso ganha pontos comigo. Sem contar que acho legal ela sempre cuidar de todos quando estão doentes aqui em casa.

“Boa noite, Sr. Ethan” fala baixo, parada no meio do quarto, me olhando.

“Boa noite, Gisele. Pode deixar meu jantar na mesa mesmo. Obrigado.”

Assentindo, ela anda em direção a mesa que fica no canto do quarto, perto da parede de vidro da varanda, bem em cima da piscina com vista panorâmica para as montanhas e ao longe a incrível vista do centro de Los Angeles.

Às vezes me sinto em um aquário aqui em casa. Tudo é envidraçado e tem água, e sem contar que minha varanda fica em cima da piscina. Quando mais novo sempre quis pular da varanda, dá um salto *mortal* na piscina, mas acho que minha mãe me mataria, mesmo já estando morto.

“A Sra. Brown pediu para eu lhe dar esse remédio para inflamação.” Fala chegando até mim e estende as mãos: uma com o comprimido e a outra um copo d’água.

“Obrigado.” Agradeço antes de engolir os comprimidos.

“Os outros comprimidos, na bandeja”, ela aponta para o frasco ao lado do meu prato, “são para que o senhor tome se sentir apenas dores de cabeça ou

ardência. Qualquer coisa pode me chamar ou sua mãe.”.

“Coloca em cima da mesa de cabeceira o frasco para mim e pode deixar que aviso sim”, peço e faço um aceno de cabeça, ficando sentando de mau jeito na cama.

Ela vai até a mesa, pega o frasco e coloca na mesa de cabeceira como pedi e se afasta, me olhando atenta. Sempre pronta para servir. Pisco os olhos e passo as mãos no rosto.

“Agora, por favor, me deixe só. Preciso ir ao banheiro e não estou vestido.”

Seus olhos se arregalam. “Oh! Desculpe, Ethan. Já estou indo.” Ela se vira e eu começo a me levantar da cama.

Depois que minha mãe saiu, tirei a toalha e a cueca, e liguei o ar para com a pomada, que já é gelada, refrescar as feridas. Funcionou como uma beleza.

“Feche a porta direito”

Gisele sibila alguma coisa e a vejo sumir pela porta. Me levanto e caminho para o banheiro. Urino e vou lavar as mãos na pia, já que vou comer. Aproveito o espelho à minha frente e olho meu corpo. *Minha nossa*. Que grande merda que estou hoje. Estou destruído.

Costelas avermelhadas, o roxo está sumindo aos poucos, minha mão ruim dói muito. Me virando de costas para o espelho, vejo a parte de cima do meu corpo. Os romboides e os trapézios estão muito ralados e minha lombar com alguns vermelhões, porém menos machucado. *Por Deus*. Essa mulher está me fazendo sofrer muito.

Saio do banheiro, sento-me à mesa e começo a comer sossegado, olhando para o lado de fora com os meus pensamentos em Victoria. O que não é uma grande novidade.

O que ela está fazendo agora?

Será que está melhor?

Será que parou de se sentir culpada?

São tantas perguntas, mas uma delas, me deixa contente, se ela estiver mesmo fazendo: *Será que está pensando em mim?* Mesmo que seja se eu estou bem ou se eu matei algum gatinho no caminho de volta para casa. Talvez eu tivesse feito se algum maldito gato cruzasse meu caminho, porque estava correndo com tanta raiva, que atropelaria ele.

Por que minha vida tem que ser tão complicada? E por que eu tenho que ficar pensando nessa garota o tempo todo? Por que raios eu estou me lamentando como uma velha chata?

Porra, só é uma mulher. Que saco, pareço um garoto de quinze anos maluco pela garota da outra sala que é mais velha e não quer nada com ele. *Isso não é o normal Ethan Brown*.

Escuto meu celular tocar e com muita dificuldade, me levanto da mesa e ando até o *closet*, onde deixei o aparelho no short que estava usando e por muita sorte o aparelho é a prova d'água, porque senão... já era. Na hora não pensei duas vezes ao entrar debaixo do chuveiro, agora de cabeça fria vejo como fui um imbecil.

Atendo, após ver que é meu irmão. “Anton”, falo.

“Oi, princesa encantada, ou melhor, princesa atropelada.”

“Vai se ferrar.” Pelo visto minha mãe já compartilhou as notícias.

“Mamãe ligou aqui pra casa, contando que você foi atropelado. É sério isso?”

Sinto seu tom irônico no fim da frase e sei que ele está rindo. “Sim”, respondo resmungando.

“E você está vivo?”

“Pelo visto, estou. Não é, idiota?”

Ele ri do outro lado da linha. “E o motorista? Continua com as duas mãos e os olhos?”

“Com certeza sim”, murmuro e me sento no sofá baixo de veludo no meio do *closet*, que uso para jogar minha pasta, casaco e me sentar às vezes para calçar meus sapatos.

“Caralho, porque eu não estava passando na rua para gravar você estirado no chão?” Ele solta uma gargalhada. “Eu ia adorar isso.”

“Porra. Valeu mesmo pela preocupação, irmão.”

“Ah, corta essa Ethan. Eu sei que você brigou com alguém e contou essa história para a mamãe.” Ele é um filho da mãe. Sempre fazendo mal juízo de mim.

“Pior que dessa vez eu não bati em ninguém.” *Não por falta de vontade e merecimento. Aquele motorista idiota.*

“Que se foda. Me conta onde foi, como foi e que horas, minutos exatos.”

“Porque o interesse?” Questiono franzindo o cenho. “E o que faz acordado a essa hora? Não tem o que fazer, não?”

Ele ri e me ignora, falando o que quer.

“Para eu ver se tem como procurar no departamento de trânsito e gravar para assistir às vezes quando eu estiver triste e quiser rir.”

Rio balançando a cabeça. Ele não tem jeito, tira sarro de tudo. “Vai à merda, Anton.”

“Vai você, seu marica”, ele replica rindo.

“Eu que sou marica? Você me ligou para me infernizar? Vai dormir.”

“Mas cortando esse assunto. Vai sair amanhã com o Lucca? Ele me ligou para saber da minha estagiária.”

Lucca não tem jeito mesmo. Se usa saia, anda e tem boca, ele quer comer. Ele é um nível cafajeste pior do que eu.

“Não sei.”

“Por que não?”

“Deixe-me pensar...”, falo irônico. “Eu fui atropelado idiota e meu corpo todo dói como um inferno. Você come merda?”

“Calma, mano. Só estou perguntando. Está de *tpm*, é?”

“Não”, pronuncio ficando irritado com ele. Porra, não acredito que ainda respondi.

“Olha, você está muito estressado de uns meses pra cá. Vai sair e procurar uma mulher para acabar com esse nervosismo todo.”

“Vai à merda de novo. Mulher nenhuma tem a ver com as dores no meu corpo.” De fato, tem e é uma em especial.

“Talvez se você conseguisse uma massagista, seria bom para você que está dodói.” Ele faz uma voz melosa no final.

“Vou encerrar a ligação. Você está me irritando.”

“Ah irmãozinho, que maldade.”

“Um...” começo a contar.

“Quer chocolate?”

“Dois...”

“Quer um beijinho nas feridas?”

“Três e você é um babaca sem tamanho.”

“Quer carinho?”

“Vai se foder, Anton” digo e desligo. Meu irmão às vezes parece que é mais novo que eu.

Bônus

William

SÁBADO, 10 DE OUTUBRO DE 2013.



ESTOU SENTADO NA CAMA, assistindo *minha* Cora acabar de secar os cabelos com a toalha. Apesar dos anos, ainda sinto as mesmas sensações de quando eu a vi pela primeira vez. Meu coração acelera e bate lentamente ao mesmo tempo. Minha excitação de querer possuí-la é descontrolada na mesma medida de quando mais novo. Meu instinto protetor e carinhoso ainda tem a mesma força. Eu a amo como sempre amei e sempre amarei.

Ela termina de se secar, enrola a toalha no corpo, sobre os seios e se vira para mim com um sorriso safado. Eu a chamo com o meu indicador. Ela vem lentamente para mim, sensualizando. Rebolando lentamente e com um sorrisinho perverso.

“O que o senhor deseja?” Ela sussurra sentando em meu colo.

Eu a aperto em meus braços, dando uma fungada no seu pescoço, porque eu sei que ela ama quando faço isso.

Passando lentamente minha mão livre pelo meio de suas pernas e coxas, subo cada vez mais, até chegar lentamente em seu sexo — limpinha e recém-lavada — e começo a fazer movimentos dolorosamente lentos, deixando-a úmida.

“Olha o que eu achei?” Murmuro em seu ouvido, baixinho para provocar ainda mais ela.

Passo meus dedos por seus lábios internos, pelo meio do seu sexo e espalmo minha mão e deixo os dedos no seu clitóris, massageando com vontade. Cora se contorce com meu toque e passa seus braços pelo meu pescoço, me abraçando com força.

“Ai, Will. Para amor.”

Mordo sua orelha. “Por quê? Não está gostando?”

“É claro que sim”, ela diz gemendo e solta uma respiração ofegante. “Mas se você continuar fazendo isso... Ai! Por favor — ”, faz uma pausa soltando o ar

com força.

“O que? Fala.”

“Se você continuar fazendo isso,” choraminga e aperta meus cabelos da nuca, “a gente não vai chegar a tempo no restaurante. Já são oito horas.”

“Que se foda o jantar.” Eu círculo com mais vontade seu clitóris, deixando-a louca. “Quando eu tenho o meu banquete favorito aqui.”

Ela se inclina para trás, ficando mole e depois que solta meu pescoço, olha em meus olhos. “Então me faz gozar logo, seu tarado”, diz rindo, com os olhos cheios de luxúria e amor.

“Agorinha minha senhora.” Puxo seu rosto para o meu, subindo a mão que estava em suas costas até sua nuca.

Ela volta a me apertar pelo pescoço e captura minha boca. Solto um gemido, quando ela morde de leve meu lábio, e mordo o dela de volta. Estamos nos beijando frenética e apaixonadamente como sempre. Eu amo seu gosto, seus sons, seu cheiro. Eu a amo por inteiro.

Ainda a beijando, forço mais os movimentos dos meus dedos dentro dela, os enfiando até que sinto-a gozar. Ela deixa um suspiro de alívio sair. Se soltando em meus braços como uma boneca. Lentamente nos deito na cama, colocando suas pernas, uma de cada lado do meu corpo e a abraço forte.

Ela acaricia meu rosto com o dela, levando suas mãos aos meus cabelos, dando um leve puxão e massageando meu couro cabeludo com seus dedos carinhosos. Com uma leve respiração em meu pescoço, ela beija meu rosto.

“Eu te amo muito.” Cora sussurra sonolenta.

“Eu também amo você. Muito, muito, muito minha vida”, falo aperto-a mais forte.

Sinto seu sorriso e a ergo para cima, para poder ver seus olhos verdes, sua boca perfeita, seu nariz arrebitado, seu lindo rosto. Ela é *toda* linda.

“O que foi?” Pergunta.

“Nada, amor” digo beijando seu rosto.

Ela começa a abrir minha camisa, mas eu a detenho.

“Ei?” Ela protesta.

“Ei o que? Você não queria jantar?” Indago com um olhar cínico.

Cora franze a testa e me dá um tapa no peito. “Você é malvado William.” Eu solto uma gargalhada enquanto ela se levanta e vai para o chuveiro. “Agora eu vou ter que tomar outro banho”, diz de costas para mim.

Eu me levanto da cama e vou depressa para o banheiro e passo meus braços por sua cintura, por trás do seu corpo, segurando-a com força.

“Quer companhia?” Murmuro.

Ela vira o rosto para poder me ver. “Eu adoraria, mas eu te conheço e sei

que você não vai entrar no banho comigo.” Gira em meus braços ficando de frente para mim, jogando seus braços por cima dos meus ombros. “Você está todo arrumadinho e cheiroso e é malvado o suficiente para deixar sua mulher desesperada até a volta para casa.”

Levanto minha sobancelha. “Sou é?”

“É sim.” Replica fazendo um biquinho que eu mordo antes de beijar sua boca com vontade.

“Desculpe, querida.” Peço fazendo uma cara de preocupação fingida.

“Você é um filho da puta, William. Sempre faz isso comigo.” Ela puxa minha cabeça para trás — pelos cabelos — passa a língua pelo meu pescoço até meu maxilar e fala baixinho perto do meu ouvido: “Um dia Sr. Colton, quem vai ficar *na mão* vai ser você e eu vou me certificar de deixar seu pau tão duro e você tão louco por mim, que você vai querer me levar para o cantinho mais escuro do evento, da festa, da reunião, seja lá o que for, e me comer. Para assim você poder andar sem parecer que tem seis bolas dentro das calças.”

Eu a aperto, tirando seus pés do chão e roçando minha ereção nela. “Pelo amor de Deus, Cora. Eu já estou ficando assim.”

Ela me empurra, se afastando de mim e entrando no box, ligando o chuveiro.

“Dane-se...” cantarola me dando um sorriso safado e virando as costas para mim, empinando a bunda. *Esse corpo maravilhoso*. “Acho que o seu telefone está tocando” diz sobre os ombros.

Bufo e me dirijo para o quarto, para atender meu celular. Não antes de ajeitar minhas calças. *Essa mulher me enlouquece*.

“William”, atendo mal-humorado.

“Sr. Colton, aqui é o Ken. Estou ligando para comunicar que já está tudo pronto para levar a Srta. Colton.”

“Como é que é?” Falo ríspido e alto, já sentindo minha pressão subir.

“A Srta. Colton me pediu para lhe acompanhar hoje, mas de dentro da boate, porque você está viajando. Apenas liguei para deixar o senhor tranquilo. Está tudo bem por aqui e quando for dez horas eu vou levá-la com Clara.”

“Putá que pariu, Kennedy.” Grito. “Para começar, eu não fiquei tranquilo e eu não acho que está tudo bem. E desde quando Victoria tinha permissão de sair hoje?”

Giro meu corpo para o banheiro e vejo Cora saindo correndo de dentro do box, passando a toalha pelo corpo, enquanto escuto Ken falar: “Senhor me desculpe, mas a madame me deu ordens de que se a menina —”

“Como? A Cora que a deixou sair?”

Olho feio para Cora, que abaixa os olhos, respirando fundo. Ela sabe que eu

já sei e não estou satisfeito.

“Sim, senhor. Madame Cora me falou que se a menina quisesse sair, ela poderia, mas comigo *colado* nela. Então hoje a Srta. Victoria me contactou pedindo para ficar com ela dentro da boate que irá à noite. E o senhor seu pai, não viu problema nisso também.”

Endureço mais meus olhos para Cora e me sento na beira da cama. Eu juro que não acredito que ela deu permissão para Victoria sair tarde da noite sem nós dois na cidade. E meu pai tinha que aceitar, é claro. Eles sabem que desde o sequestro de Victoria, sou totalmente obcecado pela segurança dela. O pior é que Cora estava no dia que a levaram.

Ela levou um monte de socos no rosto e no corpo para soltar Victoria dos seus braços. Estou muito puto da vida com ela agora, com meu pai e muito mais com Ken, ele sabe também que não é para deixar de jeito nenhum Victoria ficando mole assim.

Respiro fundo, fugindo do olhar de Cora, que subiu os olhos para o meu demonstrando o exagero que eu estou fazendo. *Exagero é o caralho.*

“Escuta bem, Kennedy”, comando com a voz firme e exalando raiva. “Você vai vigiar ela sem piscar, sem pausa para beber água, para mijar e se alguém pisar na merda do seu pé, você finge que não tem pé. Okay?!”

“Sim, senhor.”

“Agora se concentra no seu trabalho. Só me ligue quando ela estiver chegando em casa. Porque se você me ligar para me informar que algo deu errado e que você fez alguma merda. Sua esposa fica viúva.”

Ele pigarreia. “Sim, senhor.”

“Tchau” e desligo.

Eu olho para cima e vejo Cora bufando com seu olhar reprovador. “Por Deus William. Isso é jeito de falar com Ken?”

Dou um olhar de raiva para ela e não digo nada. Levanto passando direto por ela e indo até ao banheiro, para passar um pouco de água fria no meu rosto e na nuca. Estou queimando de raiva, mas a preocupação é o que me consome.

Fico refletindo sozinho no banheiro e depois escuto os passos de Cora, que agora estão tilintando o piso com seus saltos e sinto as mãos dela em meu ombro.

Deixo meu corpo relaxar com seu toque, me apoiando na pia pelos meus cotovelos. Ela se apoia em mim, deitando sobre minhas costas.

“Will” ela fala baixinho e passa os braços em volta de mim “relaxe, querido.”

Erguendo-me de volta, olho para ela pelo reflexo do espelho que está a nossa frente. Vejo ela com os olhos tristes e preocupados. Pego suas mãos da

minha cintura e guio até meu coração e entrelaçando nossos dedos com força. Ela relaxa com o gesto também, encostando a ponta do queixo em meu ombro.

“Não fica preocupado”, diz carinhosamente. “Vai ficar tudo bem. Ken vai cuidar dela.” E sussurra: “*Confia.*”

Respiro fundo e apoio meu rosto sobre a cabeça dela e olho no fundo dos seus olhos verdes azulados. “É difícil.”

“Eu sei que é, mas ela precisa viver.” Cora explica com toda sua paciência.

“Eu concordo, mas tenho medo que a peguem de novo.”

Cora passa o corpo por baixo dos meus braços, ficando na minha frente. Eu olho bem para ela, que segura meu rosto com carinho.

“Meu amor, não pense assim. Nada vai acontecer com ela. Eu mais do que ninguém deveria ficar enlouquecida de vê-la sair por aí. Mas nem eu, nem você e seus pais podemos trancar Victoria dentro de casa. Ela cresceu e é uma mulher maior de idade.”

“Para mim ela continua sendo uma menina.”

Ela sorri com doçura. “Eu sei e para mim também, mas ela precisa conhecer a vida, fazer amigos, namorar...”

Eu a aperto com as mãos que estão em sua cintura. “Não gosto dessa ideia.”

“Para com isso, Will.” Ela suavemente desce as mãos por meu peito, fazendo carinho no meu corpo. “Eu amo essa cara de cachorrinho que vocês fazem.”

Eu a olho confuso. “Vocês?”

“U-hum.” Ela abre um grande sorriso. “Você e Victoria fazem a mesma carinha quando estão zangados, tristes ou querendo alguma coisa.”

“Mesmo?” Abro um sorriso orgulhoso só de ouvir isso.

“Sim e falando nisso, você precisa conversar com ela”, diz Cora com o rosto sério.

“Sobre o que?”

“Nós.”

Meu corpo enrijece com a preocupação. “Cora, amor. Eu não estou pronto.”

Ela foge dos meus olhos. “Não é mais uma questão de estar pronto, Will.” Sua voz soa tristonha. “Ela já sabe.”

“Como é?” Puxo seu rosto para mim, devagar.

“No mesmo dia em que eu soube dessa festa, que você está enlouquecendo agora, nós duas conversamos e ela me perguntou se eu ia viajar com você.”

Eu aperto meus olhos, nervoso.

“Calma, amor. Eu não afirmei, mas ela insistiu e eu acabei... desabafando, chorando e conversamos. Ela disse que estava cansada dessa mentira, que não ligava se nós estamos namorando.”

Caralho. “Por Deus, Cora.”

Ela volta as mãos para meu rosto e me faz olhar no fundo dos seus olhos. “Escuta. Ela ficou feliz por nós.”

“Ficou?”

“Sim.” Confirma com os olhos emocionados. “Ela só não quer que a gente continue fingindo mais que não estamos juntos. Ela nos ama e disse que quer nos ver felizes.”

“Você sabe por que *nós* precisávamos fazer *isto*.”

“Eu sei. Porém mais dia ou menos dia, isso vai ter que acabar” ela fala com firmeza e esperança.

Concordo acenando. Ela tem razão.

“Eu só quero que você fale com ela assim que chegarmos à Califórnia.”

“Tudo bem, eu vou. Ela está mesmo bem com isso?”

Cora assente com um sorrisinho e ajeita minha gravata, que eu destruí quando ouvi o que Ken falou no telefone. “Relaxe e agora Sr. Colton, vamos logo para esse jantar de negócios.” Me puxa para sair do banheiro. “Eu estou com fome e quero logo chegar nesse quarto, daqui a algumas horas e ter você em cima de mim.”

Fico parado olhando para ela, que se vira e levanta a sobrancelha.

“O que foi agora?”

Balanço a cabeça para resfriar meus pensamentos. “Nada. Está tudo bem. Vamos logo.”



“AMOR, ME ESPERE AQUI. VOU À TOALETE.”

Assinto, concordando, e vou sentar no bar para esperá-la. Enquanto estou sentado, olhando para as garrafas e catalogando as bebidas expostas no bar, tenho uma grande ideia de levar Victoria de volta para casa mais cedo.

“Alô”, responde Anton do outro lado da linha.

“Boa noite, Anton é o Will. Como está?”

“Estou bem cara e você?”

“Estou ótimo.” Faço uma pausa para pensar no meu plano perfeito e prossigo. “Anton, você sabe como eu sou, então vou direto ao assunto.”

Escuto Anton rir. “Tudo bem, Will. Eu te conheço mesmo, pode falar.”

“Eu queria saber se você ou sua esposa sabe se a Rebecca vai para uma *tal* de noite eletrônica na boate NINE, hoje à noite.”

É claro que eu tive que pedir todos os dados do local que Victoria vai hoje para Ken. Meu *pau* que eu iria ficar às cegas totalmente.

“Olha, eu não sei, mas vou perguntar a Jennifer. Espere uns minutinhos. Certo?”

“Certo.”

Escuto ele falar ao fundo na linha, então ele retorna uns minutos depois.

“Jennifer disse que Rebecca vai para uma coisa lá hoje sim. Acho que é uma festa ou comemoração. Por quê?”

“Porque eu preciso que vocês dois vá lá e pegue Rebecca e aproveite para levar Victoria com vocês.”

“Como é que é?”

“Desculpe, deixe me explicar melhor.”

“Por favor.”

“Eu e Cora não estamos na Califórnia, então não podemos acompanhar Victoria hoje. Como você sabe, eu sou muito protetor com ela, por causa dos sequestros e, portanto, queria que você fosse até a boate passar uns minutos lá, fazer a cabeça de Rebecca para voltar para casa com vocês mais cedo. Lá pelas duas da manhã, por causa de Hannah e coisa e tal. Com esse pretexto vocês falassem com Victoria e a levassem para casa com vocês também.”

Ele fica mudo por um longo tempo, então escuto ele soltar uma respiração profunda.

“Olha Will, eu com certeza te entendo sabe. Eu também ficaria preocupado e protetor se Ethan ou até mesmo Hannah, tivessem sido sequestrados. Mas no caso, hoje, eu tenho uma comemoração para ir, então não vou poder fazer essa missão de resgate para vocês.”

Ah diabos. Sempre aprendi a nunca contar com a ajuda de ninguém. Primeiro; ninguém faz tão bem feito como eu faria. Segundo; na maioria das vezes as pessoas são ingratas ou preguiçosas.

Respiro fundo, contando até dez, para não explodir de ódio.

“Pelo amor de Deus. Você quer quanto para fazer esse favor?”

Anton tosse, surpreso. “Porra cara, não é nada disso. A comemoração de que estou falando, é meu aniversário de casamento com minha esposa. Eu planejei o jantar com ela e minha filha, e agora estou saindo para ficar um pouco a sós com Jenny. Na verdade, estou saindo de casa agora. Eu jamais deixaria de ajudar você ou qualquer um da sua família por causa de uma coisa boba ou aceitaria seu dinheiro, mas hoje eu não posso. Me desculpe.”

Passo minha mão pela testa, resignado. “Eu que peço desculpas. Eu passei dos limites Anton.”

“Não esquentar.”

“Porra, Anton. Eu estou quase voltando para casa, mas eu estou indo para uma reunião de negócios nesse instante e amanhã eu tenho que resolver outras

coisas ainda aqui em Chicago. Ela vai sair de casa dez horas da noite.”

Ele faz uma pausa, me deixando agoniado, e respira fundo antes de dizer:

“Olha, Will, acho que eu tenho outro modo de ajudar, sim.”

Minhas esperanças se renovam. “Como? Pelo amor de Deus, não brinque.”

“Eu posso ligar para o meu irmão.”

“Ethan? Você acha que ele toparia?”

“Eu acredito que sim, mesmo que ele esteja um pouco machucado por causa de um acidente que ele teve ontem, ele iria sim.”

Acidente? Esqueço disso e me concentro no assunto do resgate de Victoria. Estou realmente enlouquecendo.

“Então liga para ele e pede. Faz esse favor, Anton.”

“Vou ligar quando for mais tarde e convencer ele.”

“Tudo bem.” Vejo Cora voltando do banheiro e me apresso com Anton. “Tenho que desligar agora. Por favor, convença Ethan e assim que tiver a resposta, mande uma mensagem e se tudo der certo, dê meu número do celular para ele e peça para me ligar assim que conseguir chegar na boate.”

“Com certeza. E fique calmo por aí.”

Eu abro um leve sorriso, mesmo sabendo que ele não pode ver.

“Vou tentar.”

“Relaxe um pouco com Cora. Vocês merecem.”

Até ele desconfia. Não sei por que eu ainda escondo meu relacionamento com ela.

“Pode deixar e feliz aniversário de casamento.”

“Obrigado.”

Encerro a ligação me levantando para chegar até Cora. Ela me dá um olhar estranho e curioso.

“Por que você está com essa cara de felicidade?” Ela ajustando minha gravata, *desnecessariamente*. “Parece um gato de olhos cinza que pegou um canário. Hun?” Fala brincando e rindo comigo.

“Não é nada.”

Ela sorri de lado desconfiada e pega minha mão, me levando para mesa. De repente, se vira para mim e sobe na ponta dos pés, para chegar sua boca perto do meu ouvido.

“Eu te conheço e sei que você está aprontando Sr. William Colton, mas quando chegarmos ao nosso quarto, eu arranjo um jeito de descobrir o que é.”

Desço meu rosto até o dela — ficando mais perto da sua boca — e lhe dou um beijinho.

“Com certeza eu vou deixar você me torturar mais tarde”, falo com a boca na sua, ainda. “Estou muito encrencado.”

Sete

Ethan

DOMINGO, 11 DE OUTUBRO DE 2013.



ESTAVA NO MEU DÉCIMO SEGUNDO SONO, quando escuto meu celular tocar.

Ignorando, continuo do mesmo modo; de olhos fechados e confortável na minha cama. Acho que se eu deixar essa pessoa idiota que está me atormentando a essa hora da noite com uma ligação, ela, possivelmente, vai desistir em algum momento notando que estou dormindo. Afinal de contas, eu estava há dois minutos.

Então deixo tocar e tocar por um tempo.

Os minutos passam e o silêncio não volta.

Putá merda, que inferno. Parece que não desistiram. Meu Deus. Não pode ser uma coisa assim tão grave. Está todo mundo em casa e até onde eu sei, meu irmão está em casa, possivelmente namorando a esposa, comemorando os oito anos de casados.

Viro-me na cama, levantando devagar meu tronco — com muito cuidado, porque meu corpo ainda dói demais — e estico meu braço, pegando meu celular, que continua a me infernizar.

“Merda” resmungo, já com o maldito na mão.

Não me dou o trabalho de ver o visor e aperto logo para atender. “Alô”, falo com a voz sonolenta e mostrando minha total desaprovação por essa ligação. Com os olhos cerrados, pelo sono, olho pelo reflexo do quadro na parede à minha frente — oposta à varanda — que ainda está escuro.

“Ethan, preciso da sua ajuda.” Meu irmão fala desesperado do outro lado da linha.

“Olha, Anton, precisa ser muito grave mesmo para você me acordar a essa hora da madrugada,” bocejo, pausando e continuo: “depois de eu ter falado que estava com dor.”

Meu irmão sempre foi um pouco — *muito é a palavra certa* — sem noção das coisas. Sempre levando tudo na brincadeira. Não sabe a hora de parar. É um cara sério, pai de família, um homem de respeito, mas muito palhaço e de vez

em quando ultrapassa os limites.

“É sim, eu juro.”

“Fala logo, porra.”

“Sabe a Victoria Colton?”

Reprimo a vontade de resmungar. *Não acredito*. Inspiro com força e reviro os olhos soltando o ar devagar. Eu não acredito mesmo que ele acha que eu não sei quem ela é. Pera lá, mesmo que nós não fossemos próximos e não tivemos muita convivência, ela faz parte da nossa família de certo modo, então. Tomo uma respiração profunda e respondo:

“Sim. Claro que sei.” Sei tanto que meu corpo dói e meus sacos estão roxos de tesão por ela desde a hora que ela tocou em mim e me atropelou *lindamente*.

“Então, queria que você fosse buscar ela na boate Nine.”

Fico mudo, digerindo o que ele disse. Penso bastante antes de falar algo.

“Por quê?” Pergunto desconfiado.

“Porque o Will não está na cidade e desde que Victoria foi sequestrada, o cara não deixa ela sair sem ele, mesmo com os seguranças, ele vai atrás. Resumindo: Ele me ligou mais cedo pedindo para ir lá, mas eu estava saindo de casa com Jenny, para enfim comemorar nosso aniversário de casamento à sós. Se é que você me entende.”

“Claro que sim, não sou estúpido” resmungo.

“Então, eu disse para Will que não podia ajudá-lo, mas que poderia ligar para você mais ou menos essa hora e... Pensei que talvez você pudesse me ajudar a ajudar o Will”, ele faz uma pausa. “Você topa?”

Sinceramente não entendi a real loucura dessa conversa e mais ainda desse chamado de emergência de William. Entretanto, eu sem dúvida também ficaria louco se ela fosse sequestrada agora. Eu morreria do coração com certeza.

É, eu vou sim. Vou nessa tal boate protegê-la e resgatar a princesa em perigo.

“Okay”, confirmo e escuto um estalo, que deve ter sido Anton batendo em algo entusiasmado. “Fala o nome da boate, o resto eu me viro por lá.”

“Certo.” Anton diz satisfeito e começa a passa as informações e me explica algumas coisas, ali e aqui. Me passa o número de William, que espera meu telefonema assim que eu chegar ao local.

Torço meu fígado com a sensação de que estou servindo Will — como se eu fosse um capanga dele — e não indo fazer o certo: pegar o que eu quero há muito tempo.

Mas não vou pensar nisso agora, o importante mesmo é que eu estou tendo a chance de encontrar Victoria hoje, para a minha completa felicidade. A situação perfeita.

“E, por favor, faça tudo certinho. Não se meta no caminho de Will. Cuide da Victoria, leve para casa e estará tudo bem.” Meu irmão fala, sério.

Sim, Anton, eu vou ser um cavalheiro.

“Ok, agora vai se foder.”

Anton ri alto. “Ligue amanhã se possível ou... deixa. Eu ligo.”

“U-hum. Vai para sua festinha e feliz aniversário de casamento e de um beijo em Jennifer e no meu anjinho quando chegar em casa.”

“E beijo pra mim?”

“Não força”, falo rindo e desligo.

Respirando fundo, me preparo para levantar da cama de uma vez. Dizem que se tirar o Band-aid de uma vez, a dor é menor, então... Um. Dois. Três. Levanto da cama.

“Merda.” Xingo porque deu no mesmo.

Pego logo a cartela de analgésicos e tomo três comprimidos de uma vez, para aguentar ir à boate. Olho o relógio na cabeceira: 01:37. Ótimo, está bem tarde. Assinto para o nada, confiante.

Meu corpo parou um pouco de doer, mas a cabeça está latejando um pouco, mas eu aguento. Com certeza aguento. Penso andando para o meu banheiro. Pareço um velho.

Preparo meu psicológico — já prevendo os inevitáveis empurrões que vou receber e o som alto. Não tenho escolha. Entro no banheiro, tomo uma ducha rápida para despertar, agora o banho foi morno, para eu não sofrer uma hipotermia e saindo, volto para o *closet*.

Escolho uma calça jeans escura, blusa de linho azul e um tênis preto. Não vou colocar meus sapatos de costume para a balada. Não é nada demais, apenas meus sapa-tênis Armani, revestido de couro e devidamente engraxados para chamar um pouco de atenção. Eu gosto de me vestir bem, mas escolho um dos meus tênis da Nike favoritos de corrida. Porque, vai que eu tenha que correr. *Tomara que não.*

Pego minha carteira, coloco mais analgésicos dentro do bolso da calça, guardo a carteira dentro da jaqueta de couro preta, que estou segurando, vou vestir chegando lá e saio do meu quarto.

Desço as escadas calmamente. Tentando não fazer barulho para não despertar a *águia* que é minha mãe. Ela ficou muito preocupada comigo o dia todo e se me pegar saindo agora, vai reclamar com certeza e muito. Vejo a maçaneta de seu quarto girar, no terceiro andar e praguejo mentalmente parando no meio da escada.

Se minha casa não fosse, praticamente toda de vidro, eu não me preocuparia em acabar de descer as escadas rapidamente para ela não me ver, porém

infelizmente ela vai consegui me ver pela porta do seu quarto.

A merda do chão de vidro e as paredes que dividem os corredores da escada — de vidro também — lhe permitem ver a casa toda do alto, pelo menos a sala de estar e óbvio as escadas.

Só que o problema não é a casa, que poderia não ser oitenta por cento de vidro, mamãe iria sentir eu sair de qualquer jeito. Ela tem a *merda* de um sono de cão policial e detecta tudo.

Congelo, quando ela sai do quarto e aparece no parapeito da escada.

“Ethan?” Ela diz, com as mãos na cintura, me olhando feio.

Com a sensação de voltar a ter dezesseis anos, recuo-o e subo alguns degraus para ver seu rosto melhor. “Oi, mãe.”

“Onde o senhor está indo?”

Respiro fundo e rapidamente penso em uma resposta. “Vou fazer um favor para o Anton e eu juro que não pretendia mesmo sair da minha cama tão cedo, mas ele está precisando de mim.”

Ela chega até o corrimão das escadas, desce dois degraus, ficando mais perto e me olha bem séria. “Que favor?”

Que merda. Estou perdido. O que eu vou responder para ela agora? E se eu contar o que vou fazer. Será que ela vai entender? Afinal de contas ela idolatra Victoria. Penso um pouco e decido lhe contar uma *mentirinha*. Boate não é o melhor lugar para ir nas minhas condições, mesmo que seja para fazer um bem.

“Eu vou ter que cuidar da Hannah por algumas horas para que o Anton e a Jennifer possam curtir um pouco o dia de hoje. A babá teve que ir embora mais cedo.”

Ela abre um sorriso contente. Eu *acho* que ela acreditou em mim.

“Oh, sim. Pode ir, mas não abuse, seu corpo precisa de descanso.”

É, ela acreditou. Ainda bem.

“Com certeza, mãe.” Assinto com um sorriso neutro na face e volto a descer as escadas e quando estou nos últimos degraus ela me chama e paro.

“Se cuida bem, meu filho.”

Levanto minha mão com o polegar erguido. “Pode deixar.”

“Ah. Você está levando os medicamentos para dor?”

Chego ao primeiro piso da casa, viro meu rosto para cima novamente, para vê-la uma última vez antes de ir.

“Sim, senhora e não se preocupe. O que pode me acontecer em cuidar de *Hannah*? Vai ficar tudo bem.”

“Eu sei”, ela diz jogando um beijo para mim. “Dê um beijinho em Hannah por mim.”

“Sim dona Lauren e agora, por favor, volte a dormir. Está tarde.”

Ela sorri e se vira entrando em seu quarto e vou para a garagem.



ASSIM QUE SAIO DA GARAGEM COM MEU PORSCHE — vou com ele porque corre o suficiente para eu chegar logo na boate — e tomo o caminho das ruas, coloco meu celular no auto-call, que tem no carro, para ligar para Anton. Depois de algumas chamadas ele atende:

“Já chegou na boate, irmão? Você é rápido.” Fala parecendo ansioso.

“Estou a caminho, mas estou ligando para lhe dizer que eu falei para mamãe que estou indo para sua casa cuidar da Hannah para você curtir um pouco a noite com sua esposa.”

“Por que você contou essa mentira pra ela?”

“Porque eu acho que ela iria enlouquecer se soubesse que estou indo para uma boate às duas da madrugada depois de ter cuidado de mim e praticamente ter colocado Gisele como minha enfermeira particular nas últimas trinta horas.”

“Hum, entendi. Certo, mas...” ele faz uma pausa longa. “Espera um pouco. Ela acreditou nessa história de você cuidar da Hannah?”

“Pareceu que sim.”

“Acho isso estranho. Ela sabe que a Hannah tem uma babá. Então para que eu iria te incomodar a essa hora da noite e sabendo que você está doente?”

“Eu disse que a babá teve que sair mais cedo.”

“Hm... você é esperto e doido.”

“Na verdade Anton, o doido é você me mandar fazer isso e mais maluco ainda é o Will, com essa proteção exagerada pela irmã.”

Ele respira fundo. “Na verdade, eu não acho que ele está exagerando. Porque sabe, até eu sou um pouco preocupado com Victoria. Além dela ser uma garota incrível, é muito especial para Hannah e depois que ela foi sequestrada duas vezes, todos nós ficamos um pouco malucos por conta de sua segurança. Mesmo que nos dois casos eu não presenciei, mas fiquei sabendo, hoje fico preocupado com ela.”

Nossa. Ela foi sequestrada duas vezes? *Caralho*. Meu coração pula dentro do meu peito, enlouquecido e preocupado. De fato, estou preocupado com ela agora.

“Quando foi isso?” Pergunto baixo.

“A primeira vez nem mesmo Victoria se lembra, eu acho. Ela tinha uns dois anos e foi levada dos braços de Cora, que depois de ter apanhado que nem bandido, tomaram Victoria dela. A segunda vez, ela tinha sete anos — e você deveria saber disso, idiota. Ela foi levada de dentro do seu carro, em frente à

escola, depois que os sequestradores abordaram o carro e mataram o motorista e o segurança que estavam com ela. Nas duas vezes quem conseguiu achá-la foi uma equipe de resgates especial de Nova York e desde então, Will, Cora e os pais dela, são escoltados até os fios do cabelo e mais ainda Victoria.”

Meu Deus. Estou começando a entender agora. Apenas não compreendo uma coisa.

“Mas se ela tem tantos seguranças. Por que Will precisa que alguém vá buscá-la nessa tal festa? Ou que ele mesmo tenha que estar sempre com ela para protegê-la.”

“Porque nas duas vezes ela tinha seguranças e não adiantou em nada. E só para você saber, ela é escoltada assim há muito tempo. Desde pequena ela teve a liberdade como uma fantasia, não vive como uma pessoa normal. Ela nunca vai a lugar nenhum totalmente sozinha, mesmo que ela esteja dirigindo o carro dela, tem algum homem da segurança dela por perto. Muito perto.”

“Okay, eu entendi o ponto que Will quer chegar. Mesmo que eu não me incomode de ir lá buscá-la” — *não mesmo* — “eu não vejo o porquê de os próprios seguranças não pedirem para ela voltar para casa. E por que continuam escoltando ela?”

“Bem, o caso é que dizem que um resgatado — como ela foi — fica sempre na mira desses delinquentes. Eles não gostam que capturem suas presas. Por isso a preocupação em cima de Victoria.”

“Certo, entendi isso, só que ainda não entendo por que os seguranças não pedem a ela pra voltar para casa?”

“Você iria para casa se um segurança seu pedisse para você voltar?”

Na verdade, eu ficaria até a balada acabar, para provar que eu posso tomar conta de mim mesmo e para fazer uma revolta bem sugestiva para os meus pais.

“Não” murmuro.

“Viu. Então não a critique e nem ao Will. Ele só está sendo cauteloso.”

“Paranoico.”

“Não é isso, é cautela mesmo, Ethan.”

“Exageradamente cauteloso então.”

“Sim, mas enfim, chega nessa boate e a leve para casa sã e salva.”

“Pode ficar tranquilo.” *Que das minhas mãos hoje ela não escapa.*



CHEGO NO EXTENSO ESTACIONAMENTO DA NINE, estaciono o carro entre as fileiras do meio. Pegó meu celular e faço a ligação para Will logo de uma vez. Preciso mostrar minha eficiência a ele.

“William” ele responde ríspido e automático. Com certeza não estava dormindo, mesmo que em Chicago já sejam umas quatro da manhã.

“É Ethan. Estou ligando para dizer que estou na boate, no estacionamento. Pode ficar tranquilo que vou cuidar dela.”

“Sim, certo. Agora, não precisa comprar ingresso, nem pedir passagem na fila. Chega pelas portas dos fundos e dê seu nome apenas.”

Que maravilha isso, a fila está dobrando a esquina da rua onde fica a boate e eu levaria uma eternidade para entrar, mesmo que subornasse alguém na fila. Ia acaba entrando quando a festa acabasse.

“Tudo bem.”

“E, por favor,” ele pede um *por favor* de uma forma tão rude que parece mais uma ordem, não um favor. “Não deixe ela beber além da conta e a leve para casa antes das três, no mais tardar.”

“Sim.” Tarefa complicada. Já são 02:35 agora. Ela vai querer me esganar.

“Me retorne quando estiver com ela em casa ou peça para o Ken me ligar.”

“Okay.” Confirmo e a ligação termina.

Quem é Ken?

Saio do carro e enquanto coloco minha jaqueta, passo os olhos pelo estacionamento. No canto escuro, vejo uma porta preta com dois homens altos de ternos e escutas no ouvido com cara de poucos amigos. Com certeza ali deve ser a porta dos fundos. Ando até eles e quando estou a uns quatro passos, os homens me olham com receio.

“Você é?”

“Ethan Brown.”

Eles trocam um olhar de entendimento e assentem um para o outro. Voltando a olhar para mim, estão neutros.

“Pode entrar. Passe pelo corredor, abra a terceira porta à direita e siga em frente até ver as luzes, que você estará dentro da festa” diz o homem branco, enquanto o negro abre a porta.

Assinto e entro pela porta de aço pintada de preto do lado de fora e por dentro continua prateada. O corredor é mal iluminado por uma luz roxa fluorescente, que permite apenas enxergar que estou em um corredor com paredes negras. Vejo algumas maçanetas e números, que tem em algumas portas, brilhando devido à luz neon.

Assim que abro a porta que o segurança orientou, sinto a batida da música eletrônica. Andando, vejo as luzes da discoteca dançando pelas paredes do corredor — que já não são mais pretas — e elas refletem pelas pilastras de espelhos da boate. As luzes estão em todos os cantos, colorindo o ambiente em: azul, vermelho, roxo, amarelo e verde.

Quando já estou totalmente dentro da boate, a primeira coisa que penso é: *Como vou achar ela?* O lugar está lotado e claro que muito barulhento. Por mais que tenha bastante luzes, não ajuda em nada. As luzes brancas que poderiam me ajudar, *apagam e acendem.*

Apagam e acendem.

Apagam e acendem.

E as coloridas mudam de tom o tempo todo. Nem os pontos de luzes brancas “*paradas*” nos camarotes, ajudam também.

Começo a percorrer o local com os olhos para ver se consigo ver Victoria. Acho que consigo achar ela. Sua fisionomia está tatuada na minha memória, tanto que assombra meus sonhos.

Vou para as escadas, subo olhando para todos os camarotes, mas não a encontro. Paro no fim do corredor dos camarotes e coloco as mãos no quadril.

“Que merda.” Pendo em voz alta, que ninguém ouve meu murmuro.

De repente sinto uma mão no meu ombro e me viro.

“Ethan.” Um homem fala próximo de mim por causa da música alta.

“Sim?”

“Que bom, eu estava torcendo para o senhor chegar logo.”

“Como?” Pergunto confuso. “Quem é você?”

“Eu sou o segurança particular da Srta. Colton e estava lhe esperando para levá-la daqui.”

Mmm... Aí tem.

“Por que tanta urgência? Algum problema?”

Ele faz uma cara que me preocupa e de modo discreto aponta para algo atrás de mim.

Quando giro meus pés, vejo que ele não apontou para *alguma coisa* e sim para *alguém*. Alguém que está dançando em cima de uma mesa alegremente e por muito pouco não permite ver sua calcinha.

Conforme ela se mexe no ritmo da música, fazendo o vestido subir, seu corpo parece estar sendo o foco das luzes e ela está reluzindo sob os olhos de quem está perto. Meu sangue ferve assistindo Victoria fazendo esse show particular em seu camarote e não é de excitação e sim irritação.

Muito relutante, deixo meus olhos dela e me viro para o segurança. Fecho a cara, mostrando minha total ira de antes, misturada com a minha desaprovação de agora. Devo estar parecendo o demônio da *Tasmânia* prestes a atacar.

“Como é que você permitiu ela chegar nesse estado?” Falo com ele, me esforçando para não me aproximar logo do camarote e tirá-la de cima da *merda* da mesa.

“Senhor, eu realmente nunca permitiria que ela fizesse isso, mas quando o

Sr. Colton... o Sr. William me ligou para informar que o senhor estava a caminho, me distraí e quando fui ver, ela já estava bebendo além do costume. Não é tão ruim quanto parece”, ele *meio* que murmura no final.

Com um olhar mortal, fito-o bem sério.

“Você sabe que se William tivesse mudado os planos e ele mesmo tivesse vindo buscá-la e visse o que eu estou vendo. Você sabe que estaria bem fodido agora. Certo?”

“Sim, senhor, eu sei” Ken fala com a voz resignada.

“Enfim, deixe isso para lá. O mal já está feito. Agora saia daqui e deixe que eu me resolvo em tirá-la daqui intacta. Volte a fazer sua tarefa, que é protegê-la de longe, já que de perto não está prestando, mesmo” falo e não ligo se estou abusando da sorte.

Ele assente e se afasta calado.

Voltando meus olhos para mesa que Victoria está, fico um pouco perdido com suas lindas pernas: longas e malhadas. São grossas e definidas no tamanho certo. Ela está usando um vestido prateado sem mangas que fica um palmo e meio abaixo da sua bunda. Curto demais para o meu gosto. As botas pretas — acho que são de veludo — chegam até acima do joelho. Está incrivelmente sexy e linda. *Ela é linda demais. Uma tentação.*

Depois de terminar minha admiração. Vou chegando mais perto dela, para enfim tirá-la de cima da mesa. Nem que seja à força. Chega de show por hoje, já está fazendo esse espetáculo por tempo demais. Nem era para ter começado. *Isso está me deixando puto da vida.* Quando eu ergo as minhas mãos para chamar a atenção de Victoria, uma mão macia me detém.

“O que você está fazendo?” A dona da mão grita comigo.

Viro meu rosto e vejo uma morena de olhos cor de âmbar escuros, alta e com a testa franzida de raiva.

“Calma,” digo alto por causa do som, “eu sou amigo dela e estou aqui para levá-la para casa.”

Ela solta uma risada debochada. “Amigo dela? Rá! Não estou sabendo disso.”

“Eu lhe conheço?”

“Eu” ela aponta para si “sou a melhor amiga dela e eu nunca soube que você era amigo de Victoria antes. E sim, você deve me conhecer da academia.”

Deve ser de lá mesmo.

“U-hum”, afirmo e resolvo esclarecer meu motivo de estar aqui. Mesmo que ela não tenha nada a ver com isso. “A verdade é que nós estamos começando a ser amigos agora.”

“U-hum”, me imita. “Legal”, diz e estende a mão. “Meu nome é Clara

Welling. Você é o Ethan, certo?”

“Sim. Como você sabe?”

“Eu acabei de dizer que sou da sua academia. Eu trabalhava lá, então eu sei quem você é por isso.”

Sua resposta me pareceu faltar algo. Sinto que estou perdendo alguma coisa.

“Hun... Claro.”

Ela aperta os olhos, desconfiada. “O que você está fazendo aqui? Você está seguindo a Vic?”

Carvalho. Era só o que me faltava.

“Não” respondo rápido. “Eu vim em missão de paz. Vim a mando do Will.”

Seus olhos se arregalam. “O Will que lhe mandou aqui?”

“Sim.” Afirmo acenando com a cabeça.

“Caramba, que merda” ela bate em sua testa, parecendo nervosa momentaneamente e vira o rosto para olhar para cima, onde Victoria está, agora, gargalhando e rebolando vagarosamente.

Deus eu vou matar algum engraçado que tentar chegar mais perto dela. Não era nem para estar olhando, mas não posso culpar eles por isso. Ela é deslumbrante.

“Vic, desce daí agora.” Clara grita.

Victoria olha para baixo e abre um sorriso bêbado para amiga, mas quando ela nota minha presença, perde o sorriso.

“*Ethan.*” Leio seus lábios formarem meu nome. O som alto impediu sua voz de ser auditiva, mas sei que ela falou meu nome.

Dou um aceno rápido com a cabeça e quando penso em abrir a boca, Clara aperta a perna de Victoria, chamando sua atenção.

“Desce dessa merda agora garota.”

Mesmo com as luzes coloridas, noto as feições de Victoria ficar com um rubor rosa envergonhado. *Tão adorável.* Ela assente e começa a se mexer para descer da mesa. Sentando-se em seus calcanhares e de modo patético, tenta sentar sobre a mesa e esticar as pernas para sair dela. Sou mais rápido e a ajudo.

Segurando seu corpo com firmeza pela sua cintura, ergo-a rapidamente para cima, puxo-a para meus braços e em um segundo ela está em pé na minha frente, nos meus braços e muito perto. Olho para o seu rosto. Ela está me encarando preocupada. Fico confuso, mas logo me lembro de que soltei um ruído — quando a ergui — com a dor que reverberou por minhas costas.

“Eu machuquei você?” Victoria fala sob a música.

“Não”, respondo fitando seus olhos, que estão totalmente cinzas.

Ela permanece me olhando preocupada e de repente parece que alguma

memória clareou sua mente e ela me olha estranho, franzindo o cenho e coloca suas mãos em meus ombros.

“Eu estou um pouco bê-bê-bada-a, mas eu-eu lembro que eu” ela faz uma pausa para respirar e chega mais perto de mim “eu te atropelai. Você está com dor por minha causa.”

Balanço a cabeça para clarear minha mente e fugir dos pensamentos eróticos que tive com ela dançando sobre a mesa e porque causa de tudo. Só em olhar seus olhos fico meio maluco.

“Não está doendo tanto”, omito para não deixá-la preocupada.

“Eu sinto tanto. Eu juro que-que não queria te atropelar.”

“Não se preocupe” falo para reforçar.

“Você o atropelou?” Claro fala junto comigo, fazendo Victoria e eu olharmos para ela. Tinha me esquecido dela.

“Sim” Victoria responde com o rosto triste.

Aperto meus olhos para Clara, avisando para ela calar a boca.

“Não foi nada” digo tentando tranquilizar Victoria.

Victoria assente e tirando suas mãos de mim, olha para as minhas mãos em sua cintura. Eu nem tinha notado que continuei com as mãos no corpo dela. A solto sem muita vontade e ela sobe o rosto para o meu de novo, olhando nos meus olhos.

“O que você está fazendo aqui?”

“O seu irmão mandou ele vir te buscar” Clara responde antes de mim e juro que quero fazê-la engolir sua língua.

Victoria se afasta de mim e me olha feio. “O quê?”

“Obrigado” agradeço com acidez, Clara “e, por favor, traga uma água para ela”, falo e viro meu rosto para Victoria. “Não é bem assim.”

“Eu não acredito nisso. Você veio aqui para me espionar e me levar para casa como se eu fosse uma criança”, ela solta um som raivoso e dá um giro.

Irritada ela começa a andar, saindo do camarote. Chega as escadas e vai para a pista de dança mais movimentada no andar de baixo. Eu a sigo depressa, mas ela não facilita e passa por todos, muito rápido e em um piscar de olhos some das minhas vistas.

“Putá que pariu.” Grunhi de raiva.

Continuo andando e perseguindo o local com atenção para encontrá-la novamente. Quando chego perto do bar. Encontro-a virando um copo que parece ser uísque. Corro e chego a tempo de deter seu último gole arrancando o copo da sua mão. Coloco com raiva o copo sobre o balcão, quase o quebrando com a pancada.

Victoria se vira para mim e quando ela levanta a mão para bater em meu

rosto, seguro seu braço pelo pulso no ar, então ela levanta a sua outra mão em meu rosto e me acerta um tapa.

Rosno irritado.

Quem está perto, vira o rosto para o som, mas eu nem ligo, não doeu. Só me irritou mesmo. Voltando meu rosto para ficar de frente para o de Victoria, noto que seus olhos estão brilhando. Ela fecha a cara para mim e chega o rosto tão perto do meu, que mais um passo nossos narizes se tocariam.

“Me deixe em paz. Vai procurar outra garota para ficar olhando e infernizando.”

“Não” digo entre os dentes e aperto seu pulso. “Para de dar vexame. Você não é assim.”

Ela puxa seu braço da minha mão, com raiva. “Você não me conhece e eu não tenho cinco anos.”

“Eu não acho que você tenha cinco anos”, rosno. “Apesar de estar se comportando como uma criança dessa idade.”

“Então vai para sua casa. Eu não sou problema seu e não preciso de mais um maluco na minha vida.”

“Você é sim problema meu, e eu só estou aqui para cuidar de você.”

Ela se afasta e olha para mim, como se eu tivesse falado algo irreal.

“Do que você está falando? Não preciso de outro irmão na minha vida.”

Eu levo minhas mãos para seus ombros e aperto com leveza. “Estou longe de querer ser um irmão para você.”

Vejo a pulsação em seu pescoço saltar e sua respiração fica pesada e acelerada. Seu peito sobe e desce. É o sinal que precisava. Parada final para minha resistência a ela. Eu não me importo com os riscos que estou a ponto de tomar. Não me importo que estou aqui para protegê-la e não tomá-la para mim. Eu a quero. Quero saborear esses lábios tão lindos. Sentir seu corpo, seu cheiro se misturar à minha pele. *Eu a quero.*

Não me importo mais se tudo der errado no final e minha família e a dela, acabarem em uma guerra. Eu não consigo tirar ela da minha cabeça, dos meus sonhos e não consigo mais frear meu desejo por ela. Cada centímetro do meu corpo parece arder com a necessidade de sentir o seu toque.

“Você é maluco” ela diz e mesmo com o som alto, escuto seu sussurro. Estamos nos encarando muito próximos.

“Estou ficando, com certeza. *Por Você.*” A solto e viro para o barman, que está nos assistindo com um sorriso idiota no rosto. “Duas águas.”

Ele se vira e pegando as garrafas d'águas, passa para mim ainda sorrindo. “Sua mina está lhe dando trabalho.”

Penso em corrigi-lo, mas pensando bem é bom mesmo que ele pense que

Victoria é minha. Deixo uma nota de dez dólares no balcão e virando-me para ela, não a encontro ao meu lado, *de novo*.

“Porra”, resmungo.

“Ela está ali” O barman aponta para minha direita, onde encontro Victoria se esfregando em um cara, que passa as mãos na cintura dela e na bunda.

“Porra, porra, porra” praguejo dando um soco no bar. “Putaque o pariu.”

Abandonando as águas no balcão, vou com fúria para cima deles. Puxando-a para meus braços e dou um empurrão nele.

“Tire suas mãos dela.”

Ele fecha os punhos para cima de mim, levantando guarda e fala: “Foi ela que veio se esfregar em mim, meu camarada.”

“Foda-se.”

“Vai se ferrar, cara. Foi ela que veio para mim. Por que você não dar o que ela quer para apagar o fogo dela?”

Como é que é? Quando penso em ir para cima dele, Victoria me empurra e sai pela multidão. Meu Deus, ela não está facilitando.

“Vai atrás dela, antes que ela encontre outro, meu irmão.”

Empunho meu corpo para perto dele e falo rosnando: “Não provoque e eu não sou teu irmão.”

Ele sorri levantando as mãos em rendição. Balanço a cabeça, para frear as merdas dos meus pensamentos de dar um soco nele e vou à procura de Victoria *de novo*. Passo apressado pelas pessoas que: Dançam, bebem, sorriem e se agarram. Sinto meus nervos ferverem de raiva.

Nunca pensei que ela fosse assim ou que fosse fazer isso comigo. Ela é mais esquentadinha do que eu pensei quando brinquei com ela debaixo da árvore, depois que ela me atropelou.

Estou quase subindo as escadas quando eu a vejo. Vou para cima dela, que tenta sumir pela multidão outra vez, mas sou mais esperto e passando mais rápido por um grupo de pessoas que estão dançando, consigo alcançar ela e pego sua mão. “Te peguei.”

Ela solta um grito e tenta se soltar de mim. “Me solta.”

“Não. Cansei desse joguinho de pique pega. Acho que essa fase de brincadeiras já terminou para nós dois há muito tempo.”

Ela se contorce tentando se soltar do meu aperto, mas eu não permito.

“Me deixa”, ela reclama.

“Não! Se comporte.”

“Para de *fa* — ” ela respira — a bebida está subindo em sua mente “de falar comigo como se eu fosse criança.”

“Então para de fazer essas porras, Victoria.”

Ela de repente solta uma risada, seus olhos brilham em excesso por causa da bebida e da alegria repentina. *Ela fica mais linda ainda.* Mas não vou me distrair com isso e a olho sério.

“O senhor quer ajuda?” Ken chega ao meu lado.

De onde ele veio?

“Agora, filho da puta?” Não ligo que ele seja segurança dela e que — com certeza — tem uma arma debaixo da sua jaqueta.

Ken se sobressalta com minha resposta, mas rapidamente se recompõe. “O senhor que me mandou ficar de longe.”

“Que seja. Apenas pegue as coisas dela. Nós já estamos de saída.”

“Estamos nada” Victoria que ainda está relutante em meus braços, reclama.

“Não?” Eu a pergunto com sarcasmo.

“Não.”

“Veremos”, digo.

Ela se joga para trás para se desvencilhar de mim. Surpreendendo-a, eu a solto. Victoria me olha assustada e abre a boca. “O quê?”

Sorrio perversamente e me abaixando, passo meus braços por suas pernas, erguendo-a para os meus ombros. Seguro suas coxas com firmeza, giro meu corpo para o corredor, da porta que dá para a saída dos fundos e caminho, carregando-a no meio da boate.

“Ah!” Ela grita e mexe as pernas, me chutando no processo, e fico mais agradecido por mais uma dor no meu corpo.

Meu Deus, minhas costas queimam, mas não vou soltá-la mais.

“Me ajuda menino bonito” ela fala para alguém atrás de mim, quando estamos passando pela multidão, que está nos olhando e alguns riem, outros ficam curiosos.

Dou-lhe um tapa na bunda para se comportar. *Sem graça*, não gostei nem um pouco da brincadeira de chamar algum desses babacas de bonito.

“Ai!” Reclama, mas ignoro.

Chego ao corredor e dou graças a Deus por ela ter se acalmado um pouco, mas conforme eu ando para a porta, ela se agita de novo.

“Onde está... Você me levando *Ethia*?” Ela fala embolado e confuso.

Acho graça ela errar meu nome, mas não rio. Abro a porta com dificuldade com a mão machucada e entro. O som da música se abafa quando fecho a porta. Continuo andando para chegar logo à porta dos fundos.

“Me coloca no chão” ela pede com a voz calma e sem me chutar.

“Não.”

“Por favor.” Choramanga.

“Não. Você vai fugir e eu estou ficando cansado e com dor no meu corpo.”

“Juro. Eu... eu não vou fugir” ela pede com a voz baixa. “*Plometo.*”

Relutante e cauteloso faço-a sair do meu ombro e deslizar pelo meu corpo. Nossos corpos se esfregam e sinto o meu se aquecer. Meu corpo todo estremece e não só por causa da dor que sinto no momento que suas mãos passam pelo machucado das costas, mas porque ela fica recostada em meu corpo quando finalmente coloca os pés no chão.

Sinto minha ereção acordar e acho que ela também sente. Seus olhos se arregalam e sua boca se abre soltando a respiração ofegante. Fico vidrado em seus olhos e os lábios. Como se ela fosse um animal feroz, subo minha mão cauteloso e levo até seu rosto. Pouso meu indicador em seu lábio inferior.

Pegando-me de surpresa, Victoria me empurra, fazendo-me bater de costas na parede. Suas mãos passam em meu peitoral, ombros e chegando ao meu pescoço, ela se inclina e as mãos vão parar em meu rosto. Ela o puxa para o seu.

Sua boca se choca a minha, batendo com fúria os lábios nos meus.

Tomado de desejo, passo minhas mãos por sua cintura, forçando seu corpo ficar mais perto do meu. Não estou dando a mínima para a dor em minhas costas. Estou perdido *nela*, deixando-a fazer o que quiser comigo. Quando ela ofega, abrindo a boca para respirar, abro a minha e enfio minha língua, enroscando nossas línguas. Eu a beijo com toda a fome e desejo que estou sentindo nesse momento, com a paixão bruta dentro de mim.

Mesmo sendo nosso primeiro beijo e estarmos aprendendo um sobre o outro. Não me importo de enfiar minha língua em sua boca, deixar minhas mãos deslizarem em seu corpo, sentindo as curvas deliciosas e fartas. Tento deixá-la confortável para fazer o mesmo e sinto que quanto mais nós nos beijamos, mais Victoria fica confiante e sinto sua entrega tanto quanto a minha.

Apalpo sua bunda com uma necessidade enorme de apagar a chama que nos aproxima cada vez mais. Que inevitavelmente nos aproxima sempre. Esse beijo é como um espinho sendo tirado das minhas entranhas. Matando a frustração que fiquei com o nosso quase primeiro beijo ontem.

Sem sombra de dúvidas, valeu a pena vir até aqui hoje. Escutar esse som alto martelar na minha cabeça, ter pego ela sobre meus ombros e sentir todos os músculos do meu corpo arder como fogo. Todo o esforço que fiz, está valendo a pena agora.

Seu sabor é feminino, suave, doce e inebriante. Sua língua suave e quente, ainda tem o gosto da bebida, que sem sombra de dúvida era Bourbon. E mesmo que não tenha gostado de vê-la beber como bebeu, sei que não é seu comportamento. Esse deve ter sido seu primeiro porre. Não consigo deixar de gostar do seu gosto misturado com a bebida, na sua língua. Estou viciado nesse conjunto perfeito de Victoria e Bourbon. Chego a desejar beber uma garrafa

inteira de uísque desses lábios tão *beijáveis*.

Ela puxa minha jaqueta, soltando um gemido quando aperto minhas mãos em suas costas por reflexo. Suas mãos sobem para os meus cabelos e os puxa de leve. O beijo enlouquecido vai desacelerando e me apoiando na parede, abraço-a com medo de deixá-la cair e porque não quero perder o calor do seu corpo.

Victoria vem mole para o meu peito e encosta em mim de bom grado. Sua cabeça repousa em meu peito e as mãos escorregam para os meus braços, segurando firme meus bíceps.

Ainda ofegante, olho para baixo e percebo que ela está um pouco instável. Não está conseguindo ficar totalmente de pé.

“Nossa”, fala entre as lufadas de ar com os olhos fechados.

“Você está bem?” Indago preocupado de verdade.

Ela sobe o rosto para mim e olha meus olhos — mesmo que eu desconfie que não esteja conseguindo focar em nada. Uma expressão confusa e pouco fora de si, cobrem sua face. Ela balança a cabeça tentando afirmar que está bem. Fecha e abre os olhos algumas vezes, tentando me colocar em foco de novo. Um sorriso bobo se forma em seus lábios — levemente inchados.

“Sim, mas eu estou vendo dois Ethan” fala apontando o indicador para o meu rosto, ou nariz, não sei.

Abro um sorriso torto, achando graça. “Jura?”

“U-hum”, ela diz e tenta colocar a mão no meu rosto, mas falha e acaba soltando uma gargalhada. Eu rio também, mas logo fico preocupado quando ela perde o equilíbrio e se agarra em mim com mais força.

“Ei! Victoria?” Chamo-a.

Então ela fica mole em meus braços e desmaia. Rapidamente eu a seguro e pegando-a no colo. Passo um braço por baixo das suas pernas e o outro seguro suas costas, erguendo-a. Sem perder tempo sigo pelo corredor até a saída.

De repente a porta de acesso a boate se abre atrás de mim com Ken vindo apressado.

Olha se eu não tivesse tido o melhor beijo da minha vida — sem ter ele para me interromper —, reclamaria por ele ser tão negligente e deixá-la desprotegida por tanto tempo, mesmo levando em consideração que está comigo — *está com “Deus”*, entre aspas — não aprovo.

“Onde diabos você estava?”

“Procurando à Srta. Welling.”

“Por quê?”

“Para dizer que nós já estamos indo. Ela veio com a Srta. Colton.”

“Certo. Enfim, ela vai agora ou não?”

“Ela não quer ir agora, algum motorista da casa dela vai vir buscá-la.”

“Certo, que seja” falo sem me importar, pois isso não é problema meu. “Agora abra a porta para a gente sair.”

Ele assente e vai rápido até a porta abrindo-a e fica do lado de fora, esperando eu sair com Victoria. No estacionamento, vou em direção ao meu carro.

“Senhor”, Ken me chama.

Viro meu rosto para ele.

“O carro está para cá” diz apontando para o lado oposto de onde está o *meu* carro.

Paro e falo para ele. “Ela. Vai. No. Meu. Carro.”

“O senhor não acha melhor eu levá-la logo, para o senhor poder ficar livre e ir para sua casa. Não precisa se incomodar.”

Ele está de sacanagem comigo? Abro um sorriso descrente e fito-o.

“Ela não é nenhum incômodo para mim. E livre? Irei ficar livre quando eu a deixar em casa sã e salva, por minhas mãos.” Viro-me para meu carro e novamente ando, mas antes falo sobre os ombros: “E até onde eu sei, Will me enviou para levá-la para casa, não até o carro. Agora você poderia fazer o favor de abrir a porta do meu carro?”

Ele pigarreia e me acompanha.

“A chave está no meu bolso direito na frente da minha calça.”

Ken rapidamente pega a chave e aperta o alarme, abre a porta do carona e me inclino para colocar Victoria no banco gentilmente. Relutante ela se solta de mim e se acomoda no assento. Voltando a ficar de pé, sinto uma enorme dor nas costas, tanto que tenho que apoiar as mãos no capô do carro, para esperar aliviar.

“O senhor está bem?”

Mesmo com minhas grosserias, Ken está preocupado comigo. *É, talvez ele seja bom para cuidar de Victoria, mas não quero jogar a sorte fora e não levá-la eu mesmo para casa.*

Faço um gesto com a mão para ele de: *deixa para lá.*

“Estou. Não se preocupe.” Fecho a porta do carro, dou a volta para o lado do motorista e entrando, olho Ken e ordeno: “Nos siga. Vou lhe esperar na saída do estacionamento.”

Ele assente e vai buscar o carro. Entro no meu, fecho a porta e coloco o cinto de segurança em mim e em Victoria. Ela está ressonando lindamente ao meu lado. Tiro os fios de cabelo da frente do seu rosto, que caíram quando ela deixou a cabeça tombar para frente e a observo.

Está serena e bela, o contraste da garota travessa que me deu uma canseira hoje. Ela nunca vai deixar ninguém entediado com sua energia constante. Eu quero ser essa pessoa e talvez agora entenda o porquê Will quer colocá-la em

uma redoma de vidro. Ela é muito preciosa para *não* querer escondê-la desse mundo horrível.



O CAMINHO FOI TÃO RÁPIDO ATÉ SUA CASA, que eu queria ter andado mais devagar. Apenas para poder tê-la mais um pouco ao meu lado. Mesmo sem poder ouvi-la ou olhar para seus lindos olhos verdes, queria tê-la perto assim, me fazendo sentir coisas estranhas dentro de mim.

Chegando na sua rua, deixo Ken passar à frente, para chegar primeiro aos portões dos Colton. Depois que ele entra, o sigo e paro o carro em frente às portas da casa. Viro meu corpo para Victoria, solto meu cinto e vagarosamente o cinto de segurança dela também, que faz um clique alto e a desperta.

Ela resmunga alguma coisa e não se mexe até que eu encosto minha mão em seu braço para tirar o cinto do seu corpo. Ela vira o rosto e fica cara a cara comigo. Os olhos abrem lentamente e me vendo, um pequeno sorriso se curva em sua boca.

“Oi” digo, olhando dentro dos seus olhos.

Ela pisca para mim, mas não diz nada.

“Chegamos”, murmuro.

Ela vira o rosto e olha para sua casa. Abro a porta do carro, saio e dando a volta por ele, abro a porta e estendo minha mão para ela sair. Ela coloca primeiro as pernas para fora e depois segurando firme minha mão, se ergue e fica de pé cambaleia um pouco. Passo o braço livre por sua cintura, segurando-a e o outro ela deixa por cima do meu ombro, abraçando meu pescoço.

“Obrigada”, diz com a voz baixa.

“Não há de que”, digo baixo também sorrindo e ela dá um sorrisinho tímido.

Andamos pelo caminho de pedras, que tem em frente à casa e Victoria perde o equilíbrio. Rapidamente tiro seus pés do chão, segurando-a em meus braços. Ela me agarra com força, surpresa e quase posso ouvir seu coração acelerar.

Chego à porta e me inclino para colocá-la de pé, mas ela não me solta.

“Não,” reclama “me leva lá para dentro. Eu não sinto direito meus pés e meu estômago dói.”

Uma luta interna entre: Entrar ou não entrar, me domina. Olhando para trás, vejo Ken nos observando.

“Ken abra a porta”, peço calmo. “Ela não consegue andar direito.”

Ele assente vem até nós e para na minha frente, estendo os braços.

“O que você está fazendo?” Pergunto.

“Deixa que eu a levo, senhor.”

Nem morto eu deixo um homem tocar nela assim.

“Eu vou” digo com a voz rouca.

Ele respira fundo, parecendo cansado. Quando é que ele vai aprender que sou eu quem vai segurá-la a partir de agora? Lógico que se ela quiser. *Porra*. Nenhum outro homem, a não ser o irmão, pai e talvez meu irmão, vai colocar as mãos em Victoria, agora que eu a tomei para mim. Mesmo que ela ainda não saiba, *ela é minha*.

Esse pensamento dentro de mim, parece confuso. É uma revelação essa possessão. Estou surpreso com esses pensamentos que se apossaram em mim. No entanto, sinto que não respondo mais por meus atos perto de Victoria. Só consigo pensar nela, longe ou perto.

Ele abre a porta, dando passagem para eu passar. Entrando me deparo com um labrador rosnando para mim.

“Que porra de cachorro é esse?”

Victoria murmura em meu pescoço: “Zeus”, diz e estende a mão que estava no meu pescoço e chama o cão. O animal vem até ela, mas hesita comigo e rosna novamente. “Calma, rapaz. Ele é amigo, não se preocupe.”

O cachorro balança o rabo e relaxa um pouco. Victoria vira o rosto e olha para mim com os olhos brilhando. “Fala com ele”, diz baixinho.

“Oi, Zeus. Sou amigo, estou protegendo sua dona.”

O cachorro parece me entender e finalmente baixa a guarda. *Ótimo*. Olho de novo para Victoria e a vejo me olhando de uma forma estranha e diferente que mexe com algo dentro de mim. Engulo em seco e volto a caminhar para dentro da casa. Escuto Ken fechar a porta atrás de nós.

Sigo o caminho para as escadas e Victoria exclama: “Não!”

Paro confuso. “O quê?”

“Eu quero ir para a casa da piscina. Lá está meu outro quarto e eu não quero ir para o meu aqui... dentro. Me leve para lá... Por favor.”

“Tudo bem.”

Passo pela sala de jantar, cozinha e as portas do escritório, chegando às portas de correr de vidro do jardim, que se abrem automaticamente. Saio e sinto a brisa gelada da noite e das montanhas onde moramos.

Passo pelo gramado do quintal e logo chegamos ao chão de pedra que envolvem a piscina. De um lado tem duas cadeiras brancas inclináveis para pegar sol ao lado de uma mesa branca com cinco cadeiras e uma barraca de sol no encaixe do meio. Na ponta oposta das escadas da piscina, tem uma parede de vidro com água correndo. Uma cascata, iluminando o ambiente com feixes de

luzes. Em frente à casa da piscina, tem duas grandes cadeiras de madeira com estofado branco.

Subo quatro degraus e chego à varanda da *casinha* da piscina. Sustentada por colunas brancas, estilo Romano, paredes e portas de vidro — filmadas para não permitirem olhar para dentro da casa, em volta um lindo jardim florido com três palmeiras, a casa é adorável.

Paro na porta e na primeira tentativa não consigo apoio para abri-la.

“Você pode abrir a porta?”, peço a Victoria gentilmente.

Ela levanta o rosto do seu esconderijo — seu braço e meu pescoço — e me olha franzindo a testa.

“Eu não consigo alcançar a maçaneta”, explico.

“Hmm...” ela sorri e estica a mão abrindo a porta e nós entramos.

A casa é moderna e me lembra da minha por ser na maior parte de vidro. O ambiente com uma televisão de 58 polegadas na parede, dois grandes sofás de couro branco e a cozinha de aço inox aberta, é o primeiro andar. Cozinha do lado direito, toda de aço com o balcão de mármore e banquetas com pés de aço. No recuo dos fundos, na direção da cozinha, tem uma porta dupla de venezianas de madeira e próximo a essa porta tem uma porta para um banheiro com uma pequena margarida desenhada no meio.

O andar de cima é apenas metade da pequena casa, como um terraço. Uma escadaria de vidro fica na parede oposta às portas da entrada, que leva para o que Victoria chama: *Seu segundo quarto*. Nele, observo a suíte. Aberta para o andar de baixo por um parapeito de vidro. Uma grande cama de casal redonda no canto com duas mesas de cabeceira. Uma cadeira de balanço de acrílico pendurada do lado oposto da cama com estofado vermelho, chama minha atenção. Assim como atrás da cama há uma janela enorme com o visual da linda estufa, que aposto ser a porta de veneziana. Na parede do corredor para o quarto, tem o banheiro com a porta de frente para a cama.

Me aproximando da cama, inclino o corpo e deito Victoria. Voltando a levantar meu corpo, sou puxado pela jaqueta.

“Fica”, ela pede de olhos fechados e fazendo um charme. *Totalmente natural*.

Ela não sabe o que está pedindo. Por mais que eu adore a ideia de ficar, não posso. Hoje não. Ela está bêbada, meu corpo está dolorido, por todos os motivos do mundo e tem o fato de que Will vai chegar amanhã e provavelmente vai querer conversar com ela. Não acho que falar que passei a noite com ela será uma boa coisa. Sei que preciso aliviar essa vontade de tê-la, mas não esta noite. Ela não merece isso.

“Não posso” digo. Delicadamente tento tirar suas mãos, que não querem me

soltar.

“Por quê?” Murmura.

“Eu não quero fazer isso assim, Victoria.”

Ela resmunga e diz: “Você é malvado e maluco.”

Dou gargalhada. “Por quê?”

“Porque você não quer ficar comigo. Depois de ter me seguido e também porque me olha o tempo todo” fala pausadamente e no final me puxando de novo pra baixo, me encara e pergunta com o cenho franzido: “Por que você me olha tanto?”

Sua pergunta me deixa nervoso. *Por que eu a olho tanto?* Porra. Eu passei três meses, quase quatro, debatendo isso na minha cabeça. E ainda tento entender, mas a verdade é que não sei direito porque ela me fisgou desse jeito.

“Não sei.”

Ela ri. “Viu?” Solta uma das mãos da minha jaqueta e aponta para o meu peito. “Você é maluco.”

“Não sou não.” Apoiando-me apenas com um braço, uso a outra mão para fazer um leve carinho em seu rosto com o polegar e deixo os outros dedos em seu pescoço. “Eu não posso fazer nada se você é linda e hipnotizante.”

Ela sorri e fecha os olhos, fazendo um biquinho e ergue o rosto para o meu. Sem poder resistir. Flexiono meu braço e desço meu rosto. Diferente do outro beijo, acaricio seus lábios com os meus. Passo meu nariz pelo seu rosto, sentindo seu cheiro, o mesmo cheiro de morango e floral, misturado agora com fumaça de discoteca e uísque. Volto a unir nossos lábios com vontade e ela lambe lentamente minha boca, fazendo meu corpo inteiro vibrar. Abro a boca e nossas línguas se encontram e antes de meter minha língua toda na boca de Victoria, sinto seu gosto de novo. *Tão suave e único.*

Seus sons são baixinhos, leves e às vezes ela solta repentinos gemidos. Sentindo meus braços falharem, me solto dela para não passar dos limites. Puxo meu corpo para cima com pressa. Victoria, com teimosia, arqueia o corpo para o meu e passa os braços no meu pescoço, me levando para baixo *novamente*.

“Ethan”, sussurra antes de puxar meu rosto e me dá um beijo estalado.

Perco as forças e deixo meu corpo cair sobre o dela. *Que merda eu estou fazendo?* Passo meus braços por debaixo dos seus ombros, corro minhas mãos até sua cabeça e sou eu que a puxo para mim agora. Ela me aperta e enterra os dedos nos meus cabelos. *Meu Deus.* Eu não sei se vou conseguir parar isso que estamos fazendo. Eu a quero tanto. Esse desejo por ela me consume. *Me ajuda, senhor.*

“Calma, Victoria”, falo entre os beijos. “Vamos pensar direito.”

Ela não me solta de jeito nenhum e estou começando a desistir de lutar

contra seus impulsos. Nos beijamos feito loucos por longos minutos, e com um esforço hercúleo ainda luto para não ceder *tudo*.

Algo dentro de mim ganha forças e por fim consigo me desvencilhar dela. Victoria me olha com olhos tristes, que parte meu coração. Eu não posso deixar isso acontecer assim. Ela é muito mais do que uma mulher que eu poderia ficar em uma noite louca e fim. Acabou.

Inclinando meu rosto, deixo um beijo rápido e estalado nos seus lábios. Me afasto da cama e fico de pé.

“Desculpe, Victoria, mas eu não quero que nós nos arrependamos amanhã.”

Ela olha para suas mãos e eu chego perto dela.

“Não fica assim”, digo segurando seu queixo.

“Eu não te entendo,” murmura baixinho.

“O quê?” Pergunto e subo o rosto dela com a ponta dos meus dedos.

“Você fica me olhando todo dia e agora você não me quer.”

Merda.

“Eu quero você,” engulo em seco, “mas não quando você está um pouco bêbada.”

Ela assente e seus olhos fogem dos meus. “Okay, eu entendo. Desculpe. Você tem razão.”

“Não peça desculpas. Eu apenas não quero magoá-la.”

Ela abre um leve sorriso e também sorrio, sentindo alívio. Seu sorriso some rápido e uma expressão de mal-estar toma seu rosto. Levantando da cama, corre para o banheiro. Vou atrás dela e a assisto ajoelhada em frente ao sanitário, vomitando.

Chego mais perto e ajudo. Seguro seu cabelo e pego um pouco de papel-higiênico para ela limpar a boca. Quando termina, se senta sobre os calcanhares e estendo o papel para ela, que não consegue pegar porque cai para trás desmaiando novamente. Consigo segurá-la para não bater no chão.

Com ela nos braços, passo o papel-higiênico em sua boca e a ergo. Sento ela na pia e envolvo sua cintura com um braço e com a mão livre, pego uma toalha de rosto, que estava pendurada e molho. Inclino seu rosto para cima e limpo sua boca melhor. Ela está pálida, mas continua absolutamente linda. Acho que nunca vou me cansar de admirá-la. Termino de limpá-la, passo meu braço livre por suas pernas e a pego no colo, levando para cama.

Victoria deita e se aconchega nos travesseiros, os apertando e ficando de bunda por alto. *Maravilha* — penso com ironia fitando sua bunda.

Girando meus calcanhares, me afasto saindo do quarto. Quando estou no meio do corredor, viro para o quarto e a vejo deitada de botas e vestido. Seu vestido — acho, paetê — irrita a pele, e com certeza ela vai acordar se sentindo

ainda pior com ele. Fecho os olhos, hesitando um pouco e conto até dez e...

“Merda” resmungo e acabo voltando até ela.

Giro-a devagar na cama, para não despertá-la e puxo o fecho das bostas. Abrindo uma de cada vez e tirando. Subindo as mãos — que estão tremendo — inclino o corpo de Victoria para frente, apoiando-a em meu peito como fiz no banheiro. Procuro o zíper do vestido e achando, deslizo para baixo. Vagarosamente tiro a parte de cima e deitando ela na cama. Puxo para baixo, erguendo sua cintura com a mão na sua lombar e tiro o vestido pelas pernas. Merda. Olhar para ela agora... *Estou excitado pra caralho*. Ela é gostosa demais.

Seu corpo é seco, o abdômen não tem uma gordura sequer e tem até músculos, bem femininos e delineados. As pernas são perfeitas. Eu tinha notado um pouco quando ela estava dançando em cima da mesa, mas vê-la assim seminua é demais para mim.

Ela está usando um conjunto de lingerie branca de renda com o sutiã de arco e sem bojo. Seus seios estão absolutamente apetitosos neles. A calcinha, estou me esforçando para não perder a moral. O tecido é sexy e não deixa nada para a imaginação. A renda na parte da frente da sua virilha é transparente. Estou vendo tudo. *Hoje não vou conseguir dormir direito*, mesmo.

Estou louco para me afastar do perigo, mas algo estala na minha cabeça. E se alguém vier ver se ela está bem e a encontrar assim. *Não. Não mesmo. Eu não vou permitir isso*.

Começo a procurar por alguma roupa para cobri-la. Na cômoda, que tem no canto e dentro do banheiro. E não encontro nada a não ser um biquíni. Okay. Certo. Tiro minha jaqueta, depois minha blusa de linho e visto a blusa em Victoria. Fecho apenas alguns botões e a deito novamente. Ela resmunga e me despedindo de vez, deixo um beijo em seus cabelos gentilmente.

“Boa noite, princesa” sussurro seu apelido e acaricio seu rosto.

Ela me surpreende fazendo um som, que não identifico o que é.

Coloco minha jaqueta para não sair nu da cintura para cima e me afasto desesperado de perto dela. Meu juízo está em prova por muito tempo hoje.

Chego à porta e seguro logo a maçaneta para não perder tempo e fechar ao sair. Dou uma última olhada para cima. *Um dia você vai ser minha e não vai demorar muito*. — Penso e saio da casa com o objetivo de chegar na minha casa, e com toda certeza do mundo vou ficar em claro. Essa mulher está acabando, ou mudando, com meu mundo.

Oito

Victoria

DOMINGO, 11 DE OUTUBRO DE 2013.



COM OS OLHOS AINDA FECHADOS, resmungo sentindo gosto ruim na boca, e mais uma vez, quando viro meu corpo e abro os olhos. Estou na casa da piscina. *Estou na casa da piscina? Por que não estou no meu quarto?* Levanto meu corpo, sentando no meio da cama e passo os olhos no quarto. Sinto minha cabeça latejar. Está tudo rodando. *Ai, caramba!* Seguro minha cabeça para tentar fazer a terra parar.

“Uau”, murmuro. Não adianta nada segurar minha cabeça. Péssima ideia. Volto a fechar os olhos e caio na cama, me deitando. Meu corpo parece uma gelatina. *Que dor de cabeça dos infernos.*

Minha cabeça está martelando. O gosto na minha boca é azedo e sinto o leve ardor de uísque. Meus olhos, mesmo fechados, parecem querer pular para fora da minha face.

Ai meu Deus. O que eu fiz? O que aconteceu comigo?

Faço silêncio mentalmente e rezo para melhorar. Respiro fundo uma, duas, três vezes e flashes da noite passada começam a aparecer na minha mente como um filme pirata e caótico. Eu escolhendo minha roupa, na companhia de Clara no meu quarto, tagarelando sobre eu finalmente ir para cima de Ethan. Ela mal sabe que eu o encontrei na sexta. Espera... *Ethan?!*

Ai. Meu Deus. Ethan!

Não sei se foi sonho ou realidade, mas em minhas memórias turvas, lembro-me de dançar em cima de uma mesa e os olhos dele em mim. Suas mãos fortes na minha cintura, me tirando de cima dela depois. Eu correndo dele, que estava atrás de mim na *NINE*. Nós dois brigando no bar e... eu batendo no rosto dele.

Oh céus!

Será que eu bati mesmo nele? E logo depois de ter atropelado ele na sexta. *Não!* Coloco as mãos na boca e balanço a cabeça. Tenho certeza que estou com cara de culpada, ou louca.

Suspiro e meus dedos passam em meus lábios e lembro... Nós nos beijamos. Um beijo desesperador. Suas mãos no meu corpo, me apertando e as minhas no seu rosto, nos cabelos e nos braços. Eu não posso acreditar nisso.

Por favor, Deus. Isso tem que ser sonho, mesmo que o beijo tenha sido digno de cinema.

Realmente foi tão bom beijá-lo. Sentir suas carícias e seu cheiro, mas... Paro passando as mãos no meu corpo recordando das mãos dele em mim e...

Jesus!

Abro os olhos e olho para baixo. Estou usando uma blusa de linho azul masculina. E consigo perfeitamente lembra dela em Ethan, no meu sonho...

Sonho

Sonho

Sonho

“Inferno!” Bato na minha boca me desesperando ainda mais.

Não foi sonho, não. Porque eu estou usando a camisa dele *de verdade* e olhando para a cadeira de balanço, vejo meu vestido de paetê e minhas botas favoritas da Chanel colocadas perfeitamente sobre os estofado vermelho.

Minha Nossa Senhora. Acho que estou tendo um ataque do coração. Um desespero maior atinge meu corpo. *Se não foi sonho, então, eu realmente beijei ele? Ontem realmente existiu? Então ele me beijou de verdade mesmo?*

“Ai caramba.”

Pulo da cama depressa e vou para o banheiro. Preciso passar um pouco de água no rosto. Preciso me acalmar. Preciso controlar meu coração. Estou ansiosa, nervosa e quente.

Olho meu reflexo no grande espelho da pia do banheiro e forço minha mente a se lembrar de tudo que consigo. A dança, a briga, a corrida, o beije. Deus! Eu bebi demais ontem. Nem acredito que dancei na mesa. Ethan me olhavam com desejo e fúria enquanto eu dançava. Não sei se a raiva era por eu estar pagando aquele vexame ou era totalmente *direcionada* a mim.

Será que ele está zangado porque eu o atropelei? Eu o machuquei, lembro como ficaram suas costas. E se ele não estava com raiva antes, hoje talvez esteja. Lembro do gruído de dor que ele soltou quando me tirou da mesa e quando eu estava sob seus ombros, dizendo: *“Você vai fugir e eu estou ficando cansado e com dor no meu corpo.”*

Tenho certeza que ele sentiu dor. Ainda deve estar, depois do esforço de me carregar. Tadinho, mesmo depois do que lhe fiz, foi atrás de mim. Estou me sentindo tão culpada. Mas confesso que adorei vê-lo lá. Eu sabia na hora que o vi, que ele estava lá por mim e estranhamente queria encontrar ele. Porém quando descobri que ele foi por causa da paranoia de Will, foi um balde de água

fria. Fiquei com tanta, mais tanta raiva. Queria que ele tivesse ido se divertir e então me encontrado por acaso e ficado feliz em me ver. Porque gosta de mim. Não porque alguém mandou ir lá com um mandado de prisão. Foi assim que me senti: *Polícia disfarçada chegou, festa acabou.*

Odeio sentir uma coisa e na verdade ser outra, e mais ainda. Odeio me sentir uma criança. Já não basta minha família, ter Ethan como um *príncipe* encantado indo me resgatar, foi demais.

Por que ele tinha que ir atrás de mim? Não entendo. O que ele ganhou com isso?

Travo esses pensamentos, e...

Se a blusa dele está aqui, ele também está aqui ainda? Oh céus! E se ele estiver aqui, o que eu faço?

Saio do banheiro e o chamo como em um filme de suspense. Minha voz soa hesitante:

“Ethan?”

Nada, sem resposta. Desço as escadas e chamo de novo, mas não vejo ninguém no andar de baixo também. *Será que está no banheiro?* Vou até a porta e bato. Espero uns segundos e abro. Nada.

Está bem, ele não está. Isso quer dizer que ele não ficou. Ótimo. Não sei como reagiria se ele estive aqui. Não sei o que faria em vê-lo depois de tudo que aconteceu. No entanto, a sensação estranha em saber que ele foi embora e me deixou aqui, me abala.

Calma Victoria, é melhor assim. Porque você fez tanta burrada ontem e antes, que a distância agora é a melhor coisa. Minha consciência adverte. *Será mesmo? Deus!* Coloco as mãos na cabeça, passando para trás e seguro meus cabelos fazendo um rabo de cavalo e depois faço um nó, amarrando os cabelos com um coque improvisado.

Será que vou conseguir vê-lo de novo sem fazer mais nenhuma besteira?

Suspiro e meus ombros caem. Estou cansada.

Subo as escadas, coloco meu vestido e as botas para chegar até meu quarto dentro da casa principal. Quero tomar um banho quente e colocar um pijama e hibernar até 2050.

Vestida com minhas roupas, pego a blusa dele e levo comigo. Nem quero saber o que meus pais pensariam se me vissem com a blusa de um homem depois de sair ontem à noite. Até onde minha família sabe, eu não estou com ninguém e isso não é comportamento adequado de uma moça de família. E se não estou saindo com ninguém, eles pensariam coisas ruins de mim. De qualquer forma pensariam.

Mas você não está saindo com ninguém mesmo, Victoria. Cala a boca

consciência de merda, que na hora de aconselhar a: *Não beber. Não agarrar. Não se distrair dirigindo e atropela alguém. Não aparece e me deixa fazendo papel de idiota para o cara que eu estou a fim.* Suspiro e balanço a cabeça. Estou batendo o pé para mim mesma. *Acho que enlouqueci.*

“É, não tem como negar. Com certeza estou a fim do Ethan” Confesso para o meu reflexo no espelho. Porque é lógico que eu tinha que ajeitar o estrago na minha cara para encarar meus pais, caso eles me encontrem no caminho até meu quarto. Mas pretendo passar como um vulto pela casa. *Ai nossa.*

Pais.

Pais.

Pais.

“Caralho!” Exclamo alto para mim mesma. “Isso leva a Will e ele vai ficar furioso quando souber o que fiz ontem. Calma. Fique calma, Victoria.”

Inspiro e expiro umas mil vezes e desço as escadas, passo pela sala e abro a porta indo direto para a casa dos funcionários.

“Olá, pessoal.” Cumprimento alguns dos funcionários que estão relaxando agora: Ronne, o motorista do papai, Rita a cozinheira e — *graças a Deus* — Ken.

“Bom dia, Srta. Colton”, todos falam educadamente, mas ao mesmo tempo com os rostos demonstrando sua confusão e interesse por eu estar aqui.

Normalmente eu, *na verdade nunca*, venho à casa dos funcionários. Mamãe fala que é o local de descanso deles e não é para nós os importunarmos, qualquer coisa basta passar um rádio que eles atendem.

“Bom dia,” sorrio e me viro para o meu segurança. “Ken, você poderia ter uma palavrinha comigo?”

Ele se levanta. “É claro, senhorita.”

Saímos e forço a ficarmos distante dos outros, não quero ninguém ouvindo. Paro quase no meio do quintal e me viro para ele.

“Ken, você poderia me refrescar a memória do que você se lembra de ontem?”

“A senhorita não se lembra?”

“Oh! Sim,” faço um pequeno som de lamento, “mas sabe... eu queria que você me falasse com suas palavras.” *Para ver até onde a sua memória vai e o que você vai contar para Will* — completo, mas guardo para mim.

Ele fica me fitando mudo por alguns segundos com a expressão neutra, então fala:

“Sim, posso relembrar a senhorita. Qual parte mesmo a senhorita está preocupada?”

Franzo o rosto todo, desesperada. “Oh céus, Ken. Eu dancei em cima de

uma mesa! Corri a boate inteira e até onde eu lembro. Ethan me colocou sobre os ombros. Você não acha que eu deveria estar preocupada?”

“Verdade. Aconteceu isso tudo.”

“Por favor”, imploro. “Você vai contar tudo pro Will?” Balanço a cabeça, pedindo que não. Não quero saber mais de nada. Só não quero que meu irmão saiba.

Suas sobrancelhas se erguem quando ele entende onde quero chegar.

“Está preocupada que eu conte para ele o que ocorreu. É isso?”

Balanço a cabeça, afirmando e ele sorri. *O maldito do meu segurança sorri quando o meu pescoço está por um fio.*

“Não se preocupe, o Sr. Brown pediu para ele mesmo falar com o William.”

Ethan pediu para falar com Will? Por que ele quer falar com meu irmão? Ai não. Não acredito que além de me odiar porque o atropelai, esfolei e bati nele, agora ele vai me chantagear com isso. Eu juro que espero não ser isso. Ele não me conhece.

Ken estende a mão e quando a olho, vejo que está me entregando um papel.

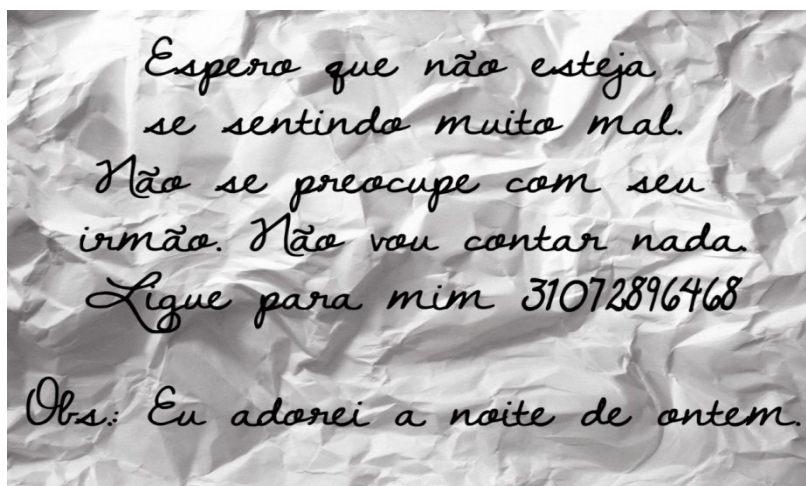
“O que é isso?”

“É um recado que o Sr. Brown pediu para lhe entregar quando acordasse.”

Surpresa, pego o bilhete, mas não leio. Agradeço a Ken e me despeço, virando e entrando em casa. Passo voando pelo andar de baixo, subo as escadas correndo. Entro no meu quarto, batendo a porta e me recostando nela. Suspiro alto e olho minha cama, logo estou jogada nela, exasperada e cansada de tudo. Realmente não sei o que pensar. Estou esgotada.

É muito problema na minha cabeça. Cora, Will, meus pais, Clara, meus seguranças e Ethan. É drama demais. E eu realmente preciso saber o que essas pessoas estão pensando da vida.

Sento na cama e abro o bilhete dele, que eu amassei todo, e finalmente irei saber o que ele quer comigo. *Se é que vou descobrir algo dessa vez.*



O quê? Ele adorou a noite de ontem, em que sentido? Eu sei com toda certeza que nós não transamos. Não sinto nenhum reflexo em meu corpo, mas não consigo me recordar o que aconteceu quando chegamos em casa. Não sei o que fez ele me levar para a casa da piscina e o mais intrigante. Porque ele tirou minha roupa.

“Ah! Chega!” Exclamo me levanto da cama e indo para o banheiro. Me olho no espelho e falo para o meu reflexo — estou conversando demais comigo mesma: “Da próxima vez que você estiver com ele. Você vai confrontá-lo. Está me ouvindo, Victoria? Chega! Acabou a brincadeira” digo apontando para mim e caio na gargalhada.

Essa situação é tão maluca. Solto um suspiro cansado, tiro minhas roupas e congelo quando olho melhor para minha calcinha, que é totalmente transparente na frente. Renda transparente. Cor de pérola, que deixa tudo à mostra. É ridícula. Estou mortificada com minha calcinha. Jesus. Ethan me viu com ela. Fecho os olhos, bufando. Prefiro nem saber o que ele pensou na hora que me despiu. Só quero saber o porquê fez.



DORMI A TARDE TODA PARA CURAR A RESSACA. Meus domingos normalmente são mais legais. Mas meu corpo precisava do real descanso pós-balada e pós-ressaca. Minha primeira ressaca e com dois Advil, desmaiei. Agora estou indo catar algo para comer. Acordei com meu estômago roncando. A última vez que comi foi ontem antes de sair.

Chegando na cozinha, encontro papai e mamãe conversando com Margot.

“Bom dia, para não dizer boa noite, bela adormecida”, Minha mãe fala abrindo os braços para mim. A abraço forte e me deixo um pouco ali. “Você está

bem?” pergunta afagando meus cabelos.

“Estou sim, apenas me recuperando do meu primeiro porre.”

“Como é?” Meu pai diz ficando mais perto de nós.

O olho sob os cílios, culpada. “Lamento informar, mas foi isso que o senhor ouviu. Ontem bebi além da conta.” Ele manea a cabeça e me desprendendo dos braços da minha mãe, logo peço, na verdade, imploro. “Não diga nada a Will. Por favor! Ele sempre faz uma tempestade em copo d’água.”

Meu pai coloca as mãos em meu ombro. “Eu não vou falar porque não quero que ele fique bravo com você, mas isso não é comportamento de uma moça. E outra coisa, isso não é do seu feitio, querida.”

Concordo com a cabeça. “Eu não sei o que me deu ontem.”

Na verdade, sei sim. Extrapolando porque estou sobrecarregada de informações e dúvidas.

“Tudo bem”, minha mãe fala e me puxa delicadamente para me sentar à mesa. “Coma alguma coisa e depois nós duas vamos cuidar das suas novas flores.”

Nossa! Me esqueci completamente que tinha prometido ajudá-la a criar uma cor de *Orquídeas* na estufa da casa da piscina.

“Claro, mãe.”

Ela sorri e volta para cozinha me deixando a sós com meu pai na mesa. Trocamos um sorrisinho e ele pergunta como foi ontem. Eu conto, mas não com detalhes. *Deus me livre.*



ESTOU NO SILÊNCIO e na paz da estufa, que fica nos fundos da casa da piscina. Amo esse lugar. Olho para cima e contemplo o luar, totalmente distraída regando as flores e de repente escuto a voz inconfundível de Will. Noto que Cora também está. Escuto-a falando baixo, mas entendo perfeitamente:

“Não pegue pesado com ela, Will. Ela só estava se divertindo.”

“Não comece, Cora.” Responde grosseiramente com ela.

“Não fale assim com ela, William” digo brava saindo da estufa, parando entre a cozinha e a sala.

Ele olha para mim e vejo o quanto está irritado pela expressão da sua face e da mandíbula contraída. “Está valente, agora?”

“Não” respondo levantando o queixo. “Apenas não gostei do modo como falou com ela.”

“Eu falo com ela como eu quiser. Está me ouvindo? E você vai ficar de castigo até completar trinta anos.”

Ele está maluco. Minha nossa. Nunca vi meu irmão tão irritado na minha vida inteira. Ele nunca, nunca mesmo, falou assim comigo. Jamais levantou a voz para mim. Dou um passo para trás pelo susto. O modo como ele está falando e olhando para mim me intimida. Cora repara meu gesto e coloca suas mãos envolta do braço dele, nitidamente pedindo para ele se acalmar. Sempre me protegendo.

Ele se aproxima de mim e eu apenas o olho, congelada. Will jamais me bateria, mas estou com medo. Não dele me bater. *Ele não faria isso. Faria?*

“O que deu nessa sua cabeça, Victoria?”

“O que deu na minha cabeça?”, repito incrédula. “Will, eu tenho dezenove anos, já sou crescida. Não preciso de você para ficar me — ”

“Não precisa de mim para mais nada”, diz ele me cortando. “É assim, agora?”

“Não era isso que eu ia dizer.”

“Você parece que não compreende os riscos que se colocou ontem indo sem mim ou Cora.”

“Se fosse para acontecer algo, tenho certeza que sua presença não iria fazer diferença. Você por acaso é algum super herói?”

Ele arregala os olhos e abre a boca espantado. “Como é que é?”, diz e dá um passo, chegando mais perto de mim. “Para sua informação,” mais um passo “antes de alguém tentar fazer algum mal a você,” mais um passo “eu mataria ele ou preferiria a morte por você.” E mais um passo, e agora ele está apenas a quatro palmos de mim, de modo que eu tenho que erguer o rosto para ver o seu. “Então acho que eu faria uma enorme diferença. Mesmo não sendo um super herói. Nunca mais faça isso.”

“O quê?” Minha voz sai como uma lixa, um sussurro muito baixo.

“Se colocar no anzol para os peixes.” Explica.

“Will, foi apenas uma noite. Você faz parecer que eu estava andando na rua sozinha de madrugada. Sem segurança e sem um príncipe encantado para me resgatar.” Ele pisca os olhos com força e termino: “Não foi?” Ironizo.

“Não interessa. Foi arriscado.”

“Por quê? Qual é o problema eu sair para me divertir?”

“Merda!” Exclama jogando as mãos para o alto, visivelmente irritado. Volta a me olhar e fala bem sério: “Você já foi levada duas vezes. Quantas mais quer, para eu provar que você corre perigo constantemente?” Sinto o pânico em sua voz. “Eu não estou a fim de colocar a sorte em prova” diz falhando no final.

“Duas vezes?”, pergunto em um sussurro.

“Sim, duas vezes e ainda não acabou.”

Eu não me lembro de nada disso. Como assim eu fui sequestrada duas

vezes? *Oh! meu Deus.*

“Eu não lembro.” Estou atônica.

“A primeira vez você tinha apenas uns dois anos, um bebê. Você estava no colo da Cora.” Olho para ela e seus olhos estão marejados. “Ela teve muita coragem”, Will continua e o olho de novo “e lutou para não levarem você, mas depois que eles bateram na cabeça dela e conseguiram deixá-la tonta com éter. Pegaram você e a jogaram no chão e chutaram seu corpo.”

Minha nossa. Me sinto estranha e um pouco tonta. Não me lembrar disso, eu posso até compreender, mas por que eles esconderam de mim? Eu precisava saber. Agora, posso entender a preocupação deles e imagino a agonia que Cora ficou na segunda vez que me levaram.

Lembro como se fosse ontem, quando me pegaram na frente da minha escola quando tinha sete anos. Eu e Cora estávamos voltando para casa e nos encurralaram. Aquele dia e os dias no cativeiro, vivo toda vez que durmo. Meus pesadelos. E lembro também, quando me resgataram e me levaram para casa. Cora ficou irredutível sobre deixarem me pegar para cuidar e alimentar. Ela queria fazer e me segurava como se eu fosse sumir a qualquer momento. Desde então minha vida é cercada de seguranças. Não entendo o motivo, mas sou obrigada a aceitar. Will vive dizendo que corro perigo.

Meus olhos se enchem d’água com essas lembranças e meu coração se aperta com a vontade de chorar. Olho no fundo dos olhos de Cora, que mesmo sentindo o mesmo que eu agora, sorri com carinho. Dou um sorriso triste e corro para os seus braços.

“Por que você não me contou?” Eu pergunto com o rosto escondido em seu ombro.

“Nós não queríamos você aterrorizada.”

“Mas vocês são aterrorizados, poxa. Eu precisava saber.” Levanto o rosto.

Ela sorri de lado e acaricia meu rosto. “Eu lamento essa preocupação toda, princesa, mas já foram duas vezes,” sua voz falha “e nós não queremos que isso aconteça de novo. Nunca mais. Só em pensar eu quase morro.” Ela me abraça forte quando termina de falar.

“Eu entendo”, murmuro.

Cora deixa um beijo no topo da minha cabeça e saio do seu abraço e encaro Will. Ele ainda está me olhado de mau humor, mas seus olhos estão turvos, a emoção está contida.

“O que foi?”, pergunto.

“Espero que depois de esclarecer as coisas para você. Não se repita isso, ou eu vou lhe colocar de verdade presa dentro do seu quarto.”

“Como é?” Eu me viro totalmente para ele, desafiando-o. “Você acha que é

meu pai para falar assim?”

Will dá um passo para trás como se eu tivesse atingido ele com um soco e toma uma respiração difícil.

“Eu apenas não quero que você se arrisque” fala com a voz travada. E me dá as costas, indo para a porta.

“Você é engraçado, não é?” Vou atrás dele. “Você me critica, me coloca no meu lugar e o seu Will?”

Ele para perto da piscina, vira-se para mim, Cora atrás de mim, coloca a mão no meu ombro. “Princesa, deixe ele.” Diz e Will fala por cima:

“Hoje, definitivamente, você não é uma princesa.” Sua voz é cortante e fita meus olhos. “Estou ficando esgotado de tentar fazer você entender meu ponto de vista e para alguém que fala que já é uma mulher crescida, deveria entender que quando se tem uma família, nós devemos respeito. Eu apenas quero lhe proteger, com a minha vida até,” pausa respirando. “Mas, você não dá o mínimo valor para isso e nem o respeito. E sabe de uma coisa. Estou farto por hoje.” Se se vira novamente e anda para a casa principal.

“Wi — ” falo e sinto meu coração falhar.

Ele me corta de novo e fala sobre o ombro:

“Eu sei qual é meu lugar. Se você está se referindo a eu estar com Cora. Nós apenas concordamos em lhe respeitar, não lhe escondemos nada por nada. Não menti para você. Nós nos amamos e eu queria que você ficasse confortável com isso e pelo que a Cora me disse, você está. Então, okay. Fim de papo.” E vai embora, dessa vez vai mesmo.

Estou congelada. Will nunca falou tão áspero e grosso comigo. Eu consigo entender agora seu desespero quando soube que eu estava em uma festa de madrugada sem ele, mas não entendo para que se exaltar tanto. Nem meus pais ficaram assim.

“Não fique com raiva dele,” diz Cora, colocando as mãos nos meus ombros, atrás de mim. “Ele teve uma noite terrível.”

Assinto. “Eu acho que ele exagerou demais hoje, Cora.”

Ela aparece na minha frente e pega minhas mãos. “Ele só se preocupa e te ama demais. E você dizer que ele não é seu pai,” ela pausa, engolindo. “Você sabe que ele daria a vida por você. Isso foi cruel, Victoria.”

Assinto de novo. “Sim foi, mas eu fiquei... Não sei, Cora. Ele com esse jeito todo mandão, me pegou desprevenida. Achei que ia me bater. Will nunca falou assim comigo e agora está com raiva de mim” falo e as lágrimas queimam meus olhos.

“Ele jamais bateria em você e eu sei que ele exagerou, mas você também nunca tinha quebrado as regras dele”, ela limpa meus olhos. “Você gostando

delas ou não, sempre nos obedeceu e ele não está com raiva de você. Isso nunca irá ser uma verdade.”

Abaixo a cabeça, porque eu sei que ela está certa e Will apenas não soube lidar com minha saída surpresa. Tanto que pediu para alguém ir atrás de mim. Sendo essa pessoa Ethan ou não. Isso mostrou o quanto ele ficou desesperado.

Eu e Cora seguimos para dentro da casa e não vimos ninguém. O celular dela toca e é Will pedindo para ela ir logo para o carro, para eles irem embora.

“Eu já vou e você me ligue se precisar de mim. Certo?” Ela beija meu rosto.

Assinto e abro a porta de casa para ela. Nos abraçamos e vejo Cora entrar no carro. Fico triste, Will não quer mesmo falar comigo. Arranca com o carro sem me dar tchau. Volto para dentro de casa e vou para o meu quarto dormir.



SEGUNDA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO DE 2013.

“VEM, ZEUS.” CHAMO MEU CACHORRO, que é meu melhor amigo ultimamente, sem dúvidas.

Suspiro pensando na vida enquanto ando pelos corredores da casa vazia. Papai foi à empresa e mamãe saiu para ver algum projeto de arquitetura dela. Minha cabeça está a mil desde ontem. Mil coisas passando e fluindo ao mesmo tempo, mas resolvi relaxar. Chega de estresse por um dia, pelo menos. E já que hoje eu não tenho aula, e com certeza não vou para academia, resolvi passar minha segunda de bobeira.

Tomei banho de piscina mais cedo, até minha pele ficar enrugada e minha barriga roncar de fome. Vi o pôr do sol com um pote de frutinhas vermelhas e Zeus ao meu lado. Tenho que aproveitar enquanto o clima está favorável para isso. Em breve o inverno estará congelando meu nariz quando fico tempo demais em frente à piscina.

Agora vou assistir um filme, na sala de TV, ou seria mais apropriado dizer de *cinema*. A sala é enorme. Têm três fileiras de cada lado, como um cinema mesmo, com três cadeiras nas filas. Que são bem mais confortáveis do que as convencionais de um cinema. São acolchoadas, com apoio de pé e inclináveis. Elas ficam em frente à tela branca do projetor, que fica nos fundos da sala. Meu pai mandou fazer o chão da sala inclinado como um cinema de verdade e eu amo esse lugar. Amo mesmo. É o único cinema que conheço na vida. Outra coisa que as privações de seguranças, me deram.

Escolho o filme, coloco para iniciar e me acomodo na poltrona do corredor

na última fileira, para ficar perto do projetor. Hoje estou com vontade de ver algum filme da Disney, para alegrar meu dia, então o escolhido foi *Príncipe da Pérsia*. Amo esse filme. Tem guerra, príncipes, heróis, ação e romance. E adoro os filmes do Jake Gyllenhaal. Ele trabalha muito bem em qualquer classificação. De Serial Killer a um Príncipe salvador da pátria. E talvez eu goste tanto dele assim, porque ele me lembra Will. Apenas que meu irmão é mais alto, forte e seus olhos são verdes acinzentados, do ator são azuis.

Estou assistindo a parte que o príncipe Dastan conhece a princesa Tamina pela primeira vez, quando escuto a campainha tocar.

“Não pode ser” resmungo me levantando da poltrona, para ir atender a porta.

Por mais que a casa tenha empregados para fazer isso, todos da minha família temos a decência de quando estamos perto da porta abri-la. Não custa nada. E a sala de TV fica perto da porta.

“Poxa vida” exclamo para Zeus, que está me olhando com os olhinhos sorridentes e brincalhão. “Vamos atender a porta, amigo?”

Zeus vai para a porta abanando o rabinho. Coloco o filme em pausa antes e saio com ele.

A pessoa que apertou a campainha, na verdade, já está dentro da minha casa. Ninguém passa pelos portões de ferro sem se identificar. Presumo que alguém está lhe esperando. Abro a porta e assim que meus olhos registram quem é, sinto meu coração descer até meu estômago e subir para o lugar dele e saltar dentro do meu peito.

Sempre será assim agora!? Meu coração vai ficar louco.

“Oi”, me cumprimenta com seu sorriso charmoso de lado.

“Ethan.” Sussurro.

Estou segurando com tanta força a maçaneta, que acho que vou quebrá-la. Ele está na minha frente, lindo como todas as vezes, e demora um tempo até eu conseguir formar algo melhor para dizer. Estou o contemplando.

Todas às vezes que o vi na academia, cada vez mais o achava atraente e menos o homem doido que me olhava, tinha até medo dos meus pensamentos. Mas agora ele está ainda mais bonito. Se é que é possível?

Está extremamente elegante com um detalhe que eu fico em choque — um grande *detalhe*. Ethan está com o mesmo cabelo bagunçado para cima, o modo: *passei a mão muitas vezes*, que eu adoro. A barba um pouco mais espessa do que da última vez que o vi, no sábado. Isso me faz lembrar dela arranhando o meu rosto quando nós nos beijamos. E bem, o detalhe é que ele está *coberto* por um terno azul escuro de três botões, blusa de linho azul mais clara e a gravata marrom. *Meu Deus, do céu*. Ele está perfeito, lindo e sexy. Me dá vontade de ser

abraçada por ele. Na verdade, estou com vontade de agarrar ele agora. Agarrá-lo *de novo*.

Tiro meus olhos da sua gravata e olho seu rosto maravilhoso. Como sempre seus penetrantes olhos azuis estão fixados em mim, nos meus olhos, mas logo descem pelo meu corpo. Ele passa os olhos por mim, de cima à baixo duas vezes. Estou me sentindo um lixo perto dele assim de terno todo *gostosão* na minha frente. Estou usando um vestido azul escuro leve de algodão, que uso para ficar em casa com estampa dos personagens da Disney. *Inferno*. Agora mesmo que ele vai pensar que sou uma criança.

Pisco os olhos quando os dele voltam para o meu rosto.

“Oi”, finalmente falo, porque ficar perto dele me deixa *muda*.

Ele sorri de novo. Zeus late e ficando com as patas traseiras no chão, apoia as superiores nas pernas de Ethan, balançando o rabo. *Oh... Ele gosta dele. Ele conhece o Ethan?*

Ethan se abaixa, ficando sentado sobre os calcanhares e faz um cafuné exagerado em Zeus.

“Oi, amigão” fala com o cachorro. “Como você está?”

Zeus animado com suas palavras, late como se o tivesse respondendo.

Estou de boca aberta — de verdade. Aquele homem que eu nunca vi ser legal e simpático com ninguém na academia, cada vez mais está transformando a forma como o vejo. Mostrando um homem novo para mim. *Aquele* homem, não pode ser esse homem fofo na minha frente.

Suspiro olhando para eles encantada. Devo estar com um sorriso bobo no rosto. Ethan se ergue e me olha com curiosidade.

“Tudo bem?” O tom dele foi como: *Você vai desmaiar?*

Estou mesmo com um sorriso bobo no rosto.

Eu meneio a cabeça e respondo: “Oh sim, estou e você?” Pergunto e dou passagem para ele, estendendo o braço para dentro de casa, convidando-o. “Entre.”

Ele passa por mim. Fecho a porta e me viro para ele, o pego no flagrante olhando minha bunda. Ele tenta disfarçar olhando para Zeus. Sorrio quando ele me olha, mostrando que vi.

“Estou bem e viu” ele abre os braços, se mostrando “não morri.”

“O que você quer dizer com isso?” Franzo a testa.

Colocando as mãos nos bolsos da calça, que não param de se mexer, responde:

“Você estava preocupada quando me atropelou e apesar de ter lhe encontrado antes, não disse como estou. Enfim, eu estou bem.”

Presto atenção no que diz e meus pensamentos viajam para a noite de

sábado. O corredor escuro. Nosso beijo louco e rio por dentro. Porque ele dizer que nós já nos encontramos, é um eufemismo.

Ele olha para mim como conseguisse ler meus pensamentos e de modo automático, passa a língua nos lábios. *Eu quero fazer isso.*

Ele abre a boca para falar algo e dá um passo para frente. Então a porta do escritório abre no mesmo instante. Meu pai sai de lá falando e dando passos largos até o lobby da casa, onde eu e Ethan estamos. *Quando ele chegou?*

“Oras, você já chegou rapaz.”

Ah... então ele veio ver meu pai. Fico triste. De novo não estamos nos vendo porque ele realmente quer. Meus ombros caem e ainda bem que ele está olhando meu pai chegar até nós. *Mas o que eu esperava, também.* Uma visita dele depois de tudo que lhe fiz. Bem, talvez depois daquele beijo ele podia vir aqui e...

“Obrigada por abrir a porta para ele, querida.” Papai corta meu raciocínio, colocando gentilmente sua mão em meu ombro. Lhe retribuo o gesto com um sorriso.

“Não foi nada. Eu estava na sala de TV.”

“Tudo bem”, beija meu rosto. “Agora pode voltar para lá. Vou ter uma reunião com Ethan.”

Assinto para meu pai e faço um curto cumprimento com a cabeça para Ethan, que está vidrado me olhando. Viro as costas e ando para a sala de TV. Entrando, dou uma última olhada para eles e vejo meu pai andando na frente de Ethan. No mesmo instante que olho para ele, seus passos parem e seu rosto vira-se para trás, e se eu não estou ficando louca, ele piscou o olho para mim antes de finalmente entrar no escritório.

Fecho a porta da sala e me recosto nela suspirando com um sorriso bobo no rosto. *Nem sei por que.* Ele veio ver meu pai, ter uma reunião de negócios. Infelizmente não sei qual o propósito, mas o importante é que eu tive a sorte de vê-lo.

Me afundo na poltrona e aperto o play. No entanto, não estou mais ligando para o filme. Eu quero mesmo chamar Ethan e esclarecer as coisas. Me odeio por ter bebido tanto e esquecido “quase” completamente da noite de sábado.



DOU GRAÇAS A DEUS QUE O FILME JÁ ESTÁ ACABANDO. Não aguento mais ficar aqui. O ar condicionado está deixando a sala congelante e agora nem mais Zeus para aquecer meus pés eu tenho. Ele chorou meia hora atrás para sair, então abri a porta o deixando sair para fazer suas necessidades e sei lá mais o que ele queria.

Eu deveria ter ido com ele, mas por algum motivo eu não quis sair daqui. Na verdade, tem motivo sim. Tenho a esperança de conseguir ouvir quando Ethan estiverem passando no corredor para ir embora. Com certeza vou espiar pela janela ele partindo. Mas no momento estou entediada e morrendo de frio.

Escuto alguém mexendo na porta e me levanto para ver quem é. *Ai meu Deus*. Ethan está na porta. *Caramba*. Está olhando para mim enquanto fecha a porta atrás de si e parece selvagem e sexy. Mesmo que a única luz que ilumina ele seja a do filme, ainda posso ver suas feições perfeitamente.

O que ele quer aqui? Penso e tão rápido, o vejo caminhar para mim. Abro a boca para perguntar o que está fazendo aqui, mas nem consigo terminar a frase. Ele chega até a mim com meros passos e sou silenciada da melhor forma que eu poderia cogitar na minha vida. Seus lábios encontram os meus com vontade e desejo. Ele segura meu rosto e sua língua invadi minha boca.

Me assusto, mas logo estou me entregando a ele. Abro a boca, permitindo que ele enfie sua língua dentro da minha boca por inteiro. *Ai minha nossa*. Que língua gostosa, que beijo bom. Seus lábios nos meus são potentes e suaves ao mesmo tempo. E mesmo que eu consiga me lembrar do beijo da boate, parece que nunca o beijei. Que eu não o beijo há uma eternidade e agora eu quero mais e mais do seu beijo. Quero me afogar nele. Ser sufocada por ele.

Um pouco tímida ainda, subo minhas mãos vagarosamente por seus braços até encontrar sua nuca. Meus punhos se fecham em seus cabelos, trazendo-o para mais perto de mim. Ele geme na minha boca quando exijo que intensifique o beijo.

Nossas línguas dançam perfeitamente. Juntas, sincronizadas e frenéticas. Ethan não tem um pinga de timidez e levando uma mão para trás da minha cabeça, coloca pressão sobre meus lábios. Sua outra mão está no meio das minhas costas, colando nossos corpos. Suspiro e gemo nos seus braços. Ele me beija com um toque selvagem, delicado e desesperado. Parece que morreria se não me beijasse e me sinto assim também.

Suas mãos não param de se flexionar no lugar onde me toca. Um carinho delicado e tímido. Isso queima minha pele, me marca. Fico a cada passada da sua língua na minha, mais mole em suas mãos, desejando, querendo, que ele me beije para sempre. Quero que os ponteiros congelem. Estou sendo afogada pela vontade de querê-lo.

Entretanto, precisamos respirar e com certeza conversar. Sinto com o tempo o beijo se acalmar. Ele me dá beijinhos estalados no canto da minha boca até nos afastarmos, apenas para conseguirmos olhar um para o rosto do outro e recuperar o fôlego.

“Ethan”, seu nome escapa da minha boca em meio a um suspiro trêmulo e

me arrepio toda. Estou arfando.

Ele se afasta mais um pouquinho, mas continua tão perto que tenho que olhar para cima, para ver seu rosto. Ele é mais alto do que eu uns 25 centímetros. Me forçando a erguer o rosto. Ethan segura minhas mãos e olha profundamente em meus olhos.

“Me desculpe, mas eu não consigo mais resistir a você. Você não sai da minha cabeça.”

Engulo em seco e meu coração bate forte.

“É?”

“É”, sua voz está firme e grossa. “Eu ainda tenho medo de estragar tudo, mas tenho mais medo de não tentar ficar com você. Estou confiando na minha sorte e de que você vai me ajudar a não estragar nada.”

“Mas eu também tenho medo e muitas coisas estão acontecendo na minha vida, Ethan.”

“Não importa, nada importa.” Ele segura meu rosto de novo. “Eu vou te ajudar e você vai me ajudar. Sei que não sou perfeito, mas eu quero você. Quero muito. E não importa nada. Nem se no final você desistir de mim.”

Minha nossa! Estou sem palavras.

“O que você quer?”

“Eu quero você e” fala com toda a confiança do mundo “o que você quiser me dar.”

Franzo a testa e penso: Ele me quer. Quer minhas manias, loucuras, problemas, beijos e... corpo. Respiro fundo. Antes de dizer sim preciso fazer umas perguntas.

“Por que você foi atrás de mim no sábado?” Pergunto.

Ele cerra os olhos e sinto que fico nervoso. “Porque seu irmão pediu para alguém ir te buscar e como Anton não podia, ele me ligou e eu fui.”

“Mas por que você aceitou isso?”

Ele passa uma das mãos no rosto. “No início foi porque eu queria te ver, mesmo eu estando com muita dor no corpo ainda.”

Faço uma cara de desculpa e ele faz um carinho no meu rosto.

“Não pense sobre isso, estou bem” ele beija meus lábios e continua. “Enfim, eu queria ver você de qualquer jeito e a oportunidade me pareceu boa e” ele abaixa a voz. “Anton também me explicou porque Will fica tão preocupado com você e eu senti como se tivesse que me atirar na frente de um trem para proteger você. Nada pode te atingir.”

Termina e pega minhas duas mãos e leva para o meio do seu peito.

“Então você sabe dos sequestros?”

“Sei”, responde com a voz firme e os olhos escuros, me deixando ver seu

lado protetor gritar.

Abro um sorriso irônico e ele franze a testa, está confuso com a minha reação.

“O que foi? Eu não tinha que saber?”

“Não é isso”, baixo o rosto. “É que eu fui descobrir o primeiro sequestro anteontem, porque acabei tirando Will do sério e ele me contou.” *Como sempre.*

“Ah, sim. Anton me falou que você possivelmente não se lembrava do primeiro.” Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e seus dedos levantam meu rosto gentilmente pelo queixo. “Você está bem com isso?”, pergunta fitando meus olhos.

Desvio os olhos. Não quero que ele veja como estou mal com essa prisão disfarçada que vivo. E mesmo assim não tenho uma resposta para lhe dar. Eu nem sequer tinha pensado direito sobre o assunto depois que Will e Cora me contaram. Resolvi dormir e esquecer do mundo, mas sei que me sinto idiota e de alguma forma traída. Eu entendo que tudo é para me proteger, mas eu precisava saber. Não sou mais criança.

Voltando meus olhos para Ethan, o encontro olhando para mim com preocupação sincera.

“Eu me sinto fraca” murmuro.

“Não” diz de cenho franzido e balançando a cabeça. Ele coloca a mão no meu ombro e aperta. Estou começando a notar que ele adora colocar as mãos em mim. “Você não é fraca. É apenas querida demais pelas pessoas que se importam e te amam.”

“Talvez você tenha razão”, digo e ele assente.

Ele é um fofo, querendo ser prestativo e atencioso. Sorrio com doçura para ele e puxo uma mecha do meu cabelo. Sempre faço isso quando estou nervosa ou envergonhada.

“Você é tão linda.” Seus olhos brilham quando diz isso.

Fico vermelha e coloco minhas mãos em seu rosto, sentindo sua barba, sua pele e a maciez das maçãs que não tem a barba. Passo meu polegar nos seus lábios, nas sobrancelhas e no nariz. E fico surpresa quando o assisto fechar os olhos e como seu rosto está sereno enquanto lhe faço carinho.

“Você também é” sussurro baixo, vidrada nos contornos do seu rosto.

Ethan sobe uma mão e segura a minha que está ao lado da sua face e abre os olhos, fazendo uma cara de negação. Dou risada e ele acaba rindo também. Ficamos um pouco assim. Um olhando para o outro com um sorrisinho secreto até que outra dúvida passa em minha cabeça.

“Por que você disse que gostou da sua noite?”

“Como?”

“No bilhete que você deixou pra mim.”

Ele entrelaça as nossas mãos e responde:

“Eu queria apenas dizer que eu gostei. Foi divertido brincar de gato e rato com você.”

Prendo meu sorriso mordendo os lábios. “Ah, está. Me desculpe por tudo que eu fiz você passar”, falo e abaixo o rosto.

“Ei,” ele aperta as mãos nas minhas. “Não foi nada, você estava com raiva de ter alguém para vigiar você, quando você achava que estava na sua primeira noite livre, entre aspas porque tinha seu segurança.”

“É verdade, mas... mas eu te bati” digo e aperto os lábios, lamentando. Solto suas mãos e coloco em seu rosto, acaricio o lado que bati. “Desculpe, Ethan”, murmuro.

“Eu desculpo.” Ele assente e sorri. “Tudo bem, então?”

Assinto, sorrindo também.

“Por que você me levou para a casa da piscina e me despiu?”

“Você não lembra?” Franze a testa.

Entorto a boca. “Não de tudo, só algumas coisas.”

Seus olhos ficam sem foco, parecem tristes, mas rapidamente voltam ao normal.

“Você me pediu para levar você para lá. Tirei seu vestido porque ele irrita a pele e você iria acordar se sentindo horrível.”

“Como você sabe disso?”

“Do que?”

“Do vestido” sussurro acanhada.

“Porque quando eu peguei você da mesa e também quando coloquei sobre meus ombros, senti o quanto ele pinicava.”

“Hm.” Faço aturdida.

Seus olhos azuis ficam mais escuros e fixados sob os meus. “Do que mais você se lembra?” Pergunta.

Tomo uma respiração funda e preciso ser a mais sincera possível.

“Lembro de você me tirando da mesa, brigando comigo — ”

“Você que brigou comigo” ele me interrompe.

“Eu sei, mas sim... nós brigamos.” Dou de ombros e continuo: “Lembro também de nós dois no bar, eu te batendo, depois eu fugindo de você. Você me colocando no seu ombro e me levando para um corredor.”

“E?” Ele está ansioso.

“E nós nos beijando nele e depois eu desmaiei e...” gaguejo e balanço a cabeça.

“E?” Ele repete mais ansioso ainda, me pressionado a continuar.

“Na-na...não sei,” dou de ombros “é tudo um borrão.”

Ele passa as mãos no cabelo, nervoso. “Porra”, xinga baixinho.

“Ethan?” Inclino a cabeça para olhar seu rosto. Está se escondendo de mim.

Ele arfa com força e olha para mim. “Não se lembra mesmo de você me apresentando para o seu cachorro? Me guiando para o seu quarto na casa da piscina?” Para esperando minha resposta, mas eu apenas balanço a cabeça negando. “Me fazendo deitar sobre você na cama?” Pergunta em um murmuro, se controlando, mas posso sentir que está ansiosamente nervoso. “De você pedindo para eu ficar?”

Balanço a cabeça. Me sinto tonta e meu coração acelera. “Eu pedi?”

“Pedi sim”, diz assentindo “e me puxou para os seus braços, me dando o beijo” ele segura meu rosto e fala perto dos meus lábios e fecho os olhos “mais gostoso e incrível da minha vida. Eu só não fiquei porque no fundo sabia que você ia se esquecer no dia seguinte. E porque eu quero você muito sóbria nos meus braços. Para não me esquecer nunca mais.” E me dá um beijo delicado.

Deixo escapar um suspiro afogado e profundo, me desmanchando. Ethan aproveita e toma minha boca para ele, para fazer o que quiser e bem entender de mim. Estou entregue. Quem está sem resistência agora sou eu. Ele captura minhas forças, desejo, vontade e pensamentos. Eu não quero mais saber de nada agora e nem depois, *eu acho*. Eu apenas quero que isso seja real e que ele não me machuque.

Estou cedendo fácil demais. Eu jurei que seria difícil confiar em um homem outra vez depois do que o George fez comigo, mas eu estou começando a pensar que nem todos os homens são sujos como ele e dentro de mim acho que Ethan pode ser confiável. Eu gosto dele.

Quando nos soltamos, seguro suas mãos perto de mim como ele fez antes e faço a pergunta que está comendo meus neurônios há meses.

“Por que você me olha tanto? Na verdade” murmuro. “Por que você me olha assim?”

Seus lábios se curvam, um lado mais que o outro e ele pergunta gentilmente: “Assim como?”

“Como se estivesse congelado, sei lá. Parece que você está — ”

“Enfeitiçado?” Ele completa.

Engulo em seco, sentindo o coração pular. “Acho que sim.”

Seus lábios se curvam mais, em um sorriso meigo. “Eu já contei isso pra você.”

“Já?” Pergunto, cortando-o.

Ele coloca um dedo na minha boca, me calando e fala:

“Sim, mas vou dizer de novo. Eu te olho assim porque você é linda e hoje

posso dizer com toda certeza do mundo, que é muito especial e o meu melhor beijo. Então eu vou continuar te olhando. Tudo bem?”

Fico levemente sem ar com suas palavras e seu olhar sugestivo. Estou me afogando de novo *nele*. E só consigo assentir.

“Tem certeza?” Ele sussurra chegando o rosto mais perto.

“Sim.” Falo em uma respiração. *Ai meu Deus*.

“Posso te beijar também?” Ele nos aproxima, segurando minha cintura.

“U-hum.”

“Então eu posso te convidar para sair?”

“Se você quiser.” Digo acanhada e dou de ombros.

“Eu quero”, responde rapidamente e me beija, dessa vez é mais rápido, porém, ainda enlouquecedor.

“O que o meu pai queria com você?” Minha pergunta o pega de surpresa e Ethan arfa, e sua mão acariciando meu ombro.

“Ele me pediu para ir à Nova York.”

Ele vai embora. De novo? Dou um passo para trás, me afastando dele. Sou uma tola em acreditar nele assim tão fácil. Estou com raiva.

“Você vai embora de novo?” Pergunto de cara fechada e não posso ignorar meu coração rachando. *Idiota*.

Ele percebe minha irritação e tenta pegar minhas mãos, mas dou outro passo para trás.

“Victoria,” diz de mansinho. “Calma. É apenas uma viagem de negócios.” Dá dois passos e consegue me segurar pelos ombros. “Você acha que eu ia falar tudo isso agora para você e me despedir? Acha mesmo isso?”

“Não sei,” balanço a cabeça e olho para o chão. “Talvez sim. Você sempre me pareceu meio maluco mesmo.”

Ele rir e pega minhas mãos, e não consigo não olhar para ele. *Nossa!* Seus olhos me deixam confusa e estranha.

“Sim, eu sou. Maluco por você.” Murmura e inclina o rosto pra baixo, para poder enxergar melhor meus olhos e fala: “Eu não consigo mais ficar longe de você, Victoria. Então, se eu tivesse que me mudar, ou não iria, ou a levaria comigo.”

“O quê?” Meus olhos se arregalam. “Como assim?”

“Eu sei que parece loucura, mas preciso saber o que você tem que me deixa tão alucinado.” Olha para sala, como se em algum canto tivesse as palavras que ele precisa. “O que você é para mim. Porque eu nunca, nunca senti essa inquietação por nada antes.” Me olha de novo e pega meu rosto. “Eu quero você. Chego a precisar.”

Assinto anestesiada, porque eu sinto o mesmo por ele. Eu preciso entender

o que é isso que meu coração se transforma quando estou perto dele.

“Quanto tempo você vai ficar em Nova York?”

“Uns dez dias ou duas semanas.”

Meus ombros caem. *Tudo isso?*

“Eu preciso resolver uma coisa no setor financeiro de Manhattan e”, ele pausa.

“E?” Falo ansiosa.

Ele sorri e eu me derreto.

“Você tem par para o Baile?”

“Como é?”

“O Baile anual de aniversário da empresa. Esse vai ser o primeiro que eu vou depois de anos e queria muito que você fosse comigo.”

“Ah!”

“Você já vai com alguém? Quem?” Sua voz deixa claro sua irritação.

Dou de ombros. “Mais ou menos.”

Ele cerra os olhos e eu dou risadinha, antes de responder:

“Eu ia com a Clara, minha melhor amiga e — ”

“Deixa disso”, me corta. “Você vai comigo e eu resolvo o resto.”

“Como assim?”

“Vou procurar um *par* para ela, porque você vai comigo.”

Fico surpresa, porque ele está me dando ordens. Ele é abusado e tenho que confessar. Muito sexy. Gentilmente ele desce o rosto até o meu e beija meus lábios.

“Não faz essa cara de nervosinha.” Sorrio e ganho outro beijo. “Vou chegar provavelmente no dia do baile, então vou te mandar uma mensagem e vir te buscar quando estiver pronta no sábado.”

Ergo as sobrancelhas. “Como se você nem tem meu número?”

“Mas você vai me dar”, murmura com a voz grossa e me presenteia com um sorriso torto, convencido. “Porque eu vou viajar e preciso ao menos escutar sua voz de vez em quando.”

Tenho certeza que estou ruborizada. Mordo meu lábio inferior e ele segura meu rosto, acariciando minhas bochechas com os polegares.

“Já era princesa, você é minha.”

Oh céus! Solto uma gargalhada nervosa e ele sorri achando graça e me abraça tão forte que meus pés saem do chão.

“Me leva até a porta?” Abro a boca, mas sai nada. “Qual o problema agora?” Ele franze a testa.

“Você não está preocupado com meus pais?”

“Por que eu estaria?”

“Em nos ver juntos.”

“Não vejo mal nenhum e”, beija a pontinha do meu nariz “no baile eu quero beijar, dançar e que todos saibam que você está comigo. Que é minha agora e que fique comigo depois.”

“E vamos aonde?”

“Para minha casa. Pro meu quarto. Minha cama...” sussurra no meu ouvido, mas o afasto.

“Ethan, você não acha isso rápido demais?”

Ele balança a cabeça, negando e sorrindo. “Não. Eu desejo você há muito tempo e sei que você sente a mesma coisa por mim. Então porque esperar? Esses quatro meses já foi tortura demais para mim.”

“É... e eu acho que são três. No máximo três meses e meio.”

Ele sorri e aperta os braços em minha volta. “Três meses foram os meses que você acabou reparando, Victoria. O primeiro mês que entrei naquela academia eu já estava alucinado por você. São quatro meses de tortura e eu tentei te esquecer, mas não consegui e agora que tenho essa chance.” Encosta a testa na minha. “Agora mesmo que não desisto mais.”

“Minha nossa.”

“O que foi agora?” Afasta o rosto e fita meus olhos.

“Você é surpreendente.” Ergo a sobrancelha direita.

“Por quê?” Cerrando os olhos.

“Primeiro você foi meu admirador secreto, depois meu admirador na cara de pau mesmo, então descobri que você é o Ethan Brown e se transformou nesse cara bonzinho, que eu atrolei e depois foi me salvar na balada.” Respiro e coloco a mão no seu rosto. “E agora você é esse homem abusado e tentador na minha frente. Eu fico pensando o quanto mais vou descobrir.”

Ele não sorri abertamente e seu olhar me causa reações estranhas no meu coração.

“Eu apenas tinha medo de me aproximar de você e ficar mais obcecado antes. Agora eu tenho coragem, e não mudei quem eu sou. Apenas estou sendo eu mesmo.” Sorrio e mordo a boca, ele continua: “E vou confessar que sempre fui bom com as palavras e agora pretendo usar todas as minhas técnicas se for preciso para conquistar você. Acho que você não tem mais saída, princesa.”

Deus! Ele é intenso. Olho-o fixamente, pensando se ainda consigo correr, se é perigoso. Mas no fundo nem ligo. Estou me jogando para ele. Literalmente. Dou um pulinho e me jogo nos seus braços, lhe beijando de novo.

Nossas línguas brigam por um espaço em nossas bocas, dançando de lá para cá e agora a timidez não passa de uma palavra no dicionário. Minhas mãos chegam em seus cabelos, braços, peito, enquanto ele também passa suas mãos

pelo meu corpo. Suas mãos estão em meu rosto, pescoço, ombros, braços, abdômen, cintura e até na minha bunda. E não ligo. Eu gosto do seu abuso. Perdi a vergonha. Estou louca por ele. *Profundamente* entregue. Ele me faz ser finalmente quem eu sempre quis. *Victoria*. Não a filha protegida.



SAÍMOS DA SALA e não vejo ninguém no andar de baixo. Não estou pronta para dizer a minha família sobre Ethan. Sei que não vai ser fácil e talvez ele fuja. Quero curtir um pouquinho ele sem a pressão que vivo e cairá sobre ele. Se ele quiser mesmo ficar comigo. Acompanho Ethan até seu Mustangue conversível azul petróleo. É lindo, mas... calma, aí

“Seu carro não era outro?” Falo parando de andar e ele se vira para mim, segurando minha mão e ri. “Qual foi a graça?”

“É realmente engraçado você lembrar do meu Porsche preto e não lembrar de me agarrar na cama.” Suspende as sobrancelhas sugestivamente.

Dou de ombros, sorrindo sem graça e ele me agarra pela cintura me tirando do chão. As mãos dele estão uma na minha lombar e a outra na minha bunda, de cheio.

“Não ligo que você não lembre”, murmura com a boca colada na minha boca.

“Não?”

“Não, mesmo”, me beija. “Porque você terá muitas outras noites para se recordar de como foi, futuramente. Como somos perfeitos juntos e com certeza melhores do que aquela noite. Mesmo que apenas eu a tenha gravada.”

Meu corpo se arrepia todo, dos pés aos fios do couro cabeludo. Abraço seu pescoço e nós começamos outro enlouquecedor beijo.

“Só mais um”, ele diz entre o beijo e eu não me oponho.

Nosso beijo de despedida é ardente, forte e explosivo como o do corredor da boate. Perfeitamente igual: minhas mãos em seus cabelos puxando-os e trazendo sua boca mais colada a minha. Invés de serem as mãos de Ethan na minha cintura, é um dos seus braços que me aperta delicadamente, colocando nossos corpos. Sua mão livre passa pelas minhas costas. Mas logo nos desprendemos, quando ele coloca meus pés no chão, e me afasto um passo para trás. Ele me solta e fica me olhando com uma interrogação estampada no rosto.

“Vamos deixar para depois. Você não acha?” Digo sem fôlego e sentindo meu corpo quente. *Nossa!*

Ele concorda e sorri de lado. *Oh céus*. Esse sorriso de lado — que todo homem faz quando está pensando sacanagem — em Ethan fica irresistível.

“Claro, agora você me dê seu número.”

Rio e dou meu número do celular. Ele me fez posar para uma foto, mesmo eu dizendo que estou horrível com essa roupa de criança. Sorri para o celular e ele finaliza a operação, guardando-o no bolso da calça social. E me pega de surpresa, me agarra tirando meus pés do chão e me beija rápido.

Rio e empurro seu peito. “Vai para a casa. Preferia você mais contido.”

Ele me dá um selinho e me solta no chão. Segura minha mão e andamos até o carro. Largando minha mão, dá um beijinho nela antes e sorrindo abre a porta do carro e entra.

“Duvido”, fala e fecha a porta. Coloca o cinto e me chama com o indicador. E eu vou como uma idiota. “Você me adora cretino assim, princesa.”

Ethan puxa meu rosto para ele e me dá um beijo. Ainda bem que o carro é sem teto. Senão eu ia bater minha cabeça. Sua boca faz sonzinho quando me beija e dando o último beijo, nos afastamos e dou um passo para longe do carro. Ele sorri e pisca o olho. *Acho que nunca beijei tanto na vida.*

Vejo-o tomar rumo aos portões, que já estavam se abrindo e ele nem precisou apertar o interfone para abrirem. *Quem já tinha mandado abrir?* Sorrio como uma boba para ele, que estende a mão para o alto e dá tchau. Faço o mesmo e seu carro some. Me viro para entrar em casa e meu sorriso morre. Ken está me olhando com um sorriso curioso. *A quanto tempo está aqui?*

“Oi”, cumprimento-o sem jeito, chegando ao seu lado.

Ele não responde até chegarmos à porta de casa e abrir para mim.

“Sabe Srta. Colton, o Sr. Brown é um homem curioso.”

Viro meu rosto para ele. “É mesmo? Por quê?”

“Porque ao mesmo tempo em que ele foi grosso comigo e sem dúvida é o seu gênio, ele foi um cavalheiro com você no sábado. Quase um capacho seu naquela noite.”

Dou de ombros e sorrio sem graça.

“Não tenha medo dos seus sentimentos. Ele é o único homem nessa terra depois de Cora, Will, Elizabeth e Ryan que eu confio sua vida, como sua segurança desde menina.” Diz e faz um aceno com a cabeça. “Boa noite.” Se despede e vai.

Estou entorpecida. Suas palavras foram direto para o meu HD. Estou em pane. *Houston estamos com problema à vista. Alerta! S.O.S.*

Nove

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 2013.



ESFREGO MEUS OLHOS E me espreguiço cheio de dor. Há muito tempo não me sentia tão miserável quanto agora. Os dias passaram rápidos e hoje já é segunda-feira. Têm seis dias que estou em Nova York e a cada dia a cidade que eu considerava minha segunda casa. Meu passatempo dos fins de semanas no Clube de Harvard. Parece menos encantadora, e sim chata e barulhenta demais.

Eu adorava o barulho das buzinas, das freadas dos táxis que por milésimos de segundos não atropelavam algum pedestre desesperado ou turista que não sabe como se comportar na *capital* do mundo. Onde as pessoas têm pressa para conseguir o que almejam. Alcançar as melhores oportunidades é o jogo de Nova York. E tudo em meio de um caos desesperado e corridas irrefreáveis pelas ruas, sob os incontáveis arranha-céus da cidade que nunca, mais nunca mesmo, dorme. Realmente eu amava todo esse caos, achava divertido e me misturava nessa cidade agitada com muita facilidade por ser uma pessoa determinada e objetiva. Não me deixando ser engolido pela cacofonia do desespero de Manhattan.

O estranho é que essa cama é minha, o apartamento, as roupas que estão dentro do *closet*, são as mesmas roupas que eu mesmo tinha comprado um tempo atrás e deixado aqui. Tinha resolvido deixá-las para quando eu voltasse a morar em Nova York, ou para passar os finais de semanas. Porém a ideia de voltar a morar em Manhattan, como eu tinha pensado com toda a certeza há dois meses, se parece um absurdo. Não consigo mesmo me imaginar ficar em um lugar que Victoria não esteja. O que é muito prematuro.

Estou deitado na minha cama com as pernas esticadas e cruzadas nos calcanhares e com os braços para o alto, deixando minhas mãos debaixo do travesseiro que estou com a cabeça. E posso sentir o sorriso idiota na minha cara para o teto do meu quarto.

É tão idiota esse sentimento que eu sinto por ela. Tão prematuro e simples, parece que ela já faz parte da minha vida há muito tempo. Na verdade, ela faz.

Só que não como eu me sinto agora. E confesso que nunca imaginei ter esse envolvimento assim com Victoria e nem por ninguém mesmo. Eu ainda não sei bem o que é, mas sei que me domina quando estou perto dela.

Eu adoro seu riso, principalmente quando está envergonhada ou nervosa e tenta esconder mordendo os lábios. Gosto do seu jeito fácil de lidar com as pessoas, fazer amizade e conversar com qualquer um. Mesmo não tendo convivido com ela por mais tempo, percebo hoje o quanto ela é adorada pelas pessoas e as adora também. Sempre muito simpática. Mesmo que antes comigo tenha sido, por minha culpa, né. Agora ela está se abrindo comigo, e preciso que ela seja *ela mesma* perto de mim como é com todos, porém, um pouquinho mais próxima. Quero ela por completo. Sorrisos, beijos, abraços e com certeza sexo.

Escuto o barulho do meu despertador e logo pego meu celular. “Está atrasado, meu bom.”

Hoje tenho duas reuniões antes do almoço, duas a tarde e depois preciso fazer uma videoconferência com Ryan Colton, para enfim estar livre para chegar em casa e ligar para Victoria. Ontem liguei era tarde demais para mim e acabei dormindo, deixando ela na linha.

Já me acostumei com o fuso horário e me esqueci completamente que para ela é três horas mais cedo. E como liguei já eram onze e meia da noite, eu estava acabado, mas queria muito ouvir a voz dela antes de dormir. Mas quando o relógio bateu quase as duas da madrugada, eu bocejava de vinte e vinte minutos, fazendo Victoria rir, pois estava totalmente ligada ainda.

Consigo me lembrar dela dizendo:

“Vai dormir Ethan, amanhã a gente se fala.”

“Eu estou bem.”

“Você está caindo no sono. Isso, sim.”

“Esquece. Eu apenas me esqueci do fuso horário.”

“É, esqueceu mesmo e não está percebendo que aí já são duas horas da manhã e você tem que acordar cedo. Amanhã é segunda-feira, dia de trabalho”, disse brincando.

Bocejei de novo e falei: “Eu sei, me desculpe. Só mais um pouquinho.”

“Tudo bem, mais dez minutos e eu vou desligar.”

Mas nem aguentei os dez minutos. Caí no sono e a deixei na linha como uma boba. E agora me deparo com uma mensagem dela para mim, que deixou um pouco depois de eu ter pego no sono.

Com um sorriso no rosto, envio-lhe uma resposta.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK | 08:10

BOM DIA, PRINCESA. DESCULPE TER DEIXADO VOCÊ NA LINHA. HOJE VOU ACABAR OS TRABALHOS MAIS CEDO E TE LIGO ASSIM QUE ESTIVER EM CASA E MENOS CANSADO PARA PODERMOS CONVERSAR POR MUITO TEMPO.

X

Deixo o celular na mesa de cabeceira e levanto as cobertas. Esfrego minhas mãos no rosto e levanto da cama, para tomar um banho e me preparar para o trabalho.



O MOTORISTA DA EMPRESA PARA NA SEDE da COLTON & BROWN em Manhattan, na Madison com 78th, e eu salto do carro apressado. Estou cinco minutos atrasado e tudo por culpa do trânsito infinito daqui. Com passos largos me dirijo para o hall do prédio.

Estou muito satisfeito com minhas tarefas e funções na empresa. Se eu não estivesse sentindo falta de Victoria, essa viagem para Nova York como o sênior de divisões de departamentos e novas campanhas, poderia dizer que estou *totalmente* feliz.

“Bom dia, Sr. Brown.” Saúda o segurança que fica na portaria do prédio.

“Bom dia.” Respondo-o caminhando rápido.

Eu ainda vou conseguir entender porque as pessoas ainda continuam me cumprimentando quando eu deixo claro para elas que pouco me importo com elas. Acho que minha cara fechada deixa isso evidente. E bem, não é que eu não me importe e sim, que não gosto de pessoas interesseiras e sei que muitas pessoas só falam comigo pelo dinheiro e para conseguir alguma coisa. Umas das merdas de ser rico e ter uma empresa de Publicidade e Marketing, consequentemente, é ser visado. Se tornar uma figura pública é inevitável.

E principalmente se for idiota como eu fui, e fizer conta em rede social se tornando alvo maior ainda de pessoas interesseiras. Odeio isso. Detesto essa quantidade de pessoas que adora criticar, apontar erros e falar mal das pessoas que se esforçaram e ficaram ricas ou teve sucesso. O que acontece abundantemente nas redes sociais com as pessoas famosas. Alvo dos famosos “*haters*”.

Eu não sei o que tem na cabeça dessas pessoas que falam que a vida de um artista, jogador de algum esporte, cantor, escritor, fisiculturistas, empresário, que

se empenharam e conquistaram uma vida com regalia, é fácil. Por que eu sei por experiência própria que não é. E o que é mais irritante de tudo isso, é acharem que tudo veio/vem fácil. Que o dinheiro compra tudo.

Nossa! Eles estão tão errados. Dinheiro não compra sentimento, caráter, saúde e nem sabedoria. O dinheiro abre as portas para as coisas boas e com certeza as coisas ruins também. Então deixar se levar pelos números de zeros na conta bancária pode levar uma pessoa para o fundo do poço.

Saio do elevador e chego ao andar do escritório quase correndo e espumando pela boca. Eu sabia que ia chegar uns dez minutos depois da hora marcada da reunião, mas detesto que me chamem atenção.

Fecho mais a cara — *já não sou muito diferente mesmo* — e entro na sala de reunião. Vou direto para o meu assento, perto da cabeceira onde Joseph Hiramell, CEO dessa sede e um grande amigo do meu pai, está.

“Bom dia, Joseph.”

Ele me olha e levanta a sobrancelha. “Bom dia, garoto”, diz sorrindo.

Porra. Odeio que me chamem assim. Me sinto um moleque e não um homem de vinte e seis anos, formado e responsável. Eu já não sou mais um *garoto*, e apenas minha mãe pode me chamar assim sem eu me sentir um babaca de quatorze anos.

Curvo levemente os cantos da minha boca, em um sorriso fechado para ele e colocando a pasta no chão, abro e tiro o notebook de dentro, para fazer as anotações e mostrar as novas ideias e projetos que Ryan, William e meu pai me enviaram por e-mail.



ENTRO NA SALA RESERVADA PARA QUANDO ALGUM MEMBRO de outra sede — Califórnia, Seattle, Maryland ou Chicago — vem para Nova York. Pego meu notebook e vejo os nove e-mails que recebi nos últimos cinquenta minutos enquanto estava na reunião.

Três do meu pai, com alguns dados que devem ser revisados. Ryan Colton, mandou alguns falando que as aquisições estão em ótimas perspectivas, dois da minha secretária e um de William dizendo que quer falar comigo. Fico parado olhando para o notebook por alguns minutos.

Chamo a secretária e peço para fazer uma videoconferência com Will logo.

Não demora muito, e 15 minutos depois Will aparece na tela. “Boa tarde, Ethan.”

Assinto, cumprimentando-o. “Boa tarde, William. O que você queria falar comigo?”

“Não é muito sério, mas não conversei com você sobre a noite que você foi buscar Victoria e queria lhe agradecer.”

“U-hum. Okay, sem problemas.” Meneio a cabeça, um pouco em transe.

“Então como foi? Vocês se saíram bem?”

Engulo a seco.

“Bem, eu diria que sim, não é. Ela parece estar inteira” falo devagar, tentando não parecer nervoso demais e não querendo ser grosso. Difícil.

“O que você quer dizer com isso?” Ele pergunta com a cara fechada.

Porra. Nem eu que sou um cara confiante e grosso deixo de tremer quando recebo um olhar desses de William Colton. O cara poderia matar um apenas olhando.

“Eu acho que ela está bem.”

“Você a viu recentemente?”

Put a que pariu. Se eu a vi? Deixa-me ver. Sim! Eu vi, agarrei, beijei, peguei o número do celular dela, convidei-a para ir ao baile e passar a noite comigo. E conversamos todo dia desde então pelo.

“Sim.”

Ele aperta os olhos, confuso. Me questionando: *Como? Quando?*

“Eu a vi quando seu pai me chamou para uma reunião na casa dele, na segunda-feira passada.”

“Oh, sim. Entendi. Enfim obrigado pelo favor e eu tenho certeza que ela não deu trabalho nenhum. Não é?”

“Sim. Ela apenas achou estranho eu estar lá, mas aceitou minha carona para casa numa boa.” Minto. Nem morto conto o que houve naquele sábado.

“Ken falou que tudo foi tranquilo mesmo.”

Acho bom que aquele careca tenha ficado de boca fechada, senão eu ia fazê-lo engolir a porra da própria língua.

“É, foi.”

“Era só isso e queria que você resolvesse um problema pra mim aí.”

“Manda, vou procurar resolver amanhã.”

Will fala o que ele quer e encerra a videoconferência. E finalmente solto minha respiração. Merda. Estava começando a suar quando ele começou a falar sobre a noite de sábado. Não quero morrer tão cedo e sei que ele é meio maluco pela irmã. E mesmo que eu jure que levaria um tiro para defendê-la e protegê-la, sei que terei que pisar em ovos para conquistar a confiança dos Colton e eles perceberem que sou o homem certo para Victoria.

Eu quero ser o melhor para ela e realmente nem ligo que ela não queria isso tanto quanto eu, mas estou começando a pensar que não dou a mínima para isso. Vou fazê-la me querer do mesmo jeito. Esse pensamento não deixa de ser

estranho, mas não consigo não pensar e mesmo que eu ainda não tenha ficado com ela de verdade. Sinto que ela é minha.

Quer dizer, eu apenas a beijei e meio que me declarei. Agora nós conversamos todas as noites, e já que estou longe, me contento em poder ouvir sua voz e olhar seu *Instagram*.

Ontem ela postou uma foto dela com Hannah. Elas estavam em alguma feira de flores. Curti a foto e comentei: MEU ANJO E MINHA PRINCESA. Victoria respondeu com uma carinha que tinha corações nos olhos e uma careta. Ri que nem um idiota e quis muito estar lá com elas.

Matando meus sonhos, o telefone do escritório toca.

“Sim.”

“*Ligação na linha 2, senhor. É o Sr. Brown*”, diz a secretária.

“Meu pai?” pergunto.

“Sim.”

Aperto o botão e meu pai entra na linha.

“Fala pai.”

“*Boa tarde, filho. Como está indo em Nova York?*”

“Bem. Agitada, barulhenta e um monte de gente correndo desesperadas. Ou seja, um inferno brilhante, rico e com ostentações de sobra.” O respondo rindo no final. “E Maryland? Já se adaptou a viver aí?”

“*Está do mesmo jeito. Rica e com muitos empresários para colocar o papo e as finanças em dia. Já sua mãe*”, ele ri. “*Está comprando tudo que vê pela frente para decorar a casa e muitas plantas para o jardim, que ela está mandando fazer paisagismo.*”

“Imagino como ela está agora. Com paredes de verdade para pendurar quadros e pintar como quiser.”

“*Você não sabe de nada. Ela já me informou que quer pintar a casa de seis em seis meses, mas acho que é apenas ansiedade. Depois que ela se acostumar com a casa vai parar.*”

Pelo visto ele parece estar adorando a mudança e nem está se importando com mamãe pirando em querer decorar a casa tão euforicamente. Mas eu tenho minhas dúvidas se essa euforia vai passar rápido.

Mamãe viveu em uma casa normal, com paredes e tetos, com o exterior decorado e paredes desenhadas e rodeadas com flores, por muitos anos em Beverly Woods. Até que meu pai achou o terreno da minha atual casa em Los Angeles em Hollywood Hills, e nós nos mudamos para ela assim que ficou pronta em 2000. Então mamãe saiu da casa de boneca e decoração moderna para uma casa totalmente de vidro, madeira, muito verde e água. Uma casa futurística e ecológica. Um ambiente totalmente aberto. A cozinha tem um balcão e entrada

para a varanda da piscina que tem vista para o horizonte de Los Angeles. A piscina é enorme e vai de dentro da sala de estar até o lado de fora da casa, parece que vamos cair montanha abaixo no fim dela pelo fato de a parede da piscina, sobre a montanha que segura a casa, ser de vidro. É segura, mas eu tinha medo no início.

Minha casa é um aquário gigante e como minha mãe dizia: era a casa de vidro dela. E duvido muito que ela vai se acostumar muito rápido com as novas oportunidades de decorar e enfeitar a casa nova, que com certeza tem mais chances e ideias do que uma casa de vidro. Ela vai compensar os quinze anos de Hollywood Hills em Maryland.

“Eu duvido que ela vá ficar calma, muito em breve” falo rindo.

“Eu sei, filho. Então, liguei também para pedir a você que viesse aqui quarta-feira.”

“Agora?”

“Sim. Eu sei que amanhã já não tem mais nada para fazer e você já pode ir para a casa. Então queria que você viesse para Maryland rapidinho. Você volta no domingo pra casa.”

“Eu posso ir pra casa mais cedo?” Pergunto a ele com o único propósito. Voltar para Los Angeles e ver Victoria, não ir visitá-lo. Amo meus pais, mas preciso ver Victoria.

“Pode sim. Eu falei com Joseph e tudo está perfeito e você já pode voltar. Então, vai vir para cá?”

“Pai eu adoraria vê-los, mas sábado tem a festa da empresa, O Baile, e eu quero ir.”

“Oh caramba, eu tinha me esquecido. Eu vou falar com sua mãe para nós irmos também.”

“Não quis dizer isso. Apenas estou lhe comunicando o que vou fazer e vocês se quiserem não precisam ir. Eu e Anton vamos representar a empresa do nosso lado. Você e mamãe têm muitas coisas para fazer por aí”, e *eu quero a casa livre para mim.*

“Então está tudo bem. Na outra semana você vem aqui e traga a Hannah com você, sua mãe já está com saudades dela e é o feriado do Halloween.”

“Verdade pai, pode deixar que vou. Agora tenho que desligar para terminar de fazer uma coisa aqui.”

“Tudo bem, filho. Se cuide ou sua mãe volta pra Los Angeles.”

Sorrio. Minha mãe é bem capaz de voltar para casa apenas para poder cuidar do *filhinho* mais novo.

Encerro a ligação e vou resolver os papéis que me mandaram antes que dê cinco horas. Não quero chegar em casa muito cansado. Quero tempo suficiente

com Victoria ao telefone.



QUANDO O RELÓGIO MARCA VINTE PARA AS CINCO DA TARDE, saio do escritório feliz da vida porque consegui resolver tudo a tempo e me sobrou até tempo de passar em um lugar que eu tinha visto logo que cheguei aqui e me lembrei de Victoria. E comprei um presente para ela. Espero que ela goste.

Chego em casa, tomo banho, e ligo para um restaurante, pedindo meu jantar para daqui a quarenta minutos. Coloco o presente com cuidado em cima da mesa da sala de jantar para não o esquecer. Sentando-me na poltrona próxima a grande janela da sala e pego meu celular. Mando mensagem para Victoria e por algum motivo idiota, estou nervoso.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK - 19:33

BOA NOITE, PRINCESA.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:38

BOA NOITEEEE! COMO VOCÊ ESTÁ?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:38

ESTOU BEM E VOCÊ?

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:39

DO MESMO JEITO DE ONTEM. HAHHAH...

CHEGOU CEDO HOJE. ♥

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:40

CHEGUEI SÓ PARA FICAR MAIS UM POUCO COM VOCÊ. TALVEZ ATÉ DE MANHÃ.

VAMOS DORMIR JUNTOS?

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:41

♥ HIHIHI... DORMIR, É?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:41

SIM.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:42

NÃO TEM TRABALHO AMANHÃ?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:43

O QUE EU TENHO QUE RESOLVER É DE TARDE.

Não vou contar para ela que vou chegar mais cedo em Los Angeles. Quero fazer uma surpresa.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:43

ENTENDI E POSSO LEVAR O CELULAR COMIGO PARA CAMA ATÉ PEGAR NO SONO.
HIHIHIH...

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:44

MERDA.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:44

O QUE FOI?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:45

QUERIA SER SEU CELULAR E IR PARA CAMA COM VOCÊ.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:45

HAHAHA... VOCÊ É TERRÍVEL.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:46

ISSO NÃO POSSO NEGAR E ESTOU LOUCO PARA LHE PROVAR.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:46

OKAY... ESPERA UM POUQUINHO. JÁ VOLTO.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:47

O QUE HOUE?

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:48

VOU TOMAR BANHO.

Meu Deus, imaginar ela nua com espuma pelo corpo, toda escorregadia e molhada, me dá até tontura e uma ereção crescente.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:49

LEVA O CELULAR COM VOCÊ.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:50

NUNCA, SEU ENGRAÇADINHO!

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 19:51

QUAL O PROBLEMA? SÓ NÃO DEIXE MOLHAR QUANDO TIRAR UMA FOTO PRA MIM.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 19:52

IDIOTA. ESPERE, AÍ. OK?

DAQUI A 30 MINUTINHOS EU VOLTO.

BEIJOS

Queria tanto ver aquele corpo gostoso que ela tem molhado e cheio de espuma. Saco.

Aproveito que ela está tomando banho, e posto a foto que tirei quando comprei o presente para ela. Quero ver o que ela vai pensar quando olhar a foto no meu Instagram. É o letreiro da loja da *Victoria's Secret* na Avenida das Américas. Rio quando aperto postar. Nunca fiz nada assim antes na minha vida, mas estou começando a pensar que por ela posso cometer loucuras. Coisas que jamais pensei em fazer.

E a foto não foi nada se eu comparar com a promessa de buscá-la para o Baile. E depois ficar com ela a noite toda na minha casa, no meu quarto. Deitada na minha cama e dormir comigo.

Nunca quis isso com nenhuma mulher. E a namoradinha que tive na adolescência, foi coisa de criança e eu só dormi com ela uma vez. Na primeira vez que fizemos sexo. Dormi com ela porque peguei no sono na verdade. Foi terrível porque foi dentro de um carro. Me odiei depois, por fazer sexo com ela, por dormir com ela e de ter sido com *ela*. Odeio ela e ponto final.

Não gosto nem de lembrar dessa época da minha vida. Fiquei com ela, não por ter algum sentimento forte por ela, e sim por não querer deixá-la sozinha depois de ter confessado a mim que foi sua primeira vez. E não queria que ela pensasse que eu era um pegador de virgens sem consciência.

Porém, com Victoria eu quero passar o dia na cama com ela. Fazendo sexo,

apenas abraçando-a, sentindo seu perfume de mulher. Aquele cheiro de flores, baunilha e morango, que me lembra tanto o Outono. Eu quero tudo com ela e não vou sossegar enquanto não tiver.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:08

VOLTEI.

ETHAN - MANHATTAN | NOVA YORK - 21:08

NÃO QUERO PAPO COM VOCÊ.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:09

POR QUE?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:10

PORQUE VOCÊ NÃO TIROU MINHA FOTO.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:11

SÉRIO, ETHAN?

QUE BOBAGEM, VIU.

É claro que estou de brincadeira. Não que eu não tenha esperança dela ficar com pena e tirar uma foto agora.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:12

JÁ ESTÁ VESTIDA?

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:13

HAHAHA ... SIM, ETHAN! EU VOU JANTAR DAQUI A POUCO. E VOCÊ TEM QUE COMER TAMBÉM.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:14

VOU JANTAR DAQUI A POUCO, QUANDO A COMIDA CHEGAR.

PEDI COMIDA JAPONESA. QUER DIVIDIR COMIGO?

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:15

ADORARÍA. AMO COMIDA JAPONESA.

E SERIA UM PRAZER COMER COM VOCÊ. PENA QUE NÃO DÁ

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:16

DÁ SIM, PRINCESA. É SÓ VOCÊ PEGAR UM VOO PARA CÁ NO JATINHO DA EMPRESA.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:17

RSRS... ATÉ PARECE QUE EU FARIA ISSO.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:18

NÃO VEJO NADA DE ERRADO VOCÊ FAZER ISSO. É UMA EMERGÊNCIA.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:19

QUAL?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:19

ESTOU MORRENDO COM A FALTA QUE VOCÊ ME FAZ.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:20

AH! MEU DEUS... QUE DRAMÁTICO.

DUVIDO QUE VOCÊ ESTEJA SENTINDO TANTO A MINHA FALTA ASSIM.
VOCÊ NEM FICOU COMIGO TANTO TEMPO PARA SENTIR MINHA FALTA DESSE JEITO.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:21

ENGANO SEU VIU. PORQUE EU ESTOU SENTINDO MUITA FALTA DE OLHAR PARA VOCÊ.
TE BEIJAR. TE ABRAÇAR...

Sua resposta demora a vir.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:32

TAMBÉM QUERO TE BEIJAR DE NOVO.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:33

QUERO MUITO MAIS QUE TE BEIJAR, MAS AGORA VOU JANTAR.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:34

TUDO BEM. VOU JANTAR TAMBÉM.

BEIJOS.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:35

ANTES DE DORMIR, JÁ SABE!

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:36

SEI, SIM, SEU MANDÃO.

MANDAR MENSAGEM DE BOA NOITE PARA O ETHAN.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:37

NÃO. HOJE VOCÊ VAI LIGAR. TENHO TEMPO DE SOBRA E NÃO SE
ESQUEÇA DE VER A FOTO QUE POSTEI NO INSTAGRAM.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:38

TUDO BEM. EU LIGO, MAS QUE FOTO É ESSA?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:39

VAI NO MEU INSTAGRAM E VÊ.

BEIJOS, PRINCESA.

QUANDO FOR 11 HORAS, EU LIGO.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 21:40

11 PRA MIM OU PRA VOCÊ?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:41

PRA VOCÊ.

VICTORIA - LOS ANGELES/CALIFÓRNIA - 21:41

ETHAN. VAI SER 2 DA MANHÃ AÍ.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 21:42

NÃO TEM PROBLEMA. VOU LIGAR E PRONTO.

AGORA PRECISO IR. A COMIDA CHEGOU.

VICTORIA - LOS ANGELES/CALIFÓRNIA - 21:43

TUDO BEM! ATÉ MAIS TARDE.

BEIJINHOS.



Acabei de tomar um banho quente e colo uma calça de pijama de seda azul escura, para deitar. Em torno das três horas da manhã, meu celular apita, me acordando. Que inferno, peguei no sono. É uma mensagem de Victoria e ela também deixou um comentário na foto do Instagram: AW! QUE LINDO. LEMBROU DE MIM. ♥

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 03:06

POR FAVOR, NÃO ACORDE. SÓ ESTOU DESEJANDO BOA NOITE, COMO VOCÊ PEDIU.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 03:07 (ÁUDIO)

“Boaaaa... noiteeee, Ethan. Tenha bons sonhos. Mxxx...”

Fico sorrindo que nem um babaca para o celular depois de ouvir o seu áudio. E como ela pediu, não respondo. Volto a colocar o celular sobre a mesa de cabeceira e me aconchego na cama, que está fria e grande demais, precisando um pouco de alguém nela comigo. Alguém que se chama; Victoria.

Essa coisa de mensagens de carinho para lá e para cá. Eu jamais pensei que iria ficar de namoro com alguém via celular e que tiraria foto de coisas que me lembrasse dela, ou até mesmo fotos minhas sorrindo e fazendo algo babaca para fazê-la sorrir. Estou totalmente fora da minha zona de conforto, mas me sinto bem e preparado para mais disso tudo que estou experimentando com Victoria.

Fecho meus olhos e faço o que Victoria falou. Penso em ter bons sonhos, sonhos com ela.



TERÇA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 2013.

ESTAVA TENDO O SONHO MARAVILHOSO COM VICTORIA, quando infelizmente meu despertador toca e acordo querendo matar ele, e uma ereção dolorosa. É um pouco idiota isso, mas estou maluco por ela. Não me reconheço mais.

Há mais de 4 meses esse episódio acontece comigo. Mesmo que a última vez que eu tenha transado não faz nem 1 mês. Nada me satisfaz mais ou alivia. Praticar sexo com outra pessoa, ou me masturbar, não resolve e sei que muito mais que isso que preciso *dela*.

Victoria está invadindo meus pensamentos e desejos vinte e quatro horas por dia há quatro meses e contando. É, contando, porque agora eu apenas a beijei e quero muito fazer amor com ela que nem um louco. *Fazer amor?*

Travo meus pensamentos quando registro o rumo deles. Sento na cama e deixo meus ombros caírem para a frente. Apoio meus cotovelos nos joelhos e enterro minhas mãos em meus cabelos.

“Porra”, falo num fio de voz rouco.

Estou me sentindo esquisito. Sei que acabei de acordar, mas... *Nossa*. Eu não acredito que pensei isso. Fazer amor é uma coisa tão... Eu nem tenho palavras para descrever. É tão intenso, único, especial. Tão *apaixonado*? Apaixonado.

Essa palavrinha fica rodando na minha cabeça e ela nunca significou nada para mim. Pela primeira vez cogito que o que eu sinto por Victoria seja amor. Talvez eu esteja me apaixonando por ela, porém não posso falar com toda certeza. Eu nunca na minha vida me apaixonei antes.

Meu irmão fala que é algo mágico, sem parecer piegas. Se apaixonar é mágico, porque nem uma pesquisa científica, química, física ou espiritual pode descrever com exatidão o que acontece com os amantes apaixonados. Elas ficam tão bestas, palermas e conectadas uma na outra.

Lembro da conversa que tive com meu irmão uma vez sobre isso, amor.

“Se apaixonar é como adoecer e ficar de cama. Te domina, te captura, te tira do eixo. Te faz querer fazer coisas que você não quer e nunca pensou em fazer. Você esquece que não pode voar se ela se jogar de algum lugar e você vai querer ser o herói dela. Você não come, se ela adocece e você apenas quer vê-la melhorar logo para poder respirar melhor. Você doa suas mãos, pernas, roupas, sonhos e tudo mais até nem ter mais a própria alma, porque você já deu a ela.”

“E isso vale a pena? Por que as pessoas se deixam se apaixonar assim? Falam que o amor é a doença sem cura do mundo. Quando você não é correspondido é como morresse.” Disse.

Meu irmão colocou a mão no meu ombro, sorriu e falou: “Claro, mas não se preocupe. Quando isso acontece Ethan, é uma vez só e você não fica sem alma.” Olhei para ele confuso e ele prosseguiu. “Você ganha outra. Ganha a alma dela. Porque o amor verdadeiro não acontece todo o tempo e se você achar um dia não dê as costas. Vai ficar tudo bem.” Anton termina seu discurso com um enorme sorriso.

Pensar nas palavras dele me faz perceber que eu já estou fazendo muita dessas coisas e começo a ficar com medo de estar amando Victoria, e tão cedo. E se for isso, eu apenas quero e espero não quebrar minha cara ou perder meu coração nessa jogada, porque não vou desistir agora que me coloquei no campo.

Dez

Victoria

QUARTA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 2013.



“OI, PRINCESA.” Clara fala de bom humor do outro lado da linha.

“Oi” digo sorrindo.

“Você sabe o que eu estou fazendo?”

Dou risada por causa da sua voz engraçada. “Definitivamente não. Então me diga logo.”

“Estou surfando, depois de ter assistido quatro horas de aula de Anatomia e Genética.”

“Uau!” exclamo.

Fico tão feliz de ela estar voltando a fazer o que mais gosta.

Diferente de mim, Clara sempre pôde fazer o que quer, apenas ficou por um tempo de castigo. Eu queria estar de castigo também, porque um dia, todo castigo finalmente acaba. Eu não acredito — sem ser negativa — que um dia terei liberdade de fazer as coisas que desejo assim como Clara faz as dela.

Ela passeia sozinha, vai para faculdade, surfa e até já viajou para Europa absolutamente sozinha. Coisa que nem em sonho me permitiriam fazer, ou se deixassem, seria — como sempre — cercada de seguranças até os fios dos cabelos.

“Está em que praia?” Pergunto.

“Na de sempre amiga.”

“Óbvio.” Assinto mesmo que ela não possa me ver e sorrio.

Clara estuda na Universidade Pepperdine, que fica em Malibu, e eu acho que ela só foi estudar nela porque fica a seis minutos da praia preferida pelos surfistas de Los Angeles. A Malibu Surf Rider Beach. Porque eu acho e os pais dela também, um absurdo ela sair de casa uma hora mais cedo para conseguir chegar na faculdade. E o engraçado é que cumprir este horário, é o único momento onde ela leva a hora marcada a sério.

Mas eu a entendo de todo modo. A praia é linda, perfeita, têm ondas maravilhosas para fazer boas manobras e eu já me aventurei por ela com Clara e

Derek — ex-namorado dela — tentando me ensinar. Só não me aprofundei na brincadeira. Depois de 2 meses de aula de Surf, um Record de 15 caldos e quase me afogando para valer 2 vezes, abandonai. Agora vou raramente assistir Clara surfar.

“Então, será que você pode me encontrar aqui? Está um dia lindo, Vic.”

“É, eu sei, mas tenho um almoço com meus pais, Will e a Cora. Posso te encontrar mais tarde?” Faço uma voz manhosa. “Só uns quarenta minutos atrasada. Tipo, eu sei que você não vai sair daí tão cedo mesmo.”

“Tá, tá. Pode ser daqui a quarenta minutos, mas não deixe de vir. Hoje estou me sentindo renascer. Estudar, surfar, carro novo e apartamento novo. Tudo isso eu teria há nove meses, mas infelizmente tudo desandou e você sabe como eu fiquei.”

“Eu sei, Clara. Pode deixar que vou te encontrar. Te amo sua desmiolada.”

“Amo você também, princesinha.”

Rio e desligo o telefone, entrando no restaurante perto do prédio da Colton & Brown. Will, Cora e meus pais já estão sentados na mesa de sempre e conversando. Eles notam minha presença e sorriem quando vou me aproximando.

“Olá, família. Cheguei muito atrasada?”, pergunto me sentando ao lado de Cora.

“Não e nós sabíamos que você estava saindo da faculdade e hoje está parecendo sexta-feira.”

Assinto para Will e nosso pai fala:

“Hoje é uma típica terça de negócios em Los Angeles.”

“Hollywood nunca para.” Brinco. “Hollywood, baby, Hollywood.”

Todos riem e o garçom chega para tomar os pedidos, e logo voltamos a conversar enquanto aguardamos nossa refeição.



MEUS OLHOS ESTÃO PERDIDOS ENQUANTO CLARA CORRE NA PRAIA, se aproximando de mim. Ela enterra a prancha em pé na areia e tira o excesso de água dos cabelos. A blusa azul-marinho que ela usa para surfar, é tirada e jogada ao meu lado. Rio e sigo seus movimentos com os olhos. Ela dá um “até logo” para alguém que caminha na praia, um homem com uma prancha, e então se senta ao meu lado.

“E aí? Como andam as coisas no mundo de Victoria?”

Reviro os olhos e bato meu ombro no dela.

“Do mesmo jeito de sempre. Você sabe.”

“Eu sei”, ela diz em um tom de interrogação e cinismo, roendo a unha. Aperto meus olhos e ela fala: “Vamos logo, desembucha tudo que eu ainda não sei.”

“Como assim? Do que você está falando?”

“Hmm... deixe-me ver. Vamos começar pela parte fácil. Tipo, um cara de olhos azuis, lindo e um corpo maravilhoso. Muito sério e seu perseguidor nas horas vagas.”

“Ethan não me persegue.”

Ela sorri como um gato que capturou um canário.

“Viu como você sabe do que eu estou falando. Vamos logo, Vic.” Ela bate no meu ombro com o dela, como eu tinha feito. “Me fala como anda as coisas com ele? Eu sei que ele te levou para casa no dia da boate. Me fale do seu cavalheiro salvador.”

Balanço a cabeça e abaixo o rosto para ela não ver o sorriso ridículo que estou tentando não abrir.

“Não adianta se esconder. Eu te conheço e sei que você gosta dele.”

“Sim, eu gosto dele e bem, aquela noite...”

Ela vira o corpo para o meu com um pulinho e me olhando assentindo, me instigando.

“Não lembro de muita coisa.” Digo.

“Sério?” Assinto e ela murcha, me olhando de cara amarela. “Não lembra de nadinha?”

“Nós nos beijamos — ”

“Ah! Vocês se beijaram”, diz batendo palma, que eu seguro.

“Para com isso. Está todo mundo da praia olhando.”

“Dane-se. Eu quero saber de mais. Tipo, ele beija bem? Tem pegada?”

“Para com isso.” Dou risada do jeito dela de ser tão animada com tudo e ela ri também. “Você é louca demais.”

“Você já me conhece e eu só quero ver você feliz. E sei que você estava doida para saber qual era a dele. Realmente até eu queria saber o que ele queria, qual era a dele com a mania de ficar te olhando. Aquele stalker gostoso.”

Jogo a cabeça para trás rindo e depois a olho. “Sim, ele beija bem e sim... ele tem pegada.” *Oh se tem* — completo mentalmente.

“Eu sabia. Um homem daquele não pode ser ruim de pegar uma mulher de jeito, mas então?”

“O quê?”

“O quê?! Aconteceu mais alguma coisa?” Nego com a cabeça e ela franze a testa. “Não acredito.”

“Juro.”

“Então você só beijou aquele pedaço de homem depois dele ficar te comendo com os olhos durante três meses?”

“Clara!”

“Clara, o que? Eu teria feito mais que isso com certeza. Pelo menos uns *amassos* atrás do banco do carro ou no sofá da sala.” Ela arregala os olhos. “Você realmente viu aquele homem? Ele é...” ela sacode as mãos na frente do corpo.

Rio e bato nas mãos dela. “Pare com isso e sim, eu vi muito bem ele.”

“Não parece.”

Faço careta para ela e foco na praia. “Você não entende nada às vezes.”

“Do que?”

Dou de ombros. “Ele é o sócio do meu pai. A família dele é como se fosse a minha.”

“Isso é maravilhoso. Se vocês se casarem todos vão ficar realmente felizes.”

“Isso é o que você acha.”

“Não tenho dúvidas.”

Olho para ela de canto de olho e ela está rindo. “Talvez realmente seja bom, mas você esquece como minha vida é.”

Agora ela dá de ombros e para de sorrir. “Não seja por isso, Vic. Você não pode se privar de viver, se apaixonar e ficar com um cara como Ethan. Ele realmente quer você.”

“Como você sabe disso?” Disparo.

“Ora, bolas. Ele ficou te olhando muito tempo para não te querer e agora foi até aquela boate atrás de você, por sei lá qual o motivo verdadeiro. Só sei que não foi por causa do seu irmão. Ele foi porque sentiu obrigação em cuidar de você.” Assinto e meus olhos queimam. “Poxa, Vic. Por que você quer chorar?”

“Porque eu sei que se ele quiser mesmo ficar comigo, a vida dele vai mudar e... sem contar que se ele já foi atrás de mim naquela boate, sei que ele vai ser mais um para cuidar de mim.”

Clara faz uma cara triste e me puxa para um abraço. “Eu sei disso, mas tenta não ver por esse motivo. Tenta viver a vida e se for para ser”, ela se afasta e me olha nos olhos. “Será com Ethan.”

“Ou não”, murmuro.

“Ou sim.” Diz e afirma: “Com certeza.” Cantarola.

“Obrigada por alegrar meu dia.” Ela assente e dá de ombros. “Mas odiei que você me molhou.” Ela ri e se levanta, e em um movimento rápido pega um punhado de areia. “Não faça isso.” Aviso colocando as mãos na frente do corpo, tentando me proteger dessa louca.

“Quer apostar princesa?”, diz e me joga a areia.

“Argh! Vou acabar com você.”

“Duvido. Lá, lá, lá!” Corre pela praia e vou atrás dela. “Tira o terno se quiser acompanhar, Ken.” Ela diz olhando para trás de mim, brincando com meu segurança.

Corro de costas e falo para ele também: “Seus sapatos também.”



QUINTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 2013.

FICAR CONVERSANDO COM ETHAN está se tornando um vício. Ele é tão engraçado e me faz rir o tempo todo. Adoro isso nele. Fica o tempo todo dizendo que falar comigo é uma forma de matar a falta que sente de mim. Mesmo eu achando que isso é mentira, acho fofo. Ele deve apenas estar interessado em ir para cama comigo, mas eu estou deixando e entrando na onda, porque também o quero. Uma aventura não é tão ruim assim e como Clara diz: É até pecado desperdiçar um homem como ele.

Não tenho medo de me magoar — no sentido de sofrer — se ele for um cafajeste. Porque não estou procurando nada. Apenas quero ficar com ele o tempo que durar e se tudo der certo, nós podemos até ser amigos de verdade depois.

Meu celular toca, pego e vejo a mensagem de Ethan.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 16:47

OI, PRINCESA. ESTÁ EM CASA?

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 16:48

OI, ETHAN :D

ESTOU EM CASA ME ARRUMANDO PRA IR À ACADEMIA E VOCÊ?

Não sei qual é o meu problema. Mas toda vez que cumprimento ele, seja pessoalmente ou por telefone. Eu não consigo dizer apenas um “Oi”. Sempre falo o nome dele. Adoro o nome dele. *Ethan*. É forte e singelo. Parece um segredo. *Quem é Ethan? Meu Ethan*. Um grande sorriso se abre em meu rosto ao pensar isso. Será que vou saber quem é ele um dia. Tudo sobre ele. Ou que ele vai ser meu. Ah! Que pensamentos idiotas os meus.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 16:49

ESTOU A CAMINHO DE UMA REUNIÃO IMPORTANTE.

VAI À ACADEMIA SOZINHA?

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 16:49

CLARA VAI COMIGO. POR QUÊ?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 16:51

NADA DE MAIS. NÃO QUERO QUE VOCÊ VÁ SOZINHA.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 16:52

NÃO ENTENDI. POR QUÊ?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 16:53

PORQUE OS HOMENS DA ACADEMIA FICAM TE OLHANDO DEMAIS.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 16:54

HAHAHA ... REALMENTE MORRI DE RIR.

OLHA QUEM ESTÁ FALANDO. MEU *WATCHMAN*.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 16:55

O SEU O QUE?

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 16:56

VOCÊ ENTENDEU, ETHAN. OU JÁ ESQUECEU QUE VOCÊ É O HOMEM QUE MIS ME OLHA

NA ACADEMIA? PASSOU 3 MESES NA SUA OBSESSÃO.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 16:58

NÃO ESQUECI MESMO, MAS SOU DIFERENTE.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 16:59

É? POR QUÊ?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 17:00

PORQUE EU SEMPRE TE QUIS E NÃO APENAS SUA BUNDA, COMO MUITOS HOMENS

NAQUELA ACADEMIA QUE FICAM VIDRADOS NELA. E ANTES QUE VOCÊ INDAGUE. VOCÊ NÃO REPARA ELES, MAS EU SIM. REPAREI ATÉ DEMAIS ELES TE COMENDO COM OS OLHOS.

Inevitável.

É inevitável o grande sorriso que abro. Nossa, ele está com ciúmes. É fofo e um tanto engraçado. Nunca tive isso e dentro de mim, sinto uma febre em minhas veias. Ethan talvez não esteja tão de brincadeira como estou pensando.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 17:02

ENTENDO. APENAS VOCÊ PODE OLHAR MINHA BUNDA.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 17:03

NÃO VOU MENTIR E DIZER QUE NUNCA OLHEI, OK?! MAS AGORA E ANTES, SIM. SÓ EU POSSO OLHAR.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 17:04

HAHAHAHA! SOU SUA EXCLUSIVIDADE?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 17:05

COM CERTEZA!

Caio na gargalhada com sua resposta. Ele hoje está um tiquinho nervosinho. Mudo de assunto antes que ele decida voltar para Los Angeles, apenas para me levar à academia.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 17:06

TUDO BEM, HOMEM DAS CAVERNAS. VAMOS MUDAR DE ASSUNTO.

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 17:07

NÃO VEJO NENHUMA GRAÇA NISSO!

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 17:08

RS... ENTÃO... CONSEGUIU AQUELA MARCA QUE ESTAVA QUERENDO?

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 17:09

É CLARO QUE SIM. SEMPRE CONSIGO O QUE QUERO.

VICTORIA — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA — 17:10

CLAAARO! VOCÊ É O CARA!

ETHAN — MANHATTAN | NOVA YORK — 17:11

MAIS OU MENOS! MAS, A VERDADE É QUE SOU TEIMOSO MESMO. NUNCA DESISTO.

Disso eu posso concordar. Ele pode até não ser *O Cara*, mas não larga a corda enquanto ela não arrebentar. Mesmo que nós não fossemos próximos e ele tinha lá sua vida de adolescente e eu a minha criança, notei que Ethan sempre lutava pelos seus ideias.

Lembro de como teimava com sua mãe que ia fazer tal coisa e do seu modo, e enquanto ele não a convencia, não parava de falar. Sua teimosia e insistência eram notáveis. Até mesmo admiráveis. Porque é raro ser tão determinado da forma que ele é e, ainda por cima, desde novo.

Agora eu noto que ele é de uma insistência tão forte e teimosia, que tenho certeza que irrita algumas pessoas. Não é fácil lidar com pessoas que são gostam de persuadir as outras. Porque nem todo mundo tem peito para fazer e tomar as rédeas de suas vidas.



“CLARA, SE VOCÊ DEMORAR MUITO, eu vou embora e você vai com seu carro”, falo no telefone.

Uma coisa que me deixa chateada é marcar um horário e a pessoa se atrasar ou fazer como Clara. Fica me enrolando na porta da sua casa, terminando de se arrumar porque é distraída.

“Desculpa! Estou descendo a escada.”

“Corre. Já estou aqui há vinte minutos.”

“Vai pastar, Vic. Você está aí há dez minutos.”

Rio e desligo o telefone. Na verdade, estou esperando na porta da sua casa, há quatorze minutos.

Eu deveria já está acostumada, mas acho que nunca vou. Clara é a pior pessoa para se marcar hora para qualquer coisa, mesmo que seja importante. Ela é tão ruim em chegar nas horas marcadas, que a mãe dela — que sempre marca seus exames rotineiros — marca uma hora depois. Lógico sem ela saber, senão não adianta de nada.

“Pelo amor de Deus, Clara.”

“Eu sei, eu sei. Foi mal, mas o Derek ligou e eu me perdi no...” fala entrando atrás no carro, sentando ao meu lado.

“...tempo, porque quando eu falo no telefone eu *blábláblá*...” Completo sua frase padrão. “Já sei. É sempre a mesma coisa.”

“Sem graça.” Ela me abraça e olhando para frente, para o banco do motorista, e cumprimenta Ken. “Boa tarde, Ken.”

“Na verdade, é boa noite Stra. Welling.”

Solto um sorrisinho. *Ken é o melhor.*

“Muito engraçado vocês dois hoje” resmunga ela.

Me virando para ela, pergunto:

“Como foi o papo com o Derek? E eu achei que vocês tinham terminado de vez.”

“Foi normal.” Ela suspira. “Ele pediu para sair comigo e conversar.”

“E você vai?”

“Vou sim. Sabe, eu ainda gosto dele.” Ela dá um sorriso triste. “Talvez ele não tenha mesmo saído com aquela piranha da Agatha.”

“Talvez” falo assentindo, “E você sabe que eu adoro o Derek e tenho certeza que ele te adora também.”

“Também acho.” Clara sorri e falando em um cochicho pergunta: “E como vai o príncipe encantado?”

“Quem?”

“Ethan Brown.”

“Ah, sim. Ele está ótimo.”

“Só isso? Nenhuma notícia?”

“É.”

“Victoria você não sabe mentir. Não seria apenas isso com você soltando esse suspiro e sorrindo ao falar dele. Tão fofa, sonhadora e apaixonadinha.”

Revirando os olhos conto para ela. Conto dos beijos avassaladores lá em casa na segunda passada. Tinha esquecido de falar isso na praia e agora conto tudo com detalhes. Até a parte que ele disse que está maluco por mim e quer ficar comigo na casa dele depois do baile.

Clara arregala os olhos. “Ele falou mesmo isso?”

“Falou e disse que agora não vai desistir mais.”

“Nossa!” Ela se abana com a mão, fazendo uma cena teatral. “Ele não está de brincadeira. Ui!”

“Eu sei”, falo e solto uma risadinha.

“E agora. Como está o *Watchman*? Vai sair com ele hoje. Sei lá, ou ele vai estar na academia?”

“Não.” Franzo a testa. “Eu não te contei?! Ele está em Nova York.”

“Como assim?”

“Assim mesmo. Ele teve que ir pra resolver um negócio na sede lá. Meu pai

que solicitou.” Dou de ombros.

“Mas ele vai voltar, não é?”

“Claro que vai.” Assinto e sinto meu coração acelerar. “Vai sim.”

“Quando?”

“Acho que só no sábado. Pelo menos ele deu certeza que me levará para o baile.”

“Poxa, vida”, diz amuada.

“O quê?”

“Eu fiquei sem par para o baile. Sabe que Derek não vai poder ir.”

“Ah... sobre isso.” Digo animada e rio. “Ethan disse que vai resolver.”

Ela levanta as sobrancelhas. “Ele vai me conseguir um par para o baile do estilo dele? Minha nossa que sorte a minha.”

Rio balançando a cabeça. “Acho que sim.”

“Mas é uma pena ficar mais alguns dias sem ele.”

“É, sim”, murmuro entortando a boca em lamentação.

“Mais um dia sem seu herói. Príncipe encantado. Cavalheiro de armadura reluzente.” Ela brinca.

É e, infelizmente, hoje ainda é quinta feira. Só vou ver ele de novo daqui a um dia e meio.

“Mas ele disse que vai voltar, *não é*. Isso é bom.”

“Que bom pra ele, isso sim. Porque se ele não voltasse eu ia ficar muito chateada com ele. Na verdade, com muita raiva.”

“Por quê?”

“Porque você nem começou nada com ele e eu já noto umas olheiras e uma voz tristonha quando você falou que ele está longe.”

“Nada a ver”, faço um gesto com a mão de desdém.

“Tudo a ver.” Ela rebate e bate o ombro dela no meu, e diz sorrindo e piscando o olho. “Não se preocupe. Ele também deve estar sentindo a sua falta.”

“Como você sabe?”

“Eu reparei no olhar que ele te deu na boate. Ele está *gamado* em você.”

Rio, mas não sei se ela está certa, mesmo que ele fique falando isso o tempo todo nas mensagens. No entanto, dentro de mim, eu quero muito acreditar nele. Confiar que o que nós estamos começando a ter é algo diferente e possivelmente único. Estou começando a gostar demais dele e até sentir essa falta toda que ele tanto fala. *Oh céus*.



DEPOIS DE PASSAR UMA HORA E MEIA NA ACADEMIA. Entre a aula de bike e um

treino funcional rápido, acompanhado da lerda da Clara. Que é uma negação em qualquer atividade que envolva equilíbrio e força na academia. Ela diz que deve ser sereia, porque suas forças só aparecem no mar. Boba.

Chego em casa, tomo um banho bem quentinho na suíte do meu quarto. Como o lanche que Margot trouxe para mim.

Agora estou saio do quarto com meu celular na mão. Chamo Zeus, mas ele não atende. Então decido ir sozinha mesmo para a casa da piscina ver televisão e esperar Ethan me chamar no telefone.

O seriado *The Flash* mal começa e meu celular toca, mas diferente de todas as outras vezes, Ethan liga e não manda mensagem. Atendo e antes de eu falar alguma coisa, ele me cumprimenta rápido:

“Oi, princesa.”

“Ethan.” Abro um sorriso.

“*Está fazendo o que?*”

“Acabei de chegar da academia e tomei um banho. Comi e agora estou assistindo seriado na casa da piscina e você?”

“Bom...” Escuto um vento soprar do outro lado da linha.

“Ethan?”

“*Estou indo fazer uma coisa que eu adoro fazer.*”

“O quê?” Espero ele responder, mas ele não fala nada e eu pergunto de novo: “O quê? Fala.”

“*Me deixe chegar lá, que eu mostro o que é.*”

“Tudo bem.” Assim que falo, escuto alguém bater na porta. “Espera aí”, falo para ele.

Levanto, indo até a porta de correr da casa da piscina, que está no modo noite. Não posso ver lá fora, porque está tudo tampado com uma cortina de correr — *parece que as paredes de vidro são normais e cor de bege* — e a porta estava com um *insulfilme* escurecido, não me permitindo ver nada do outro lado.

Apertando o interruptor, a porta corre e abre, e meu coração pula dentro do meu peito.

Ele está aqui.

Um sorriso enorme se abre em meu rosto.

“Você está aqui!”

Ethan sorri e dando um passo para frente. Larga algo no chão, segura meu rosto e diz:

“Sim e agora vou lhe mostrar o que eu mais gosto de fazer.”

Com uma força *'delicada'*, Ethan coloca sua boca na minha e me dá um dos seus beijos enlouquecedores, que faz meu sangue ferver. Perdendo minha timidez com ele, deslizo minhas mãos carinhosamente por seus braços e as deixo

em sua nuca e nos cabelos. Sua boca domina a minha e me deixa quente por dentro. Parece que tomei chá. Porque meu corpo inteiro está a 40 graus.

Onze

Ethan

QUINTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 2013.



ESTOU PARANDO O CARRO NA PORTA DOS COLTON. Deus queira que seja Elizabeth que atenda a porta e não Ryan. E espero que a reação dela seja boa comigo procurando por sua filha caçula. Com os presentes de Victoria na mão, caminho para os portões da casa e aperto o interfone, que rapidamente atendem.

“Pois não?”

“Ethan Brown.”

“Oh, sim, Ethan. Vou abrir.”

Reconheço a voz de Margot e fico grato. O bom de conhecer tão bem essa família, é que eu não preciso falar nada mais do que meu nome para entrar.

O portão de passageiro abre e entro. Subo com passos rápidos a rampa que leva até as portas da casa, respiro fundo ao assisto alguém abrir a porta quando estou pisando no último pequeno degrau.

“Olá, Ethan.” Atendendo a porta, a própria dona da casa, Elizabeth, para o meu alívio. Ela me cumprimenta com um grande sorriso e um abraço, que lhe retribuo.

“Boa noite, Sra. Colton.”

“Ah eu já falei que não precisa dessa formalidade. Você é de casa.” Diz ela sorrindo e me dá passagem para entrar.

“Desculpe, Elizabeth.”

“Não precisa pedir desculpas, querido.” Ela me olha curiosa e percebo certo interesse nas sacolas que estou segurando. “A que devo a honra da sua visita?”

“Eu vim ver Victoria”, falo nervoso. “É claro que se não for nenhum problema.”

“É claro que não, querido”, fala com um enorme sorriso. “Ela está na casa da piscina. Sabe onde fica, não é?”

“Sei sim, obrigado.”

Ela estende a mão, sinalizando o caminho e fala: “Vou levá-lo até a porta do jardim.”

Dou um aceno agradecido e caminhamos juntos. Quando paramos perto das portas de vidro de correr, Zeus aparece e vem em minha direção.

“Zeus, não.” Elizabeth fala com voz de comando.

“Não tem problema.” Digo para ela se acalmar e me inclino um pouco para falar com o cachorro. Ele sobe o corpo e esfrego os pelos champagne da sua cabeça. Suas patas da frente ficam em minhas pernas e as dianteiras no chão. Está quase em pé. “Como está amigão?”

O rabo dele bate bem rápido, feliz em me ver. Sorrio. Eu já gosto desse cachorro. Ele é muito bonito e muito bem adestrado.

Termino de afagar os pelos dele e Zeus corre para o quintal de volta. Quando vou olhar a senhora Colton, tirando os poucos pelos da minha calça de linho, vejo-a olhando para mim de forma estranha. *Surpresa?*

“Ele gosta de você”, diz pensativa, me fitando.

“Eu também gosto dele.” Afirmo sem entender seu tom.

“Isso é estranho.”

“Por quê?”

“Zeus não é de fazer amigos facilmente.” Ergo as sobrancelhas. “Talvez ele goste de você, porque você gosta de Victoria.” Sua voz está bem certa do que diz e eu gosto que ela pense assim. Pois é a pura verdade.

“Talvez sim”, digo assentindo de forma que não entrego muito o jogo.

Elizabeth sorri abertamente. “Com certeza. Agora fique à vontade.”

“Obrigado novamente.”

“Você é bem-vindo, querido.”

Saindo da casa. Pego meu celular e ligo para Victoria. Estou ansioso para ver como ela vai reagir a minha surpresa de aparecer aqui hoje. Não toca nem três vezes e ela atende. E logo falo:

“Oi, princesa.”

“*Ethan.*” Ela fala e eu sei que está sorrindo. Pergunto como está e enquanto ela responde, faço o caminho até a casa da piscina, totalmente fechada. Ela insiste em saber onde estou, mas brinco com ela, respondendo:

“Me deixe chegar lá, que eu mostro o que é.” E paro na porta da casa e bato.

“*Tudo bem. Ah, espera aí*”, fala. Deve estar se levantando para abrir a porta.

“Você está aqui!”, exclama na porta e seus lindos olhos verdes se arregalam.

Chego mais perto dela, solto as sacolas e tomo seu rosto em minhas mãos. Com meus lábios quase nos seus, murmuro:

“Sim e agora vou lhe mostrar o que eu mais gosto de fazer.”

Capturo seus deliciosos lábios macios. Começo um beijo lento saboreando seu gosto. Ela está incrivelmente linda e cheirosa como sempre e se possível mais gostosa do que da última vez. O sabor dos seus lábios me enfeitiça. Sinto suas mãos vagarosamente subindo por meus braços até chegarem na parte de trás da minha cabeça. Ela aperta meu cabelo com carinho. Ela hoje está mais determinada. Mais solta comigo e quero isso. *Apenas comigo.*

Minhas mãos passam por seu corpo e deixo uma em sua cintura e a outra em suas costas, puxando-a para perto. Encosto nossos corpos e sinto a volta dos seus seios no meu peito despertando meu tesão. É incontrolável essa sensação que passa pelo meu corpo quando estou perto de Victoria. Posso tentar de tudo, mas nunca vou conseguir me controlar e entender essa energia.

Quando nós paramos o beijo, ela suspira e fala de olhos fechados:

“Você chegou mais cedo?”

“Eu já tinha acabado tudo por lá e quis te fazer uma surpresa.”

Abre seus olhos, que brilham e sorri. Sorrio também e sou puxado para dentro. Eu a sigo — depois de me abaixar e pegar as sacolas. Ela aperta um interruptor e as portas se fecham com um estalo de trinco. *Ela trancou a porta?*

Vamos para o sofá grande. Ela senta e me puxa para baixo. Coloco as sacolas sobre a mesa de centro de vidro em frente, e sento me virando para ela. Victoria está com um sorriso sapeca no rosto me olhando diferente.

“O que foi?”

“Nada. Apenas estou surpresa.”

Me movo mais para perto dela e puxo seu rosto, lhe dando um beijo lento e a faço suspirar. “Senti sua falta.” Murmuro na sua boca.

“Eu sei”, diz se afastando e olhando meus olhos.

“Sabe, é?”

“Sei. Você está falando isso desde o primeiro dia que estava em Nova York.”

“Porque é a mais pura verdade.” Dou um estalinho nela, não consigo parar de beijá-la. Viro-me para mesa e olhando para os presentes. “Trouxe pra você.”

“Você comprou presente pra mim?” Ela tenta esconder o sorriso, mas falha miseravelmente.

“Sim. Você achou que eu ia passar em frente à loja da Victoria's Secret, tirar uma foto e não comprar nada pra você?”

“Claro que não”, diz debochando como fosse um absurdo e sorri. “Mas pra que três?”

“Porque eu quis. Espero que você goste.”

Ela assente.

“Qual você quer primeiro?”

Ela fica olhando e aponta para o menor. “A sacola pequena primeiro.”

Que bom, porque eu não sei qual vai ser a reação dela com as outras sacolas.

Pego a escolhida e lhe entrego. Com elegância, ela abre a sacola de papelão, pega a caixinha lá de dentro e abre revelando um colar de ouro com asas de anjo. Mandei colocar diamantes para diferenciar dos outros colares.

“É lindo.” Sorri. “Obrigada, Ethan.” Me dá um beijo no rosto.

“Não há de que.”

Ela se inclina para mesa e pega a sacola maior, mas eu seguro seu pulso.

“O que foi?” Pergunta confusa.

“Abre a outra primeiro.”

Desconfiada ela pega a outra sacola. “Tudo bem....” cantarola.

Abrindo o presente, ela me olha sob os cílios e sorri maliciosamente. Coloca a mão para dentro da sacola, puxa e revela um sutiã de bojo rosa pink e uma calcinha, que mais parece uma sunga, verde limão com bolas espalhadas cor de rosa pink. E um casaco de veludo rosa claro escrito *Pink* com alguma coisa brilhante. Acho que paetê.

“A mulher da loja que escolheu, e disse que é de uma tal linha *Pink* da Victoria's Secret.”

“Eu adorei. Na verdade, eu amo a linha *Pink*.”

Solto uma respiração profunda, meio teatral de alívio e ela sorri. Então me olhando desconfiada, e pergunta:

“Posso pegar esse agora?”

Apenas confirmo com a cabeça.

Ela tira de dentro da sacola maior, uma caixa de papelão rosa e abre em cima de suas pernas, que estão expostas com um short de algodão curto. Com calma, tira as folhas de proteção. Seus olhos se arregalam e a boca se abre quando vê o que é.

É uma lingerie da Victoria' Secret. Sutiã de bojo azul claro com pedras brilhantes, alça fina e um lacinho pequeno no meio. O corpete de mangas longas, é de um material transparente com feros que lhes sustentam e bordado de renda e pedras prateadas. A calcinha é de cintura alta, mas a única parte em que o tecido realmente dá para ver, é na frente — nas partes íntimas. Tudo no mesmo tom da cor e dos detalhes do sutiã. É muito bonito e ela vai ficar perfeita. Espero ter acertado porque nunca dei isso para ninguém.

Engolindo em seco, ela se vira para mim. “Uau.”

“Gostou?”

“Sim”, diz e assente mordendo os lábios com as bochechas ruborizadas.

“Não parece.”

“Não!” Ela se apressa em dizer. “Eu gostei sim, mas é que eu nunca ganhei um presente assim.”

“Fico contente em saber e eu nunca dei isso pra ninguém também.”

Victoria sorri e colocando o presente na mesa, vem para cima de mim, me pegando de surpresa. Senta no meu colo, com as pernas de cada lado do meu corpo e fala com a voz sexy.

“Fala, sério. Esse presente foi pra mim ou pra você?”

Aproveitando sua ousadia. Ajeito-a no meu colo, puxando seu corpo mais para mim e a recosto na minha pélvis. Quero que sinta o que está fazendo comigo. Que perceba que apenas a menção dela vestir aquela lingerie me deixa duro.

“É claro que foi pra você, mas se você quiser ser uma boa garota e vestir pra mim, eu vou adorar.”

Ela não ri, mas seus olhos sim. Passa as mãos no meu abdômen, subindo para o peitoral e descansa nos meus ombros.

“Vou pensar no seu caso”, sussurra com uma seriedade fingida.

Eu a agarro e colo totalmente nossos corpos. Puxo seu rosto e beijo sua boca com desespero, vontade e *sede* por ela. Minha língua viaja dentro da sua boca, em um duelo para quem vai sentir e saborear o outro. Minhas mãos descem e as enfio embaixo da sua regata rosa. Gemendo Victoria puxa meus cabelos e rebola discretamente em meu colo. Fico louco. Afastando apenas nossas bocas, respiro e olho profundamente seus olhos verdes.

“Victo — ”, tento falar, mas ela me corta com um beijo. “Victoria eu não — ”

“Shuuuu...”

“Não quero fazer...”

“Por que não?” Ela pergunta me beijando o queixo. “Qual o problema agora?”

“Eu quero lhe algo especial.” Digo o que circulou meus pensamentos a viagem inteira de volta para casa. “Quero dar o que você merece.”

“O que eu mereço?” Ela congela e fita meus olhos.

“Sim. Quero uma noite diferente para nós dois.” Sugo seu lábio inferior, quando me beija de novo. “Quero dar a você algo especial.”

Ela afasta a boca da minha e engole em seco. “Tudo bem. Tudo bem.” Diz arfando e passando as mãos no meu peito suavemente. “Desculpa”, engole em seco de novo. “Você tem razão.”

“Não peça desculpas. Eu só quero lhe tratar como merece. Você não é qualquer uma para mim.”

Seus olhos brilham quando falo isso. Respira pesadamente e se desespera.

Me agarra com força e se esfrega em mim sem pudor. *Porra.*

“Mas eu quero tanto você...”, sussurra.

Santo inferno. Escorrego minhas mãos até suas pernas e ela geme.

“Também quero.” Solto com a garganta seca.

“Preciso...”

Eu a entendo perfeitamente e aperto sua cintura. “Quer que eu ajude?”

Ela assente e morde os lábios. *Caralho!* Levo minha mão direita para frente do seu short de algodão — permanecendo com a esquerda em suas costas. Desfaço o laço, esperando-a pedir para eu parar, mas ela não pede e pela forma que aperta meus cabelos agora, não vai pedir.

Estico o short, abrindo-o. Escorrego minha mão para dentro e lentamente desço até encontrar sua calcinha. Minha mão segue para dentro da renda e encontra seu calor. Ela está quentinha e molhada, pulsando por alívio. Lentamente começo a acariciá-la e tomando intimidade, abro os lábios do seu sexo.

Minha nossa. Tão quente e deliciosa. Fecho os olhos e deslizo meus dedos até sentir mais da sua quentura e quase tenho um *enfarto*. Ela está tão molhada *aqui* e mais quente. Minha ereção está dolorida, meu pau está duro que nem pedra.

Victoria solta um gemido baixo e rouco quando deixa a cabeça cair para frente, batendo em meu ombro. As mãos ainda apertam meus cabelos e agora com menos força.

“Ethan!” Ela geme em sussurro.

Minha mão que está na sua coxa, sobe por seu corpo até seu rosto, tiro o cabelo da frente e enrolo eles na minha mão. Puxo-a para mim e beijo a extensão do seu pescoço. Mordo de leve o lóbulo da sua orelha, fazendo ela gemer de novo e meus dedos massageando-a, estou deixando-a cada vez mais molhada.

“Está gostando?”

“U-hum.” Afirma e sua cintura ondula por reflexo procurando seu orgasmo.

Sentindo que ela está preparada, invado seu sexo com um dedo. Victoria solta um gritinho e tomo sua boca para mim. Chupo sua língua e aperto seus cabelos quando os meus são puxados. Estamos quentes e cheios de tesão. Ela está se derretendo na minha mão e sem um pinga de vergonha. Tremendo e soltando sons baixinhos, desesperados, que me fazem querer deitá-la no sofá, tirar logo toda a sua roupa, beijar todo o seu corpo, arrancar as minhas roupas e poder tê-la como *preciso* e tanto sonhei.

Ignoro seu protesto quando tiro meu dedo de dentro dela e traço uma linha molhada da sua excitação por toda sua vagina. Ela geme na minha boca. Me sinto um rei quando ela implora para eu continuar, e levando uma de suas mãos

até onde a minha estava, dentro do seu short. Me força a deslizar meus dedos para dentro de novo.

“Por favor.”

“Calma.”

Ela resmunga e se afasta do meu peito. Encaro ela e a assisto — como em câmera lenta — tirar a blusa e jogar para o lado. Minha boca enche de água quando vejo seus seios. São fartos e durinhos. Mesmo com a pouca luz que vem da televisão, consigo ver os mamilos rosados e rígidos.

Ela pega minha mão, que não está dentro do seu short e coloca em um dos seios. Meus dedos dedilham ele, sentindo o peso, o calor e a maciez. Dou um leve apertão. *Deus do céu.* Perco a cabeça e puxo ela mais para mim. Faço seu corpo se inclinar e minha boca encontrar seu seio. Chupo, sugo e mordisco seu mamilo. *Ela é tão gostosa.*

Meus dedos deslizavam novamente para dentro do seu calor e encontro-a ainda mais molhada. Enfio dois dedos e ela solta um gemido alto.

“Ethan!” Sua voz está trêmula. Rouca. Fraca.

Sugo seu outro seio e minha mão passa em suas costas. Victoria afasta minha boca dos seus peitos, pega meu rosto e me beija loucamente segurando meu rosto.

Estou ficando maluco com tudo que está acontecendo. Meu coração galopa dentro do peito. Meu pau dói de tanto que a desejo, e minha boca, dedos e mãos estão gananciosos para fazê-la gozar para mim. *Só para mim. Toda minha.*

Victoria começa a se dissolver. Seu corpo tremendo e desmanchando no meu colo, ela solta meus lábios e ofegante, encostando a testa na minha, soltando o ar.

“Ai meu Deus! Ethan!”

“Você —”

Ela assente mesmo eu não terminando a pergunta.

Suas coxas me apertam, tremem e seu sexo está esmagando meus dedos. Acelero os dedos dentro dela e rodopio o dedão no seu clitóris. Ela joga a cabeça para trás, dando um solavanco para a frente, em minha mão e arranha meus ombros. Tenho certeza que vai ficar a marca. Ela quase rasgou meu paletó. Entoa goza lindamente para mim. Uma visão maravilhosamente linda. *Minha nossa.*

Antes que ela caia para trás. Puxo-a e ela deita em cima de mim. Tiro os dedos de dentro dela e limpo em cima da própria virilha. Nossas bocas se encontram e a beijo com carinho, minha mão afagando suas costas. Ela suspira enquanto me beija e dá uma leve mordida no meu lábio inferior. Envolvero sua cintura com os dois braços e a abraço com força. Ficamos confortavelmente nesse carinho. Me sinto calmo, mesmo não tendo meu alívio.

“Foi bom?” Pergunto baixinho no seu ouvido.
Engolindo com dificuldade, ela assente. “U-hum.”
Escorrego um pouco no sofá e relaxo com ela nos meus braços. É estranho me sentir como estou, mas gosto dessa sensação.



NÃO SEI QUANTO TEMPO FICAMOS ASSIM. Na TV acabou de começar um novo episódio do seriado The Big Bang Theory. Está tarde, porque esse seriado passa quase de madrugada. Puxo um respiração e quando vejo solto um bocejo, que desperta Victoria. Ela ergue o rosto e olha para mim com a testa franzida. Os olhos cerrados da soneca.

“Você está cansado.”

“Não.” Respondo, mesmo não sendo uma pergunta e sendo a pura verdade. Foram cinco horas de voo.

Victoria aperta os olhos, tirando suas próprias conclusões e se levanta.

“Vai aonde?” Quero saber.

Ela não responde, apenas olho para o seu corpo, seus peitos lindos e o short abaixo da sua bunda. Ela sorri levemente, ajeita o short e estende as mãos.

“Vem.”

“Pra onde?”

“Dormir.”

“Quer que eu vá embora?”

“Não, Ethan.” Sorri. “Quero que você levante daí e me siga.”

“Quer que eu durma aqui?”

Dá de ombros.

Sorrio e segurando suas mãos, levanto do sofá. Dou um beijo na sua testa e seguro a cintura dela. Victoria abre um sorriso se afastando e me puxa para as escadas. Quando chegamos no quarto, ela para e me olha muito séria.

“Não precisa que eu — ”

“Não.” Corto-a entendendo. “Já falei que meu dia será sábado, no baile. Eu estou bem.”

Ela desce os olhos para a frente da minha calça, para o volume que meu pau está fazendo, e ergue uma sobrancelha voltando a me olhar com um sorriso contido e suas bochechas rosadas.

“Não parece que você está bem.”

Tranquilizando-a com um sorriso e me aproximo. Dou um beijo de leve em seus lábios e murmuro: “Estou acostumado.”

“Como assim?”

“Sempre que vejo você, eu fico assim.” Seus olhos crescem e ela morde a boca. “Não ligue. Você já me deu muito hoje.”

Suas bochechas ficam mais rosadas e ela dá de ombros. “Tudo bem, então. Vou tomar um banho e se você quiser, pode tomar depois.”

“Fique tranquila. Vou esperar aqui.”



VINTE MINUTOS DEPOIS ELA SAI DO BANHO. Sorrio vendo-a vestida com a calcinha que lhe dei de presente. Eu tinha pego para ela lá embaixo e a blusa que estava vestida antes.

Victoria me olha de cima à baixo e morde os lábios visivelmente com tesão.

Enquanto ela estava no banho, tirei a calça, o paletó e a blusa de linho. Agora estou apenas com a cueca boxer branca. Tinha ido no banheiro do primeiro andar para passar uma água no rosto.

Ela se aproxima e eu a abraço olhando em seus olhos, que estão verdinhos. Nossa. Amo seus olhos. São perfeitos.

“Não quer mesmo tomar banho?” Pergunta com a voz baixa.

“Não. Enquanto você tomava o seu. Fui rapidinho lá embaixo. Está tudo bem.”

“Okay”, ela diz e me puxa para cama.

Nós nos deitamos, e fico de barriga para cima. Deixo um braço debaixo da cabeça e Victoria deita de lado, fica me olhando e quando abro o espaço com o outro braço, ela vem. Encosta o corpo no meu e passa um braço por cima de mim — deixando a mão no meio do meu peito. Ela joga a perna sobre mim e depois de alguns segundos, que ela percebe que ainda estou excitado, levanta a perna mais um pouquinho.

Estamos encaixados, como uma peça de quebra-cabeça. Sinto sua respiração ficar calma e serena perto do meu pescoço, enquanto pega no sono. Aperto-a com meu braço que está em suas costas e beijo o topo da sua cabeça e deixo a outra mão pousar em sua coxa em cima de mim.

“Boa noite, minha princesa”, murmuro.

Ela ronrona como uma gatinha e diz: “Boa noite, meu príncipe.”

“Príncipe?” Olho seu perfil e noto que ela está com um sorriso leve.

“U-hum.” Ela inclina o rosto e sorri para mim. “Se eu sou uma princesa, só posso namorar príncipes.”

Dou uma risada rouca. “Eu poderia ser um sapo que você transformou.”

Agora ela solta uma risadinha. “Não.” Dá um tapinha sonolento no meu peito. “Você é um príncipe.”

“Tudo bem.” Murmuro pegando sua mão do meu peito.

Ela inclina mais o rosto para o meu, fazendo biquinho. Dou um beijo suave em seus lábios e ela sorri.

“Gosto de ter você aqui”, fala dando de ombros levemente.

Assinto com meus olhos nos dela. “Também gosto de estar aqui.” *Gosto muito.*

Seu sorriso se alarga e ela se aconchega ao meu corpo de novo e fecha os olhos. Fico fitando seu perfil. Quero guardá-la em uma caixa secreta para ninguém ver. Acaricio seu rosto e seus lábios curvam-se levemente.

“Sim”, sussurro.

“O que?”, pergunta baixo.

“Eu sou mesmo seu príncipe, seu namorado, seu Watchman, o que você quiser.”

Ela suspira e faz um carinho no meu peito: “Ainda bem.”

Sorrindo, relaxo e deixo o sono me dominar. Sinto uma felicidade tão grande que me dá medo. Como se eu fosse pequeno demais para suportar isso que estamos fazendo.

Doze

Victoria

SEXTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 2013.



ACORDO E TENTO ESTICAR MEU CORPO, mas não consigo. Estou sendo presa por algo, ou melhor, por alguém de braços quentes e muito cheiroso. Conforme minha consciência toma sentido, vou lembrando que estou na minha cama, da casa da piscina, e com Ethan.

Seus braços fortes me rodeiam em um abraço quentinho e cheiroso. Nossas pernas estão entrelaçadas e seu peito nu — que posso sentir sua pele pelos meus ombros descobertos, afinal ele é muito maior que eu — está colado em minhas costas. Um de seus braços está por baixo de mim, por meu pescoço e o outro, por cima da minha cintura. Estamos de *conchinha*. Ele me *segura*, não abraça, como se eu fosse fugir a qualquer momento. Um edredom está caído, e acomoda nossos corpos colados, nos aquecendo. Mesmo que a temperatura de Ethan já me aqueça naturalmente.

Tomo uma respiração profunda e sinto seu aroma. Uma fragrância de madeira e ervas com seu próprio cheiro. Cheiro de homem. Que eu já tinha sentindo algumas vezes quando nós nos beijamos e abraçamos, mas agora é diferente. Seu cheiro está se fundido ao meu. Uma combinação perfeita.

As lembranças do que fizemos ontem na sala explodem em minha cabeça e fico ansiosa. Ai, meu Deus. Não acredito no que fiz, mas não me arrependo. Foi maravilhoso. Seu toque me derreteu junto com seus beijos.

Sorrio internamente — eu acho — e suspiro. Com minhas mãos, que estão segurando as deles, faço um carinho bem singelo nele enquanto recordo de ontem à noite. Seu olhar, seus beijos, seus dedos em mim... *Oh céus!* Não sei de onde veio aquela *quentura* toda e a *vontade* que eu sentia por ele. Só sei que se ele não tivesse se oferecido — e eu não tivesse tido a coragem de aceitar. Eu poderia ter morrido de desejo ou exigido pelo menos seus beijos para me levar ao ápice que ele fez acontecer ontem.

Enfim, tudo foi maravilhoso. E ainda não acredito que ele trouxe presentes para mim de Nova York, inclusive a lingerie azul. *Oh, Deus.* Não tem como ele

ser mais perfeito e por causa do presente, e confesso que a falta que eu sentia dele, me fez fazer aquilo com ele no sofá. Sei que é idiota sentir essa saudade *assim* tão rápida, mas é verdade. Embora nós começamos a se ver tem pouco tempo, e na verdade a namorar ontem. *Certo? Ou naquele dia que ele veio aqui antes de viajar?*

Suspiro patético, prendo o sorriso com a boca e então noto que Ethan está acordando também. Ele flexiona de leve o corpo, seus braços me apertam e soltando uma respiração na minha nuca, murmura sonolento *e incrivelmente sexy*:

“Bom dia.”

Um arrepio passa pelo meu corpo, da cabeça aos pés. Suspiro e o saúdo, novamente com o sorrisinho reprimido pelos dentes.

“Bom dia”, falo baixo e um pouco rouca, por causa do sono.

“Mmm...” Ele faz um gemido de prazer e me aperta — de novo — mais um pouco. “Você é tão quentinha”, e deixa um leve beijo em meus cabelos.

Solto uma risadinha. “É você que está me aquecendo” *em todos os sentidos* — completo mentalmente.

A risada rouca e gostosa sai do fundo da sua garganta, verberando em meu corpo. Meu bom Deus, suspiro de novo, porque isso foi enlouquecedor. Como alguém consegue ser tão sexy apenas sendo ele mesmo. Não o estou vendo, ou tocando — de fato —, mas os sons que ele faz, me deixa tonta e cheia de desejo.

“Engraçado. Eu ia falar a mesma coisa”, diz com a voz rouca e quando flexiona o corpo, me aconchegando mais em seus braços, sinto sua ereção.

Engasgo com minha respiração, “Ei” e balbucio.

Ethan ri de leve e afasta a pélvis de mim.

“Desculpa, não foi minha intenção.” Beija com carinho minha cabeça. “Isso acontece sempre.”

Viro meu corpo, para ficar deitada de barriga para cima — ainda em seus braços — e olho seu rosto. “O que você quer dizer com isso?”

Suas sobrancelhas se erguem e depois franzem. “Que eu sempre acordo assim.” Ele sorri de lado, parecendo envergonhado. “Na verdade, meu bem. Todos os homens acordam assim. Você não sabia?”

Abro e fecho a boca algumas vezes, e falo sem graça com um sorriso amarelo:

“Aaah... Eu já tinha ouvido falar, mas nu-nunca tinha” gaguejo “sentido.”

Seus olhos se arregalam. “Você é virgem?”

Começo a rir. Rir de verdade. Levo as mãos para a frente do meu rosto, tentando controlar meu ataque de riso.

“Victoria. Estou falando sério.” Sua voz sai dura.

Respiro fundo, paro de rir e o olho. “O que?” Pergunto sorrindo.

“Eu preciso saber, porra. Depois do que eu fiz ontem.” Ele engole em seco. “Do que fizemos. Eu preciso saber.”

“Não.”

“Não o que?”

“Eu não sou.”

Seu pomo de Adão flexiona quando ele engole e seus olhos estão duros.

“Com quem? Quando? Quantas vezes você já...”

Coloco a mão na sua boca e respondo, mesmo sabendo que ele está exagerando. “Foi com o meu primeiro namorado.”

“Quando?”

“Que eu perdi minha virgindade?”

“É, é.” Fala sem paciência. “Com quantos anos você — ”

“Foi um dia depois do meu aniversário de dezoito anos.”

“Porra. Dezoito anos?”

Sorrindo termino, achando ele um bobo com seu ataque. “Nós namorávamos já tinha uns seis meses.”

“Você era uma criança.” Ele passa a mão nos cabelos, nervoso. “Maldição.”

“Qual foi Ethan? Você perdeu a sua com quantos?” Pergunto audaciosa.

“Com dezesseis e isso não vem ao caso.”

“Vem sim, e eu fiz, porque queria saber como era.”

Ele respira fundo, olha para o teto, pensativo e raivoso. Balança a cabeça e voltando o rosto para baixo, me fita.

“Quantas vezes?”

Reviro os olhos e finjo estar contando só para irritá-lo. Está sendo um idiota.

“Merda. Victoria.”

Sorrio, não para ele e sim dele. Da sua atitude tão machista. Não entendo o show por tão pouco. “Para com isso. Está sendo idiota.”

“Não paro e responde.”

“Foi umas três... ou quatro vezes.”

Eu não gostava muito de dividir essa intimidade com George. Ele não era carinhoso e eu nem gostava tanto dele, e ainda bem. Aquele traidor.

“Putá que o pariu.” Ethan murmura.

“Ah! Nem vem. Esse número é a quantidade de vezes que você faz em dois dias e essa é minha soma em um ano, mais ou menos.” Reviro os olhos. “Na verdade, sete meses e com o mesmo cara. Diferente de você que faz com várias mulheres em menos de duas semanas.”

“Como você sabe disso?” Pergunta com a sobrancelha esquerda erguida, em

desafio.

“Seu irmão contava suas aventuras por aí e sua mãe também, às vezes. Não com detalhes, é claro.”

“Hun.” Ele resmunga e vem para cima, ficando com a parte de cima sobre mim, o rosto perto do meu e fala olhando dentro dos meus olhos. “Sim, eu faço isso em dois dias e *fazia* isso com muitas mulheres diferentes.” Enfatiza o verbo do passado. “Mas, mesmo assim, eu não gostei de saber que alguém viu e mexeu no que é meu.”

Solto uma gargalhada forte. “Ai, meu Deus. Eu sou sua agora?”

“Totalmente. Já falei isso.”

Dou de ombros e Ethan segura meu rosto e me beija. Lentamente passa os lábios nos meus, acariciado e lambendo depois. Puxa meu lábio inferior e deslizando a mão para trás da minha cabeça, inclina meu rosto para ele. Quando ofego, enfia a língua na minha boca. *Oh céus.*

Eu acho que nunca vou conseguir me acostumar com os beijos dele. São avassaladores, fortes, rudes, exigentes e ao mesmo tempo delicados, carinhosos, meigos e apaixonados. Me perco profundamente nos seus lábios, seus beijos, seus braços. E estou louca e ansiosa para me perder em muitas outras coisas.

Nossos narizes se acariciam conforme ele movimenta o rosto para um lado e eu para o outro. De lá para cá. Aperto seus ombros e afasto minha boca para poder morder os seus lábios. Ethan espera eu tomar um fôlego de novo e coloca sua língua na minha boca, aprofundando o beijo. Me dominando. *Minha nossa!* Eu amo seus beijos. Mas mesmo amando esse momento, me afasto colocando a mão na boca.

“Qual o problema?” Ele pergunta arfando e confuso.

“Eu acabei de acordar.”

Ele fica mais confuso. “E daí? Eu também”, me puxa pela cintura.

Colocando as mãos no seu peito, tento o afastar de novo e digo: “Eu não escovei os dentes ainda, Ethan.”

Sorri aliviado. “Então é por isso?”

“É. Isso é meio... nojento.”

Ele me dá um beijinho no nariz e sussurra: “Eu acho incrível ser a primeira pessoa que te vê no dia.”

“Também gostei”, digo acanhada.

“E...”

“O quê?” Pergunto sorrindo para o seu sorriso.

“E mais ainda experimentar um beijo matinal pela primeira vez justamente com você.”

Sinto meu rosto franzir. “Pela primeira vez?”

Ele assente. “Sim. Eu nunca dormi com ninguém.”

Olho para ele com dúvida. “Mas você — ”

Ele me corta. “Eu quero dizer dormir Victoria, não foder.”

Minha boca se abre, espantada. “Você nunca dormiu com as suas namoradas?”

“Apenas uma vez e eu tinha dezesseis anos, depois não mais e eu só *namorei* — ”, enfatiza “uma única garota.”

“Então você...”

“Vai soar horrível, mas eu só comia as mulheres que eu saía e ponto final.”

“É, isso soa horrível mesmo.” Faço cara de nojo.

“Esquece isso. Realmente não quero falar sobre como eu era.”

Abro um leve sorriso. “Quer falar sobre o que?”

“Quero falar do quanto foi bom dormir com você.”

Eu assinto. “Que bom. Não é?”

“É sim, muito bom e quero esquecer como eu era ridículo.” Me puxa e me dá um beijo estalado na boca.

“Você era?” murmuro debochando, com a boca perto da sua.

Ethan segura meu rosto e fala muito sério. “Definitivamente.”

E me beija de novo, dessa vez está mais exigente do que carinhoso. Aperta minha cintura com uma mão, enquanto a outra sobe de forma marcante pelo meu corpo, sentindo minhas curvas e me seduzindo. Aproveito e o abraço forte pelos ombros e com muito esforço, o faço deitar de costas na cama com meu corpo em cima dele.

Passo minhas mãos em seu corpo. O abdômen definido e durinho, pelos braços grandes e musculosos. Olho para cima e o pego me olhando com luxúria, desejo e algo mais que eu não sei descrever. E sou puxada para ele, ao encontro do seu rosto e sou beijada.

Ethan lambe e suga meu lábio inferior. Eu deixo ele me beijar com a mesma exigência de quando estava por cima, com seu corpo me cobrindo. Invadindo minha boca com sua língua e eu, com a minha na dele. Nos descontrolamos, gemendo sem ligar para nada... Nos entregando.

Ele coloca suas mãos na minha lombar, com força, fazendo meu corpo se encaixar no seu embaixo de mim. Desce as mãos para as minhas pernas, as segura, sobe e ajeita elas de cada lado do seu corpo e por fim, aperta com as mãos cheias.

Minhas mãos estão ferozmente em seus cabelos: massageando e puxando. Meu corpo tem vontade própria e perdendo a linha de qualquer limite, de qualquer medo, qualquer coisa, eu começo a esfregar meu sexo na sua ereção. Desço um pouco mais o corpo, para ficar encaixada perfeitamente nele, e sinto

seu volume — duro — raspar em meu clitóris, quando movo para a frente e para trás. Ele aperta meu corpo, tentando parar um pouco meus movimentos e fala entre os beijos:

“O. Que. Você. Está. Fazendo?”

“Não sei.” Respiro. “O que meu corpo está pedindo.”

Em um reflexo ele ergue a pélvis para cima e sua ereção bate em mim. Gemo em sua boca, mas ele continua falando enquanto isso.

“Por favor”, ofega, “pare. Ah, Victoria!”

Não respondo e não paro meus movimentos. Mexo meu corpo em um vaivém lento. Apenas sentindo ele raspar em mim. Ele me beija com pressa e fica cada vez mais duro. *Isso porque ele queria que eu parasse.*

Sinto ele também mexer o próprio corpo, tanto quanto mexo o meu. Sinto-o ficar menos tenso e começar a aproveitar. Paro de beijar sua boca e passo meus lábios em seu nariz, olhos e depois arranho meu rosto na sua barba, por fim pousei meu rosto no dele. *Ele me fascina.*

Ethan para de aperta minha cintura e fala em um sussurro quando passa os lábios pelo lóbulo da minha orelha.

“Juro que eu te quero...”

“Eu também.” Interrompo.

Ele beija meu rosto com delicadeza. “Eu sei princesa, mas não quero fazer isso na casa dos seus pais.”

“Estamos na casa da piscina”, falo baixinho “e tecnicamente ela é minha. Lembra que eu disse que minha mãe fez para mim.”

“Sim, sim.” Ele ri e murmura: “Que é apenas alguns passos da casa deles.”

Meu coração bate louco dentro do peito e se ele acha mesmo que ficar falando manso no meu ouvido e fazendo carinho no meu rosto com o seu, vai fazer meu fogo apagar. Ele está muito enganado.

“Então vamos apenas ficar de amasso.”

Sua risada profunda e sexy sai como música para os meus ouvidos. Ele sobe as mãos para o meu rosto e as coloca em cada lado. E olha no fundo dos meus olhos. *Ai.* Esses olhos azuis, Na luz clara eles ficam tão... celestes e no escuro turquesas. Me perco neles. Parece um oceano.

Estamos cara a cara e o vejo sorrindo, mas não um sorriso qualquer. Ele está sorrindo com carinho e seus intensos olhos brilham. Parecem admirados. Ele me dá um selinho sonoro na boca e abre um sorriso, com a boca colada a minha.

“Tudo bem, minha princesa safada.”

Agora quem ri sou eu. Seguro também seu rosto e o beijo lentamente, seduzindo-o. “Vamos ficar de amasso?”

Ele assente já colocando a língua para fora e passando com anseio em meus lábios. Agarro seus cabelos e abro a boca para ele enfiar a língua. Agora me beija sem reservas, sem hesitação.

Volto a esfregar meu corpo no dele, deslizo minhas mãos para baixo e seguro seus ombros e o deixo dominar o beijo, mas não o resto. Estando por cima, subo e desço minha pélvis, flexionando a cintura para a frente e para trás, com vontade. Rebolando. Sinto seu pênis duro e grosso raspar em mim. Um gemido modesto escapa da minha boca e Ethan rosna. Ele aperta minha bunda, faz pressão entre nossos corpos. Nos fazendo roçar um no outro com uma força bruta, despertando um desejo enorme de nos unirmos e me deixando encharcada. Suas mãos correm para cima, desliza pela minha pele e se escondem dentro da minha blusa.

“Meu Deus. Eu vou gozar na minha cueca.” Fala parecendo perdido.

Ele segura a barra da minha blusa, puxa para cima e tira *ela* de mim. Seus olhos olham com fascínio meus seios. Ele os admira e me agarra pelas costelas, coloca sua boca neles. Oh céus. Faz círculos nos meus mamilos rígidos, um de cada vez, com a língua. O ar escapa dos meus pulmões, e meus quadris flexionam em total necessidade. Ethan segura meu pescoço, lambe minha carne e agarra meus peitos *de mãos cheias*.

“Não para.” Ele implora. “Continua se esfregando em mim. Assim. Isso. Victoria!” Ele morde a pontinha do meu bico do peito. “Caralho. Eu vou gozar.”

Eu apenas nego com a cabeça. Não vou parar mesmo.

Esfrego com mais força. Puxo seus cabelos, beijo o topo da sua cabeça até seu rosto, chegando pra baixo e conecto meus lábios no nele novamente. Nos beijamos com fome, com fogo e pelo fato de não estarmos transando de verdade — pelados — acho que o desejo é maior. Nunca senti isso na minha vida, nem transando *de verdade*.

O desejo por ele está explodindo em minhas veias. Estou muito molhada e a cada raspar do sexo no meu, quero qualquer coisa dele. Seus dedos como ontem à noite. Sua boca em mim. *Qualquer coisa*.

Estamos nos mexendo deliciosamente e ficando mais frenéticos. Projeto meu corpo para trás e pra baixo. Ethan para cima e para a frente. Em um ritmo enlouquecedor. Começo a sentir um orgasmo vir, passando do topo do meu corpo até atingir o meio das minhas pernas.

“Vem, Victoria. Goza para mim princesa”, diz em um fio de voz apertando minha lombar, fazendo meu corpo se apertar contra o seu, criando uma pressão deliciosa enquanto ele se mexe com força e de repente quando ele empurrando para cima a pélvis, gozo.

Jogo meu corpo para o alto e minha cabeça para trás. Um tremor

incontrolável me atinge e agarro suas mãos na minha cintura com força, dissolvendo-me na minha calcinha. Sentindo-a ficar úmida, e se eu não me engano, sua cueca também. Ethan ainda se movimenta, procurando sua liberação, estocando uma, duas e na terceira vez ele vem de vez. Assisto de cima, sentada nele, gemendo e subindo suas mãos para os meus seios. Ele os aperta de leve. Passo minhas mãos pelos seus braços e deixo meu corpo cair sobre o seu. Seus braços me abraçam forte.

Estou ofegante. Meu coração tão acelerado que me sinto tonta. Soltando suspiros pesados, tento recuperar o fôlego. Meus membros vão acordando vagarosamente. Me sinto cansada e apenas queria permanecer aqui. Na cama e nos braços dele, onde um deles está me rodeando pela cintura e outro acaricia o meio das minhas costas em um vaivém lento. Quero ficar aqui até ser amanhã e amanhã vou querer a mesma coisa. *O que ele faz comigo?*

TRIN TRIN TRIN. Nos acordando para a realidade, o interfone que tem na casa da piscina, toca. Ethan mexe o corpo assustado com a campainha. Abro um sorriso de olhos fechados e o tranquilizo.

“Calma. Isso é o interfone daqui.” Murmuro no seu pescoço, onde meu rosto está escondido.

“Por que aqui tem isso?” Pergunta ainda me fazendo carinho.

Ergo-me do meu esconderijo, apoio meu corpo no dele e olho para os seus olhos. “Porque quando durmo aqui, que minha mãe fala que é minha fortaleza, eu me tranco e se estiver no quarto, não escuto ninguém e muito menos levanto para atender a porta. Então, minha mãe mandou instalar um interfone e assim, às vezes, abro a porta sem me dar o trabalho de descer.”

“Hmm... Entendi. Inteli — ”

TRIN TRIN TRIN — a campainha o corta e ele faz cara de zangado. Dou um beijo no seu rosto e me estico, saindo de cima dele e aperto o interfone.

“Oi?”

“Bom dia, menina.” Diz Margot.

“Bom dia, Margot.”

“Seus pais estão lhe aguardando para tomar café da manhã.”

“Tudo bem. Já estou indo, obrigada.”

Desligo o interfone e quando olho para Ethan de novo, vejo-o com um olhar estranho, parece nervoso.

“O que foi?” Pergunto confusa.

Ele balança a cabeça e passa a mão nos cabelos. Dou um olhar desconfiado e me aproximo, ficando abraçada ao seu corpo, que está apoiado na cabeceira da cama agora. Ele me abraça de volta e beija o topo da minha cabeça.

“Só estou nervoso”, diz baixo.

Inclino meu rosto e olho para ele. “Por quê?”

“Com a reação do seu pai. Porque acho que sua mãe ainda pensa que eu estou aqui. Então ela sabe de mim, mas seu pai não.”

Abro um sorriso e faço um carinho no seu rosto. “E qual é problema?”

Ele dá de ombros, como uma criança. “Eu não quero que ele, na verdade ninguém, pense que quero me aproveitar de você.”

“Oh!”, faço um som fofo e rio, mas rio mais com a cara de aborrecido que ele está. Dou um tapa brincalhão no seu peito e esclareço: “Não precisa ficar assim, Ethan. Meus pais já conhecem você, e se você esclarecer suas intenções, eles irão ser legais.”

“Você acha?”

Assinto e subo meu corpo, para poder beijá-lo. “Tenho certeza. Meu pai vai achar isso uma grande novidade e minha mãe...”

“O quê?” Ele pergunta preocupado.

“Eu acho que ela vai começar a preparar nosso casamento com a Lauren.”

Ethan dá risada e me aperta nos braços, e dá um beijo casto nos lábios. “Aposto nisso também.” Ele fala pensativo.

“E sabe”, ele me olha com expectativa, “se eu bem me lembro quem se aproveitou de você fui eu hoje.”

Nós dois rimos. Ethan nos deita e me cobre com seu corpo. “Eles vão falar que estou lhe corrompendo.”

“E não está?” Faço cara de sapeca.

“Estou?” Começa a fazer cócegas em mim.

“Ai não! Para. Por favor.”

“Não. Me responda.”

“Mais ou menos.”

“Ah é?” Ele intensifica as cócegas.

“É!” Grito.

“Como? Fala.”

“Com seu corpo gostoso e suas frases safadinhas.”

“Que frases?” Pergunta com a cara de inocente.

“Nas mensagens. Você sabe. Ethan!”

Ele afirma com a cabeça e parando com as cócegas, desce o rosto para o meu e fala bem pertinho da minha boca:

“Você é terrível, princesa demoníaca.” Solto uma gargalhada. “Sabe, eu estava pensando em mudar seu apelido.”

“Pra qual?”

“Feiticeira.”

Minhas sobrancelhas sobem e curiosa pergunto. “Por que feiticeira?”

“Porque estou enfeitiçado. Você não sai da minha cabeça em nem um minutinho.” Sinto um sorriso abrir em meu rosto e meu coração acelerar. “Perdidamente enfeitiçado”, termina de falar e começa um beijo novo. Novo em todos os sentidos. É carinhoso, protetor. Apenas sua boca na minha e às vezes sua língua invade. Suas mãos seguram meu rosto com carinho. Eu me apaixono por qualquer beijo dele, mas esse sem dúvida é o meu favorito.



DEPOIS QUE LEVANTAMOS DA CAMA E NOS DESGRUDAMOS, cada um foi para um banheiro e tomamos banho. Debaixo d’água me lembro os últimos minutos com ele naquela cama e como me senti completa. Como nunca senti.

Eu não queria gostar tanto assim dele e me entregar, mas acho que já estou. Sinto os ventos do Sul soprando, indicando que a tempestade está chegando. E a única coisa que quero quando ela chegar, é ter um guarda-chuva.

Eu não deveria me envolver com ele. Não é certo a se fazer. Mesmo que antes eu tenha namorado George, nossa relação era simples. Talvez nem poderia ser chamado de namoro. Quase não nos víamos e não podia ficar com ele. Mas com Ethan vai ser diferente, sei disso.

Ele não vai aceitar namorar como um conto de fadas, quase que de mentira. Ele vai querer me levar para sair e que eu fique com ele. E até eu mesma quero isso. Com ele tenho vontades que não tive com George ou nunca. Quero ser livre. De verdade.

Meus ombros caem. “Eu não deveria começar a me envolver com ele. Não vai ser justo. Ele não sabe o que o espera”, sussurro para mim e as palavras se esvaem pelo ralo junto com o bolo na minha garganta.

Saio do banho e coloco um short jeans que estava na cômoda e sem calcinha — não tenho mais nenhuma aqui — e visto o casaco rosa que Ethan me deu. Escovo meus cabelos, que não molhei para que meus pais não fiquem imaginando coisas. Arrumo meu quarto: ajeito os lençóis, travesseiros e o colchão. Pego a blusa que Ethan tinha tirado de mim e jogado em um canto do quarto, e a coloco para lavar junto com as minhas duas calcinhas que tem a prova do crime de ontem à noite e hoje de manhã.

Por fim, desço e arrumo os presentes em na sacola maior da lingerie azul. Bebo água e quando estou terminado o último copo, escuto o trinco da porta do banheiro. Me viro e vejo Ethan saindo.

Ele está perfeitamente lindo como sempre. Com a blusa de linho branca impecável, dobrada até os antebraços, sem nenhum amassado. Parece que acabou de ser passada, assim como a calça social azul escura. O paletó ainda está

apoiado no encosto do sofá. Seus cabelos estão escovados com a mão, muito sexy e graças a Deus ele teve a mesma ideia que eu e não os lavou.

Ele me pega olhando para os seus cabelos e sorri. Me aproximo e indico minha cabeça com o polegar e falo:

“Pensamos igual.”

Ele me puxa com as mãos na minha cintura, desce o rosto para o meu e me dá um beijo rápido antes de murmurar. “Você foi feita para mim. É por isso, princesa.”

Jogo meus braços para cima, o abraçando pelo pescoço e sua boca encontra a minha.

Enquanto nós nos beijamos suas palavras giram na minha mente. *Você foi feita para mim. Será que é verdade?* Dentro de mim sinto que quero que seja. Que tudo não deixe de ser um sonho e se for, não quero acordar nunca. Eu quero ficar com ele. *Ah, Deus.*

Treze

Ethan

SEXTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 2013.



SEUS BRAÇOS ESTÃO EM VOLTA DO MEU PESCOÇO e ela me beija com fervor. Aproveito e a aperto em meus braços. Sem conseguir entender essa vontade súbita vindo da parte dela. Estou ainda em estado de choque pelo que nós fizemos há poucos minutos. Ela me faz perder todos os limites.

Nunca fiz sexo de roupa com ninguém. Porque é claro que não tive a necessidade disso. Tirar a roupa, colocar a camisinha e transar. Coisas que fiz ao longo da minha vida e foram coisas práticas. E eu sempre separei bem minha vida social e laços de amizade com as relações sexuais. E fazer sexo vestido realmente não foi uma coisa que planejava compartilhar com nenhuma daquelas mulheres. E confesso que chego a estar alucinado por fazer isso com Victoria. *Minha garota* sapeca e fogosa. E minha nossa. Não achei que seria tão bom assim transar de roupa.

Estou tão surpreendido com o que fizemos hoje e sem dúvida ainda sentindo o alívio do meu orgasmo, que me custa soltar-me dela. Eu gozei na porra da minha cueca e sem vergonha. Porque ver minha garota, com os peitos de fora, me olhando vidrada nos olhos e com a boca aberta, porque eu tinha acabado de ajudá-la a gozar também, foi *foda*. Ela é tão cheia de vida e surpreendente.

Se eu não tivesse feito a promessa de que nossa noite será amanhã, juro que já teria consumado seu corpo para mim. A cada segundo eu a quero cada vez mais. De todas as formas e jeito. *Porra*. Estou encrencando. Estou pensando como vou conseguir dormir na minha cama agora sem ela. Isso é tão estranho. Ela nunca sequer entrou no meu quarto e mesmo assim sei que vou sentir sua falta à noite.

Nunca gostei de dividir meu quarto e muito menos de dormir com alguém, mas a sensação de dormir com ela é incrível. Abraçá-la durante a noite, sentir seu cheiro e acordar sentindo o leve vaivém de seus dedos na minha mão. Tudo foi revigorante. Abrir os olhos e ver nossos corpos juntos, seu cabelo loiro no

meu travesseiro, sentir sua pele encostando-se à minha, onde estava descoberta.

Me senti um filho da puta sortudo em tê-la assim só para mim.

“Que cara é essa?” Ela diz em meus braços, com os lábios vermelhos do beijo que acabamos de trocar.

“Que cara?”

“Não sei. Você está...”, ela morde os lábios. “Parece que estava sonhando acordado.”

Aperto-a em meus braços, tirando seus pés do chão e com o meu rosto no seu pescoço murmuro antes de dar uma fungada:

“Eu estou ansioso.”

“Com o que?” Ela pergunta afagando meus cabelos.

“Com a minha, melhor, com a nossa noite.”

“Mmm...”

Mordo seu pescoço e ela suspira.

“Mas agora é melhor a gente tomar café com seus pais”, digo e me afasto, soltando-a e deixando seus pés no chão de novo.

Victoria ri e beija meu queixo. “Fica calminho. Falta pouco.”

“Eu acho que nem vou dormir.”

Ela ri e nega com a cabeça. “Vai sim, Ethan. Você precisa estar bem descansado para mim.” Brinca e morde a boca.

“Victoria”, solto entre os dentes e ela dá uma gargalhada. Agarro seu rosto e dou um beijo molhado em sua boca. “Você é terrível, minha princesa.”

Seus olhos brilham e ela sorri. Já tinha percebido, mas agora é nítido como ela adora quando a chamo assim. Nos afastamos e com um sorrisinho, ela me puxa para fora da casa da piscina.

Vamos para casa principal calmamente e quando olho para Victoria, vejo-a sorrindo olhando pra baixo, para nossas mãos unidas. Subindo os olhos para mim, o mesmo brilho que devem estar meus olhos refletem nos dela e assim eu sei — com certeza — que ela está sentindo a mesma felicidade que eu. Levanto sua mão até meus lábios e deixo um beijo. Seu sorriso fica maior. *Ela é tão linda.*

Entrando na casa, vejo Ryan e Elizabeth na mesa da sala de jantar, sorrindo e dando um olhar convidativo, mas minha calma se dissipa. Sinto-me saindo do *paraíso* para a *hora do julgamento*. Tento abrir um sorriso educado, no entanto, por dentro estou nervoso que nem um gato em frente a um cão raivoso. *Putá que o pariu.*

Eles se levantam e vem falar conosco.

“Bom dia, mãe, pai.” Victoria abraça e dá um beijo nos pais, que também fazem o mesmo com ela.

“Bom dia para vocês também”, Elizabeth fala olhando para mim e Victoria, sorrindo.

Será que sou muito novo para ter um AVC? Meu coração está em um compasso rápido. Um estado que sinto cada *tum-tum... tum-tum...*

Ryan vem na minha direção — com um olhar curioso — e estende a mão ao me cumprimentar.

“Ethan.”

“Bom dia, Ryan.” Faço um aceno com a cabeça enquanto aperto sua mão firme. *Merda. Estou suando e sinto escorrer pelas minhas costas.*

“Vou rapidinho trocar de roupa e desço em dois minutos.” Victoria fala e some.

Fico vidrado olhando para as escadas, onde ela some. Engulo em seco. *Legal namorada. Me deixou sozinho aqui.* Voltando meu olhar para os Colton, fico mudo. Elizabeth sorri carinhosamente e colocando a mão nas minhas costas, me guia para mesa.

Nós três nos sentamos calados, mas não dura muito.

“Fique à vontade, Ethan. Se sirva, querido.” Ela diz, indicando com a mão as opções expostas para café da manhã.

A mesa é farta e têm de tudo. Quem não gostar de algo com certeza encontrará outra coisa para comer. Assim como minha mãe, Elizabeth é uma mulher programada e generosa.

Pigarreio e agradeço. “Obrigado e...”, pauso e tento formar uma frase. *Porra. Eu dormi aqui. O que eles devem estar pensando de mim?* “Bem, eu queria pedir desculpas por ter dormido aqui. É que eu vim ver a Victoria e como estava cansado, acabei apegando de sono no sofá.”

Eles trocam uma breve olhada e Ryan fala:

“Tudo bem, rapaz. Conhecemos você. Não é como se fosse um completo estranho na casa.”

“Ryan, eu apenas quero dizer que minhas intenções são boas com Victoria.”

Ele assente. “Eu aposto que sim.”

Apesar dele está sorrindo, sinto um aviso no tom da sua voz. Elizabeth sorri e segura minha mão.

“Olha, não fique nervoso. Eu vejo que vocês dois se conectaram desde o jantar que você veio semana retrasada.”

Engulo em seco. *Caralho.* Mesmo os conhecendo há tantos anos, me sinto fora da zona de conforto e ter que assumir o compromisso com Victoria é muito maior do que com qualquer outra garota, mesmo nunca tendo feito com *qualquer outra garota*. Por vários motivos: Segurança dela. Minha palavra de honrá-la. O laço de nossas famílias. Respeito e compromisso, mas eu sei disso e estou

confiante. E saber que Elizabeth sentiu nossa aproximação desde o jantar, me deixa ansioso.

“Bem,” falo olhando para os dois, que estão prestando bastante atenção, “eu pedi Victoria em namoro e queria saber se está tudo bem para vocês?”

Eu sei que ela é maior de idade e que esses protocolos não existem mais, porém essa relação tem parâmetros que vincula nossas famílias. Sem contar que sou sete anos mais velho que Victoria.

Elizabeth sorri e Ryan levanta sucintamente as sobrancelhas.

“Que você saiba onde está se metendo. Tudo bem.” Ele diz bem sério.

“Sei sim, Ryan e pode ficar, na verdade, vocês podem ficar tranquilos sobre os cuidados que ela precisa. Eu já sei e vou tomar conta dela.”

Tanto que para o sábado, mandei meus seguranças ficarem de plantão e com certeza os de Victoria irão acompanhá-los, mas do lugar que pedi para todos ficarem até ser necessário a presença deles. Coisa que não pretendo e não espero. Quero um momento à sós com ela e seus seguranças sempre podem ficar, mas dando privacidade a nós. No sábado meus empregados estão dispensados até domingo, e os seguranças ficaram no espaço adjacente para os funcionários, ao lado da garagem.

Eles assentem e Elizabeth está séria quando fala comigo: “Você entende que ela precisa de segurança, não é? Isso não é uma questão de luxo e sim de extrema necessidade.”

“Claro, sei disso e fiquem tranquilos mesmo. Eu irei protegê-la e seus seguranças vão ter livre acesso à minha casa e onde quer que eu a leve.”

“Bom,” Ryan fala, “quero que saiba que confio em você e que essa situação não é paranoia e requer paciência. Certas vezes também abrir mão do que queremos é necessário para proteção dela.”

“Eu compreendo e nunca pensei que era uma paranoia depois que descobri dos sequestros.” Certo, eu pensei sim, mas mudei de ideia.

Ele assente e olhando na direção da escada, sorri, dando um olhar rápido de advertência para mim. *Entendi*. Hora de encerrar o assunto. Victoria vem na nossa direção sorrindo. Ela trocou seu shortinho jeans e o casaco rosa, por um vestido leve azul escuro. Está mais linda ainda.

“Desculpe a demora, mas a Clara ligou e vocês a conhecem. Quando ela me liga é difícil de calar a boca.”

“Não tem problema, querida,” sua mãe fala. “Sente-se e tome logo seu café.”

Victoria senta ao meu lado e pegando um copo de suco de laranja, leva a boca e toma olhando com curiosidade para mim. Elizabeth volta a comer e Ryan para o seu café e lendo o jornal.

“Olá, criança.” A governanta diz para Victoria com carinho.

“Oi, Margot.”

Ela dá espaço na mesa e a governanta coloca um prato na sua frente com duas panquecas com cobertura e morangos. “Obrigada. Está com uma *cara* incrível.” Diz animada.

A senhora sorri para Victoria e ela olha para mim, fazendo minha namorada olhar também.

“Ah...” Victoria exclama. “Você também quer panquecas? Margot faz as melhores panquecas do mundo.”

“Exagero seu, querida.”

“Não é não. Você precisa comer, Ethan.” Diz olhando para mim com um sorriso tão meigo que quero beijá-la.

“Se não der trabalho, eu aceito, Margot.” Digo olhando a governanta.

“Trabalho nenhum.” Diz Victoria, Elizabeth e Margot ao mesmo tempo, e assim todos rimos, até Ryan que estava absorto em seu jornal ri.

“Nossa, que esquisito.” Exclama Victoria.

Margot sorri e vai para cozinha. “Vou preparar e já trago a panqueca, Ethan.”

“Obrigado.”

“De nada.” Ela fala da cozinha aberta, atrás de nós.

“Então Ethan, vai ao baile esse ano, certo?” Pergunta Elizabeth.

“Claro que sim”, falo olhando para Victoria. “Tenho um motivo a mais para ir este ano.” As bochechas dela ficam vermelhas e ela baixa o rosto envergonhada.

“Que bom. Você já escolheu sua roupa?” Elizabeth fala e eu sinto que é uma forma de salvar a filha do constrangimento.

“Ainda não.”

“Não?” Victoria pergunta espantada me olhando.

“Não pensei nisso antes, estava distraído,” fixo meus olhos nos seus, “e não tive tempo.”

“Victoria, por que você não o ajuda hoje? Ainda dá tempo de sobra para escolher uma roupa bonita.” A Sra. Colton me olha. “Mesmo que não seja feita sobre medida” diz dando um sorriso de lamento.

“Eu não me importo. O importante mesmo é que eu vá esse ano.” Entrelaço minhas mãos as da minha princesa sob a mesa.

“Entendo, mas Victoria com certeza pode ajudar. Não é querida?”

“Eu tenho que ir à faculdade entregar e apresentar um trabalho.” Diz ela acanhada.

“Não esquentar, eu dou um jeito.” Dou um aperto em sua mão.

“Querida, você pode ir depois que sair.”

“Mas talvez seja tarde, mamãe. Você sabe que essas coisas demoram.”

“Ah! Eu tenho certeza que você consegue. Você adora ajudar Will e Ryan.” Elizabeth insiste e Victoria assente suavemente.

“Não esquentar, princesa. Eu dou meu jeito. Não quero lhe dar trabalho.”

Assim que falo todos os rostos se viram para mim. *O que eu fiz?* Não entendo esses olharem. Com o tempo me dou conta que chamei Victoria pelo apelido. Sinto que falei algo de incomum, mas eles falam isso toda hora. É mais um segundo nome do que apelido. Não entendo o espanto.

Victoria pisca olhando para mim congelada e fala: “Se você me buscar na faculdade, eu posso te ajudar em seguida.”

“Claro, que sim. Perfeito.” Falo fazendo-a sorrir.

“Falando nisso, você já pegou seu vestido?”

Victoria vira-se para mãe. “Não. Ia buscar quando saísse hoje da faculdade e agora como vou levar Ethan para fazer compras, pego com ele.” Diz e dá de ombros.

Sorrindo assistindo elas conversarem. Me sinto em uma novela. Tudo é coordenado e em paz. Sua família é maravilhosa, assim como ela. Sinto nesta casa uma sensação de ser um novo membro da família e é confortável. Gosto disso. Ser dela, da família dela. Porque como ela é minha, sou dela também.



Ryan e Elizabeth acabaram de sair, após o café da manhã. Parece que ele foi resolver um problema e sua esposa vai passar em uma das suas obras, para verificar os andamentos. Ela é uma arquiteta de primeira, já recebeu até prêmios. Basta olhar para sua casa que notamos o toque do seu trabalho.

Victoria sobe para o seu quarto e me leva junto. Tentei dizer que poderia esperar na sala de estar, mas ela insistiu e aqui estou eu: Deitado, porque ela me empurrou na sua cama dizendo “*Fique à vontade.*” e em seguida entrou no seu *closet*.

Seu quarto é enorme, muito bonito e bem feminino. Tudo é rosa, branco e às vezes dourado. É elegante. Um quarto de mulher, mas a meu ver parece o quarto de princesa, um quarto para Hannah só que mais moderno e adulto. Afinal tem uma cama de casal com um colchão dos deuses.

Ela aparece de relance penteada e maquiada cantarolando dentro do *closet*, com um roupão rosa. Fico curioso para saber se está vestida. Estou seriamente tentado a entrar lá, mas me mantenho quieto sentado na cama apenas a admirando de longe.

Cinco minutos depois *minha* bela princesa está na minha frente com uma saia de cintura alta branca, uma blusa bege colada no corpo por dentro da saia — parece mais que está sem blusa — e um casaquinho branco com mangas curtas, do mesmo estilo da saia. De sandália azul clara e segurando uma pasta na mão e uma bolsa branca. Sorrio e olho seu rosto. Os lindos cabelos loiros estão soltos e caídos em seus seios e no meio das costas.

Putá merda. Era para ela parecer comportada ou elegante, mas eu acho que está mais para estudante sexy do que qualquer outra coisa.

“Por que você tem que ser tão gostosa?”

Ela ri. “Obrigada, Sr. Ethan. Agora vamos.”

Me levanto da cama e a beijo. “Com todo prazer.”



O ACORDO ERA APENAS PARA EU BUSCÁ-LA NA FACULDADE, mas acabei trazendo também. Antes de sairmos, Ken e eu nos encontramos no pátio da casa. Ele trocou algumas palavras comigo. Senti que estava querendo passar o mesmo recado que Elizabeth e Ryan. Que sim, a segurança de Victoria é levada a sério, e que ele sempre estará por perto. E sinceramente — como tinha dito — por mim tudo bem. Contudo, eles e todos os seguranças terão que respeitar nosso espaço.

“Não vou demorar, mas você pode ir em casa e trocar de roupa.” Ela fala passando a mão no meu rosto, na porta da universidade.

“Tem certeza?”

“Tenho sim”, diz sorrindo.

Seguro seu rosto e beijo sua boca de leve. “Então, eu vou em casa bem rápido, troco de roupa e volto voando.”

“Jura?”

“O quê?” Pergunto confuso.

“Que além de lindo, você voa?” Ela diz com a cara sapeca.

Rio e mordo seu lábio inferior.

“Por você eu voaria, mas por enquanto não descobri como.” Ela abre um sorriso enorme. “Agora vai para aula e quando você acabar, estarei aqui.”

Ela assente e sai do carro, fecha a porta e baixando o corpo, para ver meu rosto, vejo que está sorrindo.

“Até daqui a pouco *meu* namorado voador.”

Jogo um beijo para ela e arranco com o carro quando eu a vejo sumir pela porta. Nunca que eu ia sair com ela na porta dando mole para esses malucos que querem pegá-la.

Essa preocupação que a família tem com ela não pode ser paranoia e isso

me leva a pensar que tenho que saber de tudo. Preciso tirar minhas dúvidas e vou fazer isso conversando com Will ou o próprio segurança particular dela. Ryan parece não querer entregar o ouro.

Não sei qual dos dois irá me mandar ir à merda, todavia não vou desistir. Victoria é *minha* agora tanto quanto é deles e tenho que protegê-la.

Estaciono meu Bentley prata na calçada, saio, entro em casa indo direto para o meu quarto. Troco de roupa. Calça jeans escura, blusa de linho branca e um sapa-tênis. E menos de quinze minutos já estou dentro do carro ligando ele.



NO CAMINHO DE VOLTA PARA A FACULDADE DE VICTORIA, tive alguns momentos de querer quebrar a cara de uns três motoristas. Que merda. Como eles conseguiram a carteira de motorista. Que bando de idiotas. O caminho de ida levei exatos vinte minutos e na volta uns quarenta. Impressionante.

Paro em frente a UCLA e espero. Logo vejo Victoria com as mãos na cintura conversando com um homem e uma garota. Eles têm uns vinte cinco anos. A garota é ruiva e baixinha. O homem é alto, moreno e com uma maleta preta na mão e uma mochila nas costas. A garota se afasta e deixa Victoria com ele. Agora eles conversam em uma distância nada boa para o meu gosto.

Buzino e ela olha para o carro. Vem na minha direção e baixa o corpo para olhar para mim. “Oi, bonitão” diz sorrindo.

“Vamos logo.” Ela ergue as sobrancelhas e arregala os olhos. “Vamos. Entra no carro.”

“Por que o mau humor?” Franze a testa.

Dou de ombros. Ela entorta a boca e se levanta sorrindo. “Até terça-feira, Fred.” Diz para o babaca que beija seu rosto, porque tinha que acompanhá-la até a porta da merda do carro.

“Tchau lindinha.”

Lindinha? Eu ouvi isso direito? Que porra é essa. Buzino de novo e a chamo.

“Victoria!”

Escuto-a rindo e o cara falando: “Vai logo, gata. O *boy* está irritado.”

Ela ri mais alto e entra fechando a porta. “Tchauzinho”, fala e joga um beijo para ele, e o mesmo joga um beijo para ela.

Ele vai para o caminho dele e Victoria coloca o cinto de segurança enquanto saio com o carro. Chegando na esquina da rua, sinto seus olhos em mim. Não viro o rosto, então *ela* vira o corpo para me enxergar melhor.

“Qual é o seu problema?”

“Nenhum.” Respondo frio.

Ela abre o cinto, coloca sua bolsa e a pasta no banco de trás e voltando o corpo para frente do carro, fica com os joelhos no banco e se erguer, e inclina o corpo para mim encostando o nariz na minha bochecha, beija meu rosto e me abraça os ombros.

“Você fica tão fofo assim.”

“Fofo? Como assim?” Resmungo sem olhar para ela ainda.

Ela ri. “Com ciúme.”

Cerro a mandíbula. Talvez seja, mas nunca tive essas crises de ciúme idiota. Porém morro de ciúme da minha sobrinha de vez em quando. E com Victoria é diferente. Ela domina todos os meus sentidos. Estou ficando irracional.

“Oh!” Ela faz um sonzinho e abraça mais meu pescoço e beija meu rosto de novo, depois inclina o rosto para ver o meu. “Sério? Você está mesmo com ciúmes, Ethan?”

“E se for?”

Ela abre um sorriso doce. “Não precisa não.”

“Quem era?”

“Era o Fred. Ele é da turma de designer. Estuda Computação Gráfica.”

“Legal.” Digo fingindo entusiasmo.

“Ele é gay”, sussurra no meu ouvido. “Super mega power gay. Sabe ele não gosta de meninas e mesmo assim é meu amigo. Adoro ele.” Engulo em seco e me forço a controlar o riso. “E ele está mais pra ser minha amiga e eu acho que quem tem que ficar com ciúme sou eu.”

Tiro uma mão do volante e coloco no seu braço em cima do meu peito. “Hun... Por quê?”

“Ele achou você lindo.” Faço cara de nojo e ela faz uma vozinha, imitando o amigo. “*Nossa lindinha, que homem é esse? Ele tem irmão?*”

Sem conseguir me controlar mais, solto uma gargalhada e ela também. Pego sua mão e beijo.

“Viu. Não precisa ter ciúme.” Ela levanta mais o corpo e beija minha boca, quando o semáforo fica vermelho e paro. “Mesmo que ele fosse hétero.”

Seguro seu rosto. “Desculpa. Estou sendo irracional” e beijo sua boca.

“Não tem problema. Foi engraçado sua cara de mal para outra pessoa que não fosse eu.”

“Que? Você?”

“Eu me lembro da sua cara de raiva na boate pra mim.”

“Não estava não.”

“Estava sim. Quando eu estava dançando em cima da mesa.”

Ah... eu lembro muito bem disso. “Eu sei, mas não estava com raiva de

você.”

“Não?” Pergunta curiosa e levemente ansiosa.

“Claro que não. Estava com raiva dos homens que estavam te comendo com os olhos.”

Ela cai na gargalha. “Meu Deus, você está parecendo esses homens de livro possessos de ciúme, Ethan. Controle-se!”

Eu a agarro, colocando no meu colo e beijo sua boca sugando sua língua e mordendo seu lábio. “O que é meu, eu tenho mesmo muito ciúme.”

Seus olhos verdes me fitam paralisados e ela acaricia meu rosto. “Tudo bem então, meu dono.” Revira os olhos e faz biquinho. Mordo e seguro com força seus cabelos, puxando seu rosto para mim. Dou beijinhos na sua boca e enfio a língua, beijando-a com vontade.

“Sou mesmo seu dono e agora vai para o seu lugar.” Falo olhando sua boca inchada e vermelha por minha causa. Ela assente rindo e volta para o banco do passageiro. “Coloca o cinto de novo.”

“Colocando...” cantarola.

“Vamos para onde?”

“Você jura que não tem a mínima ideia?”

Viro meu rosto para ela e Victoria está com os olhos cerrados e as sobrancelhas erguidas sorrindo para mim, como falasse em código.

“Rodeo drive?”

Ela confirma com a cabeça sorrindo.

“Okay.” Murmuro.

Saímos de Westwood, onde fica a UCLA e vamos para Beverly Hills, na Rodeo drive. O shopping a céu aberto e umas das ruas de moda mais famosas dos Estados Unidos e do mundo. O caminho é menos estressante do que, apesar da distância, a ida para casa e volta para a faculdade.

Entro na rua principal da Rodeo drive e estaciono o carro na calçada em frente à Agent Provocateur. Graças a Deus hoje essa *merda* tem vaga. Ô lugar para ficar cheio e ter gente que vem apenas olhar. *Brincadeira não.*

“Aqui está bom?”

“Ótimo,” minha *linda* responde, “mas nós vamos ter que caminhar um pouco. Minha roupa está na Prada e o sapato na Jimmy Choo, e o seu terno estava pensando que poderia ser um daqueles lindão da Giorgio Armani.”

Já estava assentindo antes dela terminar. “Gostei da ideia, conheço a *personal shopping* de lá e não me importo em andar.”

Ela lança um olhar estranho para mim, mas depois abre um sorriso meigo.

“Perfeito. Todas as lojas ficam perto uma das outras. Então vai ser rápido.”

“Eu sei. Vamos.”

Nós saltamos do carro e dando a volta encontro ela e pego sua mão. Atravessamos a rua e seguimos a caminho das lojas que queríamos.

“Você sabe. Ken está nos seguindo.” Victoria fala.

Respiro fundo e aperto sua mão na minha. “Sei e não tem problema.”

Ela assente olhando para frente, mas sem focar em nada. Isso me deixa com um sentimento tão ruim. Saber que ela detesta essa vigilância toda.

Tento dispersas seus pensamentos e puxo assunto enquanto chegamos na primeira loja. O sol hoje está brilhante e as nuvens estão cheias e brancas, o dia está realmente lindo. Não vale a pena estragar o dia.

As pessoas andam com suas compras, com suas bolsas, algumas mulheres caminham com seus cachorros cheios de cristais e seus filhos. E tem os turistas que adoram visitar um dos pontos turísticos de Los Angeles mais falado. Com suas máquinas fotográficas e celulares, registrando tudo que vê, e não compram nada. Eles só vêm aqui para olhar. Não dá nem para andar às vezes de tão cheia que fica, por isso os artistas que fazem compras aqui, vêm camuflados, para ninguém reconhecer.

Entramos na loja da Prada e uma jovem simpática atende Victoria rapidamente lhe informando que vai pegar o vestido e pede para ela vesti-lo para ver se está como ela queria.

“Me espera aqui.” Victoria pede.

“Eu não vou ver?”

“Não.” Ela nega com a cabeça, sorrindo.

“Por que não?”

Me beija e fala com a boca na minha: “Amanhã você vê. Fica aqui, não vou demorar” e sai para o provador.

Fico olhando para ela enquanto entra no provador e pensando o quanto eu gosto de todas as *faces* de Victoria. Ela é uma garota completa. Engraçada, inteligente, linda, gentil, carinhosa e sexy. Não lhe falta nada. Eu não a mereço, mas tenho e vou querer para sempre. Estranho e prematuro, mas não consigo me imaginar sem ela. Ela já me tem nas mãos.

Ela termina de experimentar e logo pegamos o vestido em uma capa de cabide preta e saímos para a Jimmy Choo, para pegar o sapato dela, que foi bem rápido.

“Agora vamos escolher sua roupa.”

Assinto para ela e de mãos dadas vamos para a loja. Entramos na Giorgio Armani e uma moça vem nos atender.

“Boa tarde. Como posso lhe ajudar?”

“Natalie?” Falo.

“Um minuto vou chamá-la, senhor.”

Um pouco depois Natalie aparece, com um vestido de cor forte, brilhante demais e salto alto. Ela é muito bonita, alta, morena, olhos castanhos. Inúmeras vezes deu em cima de mim, mas nunca saí com ela.

Quando eu vinha visitar minha família, nas férias da faculdade, eram visitas rápidas, mas acabava vindo aqui nessa loja. Gosto dos ternos, sapatos e do atendimento, mesmo que no caso dela tinha uma segunda intenção. Me sentiria horrível de voltar aqui e comprar com ela depois de transarmos. Porém ela conhece minha antiga fama de cafajeste. Não sai com ela, mas com outras e algumas amiguinhas dela, sim.

Ela para na minha frente e abre um enorme sorriso.

“Ethan Brown.” Me cumprimentou dando um beijo no meu rosto. Faço o mesmo e me afasto. Ela me olha dos pés à cabeça e diz: “Você está um espetáculo. Voltou de vez?”

“Sim”, recuo outro passo, me afastando mais. Não gostei dessa aproximação toda. Ela percebe, tomba a cabeça para o lado, pensativa e depois olha para quem está ao meu lado. Seu sorriso fica travado.

“Olá.” Natalie estende a mão. “Você é?”

Tenho certeza que ela sabe quem é Victoria. Está sendo idiota. Mas meu anjo, porque é isso que ela está sendo agora, responde mesmo assim:

“Victoria Colton.” Responde e me olhada. Sinto minhas bolas encolherem.

Tento concertar a situação rápido. Passo o braço pelos seus ombros e lhe abraço. “Minha namorada” falo orgulhoso. De verdade.

“Namorada?” Natalie fala com desdém e juro que não entendo o tom dela.

“Sim.”

“Hun...” Ela abre um sorriso amarelo. “O que vocês querem?”

“Nós queremos um terno?” Victoria me olha e eu assinto, e ela sorri para a Natalie. “Um terno slim fit completo, dois botões, com suits, colete e a gravata larga de preferência. Cor?” Ela me olha de novo.

“Qual a cor do seu vestido?” pergunto.

Victoria sorri — feliz agora — para mim. “Azul escuro.”

Me viro para Natalie, que está mordendo o canto da boca.

“O terno pode ser preto com a gravata azul e a blusa de linho, branca.”

“Perfeito” Victoria fala, passando o braço por trás de mim, rodeando minha cintura.

“Me acompanhe.” Natalie vira-se e nós a seguimos até a sala de atendimento dela. “Já volto com o pedido” diz fria de costas para nós e saindo.

Victoria pega a sacola do seu sapato, coloca no banco acolchoado de couro branco, e pega da minha mão a capa que está o seu vestido — um pouco brusca demais — e resmunga alguma coisa.

“O que foi?” pergunto.

Ela ergue o corpo e não olha para mim. “Nada.” Murmura.

Passo meus braços por trás dela, abraçando sua cintura e sussurro no seu ouvido: “Fale de uma vez.”

“Ela gosta de você.”

“Ela quer dar pra mim, Victoria.”

“Percebi.” Ela tenta sair dos meus braços, mas a aperto mais e a viro de frente.

“Ei, para com isso. Eu só quero você. Não é isso que você diz?”

“Hun...” Morde a boca para não rir.

“Deixa ela para lá.”

Ela inclina o rosto e resmunga. “Não gostei dela.”

Rio da sua cara zangada.

“Você já saiu com ela?”

“Nunca. Eu não iria comer a mulher que teria que conviver de vez em quando.” Victoria dá de ombros.

“Ela não parece ser muito educada. Nem falou a bosta do seu nome.”

Beijo sua boca, rindo. “Minha linda, ela ficou surpresa com a notícia e o nome dela é Natalie.”

“Nome de colocar em cadela.”

Solto uma gargalhada tão boa de deixar a cabeça cair para trás. Victoria bate no meu peito. Volto meu rosto para ela e passo meu nariz no seu. “Você é incrível.”

“Sou sincera.”

“Eu sei e adoro isso em você.”

“Obrigada” diz acanhada.

Natalie volta com uma arara com três ternos: Um liso de camurça com a gola de cetim, um cinza chumbo com riscas pretas e outro preto simples com o colete preto perolado. As gravatas estão em suas mãos. Victoria chega perto dela e estende a mão para as gravatas.

“Posso?”

“Claro.”

Ela entrega as gravatas a Victoria, que se vira para mim. “Vai experimentar.”

“Qual você gostou?”

“Do de camurça.”

Eu assinto, pego ele e vou me vestir.

Enquanto estou experimentando o terno, as escuto falando:

“Adorei essa gravata azul de seda,” diz Victoria. “É linda a cor.”

“U-hum.”

“Você não gostou?”

“A roupa pode ser horrível, mas em Ethan tudo fica lindo.”

Escuto Victoria rir e tossir. *“Você é atrevida. Não?”*

“Sou honesta.”

“Isso não tem nada a ver com honestidade. Você deve respeito aos seus clientes. Ele é meu namorado. Tenha pelo menos um pinga de compostura.”

“Pra que?”

“Como? Você é maluca? Como você fala isso: Para que? Ele tem namorada.”

“Grande coisa. Ele só quer te comer provavelmente.”

Minha boca se abre. Caralho. Coloco a mão na maçaneta para abrir, mas a voz da minha princesa me detém.

“Meu Deus! Você é inacreditável e está certa. Ele quer me comer mesmo e eu vou a-d-o-r-a-r.” Ela soletra baixinho.

Isso aí, minha garota. Estou morrendo de rir e de orgulho dela. Saio da cabine do provador — depois de controlar meu riso — ajeitando-me no paletó e olho para Victoria que está com a boca aberta.

“Minha nossa” Victoria.

“Gostou, Ethan?” Pergunta Natalie.

Ignoro-a e foco na minha princesa. Seus olhos estão brilhando sem piscar. Levanto a sobrancelha e ela sorri.

“Gostou?” Pergunto a ela.

“Dá uma voltinha” diz fazendo com o dedo um giro. Faço o que ela pede, sorrindo. Ficando de frente de novo e ela vem me abraçar. *“Você está tão lindo”,* murmura um pouco encantada.

Abraço-a também. *“Não é justo você ver minha roupa e eu não poder ver a sua.”*

Ela franze o nariz. *“Amanhã você vê.”*

Beijo ela.

Natalie pigarreia e diz: *“Vai ser esse mesmo?”*

Minha namorada se vira para ela e exclama. *“Com certeza. A gravata vai ser aquela que eu gostei de seda e o sapato...”* Ela coloca a mão na boca, pensativa. *“Preto de Couro envernizado, com cadarço, sola de borracha, cor dark night blue. Da coleção Winter 2014.”*

Natalie abre a boca e eu também. *Quando foi que ela viu isso?*

“Vou buscar,” ela dá um sorriso diabólico *“já sei seu tamanho, Ethan”* e sai.

“Praga.” Victoria resmunga e eu enlaço sua cintura de novo.

“Você está me surpreendendo hoje, minha princesa linda.” Ela estica o

pescoço e olha meu rosto. “Como você sabe esses detalhes todos do sapato?”

“Meu pai recebe em casa os catálogos das novas coleções de várias lojas, assim como eu e minha mãe, e fiquei apaixonada por esse sapato. Eu gosto de moda.”

“Mmm... Sei.” Beijo seu rosto.

Eu ia comentar sobre sua conversa com Natalie, mas prefiro fingir que não ouvi. Nunca tive uma mulher para me reivindicar como seu, como ela fez e me sinto bem com isso. Foi divertido me sentir algo de valor e que ninguém pode ter. O mesmo sentimento que eu quero que ela sinta quando tenho meus ataques de ciúme.

Natalie faz a conta e nos guia para o caixa, para eu pagar.

“Enquanto você paga, vou ver uma coisinha.”

“Não quer que eu vá com você?”

“Não, Ethan. É aqui dentro da loja mesmo.” Ela vai para os fundos da loja e eu vou pagar as compras com Natalie no meu encalço.

Dou meu cartão de crédito para Erica — gerente da loja e escuto Natalie:

“Há quanto tempo você está com ela?”

“Por que o interesse?” Digo friamente.

“Vocês parecem um casal antigo, mas você estava fora da cidade.” Olho para ela com cara de interrogação. “Eu sei das fofocas e ela não saiu da cidade. E não ouvi nada do seu namoro com ela nas colunas sociais.”

Eu sabia que ela reconheceu Victoria. É quase impossível não saber quem somos por Los Angeles. Não somos estrelas de Hollywood, mas somos ricos e a mídia adora nos importunar. Merda de gente chata querendo saber da vida dos outros.

“Sim, estamos juntos há pouco tempo.”

“Mmm...” faz, me olhando soberba. “Você está com ela por causa do elo que sua família tem com a dela?”

“Olha, você não tem nada a ver com a minha vida, mas vou responder mesmo assim. Estou com Victoria por causa dela e nada mais. Porque eu a quero.”

“Sério?! Você é um *playboy*. O que vai fazer com uma garota mimada que nem ela?”

“Mais você não sabe mesmo a hora de calar a boca.” Victoria aparece e vem andando até mim.

“Só estou curiosa.”

“Você dá muita sorte de que sou *mimada*.” Meu anjo debocha e rodeio sua cintura com meu braço. “Porque se eu fosse que nem você, iria lhe responder como o seu comportamento está merecendo.”

“Você fala como se não soubesse da fama dele.”

“Jura?” Victoria exclama e chega perto de Natali. “Você está falando do fato d Ethan ter comido todas as mulheres das redondezas, de Harvard, do seu colégio na Inglaterra e das menininhas da escola. Natalie, eu sei muito bem como ele *era*. Como você bem sabe, os Brown são praticamente minha família e eu sei das coisas. Só que agora Ethan não quer mais todas.” Victoria aponta para si. “Ele quer a mim. Entendeu?”

Eu pisco o olho para Natalie assinando em baixo o que meu anjo feiticeiro disse. Continuo atrás de Victoria, então aproveito e a puxo para mais perto. Sei que ela nunca bateria em ninguém, mas Natalie eu não posso colocar a mão no fogo.

“Tchau e passe bem.” Victoria fala e me puxa para fora da loja, quando já temos todas as compras nas mãos.

Na rua ela solta minha mão e passa na minha frente com passos firmes. Vou atrás — quase correndo — seguindo-a até o carro. Coloco as coisas no porta malas e entro. Me viro para Victoria que está emburrada.

“O que foi?”

“Nunca fiz isso na minha vida.”

“Vem cá.”

Ela nega e vira o rosto para janela. Coloco o banco para trás e agarro ela, trazendo-a para cima do meu colo. Ela luta um pouco, mas por fim eu venço.

“Desculpe por ela. Eu não sabia que ela ia fazer isso.”

“Meu Deus.” Ela encosta a testa no meu peito. “Ela é uma oferecida da pior espécie. E eu não sou de agir assim. Eu sou boazinha.”

Rio e afago seus cabelos. “Eu sei, meu anjo. Está tudo bem.”

Ela respira fundo e me abraça. “Como você nunca ficou com ela?”

“Sinto cheiro de encrenca de longe. Mas agora vamos esquecer ela”, pego seu rosto e ergo, para olhar seus lindos olhos verdes. “Que tal almoçar?”

“Almoçar? São duas horas da tarde.”

“Almoço tardio.”

Ela sorri e me beija. “Tudo bem.”



ESTAMOS EM UM DOS MELHORES RESTAURANTES aqui de Beverly Hills. A comida é um espetáculo e o local é fresco e muito elegante. Nós sentamos em uma mesa no canto da janela e pedimos nossa comida.

“Não vai trabalhar hoje?” Victoria pergunta quando o garçom sai.

“Meu pai me deu folga.” Ela ri. “Vê se pode? Meu pai me dando folga, não

mereço. E falando nele. Ele pediu para ir à Maryland esse fim de semana, mas tenho planos melhores.”

“Sei...” Suas bochechas ficam vermelhas. “Você já contou para eles sobre nós?”

“Não. Vou contar semana que vem quando formos para lá.”

“Quê?” Pergunta com os olhos arregalados.

“Falei que esse fim semana não podia por causa do baile, então disse que semana que vem iria com a Hannah e vou aproveitar e levar você. Se quiser é claro.”

Ela fica um tempo calada e depois de castigar os lábios, mordendo-os, responde: “Tudo bem, eu vou.”

“Quem disse que estou te pedindo permissão.”

Ela dá gargalha e joga a cabeça para trás. É tão linda quando ri assim.

“Você é muito confiante.”

“Não sou confiante, só estou tratando de levar todas as coisas valiosas comigo na viagem.”

“Oh!” Ela segura minha mão sob a mesa. “Isso foi doce.”

“Foi sincero.”

Ela assente sorrindo.

A comida chega e comemos nosso almoço tardio felizes e de mãos dadas. Depois a levo para casa, ajudo a subir com suas coisas para o quarto e vamos para sala de TV.

Ficamos namorando um pouco enquanto assistíamos a um filme, que Victoria insistiu em ver comigo. *Se beber não case 3*. Uma comédia para lá de idiota. O melhor do nosso cinema em casa é que eu posso assistir com ela no meu colo, agarradinha a mim e o filme é deixado de lado, porque puxo seu rosto e beijo-a com fome, desejo. Uma necessidade louca.

Estamos em mais um beijo e sem fôlego, encosto minha testa na dela.

“Preciso que amanhã chegue logo” digo e ela morde o lábio com carinha de tesão. “Acho que é melhor eu ir agora.”

“Tem certeza?” pergunta passando a mão no meu peito. “Fica mais um pouco.”

“Acho melhor.”

“Vamos lanchar e você vai embora.”

Ela levanta do meu colo e puxa minha mão.

Vamos para cozinha e lá Victoria prepara um lanche para nós. Um sanduíche maravilhoso de baguete com peito de peru, com suco de morango da fruta. Acabando de lanchar vou para o banheiro, lavo a boca e depois a encontro em frente à porta do banheiro. Estendo a mão e juntos vamos até meu carro.

“Vou te ligar antes de dormir.” Digo.

“Tudo bem.”

“Vou sentir sua falta.”

“Vai nada” diz brincando.

“Vou sim, minha princesa.” Beijo seu nariz. “Vou sentir falta do seu corpo quentinho nos meus braços na hora de dormir.”

Pego ela no colo e a beijo. Um dos meus braços fica embaixo da sua bunda e o outro perto dos joelhos, fazendo-a ficar mais alta do que eu. Ela agarra meus cabelos e os puxa com carinho. Amo quando ela faz isso. Varro com minha língua sua boca e sugo a sua, sentindo seu gosto. Mordo seus lábios, um de cada vez e ela morde de leve minha língua parando o beijo.

Solto-a, devagar do meu colo, e ela me agarra nos ombros, sorrindo.

“Venho te buscar as sete.”

Ela assente e ajeita minha jaqueta. Dou mais um beijo na sua boca e me afasto. Entro no carro, coloco o cinto e a olho. *Porra.*

“Ajeita a saia. Estou vendo tudo.”

Ela ri. “Culpa sua, não minha.”

“Não importa.” Digo fazendo ela dá sua risadinha de novo. Assopro um beijo para ela. “Vou sonhar com você.”

“Acho que eu também vou sonhar com você”, fala com seu sorrisinho levado.

“Obrigação sua.”

“Claaaro...” ela cantarola com ironia.

“Ligo daqui a pouco.”

“Vou esperar.”

Saio com o carro e vejo *minha* princesa acenando. Respiro fundo saindo dos portões. “Amanhã” penso em voz alta, dirigindo para minha casa “estarei com meu anjo travesso nas nuvens.”

Bônus

William

SEXTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 2013.

Naquela mesma tarde em que Victoria e Ethan passeavam e curtiam a companhia um do outro. William Colton estava trabalhado tranquilamente na Colton & Brown, no início da tarde de uma ensolarada sexta-feira de Outono em Los Angeles, e mal sabia que um imprevisto contato aconteceria e ameaçasse a acabar com sua paz.



“VOCÊ ACHA QUE ESSA NOVA PROPAGANDA CHAMARÁ ATENÇÃO DO PÚBLICO?”

“Sim”

“Está muito confiante William.”

Rio e assinto, mesmo que ele não esteja me vendo. “U-hum.”

“Então seria uma boa ideia fazer na 78.”

“Nã...”

“É uma rua movimentada e vai dar certo.” Ele fala me interrompendo.

“Sim, é, mas não vejo a necessidade de ter que publicar no mesmo local duas vezes.” Falo para John Garrel, gerente de propaganda da *Honda USA*.

“Não é o mesmo lugar.”

“Sim, é, pois é no mesmo quarteirão. Pode ficar tranquilo que vai dar certo só na 70th.”

“Se você diz, vou confiar.”

“Tudo bem, vamos fazer a reunião e resolver os parâmetros do contrato. Você já é cliente, não precisa de muitas coisas, apenas alguns ajustes.”

“Certo e amanhã nos veremos no baile.”

“Vamos sim, Garrel. Até amanhã à noite então.”

Termino a ligação e deixo o meu corpo deslizar pela cadeira acolchoada de girar do meu escritório. Giro a cadeira para a janela panorâmica atrás de mim e olho a cidade de Los Angeles do vigésimo quinto andar, da empresa que meu pai fundou com tanto suor e orgulho.

Deixo meus olhos correrem para as cores dos carros de Century Park Est — a avenida onde fica a sede da empresa — admirando ao fundo o mar de Santa Monica e o sol brilhante das três da tarde.

Meus pensamentos são levados ao costumeiro pensamento cotidiano, para como anda minha vida. Eu sou um homem rico, nunca sofri dificuldades financeiras, tenho pais maravilhosos e uma mulher incrível — que eu amo muito, ao meu lado — mas dentre eles tenho a minha parte mais valiosa. *Minha princesa.*

Há tempos estou pensando se já não é a hora de revelar o grande segredo da minha vida.

Me consumo todos os dias para colocar fim nessa mentira, mas não é apenas o problema de revelar, aliviar minha culpa e ver a reação das pessoas envolvidas. Meu maior medo, de verdade, é o estrago que irei fazer com a pessoa mais envolvida nisso. E quem me obrigou a fazer essa merda toda, aparecer e tentar destruir tudo de novo.

Escuto meu celular tocar — o pessoal, não o do escritório — e giro a cadeira e o pego em frente a foto de Cora em cima da minha mesa. Ela está linda jogando um beijo para mim na varanda da nossa cobertura em Santa Monica.

“William”, atendo como de costume.

“Olá William.”

Meu sangue gela. Eu conheço essa voz, que não tem rosto e começo a sentir frio na espinha. O medo que já é familiar. Na verdade, o medo é meu melhor amigo.

Com o meu coração galopando dentro do peito falo:

“O que você quer?”

“Nada.” Faz uma pausa. “Estava com saudades e queria saber como anda as coisas e em especial uma coisinha.”

“O quê?” Pergunto temeroso.

“*Você contou para sua filha que você é o papai dela? Você sabe que não pode.*”

Uma dor tão grande invade meu peito e mesmo eu sendo esse cara durão, quando esse assunto é tocado e esse monstro liga para infernizar minha família, eu viro o mesmo garoto de dezessete anos que renunciou tantas coisas para proteger minha família e mais ainda a minha filha. Queria apenas que ela fosse feliz e nunca imaginei que algo que fiz, que ainda não sei, voltaria para querer destruir meu *paraíso*. O paraíso que eu estava com Cora e nossa filha recém-nascida. Depois de tudo que passei com onze anos, ser feliz era algo que eu merecia.

Com uma respiração pesada e um gosto amargo na boca respondo: “Não. Você sabe que não.”

Ele ri do outro lado da linha. “*Era o que eu queria ouvir e eu acho muito bom mesmo.*”

“Por que você continua fazendo isso? Que merda que eu fiz para você?” Eu não posso mudar o que fiz. Seja lá o que eu tenha feito para você ter tanta raiva de mim.”

Novamente ele solta sua gargalhada, irritante. *“Talvez você não possa mudar o que aconteceu, mas você quebrou sua promessa.”*

“Que promessa?”

Me sinto sendo afogado. Sendo forçado a afundar num mar escuro. Escuro do desespero. Eu queria realmente saber o que fiz e quem é esta pessoa que deseja minha destruição. Tenho tanta vontade de acabar com isso e matá-lo de uma vez. Embora eu nunca tenha pensado em matar uma mosca, na minha vida. Não é minha índole. Porém se faço isso, vou para cadeia e nunca mais veria meus dois amores.

“São mais de dezoito anos. Já não basta?” Falo cansado e fraco. “Você já me fez sofrer o suficiente por uma coisa que eu nem lembro.”

“Não.” Ele endurece a voz. *“Você, o merda do seu pai e a sua família vão viver com esse pânico até que eu morra ou consiga pegar ela sem esses seguranças todos que vocês têm. Uma hora sua sorte vai acabar William.”*

Por Deus.

“Por que minha filha? Você quer a mim. Por que não me pega?”

“Sou esperto meu caro” ironiza *“e sua menina é o seu tendão de Aquiles. Eu a odeio. Você não merece. Quero que sofra como eu sofri. Uma dor muito mais forte do que qualquer ferida. Não quero que cure. Você vai morrer com essa dor, assim como eu vou.”*

Não tenho palavras. Eu não entendo.

Ele grita: *“Você é um mentiroso.”*

Meu coração acelera. Ele deve estar quase desligando. Sempre marca as ligações. Nunca passa dos minutos que preciso para conseguir sua localização. Estou cansado de perseguir um fantasma.

“O que você quer agora?” Falo um misto de medo e raiva.

“Nada em específico.” Sua risada maquiavélica soa ao fundo. *“Mas quero saber de uma coisa, na verdade.”*

“O quê?”

“Cora e você ainda estão separados?”

“Sim.”

“Isso faz parte do nosso trato. Você não fica com ela ou ninguém. Seu destino é sofrer o quanto eu quiser.” Fala soltando veneno.

Maldito seja!

“Fique atento. Estou mais perto do que nunca.”

Eu respiro fundo e quase chorando. Sou homem, mas não sou de ferro.

“Agora vou desligar. E William, amigo?”

Miserável.

“O quê?” Indago entre os dentes, com as lágrimas embaçando minhas vistas.

“Fique de olho. Estou com saudades da princesinha.”

Odeio tanto ele. Fecho os olhos e aperto o punho, quase massacrando o celular em minha mão. Meu coração, nem o sinto bater. Minha filha não.

“Até o baile.” Ele desliga e eu não posso me ajudar.

Derramo minhas lágrimas desesperado.

Ele podia me pegar. Me matar. Me esfolar. Me sacrificar. Mas não minha filha e minha esposa. Eu não aguento mais isso. Mentir para quem eu amo e viver escondido com a segunda parte de mim, como fosse um erro, já me destrói o suficiente. E ainda tem esse meda...

Me casei escondido e mantenho minha filha a base de enganação, chantagem e uma vigília implacável. Trato-a como cristal não porque eu quero, é porque eu morro de medo desse monstro. Se as ameaças fossem invasivas, eu já teria acabado com isso. Só que ele já me provou que não são apenas palavras vazias. Ele persegue minha filha há anos. Duas vezes ele teve Victoria em suas mãos. Me matando por dentro com o medo de nunca mais vê-la. Não posso nunca esquecer como eles bateram em Cora ao tentar pegar Victoria a força dos seus braços na primeira vez que conseguiram raptá-la. Ela era apenas um bebê indefeso. Armaram uma emboscada para elas. Deram uma surra em Cora até ela soltar o bebê. E teve a vez que bateram na minha mãe e incendiaram uma parte da minha casa, mas corremos há tempo. Já a antiga casa de Cora, eles a fizeram virar poeira. Eles vivem ameaçando matar Victoria e Cora. *E eu?* Apenas vivo morrendo de medo de que um dia isso acabe acontecendo. Me sinto um fraco e miserável.

O que me deixa possesso de raiva, é que não acho o paradeiro dele. Assim não posso fazer nada a não ser viver com medo e rodeado de seguranças. Dos pés à cabeça, que já foram mortos nas emboscadas. Tenho minha cota de mortes nas costas.

Pegando meu celular chamo Ken.

“Sr. Colton.”

“Reforce a segurança delas o mais depressa”, falo com a voz fraca ainda.

Ele respira fundo. “Ele se comunicou, senhor?”

“Ligou e acho que está na cidade.”

“Porra.” Ele resmunga baixo. “Desculpe senhor. E pode ficar tranquilo. A partir de agora ficarei vinte e quatro horas com a menina, Jorge de resguarda. Clooney e Carlos com a Sra. Cora. Seus pais já têm os seus seguranças os

seguindo, mas mandarei o aviso de atenção.”

“Tudo bem. Certifique-se de fazer os rastreadores em ponto.”

“Claro.”

“Obrigado Ken.”

Quando vou desligar ele fala: “Não vai querer um 24 para o senhor?”

“Não, não preciso.”

“Mas senhor — ”

“Não, Ken.” Corto-o e com minha resposta ele desliga.

Ele é o único que confio minha família. É o segurança geral dos seguranças pessoais. Os da empresa são outros setores. Ken é um ex-agente da CIA e um excelente guarda. O conheci na agência de resgate que tem em Nova York, há dez anos, quando estava montando a minha própria equipe junto com meu pai. Depois do que me aconteceu e depois com as ameaças a Victoria, fomos forçados a isso.

Ele me recomendou uns amigos e hoje somos o que somos. E como eu e meu pai nos preparamos, Aaron quis segurança pessoal para sua família também, e é claro que minha equipe cobriu os Brown. Porém para eles é algo brando, já para minha família eles têm o objetivo de proteger e procurar esse desgraçado.

Ken é muito competente e toda vez sempre faz a mesma pergunta. *Se eu não quero segurança para mim.* E sempre respondo que não. Se esse monstro me levar e prometer que pararia com essa vingança. Eu morreria feliz. Mesmo que eu queira viver para sempre ao lado delas. Mesmo que para minha filha eu seja apenas um irmão. Por ela, apenas por ela, eu sou um merda. Fraco. Por Cora, nem tenho palavras para dizer o que ela é para mim e o que faço para fazê-la feliz. Então, sim. Eu não quero proteção para mim e sim para elas e meus pais.

Seco meu rosto — as lágrimas derramadas — e ligo para Cora, que está no seu escritório, no andar de baixo.

“Oi, amor meu.” Cora atende com a voz alegre.

“Preciso de você.” Já a minha voz sai embargada.

“O que houve?”

“Ele.”

Escuto ela respirar fundo e seu tom de voz muda. “Claro, querido, estou subindo.” Ela desliga.

Deixo meu corpo cair pela cadeira e espero minha cura chegar. São tantos anos de agonia e esse desespero só cresceu depois que Victoria veio ao mundo. E apenas Cora sabe o que se passa no meu peito, e me ajuda a aliviar essa dor.

Cora aparece na porta do escritório. Assim que Rita, minha assistente pessoal, destrava a porta da sua antessala. Eu abro a minha porta e minha esposa entra apressada, vindo em minha direção. Logo aperto o botão de travar a porta e

deixar todos os vidros, das portas e janelas, opacas.

Viro minha cadeira para Cora e ela se senta no meu colo. Ela me aperta com força e meus braços em volta de sua cintura, também. Tento relaxar, mas não consigo. Com o tempo sinto-a tremer e noto que meu ombro — onde ela deita a cabeça — está ficando úmido.

“Querida, não chore.”

Ela soluça. “Eu não aguento mais.”

Afago seus cabelos. “Eu também,” engulo meu choro, “mas eu vou proteger vocês.”

Ela levanta o corpo e segura meu rosto com carinho. “Quando isso vai ter fim?”

Enxugo suas lágrimas, no entanto mais caem. “Eu não sei.” Respondo triste e me sentindo tão pequeno.

“Tenho tanto medo.”

Eu apenas confirmo com a cabeça. Tenho que parecer forte para ela, mas por dentro eu morro de vê-la assim e de viver assim. Ela beija meus lábios com suavidade e deita novamente a cabeça sobre meu ombro.

“Eu sei”, murmuro em seus cabelos.

“Cuida dela”, sussurra e me aperta o pescoço. “Apenas cuide dela.”

“Claro que sim.”

“Eu te amo.” Murmura baixo, chorando.

“Eu amo você e vou proteger você e a nossa princesa até o fim.”

Seja lá qual for o meu fim. Vou viver em prol de cuidar da minha família.

Catorze

Victoria

SÁBADO, 24 DE OUTUBRO DE 2013.



UM CALMO E GELADO FRESCOR DE OUTONO atinge meu rosto pela fresta da porta aberta da varanda do meu quarto. Abro os olhos e sorrio. Hoje é sábado, finalmente o dia do baile e por consequência, o meu dia com *meu príncipe*.

Achei que não estava ansiosa, até *agora*. Respiro fundo e pulo para fora cama. Logo estou no banheiro, faço minha rotina matinal e coloco meu robe longo de seda e desço. A alegria toma conta de mim, como magia — estou como uma princesa da Disney — quando vejo meus pais fazendo seu jejum na sala de jantar.

“Bom dia.” Os saúdo sorrindo e deixo um beijo no topo da cabeça da minha mãe.

“Bom dia, minha querida”, ela fala. “Está radiante hoje.”

“Me sinto assim.” Digo me sentando à mesa e olho meu pai, que me olha por cima dos óculos, parando de ler seu jornal. “Oi?”

“Oi, querida”, diz humorado e mantém o olhar em mim com o ar curioso.

Dou risada e ele acaba abrindo o sorriso. Adoro o jeito que ele interage comigo. Meu pai é sucinto, não deixa transparecer muito suas emoções ou opiniões, mas sempre está atento a tudo. Sempre escolhe as palavras certas para não se exceder. É muito aberto, quando quer, e legal.

Sei que ele está me olhando assim por causa de ontem. Acho que o peguei de surpresa por estar com Ethan e ele ser meu novo namorado. Eu mesma não acredito. Foi tão rápido, mas ele pareceu *gostar*. Pelo menos não disse nada ao contrário até agora. Mamãe, eu nem preciso perguntar, sei que está superfeliz.

Acabando de comer, volto para o meu quarto. Tomo um banho rápido e coloco um biquíni. Estou com vontade de ficar um pouco na piscina e nadar um pouco. O dia está lindo com um sol radiante e posso até pegar uma *corzinha*. Amo viver na Califórnia, que não importa a estação, aqui, quase nunca, faz frio suficiente para nos impedir de curtir as praias e uma piscina. Embora, quando chova, é assustador.

Pego um roupão de banho, protetor solar, celular e meus óculos de sol. Saio do quarto. Desço correndo as escadas e com passos largos caminho para as portas de correr do quintal e encontro Zeus.

“Ei, meu garotão lindo.” Falo me agachando para abraçá-lo. “Quer nadar comigo meu urso?”

Ele late e balança o rabo. Zeus ama piscina. Descobri isso da pior maneira, num belo dia ele me derrubou na piscina, quase me afogando, e quando me virei para salvá-lo, encontrei ele nadando feliz da vida. Amo meu nadador.

Coloco tudo na mesa de madeira quando chego na piscina e logo dou um mergulho maravilhoso. Nado por uns dez minutos e paro ao escutar meu celular tocar. Saio da água, enxugo minhas mãos, coloco o roupão e me sento na espreguiçadeira, e atendo:

“Ethan...” suspiro e completo: “Alô, príncipe encantado.”

Escuto-o rir antes de falar. “*Muito bom dia minha princesa linda.*”

Me derreto toda quando ele me chama assim. *Ai que bobagem.* “Bom dia para você também.”

“*Está fazendo o que?*”

“Estou na piscina com Zeus.”

“*Cachorro de sorte*”, diz e solto uma risada. “*Sonhou comigo?*”

Incrivelmente sim. Sonhei com ele.

Nós estamos em um lugar paradisíaco, que era lindo demais. A praia tinha areias claras e limpas, água cristalina e era deserta. Estávamos nus e eu corria dele, até que ele me pegou nos braços, me jogou no chão e começou a me beijar. O beijo de carinhoso foi ficando mais assanhado e quente. Quando nós íamos começar a transar — eu acho — acordei assustada, quando a porta da varanda abriu com o vento de madrugada. Amaldiçoei tanto aquela porta. Logo na hora boa.

“Alô?” Ethan me tirando das lembranças do sonho perfeito.

“Sim, eu sonhei com você.”

“*Jura é? Me conta isso.*” Ele está rindo, noto em sua voz.

“Nunca!”

“*Eu conto o meu*” diz e dou uma risada com desdém.

“Não vou contar mesmo.”

“*Que seja, um dia eu arranco esse sonho de você,*” ele cochicha “*nem que seja a força.*”

“Vamos ver.” Sinto meu rosto doer com o riso do coringa.

“*Queria almoçar com você, mas vou esperar para te ver de noite. Estou me sentindo descontrolado demais.*”

“Tudo bem.”

“Aliás, faça uma mala com roupas. Para uns dois dias.”

“Pra que?”

“Porque eu vou trancar você na minha casa. Dois dias somente eu e você.” Fico em silêncio e ele aproveita. *“Na verdade, não precisa muitas roupas.”*

“Como?”

“Você não vai usar roupas para fazer nada nesses dias”, fala com a voz rouca e solto uma gargalha. *“Traga apenas a roupa da faculdade e para ir embora, na segunda feira.”* Faz uma pausa *“Se você quiser ir embora. É claro.”*

“Você é mesmo muito confiante.”

“Apenas estou certo de que sou bom e você não vai querer ir embora.” Termina como estivesse falando para si próprio.

“Nossa. Melhor eu nem ir, então.”

“Caralho. Não fale uma merda dessas. Agora eu te pego nem que seja a força.”

Estou começando a me sentir quente. *“Vou desligar. Você está me deixando inquieta.”*

“Tudo bem. Desliga que mais tarde eu te acalmo.”

Oh céus! Eu vou ter uma combustão aqui. *“Ethan, à noite eu te vejo. Okay?”*

“Certo, princesa.”

“Vou almoçar agora e começar a me preparar e...”

“O que?”

“Por favor, se comporte de noite e deixe para me descabelar na sua casa. Estou prevendo você acabar com meu look antes de eu chegar ao baile, e eu amo esse evento.”

“Eu prometo me comportar no baile,” diz rindo, *“mas quando eu te pegar nos meus braços mais tarde, vou mais do que te descabelar.”*

Deus do Céu. *“O-ok. Até de-de noite.”* Não creio que gaguejei. *Controle-se Victoria Colton.*

“Beijo minha linda.”

“Beijo.” Assim que falo ele desliga.

Sorrindo, encosto meu celular no meio do meu peito. *Meu Deus.* Ethan me dá umas coisas. Fico perdida. Sinto-me vazia, carente e necessitada sem ele. Ele me faz sentir feliz, encantada e flutuando quando está perto de mim. *Me sinto nas nuvens.*

Suspirando, levanto e deixo o celular em cima da mesa novamente. Tiro o roupão e dou um salto dentro da piscina. Uma bola de canhão, que sempre faço com Clara, aqui em casa ou na dela.

Fico submersa na água com Ethan na minha cabeça. Girando e girando nos meus pensamentos. Sinto perfeitamente meu coração bater mais rápido. Basta pensar nele que meu coração se transborda. Queria ter cumprido minha promessa ou mantido meus pensamentos e emoções. Mas não aconteceu e estou me intoxicando por Ethan. Acho que estou me *apaixonando* por ele. Rápido demais. Estou deixando *ele* me dominar.

Gosto demais de estar com ele, fazer tudo com ele. Seus beijos, suas palavras, seus toques e brincadeiras. Tudo é intenso e marcante. E hoje à noite vou entregar um pouco mais de mim para ele, e ele também. Espero que seja incrível.

Saio da piscina, me enxugo rapidamente e volto para dentro do roupão. “Vem Zeus, saia da água.” Ele me olha e late em resposta. “Agora Zeus.” Suas orelhinhas caem e ele sai da piscina, se sacode todo e vem lamber minha mão. “Bom garoto.” Balança o rabo e corre para onde fica sua casinha. Deve estar com fome.

Fico com um sorriso bobo olhando para onde ele foi. Acho que os cachorros nos entendem e só não falam porque perderiam o charme. Talvez o posto de melhor amigo do homem. Prefiro eles calados. Como dizem; *Quem anda de boca aberta, ou entra mosca, ou sai asneira*.

Sentando na cadeira da piscina e pegando meu celular, escuto chamarem meu nome. Permaneço de pé e me viro para a direção da voz e acabo me deparo com um muro de músculos me apertando em um abraço forte.

“Oi” falo exasperada e surpresa. Will não diz nada apenas me abraça. “Ei”, me afasto e fito seus olhos. “Tudo bem? O que houve?”

Meu irmão respira fundo e acaricia meu rosto gentilmente. “Nada.”

“Nada? Você está esquisito e apareceu aqui desse jeito, me abraçando desesperado.”

“Eu apenas queria te ver”, faz uma pausa e respira “e desde daquele dia que nós brigamos. Eu não falo com você.”

“Will nós vamos nos ver hoje na festa.”

Ele continua mudo, então falo:

“Irmão, eu não estou com raiva de você. Sei que você gosta de me proteger” e murmuro brincando com ele; “mesmo eu achando um exagero.”

“Não, não é exagero.” Diz sem emoção. Seus olhos estão tristes, até a voz está estranha.

“O que houve de verdade? Eu já sei que você vai dizer que não é nada, de novo, mas eu sei que têm alguma coisa?”

Estou achando isso já tem algum tempo e não aguento mais. Minha mãe anda estranha, meu pai mais calado do que o normal, Cora está chorona e Will

fica sempre com essa cara de enterro. Ou eu estou ficando louca, ou eles estão realmente preocupados com alguma coisa e como sempre escondem de mim. Mas eu já tenho dezenove anos, não sou mais criança.

“Vamos, desembucha.” Não vou ceder mais.

Ele coloca as mãos em meus ombros e respira. “Eu não quero te preocupar, mas quero que você fique alerta. Não saia sem Ken e Jorge, por favor.” Ele praticamente implora. “Eu entendo como é chato eles ficarem te seguindo. Mas você sabe que é preciso e agora mais ainda. Então não brigue comigo por querer seu bem.”

Acho que estou em choque, e pergunto em um fio de voz: “Nós estamos correndo perigo?”

Ele confirma assentindo com a cabeça e seus olhos fogem dos meus por alguns segundos.

“Sim, mas não fique nervosa. Não quero que você dê a entender isso a ninguém. Apenas tome cuidado e não saia sozinha. Tente por enquanto ir e vir dos lugares que você precisa sem dar bobeira. Não demore.”

Meu coração está acelerado, porém meu corpo em inércia. Estou *realmente* em choque, sem reação. Não me sinto bem. Will nunca me pediu isso, sempre mandou os seguranças me seguirem e pronto. Já estou até acostumada. E agora ele está... praticamente me pedindo, *implorando*, para colaborar?!

“Por que você está me pedindo isso?”

“O que?” Indaga confuso.

“Normalmente você manda eles me seguirem e foda-se.”

“Olha a boca”, me repreende “e eu estou fazendo como sua mãe mandou.”

“Mamãe mandou fazer isso?”

“Ah...” Por um momento Will fica apreensivo, mas então seu rosto toma a expressão neutra. “Sim, ela pediu para conversar com você. Falou para eu tentar fazer você entender meu ponto de vista e talvez você colaborasse.”

“Hmm...”

“Victoria.”

Abro um sorriso. *Tadinho*, não vou deixá-lo mais nervoso. Faço um carinho no seu rosto e falo:

“Tudo bem. Eu vou ajudar, mas tem um probleminha.”

“Qual?”

“Eu estou namorando”

“Namorando?” Ele pergunta sério.

“Sim e...”

“Com quem e como eu não sabia disso?”

Fico olhando-o bem séria e aperto os olhos, zangada.

“O que foi?” Ele diz.

“Vai me deixar falar ou não?”

Will relaxa um pouco a expressão e assente.

“Enfim... Eu estou namorando e não quero que ele fuja de mim com esses seguranças todos. Não sei se ele vai achar legal nós namorarmos com eles na nossa cola.”

“Número um: Se ele gostar de você vai aceitar. Número dois: Não tem outro jeito. Número três: Quem é ele?”

“É o Ethan”, falo sorrindo.

“Ethan?”

“Ethan Brown.”

Will se distancia de mim e me olha surpreso, com as mãos na cintura, por baixo do paletó. “Aquele patife aproveitou que eu mandei ele te buscar na boate e deu em cima de você”, passa a mão no rosto, exasperado. Mas parece surpreso e não raivoso. “Inacreditável.”

“Na verdade, a gente estava se vendo antes disso.”

“Antes? Quando e onde?”

“Bem antes...” Falo com a voz cantada. “Tipo antes do jantar de boas vinda para ele aqui, semana retrasada.” *Nos vendo sem falar um com o outro, mas sim.*

“Mmm...” Will coloca as duas mãos na nuca e deixa a cabeça pender para trás. Solta uma respiração profunda, pensativo.

“Will... Está tudo bem pra você?”

“Minha opinião conta?” Pergunta e seus olhos ganham um brilho de contentamento.

“Claro que sim.”

Ele sorri de lado. “Acho que está tudo bem sim.”

“Achei que você ia enlouquecer quando soubesse.”

“Não que eu esteja feliz.” Meus olhos se arregalam e ele logo fala: “Não por ser Ethan, Victoria. Duvido que ele apronte alguma coisa. Ethan me conhece e tem muito mais do que um namoro a perder, mas eu não fico feliz porque nunca vou achar divertido você namorar.”

Nossa. Tenho que avisar ao Ethan para comprar uma caixa de *Bourbon* para o meu irmão. Talvez amanse a fera. Rio e dou de ombros.

“Você vai ter que aprender a aceitar isso. Um dia eu vou casar e ter filhos.”

Ele respira fundo, fundo mesmo. “Espero que isso demore muito.”

“Vai um pouquinho mesmo. Sou muito nova.”

“Ainda bem que você pensa assim.”

“Você promete não pegar no pé do Ethan?”

“Só se ele me prometer ser capaz de cumprir com minhas exigências.”

“Quais são essas exigências, Sr. Colton?” Pergunto rindo.

Ele sorri e faz um carinho no meu rosto. “Está parecendo sua mãe falando assim”, e bate brincado no meu nariz. “As exigências são coisas simples. Te fazer feliz, te proteger, não magoar seu coração e jamais fazer você chorar.”

“Nossa! Coisas simples mesmo.”

Will abraça meus ombros e beija o topo da minha cabeça. “Acho que é pouco para o que você merece.”

“Oh...” Will é tão doce, às vezes.

“Não zombe de mim. Estou dizendo o que sempre quero para você.”

“O que vêm a ser isso?” Pergunto olhando para a fonte no jardim, perto do muro.

“Que você seja a pessoa mais feliz do mundo.”

“Do mundo todo?”

“Do mundo todinho, minha princesinha.”

Solto uma gargalhada e o abraço forte, sendo abraçada igualmente. Eu amo, amo, amo meu irmão. Ele é tão incrível. Esse jeito de durão dele sempre me cativou. Sua possessividade é ridícula, mas bem-vinda. O amo demais e aceito suas preocupações. Sei que é por amor. Amor até demais.



WILL ALMOÇOU COM MAMÃE e eu na varanda de casa, aproveitando o pôr do sol. Logo que terminou foi embora, cheio de pressa. Depois, fui correr na academia daqui de casa mesmo.

Agora estou terminando de tomar um banho caprichado. Acabei de sair de uma sessão de depilação nas pernas à cera quente, pela esteticista que veio aqui. Não depilei a virilha hoje, não sou idiota. Sei que precisa de um repouso de dez horas de qualquer contato e hoje eu vou ter muito contato. *Ah... esses pensamentos.*

Saindo do banho, enrolo uma tolha na cabeça e um roupão de algodão macio e sento na cadeira, de frente para minha penteadeira. O cabeleireiro veio fazer meu cabelo e maquiagem.

“Como você quer seu cabelo, queridinha?” Diz Claudio.

“O que você acha que fica melhor com o meu vestido?”

“Mmm.” Claudio cruza os braços a cima do peito, coloca uma mão perto da boca e bate um dedinho, pensativo. “Acho que um cabelo preso para o alto. Um coque solto estilo princesa ia combinar perfeitamente e, por favor, minha florzinha” ele gesticula com as mãos esvoaçantes “nada de colar. No máximo um brinco de pedras brilhantes e anéis com pulseiras combinando.”

“Tudo bem” falo sorrindo.

“A *make* eu vou arrasar” diz segurando meu cabelo para o alto com a mão e encosta o rosto perto do meu. Fita meus olhos pelo reflexo do espelho. “Vou te deixar tão linda que teu *boy magia* vai revirar os olhos.” Dou uma risada alta tão forte que da cozinha acho que podem me ouvir. “Na verdade, coração. Vou te deixar mais gata, não é. Porque você já é um escândalo.”

“Obrigada” agradeço com as bochechas vermelhas.

“De nada minha florzinha. Agora, mãos à obra.”

Eu o adoro. Claudio é muito engraçado. Faz meu cabelo desde menina. Ele é amigo de Cora — que o conheceu há quinze anos no salão que fica perto da sua casa atual em Santa Monica — então Claudio virou meu amigo também e foi um dos únicos, tirando Clara e Cora que sabiam do meu *Watchman*.

Nossa, quando eu contei tudo que está acontecendo comigo e Ethan agora, Claudio ficou como ele diz: “*Rosa magenta*”. Feliz da vida com a notícia e está louco para ver o Ethan pessoalmente. Confesso que estou morta de curiosidade para esse encontro. Tenho certeza que ele vai deixar meu namorado vermelho de vergonha.

Uma hora e meia se passa — não sinto nem mais minha bunda de tanto tempo sentada — e Claudio está agora na minha frente com uma mão na cintura e a outra no rosto. Avaliando seu trabalho.

“Acho que está faltando um pouco de brilho labial.”

“Não.” Eu grito me levantando com cuidado da poltrona sem braço, no meu Closet. Acabei de calçar meu *Jimmy Choo*: altíssimo, branco e lindo. Um salto agulha de quinze centímetro e coberto por estrasses de cristal. Absolutamente perfeito. “Já chega de brilho”, pedi me olhando no espelho. “Daqui a pouco vou parecer uma *Drag Queen*.”

“Não vejo problema nisso.”

“Claro que não”, sorrio irônica.

Vou para frente do outro espelho, corpo inteiro e admiro meu vestido. Ele é azul da mesma cor da gravata que escolhi para Ethan. Um azul Royal lindo e elegante. A parte de cima é de um ombro só, bem acinturado e a parte debaixo, solta em algumas camadas atrás, fazendo-o ficar encorpado. Ele é de seda cintilante, um pouco opaco. Um verdadeiro luxo. E tem um *detalhe* que tenho certeza que vai deixar Ethan de boca aberta.



ETHAN MANDOU MENSAGEM dizendo que estava me esperando no final das escadas. E agora estou descendo elas, nervosa e ansiosa a cada passo que dou.

Chego no final, no último degrau, me deparo com um Ethan pensativo e radiante de costas para mim. Está lindo, mesmo não vendo seu rosto. O acho maravilhosamente lindo de todos os ângulos. Sua postura de homem confiante e um tanto atrevido, exala um charme que conquista qualquer um, principalmente as mulheres.

Pigarreio e ele lentamente começa a se virar. Quando está totalmente de frente para mim, cara a cara, dá um passo para trás, como tivesse sido atingido por alguma coisa, cambaleia e sua boca abre-se em surpresa.

Seus magníficos olhos azuis viajam pelo meu corpo. Descem e sobem lentamente com uma sensualidade nítida. Esse olhar simplesmente faz eu me sentir quente e tenho que confessar que estou excitada. O jeito que ele me olha, faz meu coração galopar dentro do peito. Parece um tambor meus batimentos. *Será que meu peito está pulando? Ele consegue ouvir?*

Voltando seus olhos para os meus, Ethan dá um passo para frente, se aproxima e coloca as mãos no bolso. Sorrio e observo quando ele diz com a postura de um deus poderoso.

“Nossa...” ele engole em seco, “você está maravilhosa.”

Um grande e feliz sorriso domina meu rosto e eu consigo até sentir meus olhos soltarem faíscas.

“Você gostou é?” Pergunto abrindo os braços, reverenciando meu visual.

Ele caminha mais três passos e tirando uma mão do bolso, pega a minha e a beija cordialmente. “Gostar é pouco, minha querida” fala com a boca encostada na minha mão.

A cena da Rose em Titanic passa na minha cabeça. Quando Jack pega a mão dela e dá um beijo, e ele fala: *“Eu sempre quis fazer isso.”* E agora sou Rose, penso como uma boba fitando Ethan.

Suspiro e dou de ombros, fazendo charme. Ethan sorri e aproxima o rosto do meu. Beija os dois lados do meu rosto, meu nariz e fala com a boca colada na minha.

“Não vou beijar sua boca agora.”

“Por quê?”

“Não sei se eu vou conseguir parar. Seu vestido é lindo, você está gostosa demais e essa fenda na frente dele, está me deixando meio psicopata.”

Ele reparou bem no *detalhe* do vestido. A fenda não é nada discreta. Ela vai do topo das minhas coxas, abrindo-se até o chão, deixando minha perna amostra e fazendo meu vestido ter uma calda volumosa, que me permite caminhar facilmente.

“Então, deixa o beijo para mais tarde” e se afasta. Faço cara feia para ele e biquinho. “Pode fazer essa cara o quanto quiser. Estou apenas seguindo suas

ordens.”

“Minhas ordens?” Pergunto fingindo estar confusa.

“Lembra que você falou para eu não destruir seu look antes da festa?” Ele agarra minha cintura. Aproveito e passeio minhas mãos por seu peitoral, sentindo seus músculos por baixo do terno luxuoso.

Assinto, abraço-o e chego minha boca no seu ouvido. “Você também está muito irresistível com essa roupa e estou ansiosa para que você destrua meu look.”

Ethan aperta minha bunda, colando nossos corpos e posso sentir seu pênis semiereto na minha barriga. “Não vou apenas destruir seu look.” Ele murmura e morde minha orelha, me deixando arrepiada. “Vou te destruir toda.”

Oh céus...



ENTRAMOS NA LIMUSINE E NOS acomodamos um ao lado do outro. Ethan passa o braço atrás de mim, me puxando para ele e eu deito minha cabeça entre seu peito e o ombro. É tão estranho essa dependência de carinho que sinto por ele. Já me acostumei a receber e adoro o fato dele estar me abraçando agora e afagando meu ombro delicadamente. Fecho os olhos e sorrio.

Na frente estão Ken e Jorge com o motorista, que vim descobrir que é o mais novo motorista e segurança de Ethan. Ele me disse que a partir de agora também vai tomar providências de segurança para ele e lógico que para mim. Ele disse que conversou com os pais e o irmão, e todos agora estão tomando precauções maiores para proteções. Eles sempre tiveram motoristas e seguranças, mas eu acho mesmo que Ethan está fazendo isso por causa de mim e tenho quase que 100% por cento de certeza que meus pais falaram alguma coisa para ele. Não sei se gosto disso. Não quero deixar Ethan neurótico ou irritado com essa vigilância toda. Tenho receio que isso possa fazer ele correr para longe de mim.

Enfim, chegamos ao local do evento e como sempre tem os fotógrafos em seus postos, atrás da cerca de ferro, tirando fotos sem parar dos convidados. Esse evento seria uma coisa banal para *Los Angeles*, ou melhor para o país se a COLTON & BROWN não tivesse tantos contratos com firmas de modelo e marcas famosas. Representantes da *Honda*, *BMW*, *Prada*, *Colcci* e entre outras estão na festa.

O evento é girado entorno da comemoração do aniversário de trinta e oito anos da empresa e sem contar que também acontece um leilão para arrecadar fundos para as Instituições de menores carentes e para minha ONG de animais

desabrigados.

Ethan oferece seu braço para mim quando saímos do carro e nos guia para dentro do salão, mas não antes de dá uma paradinha — nada obrigada por gritos — para os paparazzi. Sorrimos e fazemos poses para os flashes. Meu olho chega a lagrimejar com tantos holofotes.

“É a parte mais chata de vir nesse baile”, falo entre os dentes com Ethan, sorrindo automático para os fotógrafos.

“Não gosta de fama?” Ele fala comigo, o rosto virado para mim.

“Não curto isso. Principalmente com a vida de seguranças que me cercam vinte e quatro horas.”

Falando no *diabo*. Ken e Jorge, e agora Sebastian — segurança de Ethan — estão colados em nós. Dois atrás e um mais à frente.

“É o preço a se pagar por ter uma família rica e por ser linda desse jeito.”

Agora o sorriso estampado na minha cara é verdadeiro. “Obrigada.”

“Não há de que e” ele chega à boca perto do meu ouvido “eu estou ficando louco com esses olhares em você.”

“Não seja bobo Ethan. Eles estão apenas tirando fotos dos filhos dos donos da empresa.”

Ele aperta sua mão na minha cintura. “Com certeza e aproveitando para olhar sua perna de fora.”

“Ai meu Deus.”

“*Ai meu Deus* mesmo” ele morde minha orelha. “Você está levando esses homens a loucura. Estou morrendo de ciúmes.”

Sorrindo viro meu corpo para ele e ajeito sua gravata, apenas como desculpa para falar olhando seus olhos. “Não precisa sentir ciúmes, já falei isso. Eu não vejo um homem mais lindo aqui para me fazer revirar os olhos e como você vive dizendo,” faço voz grossa, imitando a dele; “eu sou sua”.

Ethan dá uma gargalhada — coisa rara de se fazer — e beija minha boca. “Fico realmente satisfeito que você tenha gravado isso.”

Oh! Se eu não gravei e espero que ele seja meu também, porque depois de me beijar em público, realmente em público. É oficial. Agora nossa foto juntos vai estampar as revistas de fofoca do país todo. E já estou até vendo: *Os Colton e Brown finalmente estão unidos*.



Estou extasiada como o local está perfeitamente belo. Tudo em vidro, branco e prata, em um salão amplo e enorme com colunas de ferro que sustentam o teto à uns 5 metros de altura. O salão não tem paredes. No canto há um jardim de

grama viva e verde, um belo gramado com lindas árvores e um chafariz maravilhoso se destaca na entrada do evento. Mesas estão postas em volta da pista de dança e do palco gigante em frente, tudo embaixo da cobertura do salão. O buffet de petiscos e doces está em uma das laterais do salão com mesas de vidro compridas, próximas aos toaletes, mas como sempre o jantar será servido pelos garçons. E cada prato custa 10.000 dólares para a arrecadação das instituições.

“Olha lá seus pais.” Ethan fala nos levando para onde aponta.

Meus pais estão no canto da festa, perto do palco, conversando com alguns convidados. Minha mãe está linda com um vestido preto com uma calda simples e de um ombro só. Papai também está de preto, usando um smoking com a gravata borboleta branca, como a blusa de linho.

“Nossa” alguém fala atrás de mim e me virando vejo Clara. “Amiga você está um arraso.”

“Obrigada e você está igualmente linda” Elogio e ela sorri em agradecimento. Ela está usando um vestido branco perolado de gola alta, mas sem mangas. Estupidamente lindo, marcando suas curvas simples e um sapato alto. Está quase da minha altura.

“Olá, Ethan” diz minha amiga sorrindo ao cumprimentar meu namorado, que faz um simples aceno com a cabeça.

“Olá, Clara. Tudo bem?”

“Tudo ótimo e a propósito, obrigada pelo par que você me arrumou.” Sinto um tom excessivamente humorado em sua voz.

“Espero que Lucca esteja lhe tratando bem.”

“Até agora ele está se saindo bem, quero ver mais tarde” minha amiga declara piscando o olho sugestivamente.

“Clara!” Exclamo envergonhada.

“O que foi? Estou apenas me expressando.”

“Até demais. Não acha?”

Ela sorri com desprezo. “Te vejo depois.” Pisca o olho e dando um *tchauzinho*, deixa eu e Ethan.

“Não entendo vocês serem amigas.” Ele resmunga fitando minha amiga andando.

“Por quê?”

“Ela é tão diferente de você”, diz ainda distraído.

Sorrindo vou para frente dele, fazendo-o olhar para mim. “Eu acho que nunca uma amiga pode ser igual à outra. Se não, sei lá... pode não surgir o efeito real da amizade.”

“Como assim?” Franze a testa.

“As diferenças, Ethan, servem para poder ver se os amigos são realmente amigos. Elas servem para aconselhar, ajudar e até mesmo brigar uns com os outros. Os amigos de verdade normalmente são muito diferentes, porque é na hora de pensar em grupo que vemos se somos ou não amigos de verdade. Deixamos de lado nossas diferenças e nos apoiamos. Entende?”

Ele assente e diz: “Então é por isso que meu melhor amigo é meu irmão.”

“É,” aceno afirmando seu pensamento. “Você e Anton são como azeite e vinagre, mas eu reparei que se dão bem.”

“Muito bem” ele pisca e me olha concentrado. “Só que agora eu tenho um novo melhor amigo, ou melhor, nova.”

“Quem é?” Pergunto sentindo meu coração saltar dentro do peito.

“Você, minha linda. Quero você muito mais que minha namorada. Que seja minha melhor amiga também.”

“Então que assim seja feito” digo e ele sorri encostando de leve a boca na minha boca.

“Se comportem pombinhos” Cora fala chegando perto de nós. “Minha princesa você está digna do seu título.” Me afastando de Ethan, permito que ela me abrace e depois cumprimente ele também, com dois beijinhos no rosto. “Você está lindo também.”

“Obrigado, Cora e com todo respeito, você está muito bonita.”

Ela está mesmo linda com um vestido sereia vermelho escuro, tomara que caia. Um colar simples, com um pingente de gota de cristal, adorna seu pescoço fazendo conjunto com os brincos de gota de cristal. Cora é minha inspiração. Sua elegância é meu guia desde menininha.

“Oh querido, obrigada.” Agradece e se vira chamando: “William.”

Sinto minha mão sendo esmagada pelo aperto forte, vindo do meu namorado. Viro meu rosto para ele, tentando entender o porquê disso. “Ei?” Chamo sua atenção e ele me olha fazendo um sinal negativo com a cabeça. “Por que você está assim?” Insisto confusa.

“Não é nada”, me responde, apertando a mandíbula.

Flexiono minha mão para aliviar seu punho, mas ele não cede. “Você vai quebra a minha mão” falo baixinho apenas para ele ouvir.

“Me perdoe.” Ele afrouxa e leva minha a mão até sua boca, beijando delicadamente.

“Boa noite”, Will surge à nossa frente. Lindo de matar.

Eu sei que ele é meu irmão, mas não sou cega para negar como ele é lindo. Está com um terno cinza chumbo, colete preto e a gravata borboleta igualmente preta. Os cabelos penteados, ou melhor, levemente penteados com a própria mão e um olhar matador para cima do Ethan. *Mmm...* Agora entendi o motivo de eu

ter quase que mandar engessar meus dedos. Meu querido namorado está com medo do meu possessivo irmão. Rio por dentro da cena na minha frente.

“Boa noite” dou um passo à frente e abraço Will. “Não seja rude com ele” peço sussurrando no seu ouvido.

“Já prometi que não vou”, responde baixo no meu ouvido também.

“Então tira esse olhar matador da sua cara.”

“Desculpe, princesa. Isso é meu natural.” Sem conseguir segurar, solto uma gargalhada e me afasto dele, que se vira para Ethan e estende a mão. “Tudo certo, Ethan?”

“Tudo sim, William” responde e aceita a mão do meu irmão.

Cora percebe uma áurea fria no ar e intercede. “Se divirtam e aproveitem a festa.” Me abraça de novo e fala no meu ouvido: “Vou tirar William daqui antes que ele mate seu namorado, querida.” Faz um carinho em mim e então enlaça o braço de Will. “Vamos continuar a cumprimentar os convidados e daqui a pouco nos encontramos para o jantar.”

“Claro”, assinto para ela, que pisca e sai com Will. Finalmente.

Me viro para Ethan e o pego me fitando. “Acho que ele não ficou muito satisfeito em eu estar com você.”

Acaricio seu rosto e ele beija a palma da minha mão carinhosamente. “Não foi isso não. Will apenas é um pouco possessivo demais em relação a mim.”

“Um pouco?” Ele debocha.

“Um pouco demais, eu sei. Mas deixa isso para lá.” Abraço ele e ficando na ponta dos pés sussurro no seu ouvido: “Apenas não me faça chorar, não me magoe, me proteja e” tento me lembrar da última coisa que meu irmão falou. “Tem mais uma coisa...”

“Do que você está falando?”

“Estou falando das exigências de Will. Falta uma” penso, penso e “Ah lembrei. Me faça feliz. Isso mesmo. Não me magoe, não me faça chorar, me proteja e me faça feliz.”

“Nossa. Ele falou isso tudo?”

“Sim.”

“Quando?”

“Hoje logo depois que você ligou. Ele chegou lá em casa todo estranho. Conversou comigo sobre os seguranças e então eu disse que fico preocupada que você não vá gostar deles na nossa cola — ”

“O que eu quero é te manter segura”, ele me corta. “Não ligo para eles.”

Beijo seu rosto e falo quase a mesma coisa que William disse mais cedo. “Ele disse que se você gostasse mesmo de mim, não iria se importar.”

“Ele tem razão e eu gosto muito de você.” Beija meu pescoço e eu o beijo

no queixo, me afastando para ver seus olhos, o escuto. “Eu não ligo para os seguranças. Mas quero que eles nos deem privacidade quando for preciso.”

“U-hum, concordo.” Dou de ombros. “E Will disse isso e suas exigências depois que comentei com ele sobre você.”

Ethan aperta mais meu corpo e me dá beijos barulhentos. “Então ele pode ficar despreocupado. Minha missão na vida é fazer você feliz, não te fazer chorar, te proteger e jamais te magoar”, diz com a voz grossa e me beija suavemente. Fecho os olhos e quase flutuo.

Quando nos desgrudamos, vamos cumprimentar meus pais, que graças a Deus nos trata como normais. Namorado da filha e filha. Depois é a vez de Anton, Jennifer e Hannah. Deles eu posso dizer que parece que tínhamos combinado alguma coisa. Jennifer recebe a notícia com um belo sorriso e está me chamando de cunhada. E Anton Brown, me senti quente, não de excitação e sim de nervoso com seu abraço de boas vinda à família. Meu deus. Eu só estou namorando o irmão dele, não estou noiva. Anton realmente adorou a notícia, me deixando ansiosa para ver a reação da mãe e do pai deles.

Será que eles vão gostar de eu estar namorando o filho deles?

Aaron e Lauren me tratam como da família há muito tempo e desde que Hannah virou uma espécie de fã minha, o carinho ficou maior. *Espero que eles gostem de eu estar namorando Ethan.*

E Hannah, por sua vez, vai na onda do pai que é um grandessíssimo engraçadinho, e me chama de tia bem alto e pula para mim, pedindo colo.

“Oi Hannah.” Falo com ela nos braços.

Segurando meu rosto, ela beija com carinho meu rosto. “Você é minha tia agora?” Pergunta passando as mãozinhas no tecido do meu vestido, do lado direito do meu ombro.

Sem graça, sorrio e olho para Ethan e Jennifer pedindo ajuda, porque o Anton não presta. Eu não sei se sou tia dela. Acho que isso só... se eu casasse com Ethan. *Não sei. Estou confusa.*

“Ela é minha namorada, meu anjinho.” Ethan pega a menina do meu colo e fala com ela baixinho. Uns minutos depois ela se vira para mim, sorri e volta a olhar para o tio e o aperta com os bracinhos em volta do seu pescoço, fazendo-o sorrir que nem um idiota. “Também acho” ele murmura para ela.

O que ela falou para ele falar isso?

É tão lindo eles dois juntos. Me enche de alegria como se dão bem e se amam. Um carinho intenso e apaixonante, que naturalmente me deixa feliz. Feliz de ver Ethan sendo um homem de família e irresistível.

Após toda a gracinha de Anton, todos vamos nos sentar à mesa com meus pais, Cora e Will, para jantar e ver o leilão.

A comida está dos deuses e por alguns segundos fico em dúvida no que pedir do cardápio, mas acabo escolhendo a lasanha de quatro queijos, que peço todo ano. Nosso cardápio mantém o padrão por anos.

Enquanto o jantar é servido, Will e papai apresentam a festa, agradecem a presença de todos e chamam Ethan e Anton para falarem em nome de Aaron Brown. Depois um mestre de cerimônias começa a apresentar as peças e fazer o leilão. As pessoas dão seus lances e assim que acaba o leilão, fazem o balanço geral das doações feitas e arrecadações, e divulgam o valor. O total foi de mais de 4 milhões e quinhentos mil *dólares*.

Ethan vem do palco sorrindo para mim com seu andar galanteador, roubando olhares de todas as mulheres. *Podem acharem que sou cega, mas estou observando-as, e muito bem*. Mordo meu lábio inferior — para segurar o sorriso. Quando ele chega mais perto, consigo sentir minhas feições alegres e quentes transbordarem de felicidade sem esconder de ninguém. Parando na minha frente, ele faz um cumprimento cordial, bem à moda antiga, se curvando e oferece a mão para mim.

“Me daria a honra dessa dança?”

Meus lábios escapam dos dentes, deixando ele ver meu enorme sorriso.

“É claro” sussurro.

Aceitando sua mão, ele me leva até o meio da pista de dança e começa a me conduzir. Sua mão esquerda segura a minha direita: para o alto e próximo ao nosso corpo. E sua mão direita descansa na minha lombar. Já a minha mão livre, passeia por seu braço direito vagarosamente.

“Hoje eu não estou dançando com meu irmão pela primeira vez” falo sonhadora, olhando minha mão que vagueia em seu braço, que está colado ao meu corpo e depois subo para o seu ombro.

Mesmo quando namorava George, aquele patife, nunca dancei com ele nesse baile. Ele dizia que não sabia dançar música de salão e Will como um maravilhoso irmão, era quem me conduzia. George era idiota. Eu só podia estar sobre efeito de alguma *magia negra*.

“É mesmo?”

“U-hum.”

Passeio meus dedos por seu ombro, sentindo-o me conduzir pelo salão. A música é calma, uma das que eu mais amo de Frank Sinatra: *Fly Me To The Moon*. Sou jovem, mas aprendi com minha mãe e com a vovó Maya a amar música boa, e Sinatra era um mestre das canções. Suas letras são perfeitas e com toda certeza ajudou e ajuda muitos apaixonados a se expressarem com elas quando os faltavam palavras.

“E você está gostando de dançar com alguém diferente?” Sua voz

transparece nervosismo, e por isso olho para o seu rosto e sorrio.

“É claro que sim.”

“Que bom.” Ele sorri e me rodopia com maestria: esticando nossos braços e me puxando para ele de novo. “Estou feliz que você goste”, fala no meu ouvido quando estou nos seus braços de novo.

Dançamos, quase fazemos um pequeno show, porque Ethan dança comigo como se nós estivéssemos participando daquelas competições de dança de salão. Rio que não me aguento mais de felicidade.

“Eu não sabia que você era um pé de valsa.” Falo quando ele me abraça dançando a música lenta de Aretha Franklin.

“Você não sabe muitas coisas sobre mim ainda, princesa.” Diz rindo.

Levanto minhas sobrancelhas, curiosa. Mas ele apenas sorri e eu o deixo me levar, me fazendo flutuar pelos seus passos. Quando outra música está perto do fim, ele dança mais devagar e beija meu rosto.

“Obrigado pela dança.”

“Não há de que”, digo sorrindo. *Como se meu sorriso pudesse sair do meu rosto.*

“Posso dançar com você?” Will pergunta de bom humor, ainda bem, aparecendo ao nosso lado.

“É claro.” Ethan responde e me solta de modo que me oferece a Will.

“Dança comigo Ethan?” Cora aparece também e meu príncipe cordialmente pega sua mão e a conduz para distante de William e eu.

Nos braços do meu protetor voraz, me encaixo e danço ao som de Sinatra mais uma vez com a música preferida da minha mãe e minha: *The Way You Look Tonight*. Balançando para lá e para cá, deixo minha cabeça seguir o balanço e me solto. Ele gira meu corpo sorrindo e volta a me puxar.

“Você parece feliz.” Falo para ele que assente, sem perder o bom humor. Seus olhos chegam até a brilhar.

“Você sorrindo me deixa feliz e... você está” ele sussurra como um segredo “sorrindo até os olhos, minha princesinha.”

“É porque eu estou feliz.”

“Maravilha” ele me gira e assim eu chego perto de Ethan e ele pisca o olho para mim, me fazendo soltar uma risada.

“...Lovely...Never ever change...Keep that breathless charm...Won't you please arrange it...” canto junto com a música “...Cause I love you...Just the way you look tonight...And that laugh.”

Will me olha atentamente e fico curiosa. “O que foi?” Pergunto.

“Acho que você mentiu pra mim.”

“Sobre?”

“Demorar alguns anos para me deixar.”

“O que? Te deixar? Como assim?” Estou confusa.

“Você disse que iria demorar mais alguns anos para casar.”

Rio de jogar a cabeça para trás. “Nada a ver, Will. Por que está falando isso? Eu sempre fico feliz no baile.”

“Não estou falando do baile.”

“Então o que?”

“É do jeito como ele olha pra você e você olha pra ele.”

Franzo minha testa, e meus olhos se arregalam surpresos. Não sei bem o que ele está querendo dizer. Beijando meu rosto ele se separa de mim sorrindo quando a música acaba e vai para mamãe, dançar com ela e vejo meu pai com Cora. Ethan aparece na minha frente e me olha intrigado.

“Por que essa cara?”

Desperto dos meus pensamentos e olho para ele. Por uns poucos segundos tento achar aquilo que Will falou. *O jeito que ele me olha?*

“Tudo bem?” Ele insiste.

“U-hum.”

Sorrindo ele me leva para fora da pista de dança. “Vamos tomar alguma coisa e depois voltamos a dançar. Okay?”

“U-hum.”

“U-hum?” Diz se divertindo.

“U-hum.” Assinto.

“Você é adorável.” Ele beija meu rosto. “Até quando está estranhamente calada.”



NO CAMINHO PARA O BUFFET, Ethan encontra uns amigos que eram da sua escola e me apresenta. Eles foram muito agradáveis e o tal acompanhante da Clara, Lucca Wild me olhou dos pés à cabeça, bastante curioso. Não entendo o motivo, mas não pergunto também. Ainda estou um pouco tonta com meus pensamentos. As palavras de Will estão martelando em meu cérebro.

Um garçom nos serve um champanhe maravilhoso e Ethan brinca com os doces da mesa e passando o dedo em uma torna de *chantilly*, suja meu nariz.

“Ethan!” Exclamo chateada. Na verdade, eu não sei se estou chateada com a brincadeira. Apenas me sinto estranha. *O jeito que ele me olha?*

“Por que você não está mais sorrindo?” Pergunta e continuo séria. Então ele me abraçar, dando um beijo no meu nariz. “Desculpe.”

“Não precisa pedir desculpas” beijo seu rosto de volta.

Afastando o rosto, ele olha para mim e faz uma careta. “O que você tem?”

“Nada.” Passo as mãos pelos seus braços, subindo até os ombros e as deixo atrás da sua cabeça, enterrando meus dedos em seus cabelos. “Deixa pra lá.”

Ele levanta as sobrancelhas, curioso, mas acaba sorrindo. “Se você está dizendo, eu vou esquecer, mas volte a sorrir.”



ESTAMOS VOLTANDO PARA A PISTA DE DANÇA, de mãos dadas e meu humor melhorou um pouco. Principalmente depois de Ethan ter me levado para o cantinho — escondido ao lado do banheiro — e me dar um beijo que me deixou sem fôlego. Passando pelo bar do salão, Claudio aparece e faz um show.

“Você está uma deusa, Victoria Colton.”

Rindo me viro para Ethan, que está com uma cara de interrogação para o meu cabelereiro, e não é para menos. Seu terno rosa cintilante, o colar de esmeralda combina com seu *Scarpin* preto com um pingente verde.

“Ethan esse é Claudio, meu cabeleireiro.” Viro-me de um para o outro, e continuo. “Claudia esse é meu namorado, Ethan Brown.”

Claudio não resiste e batendo as mãos nas pernas e depois na frente do rosto, diz com as mãos na cintura: “Mana, você não me contou que seu *boy magia* era realmente mágico”.

Ethan pigarreia e levemente aperta minha cintura com o braço que está envolta do meu corpo.

“Não o deixe constrangido”, falo entre os dentes, mas achando graça.

“Que isso gata.” Claudio concerta a postura, ou seja: empina o bumbum, o peito e faz um bico, estendendo a mão para Ethan. “Prazer em finalmente lhe conhecer. Victoria falou bastante de você para mim.”

Ethan o cumprimenta e vira o rosto para mim curioso. “Foi é?”

Penso em uma resposta para lhe dar, mas Claudio fala antes: “Aaah... se falou. Me disse que você comia ela com os olhos na academia, mas achava que você era mudo. Porque nunca falava.”

“Eu não disse isso” balanço a cabeça, negando para Ethan e olho para Claudio.

“Florzinha foi o que deu a entender.” Ele gesticula com a mão para mim.

Meu Deus, do céu, eu nunca falei isso.

“Bem, Claudio” lá vem meu Watchman falando com ar superior e sarcástico ao mesmo tempo, “eu fazia isso porque como você pode ver, Victoria abala qualquer um e eu estava em choque de quão bela ela é”, me olha com ternura e termina: “Porém, agora eu faço mais que falar com ela”.

“Jesus, que homem é esse.” Claudio fala.

E eu estou vidrada nos olhos do meu príncipe, com meus olhos arregalados e sinto minhas bochechas queimarem da vergonha que senti em ouvi-lo dizer isso. Ethan beija meu rosto e fala no meu ouvido:

“Não fica vermelhinha porque eu disse isso.”

Suspiro e sorrio.

Nos despedimos de Claudio e caminhamos um pouco pelo salão de festa. Até que Ethan pede para eu aguardá-lo enquanto vai ao banheiro. Fico esperando próxima a porta, assistindo a festa. Vejo meu irmão conversando com algumas pessoas, mamãe, Cora e Jennifer sentadas na mesa, Anton vigiando Hannah brincar com as outras crianças da festa, só meu pai que não consigo encontrar pela multidão.

Ethan volta do banheiro e agarra minha cintura, me dando um beijo no pescoço. “Vamos dançar, minha coisa linda.”

Sorrio e entrelaço nossos dedos voltando para a pista de dança.

Dançamos umas quatro músicas. E agora sorrio quando reconheço a música que acaba de começar: *Can't take my eyes off you*. E Ethan canta para mim. Não consigo desviar os olhos dos seus.

“You're just too good to be true... Can't take my eyes off you... You'd be like heaven to touch... I wanna hold you so much... At long last love has arrived... I thank God I'm alive.... You're just too good to be true... Can't take my eyes off you.”

Você é boa demais para ser verdade... Não consigo tirar meus olhos de você... tocar você seria como tocar o céu... Eu quero tanto te abraçar... Finalmente o amor chegou... E agradeço a Deus por estar vivo... Você é boa demais para ser verdade... Não consigo tirar meus olhos de você.

“Sabe, devido a sua mania de olhar pra mim, essa música é ideal pra você” falo fazendo um carinho na sua nuca, com os braços nos seus ombros.

“Com toda certeza.” Diz e continua a cantar a todo vapor, sem errar uma única vez a letra da música. Sinto uma emoção tão grande dele fazendo isso. Simplesmente porque a letra é per-fei-ta.

“Pardon the way that I stare... There's nothing else to compare... The sight of you leaves me weak... There are no words left to speak... But if you feel like I feel... Please let me know that it's real...” ele me rodopia no mesmo lugar e abraça minha cintura com um braço só depois. “You're just too good to be true... Can't take my eyes off you.”

Perdoe o jeito como eu olho... Não há mais nada para comparar... A visão de você me deixa fraco... Não há palavras para falar... Mas se você se sente como eu me sinto... Por favor, diga-me que é verdade... Você é boa demais para

ser verdade... Não consigo tirar meus olhos de você.

Estou levando na boa seu show. Até a segunda parte da música não vejo problema nenhum. Só não espero que ele continue cantando com o pulmão cheio em um volume que os demais casais — a nossa volta — possam escutar o *refrão*. Eu o olho desesperada, quase dizendo. *Não, o refrão não.*

“I love you, baby... And if it's quite alright... I need you, baby... To warm a lonely night... I love you, baby... Trust in me when I say... Oh, pretty baby... Don't bring me down, I pray...”

Eu te amo, baby... E se não tiver problema... Eu preciso de você, baby... Para aquecer as noites solitárias... Eu te amo, baby... Acredite em mim quando eu digo... Oh, coisinha linda... Não me deixe deprimido, eu imploro.

E ele canta o refrão.

Ai meu coração.

O escuto e mentalmente repito a frase: *É apenas uma canção, não leve a sério. É apenas uma canção.*

Só que Ethan canta olhando nos meus olhos e por força maior, acabo me agarrando a ele, escondendo o rosto no recuo do seu pescoço e do ombro. Não quero terminar de escutar a música olhando para os olhos dele. Não posso. Não consigo. É demais. E agora eu que estou implorando. Implorando para a canção acabar.

“Oh, pretty baby, now that I found you, stay...” ele canta baixinho agora no meu ouvido, fazendo carinho nos meus cabelos “And let me love you, baby... Let me love you.”

Oh, coisinha linda, agora que eu te encontrei, fique... E me deixe te amar, baby... Me deixe te amar.

“Eu canto tão mal assim pra você se esconder de vergonha?”

Solto uma respiração profunda, dando graças a Deus que a canção acabou e começa outra, menos romântica. Eu imploro universo. Por favor, menos romântica. Sinto Ethan me apertar, como se estivesse pedindo para eu responder sua pergunta. Levanto meu rosto e beijo o dele.

“Você canta muito bem.”

“Então por que você ficou estranha?” Está me olhando profundamente e sinto como está preocupado com meu estado melancólico.

Viu Victoria, para ele foi apenas uma canção, nada demais. Não pire. Controle-se!

“Acho que eu preciso de dança de verdade.”

“Quer ir para a outra parte da festa?”

Na festa tem a parte da cerimônia — onde estamos — aqui toca as músicas clássicas. E a outra parte, onde tem uma pista de dança fechada com direito a

luzes e fumaça, toca as músicas de balada, mais agitadas. Eletrônica, hip hop e remix.

“Quero.”

“Então vamos dançar” diz sorrindo, me levando pela mão.



Estamos agora dançando uma música nada romântica e sentimental. Dou graças a Deus. Eu amo música romântica, mas com Ethan não consigo ver como apenas palavras jogadas ao vento. Me sinto emotiva em ouvi-lo cantar, dançar e me dando beijos carinhosos em mim, com canções de amor. É demais pro meu coração. Chega por agora de *Sinatra, Louis Armstrong, Aretha Franklin e etc.*

Aqui a festa é de verdade. O som é enlouquecedora e não tem como deixar o corpo parado. Dançando com Ethan na minha cola, mexo meu corpo conforme as batidas e girando meu corpo de frente para ele, o vejo sorrindo com malícia.

Ele chega perto, agarra meu corpo e fala no meu ouvido. “Hoje você pode dançar assim.”

“É?” Rio achando graça. “Por quê?”

“Porque estou com você e dou uma surra se algum babaca tentar mexer com você.”

“Mmm...” Gemo no seu ouvido e deixo um beijo no seu pescoço. “Mas eu não deixaria.”

“Claro que não.”

“Claro que não”, imito e murmuro. “Eu só quero você mesmo.”

“Acho bom, porque eu só quero uma loira gostosa e sorridente que atende como minha namorada.”

Me derreto toda e meus lábios se curvam mais. Aperto-o com os braços no seu pescoço. Ele passa as mãos pelo meu corpo — e meu *Pai do céu*, que coisa maravilhosa é sentir essas mãos gigantes me marcando. Cada pedacinho que ele escorrega com vontade elas, me derreto e aqueço. Ethan inclina o rosto e beija meu ombro descoberto e sobe a boca lentamente até à baixo da minha orelha e morde de leve o lóbulo.

Solto um suspiro trêmulo e desejo mais. Nunca senti essa vontade antes com George e é tão avassaladora. Agarro seus cabelos e colo sua boca na minha. Nos beijamos no ritmo da música: uma batida suave e firme. Quente, fogo. Desejo, fome. Fúria e excitação. Descontrole representa a descrição do nosso beijo neste momento. Seus braços me apertam mais, me puxando para o seu peitoral, e coloco meu peito no dele sem deixar uma fresta para um *ventinho* passar. E sedutoramente ele movimenta o corpo, nos desloca do

lugar com firmeza, e como ele é muito mais forte que eu, apenas o acompanho.

A música muda e ele para de me beijar — vagarosamente — e morde meu lábio. “Não acha que está na hora da gente ir não?”

Abro um sorriso daqueles de comercial de pasta de dente e passo meus dedos por seu rosto catalogando suas feições. Como um homem assim pode existir? Me pergunto apaixonada pelo seu rosto. Ele é tão lindo. Deveria ter uma lei para homens bonitos demais no mundo. Passo o dedo na sua sobrancelha loirinha, por suas pálpebras — porque ele fecha os olhos enquanto faço carinho nele — e por seu nariz, e desenho o contorno da sua boca.

“Você é tão lindo” murmuro alto para ele conseguir me ouvir sob a música.

Ethan abre os olhos e franze a testa. “Obrigado, você também é muito linda” diz e me beija devo. “Mas nós podemos ir embora agora?”

“Antes quero ir ao banheiro.”

“Sem problemas. Vamos ao banheiro e depois nos despedimos do pessoal.”



SAINDO DA CABINE DO TOALETE, vou lavar as mãos. Confiro minha maquiagem, ainda intacta apesar dos beijos extravagantes do meu príncipe e saio do banheiro. Fico parada ao lado da porta esperando Ethan, nos desencontramos quando eu fui me despedir da minha família e de Anton, Jennifer e Hannah — que estava desmaiada no colo do pai — e Ethan foi falar com meu pai e Will, e os amigos.

Enquanto isso, me distraio esperando o *lindo*, que está demorando muito, olhando para as pessoas da festa. É cada roupa uma mais linda que a outra. Claro que no início da festa tinha mais. Muitos convidados já retornaram para suas casas.

Mas dentre todas as pessoas, um homem me chama atenção, principalmente porque o estranho vem em minha direção com passos marcantes.

Ele está com a cara fechada, tem as feições sombrias, frias. Sinto os cabelos atrás da minha nuca se arrepiarem. Vovó Maya sempre fala que se sentir arrepio nessa região, quer dizer que precisa ficar atenta. É um sinal de alerta do sexto sentido gritando. *Perigo*.

Desvio o olhar e quando vou olhá-lo de novo, o homem está bem perto de mim. Ele me olha fixamente, sem piscar e exalando terror.

“*Princesa*.” Eu congelo quando ele fala isso.

Eu nunca senti medo em ouvir meu apelido. Nunca precisei sentir medo de ouvir um apelido que eu ganhei ainda bebê. Este homem está me deixando trêmula. Sinto meu corpo se arrepiar de novo e engulo em seco. Passo meus olhos pelo salão tentando encontrar Ethan, os seguranças, meu irmão, mas não

acho ninguém. *Ninguém.*

O homem para na minha frente e abre um sorriso demoníaco.

“Está procurando seu papai?” Diz ironicamente.

Com medo pela minha família, pergunto: “Você sabe quem é ele?”

“Eu conheço sua família toda, *princesa.*”

O medo está se transformando em pavor. Ninguém além da minha família, amigos mais próximos, e da família do Ethan conhecem ou me chamam assim.

Como ele sabe meu apelido?

“O que você quer?” Pergunto, baixo.

Céus. Quem é ele? Nunca o vi na minha vida e não entendo ele estar falando comigo exalando ódio. Ele continua com seu olhar penetrante e sorri diabolicamente. Estica a mão e seu dedo toca meu rosto, o que me faz recuar cambaleando.

“Você é uma cachorrinha medrosa igual a todos da sua família, não é.”

Meus olhos se arregalam e o arrepio aumenta. Acho que meu sexto sentido está mandando eu correr. O homem cerra os olhos, olhando para trás de mim e abre um sorriso sem muita vontade. Curiosa, me viro. Não vejo nada. Meu coração dispara e de repente sinto um apertão na cintura.

“Ah!” Grito virando meu corpo e batendo nas mãos dele. “Não. Me solta”

“O que foi?” Ethan pergunta preocupado.

É Ethan!

“Qual o problema, Victoria?”

Soltando o ar, que nem notei estar segurando. O alívio me domina e mais do que depressa me agarro a ele. Ethan me abraça, mas o tremor do meu corpo não passa. Nem o medo.

“O que deu em você?”

Meu rosto está apertando com força no seu pescoço. Com o objetivo de me controlar e segurar as lágrimas. Quero chorar e nem sei direito porquê. Aquele homem colocou meus piores medos para fora, consigo sentir meu coração saltitar no peito. A culpa é do Will com suas neuroses. Estou enlouquecendo. Embora, não entendi o que aquele homem queria. Quem era ele. Estou apavorada.

Ethan afaga minhas costas, me acalmando. “Shuu...” beija minha cabeça, “Está tudo bem. Desculpa pelo susto.”

Inclino meu rosto, fito seus olhos e não consigo deixar de beijá-lo. “Não foi você.” Digo, minha voz abalada.

“Foi o que?” Franze a testa e cerra os olhos, preocupado.

“Nada”, nego e o abraço de novo, beijando seu pescoço várias vezes. “Esquece e me leva embora daqui de uma vez.”

Ethan beija novamente meus cabelos e murmura: “É pra já, minha linda.”



LOGO QUE MEUS PÉS ESTÃO FORA DA LIMUSINE, Ethan me pega no colo. Solto um gritinho. “O que você está fazendo?”

“Entrando com você no meu colo,” passa pelas portas principais “dentro da minha casa” e para no meio da sua sala e me coloca de pé. “Bem-vinda.”

“Nossa.” Exclamo olhando para sua casa.

“Nossa ruim ou nossa que legal?”

A casa é absolutamente linda, um sonho. Uma obra de arte. Onde não tem nada além de madeiras escuras, colunas de ferro, vidro, o verde das plantas, água e luz natural. A casa tem três andares e é aberta. A sala de estar é maravilhosa acoplada a incrível varanda totalmente aberta com vista para as montanhas de Hollywood Hills e no fundo pode-se ver os prédios do centro da cidade.

Uma piscina, que parece que você vai cair em um penhasco, fica na varanda com uma fogueira artificial perto. Tudo é branco, limpo, fresco. É uma casa moderna, na tendência de casas futuristas. Não me lembrava dela direito, porque normalmente Aaron e Lauren apareciam na minha casa a convite de meus pais. Não que eles não nos convidassem para vir aqui, mas porque nossa casa tem mais cara de festa por causa do jardim gigantesco que temos.

Volto-me para Ethan e lhe respondo sorrindo: “Nossa de,” pulo nele, e ainda bem que meu vestido tem essa fenda, que me permite circular minhas pernas em sua cintura “*Uau*”.

Ele sorrir, me beija suavemente nos lábios e o sinto me carregar para o segundo andar, ainda agarrada a ele. Chegamos no seu quarto e me sinto estranha. Não achei que estava tão ansiosa como me sinto agora. E quando ele me fez deslizar do seu colo, engulo em seco. Ele avança para cima de mim, invadindo minha boca com sua língua. *Oh céus*. Nossa! Estou muito ansiosa para fazer amor com ele, mesmo.

É hoje. Finalmente eu vou ser dele. Do meu príncipe admirador.

Quinze

Ethan

DOMINGO, 25 DE OUTUBRO DE 2013.



ME SINTO *FAMINTO* DEMAIS. Sinto a vertigem me atingir. Patético, mas me sinto tonto de desejo por ela. O frenesi está correndo por meu corpo a quilômetros e quilômetros por hora em minhas veias.

Vê-la na minha casa é demais para mim. Entendo o modo surpresa que ela olhou agora a pouco, pois não me lembro dela aqui quando éramos criança. Acho que foram poucas as festas que meus pais fizeram aqui. Mas o importante, é que adorei seus olhos fascinados de admiração com o ambiente futurístico da minha casa de vidro. Também fico fascinado com a luz que reflete no seu rosto, fazendo seus olhos verdes acenderem.

Estamos em meu quarto e minhas mãos não param de se deslizar por seu corpo. Estou ganancioso, apertam a carne da sua bunda, da sua cintura e seus braços, jogados em meus ombros. Victoria me beija com furor e desejo.

Enterro meus dedos em seus cabelos, bagunçando o penteado e aprofundo o beijo. Sinto a grande energia de possuir essa mulher crescer. *Preciso dela imediatamente debaixo de mim.* Colo mais seu corpo no meu, e afastando nossos rostos, solto sua boca com seu lábio inferior preçoso em meus dentes. Ela solta um gemido, me fazendo engolir em seco.

Ela abre os olhos lentamente e agarro meu rosto. Estamos ofegantes e quentes, e quando ela respira fundo, a beijo com desejo de novo.

O beijo é uma forma de tentar acalmar um pouco o que estou sentindo nesse momento. Eu a desejei por longos meses e desde começamos a namorar, tento alguns momentos incríveis com ela — como na casa da piscina — agora eu nem consigo me conter de anseio.

Desde a canção que cantei para ela no baile, estou me sentindo dominado por tudo que Victoria representa para mim. O que me faz sentir. Estou surpreso com tudo que faço por ela, *com ela*. Acho que deve ser porque esperei muito. *Não sei.*

“Não acredito que eu tenho você. Obrigado.” Falo passando a boca por

cima do decote simples, porém tentador, do seu vestido.

Victoria murmura um gemido e sinto suas mãos vagando meus ombros, braços e pescoço, e sua boca beija minha cabeça com carinho.

“Pelo que?” Pergunta ela.

Ergo minha postura e seguro seu lindo rosto. “Por ser minha.”

Ela morde o lábio suavemente e com os olhos cintilando, começa a desfazer minha gravata. Meu pênis dói em uma ereção latejante. Ansioso para sentir ela, *para estar dentro dela*, e mais ainda quando ela diz sussurrando: “Ainda não sou sua de fato.”

Sem pensar, agarro ela, jogo na cama e fico por cima — com os joelhos dobrados de cada lado do seu corpo e apoiado pelos cotovelos ao lado da sua cabeça, olho dentro dos seus olhos.

“Ah. Isso vai mudar em poucos minutos, minha princesa.”

Victoria encolhe, quase que imperceptível, os ombros. Aproximo mais o meu corpo do dela, arrasto meus braços para frente, para baixo da sua cabeça e trago para mim e a beijo. Quero que ela se acalme.

Eu a já tive entregue, já senti como é macia e seu gosto em meus dedos quando a toquei. Ela nunca foi tímida comigo e nós fizemos sexo de roupa. Nos mexemos como se estivéssemos mesmo transando. Segurei, lambi, mordi seus seios e ela se esfregou em mim.

Mas agora é diferente porque vamos mesmo transar, e estou com os pensamentos caóticos. Sinto-me perder a última linha do limite que ainda me restava para entregar-me. Entrar de cabeça nessa relação com Victoria, mesmo que eu saiba que agora não pararia por nada nesse mundo. Isso é um pouco assustador.

Paro de beijá-la e desço meu rosto, passando minha boca por sua pele: queixo, garganta, pescoço e os ombros. Por cima dos seios. Eu amo como seus peitos são deliciosamente quentes. Sua pele é morna e tentadora.

“Não sei por onde começar.” Confesso. “Eu quero tudo com você... mas não sei por onde... começar.”

Sinto-me ao mesmo tempo selvagem como homem experiente e apressado, e como um adolescente virgem. *O que ela está fazendo com a minha cabeça?*

Querendo ela na minha boca: chupando, mordendo, lambendo seu corpo todo. Seus seios, suas coxas e no meio das suas pernas. Ela deve ser tão doce quanto é cheirosa. Quero fodê-la com força e fazer amor com ela. Quero ela me agarrando, arranhando, gritando meu nome, envolvendo aqueles lábios fartos no meu pau. Eu quero que seja bom para mim e para ela, que ela sinta as mesmas coisas que eu sentir quando estiver dentro dela. Quando minha boca estiver nela.

Olho para cima e pego Victoria com os olhos impaciente e ansiosos.

“Começa pela parte mais fácil, Ethan.” Diz com a voz baixa, tentando ser corajosa. Suas mãos macias seguram meu rosto e ela inclina o corpo, empurrando-nos para ficarmos sentados. “Vamos tirar a roupa.”

Dou um sorriso confiante para ela, de lado, que ela diz que adora. Seus olhos brilham. Levanto da cama com as mãos esticadas, puxando-a comigo. Victoria sorri e se levanta. As mãos passam em meu peitoral — como sempre faz. Ela as enfia por dentro do blazer, depois empurra, tirando de mim e me deixando com o colete e a blusa de linho.

“Por que você está nervoso? Não entendo.” Ela dá de ombros. “Nós já fizemos *coisas*... e você já me viu praticamente nua. Já até me tocou.”

Balanço a cabeça e rio por estar sendo idiota. “Não totalmente ainda. Não fiz nada se comparamos com o que quero fazer com você.”

Ela solta uma risadinha baixa e suas bochechas ficam levemente rosas. Acaricio seu rosto e continuo parado, apenas sentindo ela me deixar nu da cintura para cima sem desviar os olhos dos meus. Passo minhas mãos por seus braços, em meu corpo, e depois com um sorrisinho travesso, ela se ergue. Levanta os braços e murmura:

“Abre meu zíper?”

Sorrio e assinto. “Com certeza.” Puxo ela mais para perto de mim, beijo sua boca, sua garganta, enquanto procuro o zíper atrás do vestido. “Cadê? Não acho ele, Victoria.”

“É do lado do vestido.” Ela cochicha. “Lado esquerdo.”

“Certo” falo. Ainda dando beijinhos no seu ombro e pescoço, abro seu vestido e com calma o tiro.

Ela me ajuda tirando o braço do lado que tem a larga alça. Puxa um pouco na sua cintura, para ele desgrudar do seu corpo e então ela fica só de calcinha na minha frente. Uma calcinha de renda branca que a faz parece um anjo na minha frente.

“Você é uma visão do paraíso.” Falo e a faço sorrir.

“Saiba que eu me sinto do mesmo jeito quando te vejo.”

“Maravilha, porque é assim que você deve se sentir mesmo.”

“Você é tão convencido.” Ela empurra meu peito de brincadeira e eu a agarro de volta, tiro seus pés do chão para ela sair de dentro do círculo que seu vestido fez em seus pés. Seu peito encosta no meu e é delicioso. Uma coisa incrível, indescritível, o que sinto com a sensação da sua pele encostando na minha. Seus seios gostosos, fartos e quentes no meu peito. É perfeito e o sabor explode na minha mente.

Para uma mulher magra, Victoria tem seios do tamanho ideal. São redondinhos, pesados, fartos, quentes e os mamilos de um tom cor rosa

angelical. Nunca fui chegado a alguma parte do corpo feminino, mas da minha princesa, seus peitos são meu fraco. Apesar de que acho que ela toda é meu fraco. Aproximo minha boca de um deles e abocanho com vontade, fazendo círculos no mamilo, mordendo e saboreando sua pele. Ela é doce como caramelo e chantilly. Repouso-a no chão e suas mãos não largam meus cabelos.

Seus mamilos estão ficando duros, sua pele quente e ela puxa meus cabelos com mais força e então me joga na cama. Surpreso, observo ela ficar de joelhos, sentada nas minhas coxas e toma meu cinto em suas mãos: abre e puxa tirando. Depois abre minha calça, baixa o zíper e tenta tirar de mim, mas sou pesado demais para ela tirar minha calça sem ajuda, então ela resmunga e fica de pé.

“Eleva o corpo e ajuda a tirar sua roupa, Ethan.”

Faço como ela mandou, sorrindo. Fico de cueca quando ela tira e joga a calça para o lado.

“Não vai tirar o resto?” Pergunto.

“Não.” Responde acanhada. Não querendo perder o clima bom que nós estamos, então sento, abraço ela e nos puxo para baixo, rolo nossos corpos e deixo-a deitada embaixo de mim de novo na cama. Beijo e deslizo minhas mãos por seu corpo. Agarro seus peitos: massageando, apertando, passo a palma da minha mão nos mamilos duros, desço uma das mãos para suas costelas, cintura, quadril e puxo sua calcinha um pouco para o lado. Victoria empurra meu rosto — gemendo — para os seios e eu os atendo: mordendo, beijando e vou mais para baixo.

Beijo sua barriga lisinha, seu quadril, depois suas pernas, deixando um rastro úmido da lambida nas suas coxas e abro mais suas pernas. Victoria geme e arqueia o corpo, segurando com força os lençóis acima da sua cabeça. Me deixando levar pela visão dela entrando em total excitação, meu rosto chega no meio das suas pernas. Passo meu nariz no meio da sua umidade, por cima da calcinha e a tiro de uma vez, jogando atrás de mim.

Volto a ficar com a cabeça entre suas pernas. Cheiro e admiro. Ela é linda, depilada, lisinha, rosadinha e cheirosa. Passo dois dedos pelos seus lábios, beijo sua coxa e abro os lábios do seu sexo com uma mão e a outra afasto as pernas dela novamente, porque ela fechou por reflexo. Victoria geme e suas coxas tremem quando sopro seu sexo.

“Ah!” Ela solta um grito afogado.

Sem delongas, mergulho um dedo lá dentro e começo a massagear, sentindo-a apertar meus dedos. Abro a boca sobre sua doce entrada, dou uma boa lambida antes de começar a sugar e chupar. Meus olhos se fecham sentindo seu calor e sabor. Gemo, chupando e metendo dois dedos nela vagarosamente.

Minha princesa é pequena e vou precisar dar atenção a ela. Preciso que ela

goze para mim antes de eu entrar para não machucá-la. Além de eu ser grande, e não nego isso, percebo como ela é apertada.

“Meu Deus.” Victoria arqueia os quadris da cama, depois as costas, ondulando o corpo e pressiona meu rosto. “Por favor.”

Já? Merda. Ela é sensível e eu gosto disso. Vejo suas mãos correrem para os lados do seu quadril e se agarrarem ao lençol com tanta força que os nós dos seus dedos ficam brancos. Corro minha mão livre e seguro uma das suas mãos e entrelaço nossos dedos.

Seus sons baixinhos de súplica, enquanto não paro de enfiar meus dedos, massageando-a e a chupando, me dominam. Giro meu punho, colocando mais pressão e Victoria começa a gemer alto várias vezes e se contrai. Sua boceta apertar com forte meu dedos e ela goza lindamente para mim.

Tiro meus dedos, passo por cima da sua virilha e chupo o excesso, sorvendo seu sabor. Erguendo-me, engatinho para cima dando beijos na sua barriga, nos seios e no seu pescoço. Victoria se arrepia, as mãos vêm para o meu rosto e ela ofega profundamente quando estamos cara a cara. Beijo sua boca com carinho e seus olhos se abrem em câmera lenta. Abro um sorriso irrefreável e digo:

“Oi.”

“Oi.” Ela diz com a voz baixa levemente ofegante.

Sorrio de novo e é demais olhar dentro dos seus olhos. Ela me faz sentir tanta coisa. Deixo minha testa encostar na dela, respiro fundo e minha boca encosta na sua. Acaricio seus lábios e por fim pressiono os lábios nos dela com carinho, pedindo mais. Ela joga os braços em cima de mim e abre a boca e passa a língua na minha. Chupo sua língua, mordo seus lábios e sinto seu gosto. Suas pernas me abraçam e seus braços me puxa mais para baixo, colando nossos corpos. Nos encaixamos e nos beijamos com fervor, com paixão. Ela remexe o corpo embaixo de mim. Se esfrega, pedindo e me chamando para enfim sentir sua maciez.

Eu a quero tanto. Acho que ela está pronta. Eu sei que eu estou.

“Deixa-me tirar a cueca e pegar um preservativo.” Murmuro na sua boca.

“U-hum.” Ela afirma baixinho e me beijando.

Tiro minha cueca e logo pego uma *camisinha*. Victoria respira fundo olhando para mim e para o meu pau ereto. Seus olhos ficam esbugalhados e mesmo já tendo transado com ela de roupa, acho que ela não percebeu meu tamanho todo. E estou duro demais. Quando olha para o meu rosto, ela foge dos meus olhos, olhando para algum ponto do meu quarto.

Termino de vestir a *camisinha* e achando graça da sua timidez, engatinhando para cima dela. Beijo seu nariz, seu rosto e sussurro no seu ouvido:

“Está tudo bem. Sou eu.” Me afasto e a fito. “Lembre-se disso. Sou eu.”

Ganho um sorriso sem graça com uma mexida de cabeça. Ela, acanhada, desenha círculos imaginários no meu peito com o indicador. Beijo seus lábios e nos ajeitamos na cama. Ela apoia a cabeça nos travesseiros com os olhos fixos em mim. Seus olhos estão verdes claros e a luz da piscina reflete no quarto e ela parece um anjo. Ela é uma visão impressionante.

“Você é tão linda.”

Ela sorri e acaricia meu rosto, mas não diz nada.

Abraço seu corpo e ela abraça o meu também. Respiro fundo sentindo seu corpo. Deixo beijos no seu ombro até o pescoço, acariciando-a. Separo um pouco mais suas pernas com a ajuda das minhas, me posicionando entre elas e raspo minha ereção nela. Victoria geme baixo. Levanto um pouco meu tronco para olhar para ela debaixo de mim, encaixada e perfeita. Volto para os seus olhos e um desejo de sentir seu calor me envolvendo sem nada entre nós, me deixa faminto. Nunca quis isso com nenhuma mulher, mas com ela eu quero. Quero poder sentir ela por inteiro.

Victoria remexe o corpo. A ponta do meu pau esfrega sua entrada. Respiro fundo, deslizo um pouco mais para a frente, sinto seu calor e empurro para frente. Penetro-a lentamente, sentindo o deslizar de cada centímetro meu dentro dela. Caralho, como é bom. Como ela é perfeita.

Preciso fechar os olhos para me controlar, mas abro para vê-la fechar os seus quando me sente entrando fundo. Estou todo dentro dela e paro, apenas sentindo essa conexão.

Putá merda.

Seu rosto, seus lábios levemente abertos, suas mãos congeladas e abertas nos meus ombros. O prazer em seu rosto. Que *coisa mais linda*. Meu coração desacelera e é como eu ficasse totalmente em silêncio para contemplá-la neste momento. Tomar esta mulher, transcende e encandece em mim. Me conecto com ela e então meu coração acelera quando nossos olhos se fixam. *Minha!*

Victoria por um momento perde o foco dos seus olhos, os fecha e abre a boca, soltando um suspiro, respirando com um gemido mudo. Puro prazer. Ela arqueia as costas, encostando seus seios no meu peito. Tudo junto, tudo dissolvido. Tudo explode. Nunca senti um prazer tão único em toda minha vida.

Quando ela relaxa os músculos, fecha e abre os olhos de novo, seu olhar penetra em minha alma.

Tudo é apagado, destruído, deletado das minhas lembranças. Todos os momentos que fiz sexo, transei e curti com outras mulheres, tudo se apagou. Só existe essa mulher *aqui*, deitada *debaixo* de mim, gemendo e entregue. Ela está onde parece ter sido sempre seu lugar e de mais ninguém. E acabou de se tornar minha, e eu prometo, juro, por todas as forças do universo, Deus e tudo o mais,

que nunca mais deixarei de tê-la para mim.

Ela suspira, pisca olhos vagarosamente e murmura:

“Ethan.”

Sorrio, abraço seu corpo bem forte e a beijo. Enfio e tiro tudo dentro dela repetidas vezes, em um vaivém lento. Sentindo seu núcleo me agarrar e suas coxas prenderem meu corpo junto ao seu. Ela mexe junto comigo, beijando meu rosto, gemendo no meu ouvido baixinho.

“É tão diferente,” ela diz “tão bom.” Suspira e coloca as mãos nos meus cabelos.

“U-hum.” Afirmo, gemendo e beijando seu pescoço. “Eu também sinto.”

Desço meu rosto e beijo seus seios, abocanho os mamilos um de cada vez e mordo de leve um deles. Ela abraça minha cabeça e geme, e joga sua cabeça para trás. Chama meu nome e se esfrega em mim. Com a língua percorro o pescoço exposto lentamente. Subo sem parar de mexer meu quadril no mesmo ritmo lento das carícias que faço e recebo. Estamos em um ritmo lento gostoso. Dou uma mordida de leve em seu queixo. Minha mão ao lado do seu rosto puxa para baixo, preciso encará-la. Dou beijinhos e invado sua boca com minha língua. Estou doente por ela.

Ela me beija com voracidade também, enterrando os dedos em meus cabelos e gemendo. Ela abre a boca e juntos começamos a duelar um incontrollável beijo. Minha língua tão sedenta quanto à dela. Uma dança saliente, deliciosa e apaixonante. Ela acaricia meu corpo vagarosamente: as mãos nos meus braços, nos ombros, no meu rosto, cabelos e descendo rápido. Ela chega nas minhas costelas e as contorna para então abraçar com força meu corpo. Nada passa por nós. Estamos juntos como um. Ela ergue sua pélvis, pedindo silenciosamente mais. Eu pareço já conhecer seu corpo e isso é incrível.

Meto mais fundo, empurrando para dentro dela com força e aumento minhas estocadas, querendo também chegar no meu limite, me libertar da prisão do prazer que percorre meu corpo. Victoria desliza as mãos para minha bunda e aperta. As unhas grafam na minha carne. *Minha nossa*. Isso é tão bom. Volto a olhar seu rosto, e vejo sua pulsação saltada no pescoço e percorro com a língua e mordo seu pescoço.

“Ah Ethan...” Ela geme e sobe as mãos com as unhas na minha pele até meus ombros, me arranhando.

“Porra.”

“Desculpa” ofega, passando a maçã do rosto na minha barba.

“Eu gostei, não estou reclamando, minha princesa.” Digo ofegante também, estocando com força duas vezes seguidas, fazendo ela delirar e arranhar meu corpo de novo, com mais vontade. “Isso. Isso. Assim, Victoria. Me marca.”

Fitando seu rosto, tomo um ritmo fácil. Mergulho no seu calor e sinto como ela está molhada. Seu núcleo me aperta com força. Coloco pressão para frente, abrindo ainda mais suas pernas, que aperta com muito desejo meus quadris. *Adoro coxas. São tão quentes e macias.*

Ficamos mais apressados e famintos. Ela me beija e passa a mão no meu corpo com pressa, até que me abraça com força. Sinto seu orgasmo chegando e aumento a velocidade, penetrando-a fundo repetidas vezes.

Victoria estremece e murmuro ofegante no seu ouvido: “Goza” beijo seu lóbulo. “Goza para mim. Vem! Vem, minha princesa.”

“Ah... Ethan!” Ofega e me agarra todo. Pernas, braços... seu calor.

Seu orgasmo surge explosivo. Ela me aperta, geme como estivesse sentindo dor, fecha os olhos com força e abre a boca. Suas mãos param em meu rosto, explorando-o às cegas. Seu corpo todo treme. Ela solta palavras ininteligíveis enquanto seu gozo se libera. Ela fica linda assim.

“Assim, minha linda.” Sussurro com nossas bocas coladas e ainda mexo o corpo, procurando meu orgasmo, que está chegando cada vez mais rápido e quando ela abre os olhos, algo explode em meu peito.

“Isso é tão bom.” Ela fala segurando meu rosto, antes de puxa para baixo e me beijar.

Acelero minhas estocadas, com mais vontade, perdendo a luta interna de querer estar dentro dela por mais tempo. Domino o beijo, nossos corpos mexendo com força. Urro e a sinto se entregar de novo e seu núcleo me apertar com força mais uma vez. *Putá que pariu, essa mulher vai me levar para o inferno.*

“Juntos, vamos. De novo” digo respirando fundo.

“Ah...” Ela resmunga e arqueando o quadril, nos ajudando a chegar no clímax juntos.

Ela vai ter um orgasmo dublo. *Putá que o pariu.*

“Ethan!”

Fecho os olhos, mergulhando na sensação das suas coxas tremendo ao meu redor, do aperto rítmico do seu sexo, suas mãos em mim, puxando meu rosto e não me permitindo parar o beijo.

Não. Eu preciso de mais, então solto seus lábios, fico de joelhos no meio das suas pernas, perdendo meu autocontrole, minhas mãos pegam sua bunda. Levanto seu quadril e meto mais fundo. Victoria joga a cabeça trás, agarrando seus peitos e eu não aguento mais. A visão dela se dissolvendo, se entregando e me dando tudo dela, me atinge.

Ela crava mais uma vez as unhas em mim, no meu quadril, onde ela consegue alcançar, e impulsiona seu corpo para cima e eu para baixo.

Ela treme e grita: “Vai Ethan, goza agora” choraminga, “Por favor”.

Sua voz suplicante me liga em uma tomada, como eu tivesse levando um choque. Uma corrente elétrica percorre meu corpo. Olho para seu corpo nas minhas mãos: seus peitos balançando com a força das minhas investidas, a sua pele perfeita brilhando de suor, as marcas vermelhas dos meus dentes e *chupões* pelo seu corpo.

No entanto, é quando olho para o seu rosto, dentro dos seus olhos verdes, que me perco. Que meu mundo se desfaz e meu orgasmo vem. Me atingindo, queimando meu corpo de dentro para fora.

Victoria está me encarando, seus lindos olhos verdes-acinzentados estão totalmente cinzas e fixados em mim. Minha nossa. Agora tenho a certeza, estou me apaixonando por ela. Isso é fazer amor. Eu fiz amor com minha princesa.

Respiro fundo e por fim, deixo meu corpo cair por cima do dela, sem esmagá-la é claro. Estou cansado, aliviado e feliz. Estou tão satisfeito em fazer amor com ela pela primeira vez, que demoro a perceber o calor dos seus braços envolvendo meus ombros, seus beijos nos meus cabelos, no rosto e no pescoço.

Beijo seu pescoço e a abraço forte. Preciso mesmo desse carinho enquanto acalmamos nossos corações e respirações instáveis.

Mais calmo, saio de dentro dela, levanto da cama e vou para o banheiro tirar a camisinha e jogar no lixo. Me limpo rapidamente e volto para cama, para debaixo das cobertas e abraço Victoria.

Ela está quietinha e sua respiração suave. Sorrio de olhos fechados e já que ela adormeceu, fico abraçado a ela e não falo nada. Porém, vagorosamente sinto seus dedos acariciando meu braço, que está rodeando seu corpo. Ela está acordada.

Beijo seus cabelos e ficamos nesse carinho gostoso e silencioso por um tempinho. Victoria boceja e se vira. Ficando de frente para mim, me abraça e eu também faço o mesmo. Ela repousa seu rosto no travesseiro, com o meu braço debaixo para cima da sua cabeça mexendo nos seus cabelos, e minha mão do braço que está sobre ela, afaga suas costas.

“Boa noite.” Ela diz bem baixinho, que eu quase não ouço, e beija meu peito.

Passando a mão no seu braço, que a mão está no meu peito, para cima e pra baixo. E beijando seus cabelos, murmuro: “Boa noite também, minha linda. Durma bem”.

Ela faz um som que de que estar ressonado. “Eu vou. Estou com você.” Victoria balbucia com a voz sonhadora.

Sorrio para o escuro e aconchego seu corpo no meu, bem perto. Ela está mole e quente, e sua respiração está no meu pescoço. Isso me faz tão bem. Me

sinto em paz — *como sempre me sinto quando durmo com ela. Quando estou com ela.* Deixo o cansaço me dominar e adormeço com minha garota nos braços. Hoje acho que tudo mudou. *Principalmente para mim.*



ACORDO COM O SOM DE RESMUNGO. Victoria se mexe nos meus braços e escondendo o rosto no meu peito, fala sonolenta: “*Luz. Ethan... Sol...*”.

Despertando de uma vez, entendo o que ela está falando quando abro os olhos. A luz do sol está invadindo o quarto com toda sua glória pelas portas e paredes de vidro e da varanda. Merda. Deixei as cortinas abertas para que as luzes azuis da piscina serem as únicas que iluminassem meu quarto ontem. Mas esqueci completamente de fechar antes de adormecer.

Acordamos do mesmo jeito que dormimos, apenas mais juntos. Viro meu rosto para ela, deixo um beijo em seus cabelos espalhados pelo meu braço, que está servindo de travesseiro para ela.

“Me desculpe.” Falo baixo.

Relutante me solto do seu corpo para poder pegar o controle remoto que abre e fecha as cortinas, na verdade, faz algumas funções no meu quarto, em cima da mesa de cabeceira. Logo o quarto fica em um breu, apenas uma fresta de luz vindo do canto das cortinas.

Depois volto a deitar, olhando para o teto abraçado a Victoria, que ressona ao meu lado. *Linda.* Eu acho que nunca vi uma mulher mais linda e também nunca vou me acostumar com ela ao meu lado. Minha garota, minha princesa, meu anjo.

Bem devagar saio da cama, deixo um beijo na sua testa tirando os cabelos da frente, cubro seu corpo e vou para o banheiro. Entro no chuveiro e tomo um banho rápido, após escovar os dentes e faço minha higiene. Coloco uma calça de flanela cinza, sem cueca porque pretendo a qualquer momento atacar minha princesa. Sou um homem cheio de esperanças, principalmente com uma mulher como a minha. Nossa noite foi realmente incrível.

Saindo do quarto vejo Victoria se mexendo na cama. Ela estica um dos braços, tateia o colchão e possivelmente está me procurando. Quando percebe que não estou mais do seu lado, pega um dos meus travesseiros e o abraça com força. Assisti-la a fazer isso enche meu peito e sinto meu coração palpitar. Isso acontece o tempo todo. Tudo o que ela faz me deixa *idiotamente* feliz.

Na cozinha, preparo café para nós dois com os pensamentos nela ainda. Tudo é *realmente* novo, diferente e a sensação de que estou perdendo meu fôlego é constante. A conversa que tive com meu irmão vem na minha cabeça. E me

sinto doente, confuso, que Victoria vem em primeiro lugar e não consigo imaginar ela com outro homem. *E merda. Não acredito.*

Eu estou realmente apaixonado e não é como se eu não quisesse ou tivesse lutado para não acontecer, mas é porque estou com medo desse sentimento tão grande acabar comigo.

Ontem à noite tudo foi incrível. Nossa conexão parece ser além do físico. Nunca senti meu corpo ter sensações tão intensas assim e isso só pode ser mais que físico. Estou *perdido* por ela.

Quando estou terminando de preparar os ovos mexidos, escuto passos e logo sinto os braços de Victoria passarem pelas minhas costas e rodearem minha cintura. Ela me abraça forte e pousa seu rosto em minhas costas, perto do meu ombro direito. Sinto seu cheiro e aposto que tomou um banho rápido também.

“Bom dia” ela diz baixo.

Viro meu rosto para o lado que está sua cabeça e beijo seus cabelos. “Bom dia, minha princesa.”

Escuto mais do que vejo ela sorrir com doçura. Ela sobe o corpo, fica na ponta dos pés, dá um cheiro no meu pescoço e beija minha nuca.

“Por que está pensativo logo tão cedo? Hmm...” pergunta fazendo círculos com os dedos no meu ombro esquerdo. “Eu já te conheço. Sabia?” Brinca.

Estou pensando sobre estar apaixonado por você.

Me virando para ela. Pego-a em meus braços, dou um beijo na sua boca rosada e olho para os seus lindos olhos.

“Não é nada.”

“Jura?” Fala desconfiada.

“Estava apenas fazendo café para nós dois. Gosta de ovos e bacon?”

“Mmm... Eu adoro e muito obrigada.” Ela sorri e fica na ponta dos pés para beijar minha boca.

Faço um som sorrindo e envolvo sua cintura em um abraço demorado. Victoria relaxa e eu aproveito tanto quanto posso. Ficando nesse carinho, nos beijando e abraçando.

“Você tomou banho.” Ela murmura.

“Uma ducha rápida, mas nada que me impeça de dividir a banheira com você daqui a pouco.”

Seus olhos brilham quando ela sorri. “Eu joguei água no corpo também, mas não quis — ”

“Sem problema, meu anjo.” Corto-a e ela solta uma gargalhada.

“Anjo?”

“Sim, você é meu anjo também.”

“Oh que fofo.” Ela me beija sorrindo e murmura. “Sou princesa, feiticeira,

anjo... mais o que?”

Dou meu sorriso perverso e aperto sua bunda. “Vamos descobrir com o tempo.” Mordo sua boca de leve e ela foge da cozinha sorrindo.

“De você, eu já tenho certeza de uma coisa.” Fala alto da sala de jantar, onde preparei uma mesa para nós. “É um príncipe safado, mas que eu adoro.”

Rio e como uma carga elétrica, me viro para o balcão da pia da cozinha e apoio minhas mãos ali, deixando minha cabeça pender para frente e os ombros caírem para frente. Além desse sentimento bom e gigantesco que sinto por Victoria, sinto uma estranha sensação. E não entendo o porquê.



ESTAMOS SENTADOS NA MESA DA SALA DE JANTAR comendo, e meu anjo tagarela sem parar. Seus pés estão em cima das minhas pernas, balançando de vez em quando, e eu afago seus tornozelos enquanto ela conversa comigo.

“Me conta mais sobre isso?” Pergunto curioso, mas também porque eu gosto dela rindo como uma garotinha feliz.

“Ah foi horrível, você não tem noção.” Ela diz rindo. “Nós estávamos brincando de pique-esconde quando eu achei uma árvore na esquina e fui para lá. Eu não percebi o formigueiro na hora, mas depois de uns três minutos as formigas começaram a subir pelas minhas pernas e do nada eu saí de trás da árvore gritando. *Socorro, socorro. Estão me comendo.* Todos riram sem parar e Ken, que estava tomando conta de mim, como sempre, foi correndo até a mim preocupado. *O que houve menina?* Eu respondi chorando e rindo ao mesmo tempo. *As formigas, Ken. Estão me comendo e arde. Me ajude!* Aí o Ken me olhou sério e falou. *O que eu faço?* Eu dei de ombros e Clara exclamou. *Mija nela Ken.* Eu olhei para ele assustada, mas ele ficou horrorizado com a ideia de Clara e então pensou em algo melhor. E sabe o que ele fez?” Pergunta para mim.

“Não faço a mínima ideia, mas prevejo algo hilário.”

“Ele me colocou no colo, saiu correndo pela rua, chegou em casa e correndo pelo jardim, simplesmente me jogou na piscina.” Ela dá gargalhada com a lembrança. “Na hora eu fiquei com raiva dele, mas quando as formigas começaram a parar de me morder, eu ri com tanta alegria e gratidão que adorei ele ter me jogado na água gelada porque já estava anoitecendo. Eu adorei esse dia. Ficou gravado na minha memória.”

“Você tinha quantos anos?”

“Tinha uns nove.”

Eu assinto e fico amargurado por nunca ter participado da vida dela antes do nosso, posso dizer, reencontro. Eu fui um idiota mesmo.

Victoria me olha estranho e em um piscar de olhos vem para cima de mim, sentando no meu colo. “Que foi isso?”

“O que?” Pergunto acariciando suas coxas nuas, porque ela está só com a minha camisa social que fui no baile.

“Essa cara de triste que você fez.”

“Nada não.”

“Ah não” ela fala olhando bem sério. “Chega desse *nada*. Me conta o que houve.”

“Fico puto por nunca ter passado um tempo com você quando nós éramos menores.”

“Oh...” Ela faz o som fofo de sempre e beija meu nariz. “Não tem problema, Ethan. Você gostava de fazer suas coisas e eu as minhas. Já falamos sobre isso. Esquece, porque eu entendo.” Victoria faz carinho no meu rosto.

Sinto tanto remorso de ter perdido tempo sem ela. Mesmo que não tivesse o mínimo de interesse em brincar na rua, pelo menos poderia ter sido mais próximo dela. Dou um beijo nos seus lábios, querendo que ela sinta minhas palavras. *Eu já a amo*.

“Eu vou recompensar o tempo perdido agora” digo com os lábios nos dela.

“Ah que bom. Estou ansiosa.” Sorri e fala afagando meus cabelos. “O que você vai querer fazer hoje?”

“Qualquer coisa que envolva eu e você juntos.”

“Jura? Até fazer compras de mulherzinha?”

“Juro, até isso. Sendo que fazer compras não envolve a possibilidade de eu ter você nua e toda para mim.”

Ela ri jogando a cabeça para trás, lindamente. “Ai meu Deus, Ethan.” Victoria volta a me olhar. “Eu não quero cortar as suas chances de fazer isso.” Finge inocência. “Então nós podemos ficar em casa hoje, por você.”

“Só por mim é?” Levanto a sobrancelha direita.

“É. Só por você.”

Agarro sua bunda, mordo sua orelha e sussurro no pé do seu ouvido:

“Você fala de um jeito como se não gostasse de ficar na cama comigo também.”

“Não falei isso.” Ela sussurra no meu ouvido, também. “Apenas falei que vou fazer você feliz ficando em casa, para curtir nós dois e é claro que vou fazer isso por mim também.” Ela morde meu pescoço e depois lambe o mesmo lugar. “Adorei a noite de ontem, adoro ficar com você e quero muito fazer umas coisas que não envolvem lugares públicos também.”

“É mesmo?” Indago rindo.

“U-hum.”

“Gosto disso, princesa” falo e beijo seu ombro. “O que vem a ser isso?”

“Mmm...” ela geme. “Acho que você me comendo na mesa do café da manhã.”

“Bom.” *Bom demais.*

“Depois nós dois lá em cima, no seu quarto, com você me lambendo que nem ontem à noite.” Sua voz sai bem baixa. “Foi muito bom aquilo.”

Rio e murmuro. “Com prazer.”

“Pode ser que eu queira fazer isso em você também.” Pigarreio ansioso e ela continua. “Sabe? Eu nunca fiz isso.”

Paro de beijar sua garganta e a olho exasperado. “Nunca?”

“Nunca. Você me ensina e deixa eu fazer em você?”

Perco o ar. *Putá merda.* A visão de eu ensinando-a a me dar prazer do jeito que eu gosto, sua boca em mim. Esses lábios carnudos e rosados. É loucura demais para mim isso. Fico cheio de tesão apenas com a ideia.

“Deixo! Claro que eu deixo. Vou te ensinar com todo o prazer.” Seus olhos brilham, mesmo que ainda esteja envergonhada. “Vai ser maravilhoso, te garanto meu anjo travesso.” Beijo sua boca intensamente.

Solto-a e ela fala:

“E você quer fazer essas coisas comigo? De novo?”

“Com você eu quero tudo. Namorar na cama, transar de roupa, ficar de amasso, beijar, te chupar e se você quiser também me chupar, tudo bem. Quero fazer todas as coisas que os casais fazem.”

Ela abre um sorriso radiante e agarrando meu rosto, me beija. “Fico feliz de fazer essas primeiras coisas com você.”

“Ah, minha querida”, mordo seu lábio inferior, “sou eu que vou gostar.” Falo e empurro as coisas da mesa para longe, abrindo espaço.

Delicadamente seguro sua cintura e a coloco em cima da mesa e não resisto a vontade de abrir suas pernas. Minha boca ânsia para sentir seu gosto doce de novo e quando ela está aberta para mim, fico louco. Victoria está sem nada em baixo. Nua e deliciosa. *Putá merda.*

“Você me faz um homem feliz com esse tipo de visão Victoria.” Provoco-a e suas bochechas ficam vermelhas.

Dezesseis

Victoria

DOMINGO, 25 DE OUTUBRO DE 2013.



ENCOLHO OS OMBROS SEM GRAÇA e digo o motivo de estar nua debaixo da blusa dele que encontrei no chão do quarto. Porque minha mala com minhas coisas ficou na sala de estar. Então a alternativa era usar a blusa para tomar café, mas sem calcinha, que de certa forma foi sua culpa, pois ele a destruiu ontem.

“Não achei minha calcinha e mesmo assim você a destruiu.” Digo baixo. “E eu não ia mexer nas suas coisas para pegar uma cueca sua sem permissão.”

O *closet* dele é muito grande e arrumado demais. Roupas sócias, neutras e casuais. Todos os tons de cinza, preto, azul e algumas verde. Os sapatos expostos no chão, abaixo do roupeiro e mais em uma sapateira na parede e algumas gavetas. Tudo impecável e limpo. E eu não ia abrir cada gaveta para procurar uma cueca.

Então eu passei pelo *closet* rapidamente para chegar ao banheiro. Joguei uma água no corpo, me limpando do sexo que fizemos ontem e ajeitei meu cabelo de pós foda e sono, não quis lavar porque sabia que ele deveria estar me esperando.

Ethan sorri e deixa um beijo em uma das minhas coxas. *Ui! Que tesão.*

“Você pega o que quiser, quando quiser na minha casa.” Eu abro a boca para dizer que não concordo, mas ele me impede. “Mas eu prefiro você assim. Depois de ontem à noite, vai ser difícil ficar perto de você com roupa. Sem te tocar e provar, pelo menos no início. Não fica vermelha. Você é minha namorada e eu vou lhe usar e abusar com frequência.”

Essas conversas sobre sexo e ele também todo lindo assim logo de manhã, me deixa com tesão. Consigo sentir minha excitação, estou molhada e o ar gelado da manhã está me atingindo bem *ali*, porque Ethan mantém minhas pernas abertas. *Céus!*

Sinto um calor no corpo todo. Meus nervos borbulham. Minhas entranhas têm pressa. Lembrar de hoje à noite, já que era de madrugada quando transamos e ter a visão desse homem lindo usando apenas uma calça de flanela de seda na

manhã seguinte, sem camisa, malhado, gostoso e sarado. Me deixou com água na boca, maluca, muito excitada e sei que ele também. Já que sua calça marca bem *tudo*.

Eu o tenho para mim.

Louco de tesão por mim.

Deslizo meu pé no meio das suas pernas, sentindo a protuberância da sua ereção. Ethan morde a boca e suas mãos apertam minhas coxas por reflexo. Cheia de tesão, coloco uma perna no seu ombro, me abrindo mais para ele.

“Então, se é assim... Pode começar a abusar de mim agora, *meu* namorado lindo.” Digo tentando mostrar confiança. Seduzindo ele e acho que faz efeito. *O jeito que ele me olha... Oh céus!*

“Você foi feita pra mim sabia?!”

Fito seus olhos azuis, tão maravilhosos e sinto um aperto em minhas coxas das suas mãos enormes e levemente calejadas. Mãos de homem que malhar e pega pesado. *Ai!* Ontem foi tão bom. *Ai* não me recuperei. Sentir nossas peles juntas, tocar seu corpo, sentir seus músculos flexionando e seus olhos em mim o tempo todo. Simplesmente incrível.

Seu olhar cintila tanta fome, liberdade e algo mais quando ele está com os olhos grudados em mim. Algo, que me dá coragem para ser ousada. Sei que estou um pouco trêmula, mas não consigo evitar o desejo que estou sentindo por ele.

Com um sorriso lindo e intenso, ele aproxima sua boca no meio das minhas pernas, na minha boceta e... *Oh céus!!!*

Ele é incrível e não sei como descrever. Apenas sei que ele sabe deixar uma mulher louca, sabe chupar gostoso. Com vontade, maestria nos toques certos e velocidade perfeita. Agora começo a entender quando algumas amigas minhas falavam que os seus namorados eram uns loucos fazendo *oral*. Levavam elas as estrelas e lembro que uma delas disse que o seu namorado poderia ganhar uma competição de chupar manga.

Arqueio as costas e seguro com força as bordas da mesa e fecho os olhos. Isso é tão bom. Estou me entregando ao prazer dele me possuindo e eu anseio por mais. *O que que isso? Minha nossa!* Gemo o nome dele e tenciono mais meu corpo para a boca dele, para ele me dar mais. Meu Deus, do céu, eu estou viciada nele e não tenho vergonha de admitir isso. Pelo menos internamente.

Eu sempre ouvi dizer que normalmente quando a gente faz sexo pela primeira vez com alguém, temos a tendência de nos sentir estranhas, receosas e cautelosas. Um pouco envergonhadas. Claro que estou falando de mulheres menos descaradas. As mais convencionais. Mas, enfim, com Ethan eu não consigo me sentir assim. Nem um pouquinho.

Com ele não me sinto assim, na verdade, sinto como estivesse com ele há muito tempo. Me sinto segura. Quando olho dentro dos seus olhos, quando olhei ontem com ele dentro de mim, me senti profundamente segura como nunca antes.

As lembranças da minha primeira vez com George foram inevitáveis de comparar. Por que é incomparável ele a Ethan. Minha primeira vez explodiu na minha cabeça. Foi tão diferente de estar com Ethan. Eu me senti esquisita no dia seguinte, não queria nem olhar para George. Fugi dele de todos os jeitos. Fiquei com a impressão de que cometi algo errado. Sujo.

Ele era meu namorado. Embora nosso relacionamento era praticamente para eu não me sentir tão sozinha, o que não funcionou. Era uma conveniência por nós estudarmos no mesmo colégio, ele ser meu amigo e meus pais permitiam ele ficar lá em casa. Não era um namoro de verdade. Eu nunca nem fui apaixonada por ele. Só achava bonito e legal. Nosso namoro era uma espécie de acordo. Seu pai é sócio da empresa e éramos amigos desde criança. Então dei uma chance a ele, mas depois que transamos, percebi que nunca ia dar certo e após aquela noite, não quis encostar, beijar e muito menos repetir, mesmo que ele tenha sido bom comigo na primeira vez, mas demorou um bom tempo para eu querer repetir.

Com Ethan é totalmente diferente. Sentir ele dentro de mim foi mais do que eu esperava. Eu não imaginava que poderia ser como foi. *Tão prazeroso*. Foi surreal, mágico, gostoso e insuficiente... Por mais rápido que ele fosse, por mais dentro de mim que ele estivesse e eu o acompanhasse, queria mais e mais dele. Por mais juntos, eu o quis mais. Meus hormônios ficaram explosivos e atrapalhados, assim como minha cabeça. Eu não sei o motivo dessa inquietação que me atingiu em estar com ele assim. Eu queria muito transar com ele, porque meu *Pai Eterno*, esse homem é um pecado. Lindo, charmoso, educado, carinhoso e me trata como porcelana. Foi muito gostoso. Seus olhos me dizem tudo e nada ao mesmo tempo.

Ele no baile foi um Ethan: Ansioso, fogoso e tentador. Agora, depois da nossa primeira vez, está outro Ethan: Pensativo, nervoso, ansioso — não no lado bom — e seus olhos tentaram me dizer alguma coisa, mas não desvendei. *Ainda* não sei. Fingi que não percebi e fugi dele para ligar para Cora e depois Clara, quis deixá-lo pensar um pouco. Quando voltei para ele, já estava diferente e sorrindo, me convidando para comer com ele.

“Ah...” arqueio as costas e grito seu nome enquanto ele continua me chupando com todo o seu talento e ganância, que me vira do avesso.

A língua dele faz círculos na ponta do meu clitóris repetidas vezes, algumas lentas e outras mais rápidas. Ele massageia meu núcleo com dois dedos dentro

de mim. Me abrindo, enfiando e tirando os dedos. Arrancando gemidos intensos e eróticos de mim. Fecho os olhos e mordo a boca com força. Sua língua é uma loucura. Eu já não aguento mais ficar com o tronco erguido e por muito pouco não largo meu corpo em cima dos pratos atrás de mim. Sou obrigada a ficar sentada com o corpo feito um arco para frente e agarro com força os ombros dele.

“Por favor.” Solto com a voz rouca. Suplicando, carente.

Ele tira os dedos de dentro de mim e corre as mãos dos meus joelhos até minha bunda, aperta com vontade e me puxa. Abocanha de cheio minha boceta de novo e grito ao sentir sua língua úmida e quente dentro de mim. Em um vaivém alucinante. Seu nariz esfrega às vezes meu clitóris e gemo *desavergonhadamente* em cima da mesa.

Ai meu bom Deus. Aperto os olhos e arranho o ombro dele. Meus pulmões estão queimando, o nó dentro de mim está me matando e estou quase lá. Quase gozando deliciosamente na boca do meu namorado safado e lindo. Porra! Esse homem é um delírio.

“Você tem um gosto tão bom, princesa.” Murmura rapidamente antes de sua língua brinca e seus dentes mordisca de leve minha carne úmida e sedenta.

Abro a boca para respirar melhor. Meu peito sobe e desce com a respiração instável. Solto um gemido sofrido quando ele atenta minha boceta lambendo tudo e raspando a barba.

“Oh céus. Ethan! Por favor.” Digo em um fio de voz, quase chorando. Impaciência e tesão é tudo que passa por meu corpo agora.

Nossa. Essa barba sedutora me arranhou de um jeito tão bom ontem à noite que eu quis nunca mais que ele parasse de me beijar. Beijar minha boca, meu corpo todo, minha boceta. E *sua* língua. *Aí*. Ele não podia parar de fazer aquilo com ela ontem. Fazer o que está fazendo agora.

Imploro por ela e imploro pelo seu pau grosso, grande e duro dentro de mim. Sexo intenso. É o que estou implorando.

“Preciso.De.Mais.” Arfo cada palavra, pegando os cabelos dele com uma mão e aperto.

Ethan enfia dois dedos em mim de novo, deslizando lenta e profundamente dentro de mim, fazendo-me gemer alto. Vejo estrelas. Sem me dar pausa para voltar à terra ele começa a meter o dedo com força ao mesmo tempo que suga meu clitóris e às vezes sopra minha carne sensível. Suas caricias estão me deixando sem ar. Quando ele mordisca mais uma vez meu clitóris, e eu não aguento mais. Gozo intensamente na sua boca, deixando meu orgasmo me atingir feito espiral e desço dessa montanha-russa a todo vapor com ele deixando escapar sons de prazer, sorvendo meu sabor e apertando minha bunda, me

puxando para ele. Minhas mãos voam para os seus cabelos, os puxando.

Quando dou por mim estou em um abraço quente em cima do seu colo e seus braços fortes me apertam, nos deixando bem próximos. Estou sem ar ainda. Ofegando e suada.

“Uau.” Solto em meio a uma respiração. “Isso foi incrível.”

Jogo meus braços envolta do seu pescoço e beijo sua pele. *Esse homem é tão quente.* Sinto o gosto salgado do seu suor e faço um caminho do seu pescoço até sua boca. Ele beija minha bochecha e segurando meu rosto.

“Incrível nem chega perto do que estou com vontade de fazer com você agora.”

Quando penso em responder, ele sorri e se levanta. Passo as pernas na sua cintura, sentindo sua ereção dura. Ele me leva para a varanda, caminhando para piscina. Seus passos firmes vão me acalmando. Parando perto da piscina, sorri de novo e diz:

“Vamos esfriar um pouco esse calor todo, princesa.”

Mal tenho tempo de assimilar suas palavras. Ele nos joga dentro da água fria. *Ai merda!*

Submersa na água, começo a me debater. *Eu não acredito que ele fez isso.* A água está muito fria e levando em conta que estamos muito quentes por causa do que acabamos de fazer, ela parece congelante. Ethan me abraça, não me deixando voltar minha cabeça para fora da água. Tento empurrar ele, me tirar dos seus braços, mas é inúteis. Ele é um gigante, forte e musculoso contra uma mulher magra, mesmo não tão fraca assim. Aparentemente sou resistente e forte, porém, pelo visto não o suficiente para me livrar dele.

Ele puxa meu corpo e beija minha boca dentro d’água. Mesmo com raiva, sorrio e quando ele resolve subir. Puxo o ar e reclamo, tentando sair dos seus braços.

“Ah, seu idiota. Por que fez isso? Está frio.”

Ele dá risada e não me solta, me dominando. Empurro ele de novo, mas quando ele captura minha boca, amoleço. Sua língua acaricia meus lábios antes de se enfiar dentro da minha boca. Um beijo deliciosamente lento. Perco todas as minhas forças e sedo rápido a ele. Não que isso seja muito difícil.

Abraço ele com as pernas e os braços, gemendo contra seus lábios. Ele me provoca. Lambendo minha boca e então enfia língua. Nossas línguas começam a fazer uma dança sedutora e meu corpo volta a esquentar.

Sinto-o ereto, grosso por debaixo da calça fina, que está molhada e grudada ao corpo dele agora, entre minha barriga e meu sexo. Ele se esfrega em mim, me fazendo suspirar e atingindo-me exatamente onde estou sensível. Ainda sob efeito das suas caricias. Por impulso me esfrego e ele estoca. Rebolo de leve,

raspando seu pau em mim. Ele solta um rosnado de aflição.

“Porra, Victoria.” Ele arfa enquanto aprofundando o beijo. As mãos na minha bunda, instigando meu corpo a subir e descer, esfregando-se nele. “Eu preciso estar dentro de você. Preciso te foder agora.”

Nossa. Isso foi tão *cru* e me dá um tesão indescritível. Se não fosse pela água da piscina, eu sentiria minha umidade. Ethan nos guia para a escada da piscina, nos tirando dela. A água escorrendo dos nossos corpos. As roupas coladas em nossos corpos e meus cabelos encharcado nas minhas costas. Ele me carrega, como se eu não pesasse nada.

Me joga no sofá da piscina, que é antiaderente e começa a fazer caricias pelo meu corpo. Ele está tão sexy, lindo e gostoso. Os cabelos loiros, molhados e mais escuros, o corpo musculoso brilha e a calça, indecentemente, colada ao corpo. Sem deixar nada para imaginação. Meu Deus. *Eu não mereço um homem desses.*

Ethan abre a blusa social do meu corpo, destruindo-a e os botões voam para todos os lados. Ele a tira do meu corpo com fúria e seus olhos entreabertos observam minha nudez com fome crua. Apenas em me olhar desse jeito, estou excitada. Meu corpo pede aproximação. Quero tanto ele que sinto dor. Estou queimando.

Ele se ajoelha e então sinto sua boca em mim. *Ah!* Eu grito com suas mordidinhas, beijos, lambidas, mas ele tem outros planos e resolve passear sua boca fantástica pelo meu corpo. Ele dá beijinhos em cada curva minha, cada pedacinho, me queimando. Chega nos meus seios e chupa meus mamilos e segura meus peitos com as duas mãos. Rouba meus suspiros, me levando aos céus de novo e de novo.

De repente ele fica de pé e me olha. Um olhar penetrante, louco e hipnotizante. Desamara o laço da sua calça, puxa um pouco os lados e empurra para baixo. Ficando em um piscar de olhos nu. *Ele é perfeito.* Mordo o lábio para disfarçar meu sorriso e reprimir um pouco meu desejo. E ele sorri abertamente, estica os braços e faz um movimento com os dedos me chamando.

“Como?” Pergunto entrando na brincadeira, ainda deitada.

“Vem aqui.”

Ergo as sobrancelhas e sorri de lado. Eu gosto dele safado e por isso vou.

Hipnotizada por seus olhos, corpo, todo ele, seguro suas mãos. Ele me agarra, e ergue nos seus braços, pegando-me no colo e me beija. Passo um braço atrás do seu pescoço e percorro meus dedos no seu pescoço até o rosto. Sinto sua barba na palma da minha mão. Ele está nos levando para algum lugar. Abro os olhos, descobrindo que ele me beijava de olhos abertos e estamos nas escadas, e logo no seu quarto.

A suíte dele é maravilhosa. Essa vista para o horizonte de Los Angeles, é divina. De noite é lindo ver as luzes, parece que têm um chão de estrelas. Estou acostumada, pois é a mesma visão do quintal da minha casa.

Ethan anda até sua cama, me dá um olhar tentador e me joga na cama. Dou um grito pelo susto e uma gargalhada. Mexo meu corpo e fito seu rosto deitada de costas na cama. Apoio os braços dobrados para trás, erguendo-me. Estou nua, molhada, excitada, sem fôlego e curiosa. O que será que ele vai fazer agora.

Ele abre um sorriso sedutoramente, abaixa o corpo e coloca as mãos nos meus tornozelos, me puxa, deixando meu corpo no meio da cama e vem para cima de mim lentamente. Me seduzindo com seus olhos e suas mãos passando no meu corpo conforme vai cobrindo meu corpo com o seu.

Ele para de joelhos no meio das minhas pernas e as dobra, me abrindo. Seus dedos deslizam lentamente para onde ele olha faminto. Suas mãos queimam minha pele. Nas laterais das minhas coxas, depois por dentro e lentamente acaricia minha virilha. Os olhos seguem cada movimento, e esse olhar parece água quente. No fogo máximo, borbulhar, fervendo como uma larva em um vulcão em erupção.

“Tão linda.” Ele murmura baixo, para ele mesmo.

Seu corpo se aproxima, me obrigando a deitar na cama e deixa beijos no vale dos meus seios, ele fica um pouco parado assim e então sua estrutura musculosa e maciça me cobre. Seus antebraços ao lado dos meus ombros e as mãos no meu rosto, mas ainda não encosta seu corpo no meu. Ele me encara, olhando para dentro dos meus olhos. Respiro fundo com a intensidade do seu olhar.

Sua ereção raspar minha coxa, o que me faz suspirar. Levo minhas mãos para o seu rosto e o puxo para baixo e beijo sua boca carnuda e deliciosa. Ele perde as forças e deita o corpo sob o meu.

Fecho os olhos com a sensação das nossas peles se tocando. É um efeito tão indescritível. Maravilhoso não chega perto do prazer que é sentir sua pele na minha. Estamos escorregadios por causa da água da piscina. Frio e quente. Passo as pernas por cima do seu corpo, abraçando seu quadril e adoro a sensação do seu peitoral nos meus seios.

Adoro esse homem. Quero sentir ele o tempo todo, seus toques, sentir seu cheiro almiscarado. A mistura de sol, bronzeado, colônia masculina, o seu shampoo. O aroma perfeito de Ethan Brown. E isso é uma coisa nova para mim. Fui criada em uma família moderna, mas que preza o respeito e a conservação. Que tem seus costumes e tradições. E está mulher devassa que estou me transformando com Ethan é algo *realmente* novo.

“Ah! Minha princesa.” Ethan fala em uma mistura de gemido e rosnado.

Passo as mãos por seus braços, do lado dos meus ombros e minhas mãos vão para sua nuca, para as costas, sentindo seus músculos flexionar conforme ele se mexe. Ele beija meu pescoço, meu colo, meu queixo... minha orelha.

“Ethan”, minha voz sai estrangulada. Fraca e afoita. “Preciso de você.” Aperto seu quadril com minhas pernas e ergo a pélvis, convidando-o para me penetrar. Ele está me matando com a espera.

“Porra.” Ele rosna rouco e ajeitando seu corpo no meu, seu pau raspa meu sexo. Fecho os olhos e espero, mas ele continua me provocando com a *ponta* no meu clitóris. Estou sensível demais e gemo com a boca aberta. “Você está *molhada* como um inferno. Puta que o pariu, Victoria”, ele geme e quando arqueio meu corpo com o efeito das suas palavras, cravo minhas unhas nos seus ombros, suplicando. Ele geme, e lenta e sedutoramente sinto o alívio quando o sinto entrar em mim. Minha pele queima, meus músculos se apertam entorno dele.

“Céus!” Exclamo com o coração acelerado.

Estou tão sensível. Sinto-o maior, mais liso e úmido. Fecho os olhos, soltando a respiração de boca aberta com gemidos cortados. Jogo a cabeça para trás e aperto seus cabelos. Meus mamilos se esfregam na pele dele toda vez que ele impulsiona lentamente para a frente, para dentro de mim.

Ai nossa! Tem algo diferente. Eu sinto isso, algo novo. Ele está mais dentro de mim, atingindo um ponto mágico...

Ethan sai e entra algumas vezes e de repente congela quando está prestes a me penetrar mais uma vez.

“Caralho.” Ele se afasta um pouco e ofegante, descansa a testa na minha. “Merda. Merda. Eu não posso. Não posso.” Vejo-o contrair a mandíbula e ranger os dentes.

“O que houve?” Pergunto nervosa. “Qual o problema? Não pode o que?”

Seu corpo estremece de leve e ele aperta sua mão em meu antebraço direito, onde minha mão está em seu rosto.

“Eu esqueci...” ele grunhe e segura meu corpo. “Porra, não se mexe. Eu esqueci, mas posso parar ainda.”

Não entendo ainda. Estou confusa. “Do que você está falando?”

“Você não está sentindo?” Pergunta meio fora do ar. Seus olhos estão escuros e cheios de algo que ainda não decifrei.

“Eu estou sentindo você é claro, só não estou entendendo.”

Ele segura meu rosto e olha no fundo dos meus olhos. “Estou sem proteção Victoria. Não sente?” Ele pergunta e faz um movimento para dentro, descontraindo-se, para eu sentir.

Suspiro alto e fecho os olhos me concentrando em meu corpo, em cada

centímetro e o sinto *realmente*. Pele contra pele. O que pensei que era algo novo, é o fato de eu estar sentindo-o dentro de mim sem nada, apenas sua pele. *Meu Deus* é tão bom desse jeito. Ontem foi maravilhoso, mas nesse exato momento estou enlouquecendo. *Isso é gostoso demais*. Ethan começa a sair de mim.

“Não faça isso.” Ameaço e prendo minhas pernas no seu corpo mais ainda. Ethan endurece seu olhar e falo: “Por que você está assim? Não gosta de me sentir sem nada?”.

“Caralho, Victoria. É claro que eu gosto. Apenas estou pensando como um adulto e isso é — ”

“É o que?”

Ele abre a boca, procura as palavras, mas fecha em seguida.

“Se você está preocupado comigo, eu tomo pílula desde que perdi minha virgindade.”

Seus olhos acendem de ódio. Não entendo. “Por que? Você já transou — ”

“Porque minha médica falou que mesmo com o preservativo é importante se precaver.” Falo, interrompendo-o e ele assente. E revelo uma coisa que ele deve estar pensando. “Nunca transei com o George sem proteção, mal fiz sexo com ele.”

“Não me vem falar desse babaca.” Sua mandíbula contrai de novo.

“Apenas tirei sua dúvida.”

“Tudo bem, certo.” Seus olhos fogem dos meus e ele engole seco. “Mas você não se preocupa comigo? Eu tinha uma vida agitada antes de namorar você.”

“Bem...” deixo a frase no ar, porque não tinha pensado nisso e eu sei como era a vida sexual dele. “Você tem alguma coisa?”

“Não. Eu já comi muita mulher, mas sempre me protegi e faço exames mensais e a seguro para você que não tenho nada. A proteção não era só por causa de doenças. Eu era um moleque e depois um homem estudante que queria apenas curtir minha vida e uma noite com alguém. Aliviar a tensão. Um filho seria uma merda para mim naquela época. Principalmente porque aquelas mulheres eram casos.”

“É verdade.” Murmuro atônita.

Ficamos em um silêncio estranho, nos encarando, até que ele se mexe, me penetrando. Arfo e rebolo na cama, para senti-lo.

“Porra.” Ele aperta minha cintura. “Escuta, se você quiser eu paro e pego um preservativo. Mesmo eu morrendo de tesão por estar sentindo você sem nada.”

Suspiro, enchendo todo meu pulmão e nego com a cabeça soltando o ar. “Não precisa. Eu confio em você.”

Ele fecha os olhos, parecendo renunciar. “Você confia em mim.” Ele repete baixinho

Ethan morde meu lábio inferior, sugando e desliza a língua, enfiando na minha boca. Dominando e seduzindo com um beijo de língua lento, enquanto vai *entrando* em mim lentamente de novo e começa a se mexer de verdade.

Sinto a tensão em seu corpo e sei que ele está lutando para manter a lentidão. O vaivém contínuo e vagarosamente gostoso. Ele ajeita ainda mais seu corpo sob o meu, encaixando-se perfeitamente em mim. Meu coração bate pausadamente e ritmado, em frenesi. Minhas mãos passeiam por seu corpo: costas, braços, na sua bunda durinha. Eu nunca senti algo tão arrebatador.

“Oh meu Deus.” Gemo rouca com ele enfia cada centímetro e abandonando minha boca, morde meu ombro.

“Você é tão apertada. Tão gostosa.” Ethan passa a língua no meu colo chegando ao outro ombro e o morde também. “Nunca, nunca mesmo, vou me fartar de você. Minha nossa, Victoria. Merda.”

Ele ondula o corpo, movendo seu quadril para frente e para trás, indo bem fundo em mim. Mergulho meu rosto no seu pescoço, arqueando o quadril para acompanhar suas estocadas. Ele me abraça, colocando seus braços por baixo das minhas costas e rodeando meus ombros com as mãos. Estamos bem perto e ele aumenta seus movimentos.

Arqueio as costas, gemendo, sentindo-o tão fundo dentro de mim que sinto uma pontada de dor e desconforto, que logo passa e sinto apenas uma energia lunática e prazerosa. Puro êxtase. Puro tesão. O entre e sai está me deixando louca. Arranho com força suas costas e enterro minhas unhas na sua pele.

“Victoria.” Ele rosna, apertando seus braços, engolindo meu corpo em um abraço *colante* e batendo seu quadril em mim com investidas selvagens. *Gemo alto e rouca*. Nossa ontem não foi *assim*.

Começo a sentir meu orgasmo chegar, os espasmos de luxúria e solto um grito estrangulado, com sofreguidão. Seu rosto volta a ficar na frente do meu e ele me dá um dos seus beijos alucinantes. Aperto minhas pernas em volta dele e gozo, puxando seus cabelos. Adoro puxar com força os cabelos dele e sei que ele gosta também, porque ele geme ainda mais na minha boca. Com mais três estocadas ele goza também. Se liberando dentro de mim.

“Porra.” Ele grunhe e eu sei porque. Sentir ele gozando dentro de mim é indescritível. É sedutor, íntimo e sujo. “Minha”, ele murmura me beijando e liberando o seu orgasmo. É quente e grosso. Nunca imaginei que seria assim.

“Isso é tão bom.” Digo com ele ainda estocando por reflexo.



ETHAN CAI PARA O LADO E LOGO ME PUXA PARA ELE, deitando nossos corpos de lados, esparramados na cama, minha perna vai parar em cima dele e minha cabeça pousa entre seu ombro e peito. Estamos ofegantes e molhados agora de suor.

Ganho um beijo surpreendente na testa e sorrio sem escarrá-lo, mas faço carinho no seu peito. Meus músculos estão acabados e estou deliciosamente dolorida. Ficamos um pouco em silêncio, acalmando nossas respirações.

Suspiro alto e o escuto ri antes de dizer: “Você acaba comigo”.

Rio também e beijo seu peito sentindo suas mãos afagando minhas costas lentamente.

“Isso foi foda.” Ethan murmura.

“U-hum.” Afirmo e inclino o rosto para vê-lo. Passo meu indicador em sua barba, nas curvas do seu rosto, acompanhando com meus olhos o movimento.

“Você vai se importar se de agora em diante a gente não usar camisinha?”

Tomo uma respiração e a confusão me invade. “Claro que não, eu gostei. Você não?”

“Porra, Victoria. Eu estou me sentindo meio maluco com isso, você é totalmente minha agora. E é lógico que eu gostei e muito. Mas não quero forçar você a nada.”

Acaricio seu rosto. “Você é um fofo”, murmuro sorrindo, “e você não vai me obrigar a nada, porque eu gostei.”

Seus olhos nublam em tesão e sou pressa na cama com seu corpo de novo. “Que ótimo, mas retire o que disse.”

“O quê?” Dou risada e ele morde minha boca.

“Que sou fofo.”

“Oh... Seu bobo. Você é um fofo mesmo”, falo e completo baixinho: “e eu adoro”.

Seus lábios curvam-se no canto, um sorriso contido e ele beija minha boca. *Oh céus esse homem me deixa louca por ele.*



ACABAMOS DE TOMAR UM BANHO JUNTINHO com muitos beijos e carícias. Ethan faz cócegas em mim, mas fujo saindo do box. Pego uma toalha, me seco. Visto um roupão e desço para encontrar minha mala em um sofá próximo as escadas e vou para o banheiro de visita. Coloco meu biquíni branco e deixo os cabelos presos. Fico descalça e saio com o roupão de banho. Ethan está descendo as escadas quando o encontro de novo.

“Ia levar minha mala lá pra cima.” Falo contida.

“Depois você leva. Não precisa de pressa.” Ethan diz se aproximando e tira a mala da minha mão, solta ela, fazendo um som de baque no chão.

“Ainda bem que não tem vidro na parte de baixo.”

“Foi mal.” Ele diz baixo.

Dou de ombros e sorrio.

Ele está incrivelmente sexy. Vestiu uma sunga preta, apenas ela. Está descalço e eu acho os pés dele lindo. Seu corpo grande e musculoso é um pecado assim, seminu e ele me deixa em uma situação difícil de estar perto dele desse jeito, sem o atacar.

“Você está... bonito.” Murmuro e ele sorri.

“Obrigado.” Agradece e me puxa. “Você também.”

Ele segura minha mão e saímos para a varanda. Na piscina, ele tira meu roupão e o escuto soltar o ar com força atrás de mim e então suas mãos giram meu corpo. Encaro sua carranca, sem entender.

“O quê?”

“Você sai com isso?” Ele pergunta sério, apontando para o meu corpo de cima à baixo.

“Isso. O biquíni?” Indago.

Ele assente ainda de cara feita.

“Sim”, respondo.

“Não mesmo.” Resmungo sério.

“Como é que é?”

“Você não vai mais sair com isso sem minha presença *mesmo*.”

Reviro os olhos. “Por Deus Ethan, não vem bancar um de: homem troglodita, pra cima de mim.”

Ele faz cara de interrogação, mas eu o ignoro, fazendo um gesto de desdém com a mão.

“Eu vou continuar a usar minhas roupas sendo sua namorada ou não. Isso é ridículo. É apenas um biquíni.”

“Eu não concordo. Está mostrando demais.”

Esses homens são todos iguais, só muda o nome, endereço, família e alguns detalhezinhos. São um bando de crianças grandes. Eu ando para perto dele, jogo meus braços em seus ombros e ele circula meu corpo com os dele.

“Você não precisa ficar tão ciumento, *ok*? O que você vê e tem em quatro paredes é só seu. Olhar não arranca pedaço, senão você nem iria mais sair para trabalhar se eu pensasse assim. E olha para você de sunga? É um absurdo.”

Ele balança a cabeça me desprezando. “Concordo apenas em que você é minha.” Rio dele e ganho um beijinho. “Mas o que você quer dizer sobre não me

deixar ir trabalhar? E a sunga não tem nada demais.”

“Para você talvez e olha...”, falo deslizando minhas mãos em seu peitoral *nu*, “eu percebo como as mulheres e até alguns homens olham para você, mesmo todo vestido. E se eu achasse que isso arrancasse algum pedacinho de você. Com certeza, você iria começar a andar de *túnica* e *turbante* que nem aquelas mulheres da Arábia.”

“Se você diz.” Ele dando risada, zombeteiro.

Empurro seu peito e falo:

“Eu sei que você acha que eu estou brincando, mas não estou.” Fico séria.
“Só que eu não me importo de olharem pra você.”

“Não?” Diz se divertindo.

“Não, não mesmo. Porque o que eu tenho é muito melhor do que só olhar.”

Ethan faz um som similar a um rosnado e me puxa para ele. Dou um pulinho e enrolo minhas pernas em seu quadril, apertando-o com os braços e pernas. Ele beija de leve minha boca e sussurra:

“Eu quero você.”

“De novo não. Quero curtir o dia com você, um pouco a piscina, conversar — ”

“A gente pode conversar na cama e fazer muito mais.”

“Não. Vamos passar um tempo juntos e aqui. Não quero sair, só quero ficar aqui na sua casa com você e nós precisamos de comida e socializar um com o outro. Os casais não ficam transando vinte e quatro horas.”

“Como você sabe?”

“Ah Ethan... não enche.”

“Não enche?”

Ignoro ele e sorrio. “Sim, não enche.” Passo o nariz no dele. “Vamos para piscina e depois almoçamos. Vamos passar o dia curtindo a companhia um do outro.”

“Eu só preciso de você agora. Nada de comida.”

“E você me tem.” Eu o beijo.

Minha intenção era um beijinho, mas com Ethan nunca é *um* beijinho. Ele é teimoso, agarra minha cabeça, prendendo os dedos em meus cabelos e beija-me com desejo. Segura meu rosto, me reivindicando com seu poder e força, me beijando com mais fervor e fome. Começo e perder o fôlego e o empurro de leve soltando uma lufada de ar.

“Nossa.” Falo de olhos fechados.

Sinto ele passar a boca suavemente na minha testa até a boca, onde eu dou um beijinho. Abro os olhos e o flagro sorrindo com ternura para mim. Sorrio para ele também.

“Achei que você já estava satisfeito da nossa manhã e — ”

“Mmm...” Ele geme e pressiona seu pênis em mim. “Nunca.”

“Eu te entendo”, falo fazendo carinho no braço dele que está do lado meu rosto “mas...”

Eu não consigo mesmo me ver algum dia me satisfazendo dele. Eu sempre quero mais. Mais carinho, mais beijo, mais das suas mãos, boca e língua em mim e também mais do seu pênis fabuloso. Uau! *Que pensamento horrível Victoria Colton.*

“O que foi? Você ficou vermelha.” Ethan pergunta curioso, mudando seu tom de brincalhão safado para preocupado e me coloca no chão.

“Como?”

“Essa cara envergonhada, meio amarga.”

Saco. Deixei meus pensamentos transparecerem em meu rosto. *Sou um idiota.*

“Ah... Eu-eu...” abro e fecho a boca, tentado achar uma desculpa. “Só estava pensado uma coisa aqui.”

“Sobre o que?”

“Nada não.”

“Você disse que chega nesse; nada não. Sou seu namorado, pode falar o que quiser.”

Faço uma careta. “Não acho que você deva saber de tudo que se passa na minha cabeça.”

“Mesmo?” Pergunta exasperado. Afirmo e ele nega com a cabeça. “Não vou mesmo concordar com isso. Vamos fazer um acordo.”

“Que acordo?”

“Eu prometo não ser possessivo demais e você promete não me esconder nada que envolva nós dois.”

Respiro pensativa. Eu não sei se é certo minhas ações com ele e nem se é certo ficar contando para ele. Por fora pareço estar curtindo tudo numa boa, mas por dentro sei que estou medrosa e envergonhada. Estou agindo de um jeito liberal porque ele me passa segurança, e porque é meio que impossível resistir a ele.

“Tudo bem”, e dou de ombros.

Ele sorri e me beija. “Okay, vamos deixar para depois. Agora vamos tomar um banho de piscina, relaxar para almoçarmos e enquanto isso você me fala sobre suas divagações. Certo?”

“Certo.”

“Minha princesa”, ele segura minhas mãos, “não precisa ficar assim e mesmo que você fale que não tem nada a ver comigo, eu sei que tem.”

Fico muda olhando para ele e pensando o quão maravilhoso ele é. Ethan curva os lábios de lado.



Estamos deitados no *futon* agora, depois de horas na piscina. Ele faz carinho em mim lentamente nas costas e penteia meus cabelos para trás. Sorrio de olhos fechados. Ele me beija e pergunta com a boca colada na minha:

“Está com fome?”

“Hun... Talvez e você?”

Ele ri, me dá um beijo e senta. “Vou pedir um lanche, tem horas que almoçamos.”

“Okay”, sussurro.

Assentindo com uma cara feliz, ele levanta e entra em casa pela sala. Fico olhando-o com a cabeça para trás. Ele pega o telefone e fica sério enquanto fala, mas ao me ver sorri. Balanço a cabeça e viro o rosto para o céu. Estou tão feliz. Ele me faz feliz. Isso é preocupante. Assustador.

Trinta minutos depois a comida chega, e comemos sentados no balcão da cozinha que dá para o lado de fora, na varanda. Trocando olhares o tempo todo, e claro que rio como uma idiota.

“Vamos descansar agora.”

“O quê?” Pergunto com ele me puxando pela mão, levando para sala.

“Descansar, Victoria.” Ele senta no sofá enorme, na parte que é comprida e dá para ficar deitado. “Vem”, bate a mão do lado dele.

Meu coração dispara e me sinto derreter. Vou correndo ficar do lado dele. Nos abraçamos e ele me beija suavemente. Fico com a cabeça apoiada no seu peito e inclino o rosto para cima.

“Você está sorrindo por que?”

“Nada.” Murmuro.

Ele dá de ombros e vira-se para TV e liga, colocando um filme.



QUASE ANOITECENDO, ESTAMOS AINDA NA PISCINA. Estou sentindo uma promessa, coisas boas chegando. Uma vibração da energia que fluía do tempo e dos céus, para nossa relação. Sei que posso confiar nele e nunca quero desapontá-lo. Ethan é um cara irresistível e um namorado perfeito. Lógico que eu sei e espero ter algum tipo de conflito com ele, mas espero que ele sempre tenha a mente aberta para aturar meus problemas. Claro que estou sonhando que tudo isso dure por muito tempo, mas sei que meus *problemas* me perseguem, literalmente.

Ethan dobra os braços em cima da borda de vidro da piscina — que parece que vamos cair montanha à baixo — e eu aproveito para abraçar seu corpo por trás, com braços e as pernas. Ele é alto o suficiente para eu poder deitar meu rosto no seu ombro e sem a água chegar no meu rosto e aproveitar o pôr do sol juntinhos. Deve ser umas sete horas da noite.

O céu aos poucos vai perdendo o azul dando lugar para o rosa, lilás e roxo, tomando a cor de azul escuro. O sol no finzinho da nossa visão, vai dormindo com sombras avermelhadas em sua volta.

“Maravilhoso.” Penso em voz alta.

Vejo Ethan sorrir. Ele pega minhas mãos em seu peito e beija uma de cada vez. Beijo seu rosto, agradecendo seu gesto carinhoso.

O céu começa a ser invadido por pequenos pontinhos brilhantes, das estrelas. Um céu de domingo lindo. *Mágico!*

Roubando o silêncio em nossa volta, a voz de Ethan verbera o ambiente.

“Então me fala logo de uma vez o que se passa na sua cabecinha.”

“Ah... Ethan deixa para lá. Achei que tinha esquecido.” Solto seu corpo e caminho para sair da piscina, mas ele me segura e imprensando meu corpo na parede da piscina com o dele.

“Por que é tão difícil você conversar? É tão grave assim?”

“Não é isso. É... que eu não sei...”, meus ombros caem por desânimo.

“Conversa comigo.” Ele pede polidamente com a voz baixa. “Talvez eu possa te ajudar a dissipar essa confusão que você está fazendo na sua cabecinha tonta. E não é de hoje.”

“Primeiro vamos jantar. Estou com fome.”

“Porra, Victoria Colton. Você está me enrolando, estou ficando preocupado com isso.” Ele endurece a voz e eu me assusto. “Desculpe, não queria gritar.”

“Eu sei,” acaricio seu rosto, “e... eu vou falar. Tudo bem?”

Ele assente e espera.

Respiro fundo, tomando coragem. Nossa como é que eu vou falar para o meu namorado que me sinto *tarada* por ele, sem fazer ele pensar coisas ruins sobre mim. Que difícil.

“Eu não sei como vou te explicar.”

“Apenas fale e o resto eu analiso.” Ele diz tentando ser paciência.

“É... que eu estava pensando sobre... que a gente se conhece tão pouco e de... como eu me sinto...” Desvio meus olhos dos seus. É mais fácil assim. “Sinto liberdade com você e acabo reagindo a você como...” deixo a frase morrer.

“Como?”

Abro a boca, mas apenas saí sons idiotas então fecho de volta. Ethan

levante meu rosto para eu olhar para ele.

“Reage como? Fala.” A voz dele está suave.

“Não quero que você pense mal de mim.” Balbucio.

Confusão o domina. “Mal? Em que sentindo? Eu nunca iria pensar nada de ruim sobre você. Você é maravilhosa, perfeita. Meu anjo. Minha princesa. Por que está pensando essas coisas?”

“Meu jeito é mais contido, Ethan. Eu não era... Eu não sou assim. Não entenda mal. Ah... não estou me explicando direito.”

“Não mesmo.”

“Okay. Eu nunca fui assim tão ousada e safada como sou com você e isso me assusta um pouco.”

Ele abre a boca, mas o impeço.

“Deixa eu terminar.”

Ele assente.

“Eu não sei porque reajo assim com você. Talvez é porque eu me sinta segura e você retribui meu toque, mas isso é novidade para mim. Nosso namoro está no início e... parece que já tem tanto tempo. Não existe vergonha ou... timidez. Sabe?!”

Para minha surpresa, ele sorri e seus olhos brilham de contentamento.

“Olha, deixa eu te explicar uma coisa. Eu adoro o seu jeito comigo e você não precisava ficar pensando essas coisas. Eu sei como você é comportada.” Sinto as bochechas vermelhas. Ele me beija e termina. “Nunca iria fazer suposições de que você é uma devassa.” Ele solta uma gargalha.

Bato no seu peito. “Não tem graça.”

“Victoria,” diz sério, “tira isso da sua cabeça. Eu gosto de você de todos os jeitos e realmente nós parecemos estar namorando há tempos e isso é bom. Não acha?”

“U-hum.” Assinto

“Então agora você vai parar com isso e se concentrar em ser feliz ao meu lado e se você gosta de ser safada comigo. Eu não tenho nenhuma objeção sobre isso.”

“Seu bobo.” Tento ficar séria, mas é em vão. Sei que meus olhos me traem.

Ethan agarra meu corpo e sua está bem perto da minha quando fala:

“Gosto de saber que você se sente segura comigo e quero que sempre me fale as coisas. Quero que nosso namoro seja maravilhoso e até nos momentos ruins, saiba que estarei aqui ao seu lado.” Ele me beija. “Agora vamos sair da piscina, tomar um banho quentinho e pedir o jantar. O que acha?”

“Ótimo.” Aperto meus braços em seus ombros.

“Estou pensando em comida japonesa. Lembra que você deve um jantar

japonês comigo?”

Meu sorriso é enorme e chega a doer os músculos do meu rosto. Assinto para ele e depois o sigo para fora da piscina, para o seu quarto e enfim para o banheiro. Parando em frente os espelhos, ele segura meu rosto, me dá um beijo intenso. Se afastando, liga a torneira da banheira, colocando sais de banho. Virando-se, ele vem devagar para mim, tirando sua sunga, porque já tinha tirado o roupão enquanto eu olhava os detalhes do banheiro. Para na minha frente *nuzinho* e delicioso. Sorrio por dentro, agora eu tenho permissão de ser safada e isso tirou um peso das minhas costas. É muito ruim ficar trancado em nosso inconsciente com medo de algo ou alguém. No meu caso, estava com medo do meu *próprio* juízo. *Ainda bem que eu tenho o melhor namorado do mundo.*

“Gosto de você do jeito que for, lembre-se disso.” Murmura no meu ouvido e me beija carinhosamente antes de entrar na água comigo.

E terminamos essa dia, após um jantar a luzes baixas na sala de jantar, agarradinhos na sua cama quando terminamos de fazer amor, mais uma vez.

Dezessete

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 2013.



“NÃO!”

Uma voz baixa e sofrida invade minha mente sonolenta. Não consigo identificar de onde vem, ou quem é. A voz some. Talvez eu esteja imaginando coisas. Ou estava quase sonhando. Deixando o cansaço vencer, tento dormir tranquilo de novo. Quando estou perdendo a consciência novamente a voz aparece, assombrando.

“Por favor.” Suplica baixo e sinto meu corpo sendo empurrado. “Me deixa.”

Desperto assustado e atento. Me sento na cama já procurando o botão para ligar o abajur do meu lado da cama. Quando a luz invade o ambiente, aos poucos vou me habituando a claridade e logo em seguida viro-me para olhar Victoria e meu coração acelera com a imagem dela. Ela está se debatendo, se mexendo apressadamente, com o corpo tremulo e seu rosto está molhado pelas lágrimas incontroláveis que ela deixa escapar e a pele brilha do suor frio. Ela está dormindo, frágil e carente pedindo ajuda em seu sonho.

“Victoria.” Chamo, minha mão no seu braço e sacudo seu corpo de leve. “Acorda.” Falo em voz auditiva, porém baixa. Não quero assustá-la.

Ela continua se debatendo e fica mais agitada com meu toque.

“Por favor, me deixa.” Grita com os braços voando, se defendendo. “Will! Pai! Por favor.... alguém...”

Vê-la chorando me corta o coração.

Ela chama o irmão e o pai, é claro. Eles a protegem com suas vidas desde pequena e sabem o que é desespero pelas vezes que a levaram. É óbvio que ela corre para eles, mas agora quero que ela me chame também. Sinto uma grande necessidade de ser para ela o seu esteio.

Cara, o sofrimento dela é comovente. *Com o que ela está sonhando?*

Sem temer que ela se assuste, sacudo seu corpo mais forte, chamando seu nome mais alto. Ela tem que despertar.

Assustada, ela desperta com seu corpo sentando-se em um impulso. As

mãos caídas dos lados do seu corpo e a respiração ofegante. Seus olhos estão arregalados e molhados. Sua respiração está tão acelerada, que ela engasga algumas vezes. Fico em alerta, preocupado.

Victoria toma algumas respirações profundas até começar a chorar quando se vira para mim. Ela olha meus olhos e em milésimos de segundos, se joga em meus braços, procurando abrigo.

“Oh, querida.” Abraço-a bem forte, sentindo seu corpo tremer e estremecer. “Shh... Estou aqui.” Afago seus cabelos.

Ela está aninhada como uma criança em meus braços, fazendo-me lembrar de Hannah e das vezes que eu a salvei dos seus monstros. Foram poucas vezes que tive que salvar minha sobrinha dos seus sonhos maus. No entanto, com Victoria nos meus braços tão frágil e amedrontada, vejo uma criança assustada.

A maior diferença entre Hannah e Victoria sem ser a idade, é que os medos da minha sobrinha de quatro anos são coisas inofensivas e literalmente imaginação da sua cabecinha, já os monstros da minha namorada parecem ser reais e perigosos. Talvez lembranças.

Com o tempo, ela vai parando de tremer e resolvo falar com ela:

“Victoria. Você está bem?” Falo baixo, acariciando seus braços para cima e pra baixo. Espero ela responder, mas ela apenas aperta mais meu corpo. “Ei, está tudo bem. Fique calma.”

Assentindo automaticamente ela beija meu peito em um sinal de agradecimento. Seu gesto me atinge bem no meio do peito. Nem mesmo na dor ela deixa de ser meiga. Estou tão envolvido por ela que isso mexe demais comigo.

“Querida, olha pra mim.”

Ela levanta o rosto e me olha. Seus olhos estão vermelhos e molhados, e o rosto pálido.

“Só foi um sonho, nada vai te acontecer.”

Ela pisca os olhos algumas vezes antes de falar. “Não foi só um sonho.” Nega com a cabeça enfatizando a resposta.

Sei que sonhos às vezes nos domina e parecem tão reais que acreditamos, mas ela é adulta e sabe a diferença. Calmo, falo com ela como fosse uma criança.

“Parece real, querida, mas não é. Foi um sonho mal e acabou.”

“Ethan.” Sua voz treme e sai fraca. “Você não sabe. Foi real, foi real sim, Ethan.”

“Victoria, eu sei que você está assustada, mas — ”

“Não!” Ela me corta. “Ele me conhece. Ele conhece todos. Eu o vi e ele me odeia. De verdade.” Diz com a voz distante. Uma lágrima escorre no canto do

seu rosto, que eu limpo com o polegar.

“Você o viu?”

Ela assente.

“Quando?”

“No sábado. No baile.”

O baile passa na minha cabeça como uma filmagem e eu tento lembrar e achar um momento em que eu tenha deixado ela sozinha. Eu estive com ela o tempo todo na festa, só fiquei longe dela quando fui me despedir dos meus amigos e do pai e do irmão dela, e a encontrei em frente ao banheiro.

Ah claro.

O momento do susto. Quando eu a toquei e ela bateu nas minhas mãos desesperadamente pedindo para deixá-la em paz. *Caralho*. Será que esse homem teria pegado ela se eu não tivesse chego naquele exato momento? Será que é disso que se trata?

Um medo abominável toma meu corpo e alma. Abraço ela o mais forte que posso. Não, não pode ser. Ninguém vai tirá-la de mim.

“Foi na hora do banheiro. Certo? Antes da gente sair da festa.” Questiono.

“Foi”, ela murmura com a voz abafada pelo meu corpo. “Ele veio dos fundos do salão me olhando estranho. Eu fiquei tão inquieta, aquilo me perturbou e então resolvi desviar dele. Quando fui olhar de novo, ele estava na minha frente, bem perto de mim.” Victoria me aperta, por reflexo. “Eu senti tanto medo, mais pelo fato dele saber meu apelido.” Ela se afasta do nosso abraço e me olha nos olhos, assustada. “Como ele sabe meu apelido, Ethan?” Diz com a voz embargada.

Fico olhando para ela perdido, sem saber o que responder. Maneio a cabeça e massageio seus ombros.

“Não sei, talvez ele seja amigo da família e você estava assusta —”

“Não, Ethan. Ele... ele falou umas coisas...” Pausa “Coisas feias e eu senti que ele não gostava de mim. De verdade. Nunca senti aquilo...”

Meu sangue começa a bombear mais rápido pelo meu corpo. Nos afastamos mais um pouco e puxo seu rosto para cima, para olhá-la profundamente.

“O que ele falou?”

Victoria respira fundo e responde em um murmúrio. “Ele disse que conhecia minha família toda e quando me tocou — ”

“Ele pôs as mãos em você?”

“Sim, no rosto. Foi rápido e eu recuei, então ele disse que eu era uma cachorrinha igual a minha família.” Ela solta um soluço rápido.

Enxergo tudo vermelho de raiva e começo a pensar que na verdade esse miserável não esteja brincando e queira fazer mal aos *Colton*. Fazer mal a ela.

“Ele te falou mais alguma coisa?” Pergunto com uma falsa paciência.

“Ele ficou rindo e depois olhou para trás de mim. Eu achei que tinha alguém e olhei, mas não tinha ninguém e de repente eu senti uma mão em mim e era você.” Ela baixa os olhos e segura minhas mãos. “Desculpe ter batido em você. Eu estava morrendo de medo e na hora achei que era ele.” Diz triste.

“Não, meu anjo. Não precisa se desculpar. Eu posso entender como você ficou.” Puxo-a para um abraço e beijo seus cabelos, trazendo-a mais para perto. “Eu só não entendo porque você não chamou alguém ou saiu de perto dele?”

O corpo dela fica rígido. “Eu fiquei desesperada, Ethan. Olhei para todos os cantos da festa e não achei ninguém e não fugi porque —”, ela faz uma pausa, muito longa.

“Por que?” Pergunto com o olhar perdido em meu quarto.

“Will tinha me dito para não mostra reação a algum perigo e naquela hora eu senti que estava correndo perigo. Um perigo silencioso, uma promessa. Então não fiz nada,” se afasta e terminando com a cabeça baixa, se escondendo, “fiquei congelada com a esperança de você ou outra pessoa chegar.”

Respiro fundo tentando achar dentro de mim coragem. Ela não precisa sentir meu medo agora, não precisa de mim surtando. Mas só eu sei que por dentro estou cheio de ódio e medo. Medo de um animal asqueroso conseguir o que quer.

“Nada vai te acontecer. Eu não vou deixar.”

Seus lábios tremem e ela me abraça de volta. “Eu não estava com tanto medo antes,” me aperta, “mas agora eu estou preocupada. E se ele for o homem que me levou?”

“Para que ele quer te pegar de novo? Eu não entendo. Deve ser outra coisa, um outro motivo.” Digo, tentando convencer ela e mim também. Porque se for isso, talvez ele queria... Não. Não vou pensar no pior.

“Os homens que me resgataram na segunda vez — e acho que na primeira também — dizem que os sequestradores não ficam contentes de ver suas vítimas serem resgatadas, mesmo quando lhe dão o dinheiro.” Nos afastamos e ela me olha. “Algumas vezes só querem fazer maldade, matar e destruir famílias. Talvez ele queria me pegar de novo. Ninguém nunca me conta a verdade, mas sei que tem algo obscuro nisso tudo e talvez o que ele quer é mais do que dinheiro. Talvez ele queira se vingar por não ter conseguido o que queria nas outras vezes, se é que foi o mesmo mandante.” Victoria baixa mais a voz. “Eu não ficava pensando nisso, sabe? E nem queria. Minha família não iria ficar me prendendo e me mantendo cheia de seguranças por *nada*. Eu sempre soube que tinha motivo, mas nunca senti o perigo perto de mim como no baile.”

Ela se afasta e vai sentar na beira da cama, as pernas para fora como fosse

embora e continua com a voz distante.

“Eu deveria ter medo de tudo. Já me pegaram duas vezes e mesmo assim... eu não tive medo. Até agora.” Suspira fundo. “Eu vi como a Cora ficou quando me levaram. Eu era criança, mas lembro como a machucaram e às vezes eu sonho com aqueles dias... no cativeiro.” Se levanta e olhando para as montanhas, abraça o próprio corpo. “Nunca contei isso para ninguém além de Clara. ” Faz uma pausa e eu escuto o barulho de um soluço preso. “Não quero fazer ninguém sofrer de novo... e nem passar por isso de novo. Não quero levar mais ninguém também para esse desespero.” Ela passa a mão no rosto. “Eu sei que é perigoso... e talvez, mais agora do nunca...” Olha para os pés. “Eu não acho seguro ninguém ficar perto de mim.”

“Como assim?” Salto da cama em um pulo e chego perto dela, ficando na sua frente e limpo suas lágrimas. “Do que você está falando?”

Ela me dá as costas novamente. “Eles não perdoam nada, Ethan e ninguém. Só veem seu alvo na frente e quem tiver por perto que se dane e — ”

“E daí?”

“Como assim; e daí?” Gira o corpo para mim e fala com a voz exaltada, mas emocionada. “Você imagina se eles me acharem e nós estejamos juntos? Eles vão te machucar e até mesmo te matar, só para me pegarem.”

“E o que você espera que eu faça?”

Ela arfa, abre e fecha a boca algumas vezes até desistir e não diz nada.

“Fala alguma coisa.” Peço, meu coração enfraquecendo.

“Eu não sei, *tá*.” Grita em meio a um soluço desesperado.

“Então porque disse isso?” também me sinto caindo em um abismo. “O que você quer que eu faça?”

Meu coração se aperta com a ideia de ela querer me afastar dela. *Não*. Não pode ser.

Fico parado olhando-a sem reação. Não sei do que ela está falando. Por acaso ela acha que eu tenho medo desses miseráveis? Porque não. Eu não vou ter medo de nada, eu vou lutar por ela. Contudo, não vou mentir em dizer que não me apavora em encontrá-los. Eu passei tanto tempo perdendo tempo sem lutar por ela, que agora não posso abrir mão. Eu estou me apaixonado profundamente por ela e esses filhos da puta não vão roubar ela. *Não vou permitir*.

“Ainda dá tempo.” Finalmente, ela fala baixinho, encarando seus pés.

“Tempo de que? Não estou lhe entendendo.”

“Tempo de acabar.” Ela dá de ombros. “Ainda é cedo.” Sussurra.

Acabar?

Acabar?

Acabar.

O que diabos ela quer dizer com isso?

“Você quer que eu me afaste de você?”

“É.” Afirma com a voz fraca me encarando agora e uma lágrima escorre em seu rosto. Vejo a veia do seu pescoço saltar.

Estou me esforçando para não gritar. Ela não pode estar falando sério. Não é possível ser tão fácil assim acabar as coisas entre nós. Como ela não vê que eu a quero, que eu gosto dela.

Levo minhas mãos aos cabelos, puxando-os de ódio.

“Porra, Victoria. Como é fácil para você falar uma coisa dessa depois desses dias que passamos juntos? De tudo que já tivemos. O jeito que nos sentimos bem um com o outro. Eu sei que você sente a mesma coisa.”

“Não é e eu sei disso tudo, Ethan.” Balbucia chorando. “Mas eu faço qualquer coisa pra proteger as pessoas que eu gosto.”

“Então você vai fugir do mundo?” Minha voz sai duas oitavas mais alta. “Porque todos à sua volta te amam. Você vai fazer o que? Deixa de existir para nos proteger.”

“Ethan!” Ela me abraça. “Eu só não quero que nada te aconteça por minha causa.”

“Inferno.” Aperto ela bem forte nos meus braços. “Nada vai acontecer, Victoria.”

Ela está soluçando baixinho, apertando os braços na altura das minhas costelas e a cabeça deitada no meu peito. Passo as mãos em seus cabelos, nas costas e nos braços. Balançando vagarosamente nossos corpos. *Não*. Não mesmo vou deixar isso acabar, não agora e nem *nunca*.

“Vamos” murmuro, puxando-a para cama. “Deita aqui comigo e volte a dormir. Vai ficar tudo bem, meu anjo.”

Ela assente e nós deitamos bem juntinhos. Victoria não me solta, nem um centímetro e eu não quero que me solte, nem sequer penso em tirá-la dos meus braços.

“Dorme agora. Você está segura.” Beijo seus cabelos.

Victoria ergue o rosto e olha para mim com os olhos tristes. “Tenho mais medo *agora* do que nunca tive.”

“Não tenha. Eu vou proteger você e nada e ninguém vai lhe fazer mal ou me tirar você.”

Sua mão chega ao meu rosto e acaricia. “Promete se cuidar também. Não faça que nem Will e esqueça de si mesmo.”

Pego sua mão e beijo a palma.

“Claro que não. Do que me valeria te manter segura e me deixar a mercê deles. Daria o mesmo resultado. Nós dois separados.” Aperto-a em meus braços.

“Eu sem você.”

Ela fica me olhando por alguns segundos até subir mais o corpo e beijar meu rosto.

“Você —”, ela para, com um olhar concentrado, brilhando de emoção, sem piscar, que atinge meu coração bem no fundo. “Você é maravilhoso.” Fala e deixa a cabeça cair no meu ombro, quando deita a metade do corpo por cima do meu, me aperta forte e chora baixinho.

Você é maravilhoso. Ela diz isso, porque não sabe o que eu faria por ela. Realmente não sabe o quanto já significa para mim.

Não sou dramático, lunático ou sequer afoito, mas meus sentimentos por Victoria vêm crescendo desde muito antes do jantar. Então não é prematuro esse sentimento por ela. Não é besteira ou algo que eu possa dizer que será facilmente esquecido. Uma coisa fácil de esquecer ou talvez desistir. Eu sei que a situação dela não é uma *coisa qualquer*. É perigoso e assustador. Por isso vou lutar para manter ela à salvo e comigo.

Olho para baixo e vejo-a ainda acordada, porém mais calma, relaxada e a respiração lenta. Está quase adormecendo. Seus dedos fazem círculos nos poucos pelos do meu peito. Um braço apoiado em cima de mim e o outro acima da sua cabeça repousada entre meu ombro e o travesseiro, com a mão massageia vagorosamente meus cabelos. E eu a abraço, protegendo-a. Acho que ela está lutando para adormecer, por isso acaricio seu couro cabeludo lentamente, para ela relaxar mais ainda.

“Descansa.” Deixo um beijo na sua testa.

“Não consigo.” Ela sussurra no meu ouvido.

“Victoria, você precisa descansar. Ainda está tarde. Dorme.”

“Eu sei, mas está difícil.” Levanta o rosto e diz me encarando. “Acho que todo mundo que tem um pesadelo, realmente terrível, fica receoso de adormir de novo. Igual no filme do *Freddy Krueger*. Todos estão com sono, mas o medo é maior.”

“Meu Deus, você é doida. Sua comparação foi péssima.” Digo e rio.

Ela ri de leve e bate no meu peito. “Não me irrita.”

“Okay, então. Agora volte a dormir, por favor. Eu protejo você do *Freddy*. Ele não vai te pegar.”

Ela gargalha.

Pronto. Fiz minha garota sorrir depois de ter uma conversa desastrosa sobre terminar algo tão bom para nós dois. Sei que eu faço bem a ela e sei o quanto ela me faz bem. Seu riso é um bônus para um começo de dia horrível e espero que espante os monstros que ela teme.

Victoria respira fundo, beija meu ombro e relaxa. E fico velando seu sono,

até que me entrego também ao cansaço.



AS SETE DA MANHÃ, sou despertado pelo alarme do meu celular e o amaldiçoo antes de desligar. Volto a me deitar e a ficar na posição anterior, abraçado a Victoria e respiro fundo para sentir seu cheiro. Sorrio quando ela se aconchega a mim e resmunga baixinho.

“Shh...” Faço para ela não se incomodar. Não quero que desperte agora.

Ela lutou tanto para pegar no sono de novo que neste momento, quero ela aqui quietinha na cama comigo. Praticamente acabamos de pegar no sono de novo e me sinto cansado. Emocionalmente mais do que fisicamente.

Embora, não conseguir descansar direito essa noite de jeito nem um. Victoria sofria tremores enquanto dormia, após o pesadelo. Ela está com medo e isso só fez com que ela tivesse um sono forçado e assustado. De vinte em vinte minutos eu tinha que confortá-la.

Respirando fundo, relaxo meu corpo e minhas pálpebras cansadas começam a se fechar novamente. A cama está tão confortável, que é fácil perder a consciência e cair no sono.



BRRR, BRRR, BRRR...

Resmungo e tento entender o que é isso. Quando percebo que é meu celular vibrando, puxo o ar com força e solto. Soltando Victoria, viro-me abrindo os olhos. Pego o aparelho e confiro quem é.

ANTON — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA | 07:23

BOM DIA, IRMÃO. TUDO TRANQUILO?
VAI VIR TRABALHAR HOJE? ESTOU PRECISANDO DE VOCÊ AQUI.

ETHAN — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA | 07:25

BOM DIA. ESTOU SIM E VOCÊ?
VOU PRO TRABALHO ASSIM QUE DEIXAR VICTORIA NA FACULDADE.

ANTON — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA | 07:26

ELA AINDA ESTÁ AÍ, É? NOSSA. VOCÊ ESTÁ FERRADO JÁ, MANÉ.

Isso é um fato meu caro irmão.

Sorrio com o celular na mão e olho para ela ao meu lado em meus braços dormindo tranquilamente e isso é tudo que me importa agora. Não quero mais nada no momento e Anton não sabe o quanto já estou realmente caído nessa relação. Victoria me *tem*, por completo.

ETHAN — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA | 07:25

VOCÊ NÃO SABE O QUANTO E NÃO É PARA MENOS. VICTORIA É INCRÍVEL.
AGORA VAI SE FODER E ME DEIXE EM PAZ. VOU ME APRONTAR, TOMAR CAFÉ E IR PRO
TRABALHO.
ATÉ DAQUI HÁ POUCO.

ANTON — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA | 07:27

OH QUE LINDO. ESTÁ APAIXONADINHO.

KKKK....

MAS SEM SACANAGEM, VOCÊ MERECE E VIC É UMA GAROTA DE OURO. ENTÃO FIQUE NA LINHA.

AGORA EU VOU LEVAR MINHA BONEQUINHA PARA A ESCOLA.

ETHAN — LOS ANGELES | CALIFÓRNIA | 07:29

VALEU MANO.

ABRAÇO.

Saio do aplicativo confiro meu e-mail por aqui mesmo. Nenhuma grande importância ou novidade. Deixo o celular na mesinha ao meu lado e me viro, pegando meu anjo nos braços.

Ela é tudo que eu penso agora e quero mantê-la serena assim por mais alguns minutos. Seu sonho é uma sombra da noite passada, e está no meu sistema como se ela tivesse acabado de gritar por socorro. Mas o que me aterroriza é o que ela me falou depois. Sobre seus pesadelos de quando estava no cativeiro, de como sua família ficou nos dias sem ela e de Cora ter levado uma surra para protegê-la. Acho que só de imaginar ela pequena, indefesa — *de todas as maneiras* — com medo e sozinha em um lugar que foi preparado para lhe fazer mal, meu sangue gela e acabo apertando-a nos meus braços. Eu jamais vou deixar que a peguem de novo. E preciso conversar seriamente com William.

Ele tem que me dar todas as informações. Não irei aceitar uma palavra a menos ou uma informação pela metade. Preciso estar a par de tudo que envolva

Victoria. Para muitos ela pode ser vista apenas como minha simples namorada. Para mim ela é muito mais que isso.

E agora, quando meu irmão falou de levar minha sobrinha à escola, algo estalou na minha cabeça. Um desejo que nunca tive; ter uma família. Acorda ao lado de quem me completa e me faz bem, planejar o dia e as vezes levar meus filhos à escola, apenas para sentir o ego inflamar de orgulho de levar minha prole na escola e me sentir um homem, um marido, um pai.

Nossa! Olho para Victoria, ainda dormindo e agarrada ao meu corpo, e penso em voz baixa: *O que você fez comigo?*

O que eu sinto é *irrefreável. Inevitável. Incomparável*. Nada vai tirar esse sentimento de dentro de mim. E eu quero que ela aceite meu amor e fique comigo. Nunca mais quero escutar dela que precisamos nos afastar. Isso é ridículo. O que tiver que acontecer estarei com ela e ponto final.

Depois de um tempo, abro os olhos e sinto que está na hora de levantar. São oito horas e eu pego às nove e meia no trabalho. Não sei que horas Victoria pega, mas vou ter que acordá-la também.

Começo a dar beijos no seu rosto, apoiado nos meus braços, que por sinal suas mãos estão agarradas e murmuro no seu ouvido: “Acorda bela adormecida”.

“Nah...” Ela resmunga e se mexe nos meus braços como uma gatinha manhosa.

“Minha gatinha gostosa está muito preguiçosa.” Beijo seu rosto “Vamos” e beijo de novo e de novo, até virá-la de frente para mim.

“Poxa, Ethan.” Diz no meu peito — escondendo o rosto — com a voz de sono.

“O que foi?” Aperto meus braços em sua volta. “Não está na hora de levantar?”

“Nah!” Ela deixa um beijo no meu peito. “Eu não levanto cedo as segundas.”

Afasto seu rosto do seu casulo, para que eu possa ver seu rosto.

“Mas você não tem faculdade?”

“Sim, eu tenho. Só que as segundas não. Eu tenho aula até aos sábados, às vezes, menos as segundas.”

“Hun. Entendi.” Fico olhando-a e não sei o que fazer. “Então o que você vai fazer hoje? Melhor, o que ia fazer?”

Suas sobrancelhas sobem e ela me olha curiosa. “Ah... eu ia ficar com você.”

Meu rosto e corpo murcham e ela percebe.

“Oh! Você vai trabalhar, *não é?*”

Assinto e Victoria passa as mãos no meu peito.

“Não esquentar.” Ela sobe o corpo e chega seu rosto para a frente do meu, e eu coloco minha mão direita na sua bunda, puxando-a para mim, enquanto ela mexe nos meus cabelos. “Eu vou embora e você vai trabalhar tranquilo e mais tarde nós nos falamos.”

“Não.”

“Não?” Victoria abre um sorriso.

“Não mesmo.” Pego sua perna de cima, coloco sobre minha cintura — circulando metade do meu corpo — e esfrego minha ereção nela. “Que tal você ficar aqui me esperando até eu chegar.” Ela abre a boca, mas eu a impeço de protesta. “Shh... Você fica aqui e amanhã de manhã eu vou ter a honra de te levar até a faculdade e obviamente seus seguranças a levam para casa depois.”

“Mas Ethan — ”

“Caladinha.” Continuo fazendo movimentos circulares com meu quadril, pressionando sua boceta com minha ereção dura. Chego minha mão no seu sexo e sinto seu calor e a faço gemer. “Fica aqui. A casa é sua, se quiser vai à academia, com um dos seguranças é claro, volta para cá e mais tarde jantamos e dormimos agarradinhos de novo.” Beijo sua boca de leve. “Não sei se vou mais conseguir dormir nessa cama gigante sozinho. Já sinto sua falta nela.”

Victoria sorri e me faz deitar de costas. E adoro o fato de estarmos nus. Victoria se ajeita por cima do meu corpo, deixando as pernas de cada lado do meu quadril e se esfrega em mim vagorosamente, apoia os braços dobrados sobre meu peito e olha dentro dos meus olhos. Afago suas costas e empurro para cima minha pélvis.

“Eu vou mesmo ter que ficar te esperando no seu aquário, sozinha?”

Aquário? Sorrio para ela. Quando foi que eu compartilhei esse pensamento com ela sobre minha casa? *Putar que pariu.* Conexão. É isso que ela tem comigo. Victoria parece se infiltra nos meus pensamentos e isso é assustadoramente incrível.

“Não necessariamente.” Respondo e a beijo quando ela faz um biquinho com as sobrancelhas erguidas. “Ruby está aqui hoje, tenho os seguranças da casa, a faxineira e Ken e Jorge. Sozinha você não vai ficar.”

Ela me olha concentrada e espero ela falar.

“Você contratou mais seguranças porque eu estou aqui, não é?” Ela tenta sair de cima de mim, mas a impeço.

“Por favor não faça isso de novo.” Me sento com ela no meu colo. “Eu não contratei eles só por causa de você. Na verdade, nem foi eu.”

Na verdade, mesmo, é que meu pai contratou quatro seguranças há uns oito anos atrás. Dois para vigiar a casa, um para ser seu segurança pessoal e motorista, e outro para mamãe. Anton também tem seguranças. Então

recentemente com minha volta para casa, e meu pai tendo que se mudar para outro estado, contratou mais um segurança para mim. Mesmo em tendo achado uma coisa idiota na época. Hoje não acho mais.

Então, os que já tomavam conta da casa ficaram aqui e os pessoais dos meus pais partiram com eles. E depois de realmente confirmar meu envolvimento com Victoria — e descobrir sobre os sequestros. Senti dentro de mim que precisava protegê-la. Contratei mais três homens, recomendados por William — assim como todos os outros, que fazem parte da agência que os Colton usam. E conversando com meu irmão, melhoramos nossa segurança toda.

Ninguém sabe sobre isso, apenas Anton e Ken. Agora são seis, contando com meu segurança pessoal.

“Então quem foi?” Victoria insiste.

“Meu pai antes de ir de vez para Maryland, reforçou os seguranças depois que ele e Anton conversaram com Ryan. Enfim, a casa já tinha dois guardas e minha família, motorista. Não foi nada demais.” Omito os detalhes.

Faço porque não quero que ela pense que tem mais um louco vigiando-a e não quero deixá-la apreensiva, mais do que está.

Victoria baixa a cabeça e segura minhas mãos, nitidamente triste. Isso acaba comigo. Fico puto com essa situação.

Virando nossos corpos, ficamos de lado e acaricio ela lentamente.

Com o tempo Victoria relaxa e vem se chegando para mim. Nos acariciamos e logo minha ereção sumir. Ela está aqui, comigo, nua e linda. Seus olhos estão acesos e — não sei se o clima esfriou tanto assim em Los Angeles ou ela está muito excitada — seus mamilos duros.

“Desculpe surtar de novo, Ethan.” Diz baixinho e levando minhas mãos até sua boca, deixa um beijo em ambas. “Eu não quero te aborrecer.”

“Meu anjo,” puxo-a para mim, nos virando de novo e ela fica sobre mim, “não pense assim. Não é trabalho nenhum cuidar de você e não é como se não pudesse pagar por esses seguranças.” Ela assente e eu seguro seu rosto com as duas mãos, olhando seus olhos. “Não me importo com isso. Só me importo com você bem e segura.”

Ela faz um sonzinho e me abraça apertado. Beija meu rosto todo, passa as mãos com avidez nos meus cabelos e paira o rosto no meu. “Vou repetir. Você é MA-RA-VI-LHO-SO!” Ela diz e coloca a boca na minha.

Pegando seu rosto, beijo-a com carinho. Passo meus lábios nos seus, beijando sem língua. Apenas acariciando. Suas mãos como de costume estão em meus cabelos, mas agora não puxa. Fica massageando minha cabeça e seu quadril flexionando suavemente e eu sinto seu calor.

Desço minhas mãos pelo seu corpo e aperto com força as bochechas da sua

bunda. Victoria geme e suspira. Abro minha boca e passo a língua na sua boca e ela abre a mesma e suga minha língua, fazendo-me gemer.

Novamente minhas mãos chegam no seu sexo e passo meu dedo indicador ali.

“Ethan.” Ela suspira e geme. “Que horas você pega?”

“Posso chegar até as dez, mas não quero pensar nisso. Estou muito bem aqui.”

Ela ri e afasta o rosto, com um sorriso safado. “Então eu posso te agradecer como você merece.”

“Me agradecer?”

“U-hum!” Me beija com ardor e fala com a boca colada à minha. “Agradecer por cuidar tão bem de mim. Eu realmente não tenho palavras para te dizer o quanto você foi bom para mim essa noite.” Se afasta mais, para olhar no fundo dos meus olhos, “Muito, muito, muito obrigada.” e volta a me beijar.

Eu a beijo com tudo de mim. *MERDA*. O olhar que ela me dá, já paga qualquer agradecimento. E o único que realmente precisa pedir obrigado por alguma coisa aqui, sou eu. Muito obrigado destino por me presentear com essa mulher aqui nos meus braços.

Minhas mãos correm — *pra baixo e para cima* — em seu corpo, sentindo a macies da sua pele sedosa e gostosa. Aperto sua carne, beijo sua boca e tomo seus gemidos para mim. Ela é o sonho de qualquer homem. Gentil, educada, inteligente, linda, gostosa. Minha princesa safada na cama.

Eu sempre percebi os olhares para ela na academia. Homens e mulheres a almejam e querem ela, ou ser ela. Mas eu a conquistei. É minha.

Seus cabelos loiros estão no meu rosto, cobrindo-o como um véu. As mãos estão indo e vindo dos meus ombros até o pescoço. Os quadris fazem movimento de vaivém, esfregando-se em mim. Provocando e fazendo ela ficar pronta para mim. Sua boca me beija enquanto isso, e as vezes se afasta, para tomar fôlego.

Eu a incentivo a continuar se mexendo, apertando-a na altura do osso da bacia.

“Ethan.” Ela sussurra com a boca colada na minha.

Quero dominá-la, marcá-la. Quero foder seu corpo como um primitivo. Palavras não são suficientes agora. Quero ela e quero calar a frustração do medo que senti de tudo terminar. Contudo, não vou permitir ela se afastar. Vou amá-la e mostrar que tudo é muito bom demais para ela abandonar facilmente.

“Sobe um pouquinho”, peço, agarrando suas coxas.

Ela abre mais as pernas, encosta a testa no meu ombro e guio meu pau para dentro dela. Deslizando vagarosamente. Um calor percorre meu corpo ao sentir

seu núcleo se moldando a mim. Estou tão fundo nessa posição. Victoria dá um grito abafado e baixinho perto da minha nuca — *um som erótico que me deixa louco*. Estou todo dentro dela.

Faço um som de puro prazer, em tomá-la e murmuro. “*Minha!*”

Sinto sua boca aberta soltando um ar quente na minha pele. Subo minhas mãos, enterro-as nos seus cabelos, puxo de leve sua cabeça para poder beijar sua boca. Minha ganancia, meu tesão e meu desejo ardente clamam por ela. Seu gosto na minha língua. Ela é tão deliciosa.

É delicioso estar dentro dela. Sentir ela me apertarem, suas coxas flexionando e fazendo pressão no meu quadril quando ela faz meu membro deslizar para dentro e para fora.

“Caralho.” Uivo com a boca na dela. “Você está me deixando maluco. Que delícia.”

Victoria permanece muda, mexendo o corpo lentamente. Estamos fazendo o famoso sexo sonolento e eu estou gozando de prazer em fazer isso com ela. Gozando *literalmente*, em poucos minutos. Perco a cabeça com ela.

Forço minha pélvis para cima, metendo com vontade, encontrando um ritmo alucinante e ela arfa. Eu quero deixá-la louca por mim o tanto que eu sou por ela.

Se ela não está apaixonada ainda, eu vou conquistar o seu coração. Ela não tem escolha. Vou usar todas as armas que eu tiver. Mostrar o quanto posso ser bom para ela. Fazê-la feliz, protegê-la e amá-la até sufocar ela de *Ethan Brown*.

Você vai me engolir por bem ou por mal, meu anjo.

“Ethan.” Ela abandona meus cabelos, soltando seu corpo do meu e sentando em cima de mim. Então sobe e desce o corpo.

Caralho.

“Isso, isso. Vai assim, anjo.” Ofego.

Ela está tão linda em cima de mim assim. um visão.

Victoria leva as mãos aos cabelos, deixando a cabeça cair para trás, e sinto seus longos cabelos loiros tocarem minhas coxas, que flexionam embaixo de sua bunda. Minhas mãos vão para sua cintura, incentivando-a a continuar me cavalgando. Ela aumenta os movimentos, gemendo com toda sua glória. Seus seios pulam e sinto suas coxas trêmulas.

Eu quero que ela fique com a memória dessa manhã na cabeça até eu voltar para casa. *Voltar para ela.*

Enlouquecido com esse sentimento de possuí-la, levanto meu corpo e a abraço, estocando para cima, fazendo seus seios pressionarem meu peito. Nossos corpos suados se colidem com o atrito e força para cima meu quadril, fodendo-a

“Oh... Céus!” Ela geme jogando a cabeça para trás. *Gemendo sem parar.*

Afasto um pouco seu corpo do meu e olho seu rosto. A boca aberta, os braços jogados sobre meus ombros, os cabelos raspando minha mão e o braço atrás dela, segurando-a com carinho enquanto minha outra mão está apertando sua panturrilha, ao lado do meu corpo. Eu não aguento isso tudo. Seus sons me deixam doido, seu corpo me domina. Capturo sua boca e devoro-a, gemendo com ela enquanto gozamos juntos uns segundos depois.

Minhas pernas ardem, o prazer percorre com força total meu corpo. A pressão se desenrola e acumula na minha barriga. Meu coração frenético bate dentro do meu peito muito forte, me fazendo sentir a pulsação nos meus ouvidos e caio no precipício.

Cansados, suados e satisfeitos, deixamos nossos corpos caírem na cama. Ela em cima de mim com os braços jogados para o alto da minha cabeça. Meus braços massageiam seus ombros. Ainda estou dentro dela pulsando. Sinto meu pau amolecer e retiro. Victoria solta um suspiro baixo e eu beijo o topo da sua cabeça.

Com o tempo, nossas respirações vão ficando estáveis e menos auditivas. *Porra*. Eu queria ficar aqui, assim com ela, para sempre. Mas preciso trabalhar. Inferno. Esse foi o melhor sexo da minha vida.

Victoria levanta a cabeça, apoiando os cotovelos no meu peitoral e me olha com as feições meio sonolenta e satisfeita. Sorrio para ela que retribui o sorriso e beija meu queixo.

“Você vai chegar atrasado hoje.”

Mexo os ombros. “Não me importo”, seguro seu rosto, trazendo para mim e beijo sua boca. “Estou confortável.”

“U-hum.” Ela sorri, me abraça pelo pescoço e se aconchega. “Também estou, mas você precisa ir. Lembra que disse que não vai há tempos trabalhar no escritório daqui.”

“É.” Falo soltando uma respiração exasperada.

“Vamos. Vamos tomar banho.” Victoria se levanta e puxa minhas mãos. “Vem, Ethan.”

“Você vai tomar banho comigo?!”

Ela acena que sim.

“Porra. Assim eu vou chegar mais atrasado ainda.”

Ela solta uma gargalhada, me puxando. “Não senhor.”

“Veremos.” Me levanto em um salto, pego-a no colo e corro para o banheiro com Victoria rindo.



ESTAMOS DENTRO DO BOX e de certa forma fazendo muito mais que banho. Estamos namorando no chuveiro. Ela me esfrega e ensaboa meu corpo todo com carinho. Depois de desfrutar deste prazer de ser tratado com tanto cuidado. Pego suas mãos, beijo cada uma, e a viro de costas, despejo o sabonete em minhas mãos, esfregando uma na outra para fazer espuma, e assim como ela fez em mim, esfrego seu corpo.

Começo vaguear minhas mãos pelo seu corpo, espalhando o conteúdo das minhas mãos. Faço uma massagem em suas costas, nos braços, deslizo para frente com as pontas dos meus dedos, por cima dos seios, da barriga, abro suas pernas, e sinto a suavidade e macies das suas coxas. Limpo suas partes íntimas também. Minhas mãos voltam a subir pelo seu corpo, passo por cima do seu colo, chego uma mão na sua clavícula enquanto a outra está nas suas costelas.

Ela suspira e deixa a cabeça cair, para o lado e logo em cima do meu corpo. Aproveito e beijo seu maxilar e mordo sua orelha. Victoria geme, solta uma respiração tremula e diz baixinho:

“Oh... céus.”

Meu pau começa a acordar e eu praguejo. *Não posso fazer isso agora porra, tenho que ir ao trabalho.* Mas ela solta outro gemido ao sentir minha mão descer para suas nádegas, *e já era.*

“Não consigo mais.” Viro-a para mim.

Coloco minha mão na sua carne e vejo que ela está inchada, molhada, me querendo também. Seguro suas coxas, subo seu corpo, prensando na parede. Ela envolve suas pernas em mim e eu deslizo para dentro dela, que solta um alento de prazer.

“Porra, Victoria.” Urro com louvor ao sentir sua pele na minha.

Estou incontrolável e cheio de tesão. Fodo-a com gosto. Entrando sem pausa, com força. Sempre sou carinhoso com ela, mas agora não preciso ser e não quero. *E ela também não.*

Ela geme, agarra meus cabelos, geme de novo e grita. A boca aberta solta lufadas tremulas de ar, os olhos estão turvos e cerrados. Dou uma alavancada para cima, atingindo-a e ela grita e crava com força as unhas no meu ombro.

“Caralho.” *Essa vai fica a marca.*

Pela primeira vez estou nada menos e nada mais do que comendo minha namorada. Tomando-a com força, do jeito que um homem faz quando está ganancioso. O jeito que eu queria quando acordei. Mas com ela irei sempre fazer primeiro amor, depois essa foda deliciosa.

Suas mãos ainda me apertam, mas sem cravar as unhas dessa vez. Ela solta um grito de novo e eu desacelero os movimentos.

“Não grita. A casa tem gente.” Digo com a voz ofegante. *Merda só fui lembrar isso agora.*

“Ã?” Victoria abre a boca e fica com as bochechas vermelhas.

“Os empregados já estão aqui. Eu não ligo que você grite, eu adoro, mas não quero que eles escutem.” *Seus gritos de prazer são só meus.*

“Oh meu Deus.” Ela morde o lábio. “Então vamos fazer menos barulho.” Murmura com os olhos brilhando, humorados.

Sorrindo estico meu rosto e beijo sua boca, voltando a entrar nela com uma estocada forte. Movimento com força para dentro, para cima. Sinto como ela tenta controlar a vontade de grita. Ela morde a boca, aperta os olhos, puxa meus cabelos e desconta sua ira respirando alto e forte no meu ouvido quando me agarra com força.

Solto sua coxa direita, seguro que ela está se segurando em meu corpo e não vai cair. Pego seus cabelos, envolvo em minhas mãos, puxo de leve e olho seus olhos acinzentados.

“Me beija e grita na minha boca. Não se segure, meu anjo.”

Ela assente e abre a boca quando encosto a minha na dela. Victoria me beija com fervor, com paixão. Morde meus lábios. Sua língua raspa na minha, suga e se enrosca loucamente, cheia de tesão. Ela mexe o corpo comigo e sinto que estamos perto. Seu calor me aperta com força, com vontade. Suas coxas tremem e graças a Deus, porque eu preciso gozar.

Falo para ela se soltar e Victoria aperta as pernas no meu corpo com força e goza comigo. Fecho os olhos e lhe dou um beijo molhando no pescoço. Uau. Achei que já tinha batido meu recorde de orgasmo, mas acabo de perceber que com ela sempre superarei os limites.

Suas mãos deixam meus cabelos e chegam aos meus braços, apertando com carinho. Me afasto e olho seu rosto. Seus olhos me fitam profundamente e ainda estamos sofrendo o pós orgasmo indescritível.

Ela deixa a cabeça cair para a frente e beija meu pescoço.

“Oh meu Deus do céu. Meu Deus, do céu. Meu Deus, do céu.” Repete ofegante no meu ouvido.

Solto um riso rouco e não posso deixar de dizer:

“Sabe. Eu também acho que estou no céu, mas não sou Deus.”

Victoria ri, ainda me abraçando.

“Vou te soltar agora, ok?”

“U-hum.” Ela assente.

Saio de dentro dela, seguro-a por debaixo dos seus braços e ela solta as pernas do meu corpo, ficando de pé. Ela segura firme meus braços e encosta a testa no meu peito. Acaricio suas costas e beijo o topo da sua cabeça.

“Vamos terminar isso aqui para que eu possa me preparar pro trabalho.”
“U-hum.” Ela ergue o rosto, ficando na ponta dos pés “Okay” e me beija.



Saindo do banho, escovamos os dentes, penteamos nossos cabelos, lado a lado, nas pias duplas do banheiro. Tudo se encaixa. Tudo parece estar no lugar certo com ela aqui. Sorrio olhando-a passando um óleo no corpo. Nossa. Que visão incrível. Passo por ela, afagando seu ombro rapidamente e vou para o *closet*.

Quando nos encontramos de novo, já estou vestido. Terno azul escuro, blusa de linho branca e a gravata na mão, pois fico congelado vendo Victoria apenas de calcinha e sutiã rosa claro de renda. Fico admirando-a pelo reflexo do espelho. Ela abre sua mala e pega lá de dentro um vestido leve de algodão cor de rosa, um pouco mais escuro que sua lingerie. Veste e passando suas mãos no corpo, ajustando-o, para e olha para mim sorrindo quando percebe que estou olhando para ela.

Viro-me de frente e ela vem até mim, segura as pontas da minha gravata, que eu estava fazendo o nó e diz:

“Eu jurava que você ia parar de ficar me olhando desse jeito,” sorri acanhada “já que eu sou sua namorada. Só que não.”

Nego e aperto minhas mãos na sua cintura. “Não mesmo.” Beijo seu nariz. “A diferença, é que agora eu posso ver com mais liberdade e me orgulhar em saber que a mulher mais linda do mundo é minha.”

Ela abre um enorme sorriso. “Eu não sou a mulher mais linda do mundo.”

“Pra mim você é e ponto final.”

Ela dá de ombros, com seu sorrisinho e olha minha gravata. Fica encarando concentrada, e eu indago:

“Sabe fazer nó de gravata?”

Ela nega com a cabeça.

“Quer que eu te ensine?”

Seus olhos sobem para os meus e piscam para mim excitados, e, ela assente.

“Vou fazer uma vez e depois você tenta.”

Ela assente novamente.

Ajeito as duas pontas da gravata. Posiciono o lado menor mais para cima e pego a parte maior e seguro: Passo por trás e volto pela frente e puxo, repito o processo, mas voltando a ponta por trás, fazendo um nó dublo. Pego novamente a parte comprida, seguro a parte fina com as pontas dos dedos da mesma mão, e deixo um espaço na frente com a parte comprida, dou a volta com a ponta por trás e enfio no espaço que eu deixei.

“E pronto.” Digo puxando o nó até a gola da camisa.

“Meus Deus. Isso é pior do que eu imaginava.”

Rindo, falo: “Não é difícil. Esse é um nó simples ou *Windsor*, também nó duplo.”

“Ok.” Diz atônita.

Desfaço o nó, com um simples puxão para cima, pela parte curta da gravata e aceno com as mãos para a gravata. “Vai, tenta agora.”

Victoria pega a gravata nas mãos, mede certinho o tamanho das pontas e começa a fazer o processo do primeiro nó. Termina e vai fazer o outro. Ela passa pela frente e tenta fazer o nó. Vejo que ela está ficando nervosa e seguro suas mãos, ajudando-a.

“Assim, querida.” Faço o segundo nó com ela. “Agora termine.” Ela sorri, mas sem desviar os olhos do que está fazendo.

Meu Deus, ela é tão linda concentrada. Seus olhos ficam totalmente esverdeados, a boca faz um biquinho ou é mordida nos cantos. Sorrio encantado por suas feições atentas.

Ela termina o nó, dá a puxadinha até a gola da minha camisa. Passa as mãos arrumado a mesma, desfazendo as marcas que pregaram na minha blusa e coloca as mãos na cintura.

“Lindo.” Diz sorrindo olhando em meus olhos.

Sorrio e me viro para o espelho. O nó está perfeito.

“Você é uma excelente aluna.” Sua cabeça aparece do meu lado direito e ela segura meu braço com as duas mãos e diz:

“Tive um maravilhoso professor.”

Viro-me para ela e dou um selinho na sua boca. Victoria sorri e vai pegar meu paletó e me ajuda a vestir. Vamos para o quarto e lá pego minha pasta e de mãos dadas descemos.



CHEGANDO NA GRANDE SALA, vejo os seguranças conversando e Ruby saindo da cozinha.

“Bom dia, Sr. Brown.”

“Bom dia, Ruby.” Digo e ela sorri educadamente. Olho para minha princesa e a vejo com expectativa, um pouco ansiosa também. “Ruby, Victoria Colton, minha namorada. Victoria, Ruby, minha mãe substituta.”

Ruby é governanta da família desde que sou pequeno. Ajudou minha mãe a criar eu e meu irmão, trocou fraldas, deu mamadeira e me viu crescer, ir morar em outro país — com os olhos cheios de lágrima — e tudo mais. Eu tenho muito

carinho por ela e sei que ela vai adorar minha namorada. Ela já sabe como estou *caído* por Victoria pelas coisas que conversei com ela da menina da academia. E quando disse quem era, ela disse: *Faz tudo parte do destino, menino.*

Talvez ela esteja certa, assim como estive quando acertou que meu irmão ia ficar com Jennifer e depois quando minha cunhada começou a ficar chata demais, disse que nossa família ganharia um novo membro. Sete meses depois Hannah nasceu. Ruby tem *dom* e espero que preveja coisas boas para mim.

“Oras, menino, sempre fui sua segunda mãe mesmo com a sua aqui presente.” Diz com simpatia e olha para Victoria. “É um prazer revê-la finalmente e saber que você é a menina que fisgou Ethan. Ele não poderia deixar de ficar encantado. Você sempre foi linda, assim como toda sua família.”

Victoria fica envergonhada e sorri sem jeito. “É um prazer também e muito obrigada.”

Olho para Ruby e ela abre um grande sorriso para mim. “Vou preparar a mesa do café da manhã pra vocês.”

“Não precisa Ruby, tenho que ir. Já estou atrasado.”

“Você não vai comer?” Pergunta Victoria.

“Não. Anton disse que precisava de mim hoje na empresa. Fique aqui e coma. A casa é sua.”

Ela aperta os lábios e dá de ombros. “Tudo bem.”

Seguro sua mão e a puxo para me acompanhar até a porta. E chegando na mesma, digo em voz alta para Ruby ouvir, e me viro para vê-la.

“Cuide da minha garota.”

“Pode deixar, senhor.” Ela responde e Victoria, bate no meu braço.

“Não faz isso, Ethan.”

“Que foi? Estou cuidando de você, princesa.”

“Que seja.”

“Fique bem e me espere bonitinha aqui ou se quiser podemos nos encontrar na academia mais tarde. Que tal?”

“Gostei da ideia. Assim eu não fico aqui sem fazer nada.”

“Tudo bem, então.” Beijo sua boca, e vou descendo a escada da porta principal, me afastando dela e soltando sua mão quando a distância separa nossos dedos. “Até daqui a pouco.”

Ela joga um beijo para mim quando já estou acomodado no bando de trás do carro. Eu posso tanto me acostumar a tê-la assim para mim todos os dias.



CHEGO À EMPRESA E LOGO ME ENCAMINHO — correndo — para minha sala e

começo os trabalhos. Débora, minha assistente pessoal, chega com vários papéis para eu verificar os balanços financeiros dos novos clientes e alguns que eu preciso apenas passar o olho, assinar e entregar para ela. E tem também o investimento que estou fazendo para mim. É algo que estou trabalhando sem ninguém saber ainda, pois são apenas planos e suposições. Assim que tiver tudo certo, divulgo.

“O senhor precisa também retornar essas ligações aqui.” Débora aponta para os bilhetes em cima da minha mesa.

“Certo.”

Ela pede licença e me deixa trabalhando sossegado.

Estou entretido nas contas matemáticas, que preciso fazer e lendo os documentos, quando a porta se abre e entra Anton.

“Bom dia, senhor executivo financeiro sênior.”

“Bom dia.” Digo sem tirar os olhos dos papéis.

“Chegou faz muito tempo?”

“U-hum.”

Sinto uma bola de papel no meu rosto e levanto o rosto.

“Qual é o seu problema?” Indago.

“Você é um mentiroso. Você chegou faz uns quarenta minutos. E como eu sei disso? Bem, a sua secretaria me informou quando você chegou, porque eu tinha pedido a ela que me informasse.”

“Você está certo.” Digo com desdém.

“Seu namorado de uma figa. Levou a Vic na faculdade?”

“Não, ela ficou em casa, hoje não tem aula.”

“Sua casa ou na casa dela?”

“Minha.”

“Uau. Quem é você?”

Reviro os olhos para ele e volto minha atenção para minha mesa.

“Will já te encontrou por aqui hoje?”

“Não, ainda não. Por quê?” Questiono, fitando-o.

“Por nada. Já conversou com ele?”

“Sim, no baile, mas preciso falar com ele sobre umas coisas muito importantes sobre a Victoria, então irei vê-lo muito em breve.”

“Olha, é melhor você não provocar o cunhado. Will é muito parecido com você.”

“Não vou fazer nada e o que você quer dizer com isso de sermos parecidos.”

Anton sorri de lado e senta em uma das cadeiras em frente à minha mesa
“Se eu colocasse vocês dois em uma sala ficaria difícil dizer quem é mais

grosso. Vocês são voláteis e geniosos. Pensando bem, fico realmente intrigado de você estar namorando justamente Victoria.”

“Por quê?” Eu sempre fico tão confuso com os papos dele.

“Ethan, todos sabemos como você é nenhum pouco simpático e ela é seu oposto. Incrível, simpática, um doce de pessoa com todos.” Ele sorri, presunçoso. “Você acha o que? Que eu deixo minha filha perto dela desde pequena, por quê? Eu quero que Hannah seja um ser humano tão bom quanto Victoria é. Ela é aqueles tipos de pessoas raras que se encontra por aí. Então por favor, seja cuidadoso com ela. Adoro ela como parte da minha família.”

Merda. Eu sabia que menos ou mais dias esses conselhos chegariam para mim.

“Pode ficar tranquilo. Quero ser o melhor para ela.”

“Que bom.” Ele sorri e estala os dedos. “Ah! Eu vim aqui falar com você também sobre uma coisa.”

“Fala.”

“É pra você me ajudar com uns cálculos que eu preciso resolver e entregar amanhã de manhã.”

“Me passa por e-mail, que eu vejo para você.”

“Já fiz isso, mané.” Diz se levantando e saindo da minha sala.

Anton e matemática tem um sério problema desde o colégio. Ele é ótimo em história, inglês, geografia, ciências, mas em matemática sempre colou ou ficava de recuperação. Ele sempre precisou da explicadora de matemática.

O telefone de cima da minha mesa toca e atendo, sabendo que é Débora.

“Sim?”

“Senhor, vou almoçar agora. Qualquer coisa chama a Ilanda que ela lhe ajuda.”

Ilanda é a secretária recepcionista do andar que fica minha sala.

“Almoçar?”

“Sim, senhor. São duas horas. Meu horário de almoço e como não o vi sair para almoçar, estou lhe informando que se precisar de algo peça a Ilanda, já falei com ela.”

Porra, a hora está voando hoje.

“Certo.”

Desligo e volto a trabalhar, focando agora nas contas que o Anton me deu.

Hoje o dia realmente está lotado de trabalho e consumindo cada segundo do meu dia, e nem tempo para ligar para Victoria, vou ter. Resolvo tirar ela um pouco da minha cabeça, senão eu não consigo trabalhar.



ESTOU ABSORTO NOS PROBLEMAS DE ALGUMAS empresas com problema no *vermelho*. Ryan Colton que me passou esses clientes por e-mail quinta passada. Todas as empresas estão beirando a falência. Eu queria entender como essas pessoas podem ser idiotas ao ponto de deixar a empresa falir assim.

É complicado e trabalhoso construir algo assim, essa tal empresa da qual estou com os papéis em cima da mesa é uma multinacional. Seus balanços não batem com a meta esperada para o fim do mês. Com certeza ela está passando por um desvio e dos grandes.

Tenho que dar graças a Deus por meu pai ter se associado a Ryan Colton, que é um dos empresários mais respeitado no ramo da propaganda e em resgatar empresas no *vermelho*. Ele oferece ajuda em troca de ter direitos de marketing e quarenta por cento das ações da empresa. Isso gera para nós um grande aumento na bolsa de valores e como somos conhecidos por sermos ótimos investidores, não deixamos acontecer a recaída.

Ryan é muito conhecido por ter o dom a *Midas*. Ele além de ter fundado seu império e conquistado as marcas e empresas mais importantes do país. Fazendo propaganda o mundo a fora, tem outros meios de investimentos. Aplicando seu dinheiro em funções de entretenimento como seu Cassino em Las Vegas, resorts em pontos turísticos e estratégicos pelo país: Miami, Los Angeles, Hawaii, Chicago. E seus hotéis de luxo em New York, Seattle, Califórnia e Las Vegas.

Ryan conquistou seu nome com muito esforço. Não herdou nada do que tem hoje, apenas foi e sempre será filho de um dos reis de terras mais famoso dos EUA: *William Colton*, que deu origem ao nome do seu primeiro filho. Tão determinado e trabalhador quanto o avô. A família Colton tem um grande pedaço de terras na Califórnia, em Napa Vale. Dezenas de cabeças de gado, um grande volume agropecuário e também o local onde fica a ONG, para animais desabrigados. Ideia e de certa forma um presente dos pais para Victoria. A história que me contaram, foi que em 2007 — *um ano após minha partida para Inglaterra* — Victoria ficou doente por ter visto um cachorro ser atropelado perto de casa.

Minha mãe contou que Victoria teve uma depressão, ficou de cama, não quis mais comer e ameaçou fugir de casa para pegar todos os cachorros de rua para ficarem com ela. Consigo imaginar ela com onze anos fazendo pirraça e gritando com todos. Minha princesa é destemida. E por isso mesmo, Elizabeth, Cora, Will e Ryan juntamente com sua avó, Maya, começaram a planejar um abrigo para os animais de rua. No início era só para cachorros, só que com o tempo Victoria foi arrumando gatos, passarinhos, ratos e hoje a ONG abriga todos os tipos de animais que as pessoas não querem mais ou que o carro de

resgates acha e leva para lá. Acho essa ideia incrível. Um símbolo da compaixão aos animais.

Tirando-me dos meus pensamentos, a porta do meu escritório abre e vejo novamente Débora entrar.

“Senhor, acabou de chegar esse fax aqui.”

“U-hum.” Pego o papel da mão dela, leio e olho para ela. “Por que você ainda não foi almoçar?”

Suas sobancelhas sobem. “Eu fui e já voltei, senhor. São dez para as quatro.”

“Nossa.” Falo surpreso. *Estou meio perdido hoje.*

“O senhor não vai comer nada?”

“Não estou com fome.”

Ela assente, mas insiste. “O senhor quer um café? Eu vou buscar.”

“Tudo bem, pode ser.”

“Já trago.” Ela começa a sair da sala, mas para na porta. “Quer também aquele sanduíche de peito de peru com queijo e salada? Aquele que o senhor pede quando sai para treinar.”

Cerro meus olhos surpreso por ela ter percebido isso. E sua ideia acabou abrindo meu apetite. Sorrio sutilmente por ela ser bem teimosa, de um jeito bom. *Pelo menos até agora.*

“É uma ótima ideia, mas não estou com fome.”

“Com todo respeito senhor, eu acho que está sim. Posso até escutar seu estômago roncar e vejo como está abatido. Eu vou trazer seu lanche.”

“Eu cheguei atrasado por isso não comi ainda.” Esclareço mesmo ela não tendo nada a ver com a minha vida.

“Sim, o senhor chegou atrasado, mas já trabalhou o suficiente para dois dias. Tome um tempo para comer pelo menos.”

“Certo, pode trazer. Obrigado.”

“U-hum.” Ela responde e fica me olhando com os olhos arregalados.

“O que foi agora?”

“É que o senhor nunca pede obrigado,” Ela abre a porta e fala antes de fechar. “Não há de que, senhor.”

Fico olhando para a porta como uma estátua e sua frase na minha mente: *O senhor nunca pede obrigado.* Porra, acho que eu sou realmente um cretino, Anton estava certo e talvez Victoria já esteja fazendo um grande efeito em mim. Um sorriso estampa meu rosto e pego meu celular.

“Alô?” Ela atende com a voz risonha. “Quem é?”

“Engraçadinha. Está fazendo o que?”

“Estou vendo uns vídeos seu quando era pequeno. Oooh... Você era tão

fofo.”

“Você não está fazendo isso.”

“*Estou sim e foi a Ruby que me mostrou eles. Ela te idolatra, Ethan.*”

“Fazer o que? Eu tenho esse efeito nas pessoas.”

“*Principalmente no sexo feminino.*”

“Acho que sim.”

“*U-hum. Então, está fazendo o que?*”

“Além de estar falando com uma loira gostosa no telefone, vou comer um sanduíche que minha secretária comprou pra mim.”

“*Secretária?*” Ela fala pausadamente.

Rio, achando graça o ciúmes e respondo:

“Sim. Débora, mas ela é ruiva e eu prefiro as loiras meigas e safadas, uma em especial chamada Victoria.”

“*U-hum, sei.*” Ela suspira. “*Então, que horas você vai para academia?*”

“Umas cinco e meia.”

“*Tudo bem. Vou sair de casa as cinco para chegar quase junto com você.*”

“Beleza.”

“*Beijos...*” diz e faz o barulhinho de beijo.

“Beijo na boca.”

Ela ri e eu desligo.



SÃO CINCO HORAS E começo a preparar para ir me encontrar com Victoria, quando ouço alguém bate na porta. Por Deus meu escritório está muito badalado hoje, e desde quando batem na minha porta. Débora é paga para fazer o serviço de me avisar as visitas, e qualquer coisa pode entra no meu escritório quando quiser.

Quando penso em falar para entrar, a porta se abre revelando William Colton.

“Boa tarde, Ethan.”

“Boa tarde.” Digo desconfiando.

“Posso me sentar?”

“É claro.”

Sigo seus passos até uma das cadeiras em frente minha mesa, e se sentar. Rapidamente ele repara em minha mesa, totalmente bagunçada de papeis. Ele levanta uma sobancelha e questiona:

“Muito trabalho hoje? Parece cansado.”

“Estou bem.” Minto, porque eu estou derrotado. Morto de cansado, dormi mal, passei o dia sem comer praticamente e trabalhando que nem um burro de

carga.

Will faz uma cara sugestiva me informando que não caiu na minha mentira, mas ignoro.

“Vim conversar com você sobre Victoria.” Ele diz.

“Deduzi isso e eu preciso também falar com você.”

“Sobre?” Pergunta sério.

“Victoria me disse que você conversou com ela sobre ter que ficar atenta e que se alguma coisa parecer errada, deveria agir naturalmente. Com todo respeito,” apoio meus cotovelos na mesa, “acho essa ideia é uma idiotice.”

“Como?”

“Eu não estou lhe faltando com respeito, mas essa ideia é ruim, Will. Ela sofreu algum tipo de... aviso, atenção, desse tal perseguidor no sábado e graças a sua ideia de ela ficar parada enquanto o lobo ataca. Ela está sofrendo.”

Seus olhos ficam exaltados e ele inspira profundamente. “Como assim?”

“Primeiro me explique direito o que é isso tudo. Eu não sou idiota e sei que tem algo nessa proteção obcecada que você tem por ela. Eu preciso saber, para poder protegê-la. Não pode me deixar no escuro, William.”

Ele engole em seco e olha para suas mãos. *Meu Deus ele abaixou a cabeça.* Seu maxilar se aperta e vejo o esforço que faz para controlar algo dentro dele. Solta o ar com força e olha para mim.

“Você quer mesmo se meter nisso?”

“Eu preciso me *meter* nisso. Eu estou namorando ela e não pretendo ignorar os fatos.”

Ele pigarreia. “Minha obsessão vem desde que Victoria nasceu, mais ou menos. Minha família sofre ameaças há muitos anos. Eu confesso que eu achava que era apenas palavras, mas quando incendiaram minha casa e depois a antiga casa de Cora, que foi lambida pelas chamas. Eu vi que eram mais do que palavras.” William me olha e seu semblante está carregado. “Não quero apavorar você ou espantar. Vejo a forma que trata e olha para Victoria. Sinto que gosta dela e ela gosta de você também, e não quero nada mais do que a felicidade dela. Mas você tem que saber que se quiser ficar com ela precisa aceitar que sempre terá que ficar atento. Pelo menos até descobrirmos quem são, ou é, o perseguidor.”

Assinto para ele. Estou paralisado absorvendo tudo. Eu já sei de quase tudo que ele disse, na verdade, percebi isso no dia da boate. A vigila, o cuidado, proteção. Sei dos sequestros e entendo, mas não achava que era para tanto.

“Eu e meus pais, mais do que ninguém, queremos acabar com isso. Eu quero que Victoria viva livre e tranquila. Mas enquanto eu não posso fazer isso, vou assegurar que ela esteja rodeada dos melhores homens e perto de quem

possa enfrentar qualquer coisa. Não estou falando para você se meter na frente de um carro para ela ficar bem, mas de correr quando o bicho pegar.” Ele inspira e respira profundamente. “Há alguns dias eu recebi uma ligação. Uma ameaça. Por isso aumentei a vigília para todos. Já estou sabendo que você tomou precauções de segurança e fico muito satisfeito. Eu quero isso mesmo. Que você se mantenha seguro e a faça se sentir segura.”

“Okay, entendi.” Franzo a testa. “Você disse que recebeu uma ameaça dias atrás?” Parece que engoli chumbo ou larva quente, tem um bolo na garganta.

“Sim. Foi na sexta-feira, antes do baile. Eu não quero que você toque nesse assunto com ela. Victoria sabe que estamos recebendo ameaças, mas não tão recentemente. Não quero ela preocupada, apenas alerta.”

“Por mim tudo bem.”

“Agora me esclareça essa coisa do sábado.”

“Victoria teve um pesadelo essa noite” falo sem me preocupar que ele pense que eu dormir com a irmã dele. “Eu me assustei como ela acordou, e quando perguntei do que se tratava, ela me contou que foi um sonho e ao insistir que era real. Fiquei preocupado, mas, na verdade, fiquei mais preocupado quando ela disse que na verdade o sonho era uma lembrança do que aconteceu no baile. Um homem estranho apareceu na festa e a assustou. Por isso você precisa me dizer tudo. Eu quero protegê-la também.”

“O resumo de tudo, Ethan, é que minha família sofre ameaças e se você quer mesmo ficar no meio disso tem que se preparar. Essa pessoa não poupa ninguém e se ele chegou tão perto dela assim no baile, realmente temo que ele esteja armando alguma coisa. Por favor não deixe que nada aconteça com ela.”

“Você tem minha palavra que nada vai acontecer a ela e conta comigo para qualquer coisa.”

Will assente, se levanta e estende a mão. Faço o mesmo e aceito o aperto de mão.

“Ela é uma das pessoas mais importantes da minha vida e eu estou confiando em você.”

Assinto e o observo Will vira-se para sair, abrir a porta, mas para e diz: “Eu não sou de confiar fácil, mas sinto que posso confiar em você. Olhos não metem.” E fecha a porta saindo de vez.

Sinto-me sobrecarregado. Deixo meu corpo cair na cadeira e olho para o teto do escritório. Meu coração está acelerado, aperto com força os braços da cadeira e tomo algumas respirações fortes, tentando acalmar meus nervos.

“Pode confiar em mim, Will.” Digo para minha sala vazia. “Faço e farei o que for para mantê-la bem. Mantê-la comigo.”

Me levanto, passo as mãos no rosto e percebo que chorei. Chorei de raiva

por essa situação, e de frustração por querer resolver logo isso. Querer fazê-la viver em paz. E por medo de fracassar, deixar algo escapar. Contudo, não vou deixar. Ela é minha e ninguém vai tomá-la de mim. *Nunca*.

Chego no estacionamento da empresa, entro no meu carro e pego o caminho para academia. *Preciso tanto abraçá-la*.

Dezoito

Victoria

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 2013.



APÓS ME APRONTAR PARA ACADEMIA, saio do quarto de Ethan e desço as escadas. Vejo Ruby sorridente no lobby da casa.

“Vai para à academia agora, senhorita?”

“Vou e por favor, deixa desse *senhorita*. Me chame de Vic.” Sorrio para ela. “Acho que só os meus seguranças me chamam assim e como eu já perdi a paciência em pedir para pararem, eu deixo.”

Isso a faz abrir um sorriso humorado. “Está bem, Vic.” Ela estende para mim uma mala de poliéster preta, escrito em cinza Nike. “Leve para o Sr. Brown a bolsa dele da academia. Ele esqueceu hoje.”

É claro que ele esqueceu. Saiu cheio de pressa e nem comeu. Pego a mala e passo uma das alças por meu ombro direito, e fico com a minha no outro ombro, ainda bem que é menor.

“Tudo bem e ainda bem que estou aqui.” Digo e sigo o caminho para fora.

“Ah, provavelmente ele mandaria alguém pegar.”

Meus ombros caem com isso. Estava me achando importante, poxa.

Sorrio, sem muita vontade e entro no Rolls Royce com um olhar nada feliz. Ken percebe minha cara feia e sorri. Ele sabe o que penso desse elefante branco que Will insistiu para ser o carro de linha de toda a nossa família. Engraçado que ele sempre diz para não chamar atenção. Uma gigantesca ironia.

Mas confesso que o carro é confortável, lindo e luxuoso, é um fato e no meu caso também uma gaiola a prova de balas e veloz. Me sinto em uma nave. Sem sons de motor ou barulhos da rua. É silencioso e confortável, só que enorme também. E a única coisa que eu adoro nele são as portas. Acho o máximo as de trás abrirem no sentindo oposto à das frente.

Ken fecha a porta do carro e entra, sentando-se no banco do carona, pois Jorge está dirigindo. Antes de sairmos, baixo rapidamente o vidro e dou um *tchauzinho* para Ruby, que retribui.

Logo que passamos dos portões, Ken ordena:

“Fecha a janela agora. Por favor.”
Bufo e faço o que ele pede.



“ACHO QUE O SR. BROWN AINDA NÃO CHEGOU” conclui Ken do meu lado direito, em frente a academia.

“Também acho.” Murmuro.

“Por que a senhorita não entra e o espera lá dentro?” Pergunta Jorge, que está do meu lado esquerdo de óculos escuros quase as seis da tarde. O sol está se pondo, o céu pegando a cor alaranjada escura, o purpura chegando. Ou seja, não há motivo algum para estar de óculos escuro.

Ainda bem que eu já me acostumei com esses seguranças e meus conhecidos e amigos da academia também, de certa forma.

Já expliquei mais de cem vezes o que eles são, e algumas pessoas até me chamam de *filha do presidente*. Eu rio disso, mas embora seja agradecida por eles me acompanharem, fiz uma exigência. *Que eles fiquem do lado de fora! Dentro da academia não fica nenhum segurança*. Minha mãe disse que não, mas depois de uma discussão, meu pai aceitou e pediu que todos aceitassem também. Foi a primeira vez que vi meu irmão realmente calado.

Olhando para os lados, bato os pés. Não entendo a demora de Ethan. Olho o relógio, seis e quinze. Que estranho. Ele disse que ia sair às cinco e meia mais ou menos. *Por que ainda não chegou?*

Espero, espero e espero.

Então mais dez minutos, *meu* Ethan chega e sorrio abertamente vendo-o se aproximar. Ansiosa dou alguns passos alargando meu sorriso, que logo desaparece ao perceber sua expressão.

Ele está lindo, assim como saiu de casa. O terno um pouco amarrotado, sem a gravata, os três primeiros botões da gola abertos e os cabelos um terror. Ele parece perdido, ansioso e preocupado.

Qual é o problema?

“Minha.” Ele murmura assim que seus braços me abraçam tão forte. Me engolindo pelos meus ombros. O rosto está colado ao meu, amassando nossas bochechas. Passo minhas mãos por dentro do seu terno e envolvo sua cintura e faço carinho com as pontas dos dedos em suas costas.

“Tudo bem?” Pergunto baixo apenas para ele ouvir.

“Senti sua falta.” Responde no mesmo tom.

Sorrio, sentindo borboletas no meu estômago. Passo minhas mãos em suas costelas, peito, braços enquanto ele acaricia meus cabelos presos em um rabo de

cavalo. Me afasto um pouco e deixo minhas mãos chegarem até seu rosto e o forço a me encarar. Preciso ver seus olhos. E eles estão avermelhados além do cansaço, tem tristeza. Meu coração se aperta só em imaginar que a causadora dessa tristeza repentina sou eu.

Eu sei que magoei ele hoje de madrugada. Minha ideia de acabar tudo, para não fazê-lo sofrer depois, não resultou muito bem. Na verdade, foi pior. Eu não pretendia chorar. Eu não pretendia já *sentir* o sinto por ele e a dor — apenas da ideia — de me afastar, porém, poderá doar muito mais vê-lo ferido ou machucado por minha causa. E sei que isso é possível.

Mas... ele estava bem quando acordamos. *Nós estávamos bem*. Fizemos até amor e foi maravilhoso, e não faz muito tempo que brincamos ao telefone. Então por que só agora ele está assim.

Acaricio seu rosto e olho profundamente seus olhos.

“Está tudo bem.” Digo suavemente.

Ethan arfa e sinto o quanto precisava ouvir isso. Passo minhas mãos gentilmente na sua barba.

“Agora, está tudo bem, sim.” Diz e agarra meu rosto, me dando um beijo cheio de afeto.

Seguramos o rosto um do outro. Nossos lábios apenas se encostam. Em um gesto de cumplicidade, de que estamos nos entregando demais. Eu sei disso, *eu sinto isso*.

O medo de que ele me faça sofrer — partir meu coração — não existe mais. Porque eu sei que não vai. O medo agora é minha vontade de proteger nós dois e nossos corações.

Afasto dos seus lábios e fito seus olhos. Amo seus olhos azuis. Sorrio e tento dizer com meus olhos que não quero me afastar dele. Nunca.

“Vamos.” Ele diz e assinto.

Seguro sua mão e caminhamos para dentro da academia. Jorge e Ken estão sérios, sendo discretos, porém parecem patéticos. Abro um sorrisinho para eles, pego minha bolsa com Ken e Ethan faz o mesmo.



“BOA NOITE, VICTORIA.” Diz Gustavo e Giovanna, em coro.

“Boa noite Guh, Gih.” Cumprimento-os.

Ethan aperta minha mão e viro meu rosto. Ele está com expressão: *Vamos logo*. Meu príncipe, nada simpático. Sorrindo, volto meus olhos para os meus colegas e dou um adeus passando pela roleta, após colocarmos nossas digitais. Caminhamos juntos, descemos as escadas para os vestiários e os armários.

“Vai se trocar. Vou subir e lhe espero no bebedouro de frente ao espelho.”

“O seu bebedouro?” Ele brinca.

“Esse mesmo”, afirmo sorrindo.

Ele assente e beija meu rosto antes de sumir pelas portas do banheiro masculino.

Eu vou para o vestiário feminino guardar minha bolsa e logo subo. Me distraio bebendo água e depois encho minha garrafa de água novamente. Aprumando a postura, chego mais perto do espelho.

Mais uns minutinhos depois, vejo Ethan. Me ilumino por dentro por vê-lo sorrindo agora.

“Isso me parece com um *déjà vi*.” Ele fala no meu ouvido.

Sorriso e viro-me de frente para ele. “Não é mesmo *Watchman*!?”

“Agora eu sou um admirador falante.”

“É mesmo” e dou risada.

Falante, beijoqueiro, galante, gostoso e de zero a cem, um rei na cama. *Um tanto escandaloso também*. Posso não ter muitas experiências, mas com certeza o que eu sinto com Ethan é mil vezes melhor e seus sons dão o maior incentivo.

Sacudo a cabeça, clareando os pensamentos e dou passagem para Ethan beber água.

Depois, vamos para o salão dos aparelhos.

Hoje é segunda-feira então a academia está cheia. Parece que as pessoas comem o que querem no fim de semana e na segunda correm para a academia, loucas para queimar as calorias.

Olho para os aparelhos. Todos ocupados e alguns sendo revezados por duas ou mais pessoas. *Ai não*.

“Vamos lá para cima. Quero fazer aeróbio.” Falo e Ethan me olha.

“Certo, vamos.”

Subimos e os aparelhos estão igualmente cheios, mas têm duas esteiras vazias, e é para elas que estamos indo.

Sorriso ao ver Nicole, minha amiga da faculdade. Está toda descabelada e suada, enchendo dois copos de água e logo em seguida bêbedo como uma recém-chegada do deserto. Totalmente desesperada.

Ela não conhece limites. Está na *capa do Batman*, mas ainda se achando gorda. Eu nem falo mais nada. É perda de tempo. Ela é bonita, muito bonita. Cabelos negros até a cintura, olhos azuis fortes, a boca é grande como da Angelina Jolie — *e o corpo está ficando que nem o da atriz também*. Alta, branca — um pouco mais escura do que eu já que ela gosta de se bronzear —, um sorriso marcante e o nariz empinado, faz ela parecer metida, mas ela é

apenas atrevida. E desesperada para emagrecer. *Não sei nem mais o que ela vai perder.*

Eu amo fazer qualquer tipo de exercício, mas respeito meus limites e meu corpo. Deus me livre virar uma louca desvairada que nem Nicole, que além de se matar aqui, faz balé três vezes na semana.

Ela me vê e vem falar comigo.

“Vic,” me abraça. “O que faz aqui a esta hora? Você sempre vem mais cedo.”

“Eu quis vir agora por causa do meu namorado.” Falo e me viro para Ethan, que está olhando para ela um tanto concentrado. “Ethan essa é minha amiga Nicole Connor, Nick este é...”

“Ethan Brown.” Ela completa.

Surpresa, pergunto: “Vocês se conhecem?”

“Sim.” Ethan responde sucinto.

De onde? Quero perguntar. Eu sei que é quase impossível ninguém de Los Angeles, na verdade toda Califórnia, não nos conhecer dos jornais e revistas. Até mesmo em outros estados. Somos herdeiros da empresa responsável por quase todas as propagandas que circula por aí e cercados de paparazzi.

Eles ficam se olhando por um bom tempo, então Nicole toma a iniciativa, claro. Ethan tem um sério problema com isso. Rio internamente.

“Eu sabia que você tinha voltado, mas não esperava ver você por... aqui.” Ela diz, mas me olha no final da frase.

Estranho. Eu meio que sinto uma insinuação.

Ethan enrijece o peito e vejo o músculo do seu maxilar contrair, quando ele range os dentes.

“Voltei tem sete meses, mais ou menos, e talvez você não tenha me visto por azar.” Ele sorri de lado. Um sorriso perverso, que eu ainda não conhecia.

Nicole solta uma gargalhada e faz um biquinho para ele, de debochado. “Ou sorte. Talvez... Enfim, foi um prazer lhe rever Ethan. Até qualquer hora, Vic.”

“Igualmente.” Ele replica.

Fico olhando-o por uns segundos, depois que ela some pelas escadas, pensando se devo ou não perguntar de onde ele a conhece. Eu não ligo se ele a conhece, o problema é que eu não gostei, e *nem um pouco*, da interação deles dois. Foi estranho demais.

Ethan está mudo ao meu lado. Respiro fundo e ergo uma sobrancelha, perguntando silenciosamente se ele vai falar alguma coisa. E ele não fala. Está absorto em seus pensamentos.

“Run...”, resmungo e dou-lhe as costas subindo para o terceiro piso. Vou acabar com minha adrenalina na aula de Zumba, ou Spinning, ou Running.

Qualquer uma está valendo.

“Ei!” Ele aparece do meu lado. “O que foi?”

“Vou fazer aula de Zumba ou corrida, não sei ainda.” Respondo sem olhá-lo. “Vai correr ou fazer sei lá o que também. Tanto faz.”

“Por que você está falando assim comigo?” Ele segura meus ombros, me alcançando quando chegamos no terceiro andar.

“Por nada. Vou fazer a aula e você vai lá pra baixo. Corre ou malhe, não sei.”

“Victoria.” Diz com advertência.

“Ethan.” Respondo fitando seus olhos, sem piscar.

Ele olha para o lado, para o outro, e me puxa pelo corredor das salas envidraçadas. Sigo meio correndo, sem entender.

“O que você está fazendo?”

“Vou lhe mostrar uma coisa.”

“O QUE?” Exclamo alto. “ETHAN.”

Ele abre uma porta e me puxa para dentro. É a área de acesso à emergência para funcionários da academia. As escadas cinzas e sujas com vassouras, baldes, coisas de treinos — que os professores que são personal trainer usam: bambolê, cordas grossas e pesadas, cones e um saco de bolas de vôlei, já que estamos bem perto da quadra de vôlei, basquete e futebol de salão. E a luz é menos clara do que o resto da academia.

Olho para Ethan e o vejo de relance, porque o *lindo* está atacando minha boca feito um tornado. *Oh céus*. Sua boca devora a minha. A língua passa por toda minha boca, dentes e massageia a minha língua. Ele suga meus lábios. Gemo e agarro seus braços flexionados, que pressionam meu corpo na parede. As mãos dele estão no meu rosto, direcionando os movimentos que nosso beijo furioso dá. Um beijo molhado e barulhento.

Ele rosna e esfrega seu quadril no meu corpo, por instinto subo uma perna e a prendo por trás da sua coxa durinha e gostosa. *Minha nossa*. Eu estou me agarrando com meu namorado na academia. Estou escondida e gemendo nos braços desse homem maravilhoso.

Minha nossa. Eu gosto disso. Gosto muito disso. Gosto muito do que ele faz comigo.

Ele me chama de princesa safada, feiticeira, linda, querida, mas tudo isso é ele. Príncipe safado, feiticeiro de cama, lindo de viver e meu querido amante. Eu jamais sonhei que teria um homem tão viril e poderoso como ele. Todinho meu. Tenho dezenove anos e estou vivendo uma das melhores coisas da minha vida.

Namorar ele é uma das melhores coisas da minha vida atualmente. Ele me consome, me devora, me domina e tenho até medo de um dia dizer: Me

rouba. Sendo dele, somente dele.

Ethan para de me beijar, dando estalinhos nos meus lábios e mordendo-os antes de se afastar.

“Eu queria ter feito isso desde a hora que vi você na porta da recepção.” Coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, que ele bagunçou. “Eu precisava tanto de você naquela hora e agora você vem da crise de ciúmes. Por Deus, Victoria, não faz isso comigo.”

“O que eu não posso fazer?” Indago sem entender. “E por que não me beijou antes?”

“Não invente coisas na sua cabeça que não existem e eu não podia fazer nada naquela hora e nem na frente de ninguém. Na verdade, quero muito mais que beijar você.”

Assinto e passo minhas mãos no seu peitoral sentindo o tecido da camiseta, igual a minha, por cima dos seus músculos. É como passar a mão em uma pedra revestida por veludo. Adoro sentir seu corpo. *Adoro* também sua bermuda cinza, que está usando. É a que não deixa nada para imaginação alheia. A mesma bermuda do primeiro dia que eu tive coragem de falar com ele. É um crime essa bermuda.

“Eu adoro essa bermuda” faço uma pausa, “realmente e ela é linda. Gosto da cor e parece confortável.” Murmuro seduzindo-o.

“É sim, querida”, ele sorri entrando na minha brincadeira.

“E tenho certeza que você usava ela para me torturar antes e até outras mulheres.” Ele abre um grande sorriso e eu bato no seu peito. “Não acho a mínima graça as mulheres ficarem vendo seu pacote assim tão livremente.”

“Meu pacote?”

“É!”

Ele levanta os ombros e me puxa para sussurrar na minha boca. Sem muito esforço porque ainda estamos colados um no outro. “Elas podem ver, mas só você tem...” Me beija. “Só você pode tocar e ver de verdade.” Ele chega a boca perto da minha orelha. “Só a minha princesa pode sentir e fazer o que quiser comigo.” Morde meu lóbulo e sussurra baixinho. Sinto um arrepio e fecho os olhos. “Eu sou todo seu. Só seu, meu anjo.” Beija meu pescoço. “Agora e sempre.”

Pego seu rosto, puxo para mim e ataco sua boca. Agarro seus cabelos, me esfrego nele e sinto sua ereção. *Ai! O que ele faz comigo?* Ele me leva de um polo ao outro. Sinto calor e frio. Alegria e tristeza. Coragem e medo. Tudo ao mesmo tempo. Tenho vontade de abraçá-lo e depois bater nele. Quero saber porque chegou todo triste e porque ele ficou todo nervosinho com a Nicole. Eu quero fazer exercício, gastar minha energia na academia, mas ao mesmo tempo

quero estar no quarto dele, debaixo dele, sentindo-o dentro de mim, o gosto da sua boca na minha. Gastar energia em seus braços.

Me afasto dele e suspiro de olhos fechados. Sinto sua testa na minha e suas mãos acariciando meus braços e ombros até segurar meu rosto.

“É melhor a gente sair daqui logo.” Ele desencosta o corpo do meu. “Merda.” Pragueja.

“Qual o problema?” Abro os olhos.

“Como é que eu vou sair desse jeito?” e aponta para sua virilha.

Oh merda. Ele está com uma ereção escandalosa e como a bermuda é clara e o tecido leve, tudo está visível demais.

“Você está de cueca?” Pergunto a única coisa que passa na minha cabeça.

“Claro que sim, Victoria!” Diz irritado.

Caio na gargalhada. Realmente tenho um ataque de risos, daqueles que doí a barriga e os olhos lagrimejam. Ethan bufa e vira as costas para mim, apoiando os braços dobrados na parede e as mãos enterradas nos cabelos.

“Não ria, Victoria. Não tem graça, porra.”

“E o que você quer que eu faça?” Falo secando meus olhos.

Ele se vira e se aproxima de mim. Passa as costas da mão gentilmente em meu rosto. “Quero que saia daqui e faça sua aula. Daqui a pouco, eu saio também.”

“Eu não vou deixar você sozinho aqui.”

“Meu anjo, se você continuar aqui, meu pau não vai se acalmar. Será que me entende?”

Sorrio franzido a testa e ele agarra meu rosto, me dando um beijo de leve. “Pode ir, daqui a pouco eu saio.”

“Tem certeza?”

“Tenho sim.”

“Okay...”

Pego seu pulso para ver as horas e ele sorri.

“Ainda dá tempo de fazer a aula.” Olho para ele. “Quando sair, passa na sala seis. Vou estar lá fazendo Zumba.”

“Vou sim.” Ele diz e beija a ponta do meu nariz.

Abaixo para pegar minha garrafa. Deixei-a cair quando ele me atacou. Arrumo meu cabelo. Solto e prendo para o alto novamente. Abro a porta e dou uma última olhada nele. Ele está observado eu sair e antes de eu fechar a porta, flagro-o ajeita seu pênis. Por Deus, eu não mereço.



“OLÁ DONA VICTORIA.” Diz Alvo.

O nome dele é Álvaro, só que nenhum dos alunos o chama assim. Alvo é forte, moreno claro, cabelos negros, olhos sorridentes e castanhos. Professor das turmas de: Zumba, Spinning e Jump, do turno da noite. Casado com Raquel, professora da academia também, e pai de Victoria — em minha homenagem — de um ano e três meses.

“Oi, Alvinho.” Ele sorri e volta sua atenção para a turma.

Fico do lado da parede de vidro, para o corredor. Infelizmente não tem espaço no meio ou nas janelas, onde gosto de ficar. Cheguei com a aula já quase começando. Alvo coloca uma música alegre, como aquecimento, e logo em seguida começa as músicas punk.

“Vamos pessoal. Mexam os corpos, se divirtam.”

Sorrindo danço animada. O passo que Alvo ordena é fácil, para quem já está acostumado com as aulas dele. Dois passos para a frente, um para trás rápido, faz um giro de 360 graus, depois um de 180, bate as mãos com o parceiro que escolheu, depois os quadris fazendo um vaivém, agacha e dá três passos para trás. É engraçado e me acabo de rir.

Quarenta minutos de dança depois e ele diz:

“Agora vamos fechar com chave de ouro a aula e queimar o bolo de chocolate do sábado. Amanhã queimamos o sorvete de domingo.”

Todos riem e ele coloca outra música, alta demais e muda as luzes da sala para ficarem mais fortes e piscando mais, como uma discoteca. A música agora é mais animada e os passos mais rápidos também.

“Se joguem. Finjam que estão no quarto ou na balada. Fechem os olhos e brinquem.” Ele muda a música, sem ninguém esperar. “Desculpem, galera. Essa é a última.”

“Você é malvado Alvo.”

Ele nos ignora e começa a pular os passos da música de Bruno Mars. Locked Out Of Heaven. É complicado não rir quando nós dançamos essa música e principalmente pelos alunos novos. As meninas e os gays, antigos como eu adoramos, mas as novatas são um terror. Aqui nunca entrou um homem hétero para fazer a aula, e acho que tem um grande motivo.

Estou distraída quando Brenda bate no meu ombro. “Gata olha aquilo ali.” Ela aponta para o meu lado, para o corredor.

Viro-me e vejo Ethan sorrindo com os braços cruzados na frente do peito. Dou um tchauzinho e ele acena também.

“Você o conhece?”

“U-hum.”

“Hm... Não é a primeira vez que o vejo por aqui, mas é a primeira vez ele aparece mais...” pausa “à vontade.”

“Ele já esteve por aqui?” Pergunto intrigada.

“Já sim, Vic.” Ela se aproxima de mim, ainda dançando e cochicha. “E ele sempre ficava te olhando, bem rapidinho. Hoje ele está sorrindo e olhando com os olhos brilhando e você acenou para ele. Você conhece esse gato loiro?”

Mmm... Então quer dizer que o senhor admirador me perseguia até aqui. Bom saber.

“Conheço sim” e... como.

“Desde quando e por que ele olha tanto você?”

Boa pergunta Brenda. Ainda estou tentando entender isso.

“Ele é meu namorado.”

“Jura? Desde quando? Você não namorava aquele traste do George?”

“Bem, galera a aula acabou e quem quiser a aula de spinning tem vaga.”

“Vai pastar Alvo, estou morta.” Márcia fala saindo da sala junto comigo e Brenda, rindo.

“Nossa, Brenda! George é passado e eu estou com Ethan há...”

“Há um mês.” O próprio completa, parando na minha frente. “Prazer.” Estica a mão para cumprimentar minha amiga. “Ethan Brown.”

“Oi, sou Brenda Wayne.” Diz um pouco envergonhada, as bochechas até ficaram vermelhas.

“Sua prima ou parente?” Ele indaga confuso, para mim.

“Quem me dera fazer parte da família de Vic. Sou apenas amiga que tem o mesmo sobrenome.” Ela responde.

“Ah! Sim.” Ethan assente pensativo.

“Vou indo e depois nós conversamos.” Brenda diz caminhando para as escadas.

“Até Brenda.” Aceno com a mão e viro-me para o meu príncipe. “Melhor?”

“Eu quase tive que voltar para lá ou me esconder no banheiro por causa da sua dancinha.” Ele tenta ser sério, mas os olhos brilham humorados.

“Então você gostou?”

“Muito.” Ele fala com a voz rouca.

“Se quiser eu peço Alvo para encaixar você na próxima aula.”

Ele solta uma gargalhada feliz. “Não mesmo.” E chega mais perto, mais sem abusar. Agora estamos em público e já percebi que ele é discreto. “Prefiro assistir você e se possível, um dia desses em uma dança particular.”

Um sorriso brota em minha face “Vou pensar no seu caso” falo com a voz manhosa.

“Não me provoque.” Murmura sério. “Vai fazer o que agora?”

“Vou para a aula de *bike* e enquanto isso você malha um pouco.”

“Tudo bem.” Ele beija minha mão e começa a andar para trás, se afastando sem soltar minha mão.

“Daqui a pouco eu desço.” Ele assente e sorri sutilmente. Nossas mãos se soltam e eu me viro para o lado da sala de spinning e ele para a escada.



DEPOIS DE MORRER NA AULA DE SPINNING, vou encontrar meu príncipe no salão principal. Cumprimento algumas pessoas, porque eu falo com setenta por cento da academia. Olho para o canto e lá está ele. Me aproximando suspiro internamente. *Meu Deus.*

Ele está fazendo barra fixa. Seus braços fortes e musculosos estão abertos e o peito estufa quando ele sobe e desce o corpo, flexionando os braços. As veias estão saltadas e ele está suando. O corpo dele é músculo puro, definido, lindo, sem gordura. A camiseta está colada nele por culpa do suor, a bermuda leve, balança e é inevitável meus olhos não irem para o pedaço descoberto do seu abdômen. Consigo ver os poucos pelos clarinhos abaixo do seu umbigo, e continuando a descer, para o meio das pernas tem seu amigo, como ele fala, bem avantajado até em repouso.

Pelo amor de Deus. Bato na minha testa e olho para o chão. *Amém senhor, que eu sou menina, porque senão eu ia passar vergonha agora.*

Escuto um barulho e levanto o rosto, rápido. Ethan saiu da barra e está sorrindo para mim.

“Oi.”

“Oi.” Respondo abobada.

Ele ergue a mão e passa seu polegar por minha bochecha esquerda.

“Você fica linda suada.”

Assinto, e nem sei porque.

“Já acabou?” Indaga.

“U-hum.”

“Falta só mais uma para mim e podemos ir. Ok?”

“U-hum.”

Um sorriso malicioso brota no seu rosto e ele cerra os olhos. “Alguns problemas princesa?”

“Ã-ã.” Nego.

“Certeza?”

“Sim, Ethan.” Dou um passo para trás e passo a mão no rosto. “Vou tomar meu Whey pós-treino e te espero perto no bebedouro.”

“Certo. Não vou demorar.”

Viro-me e caminho com passos firmes, na verdade, um pouco turbulentos, para a longe dele. Minhas pernas estão instáveis e nem a aula que eu acabei de fazer de bike, me deixou assim. Chego no banheiro, pego minha bolsa no meu armário alugado e a levo para a frente dos espelhos, apoiando na pia de mármore. Me olho no espelho. Cabelo, uma bagunça, molhado de suor e as pontas secas. Ridículo. Corpo, ofegante, vermelho e quente. Rosto, suado, muito vermelho e minhas orelhas estão pegando fogo e meus olhos brilham mais do que árvore de natal.

O estado do meu corpo caótico agora é natural depois dos exercícios, mas os olhos brilhando só tem uma causa. Ethan. E quem me olha agora, mortificada na frente dos espelhos, passando uma toalha molhada na nuca e no rosto, pensa: *Uau, ela se acabou na academia hoje. Só que não.* Eu estou vermelha e sentindo meu corpo em erupção. Fiquei excitada pela visão de Ethan na barra fixa. Meu coração está batendo compassadamente. E meus músculos estão retraídos, e minha calcinha *definitivamente* está super molhada, mais do que estava por causa do suor.

Pigarreio, saindo dos meus pensamentos, e vou no banheiro. Bebi água demais hoje. Termino e vou arrumar meu cabelo. Pego minha coqueteleira — para bater meu whey protein — e passo a mão no meu corpo, ajeitando a roupa e saio do banheiro.

Encontro Ethan nas escadas.

“Vou no vestiário pegar minha bolsa e já venho.” Beija minha cabeça rapidamente e termina de descer.

Assim que tomo meu shake e estou guardando minha coqueteleira, ele aparece e a rouba de mim. Rio observando-o colocar água de novo na garrafinha e pegar um potinho pequeno e despejar o *whey* dele, e bebe.

“Desculpe abusar, mas eu deixei a minha no carro, ou em algum lugar.” Diz me entregando a garrafa.

Dou de ombros e a guardo na bolsa. Damos as mãos e eu digo: “Não tem problema, pode usar quando precisar”.

Caminhamos para fora da academia e ele beija minha têmpora e aperta de leve minha mão. Ken, Jorge e Sebastian nos acompanha a partir da porta até o carro. Na garagem, falo:

“Vou no carro com o Ethan.”

“Vou com a senhorita?” Ken questiona.

“Por favor, nos acompanhe no carro dela. Ela vai comigo e vocês três no outro carro.” Ethan responde por mim e eu assinto.

Os três concordam e entram no meu carro e eu vou para o Bentley com

Ethan.

Estou hipnotizada, olhando-o dirigir. Fascinada como ele dirigi. Lindo, todo cheio de si e poderoso.

“Para de me olhar assim.” Ele fala sem ao menos vira o rosto para mim.

“Só você pode, é?” Solto uma risadinha.

Ele pega minha mão e deixa um beijo carinhoso.

“Claro que não, mas eu estou dirigindo e impossibilitado de algo a respeito.”

Rio alto e devolvo seu gesto, beijando sua mão.



QUANDO CHEGAMOS EM CASA ele mais do que depressa sai do carro e vem abrir a porta para mim. E praticamente me puxa para fora. O sigo para dentro, subindo — ou correndo — para o seu quarto e logo sou amassada por um metro e noventa e cinco de puro músculo e tesão.

“Não vou conseguir ser gentil agora.”

“Tudo bem.” Ofego passando as mãos nos seus cabelos.

Ethan me joga na cama e ergue o corpo, me olha de cima e sorri. Esse sorriso já está ficando gravado e é diabolicamente tentador. O mesmo sorriso do café da manhã de domingo, o sorriso da *Giorgio Armani* — quando saiu do provador — e o mesmo sorriso que ele estava hoje me vendo dançar.

Puxo sua camiseta para cima pela bainha, deixando-o nu da cintura para cima. Ele arranca minha blusa e o sutiã de lycra logo em seguida, e sem pausa, puxa com maestria minha calça, junto com meus tênis. Pronto, estou nua. Ele para e ergo minha cabeça para vê-lo. Está me olhando admirado.

“Qual o problema?”

“Nada.” Murmura com a voz rouca.

“Por que está aí parado de bermuda e eu pelada na sua cama?”

Então ele tira os tênis, a bermuda e vem engatinhando para cima de mim lentamente. Oh céus... Abre minhas pernas com as suas, acomodando o corpo no meu. Levanto as pernas e o abraço. Ethan beija meus seios e sussurra passando os lábios no meu pescoço:

“Achei que você gostava da minha bermuda.”

Rio, mordendo os lábios e abraço seu pescoço, puxando-o para mim.

“Eu adoro sua bermuda, mas prefiro você sem ela.”

Ele beija meu nariz e fala, baixo: “Que a sua vontade seja feita, minha princesa.”

Olhando dentro dos meus olhos, Ethan empurra, me penetrando de uma

vez, fazendo-me soltar um grito abafado e arfante. Nós precisamos disso. Só nós dois. Juntos. Sem nada e ninguém.

Fecho os olhos sentindo-o dentro de mim, sentindo seus braços escorrem para debaixo do meu corpo, levanto sutilmente meu corpo e colo ao seu. Pele contra pele. Seus lábios nos meus, sua língua na minha. Sua pele um pouco pegajosa por causa do suor dos exercícios, mas agora também suada pelo esforço de fazer amor comigo.

Estamos um pouco barulhentos, um pouco assanhados. Famintos. *Eu sei porque estou assim.* Quero tirar da minha cabeça o medo de tudo isso acabar. Tirar o pesadelo da minha cabeça. Quero apagar os olhos tristes de Ethan quando nos encontramos na porta da academia.

Apenas quero sentir. Senti-lo e confirmar que sou dele e ele é meu.

Nos abraçamos bem forte, o mais forte que consigo com o pensamento fixo.

Eu já gosto tanto de você.

Eu já gosto tanto de você.

Gosto muito Ethan.

Dezenove

Ethan

TERÇA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO DE 2013.



VIRO-ME NA CAMA E quando meu braço cai, abro os olhos despertando e olho o espaço vazio ao meu lado na cama. Onde Victoria estava e deixou seu calor.

Após nosso sexo, que foi maravilhoso, tomamos banho e jantamos. Depois Victoria quis assistir o episódio de *The Flash*, e assim passou mais um e *Arrow*, e para terminar o filme romântico. Acho que se chama *O Diário de Um de Amor*. Algo assim. Só sei que Victoria chorou junto com os personagens e quando a velhinha não se lembrou do marido, ela até soluçou.

Me surpreendi com ela chorando daquele jeito e perguntei se era a primeira vez que assistia o filme. E ri com sua resposta: “*Não. Deve ser a quinquagésima vez. Mas é tão lindo e triste esse filme.*” Depois vimos dois episódios da reprise de *Friends*. Onde ela ria sem parar e eu também. O que foi bem melhor. Prefiro vê-la sorrindo.

Por fim quase duas horas da madrugada, viemos nos deitar agarradinhos. Namoramos um pouco na cama, sem transar. Apenas carícias e beijos. Me senti tão bem que pensei que precisarei disso todo dia. Dela aqui.

Levanto meu corpo da cama, “Victoria?” e a chamo.

Ela aparece sorrindo no portal do *closet*, linda e sexy de calcinha de renda branca. Meu anjo maravilhoso. Ela vem correndo e se enfia debaixo das cobertas, se arrasta para ficar bem perto de mim, aconchega-se ao meu corpo fazendo um sonzinho gostoso e me abraça.

“Por que esse ar condicionado tem que estar tão gelado?” Ela diz e bate os dentes brincando.

“Porque eu sou calorento.”

“Mas está chovendo e frio. Vai ali na varanda só para ver.”

Dou risada e aperto seu corpo.

“Hm... Você ri porque não precisa sentar na tabua do vaso e sentir sua bunda congelar.”

Minha gargalhada é tão forte que verbera no meu peito e balança nossos

corpos. Ela faz um som zangado e me acalmando, digo:

“Pera aí.” Falo e viro minha cabeça para o lado, tiro minha mão debaixo do edredom. Caralho, está gelado mesmo, e pego o controle do ar para diminuí-lo. “Pronto.”

“Obrigadinha, senhor.” Murmura com ironia e beija meu ombro.

Viro meu corpo, ficando de lado e a trago para os meus braços.

“Você está debochando de mim?”

“Mm...” Ela geme e me beija o pescoço, queixo e boca. “Não. Fica quietinho. Quero dormir.” Diz com a voz manhosa, escondendo o rosto entre meu pescoço e o travesseiro. “Adoro seu pescoço. Você é muito cheiroso.”

Sorrio. “Obrigado e digo o mesmo, minha gata manhosa.”

Ela geme que nem gato de novo. Passo minha mão nas suas costas, para cima e pra baixo, e círculo a bochecha da sua bunda e volto a subir, afagando seu braço pousado sobre meu peito. Curtindo sua pele macia e gostosa. Ainda é cedo ou tarde, pela cor do céu lá fora, escuro, deve ser umas três horas. Mas como está chovendo, não sei ao certo.

O sono vem com meus pensamentos que amanhã não vou ter isso. Merda. Estou fodido. *Como é que eu vou conseguir dormir sem ela quentinha assim?*

“Você pode ficar aqui mais um pouco?”

“Hm?” Ela faz e boceja.

“Ficar na minha casa.”

Ela afasta o rosto e me fita com os olhos cerrados. “Acho melhor não.”

Franzo o cenho e ela sorri.

“Calma seu zangado. Eu adorei mesmo esse fim de semana aqui. Mas eu preciso ir para a casa. Lá tem minhas coisas, minhas roupas e também — ” pausa.

“O quê?”

“Não vou servir para nada ficando aqui, pelo menos essa semana.”

“Por que diz isso?” Indago confuso.

Ela revira os olhos, olha para o lado, entorta a boca e fala olhando para sua mão, que está fazendo círculos no meu peito. “A.... estou monmmnndo.”

“Não entendi porra nenhuma.” Pego seu rosto. “Repete.”

“Estou no meu período.”

Minhas sobrancelhas fazem um vinco na minha testa.

“Estou naqueles dias sabe?” Ela sorri amarelo. “Ethan! Os dias que as mulheres... Ah que saco. Você sabe.” Se irrita.

“Você está menstruada?”

Victoria suspira e faz uma careta. “Isso” sussurra.

Não sei bem o que dizer. Nunca me envolvi com ninguém ao ponto de saber seu período menstrual ou saber o que elas precisam. Só lembro da minha mãe irritada quando era moleque, pedindo para eu e meu irmão ficarmos quietos. Passo a mão nos seus cabelos.

“Olha, eu não sei o que fazer e não vejo o porquê você não pode ficar aqui por causa disso também. A não ser que te incomode?”

“Não é incômodo. Mas preciso das minhas coisas e nós começamos a namorar ontem, Ethan.” Coloca a mão na minha boca quando tento falar. “E eu também não sei como conviver com isso junto com outra pessoa. Eu fico chata, sinto cólica. Vai por mim é chato e não quero você perto de mim nesses dias.”

“Como assim não quer me quer perto esses dias? Quantos dias?”

“Uns quatro.”

“Nós vamos viajar sexta à noite.”

“Sim, eu sei e até sexta já acabou.”

“Então não vou te ver até sexta? Não estou feliz com isso.”

Victoria sorri e beija meus lábios. “Vamos nos ver sim, no entanto não vamos dormir juntos. Sexta chega rápido, não faz essa cara.”

“Que bosta.” Puxo ela para colar seu corpo no meu de novo e murmuro no seu ouvido. “Vou voltar a dormir, pra ver se estou tendo um pesadelo e acordo.”

“Ai! Que drama. Dorme, senhor zangado.”

“Sexta vou te mostrar quem é senhor zangado.”

“Poxa vida.” Ela diz baixo. “A semana vai ser longa.”

Aperto sua bunda e sussurro. “Vai não. Porque eu vou tratar de beijar, ver seus peitos e se você quiser ser generosa, pode fazer uma dancinha para mim.” Mordo seu ombro e volto minha boca para perto do seu ouvido. “Você pode fazer um Lap Dance pra mim.”

Ela solta uma gargalhada. “Lap Dance! Sério, Ethan?”

“Qual o problema?” Afago suas costas e bunda. “Você assim toda gostosa, de lingerie, dançando sensualmente para mim que nem essas strippers gostosa. Eu vou te recompensar sexta.”

“Não sei não.”

“Se for vergonha, pode parando. Você é minha e eu sou seu. Nós fazemos o que queremos em quatro paredes ou pode ser na casa inteira.”

“Possessivo maluco.” Fala sorrindo e afagando meu rosto.

“Acertou.” Beijo sua boca. “Você é minha namorada e eu quero fazer um monte de coisas com você.” Puxo seu rosto, para olhar seus olhos vermelhos de sono. Beijo sua testa. “Não quero você só para transar, mas não vou negar que eu gosto e muito. Vamos nos conhecer melhor e melhor a cada dia. Sem segredos, sem vergonha, sem limites. Quero ser o seu melhor.”

“Você já é e eu aceito tudo isso. Gostei do que já fizemos e gosto do que somos. Porém a parte dos segredos, não aceito. Toda mulher tem segredos, sabia? Podem não ser meus. Pode ser de uma amiga e eu não sou fofqueira. Então...”

“Que seja. Só que os seus segredos são meus.”

“E os seus, serão meus?”

“Claro que sim.” Murmuro e a beijo. Ela sorri e boceja. “Agora durma. Chega desse assunto.”

Victoria assente, se encaixa no meu corpo e volta a dormir. Porém, eu fico com uma coisa na cabeça.

Fui um mentiroso agora, quando exige seus segredos tendo um. Não é nada demais. Mas eu não respondi quando me perguntou de onde conhecia Nicole. Aquela peste traidora. Naquele momento em que a vi na academia e indo toda sorridente abraçar minha garota, gelei. Gelei de ódio. Como minha doce, meiga, linda, maravilhosa Victoria pode ser amiga de uma mulher como Nicole Connor.

A princípio quem a vê, pensa que ela é uma encantadora garota. Bonita, educada, boa e esperta. Quando mais novo, me encantei com seus olhos azuis, seu jeito todo para a frente. Com dezesseis anos se comportava como tivesse dezoito e os caras adoravam isso. Nós tínhamos a mesma idade, estudávamos juntos e todo dia ela estava na minha casa. Eu achava que ela gostava da minha mãe. Nicole é afilhada dela de batismo. Cresceu comigo e com meus hormônios a flor da pele em plena puberdade, foi inevitável não cair nas garras dela. Começamos a nos envolver no meu aniversário de dezesseis anos. Ela foi toda meiga para cima de mim, disse que gostava de mim e queria me beijar. Eu, idiota, cai na história dela e a partir daquele dia, ficávamos sempre, mas sempre escondido.

Eu deveria ter desconfiado de alguma coisa. Era estranho demais uma garota gostar de um cara, conhecer a família dele e ser afilhada da mãe dele, e não querer espalhar isso. Só que eu apenas continuei nossa pegação. Então quando ela fez seus dezesseis anos, Nicole estava feliz e no final me chamou para sair com ela. Só eu e ela. Nós pegamos o carro de Anton escondidos, ideia dela e fomos passear. Paramos o carro, conversamos, nos beijamos e de repente ela subiu em cima de mim. Eu fiquei louco. Pedi para parar, não estava certo fazer aquilo ali. Gostava dela e respeitava sua família, mas não adiantou protestar, quando vi nós dois estávamos no atracando no banco de trás.

Foi um pouco complicada aquela noite. Afinal de contas foi minha primeira vez e a dela também. Nicole disse que precisava que fosse comigo, que estava apaixonada por mim. Porra, eu aceitei seu corpo, mas não gostava dela tanto assim. Nós éramos amigos, nos conhecíamos desde bebê e tinha minha mãe.

Mas ela nem ligou e assim namoramos escondidos, por um longo e selvagem cinco meses até ela ser uma cachorra.

Ela armou para mim. Contou para sua família que eu a peguei a força, disse que eu estava apaixonado por ela, mas tinha medo da minha mãe, por isso pedi segredo e que tirei sua virgindade como presente de aniversário. Isso caiu nos ouvidos dos meus pais. Eles ficaram com tanta magoa de mim e mamãe parou de falar comigo durante duas semanas e quando as aulas acabaram ela decretou que eu iria estudar longe de casa. Ia para Inglaterra, refrescar a cabeça e pensar nas merdas que fiz.

Fiquei puto da vida com Nicole, com todos por acreditar apenas na versão dela. Mas não deixei barato. Anton foi o único que acreditou em mim e me ajudou. Ele colocou um tipo de microfone na minha roupa e me levou até a casa daquela filha de uma puta. Anton tocou a campainha e disse que precisava conversar com Nicole e se desculpar pelo que eu fiz. Jaqueline, mãe dela, acreditou e chamou a filha. Meu irmão a levou até um cantinho e lá eu a encurralei. Ela tentou fugir e disse que precisava ficar longe de mim. *Quem tinha que ficar longe dela era eu.*

Mas não deixei. Segurei ela e tirei tudo que eu precisava dela, me fazendo de magoado e até disse que estava mesmo apaixonado por ela, só para ela abrir o bico. Dito e feito. Ela explodiu merda pela boca. Disse que só queria me foder porque nunca gostou de mim, contou que não era mais virgem desde os quatorze, que enquanto eu a comia, ela tinha outros, e para completar disse que fez isso tudo para engravidar para acabar comigo e ter um pouquinho da minha herança. No final eu apenas sorri com amargura e senti pena dela. Tão bonita por fora e horrível por dentro.

A gravação foi dada a minha mãe quando eu já estava na Inglaterra, porque gravei na noite anterior da viagem. Mamãe ficou uma fera com Nicole e os pais dela pediram desculpas. Minha mãe foi correndo para Inglaterra pedir desculpas e falou para eu voltar, mas não quis. Precisava ficar longe de Los Angeles, longe daquela peste dos olhos azuis. Não fiquei com o coração partido e sim de gelo. Se eu ficasse perto dela, iria acabar preso. Não queria vê-la nunca mais na minha vida.

E agora ela aparece de novo no meu caminho. Não sei o que dizer para Victoria. Tenho receio que ela fique com raiva de mim. Na outra vez fui idiota, agora não vou ser. Tenho que afastar Victoria de perto da Nicole, deixar de ser amiga dela. Ela não é flor que se cheire, é uma oportunista sem limites e eu não vou deixá-la estragar minha vida de novo.



“ETHAN! SAI DAQUI.” Diz uma Victoria olhando de cara feia com as mãos na cintura no meio do banheiro.

“Qual o problema? Deixa eu tomar banho com você.”

“NÃO.”

“Por que?”

Ela dá dois passos e bate em mim com seu dedo indicador no meio do meu peito. “EU. NÃO. VOU. TOMAR. BANHO. COM. VOCÊ. NO. MEU. PERÍODO.”

“Não sei porque não.”

Ela joga as mãos para o alto, exasperada. “Que inferno de homem teimoso.”

“Nisso eu concordo e não vejo nada demais nisso.”

Ela cerra os olhos. “Então eu vou tomar banho no banheiro da suíte de hóspedes, ou dos empregados, da sauna, da piscina. Qualquer um bem longe de você.”

“Querida, não tem nada demais” tento me aproximar e pegar seus ombros, mas ela recua.

“É nojento. Eu estou san-gran-do.”

Ficamos nos encarando. Ela com uma carranca e eu de testa enrugada tentando convencê-la. Não acredito que estou brigando com ela por uma coisa tão boba. Eu já vi a boceta dela de todos os ângulos, nesse curto final de semana e quero ser o mais íntimo dela. Coloco minha mão na cintura, imitando sua pose.

“Eu já te vi pelada várias vezes. Você está fazendo drama.”

“Não é drama, Ethan.” Ela deixa os ombros caírem e olha para o lado, pensativa “Hm... Ok” e murmura.

“Como?” Me faço de surdo.

“Você pode vir, mas primeiro eu vou me limpar.” Ela me olha nos olhos, perfurando meu cérebro. “Ou é assim, ou nada. E nem vem de gracinhas.” Ela vira de costas para mim e para em frente ao box do chuveiro. “Dá pra sair?”

Solto uma gargalhada, dou um tapa de leve na bunda dela e saio, falando. “Minha gata raivosa”

“Idiotaa...” cantarola com humor.



SAÍMOS DO BANHO, colocamos nossas roupas. Visto meu terno preto com a gravata azul clara, pedido de Victoria e logo veja ela colocando uma calça jeans justa, uma blusa branca com mangas $\frac{3}{4}$ e uma sandália fechada rosa.

“De onde veio essa roupa?”

“Da minha casa, fofo.” Responde enquanto se maqueia, faz um biquinho ao passar o negócio rosa nas bochechas e depois o batom. Termina e balança o cabelo de um lado para o outro. “Mande o Ken buscar, depois que pedi à Margot separar pra mim, ontem.”

“Para quem é isso tudo?”

“O quê?” Pergunta distraída, olhando para o espelho ainda.

“Porque está tão bonita assim. Só vai pra faculdade.”

“Mm...” Ela zomba e vem para mim, ajeita minha gravata — desnecessariamente. “Você vai todo lindo desse jeito trabalhar. Vai com aquela sua bermudinha para a academia. Exibe seu físico maravilhoso e eu não falo nada. Na verdade, eu gosto e muito.”

Sacudo a cabeça, negando e beijo sua boca. “Certo. Mas você está bonita demais para ir à faculdade.”

“Estou sempre bonita para você. Até com aquele vestidinho da Disney que você me agarrou na minha casa.”

Aquele vestidinho... Ela parecia uma garota travessa assanhada, desses filmes que a vizinha gosta de atirar os homens da rua. Caralho, ela estava deliciosa naquele vestido.

“Falando nesse vestido. Já escolhi a roupa que você vai dançar para mim.” Falo dando mordidinhas na sua boca sorridente.

“Onde eu vim me meter.” Victoria sai pensativa dos meus braços e pega sua bolsa, e a mala.

“Não, deixa que eu levo e você leva minha pasta.”

“Eu aguento.”

“Eu sei que sim.” Acho que ela é tão forte quanto eu, quando malha, pega realmente pesado. “Certo, mas eu quero ser cavalheiro.”

Ela sorri. “Então obrigada, meu senhor cavalheiro.”

Nos beijamos, pegamos nossas coisas e descemos para o café. Encontramos Ruby na mesa do café. Eu e Victoria nos sentamos e cumprimos ela. Conversamos enquanto desfrutávamos de um delicioso café da manhã. Ao acabarmos, lavamos a boca e finalmente saímos para nossos destinos. Ela para faculdade, que a deixo na porta, e eu para o trabalho.



Sexta-Feira, 30 De Outubro De 2013.

ESSA SEMANA O TRABALHO ME CONSUMIU, mas tive momentos bons. Victoria e eu

nos provocando na academia e quinta-feira no seu quarto, foi um amasso selvagem. Tinha ido até sua casa jantar com ela e os Colton, e falar da viagem desse feriado. Sempre fui bem-vindo na casa dos Colton, agora é vezes melhor. Peguei Elizabeth olhando para mim e Victoria ontem na mesa com um sorriso de cumplicidade.

Enfim, essa semana nos ligamos toda hora. No almoço, as cinco da tarde para avisar que estávamos a caminho da academia e depois ficávamos até pegar no sono. Parecemos ter quinze anos.

Hoje vamos viajar para a casa dos meus pais. Tudo está preparado e até o neurótico do William sabe o horário do voo. Ele queria que nós fôssemos com o jatinho da empresa, mas tenho milhas sobrando e não vejo o porquê de não usar. Comprei cinco passagens na primeira classe para Victoria, Hannah, Ken, Sebastian e uma para mim.

Saio do meu carro e vou direto para o prédio do meu irmão, passando pela recepção. Digito a senha da cobertura e subo para o duplex para buscar minha sobrinha.

A casa de Anton é incrível e tem a vista para a praia de Santa Monica, Will mora aqui perto. No entanto, mesmo sendo legal o apartamento de dois andares e mais o terraço. Gostava mais da casa dele, que era de um produtor de cinema de Hollywood.

Anton aparece na porta de casa com Jennifer sorrindo toda agradável.

“Fala, mano. Já veio roubar minha filha?”

“Sim, babaca.”

“Cadê a minha tia *princesa*?” Pergunta Hannah.

Sorrindo vendo meu furacão loirinho correndo das escadas da casa com a babá atrás dela desesperada pedindo para não correr na escada.

“Ela está na casa dela, mas nós já vamos buscá-la.”

“Ebaaa.” Hannah bate as mãozinhas.

“Vai entrar Ethan?” Pergunta minha cunhada.

“Não, o voo é daqui a quarenta minutos e até buscar Victoria, pegar o caminho do LAX e fazer o checking dos documentos. Não acho uma boa ideia entrar. Mas obrigado, Jenny.”

“Sem problema.” Jennifer responde e vira-se para o marido. “Tom, pega as coisas da Hannah no quarto dela com a Meg.”

Ele e a babá rapidamente fazem o que a patroa manda. Enquanto isso escuto minha cunhada dar as recomendações de atenção para Hannah. Porra. Como se eu não soubesse como minha sobrinha é levada.

Uns minutinhos depois eles voltam com uma mala rosa e uma bolsa grande rosa mais escuro com uns frufus.

Que coisa é essa? Meus filhos nunca vão ter uma bolsa dessa. Ridículo.

“Quem deu essa bolsa pra Hannah?”

“Qual?” Jennifer pega a bolsa de frufus e checa alguma coisa dentro e coloca na minha mão. Anton e ela pegam outras coisas e vamos para o elevador.

“Essa que você mexeu.”

“A bolsa da Barbie? Foi sua mãe que deu para ela. Por quê?” Jen fala e Anton completa:

“Quer uma igual, maninho?”

“Não vou falar nada por respeito a minha sobrinha.”

Meu irmão ri.

No meu carro, Anton ajeita a cadeirinha de criança no banho de trás, ao lado das malas e depois chama Hannah e a coloca. Nos despedimos, Jenny demora vinte minutos falando com a filha e assim saio da vaga de visita do condomínio.

Chego na casa de Victoria quase dez minutos depois. Ken já estava esperando e por isso nem tenho o trabalho de apertar o interfone. Entro com o carro, paro e logo minha namorada aparece.

“Olá”, diz sorridente.

“Tia.” Grita Hannah presa na cadeirinha.

Victoria sorri, fazendo um biquinho engraçado e entra no carro.

“Oi boneca.” Cumprimenta minha sobrinha com o corpo virado para trás. “Como você está?”

“Estou bem e você?”

“Melhor agora que estou com você.”

Hannah sorri feliz e estende a mão e Victoria pega, se inclina para alcançar e deixa um beijinho. Acho lindo o jeito que minha sobrinha é encantada por Victoria. Ela acha mesmo que Victoria é uma princesa. Elas são lindas juntas e enche meu peito de felicidade.

Victoria volta a se sentar no banco ao meu lado e sorri para mim. Pego sua mão e beijo. Queria beijá-la de verdade, mas com Hannah tão perto, nem pensar. Ela agradece o beijo, beijando meu rosto quando estica o corpo e eu tenho que inclinar o meu para o lado um pouco. Quando se afasta falo:

“Agora coloque o cinto.”

“Claro. Sempre temos que usar o cinto. Não é Hannah?”

“Certo, tia.”



SINTO UMA CÓCEGAS NO ROSTO e começo a despertar. Assim que o voo ganhou

altitude e senti que não tinha turbulência, deixei que o cansaço da semana me vencesse. Agora, essa carícia gentil me acorda. Os dedos passam no meu rosto todo.

“Chegamos.” Victoria murmura no meu ouvido. “Acorda príncipe.”

“Não me chame assim na frente dos seguranças.” Falo de olhos fechados. Minha voz está rouca do sono e passo as mãos no rosto me ajeitando na poltrona.

“Ninguém ouviu porque eu falei baixinho e mesmo assim eles estão quatro fileiras à nossa frente.”

Claro que estão. Eu tratei de colocar Victoria e Hannah e eu juntos, e os seguranças o mais distante que conseguisse. Um pouco de liberdade não faz mal a ninguém.

O avião pousa, saímos, os seguranças pegam as malas, vamos para o carro que veio nos buscar e em minutos estamos na rua da casa dos meus pais em um condomínio de residências fechado.

Um muro de tijolos de fogo e plantas trepadeiras bem espessa e verde, sustenta os portões de ferro negro, que é a faixa da casa. Ao entramos tem muito verde. Árvores, flores e uma calçada dividida em um gramado baixo e chão de pedra. Seguimos o caminho para os carros e em frente à casa há um jardim japonês, sendo o retorno. A casa é toda de tijolos vermelhos, telhados de ponta a moda antiga, fazendo a casa parecer sair de um livro. Portas e janelas de madeira escura e novamente plantas e flores de cores vivas. Minha mãe é muito caprichosa. Paramos o carro e logo ela está na porta da casa de braços abertos e sorrindo.

“Que saudades de vocês.” Minha mãe diz abraçando Victoria que está mais perto dela.

“Senti sua falta também e a sua casa é perfeita, Lauren.”

“Oh querida, obrigada e sinta-se em casa.” Mamãe diz e vira-se para mim, ou melhor para Hannah no meu colo. “Dá um abraço na vovó.”

Minha sobrinha não perde tempo e se joga para ela. “Hannah sente *saudade* de você, vovó.”

“Oh meu amorzinho, eu também e muito.” Minha mãe dá vários beijos nela e me abraça com Hannah no nosso meio. “Você está lindo filho e senti sua falta também.”

“Eu nem tanto.” Brinco com ela.

“Vou desconsiderar porque sei que é mentira.” Ela me dá as costas, colocando a mão no ombro de Victoria e anda para dentro da casa com ela e Hannah no colo. “Vamos entrar. Aaron deve estar saindo do banho.”

Dentro do cômodo, fico admirado com a casa. É muito bonita e meu pai não exagerou quando disse que minha mãe soube aproveitar os espaços para decorar.

Tudo está impecável e minha mãe faz questão de apresentar a casa inteira para nós.

A casa fica situada em uma encosta com vista para o Lago Washington. Foi construída em 1933 e está na lista das casas mais bonitas do estado. A mansão principal tem seis suítes, mais a casa de hóspedes com mais cinco. Um lote edificável adjacente à beira-mar, e uma balsa funcional motorizada, para podermos aproveitar a beira-mar. Um belo campo de tênis e uma piscina enorme, ambos desfrutam da vista do lago e o par de docas, um deles mede um colossal de 100 pés.

Paramos de frente para o lago no imenso jardim.

“É um espetáculo, pai.”

Meu pai dá um tapa em minhas costas. “É linda e sua também. Sua mãe quis comprar uma casa desse tamanho para poder abrigar a família inteira.”

Viro-me para minha mãe. “Exagero. Nós somos tão poucos.”

“Filho nós não somos poucos. Os Colton fazem parte da família e a casa de hospedes vai ser para eles quando vierem.” Ela sorri para Victoria ao meu lado. “Quero fazer o natal aqui este ano. Acha que eles topam?”

“Claro que sim e realmente a casa é maravilhosa.”

“Obrigada novamente e as coisas de vocês já estão acomodadas nos quartos.”

“Certo, agora vamos entrar para jantar?” Meu pai fala com Hannah no colo e concordando, todos entramos juntos.

No jantar, conversamos e me sinto incrível pela forma como meus pais tratam Victoria. Eu já sabia que eles a adoravam, mas fiquei surpreso por não precisar falar nada. Eles apenas aceitaram nosso namoro como se fosse uma ordem da natureza. Aquela formalidade de falar: *Mãe, pai, essa é minha nova namorada*. Não existiu.

A sensação é de que fiz algo bom e a aceitação é a melhor possível. Não estou dizendo que a família dela não me recebeu bem, mas essa aprovação dos meus pais, principalmente da minha mãe que achava que eu nunca ia sossegar com mulher nenhuma.



MINHA MÃE FEZ UM QUARTO PARA MIM e um para Anton e Jennifer, e claro, um para Hannah. O meu é todo branco e cinza. Cama king-size, com a cabeceira maior, que nas pontas tem duas prateleiras grossas na altura da cama com retratos. Uma foto minha quando estava em Harvard ao lado da jarra com água e um copo. A outra foto, é de toda a família ao lado do despertador. Os abajures ao

lado da cama ficam presos no teto. Uma tela plana de 48 polegadas fica em cima da lareira e em frente da cama. A suíte tem uma pequena sala privada, um *closet* e o banheiro que fica ao lado.

Estou saindo do banho, quando escuto alguém bater na porta de leve.

“Quem é?” Pergunto seguindo caminho para a porta.

“Sou eu.” Victoria cantarola animada.

Abro a porta e encontro minha princesa com um vestido azul escuro leve e sexy. Ela também foi tomar banho, e no quarto que minha mãe arrumou para ela — três portas depois da minha e sem necessidade.

Victoria está congelada olhando para mim. Seus olhos verdes passeiam pelo meu corpo seminu, coberto apenas pela toalha pendurada no meu quadril e um pouco úmido pelo banho.

“Nossa” sussurra olhando-me dos pés à cabeça de novo.

Eu mais do que depressa puxo-a para dentro do quarto e bato a porta com um chute. Não dou tempo para ela pensar e ataco sua boca. Passo meus braços por trás do seu corpo, tirando seus pés do chão e a levo para cama, deitando-a com cuidado. Minha boca encontra a dela, quente, úmida e com frescor de menta da pasta de dente. Queria beijá-la assim desde que a busquei e isso já faz umas seis horas. Meus braços estão dos lados de seus ombros e minhas mãos seguram seu rosto.

Victoria sobe as pernas lentamente, deslizando em meu corpo, e depois enlaça meu quadril. Sinto suas mãos nas minhas costas, ombros, costelas e cabelos.

“Eu quero tanto você.” Murmuro beijando-a e ela geme baixinho. “Mas quero fazer você gritar hoje e não vai ser aqui.”

“O quê?” Ela para de me beijar e segurando meu rosto.

“Reservei um quarto de hotel para nós dois.”

“Sua mãe vai ficar ofendida.”

Sorrio e beijo sua testa. Ela é tão doce.

“Não vamos ficar lá, só vamos brincar um pouco.”

Ela solta uma gargalhada. “Você é terrível.”

“Eu sei e não nego. Enfim, não concordei de você ter um quarto separado. Você é minha namorada.”

“Ela apenas quer por respeito na casa dela.”

“Que seja, mas quando chegarmos do hotel você vai dormir comigo. Sinto sua falta na cama e você disse que os finais de semanas são meus.”

“Tudo bem.”

Me levanto e a puxo comigo. “Vou me vestir e já te encontro.”

“Também vou trocar de roupa. Me espera no carro.” Fala abrindo a porta.

Assinto e a vejo sair.

Em poucos minutos estou pronto. Calça jeans e uma camisa branca social e sapato, esperando. Escuto a porta sendo fechada e passos atrás de mim e me viro. Victoria está deslumbrante. Colocou uma calça jeans preta colada em suas curvas e uma blusa branca de mangas compridas que cobre até acima do umbigo e o resto do pano é transparente, que bate um pouco acima dos joelhos. Os cabelos loiros estão soltos e cheios, e no rosto noto que passou um pouco de maquiagem. Estendo minha mão e ela segura sorrindo.



RESERVEI UMA SUÍTE CINCO ESTRELAS PARA NÓS. Vista para o mar, grande, com uma cama enorme, banheira com hidromassagem. Na mesa do quarto tem meu pedido: Uma garrafa Cristal com duas taças, morango e chantilly.

Mas antes de preparar tudo isso, me certifiquei de manter Ken, Jorge — que veio de surpresa a mando de Will — e Sebastian bem distantes. Eles ficaram em casa. Por Deus, eu estou com ela e se ela está comigo, garanto que está com Deus.

Victoria está parada na enorme varanda olhando para a bela vista de Washington. O céu está lindo e o quarto só tem como iluminação as luzes do luar e das estrelas. A visão dela assim faz meu coração bater mais rápido. Sinto meu sangue bombear e meu desejo por ela chegar ao ápice.

Caminho para perto dela e a abraço por trás.

“Sinto tanto falta de você.” Falo no seu ouvido.

Victoria suspira e relaxa o corpo. Passa os braços por cima dos meus, segurando minhas mãos sobre sua barriga.

“Como você sente minha falta se me viu a semana toda?” Ela tomba o corpo um pouco para o lado e olha para trás, virando o rosto para mim. “Todos os dias...” fala brincalhona. “Está com amnésia?”

“Meus olhos não estão não” beijo seu rosto “e nem minha boca. Mas...”

Ela dá risada. “Quem está com amnésia então?”

“Meu corpo está.” Faço sinal com a cabeça para baixo e pisco o olho.

Victoria solta uma gargalha forte. Aperto-a nos meus braços e subo minha mão. Seguro seu queixo e a beijo com vontade. Essa posição faz nossas bocas ficarem de lado e o beijo ser diferente. É delicioso. Erótico.

“Preciso me lembrar como é estar dentro de você.” Falo com a voz rouca e ela aperta meus cabelos, gemendo baixinho.

Viro-a para mim, passo meus braços por debaixo das suas pernas e vou levando-a para dentro. Agarrados, nos derrubo na cama juntos. Seus cabelos

voam no meu rosto e ela ri feliz quando cai de costas. Sem perder tempo, beijo-a novamente. Seguro seu rosto com uma mão e a outra vagueio por seu corpo, e chegando na coxa, aperto, puxando para cima, rodeando minha cintura. Ela aperta meus cabelos e geme, remexendo o corpo.

Ela sente a mesma falta que eu. Falta de sentir como é estar com ela sem nada entre nós. Apenas nossos corpos, pele e desejo. Tesão e caricias.

Movo meu corpo junto com ela, começo a baixar meu rosto e seguro a barra da sua blusa. “Vamos tirar isso aqui.”

Puxando por cima da sua cabeça, tiro a peça e volto a deitar sobre seu corpo. Deixo beijinho por seu corpo: por cima do sutiã, nas costelas e no umbigo. Minhas mãos chegam no botão da calça, abrem e depois desliza o zíper. Removo sua calça já puxando a calcinha e minha garota está nua da cintura para baixo.

Segurando-a pela cintura faço ficar mais para cima da cama. Volto a descer meu corpo, e começo a beijar suas longas pernas. Beijo seus tornozelos, suas coxas e mais para dentro. Abro suas pernas e passo a ponta do meu nariz por sua virilha. Victoria solta um suspiro engasgado e abre mais as pernas. Chegando minhas mãos nas suas coxas, aperto e dou um chupada nela.

“Ethan!” Ela arqueia as costas e aperta com força a colcha da cama.

Enfio minha língua o mais fundo que consigo, sentindo seu sabor adocicado e único. Uma de minhas mãos entra na brincadeira e faço círculos no seu clitóris. Victoria se mexe sem parar na minha cara. Rebolando e apertando sem perceber as pernas na minha cabeça. Me sinto um pouco sufocado e tenho que afastá-las, mas não paro de enfiar minha língua e fazer movimentos com os dedos. Ela geme e solta gritinhos abafados.

Quero que ela grite que nem na primeira vez. Quero ouvi-la gozando para mim.

Tiro minha boca da sua boceta, dou uma assoprada que a faz estremecer e quando volto a colocar minha boca nela, sugo com força seu clitóris, dou umas mordidinhas e enfio três dedos dentro dela de uma vez.

“Ah!”

Agora sim. Grita meu anjo. E ela faz. Grita forte e suas mãos chegam nos meus cabelos e aperta com força. Meu pau parece que vai explodir, porém não vou entrar nela antes que ela goze. Meus dedos a castigam, enfio e tiro, aperto para cima e para baixo, e quando giro meu punho, ela delira. Seu clitóris está inchado e ela começa a estremecer, as pernas fazem pressão, afundando o colchão.

“Ethan... Ethan... ETHAN!” Ela grita quando seu orgasmo a atinge.

E ela fica realmente linda desse jeito. Me erguendo, apoiando os braços dos

lados do seu corpo. Beijo e mordo sua coxa, e com a boca aberta, lambo o meio da sua barriga até chegar no seu queixo.airo em cima dela e sorrio de lado.

Victoria suspira ofegante e os olhos brilham. “Você quer me matar hoje?”

Nego e sento com ela no meio da cama. Tiro seu sutiã e sugo os dois seios fazendo-a ofegar.

“Oh céus.”

Sorrio. “Amo quando você fala isso. É melhor que palavrão, mesmo.”

Ela ri. “Não tenho costume de falar palavrão. Eu penso às vezes, só não falo toda hora.”

“Melhor assim. Você é uma moça de família e não deve falar palavras feias.”

“Eu sei” concorda abrindo os botões da minha camisa. “Mas você quer que eu fale palavrão na cama?” Pergunta curiosa.

“Se você falar, eu não vou ligar. É válido.”

Ela solta uma gargalhada, parando de abrir minha camisa e passa as mãos no meu peito. “Acho que tem palavrões que até falaria. Não os considero como tal.”

“Por exemplo?”

“Merda.”

“É.” Concordo.

“Merda é uma forma de exagerar, extravasar. Usamos para falar que vamos ao banheiro ou que quebramos alguma coisa. Tipo: Fiz uma merda hoje.”

“Você tem cada uma, Victoria.” Digo rindo.

“Mas é verdade. Porém não podemos fazer ao contrário.”

Franzo a testa.

“Tipo,” ela esclarece. “Não podemos gritar *coco* quando estamos transando.”

Caio na cama de lado de tanto ri. “Porra” falo sorrindo. “Você é tão maravilhosa, amor.”

Seu rosto trava e o sorriso fica travado. O que eu fiz?

“Tudo bem?” Indago.

Ela assente. Levanto meu corpo e seguro seu rosto e fico olhando. Victoria permanece muda e conforme meu olhar fica mais condensado sinto-a relaxar. Ela segura meu rosto também espelhando meu gesto e sorri.

“Estou bem e para de me olhar assim.”

Cerro meus olhos e ela sorri, de verdade.

“Me beija.” Ela exige.

“Não precisa nem pedir duas vezes.”

Agarro seu corpo e deito sobre ela de novo. Mãos apressadas passam pelo

meu corpo. Victoria não sabe se me abraça ou acaricia. Se puxa minha camisa ou tenta tirá-la. Eu sei o que quero. Quero estar dentro dela, fazê-la minha. Meu corpo perfeitamente no meio dela, pressionando sua boceta com meu pau sedento e duro como um inferno.

Ela geme. “Tira a roupa”, pede ofegante.

Sorrio e dou um chupão no seu pescoço. “Claro.”

“Então tira logo, Ethan.” Ela resmunga. “Por favor.”

“Minha garota está tão impaciente hoje.” Mordo seu queixo. “Hun?!”

Ela arranha meu ombro, fazendo o pano da camisa ranger. “Sua garota está muito impaciente.”

Dou um beijo rápido nos seus lábios e levanto para ficar pelado para ela. Tiro minhas roupas lentamente: Termino de desabotoar minha blusa, tiro-a e abro o cinto da calça e abaixo o zíper.

Victoria abre um sorriso sapeca. “Você está fazendo um show pra mim?”

Levanto as pernas — uma de cada vez — para sair de dentro da calça.

“Sim”, respondo. “Algum problema nisso?”

Ela nega com a cabeça. Victoria levanta o corpo, chega perto de mim, senta na cama e estica os braços me chamando. “Mas eu quero fazer parte do show.”

“Ah é mesmo. Como?”

Estou sorrindo e hipnotizado pelos olhos dela em mim. Ela levanta e de mansinho fica na minha frente, coloca as mãos sobre as minhas, no elástico da cueca e diz:

“Vamos tirar essa parte juntos.” Ela murmura provocante.

Descemos a cueca e no meio das minhas pernas ela tira minhas mãos e termina o serviço. Espero ela levantar, só que ao invés disso, ela se ajoelha no chão e me olha sobre os cílios. Um olhar enlouquecedor, que deixa minha ereção mais dura ainda, apontando para cima, o que eu achei que era impossível.

Ela chega mais perto, beija minhas pernas e passa as mãos.

“O que você está fazendo?” Minha voz sai estranha.

“Experimentado uma coisa que eu sempre fico pensando quando te vejo nu”, respira fundo “e nós já conversamos sobre isso.”

Victoria parece nervosa, mesmo assim continua com os olhos provocadores. Abro a boca para perguntar do que ela está falando e... ela segura meu pau e o coloca na boca. *Caralho*. Estou vendo tudo preto, turvo na minha frente, fico com as pernas bambas com a sensação dos seus lábios em mim.

“Porra.” Xingo ofegante.

Victoria mal tocou minha ereção e estou maluco de tesão. Nunca senti uma coisa assim. Sua boca lisinha, os lábios macios e a língua áspera abocanhando lentamente meu pau. Ela segura com as duas mãos meu membro, e como

estivesse experimentando, rodopia a língua, passa por toda a extensão e morde sem os dentes minha glândula.

“Putá que o pariu.”

Ela chupa com força me torturando. As mãos agora apertam minha bunda. Vejo meu pau sumir pelos lábios que tanto amo. Fecho os olhos e sinto ela enfiando-o mais fundo. Meu anjo agora é a gata selvagem que eu, apenas eu conheço. Que eu tenho.

Ela continua e eu me pergunto até onde ela consegue. Seguro seus cabelos, apenas seguro, porque estou ficando maluco. Quero apertar e agarrar eles. Forçar para frente enquanto ela me chupa, mas não faço. Minhas pernas tremem e se ela continuar eu vou gozar na boca dela.

“Para” minha voz agonizante sai. “Victoria... Pare querida.”

Ela enfia mais uma vez e o tira da boca. Cheio de tesão, me abaixo, agarro seu rosto, puxando para cima. Ela fica de pé na minha frente e eu selvagem, ataco sua boca. Ela me deixa tão louco. Me acabo nos seus lábios, nossos gostos se misturam. O sabor do seu sexo nos meus lábios e meu sabor nos seus. Isso é um inferno de bom. Puta merda.

Tiro seus pés do chão, ela me agarra e deito nossos corpos juntos de novo na cama.

“Estou com medo”, digo com a boca colada na dela.

“De que?”

“De te deixar sem andar amanhã.”

Ela sorri e agarra meus ombros. “Eu aqueço”, sussurra.

“Isso é um desafio?”

Victoria dá de ombro e sem aviso, enfio meu pau dentro dela. Ela grita jogando a cabeça para trás. É grito de prazer, até um pouco de dor. Sou grande, mas sei que ela estava pronta para mim. Sempre me certifico disso.

Pego suas coxas com força, fico de joelhos na cama e subindo seu corpo, meto sem parar, com força. Preciso disso. Estar dentro dela. Ouvi-la chamar meu nome. Sentir seu aperto me castigar quando invisto fundo. Quero sentir seu orgasmo molhar meu pau.

Isso não é apenas porque eu preciso trepar e sim porque eu preciso dela. De estar assim com ela. Essa magia que nós dois fazemos quando estamos com nossos corpos unidos como um.

Victoria geme, grita, arranha meu peito, agarra minhas mãos embaixo dela, segurando sua bunda redondinha e gostosa. E quando ela deixa a cabeça cair para trás, ergue o corpo e a boca abre fazendo um; Ah! — gritando. Ela vai gozar.

“Olha pra mim, princesa.”

Ela me olha e arfa com força. Estoco com força, e seus olhos ficam iluminados, o rosto torcido de prazer e perdido em mim.

“Você é tão minha.” Falo ofegante.

“Ethan!!!” Ela suspira e fecha os olhos brevemente. “Por favor.”

Solto seu corpo, deito em cima dela, abro mais suas pernas, beijo sua boca e tiro meu pau todo e coloco de novo, sentindo meu prazer chegando. Respiro e inspiro. Tiro e coloco.

“Você é tão deliciosa. Perfeita. Ah... Victoria.”

Ela geme no meu ouvido e beija meu beijo.

“Merda.” Xingo. *Eu amo essa mulher.*

Como eu senti falta disso?

Como eu posso sentir falta disso?

Comecei a tê-la assim semana passada. Merda mil vezes. Imagina uma vida sem sentir isso. Esses pensamentos loucos fazem eu morder seu ombro.

“Ah, merda.” Ela esbraveja.

“Isso, querida. Você é minha.”

“Isso, isso.” Ela diz baixinho.

Estoco e sinto meu orgasmo chegando. “Vem... Vem pra mim.”

Apoio meus braços do lado da cabeça dela e olho seus olhos verdes. E assim chegamos juntos no nosso ápice final. Victoria respira com dificuldade e eu deixo meu corpo desabar sobre o dela.

Nossas respirações começam a se ajustar. Ergo meu corpo, saio de dentro dela e fico do seu lado. Puxo seu corpo para os meus braços, ficando de conchinha.

“Você me surpreendeu hoje.” Digo.

Victoria ronrona, se aconchega em meu corpo e beijo minhas mãos, sobre seu peito. “Acho que deve ser porque eu fico um pouco maluca com você.”

“Um pouco?”

Ela se vira para mim e bate no meu peito brincando.

“Não se preocupe. Eu fico maluco com você também.” Falo e mordo sua boca. “Muito maluco na verdade.”

Ficamos assim conversando por uns minutos. Ela não para de falar sobre tudo, qualquer coisa e suas conclusões. Ela mata qualquer vestígio de mau humor em mim. Nem me reconheço com ela e deve ser por isso que minha família aprova nosso namoro. Talvez eles achem que ela vá me curar da falta de simpatia.

Com ela ainda tagarelando, eu prestando atenção, de repente ela diz algo que parece importante.

“Tenho que te falar uma coisa, mas você tem que me prometer não ficar zangado.”

“O que é?” Todo meu humor foi para o caralho.

“O George veio falar comigo.”

“Quando?”

“Quinta-feira e antes que você fale, eu não disse antes porque não queria te aborrecer.”

“Mas me aborrece. O que ele queria?”

“Pedir desculpas. Nada demais.”

“Hun... E?”

“E nada. Eu disse que não tenho nada contra ele e que acabou. Fim.” Ela sorri de lado. “Ele queria que nós fôssemos amigos, mas não dá. Ele traiu minha confiança e não acho que quero um amigo como ele.”

“Você gostava dele?” Sinto gosto de sangue na boca com essa pergunta.

Ela fica pensativa e depois de uns longos e eternos cinquenta segundos responde.

“Acho que eu gostava como amigo. Nós *éramos* amigos e acho que por isso fiquei com ele. Mas... nunca gostei de verdade. Eu não era apaixonada por ele ou algo assim.”

“Mas ligou pela traição e de certa forma, não aceitou sua amizade de volta. Prova que se importa.”

Seus olhos se arregalam. “Claro que sim. Trair é uma quebra de confiança e não quero um amigo que não confio. Eu não estou me sentindo... Não estou sentindo nada por ele, Ethan”, fala irritada. “O que você queria? Que eu fosse amiga de um ex-namorado que me traiu porque eu não quis ir a uma merda de uma sacanagem em Vegas? Ele faltou com respeito, mentiu para mim e depois de tudo isso ainda ficou me perturbando. Eu não quero saber do George”, termina e solta a respiração.

As palavras dela me lembram o que a Nicole fez e ela tem razão. Acho que se Nicole quisesse minha amizade de novo eu não aceitaria também.

“Você tem razão.” Pego suas mãos no meu peito e beijo. “Apenas perguntei... Eu sei que foi idiota.”

“U-hum...” Ela murmura.

Queira pergunta agora se o que ela sente por mim é o mesmo que sentia por ele. Ela chega mais perto de mim e olha meus olhos.

“Seria diferente com você.” Diz com o rosto neutro, mas os olhos intensos. Parece que leu meus pensamentos.

“O quê?”

“Se você me trair ou me magoar”, respira. “Nós sempre vamos estar juntos

e eu confesso que no início não queria me envolver com você por medo disso. Não gosto de imaginar nossas famílias brigadas. Principalmente por uma suposta luxúria passageira.” Abro a boca, mas ela me cala com a mão. “Mas quando você foi lá em casa para falar com meu pai e invadiu a sala de TV dizendo que queria ficar comigo de verdade. Foi aí que eu aceitei.”

“Que bom.” Falo desconfiado e Victoria sorri.

“Eu realmente acredito que posso confiar em você.” Assinto e ela engole em seco. “Sabe...” faz carinho no meu rosto, “eu gosto de você” diz acenando com a cabeça “de verdade.” Sussurra como não quisesse dizer.

Fico sem fala. *Mudo*. Voltando ao meu modo babaca que só ela tem o poder de me deixar. Ela sorri amarelo e abaixa os olhos, e sinto seu corpo retrair. *Não*. Não posso deixá-la pensar que eu não sinto nada por ela.

“Victoria” seguro seu rosto e fixo meus olhos nos dela. “Eu confesso que morri de medo de ser um babaca para você e levar uma surra do seu pai e do seu irmão e até mesmo dos meus. Você é muito importante para minha família. Mais do que eu sou para sua e isso leva um peso enorme.” Seguro meu fôlego. Já que é para falar então vou falar. Meu corpo todo esquenta e estremece. “Você é a princesa da Hannah, é a garota perfeita que eu ouvi minha família falar...”

“Eles falavam de mim pra você?” Fala com os olhos enormes, um verde vivo.

“Sim”, confirmo. “Minha mãe te idolatrava e Hannah sempre comentava sobre uma tal garota que ficava com ela e tinha vários bichinhos.” Victoria sorri feliz. “Eu sempre fiquei curioso e confesso que achava uma idiotice tamanha idolatria.” Ela levanta as sobrancelhas. “Mas eu não te conhecia. Porque eu com certeza também iria te idolatrar. Você é perfeita. Quem não notaria isso? E para falar a verdade eu odeio o que o George fez. Ele desperdiçou um tesouro, mas ao mesmo tempo eu agradeço. Porque você não está mais com ele. Agora eu tenho você e ele é um babaca perdedor.”

“Concordo” murmura sorrindo.

“Eu só não sou um dos melhores, mas eu tento e prometo ser o melhor que eu puder. Você é incrível, perfeita, encantadora e eu também gosto de você.”

Ela assente, morde o lábio inferior prendendo um sorriso e vem me abraçar.

“Você é um dos melhores sim e que bom que você voltou.”

Aperto-a e digo: “Se eu soubesse de você... nunca teria ido.”

“Não importa.” Ela afasta o rosto do meu pescoço. “Às vezes nós nos queixamos do tempo. Porém tudo acontece quando tem que acontecer.”

“Eu só queria ter sido melhor com você antes.”

Ela dá de ombros. “O que importa é que estamos aqui agora. Somos amigos, namorados e estamos juntos.” Victoria sorri. “E eu era muito pequena

ainda. Sei lá.”

Rio e assinto. “É, realmente. Nos encontramos na hora certa e vou ficar com você até...”

Ela assente com os olhos brilhando e estica o rosto para eu beijá-la. Sorrimos enquanto nos beijamos. Acaricio seu rosto e abraço seu corpo, bem forte. Colando-a em mim. Ela pode um dia não me querer mais, mas eu nunca vou deixar de querer. Eu sei o que eu sinto por ela e é tão forte. E vou fazer de tudo para mantê-la na minha vida. Nós somos para sempre. Sinto na minha alma isso. Foi rápido esse sentimento, mas é verdadeiro. Eu a amo.

Vinte

Victoria

SÁBADO, 31 DE OUTUBRO DE 2013.



BEIJOS ME DESPERTAM. Ethan aperta seus braços em mim carinhosamente. Estamos agarradinhos na sua cama. A luz do sol queima minhas retinas, cobertas pela cortina das minhas pálpebras. Seus lábios marcam minha pele lentamente, meu ombro, meu pescoço. Ethan dá um cheiro gostoso no meu pescoço. Solta um rosnado sexy com a garganta e murmura com o rosto pressionado no meu.

“Bom dia.”

Ronrono brincando com ele e esfrego meu corpo no dele, como um gato faz quando quer carinho.

“Não faça isso”, diz e abraça as minhas pernas com as dele. Seus braços me apertam forte, por debaixo do meu pescoço e sobre a minha cintura. Está me aprisionando.

“Tão bom” sussurro bem baixinho.

“Você é uma perdição de manhã. Já te disse isso?” Ele flexiona o corpo, me colando mais ainda nele, e eu acabo sentindo sua ereção matinal. “Gostosinha, quentinha, cheirosinha.”

Um sorriso bobo brota em meu rosto.

“Você também é um sonho” *e como todo sonho. Estou esperando o dia do despertar.*

De olhos fechados, viro-me lentamente para ele e sou abraçada de volta. Seguro seu rosto e o beijo de leve. Ele sorri e beija meu nariz, meu rosto; bochechas, testa, pálpebras e desce para o meu ombro e pescoço, e termina beijando minhas mãos em seu rosto e dá um selinho carinhoso na minha boca.

“Agora, abra esses lindos olhos pra mim.” Diz com a voz rouca.

Lentamente faço o que pede e me deslumbro com sua beleza. *É tão lindo que chega a doer meu peito.*

“Bom dia, raio de sol.” Ele fala de bom humor.

“Bom dia, lindo.”

Ele ri e beija minha boca. “Lindo?”

Assinto e ele nega.

“Lindo é o que meus olhos estão presenciando.”

Balanço vagarosamente a cabeça e levo minhas mãos até os seus cabelos macios e começo a fazer um cafuné. Ethan fecha os olhos, mexe a cabeça à procura do carinho. Fico um bom tempo fazendo carinho nele em silêncio. Seus braços deixam de me apertar e sua respiração se torna serena, quase imperceptível. O corpo totalmente relaxado.

Ele dormiu?

“Ethan?” Chamo baixinho, mas ele não responde.

Está ressonando. Dormindo serenamente e é a coisa mais linda que eu já vi. Ele dormiu nos meus braços, tão calmamente e tranquilo... Meu coração se enche todo.

Sorrio e o admiro. Ele é lindo em todas as horas do dia, de qualquer jeito, mas neste momento parece um garotinho, tranquilo e nem de longe o chato que ele é às vezes. Nada de mau humor ou grosseria. Agora é meu príncipe perfeito e eu poderia passar horas fazendo carinho nele.

Relaxo com a sensação de felicidade do momento. Me sinto anestesiada. Queria congelar o mundo e ter ele assim para mim por quanto tempo eu quisesse. Todinho meu e provavelmente para sempre. Eu quero acreditar que ele pode ficar comigo. Que ao acabar este conto de fadas, ficarei bem, mas... não vou.

Afago seu rosto lentamente e passo lentamente no seu queixo agora sem a barba, que eu adoro. Ele raspou por minha causa, apenas para eu poder ver como ele é sem barba. E ele é perfeito do mesmo jeito. Seu rosto é perfeito. A mandíbula larga, o queixo quadrado e seu nariz. Cada detalhe do seu rosto, eu adoro, principalmente sua boca deliciosa.

Queria você para mim para sempre. O que você fez comigo? O que eu vou fazer sem você depois... Estou apaixonada por você. Eu te... “amo” completo, gesticulando com a boca.

Eu estava em dúvida e um pouco lutando contra esse sentimento, mas quando acordei de um pesadelo na quarta-feira e eu não tive seus braços me protegendo. Senti um frio na espinha. A solidão tão forte quanto nunca senti. E só de lembrar o sonho... As lágrimas ardem meus olhos.

Estou andando normalmente por algum lugar.

Parece ser a rua da minha casa.

Estou com Zeus, o levando para passear um pouco.

“Nossa, amigão. Quanto tempo não fazemos isso? Hun...” Brinco.

Zeus balança o rabo e para. Faz xixi em uma árvore.

*Franzo a testa.
Estranho... conheço essa árvore...
E quando olho para ela melhor, lembro.
Foi nela que eu e Ethan quase nos beijamos a primeira vez. Suspiro!
Ah! Aquele dia. Eu estava enfeitiçada por seus olhos. Pela forma que ele
passava os lábios nos meus, mas sem invadir minha boca.
Zeus desaparece e eu estou nos braços de Ethan, quase o beijando como
naquele dia. Olho para ele encantada e sorrimos.
“Você vai me beijar?”
“Acho que sim, princesa.”
Priiincesaaa ...
A palavra faz rodopios dentro da minha cabeça e verbera pelo ambiente cor-
fosse ter uma grande explosão.
Levo um susto. Não foi Ethan que disse isso.
Não foi sua voz... Foi a voz daquele homem do Baile.
Olho para Ethan assustada e o vejo olhando para alguém atrás de mim.
Me viro.
“Olá, princesa.” O homem mal fala, me olhando cheio de ódio.
“O que você quer? Me deixa em paz.” Grito.
“Quero” Ele faz uma pausa e levanta a mão segurando uma arma.
“Não. Me deixe em paz.”
Ele sorri e atira, mas não sinto nada. Não me atingiu.
Para onde foi?
O mundo parece girar. Tudo fica turvo, negro e então estou ajoelhada
em frente ao Ethan.
Ele está deitado no chão com a blusa cheia de sangue.
“Ethan? Ethan!”
Ele sorri, aperta minha mão e abre a boca para falar.
“Victoria” murmura fraco.
“Oi?” Digo chorando.
“Lembre-se sempre de mim...”
“Não! Fica comigo...” exclamo “Ethan...”*

Acordei assustada e gritando. Suava e tremia muito, agarrada aos lençóis. A porta do meu quarto se abriu e mamãe estava lá em um passo de magia, me acalmando e dizendo que era apenas um sonho. Mas meu coração sangrava de preocupação.

E se isso acontecer de verdade? E se tentarem me pegar e ele estiver por perto. Eu preciso manter Ethan a salvo e para fazer isso, eu uma hora vou ter que

dizer adeus. Só que eu não sei se consigo.

Não voltei a dormir aquela noite com medo de sonhar com aquilo de novo ou o outro sonho. O sonho é igual o que aconteceu na festa, mas o homem consegue me pegar e de repente estou no cativeiro. Tudo igualzinho como lembro.

O quarto escuro, com um colchão fino e fedorento no canto, um ventilador no teto vagarosamente, me deixando tonta. A fresta aberta da janela, me deixando saber quando era dia ou noite. Foi um tormento e senti tanta saudades da minha família e pensava em Cora. Ela foi a última pessoa que tinha visto e morria de medo do que aqueles homens malvados tinham feito com ela. Quando cheguei em casa, minha família estava em estado caótico. Assustados e perturbados. Lembro dos olhos da mamãe, papai e Will, mas foi Cora que mais me marcou.

Ela estava machucada, com um olho roxo, um hematoma no ombro, uma perna estava engessada e ela estava muito abalada. Seus olhos transmitiam todo seu desespero e sofrimento. Estavam fundos, vermelhos e o brilho que sempre me confortava, tão longe... Ela não me largou para nada nos dias em diante.

Essas lembranças nunca me deixaram, mas desde o Baile e aquele homem, voltou a me assombrar. Agora eu sou grande e posso correr. Mas até *quando?* Até *onde?*

Meus olhos voltam para o rosto de Ethan e fico pensando até quando posso deixá-lo se envolver nesse circo. Às vezes juro que quero acreditar que isso é tudo coisa da cabeça de Will, e esse perigo nem exista mais. Penso que talvez o que os agentes falaram não seja de toda a verdade, que estejam equivocados e ninguém está atrás de mim ainda.

Me agarro a essa esperança, porque agora eu tenho ele. Meu príncipe, que gosto tanto e não quero perder. Não quero que nada me afaste dele.

Custa muito universo? Custa me deixar ser feliz?

Ethan resmunga alguma coisa dormindo e sorrio com amargura pelos pensamentos caóticos que me deixei levar. Tomo uma respiração profunda e espanto esses pensamentos. Eu apenas quero viver. Viver cada dia e enquanto eu puder, com Ethan.

Deixo minhas mãos descerem para os seus ombros. Acaricio seu braço por cima do meu corpo, passo o indicador sobre o seu peitoral nu e me lembro das suas palavras antes de dormir ontem. “*Não preciso de blusa, nem cobertor e nada. Preciso apenas do seu corpo quentinho nos meus braços.*”

Ele é um fofo às vezes. Romântico, protetor, preocupado e gentil. Gosto quando ele é assim comigo e até curto muito seu ciúme. Não nego sentir ciúmes dele também. Ele é lindo, sexual, polido, inteligente, charmoso e muito bom de

cama. É o sonho de consumo de qualquer mulher, mesmo ele dizendo que não. Para mim ele é incrível e por enquanto todo meu.

“Mm...” resmunga de novo e segura minha mão no seu peito. “Isso faz cócegas, querida.”

Sorrio abertamente para ele e estico um pouco meu corpo, e beijo sua boca. “Desculpe.” Falo baixinho.

“Não precisa se desculpar, meu amor.”

Prendo a respiração. É a segunda vez que ele me chama de amor e... isso me aflita, e ao mesmo tempo me deixa feliz. Não sei o que significa para ele me chamar assim, mas para mim é algo profundo. Será que ele sente por mim, o mesmo que sinto por ele?

Ethan nota meu silêncio e abre os olhos. Franze o cenho e beija minha testa, para depois puxar mais meu corpo de encontro ao seu e eu acabar me escondendo no seu abraço.

“Você é a coisa mais linda que eu já vi” balbucia afagando minhas costas.

“Você é que é lindo.”

Ele resmunga e muda de assunto. “Você me fez dormir.”

“U-hum.” Afirmo sorrindo.

“Você me traz paz.”

“Jura?”

“U-hum.” Ele afirmando com a garganta.

Tenho que rir. Como eu lhe trago paz se ele vive preocupado comigo. Acho que eu não posso lhe trazer tranquilidade com o inferno que é minha vida e todo esse esquema de segurança.

Queria que não fosse assim. Queria proporcionar a ele algo perto disso: *Paz*. Assim como ele me proporciona esperança, mesmo nos dias mais tempestuosos. Sorrindo me aconchego nele e o beijo. Não quero prolongar esse assunto, isso só vai quebrar o clima e eu gosto de esquecer minha vida quando estamos juntos. Porque *agora* só existe nós dois.



DESDE QUE SOUBE QUE Lauren e Aaron se mudaram para a capital do país, fiquei curiosa. Apesar de ter tanto dinheiro, não conheci muitos lugares. O fato é que eu sou presa, ou melhor. Era presa antes de Ethan surgir. Isso faz com que eu o adore ainda mais.

Washington é tudo aquilo que as pessoas falam. Linda, rica, executiva e doméstica ao mesmo tempo. Com vários pontos turísticos, que hoje viemos conhecer, e apesar de ser Halloween e a cidade está todo enfeitada, conseguimos

ver a “real” beleza do lugar.

Fomos ao museu do filme: *Uma Noite No Museu*. Hannah, nossa borboleta — Lauren fez questão de comprar uma fantasia para neta — se esbaldou de alegria em ver as estátuas e as miniaturas do Smithsonian, Museu de História Nacional Americana. Me apaixonei também.

Agora estamos indo almoçar. E no momento, na Avenida NW Constitution, passamos em frente a Casa Branca. Ela é perfeita nas fotos, mas de perto nem se compara. Quero um dia poder entrar nela.

“Uau! Que linda.” Digo impressionada.

Ethan ri e chega o rosto bem perto do meu e fala no meu ouvido:

“Quer uma?”

Viro meu rosto para ele e vejo seu sorriso. “Não, mas quero um dia poder conhecer.”

Ele pisca. “Quem sabe?”

Assinto e volto a olhar para as ruas. Washington é totalmente viciante.

Logo chegamos ao Vidalia e sentamos à mesa perto das grandes janelas do restaurante, um dos mais conhecidos da cidade e segundo Aaron, muito recomendado.

“Estava pensando se você poderia me ajudar a fazer aquelas flores que você faz com sua mãe na minha estufa nova.” Lauren comenta à mesa para mim.

“É claro que ajudo. Será um prazer.”

“Lauren, não começa a dar trabalho para ela. Assim ela desiste de entrar na família.” Brinca Aaron.

“É claro que não.” Ela fala, segura. “Victoria sempre foi da família, agora é oficial. Certo?” Olha para mim.

Sorrio, sentindo as bochechas queimar. “É sim.” Respondo e tão logo sinto minha mão sendo apertada de leve por Ethan, sentado ao meu.

Viro meu rosto e pego ele me olhando de forma estranha. Levanto as sobrancelhas e sorrio. Ele mantém o olhar fixo no meu rosto por um tempo, me fazendo sentir borboletas no estômago. Ele só corta o contato quando Aaron o chama.

“Filho, quando chegar em casa preciso conversar com você sobre um assunto importante.”

“Pode deixar.”

“Tio, tio.” Hannah chama.

Ethan olha para ela, sentada no seu outro lado. “Que foi, anjinho?”

“Quando nós fomos *embola*, me lava *pá* tomar *sorvete*?”

“É claro” diz ele sorrindo e a pegando para sentar no seu colo. “Agora vamos acabar com a comida neste prato.”

“Tá bem, tio Ethan.”

Ele puxa o prato dela para ficar ao lado do seu e intercala as garfadas entre: dar comida na boca da menina e para si mesmo. Fico sorrindo para eles interagindo e chego até a esquecer da minha comida. Quando volto a comer, já está fria, mas nem ligo. Porque é lindo de assistir Ethan totalmente encantado pela sobrinha, e Hannah sendo fofa com ele.

Acabamos de comer e como prometido a Hannah, vamos comprar sorvete.

“Vão comprar o sorvete e se divertirem por aí. Nos vemos em casa.” Diz Aaron.

“Tudo bem, pai.”

Lauren e Aaron vão para o seu carro com seu motorista, que estava nos seguindo em outro carro, onde Ken, Jorge e Sebastian também estava, porque agora vão ficar com meu namorado, Hannah e eu.

Ethan, Hannah e eu vamos ao McDonald que fica ao lado do Vadalía.

“Você também quer um, querida?” Ethan pergunta e acaba me despertando da paisagem da cidade.

“Pode ser.”

Ele chega até o caixa, paga os sorvetes e vamos para o outro lado do balcão e esperamos entregar os sorvetes. Ele pega o meu primeiro e me entrega. Agradeço e Ethan beija meu rosto. Vira-se para a mulher, que por sinal está olhando *demais* para ele, e pega o sorvete da Hannah.

“Você vai comer bonitinha e sem se sujar, senão nós não vamos ao parque.”

Hannah assente. “Tudo bem.”

Ethan a pega no colo. Segurando-a com um braço, pega minha mão e nos leva para o carro.

Sebastian e Jorge entram na frente do Bentley preto dos Brown, e Ken abre a porta para nós três entrarmos e entra logo em seguida, sentando ao lado de Ethan e de frente para mim e Hannah.

Termino minha casquinha primeiro que Hannah e a ajudo a terminar seu sundae de morango. Ethan entrega os guardanapos, que pegou na lanchonete.

“Limpa as mãozinhas e a boca dela, e a sua também.”

Fico surpresa com seu gesto e pego os guardanapos de sua mão com um sorriso bobo.

Nossa. Se eu já não estivesse apaixonada por ele, eu ia ficar agora. Ele é tão amorzinho com a sobrinha. Tenho certeza que será um pai maravilhoso e um tanto ciumento.

Notei que às vezes ele tem ciúmes dela. Não comigo, mas com algumas pessoas quando passam por ela e ficam encantadas, e até dos seus pais. Ethan é um tio babão digno de uma medalha.



ESTAMOS NA FILA DO PARQUE DE DIVERSÃO, comprando os bilhetes. O parque é enorme, cheio de brinquedos e hoje, cheio de crianças de fantasia. Tem montanha russa, roda gigante, bate-bate e vários outros. Hannah está doida, querendo ir em tudo, mas o tio já disse que no máximo iremos em dez. *Dez é muita coisa.*

Eu estou adorando ver o entusiasmo da minha bonequinha e a irritação do meu namorado. Me divirto horrores com as caras de Ken, Jorge e Sebastian, também. Eles não queriam deixar nós irmos ao parque. Já estavam reclamando desde o caminho para cá, mas Ethan prometeu e Hannah deu um pequeno chilique no monumento do presidente Lincoln, que fomos antes daqui.

Tirei mais de vinte fotos com a estátua gigante do Abraham Lincoln e enviei para os meus pais, Will, Cora e até para Clara. Estou parecendo uma turista, mas eu sou mesmo uma turista aqui.

“Você tem certeza que quer ir nesse brinquedo?” Ethan pergunta pela milésima vez a sobrinha na fila do trem fantasma. Muito apropriado para o dia por sinal.

“*Quelo*, tio.” Responde pulando. “*Quelo. Quelo...* tio.”

Ele olha desconfiado para ela. “Não sei, não. Você vai ter pesadelo de madrugada.”

“*Nu* vô não, tio Ethan.” Ela não o convence, então Hannah olha para mim com os olhinhos do gato do Shrek. “Tia, fala *pla* ele deixa eu *í*.”

Ela é uma graça e lembra muito eu quando criança.

“Por mim você vai e eu vou com você.” Digo e levanto o rosto para encarar meu namorado.

Percebo que Hannah assente e vira-se para Ethan também. Suspirando e prendendo o sorriso com os dentes, me aproximo dele e coloco meus braços nos seus ombros, beijo seu rosto e murmuro no seu ouvido:

“Se você deixar, quando chegarmos em Los Angeles, faço aquela dancinha pra você.”

Ethan pigarreia e aperta minha cintura com um dos braços.

“Está tentando me barganhar?”

“Acho que sim.” Dou um sorriso condescendente.

Ele aperta os olhos, dá um suspiro profundo e olha a sobrinha.

“Se você ficar com medo, a culpa não vai ser minha. Está me ouvindo?”

Ela acena freneticamente com a cabeça que sim e dou uma gargalhada.

“E você está me devendo a partir de agora.” Ele diz e beija minha boca, puxando meu lábio no final.

“Ai.” Massageio meu lábio inferior.

Ethan sorri, agarra minha mão, pega Hannah no colo com o outro braço. “Vamos logo nessa merda de trem fantasma.”

“Tio, você *falou palavão*.”

“Te compro uma boneca e você esquece e nada de contar para os seus pais.”

“Ethan!” Falo exasperada.

“Shh... você também.”

Dou risada e entramos no carrinho do brinquedo. Hannah senta no meu colo, porque Ethan já fica apertado e o logo começamos a andar.

O início é tranquilo como se é esperado, mas quando os monstros começam a aparecer e gritar, Hannah grita, me abraça com força e esconde o rosto no meu pescoço. Tento acalmá-la.

“É só um brinquedo, bonequinha.” Sussurro no seu ouvidinho.

“Tô com medo, tia.”

“Eu avisei, agora aguenta.”

Olho feio para Ethan. “Calado” gesticulo com a boca e volto a dar atenção a Hannah. “Escuta a tia. Já está acabando, olha.” Encorajo ela a virar de frente no carrinho e ela faz, mas agarrada aos meus braços.

De repente aparece um monstro saindo de uma janela e nos faz gritar de susto, mas então caímos na gargalhada porque Ethan dá uma pancada no boneco. Sinto Hannah relaxar no meu colo e agradeço a Ethan deitando minha cabeça no seu ombro. Ele passa o braço por trás de mim e faz um cafuné nos cabelos da nossa boneca, que está agora tentando fazer o mesmo que o tio.

“Se ela quebrar um boneco desses, a culpa vai ser sua.” Falo para ele.

“Deixa ela. Eu compro outro.”

Negando com a cabeça e sorrindo, tento ajudar ela a alcançar uma bruxa no canto do brinquedo.

“Pega. Pega. Pega, Hannah.” Gritamos, eu e Ethan.

O passeio acaba e saímos do trem fantasma com a barriga doendo de tanto rir.

“Meu Deus, nunca foi tão divertido ir a esse brinquedo na minha vida.” Falo.

“Até que foi bom” ele diz “e obrigado por cuidar dela.”

“É um prazer e eu adoro ela tanto quanto você.”

“Eu sei.”

“Agora vamos na *loda gigante*.”

Assinto para Hannah e seguro sua mão.

Na fila da roda gigante, fico maravilhada com as luzes coloridas. Eu sempre tive um fascínio por esse brinquedo e vê-lo aceso é mágico. Viro meu rosto para

o lado e noto Ethan falando com alguém na fila, entregando o celular. Ele volta, pega Hannah no colo e me abraça dizendo:

“Diga X.”

Sorrio para a mulher que segura o celular dele, e tira a nossa foto. A mulher se aproxima e entrega o celular de volta.

“Vocês são uma família adorável. A filha de vocês é linda.”

Minha boca se abre e sinto Ethan enrijecer o corpo.

“Próximos.” O senhor responsável do brinquedo chama.

Apressadamente Ethan guarda o celular e antes de começar a andar para a roda gigante, ele diz para a mulher. “Muito obrigado.”

“De nada. Tchau lindinha.” Ela diz e nós três começamos a andar.

Um pouco em órbita, sento-me no canto do banco ao lado de Hannah e Ethan na outra ponta. Eu não me importo de pensarem que ela é nossa filha, só não entendi ele não corrigir a mulher. Será que...

“Que lindo.” Hannah exclama me roubando os pensamentos.

“É sim, meu anjinho.”

“*Tila* foto.” Ela pede com a voz doce.

Ethan pega o celular e aponta para mim e Hannah. “Sorriam.”

Dou um sorriso aberto para câmera e não é por causa da foto. É ele tirando, seus olhos me olham enquanto registram nosso momento. Acho que estou ficando perdidamente apaixonada por ele.

Saímos novamente do brinquedo felizes e animados.

“Vamos comprar algo para beber?” Ele dá a ideia.

“Claro” respondo e me viro para Hannah. “Você quer o que, boneca?”

“Coca e *quelo* pipoca doce.”

Sorrio e falo para Ethan. “Ouvii tio. Coca e pipoca doce e para duas.”

“Para três, porque eu também quero, oras.”

Vamos juntos até uma barraca de pipoca e pedimos nossos pedidos. Estamos esperando uma nova remessa de pipoca ficar pronta e enquanto isso conversamos.

“Já tinha vindo a Maryland antes?” Pergunto a ele.

“Já, quando era moleque. Meus avós maternos são daqui, sabia?”

“Sabia, sua mãe uma vez me falou.”

“E você, já tinha vindo aqui?”

“Não e estou apaixonada pela cidade.”

Ethan sorri. “Agora você pode vir aqui quando quiser e estava querendo que nós fôssemos à Nova York. Tenho uma cobertura no central parque.”

“Uau. Quando quer ir?”

“Pode ser antes do natal. Topa?”

Ele faz tantos planos para nós dois, que fico sem chão às vezes. Assinto e espero que até lá estejamos juntos ainda.

“Aqui a pipoca de vocês.” Diz o pipoqueiro, entregando para a gente as pipocas e os refrigerantes.

“Obrigado” agradece Ethan e nos afastamos um pouco da barraquinha. “Hannah toma sua pipoca.” Ele fala olhando para baixo e eu faço o mesmo.

“Cadê ela?”

Segundos... rápidos... passam e apenas vejo Ethan deixar as pipocas caírem no chão após percorrer o perímetro rapidamente com os olhos e não a encontrando.

“Putá que pariu.” Ele exclama com as mãos nos cabelos, nervoso.

Meus ombros caem...

Eu... eu... eu não acredito que perdemos de vista Hannah.

Ando um pouco para multidão e a chamo:

“HANNAH!”

Nada!

Ah não, Meu Deus!

Cadê a Hannah?

Cadê ela?

Vinte & Um

Victoria

CONTINUAÇÃO...



ESTOU CONGELADA NO MEIO DE UM MONTE DE CRIANÇAS, jovens e adultos eufóricos como eu, porém eu estou de nervoso e eles de alegria. Sorrisos, gritaria, conversas e fantasias. É Halloween. Os menores devidamente acompanhados de seus pais e parentes no parque. Observo as pessoas e tento achar Hannah no meio do tumulto.

Ando para lá e para cá. Grito com as pessoas que passam por mim, perguntando se viram Hannah. Grito o nome dela, como uma louca. Ethan me contém e pede para eu me acalmar, porque ele não vai saber lidar comigo e a situação de Hannah ao mesmo tempo.

“Querida, eu também estou desesperado. Só que, por favor, se acalme um pouco.”

“Mas Ethan eu... eu...” Um soluço me interrompe.

Ele me abraça forte e volta sua atenção para os dois homens. Eles pedem para nós ficarmos aqui no local que ela estava, e acionam os seguranças do parque. Ethan pega o celular e comunica a Ken, Jorge e Sebastian para procurar ela.

Estou com muito medo e Ethan não entende o que uma pessoa sequestrada passa. O momento que nos pegam, é o pior. A sensação de estar perdida na própria mente, tentando achar um jeito de fugir das mãos dos sequestradores e querendo voltar para os seus parentes. É como cair em um buraco fundo, negro e sem fim como a Alice no País das Maravilhas. Só que de maravilhoso, não tem nada.

Meu coração parece querer parar agora. Eu não sei se ela foi pega por algum grupo de sequestradores de crianças, ou não. Se talvez ela apenas foi ver alguma coisa e se perdeu. Mas dentro de mim, eu sinto que tudo tem a ver comigo e o que está me deixando mais nervosa é essa hipótese.

Me agarro ao corpo de Ethan e rezo para que ela volte e ele me perdoe. Meu choro vem e soluço forte. Ele beija meus cabelos e me abraça os ombros.

“Sim. Não, ela estava aqui agora.” Ele responde Ken ao fone. “Manda ele ir se acalmar. Não quero essas merdas na minha cabeça agora. Não fode com minha vida.” Fala ríspido e alto. “Tudo bem. Manda alguém vir para cá. Eu também vou atrás dela. Ok! Certo. U-hun. Só preciso de alguém para tomar conta dela enquanto eu faço o mesmo que você. Claro que vou. Ela é minha sobrinha. Caralho.” Grita e escuta em silêncio alguma coisa e logo responde com grosseria de novo. “Ande logo. Não podemos perder tempo.”

Tomo um sobressalto com os gritos de raiva de Ethan para Ken. Ele está fora de si. Não tinha tido o desgosto de presenciar esse lado feio dele. Seus olhos estão azuis escuros, o rosto torcido de ódio e o corpo tensionado.

Ele está transformado. Chamou os seguranças, o pessoal do parque. Gritou comigo porque dei um pequeno ataque de pânico. Nunca achei que ele fosse nervoso assim, mas entendo.

Voltando a olhar para multidão. Tento achar Hannah ... Então vejo uma menininha loira de borboleta e me solto dos braços de Ethan.

Ando depressa, empurrando as pessoas. Tento chegar a tempo de confirmar se a menina é Hannah, correndo o mais rápido que posso para alcançá-la, mas mãos fortes me agarram. Ethan faz meu corpo girar de frente para ele e grita comigo:

“Você está maluca?”

“Eu acho que é ela” falo chorosa e aponto para o lugar onde tinha visto a garota loirinha “Ali!” e choro como uma criança nos braços dele. “Ela estava bem ali, Ethan.”

“Tudo bem, querida. Vamos ver.” Ele diz baixo, com uma paciência forçada.

Ele segura minha mão e nos aproximamos da garotinha. Ethan coloca a mão no ombro do homem, que está com a menina e eles se viram para nós.

“Oi?”

Olho fixamente para a menina segurando forte a mão — do que só pode ser o pai.

Não é Hannah.

Soluto e escondo meu rosto no ombro de Ethan.

“Desculpe incomodar, foi engano.”

“Vocês se perderam da filha de vocês?” O homem pergunta.

“Foi da minha sobrinha e a segurança daqui já está procurando ela.”

“Oh sinto muito” diz o homem com a voz cometida. “Tenha fé, que ela vai voltar.”

“Obrigado.” Ethan agradece e volta a andar comigo para onde estávamos.

“Me perdoe” murmuro.

“Por que?” Ele alisa meus cabelos.

“É tudo minha culpa. Eu tenho certeza que isso tem a ver comigo e você tem todo o direito de ter raiva de mim.”

“Não fale besteira, Victoria.” Segura meu rosto e fala, muito sério: “Você não tem culpa de nada. Pare de falar essas coisas e nós vamos encontrar ela.”

Assinto chorando.

“Ela deve estar em algum lugar por aí. Fique calma para eu conseguir ter calma também. Não me deixe mais nervoso do que já estou. Chega disso.” No final sua voz sai um pouco irritado.

“Tudo bem.” Assinto e ele beija minha testa.

De repente Jorge chega com Ken.

“Senhor já ligamos o rastreador dela e ele apontou para casa dos seus pais.” Diz Ken.

“Merda.” Ethan levanta as mãos. “Ela tirou o relógio no restaurante e minha mãe guardou na bolsa. Que merda.”

Ken troca um olhar com Jorge e torna a falar. “Não se preocupe. Sebastian é um ótimo soldado e era muito bom em achar pessoas quando servia o exército. Ele já foi procurá-la e agora eu irei também com Jorge...”

“Nada disso”, ele corta Ken. “Eu falei que iria procurar também e um de vocês ficaria com Victoria.”

“Não precisa disso, Ethan.”

“Não contesta e fique quieta.” Vira o rosto para mim. “Eu vou atrás dela com Sebastian e Ken, e você vai ficar bem aqui caso ela volte e também não quero ficar pensando em você enquanto estou maluco atrás da minha sobrinha.”

Respiro fundo e me afasto. Não vou discutir com ele agora, não mesmo. Mas me subiu um ódio dele falar comigo assim. Parece meu pai ou o Will quando dá crise de raiva.

“Inferno” resmungo.



TRINTA MINUTOS DEPOIS e nada deles voltarem. Não acharam ela ainda. Eles se dividiram para achar a menina e eu — a fraca — tenho que ficar aqui.

“Jorge, se comunique com um deles, por favor. Estou nervosa.”

“Senhorita, eu acabei de falar com Ken e nada ainda.”

Solto uma respiração profunda e ando para o tumulto.

“Onde a senhorita está indo?”

“Procurar ela também.” Respondo tentando soltar sua mão do meu braço.

“Nada disso. Você vai ficar aqui.”

“Argh!” resmungo alto, mais parecido com um rosnado. “Mais um para me

tratar como criança, não. Me largue.” Forço o punho dele para ceder o aperto e ele afrouxa um pouco.

“Por favor, Victoria, fique aqui. Nós não podemos ter mais uma preocupação na cabeça agora.”

“E por que eu seria uma preocupação?”

Ele fica nervoso. Abre e fecha a boca, e não diz nada. Aperto meus olhos com raiva, mas noto ele colocar a mão no ouvido e depois apertar o dispositivo de voz no punho.

“Sim, senhor. Correto.” Ele me olha ainda falando com alguém na escuta. “Como o senhor deseja. Okay. Certo. Estamos indo.” Jorge abaixa a mão e fala comigo. “O Sr. Brown pediu para levá-la para casa.”

“O QUÊ?”

“Isso mesmo. Nós vamos para — ”

“Não mesmo.” Exclamo e com um movimento rápido me solto dele. “Eu não vou para casa coisa nenhuma. Eu também sou capaz de procurar ela e de certa forma sou a culpada dela sumir. Daqui só saio com Hannah.” Bato o pé no chão como uma criança birrenta “Eu vou atrás dela” e começo a andar para longe dele.

“Senhorita, fique aqui, por favor. Não vamos para casa, mas fique aqui.”

“Eu preciso achar ela, Jorge.” Teimo com ele.

“Tudo bem então. Nós vamos procurar ela juntos.”

“Não. Você vai para lá e eu vou para cá.”

“Nem pensar.” Seu rosto se transforma como eu tivesse acabado de insultar ele.

“Assim é melhor.”

“A senhorita vai comigo procurar ela do meu lado.”

Ai que homem chato e teimoso. “Se formos separados, nós podemos achar ela mais rápido.”

“Não.”

“Não? Qual é a sua? Ela sumiu e a culpa é minha. Se acontecer alguma coisa com ela...” Só de imaginar acontecer algo de ruim... com Hannah. Respiro e continuo. “Você está aqui para me proteger e as pessoas que eu amo, certo?”

“Sim.”

“Então vai atrás dela” Ordeno.

“Sim, eu vou e com a senhorita.”

“Que inferno, Jorge.”

“Culpe seu namorado. Essas são as ordens. Ele que mandou não tirar os olhos de você e seu p — ” Não termino de ouvi-lo porque à vista uma menininha de cabelos loiros no tom de Hannah. Saio correndo atrás dela.

Tem que ser ela. Tem que ser ela dessa vez. Repito o mantra na minha cabeça enquanto estou correndo. Passo pela multidão, empurrando quem não me dá licença. *Meu deus. Tem que ser ela.*

“Por favor,” falo passando pelas pessoas “deixe eu passar. Licença. Licença. Por favor!”

Estou histérica. A menina parece muito com ela e até o vestido é lilás e as asas. Estou a dois passos da menina e escuto Jorge mandar eu parar. Mas não paro nem por um segundo e quando alcanço a criança, coloco minhas mãos nos seus ombros e viro de frente para mim.

Não. É. A. Hannah. *Não é ela de novo.*

“Ai” a menina reclama e arregala os olhos. “O que *você que* moça?”

“Por que está pegando minha filha assim?” Diz uma mulher ao lado da menina, puxando ela para si e me olhando com ódio.

Levanto meu corpo, aprumando a postura. “Me desculpe é que... a minha Hannah sumiu.”

“Sua filha sumiu?”

“Não!” Respondo acenando que não com a cabeça freneticamente.

“Como?” A mulher questiona, confusa, mas não posso ajudar. Estou em cacos.

“Me perdoe, senhora.” Jorge aparece atrás de mim, que por segurança agarra meu pulso. “Nós estamos à procura de uma menina muito parecida com a sua. Ela deve ter se confundido.”

“Oh.” Ela lamenta. “Que chato. Sinto muito e continue procurando. Criança se perde mesmo e não precisa se desculpar. Eu entendo.” Ela segura minha outra mão. “Você vai achar ela.”

“Obrigada.” Agradeço triste e me afasto.

Voltamos o caminho, para onde estávamos e eu nem percebi que me afastei tanto. Não senti que estava correndo. *Meu Deus.* Não consigo acreditar que ela não vai aparecer mais. Coloco a mão no rosto e choro. Um choro forte e desesperado.

Deus, ela tem que voltar. Por favor! Eu me afasto do Ethan. Vai ser para o bem dele. Por favor, traz ela de volta.

Sinto um toque em minha perna e tiro as mãos do rosto e olho para baixo.

“*Tia princesa.*”

As comportas das minhas lágrimas se abrem com força. Solto um som doloroso e me ajoelho na frente dela. “Hannah!” Abraço-a bem forte. “Ah meu Deus. Você voltou.”

Espremo meus olhos para as lágrimas pararem, mas não adianta. Uma descarga emocional me atinge e eu não tenho forças. Apenas fico por um tempo

com ela nos meus braços e agradecendo a Deus.

“*Ela apareceu.*” Escuto Jorge falar ao longe, porque me sinto fora de si. “*Está aqui com a Srta. Colton.*”

Hannah passa as mãozinhas nos meus cabelos e sua voz baixinha e suave, aparece. “*Pú que você tá chorando?*”

Afrouxo meus braços em volta dela e olho seu rosto. “Porque você sumiu.” Acaricio seus cabelos. “Onde você estava?”

Seus olhos cor de âmbar crescem. “*Estava com um mocho.* Ele me disse que ia *comprar* doce comigo. *Era* amigo do tio Ethan.”

Nego com a cabeça atordoadada. “E?”

“Quando *chegamos* no final do *parque*, *apareceu* outro mocho. Ele tinha cara de brabo e falo *para* mim, que eu não ia volta *para* vocês. Mas o *mocho bonquinho* falou que *primeiro* a gente *ia comprar* as balas.” Ela respira. “Ele me levou *para comprar* as balas e depois me falou *para coler*. *Dixe* para eu nunca mais í com estranhos. Nunca mais.”

Um novo bolo se forma na minha garganta e as lágrimas nem se juntam nos meus olhos. Escorrem livres.

“Isso.” Falo com dificuldade. “Você nunca mais vai com estranhos.” Beijo seu testa e volta a abraçá-la. Hannah se agarra a mim.

“O *mocho* também falou que não sou eu quem eles *quelem* e *pô* isso me deixou í.”

Meu coração se quebra. O que eu tanto temia. Foi minha culpa.

“Eu sei. Eu sei.” Digo balançando a cabeça e então ouvimos:

“Hannah!” Ethan vem correndo em nossa direção.

Nem sinto quando a pega de mim. Levanto e vejo o alívio dele em estar com a sobrinha nos braços. Ele volta ela para o chão e passa as mãos pelos braços, costas e rosto dela. Checando se está tudo bem. Eu estava tão emocionada de vê-la, que nem fiz isso.

Ethan beija o rosto, os cabelos e murmura para ela: “Nunca mais vai para longe de mim, está bem.”

Hannah assente e se agarra ao tio com todo carinho.

A imagem deles dois *assim* vai ficar gravada dentro de mim para sempre. O desespero e alívio. O reencontro. Uma pequena fatalidade poderia ter levado a destruição de uma família e tudo por minha culpa.

De cabeça baixa me afasto. Caminhando para fora do parque e noto Ken ao meu lado. “A senhorita não vai esperar eles?”

Olho para Ken e sem uma palavra ele acena com a cabeça. Lamentando silenciosamente o que eu estou pensando.

Ele me conhece muito bem além disso, sabe que tudo o que aconteceu hoje

tem dedo desse mistério que ronda minha vida. Saber que parcela de culpa cai sobre mim e minha família, me corrói.

Dou um sorriso amargurado para ele e continuo andando até chegar na saída do parque. Ele me conduz para a fila de táxis.

“Nós temos outro carro aqui, se quiser senhorita.”

“Sem problemas, Ken. Vamos de táxi mesmo. Só quero sair daqui.”



“VICTORIA.” ETHAN CHAMA NO QUARTO QUE LAUREN RESERVOU PARA MIM.

Saí do banho agorinha e nada adiantou. Continuo a me sentir em frangalhos. Depois dar uma desculpa esfarrapada para Lauren e Aaron porque cheguei na frente. Me escondi no quarto e chorei o quanto eu pude na cama e depois debaixo do chuveiro.

Estou sobrecarregada emocionalmente e durante o banho pensei muito na minha decisão. E não dá mais, mesmo que eu tente me enganar, preciso me afastar de Ethan. É a melhor escolha e como falar com ele não vai adiantar e fugir não é uma opção. O jeito agora é um plano para ele desistir de mim. Fazer ele ver que ficar comigo não é benéfico e eu só vou trazer ainda mais tristezas.

Me olho no espelho da penteadeira em frente a cama e solto um suspiro profundo, e murmuro para mim mesma: “Você consegue. Você é forte e sempre foi. Não vai ser agora que vai ser uma tonta.”

Seco meus olhos. Respiro com força, fazendo meu peito subir e descer, e levanto para abrir a porta.

“Por que demorou tanto para abrir e por que você veio embora sem mim?”

Sinto um aperto tão grande no peito. Parece que meu coração está sendo sugado pela garganta e por muito pouco não o abraço com desespero.

“Eu-eu e... me senti mal” gaguejo. “Por isso vim na frente.”

Ele me dar um olhar inquisidor. “Está tudo bem agora?”

“Sim” respondo virando-lhe as costas e indo me sentar na cama.

“Qual o problema?” Ele senta do meu lado.

“Nenhum. Eu não acabei de dizer que está tudo bem?”

Ele vira o corpo para mim. “Falou e mesmo assim eu sinto que tem algo errado.”

Dou uma respiração irritada e me aconchego mais para a cama. Levando as cobertas, me enfio por baixo e me deito de costas para ele.

“Só quero dormir um pouco.”

Sinto a cama mexer e logo em seguida os braços dele em mim. “Você está esquisita. Me fala qual é o problema.” Dá vários beijinhos na minha nuca e depois no rosto. “Desembucha.”

Por que ele tem que ser tão... perfeito?

“Não é nada. Só estou cansada.” Sussurro com a voz abafada pelo travesseiro. “Deve ter sido por causa do estresse de procurar a Hannah.”

“Tem certeza que é só isso? Porque se não for, eu vou descobrir.”

“É isso sim.”

Ele levanta um pouco o corpo, se inclina para o lado e pega meu rosto virando para ele. Me olha desconfiado com o cenho franzido e sou obrigada a forçar um sorriso.

“Você acha que eu não te conheço?” Fala sério. “Eu tenho certeza que tem alguma coisa errada. Cadê a minha namorada sorridente e feliz de horas atrás? Eu sei que sofremos um susto em perder de vista Hannah, mas já passou e não há motivos para você ficar assim.”

Claro que tem Ethan. Porque ela não se perdeu. Ela foi tirada de nós com um propósito e por graça divina um homem piedoso resolveu soltá-la.

“É, você tem razão. Estou fazendo tempestade em copo d'água.” Resolvo ceder e visivelmente Ethan relaxa.

“Minha mãe já serviu o jantar. Eles estão nos esperando na mesa. Vamos?”

Engulo em seco e me levanto da cama com ele. Não quero ir. Quero ficar no meu quarto e dormir. Esquecer tudo o que passou. Mas... sem contestar vou para a sala de jantar. Sento ao lado da cadeira de Ethan.

Lauren está sentada ao lado de Hannah a nossa frente e Aaron na cabeceira da mesa. Eles sorriem para mim, contentes e satisfeitos. Achando que essa carinha bonita que Deus me deu é um ótimo para o filho deles.

Só que eles não sabem que hoje quase perderam a neta por minha causa. Mal eles sabem que por trás de mim tem um segredo que me cerca desde criança e muito mais que minha família deixa os outros saberem.

Meus pais podem me enganar. Will e Cora também podem tentar me manipular e fingir que a vida segue. Porém não sou idiota e sei que desde que fui resgatada ficou alguma sujeira no ar.

Essa cautela me ronda e toma minha vida. Meus dias e noites. Me tira muito mais que a liberdade de uma jovem na minha idade. Essa merda me tira o sono e mesmo eu mostrando que sou uma “resgatada” feliz de ter voltado para casa. Às vezes me dá ataques de ansiedade e medo. No passado eu cheguei a pensar se não teria sido mais fácil para minha família receber meu óbito do que ter que aquecer uma garota assustada e essa vigília toda.

Quando estava na escola fingia para todo mundo que achava normal não poder nunca ir ao cinema com meus amigos. A passeios escolares e festinhas. Que era normal começar um namoro totalmente forçado onde eu nunca saía sozinha com o namorado, mais para amigo.

Por algum motivo minha família não fez escândalo sobre meu namoro com Ethan e nós até saímos sozinhos. Estamos em Maryland. Um mega avanço.

Aposto que é por causa da idade dele e a maturidade. Ele é um homem, formado e forte. Pode me defender e se defender também. Fora que ele já mostrou claramente o grau de interesse que tem por mim. A preocupação por minha segurança.

Mas nem ele e nem a sua família merecem esse tormento. Os Brown não têm nada a ver com esse perigo que cerca os Colton. Por esse motivo eu preciso me afastar. Eu já estava receosa sobre meu namoro com Ethan desde o Baile e hoje foi a gota d'água.



“QUER IR UM POUQUINHO NO HOTEL ?” Ethan indaga brincalhão.

Nós estamos caminhando de mãos dadas pelo extenso jardim da casa. Grandes arvores, flores bem cuidadas e as cercas vivas fazem as divisões para a quadra de tênis, a piscina e a casa adjacente, onde Lauren fala que será a casa para receber minha família.

“Pode ser.”

Ethan me abraça por trás e cola o seu rosto no meu. “Não quer ir?”

“Preferia ficar aqui.” Respondo contemplando o lago.

“Não quer dar rapidinho?”

Mesmo me controlando, eu dou uma gargalhada. “Você não presta.”

“Eu não presto porque eu vou direto ao ponto e digo que quero transar com a minha namorada gostosa.” Faz cócegas na minha barriga.

“Para!” Reclamo e me viro para ele. Coloco meus braços por cima dos seus ombros e olho para seus olhos. “Nós podemos fazer em outro lugar.”

“Onde?”

Dou de ombro e mordo o lábio provocando-o.

“Não morde essa boca, porque eu já estou de pau duro, porra.”

Solto uma gargalhada de deixar a cabeça cair.

Eu já tinha sentindo ele antes mesmo dele me avisar. Quase que impossível não sentir já que está empurrando o corpo no meu. Insinuando seu pau semiereto.

“Não sei aonde. Não pode ser no meu quarto. É perigoso porque sabemos que fazemos barulho.”

“Você que é o escandaloso.”

“Eu?” fingi estar insultado.

“Você sim. Não se faz de inocente. Você é o que mais faz barulho.”

“Não posso me controlar quando tenho uma mulher tão gostosa assim na

cama.”

Sorrio e ele me beija. Lambe meus lábios, mordisca o de cima, o de baixo, passa a língua suavemente entre eles. Depois cola sua boca na minha e fica acariciando meus lábios com os seus. Fecho os olhos e fico na ponta dos pés, para ficar mais perto dele. Envolvero com força seu pescoço e dou um pulinho, e ele me pega no colo.

Ele geme de prazer. Passa as mãos no meu corpo com uma mão enquanto a outra me segura pela coxa descoberta. Aposto que minha bunda está a amostra. Estou sentindo um ventinho extra na minha traseira e tenho certeza que o vestido subiu, até demais.

“Você sabe que eu estou de vestido. Certo?” Afasto minha boca da dele para falar.

“Tenho total consciência disso minha querida e estou quase te jogando nessa grama.”

Solto um gemido e remexo o quadril. “Seria inusitado, *Watchman*.”

“Não me provoque.” Ele diz e anda sentido contrário da varanda de seu quarto.

“Está nos levando para onde?”

“Para a casa de hóspedes. Lá nos vamos ter mais liberdade.” Sorrio e desço minha boca para seu pescoço e dou uma mordida. “Caralho. Não faz isso.”

“Quero, não.” Beijo ele no mesmo lugar que mordi e enfio minhas mãos por debaixo do seu suéter. “Eu amei esse suéter. Te deixou muito gostoso.”

Ethan solta uma risada e sussurra no meu ouvido. “Só uso ele agora.”

“Não. Pode usar qualquer coisa. Você fica lindo de qualquer jeito.”

“Faço das suas, minhas palavras sobre você.”

Sinto-o subir os cinco degraus da casa, parar e com um pouco mais de esforço, abre a porta. Caminha mais para dentro e abrindo outra porta, vejo que é um quarto. O quarto é todo branco, tem lareira e TV de plasma. A cama é de dossel e é marrom escura com as roupas de cama branca e bege.

“Agora vou te acabar nessa cama.” Ele me joga na cama e vem para cima de mim. “Está pronta princesa?”

Sorrio e coloco minhas mãos no rosto dele. Meu coração se aperta pela culpa de estar me rendendo a este momento, quando estamos juntos como um. Sentir apenas nossas peles coladas, nossos sons misturados, nossos corações acelerados. Mas eu não consigo escapar.

“Ah...” abro a boca para falar, mas paro.

Ethan sente minha recusa, para e me olha interessado. “Qual o problema?”

“Ah... Eu-eu... Nós precisamos conversar.”

“Não pode ser depois?” Pergunta confuso.

“É que eu — ” paro sem coragem.

“Você o que?” Permaneço muda e ele emenda. “Fala. Qual é o problema? Não quer transar agora. Não está no clima. Não me quer?”

Nego com a cabeça. “É claro que sim. Eu sempre vou querer você.”

“Então vamos conversar depois. Okay?”

Mesmo com a culpa, assinto com a cabeça e faço um som de aprovação. Ethan sorri e me beija, fazendo carícias no meu corpo.

Tento esvaziar meus pensamentos atrapalhados e ruins. Me focando apenas na euforia de ser amada por ele, de fazer amor com ele. Sentir ele dentro de mim.

Eu sou refém dos meus sentimentos por Ethan e mesmo eu sabendo que é ruim para mim, me deixar ser vencida pelo meu amor neste exato momento, eu não posso sucumbi ao desejo que tenho por ele. Mas não apago a tristeza dentro de mim em saber que a decisão que tomei vai me magoar. Vai nos afastar.

Eu deveria terminar com ele de uma vez logo, mas... Eu preciso sentir ele. *Ter ele só para mim* e ser dele, só mais um pouquinho. Puxo-o para mim e o beijo com todo meu amor. Sem resistências.

Ethan vai descendo as mãos, deslizando pelo meu corpo. Um arrepio percorre meu corpo. Uma corrente elétrica gostosa que faz meu coração bater dez batidas mais forte que o normal, sempre que sinto seu toque.

Suas mãos estão em mim, sua boca ainda na minha e ele vai subindo meu vestido, me fazendo flutuar. Minha pele começa a queimar e uma ardência deliciosa se propaga no meio das minhas pernas e as abro para acomodar ele no meio delas.

Ethan coloca as mãos por debaixo do meu vestido, aperta minhas coxas e passa o dedo indicador por cima da minha boceta ainda coberta pela calcinha fina de renda. Gemo sentindo a pressão e ele morde meu lábio inferior.

“Vamos ficar pelados.” Ele fala divertido e eu sorrio.

Ele sobe meu corpo, me deixando sentada na cama. Puxa o vestido para cima do meu corpo. “Levanta os braços, querida.” Pede e eu levanto, e ele tira pela minha cabeça, jogando-o para longe da cama.

Depois ele desliza as mãos das minhas costelas para até minhas costas, abre o sutiã e o tira. Logo abaixa o rosto agarrando um seio com sua mão gigante e abocanha o outro seio passando a língua em volta da minha aréola, e depois suga com força meu peito.

“Ah” solto um gemido alto e sinto a umidade crescer e minhas entranhas se apertam de excitação. “Ethan.” Seu nome é uma prece em minha boca.

“Calma, minha princesa.” Ele fala e volta a me deitar na cama.

Ethan encosta a boca na minha pele, levemente aberta. Acariciando meu

corpo com ela e de vez em quando dá beijinhos no meu corpo. Ele beija meus ombros, meus seios, o meio do peito e vai descendo, passando a língua pelo meio do meu corpo. Passa os lábios nas minhas costelas e deixa beijos até minha barriga. Dá uma mordidinha no meu umbigo e quando alcança o osso da minha bacia, ele para.

Ethan segura o elástico da minha calcinha. Vai puxando para baixo com uma lentidão enlouquecedora. Remove a peça e logo volta a beijar meu corpo da ponta dos meus pés até o meio das minhas pernas. Dá beijinhos na minha virilha e depois abrindo a boca faminto, começa a devora minha boceta.

“Ah!” Dou um gritinho. “Oh céus.” Aperto os lençóis da cama e logo em seguida a mão dele entrelaçada a minha, aperta com carinho.

Ele me devora, fazendo círculos com a língua no meu clitóris. Suga minha carne quente e molhada, mas... eu quero mais. É delirante sentir prazer misturado a tanto carinho.

Ele está calmo e delicado, nada de brutalidade. Nada de agarrar minhas coxas e dar mordidas na minha pele sensível. Está no modo carinhoso. Ele me suga sem parar, do jeito que só ele sabe. Faz círculos delicados com uma mão no meu umbigo e a outra ainda entrelaçada a minha, ao lado do meu corpo, próxima ao rosto dele.

É tudo demais para mim. Ele é demais para mim. Eu não quero Ethan gentil. Eu o quero violento. Eu estou confusa porque achei que ele queria transar: rápido, louco e violento. Não fazer amor: doce, carinhoso e gentil.

Qualquer mulher queria ter uma noite de amor com seu namorado, com o homem que ela ama, mas eu não estou emocionalmente indisposta para o Ethan príncipe agora.

“Eu quero mais.” Penso em voz alta. Levo minha mão solta até seus cabelos, puxo ele para cima, com uma *delicadeza* bruta.

“O que houve?” Ele pergunta ficando cara a cara comigo.

“Me beija. Apenas me beija” envolvo seu pescoço em um abraço forte, trazendo seu rosto para baixo “aqui em cima.”

Sua boca encontra a minha e eu me entrego ao prazer maravilhoso de ser beijada por ele. Minhas pernas circulam sua cintura, abraçando todo o seu corpo, com braços e pernas.

Quero ele como nunca e ele vestido sobre o meu corpo nu, me cobrindo. Corro minhas mãos para baixo e puxo com brutalidade seu suéter. Ele entende o que quero, e me ajuda a tirar o casaco.

“Tira tudo.” Falo afoita.

Ele me dá um sorriso satisfeito e se levanta. Como em um passo de mágica, arranca os sapatos com ajuda dos próprios pés, tira a calça jeans, a cueca e

sorrindo volta para mim quando estico meus braços convidando-o.

“Eu gosto muito da minha princesa safada” fala e agarra minha cintura para então beijar minha clavícula.

Sinto sua barba me arranhar. Está começando a crescer e pinica minha pele. É gostoso.

Sua boca vai subindo, beijando meu pescoço, meu queixo e encontrando minha boca de novo, me domina com seus beijos maravilhosos. Eu poderia ter um orgasmo só com seus beijos e sentir suas mãos passando pelo meu corpo como está fazendo agora, mas eu sempre quero mais dele.

Puxo-o de volta para mim, colando nossos corpos e acomodo ele no meio das minhas pernas. Gemo ao sentir sua glândula úmida perto da minha virilha. Ele está metade sobre meu corpo e metade fora. Seu corpo sólido e musculoso se estende sobre mim enquanto sua boca clama a minha.

Passo minhas mãos pelo seu cabelo, me deleitando com a fricção da sua barba no meu rosto. Ethan afasta a cabeça e enterra ao lado do meu pescoço. Ele sugando minha pele e chega sua mão no meu sexo e subindo pelo meio do meu corpo, passando pelo meu ventre, o meio dos meus peitos e agarra meu pescoço com a mão aberta, mas de um jeito gentil.

Ele chega o corpo mais para cima e sinto roçar o pênis em mim, se apoia nos cotovelos e sua ereção me invade lentamente. Fecho os olhos apenas querendo sentir a plenitude do contato da sua pele na minha. Me abrindo e invadindo. Agarro seus cabelos com força e puxo sua boca para mim de novo. Não antes de ver os olhos dele e ver o que eles me falam.

Meu Deus, é demais para mim. Eu não consigo aquentar fazer amor com ele agora. Não consigo olhar dentro dos seus olhos e sorrir como antes e não deixar transparecer o mesmo que ele deixou agora.

Separo nossas bocas para soltar um gritinho de prazer quando ele estoca para dentro de mim e em seguida eu clamo desesperada: “NÃO.”

Ethan congela e me olha preocupado. “Machuquei você?”

“Não” respondo ofegante.

“Então o que houve?”

Passa minhas mãos pelo rosto dele com fúria mordendo o lábio inferior e falo: “Eu quero sexo selvagem. Eu quero que você me coma. Com vontade.” *Nada de carinho* — Penso, mas não falo.

Suas feições mostram o quanto ele ficou surpreso e seus olhos brilham de luxúria. Ele quer isso também. Ele sempre se controla comigo e eu sinto o quanto ele quer me comer com força, me dominar e me fazer gritar. Vive prometendo ser durão na cama, mas sempre é doce.

“Hoje eu quero você de verdade.”

“Eu sou isso aqui mesmo.” Fala e balança a cabeça, reafirmando suas palavras.

“Eu sei, Ethan.” Coloco um dedo na sua boca. “Mas eu quero você bruto. Sem controle.”

Ele parece pensar e acho aceita. E quando seu semblante preocupado passa a ser totalmente másculo e selvagem, sei que ganhei e vou ter ele do jeito que preciso *agora*.

Sorrindo de lado — *Ah... esse sorriso me derrete* — sai de dentro de mim, levanta na cama ficando de joelho ao lado do meu corpo e diz:

“Se é o que você quer. Você vai ter.” Mal fala e gira meu corpo, me deixando de barriga para baixo. “Fica de quatro e abraça o travesseiro.” Murmura no meu ouvido, passando as mãos pelas minhas costas e bunda.

Levanto meu corpo, ficando de bunda para o alto e o tronco um pouco mais para baixo e agarro a um dos travesseiros. Sinto seu indicador desenhar uma linha imaginária na extensão de toda minha coluna até chegar no meu sexo. Ele passa dois dedos, espalhando minha excitação. A cama se mexe quando ele vai se posicionando atrás do meu corpo.

“Isso é a visão do paraíso.” Suas mãos apertam minha bunda e em seguida ele dá uma lambida na minha boceta que eu reviro os olhos.

“Mm... Ethan, por favor.”

Ele ri alto e morde a maçã da minha bunda. “Você já transou nessa posição?”

“Não, claro que não.”

“Bom...” solta pensativo e prossegue. “Essa posição é ótima. Na verdade, é uma das melhores e pretendo praticar bastante ela com você. Eu vou muito fundo e se eu te machucar, me avisa. Tudo bem?”

Assinto e ele aperta minha bunda.

“Responde Victoria.”

“Okay.”

“Certo. Agora abre mais as pernas e empina essa bunda linda.”

Ai, ele está me matando. Faço o que ele pede e ele chega mais o corpo para perto do meu. Suas coxas roçam as bochechas da minha bunda. Passa o pênis nos lábios do meu sexo umas cinco vezes, para cima e para baixo, me torturando. Deixo escapar gemidos que qualquer um que escute têm dúvidas do que estamos fazendo. *Oh céus*.

“Está pronta?”

“Me come, por favor.”

Ele solta sua gargalhada rara e abro um sorriso bobo por isso. Beija minhas costas e encosta a cabeça do seu pênis em mim até me penetrar com uma

lentidão torturante.

“Ah...” Meu gemido alto o faz parar e eu ofego.

“Victoria?”

“Eu só estou me acostumando. Não está doendo.”

“Tem certeza? Eu paro.”

“Não.” Respiro e inspiro. Tomando fôlego e coragem. “Pode continuar.”

“Você — ”

“Por favor” interrompo. Sei que ele vai pergunta se tenho certeza.

Nossa. Eu nunca tive tanta certeza na minha vida. É maravilhoso e... aperto com muita força o travesseiro, quase rasgo a fronha, quando ele me invade até o final. Sinto suas bolas me tocarem. *Porra!*

Essa intimidade, posse que seu corpo tem do meu. A necessidade que preciso sentir suas mãos em mim. Seu toque. Carinho. Seus beijos e proteção. Nunca fui tão completa e feliz. Eu não pensei que iria amar alguém assim e *amar ele assim.*

Eu não vou...

Travo meus pensamentos, porque eu não quero pensar nisso agora se não eu vou chorar.

“Vou começar a me mexer.” Ele diz massageando minha bunda com suas *mãozonas.*

“Pode se soltar.”

Assim que falo, ele sai quase todo de dentro de mim e volta a enterrar seu pau grande e grosso com força. *Grito!* Ethan começa um delicioso entra e sai. Sinto meu núcleo o apertar e ele ruge como um animal.

“Relaxa, Victoria. Deixa ser bom para mim e para você.”

Apenas aceno que sim freneticamente e relaxo os músculos do meu ventre e das pernas, deixando ele me dar prazer e sentir também.

“Caralho. É tão bom, que delícia.”

Assinto, perdida nele e quando ele começa a me comer como eu pedi, lágrimas chegam aos meus olhos pela dorzinha gostosa que sinto dentro de mim e o delicioso e único prazer. Prazer que eu só tenho com ele e nunca mais vou ter com mais ninguém.

Eu amo esse homem e nunca mais vou amar ninguém. Eu sei e sinto isso. Abafo meu soluço involuntário no travesseiro e sinto meu coração parecer maior que meu peito. A sensação de ter ele dentro de mim não se apaga, ela só se mistura ao meu desespero e tristeza.

Ethan abaixa o corpo e me abraçando por trás sem parar seus movimentos. “Você é só minha.” Sussurra no meu ouvido. “Minha.”

Solto o travesseiro e seguro os braços dele. Ele entrelaça nossos dedos e

sentando sobre as coxas me leva com ele.

“Mexe, princesa. Me quebra hoje.”

“Ah! Ethaaaaan” grito e pulo no colo dele, fazendo seu pênis entrar e sair de dentro de mim.

Seu pênis está indo fundo dentro de mim e eu achei que na vez que eu fiquei em cima dele, ele já tinha ido todo dentro de mim. Mas agora vai mesmo até o fundo e por trás do prazer eu sinto uma pequena dor.

Ele empurra para cima, investindo e força meu corpo para baixo de encontro a sua estocada. Agarra meus cabelos, dando uma puxadinha para o lado e deixando meu pescoço exposto. Me dá um chupão, que tenho certeza que vai ficar a marca.

“Minha.” Ele rosna e com cuidado volta nossos corpos para baixo, me fazendo apoiar as mãos no colchão, mas ele deixa o corpo erguido e me dá várias estocas fortes.

O prazer é absoluto e eu não consigo controlar minhas emoções misturadas na luxúria de fazer esse amor tão avassalador.

Eu não quero te perder — Penso e acabo chorando — Não quero te deixar.

“Chega.” Solto um grito abafado.

“O quê?”

Respiro fundo para falar. “Eu preciso ver o seu rosto. Eu preciso te tocar” *mais uma vez.*

“Está bem” responde sem fôlego e saindo de mim, me vira de frente para ele. Fica me olhando por uns minutos com o cenho franzido. “Você está bem?”

Eu assinto e agarro ele bem perto de mim. Ethan demora a envolver seus braços em mim, mas quando faz me abraça bem apertado.

Com nossos corpos colados, me afasto o suficiente e olho para ele com desejo. Ele entende meu olhar e segura sua ereção. Lentamente o coloco dentro de mim, sentando no seu colo e nós dois gememos.

Não demora muito e eu já estou agarrada ao seu corpo de novo, ele me abraçando com fervor e beijando meu ombro e pescoço. Começamos a nos mexer, gemendo e suando. Ele me faz pular no seu colo e eu levo minhas mãos aos seus cabelos, os puxando.

Estou perdida... *Entregue.* Sentir ele assim, só para mim é tudo que eu mais amo e não é só pelo sexo ser bom. É pela forma que ele me trata, pela sensação que sentimos quando estamos ligados como um só. Ethan afasta o rosto do meu ombro e segura meu rosto. Me olhando profundamente.

Meu coração acelera e eu escondo meu rosto no pescoço dele, já sentindo as lágrimas molharem meu rosto. “Eu nunca vou te esquecer.”

Seu corpo estremece e fala com a voz rouca. “Você não precisa me ter como

uma lembrança. Eu sempre vou estar com você.”

Nego com a cabeça e minha garganta se fecha pelo choro preso. O ar me falta pela dor que sinto no peito, mas ainda continuo a mexer mesmo que sinta Ethan desacelerar um pouco os movimentos.

“Não. Por favor. Eu preciso ter você mais um pouco. Por favor.”

Ele me puxa pelos ombros e me olha determinado e um pouco nervoso. “Nós vamos conversar depois. Agora voltei para mim e esquece tudo.”

Assinto sem ar e toco seu lindo rosto. Seus olhos falam o que eu preciso saber e de certo modo não queria ver. Com um soluço profundo, eu choro desesperada e ele também tem os olhos marejados. Respira fundo se controlando e ainda se mexe, dando prazer a nós dois. É a coisa mais emocionante e difícil da minha vida esse momento. Eu não quero perdê-lo. Quero ele para mim, para sempre. Eu o amo tanto.

“Ethan — ” Soluço e ele puxa meu rosto para ele, fazendo nossas bocas se encontrarem.

Nós dois nos mexemos como um só. Agarrados um ao outro como se fosse escapar e sumir a qualquer momento. Me beijando, ele nos deita na cama, calmamente. Se aconchega ao meu corpo e volta a me penetrar com uma lentidão e os olhos fixos aos meus.

Suas investidas mudaram de rumo e agora ele faz amor comigo lento e carinhoso. Vou me entregando a ele e meu orgasmo vem chegando de forma avassaladora. Aperto seus braços ao lado da minha cabeça e solto minha respiração trepidada. Com o tempo vejo Ethan com os olhos turvos e a boca aperta, seca, e sei que ele está perto, mas eu ainda não.

“Me ajuda.” Peço acanhada.

Ele leva uma das mãos para minha boceta e faço o mesmo. Tocamos meu clitóris e eu solto um gemido alto. Estou muito sensível e fricção que fazemos, me deixa a ponto do orgasmo. Ethan larga minha mão e segurando minha cintura. Estocada com força e minha boca fica seca.

“Vamos, querida. Relaxa. Foca em mim.”

“Ethan... Ah...!” Gozo e sinto seu líquido dentro de mim ao chegar no seu orgasmo também.

Deixamos nossas respirações se acalmarem, nossos corpos caírem e ainda sinto os reflexos dessa redenção. Esse gozo agonizante e mágico de fazer amor tão selvagemmente. Relaxamos agarrados um nos braços do outro, em um abraço emocionante.

“Você precisa se afast... —” soluço “afastar de mim.”

Ethan me aperta e sussurra no meu ouvido. “Nunca.”

“Por favor” falo em um fio de voz, chorando descompassadamente.

“Não, eu não vou.”

Meu corpo treme pelos soluços e não consigo mais falar nada. Ethan levanta o rosto e me olhando nos olhos.

“Eu não vou me afastar de você. Eu não vou deixar que você se afaste de mim também. Ninguém vai te fazer mal nenhum e nada e nem ninguém vai nos separar. Eu demorei tanto tempo para te notar e não vai ser uma vingança... ou sei lá o que, que vai me tirar a chance de ter você para mim.”

Abro a boca para protestar e sou calada pela sua mão.

“Eu ainda não acabei.” Ele respira fundo e continua. “Além de eu querer você para mim, eu também quero que você tenha uma vida, minha querida.”

Concordo, sentindo as lágrimas banhar o travesseiro. “É, mas — ”

“Mas nada. Não existe *mas* nenhum. Nós vamos ficar juntos até que ... você não me queria mais. Mas porque você não me quer, não por causas que... Enfim... Eu sei que nunca vou deixar de te querer e vou te proteger para sempre.”

Sinto uma pontada tão forte no coração, que acho que vou enfartar. “Eu — ” Travo, fazendo que não com a cabeça, freneticamente. “Eu não sei o que dizer.”

“Só me prometa que não vai mais me dizer que precisamos nos afastar e que não me querer.”

“Eu nunca disse que não te quero.” Falo zangada no meio do choro.

Ele me dá um sorriso, que não atinge seus olhos. “Tudo bem, você não disse, só falou para eu te deixar. Coisa que eu nunca vou fazer.” Abre a boca e ele novamente me impede. “Chega! Esse assunto vai morrer aqui e nunca mais vamos falar sobre isso.” Ele senta e me puxa para sentar também na sua frente. “Vamos fazer uma promessa.” Assinto para ele e Ethan estende a mão, com a palma virada para mim. “Na minha escola, na Inglaterra, nós tínhamos um juramento que era feito com as palmas das mãos ligadas e esse juramento ou promessa feita, nunca mais poderíamos quebrar. Normalmente era por causa de alguma briga.”

“Legal.” Sorrio inerte.

“Agora vire a palma para mim e junta com a minha.”

Eu faço. “O que vamos jurar?”

Ele sorri e toca meu rosto com a outra mão. “Eu falo e você repete. Okay?”

“Okay.”

Ethan respira fundo e sorri, agora de verdade. “Isso é meio infantil, mas é verdadeiro para mim.”

“Não acho infantil, acho leal e legal.”

Seus olhos brilham e ele toma uma postura séria. “Eu juro que nunca vou te

deixar, nem mentir para você e lhe virar as costas. Prometo te apoiar com qualquer coisa e sempre estarei junto a ti para o que der e viver nessa vida.”

As lágrimas escorem eu repito o juramento e no final eu falo. “Juntos para tudo e para sempre.”

Ethan me puxa para o seu colo e encosto minha testa na dele. “Juntos para sempre. Agora me beija e pare de chorar.”

Envolvo seu pescoço com meus braços e o beijo rezando que nada me tire ele e eu dele. Eu não sei viver mais sem ele. Eu preciso, amo e agora sou dependente dele. Só preciso manter a promessa e não enlouquecer quando alguma coisa acontecer.



DOMINGO, 01 DE NOVEMBRO DE 2013.

“Ei, JOVENS. Venham ajudar a fazer o churrasco.” Brinca Aaron.

Ele e Lauren acabaram de chegar da rua, foram comprar algumas coisas para preparar um churrasco. Depois que eu e Ethan acordamos na casa de hóspedes, tomamos banho e um café da manhã reforçado. Já passavam das nove da manhã e então viemos para piscina.

“Tá legal, pai.” Ethan responde e saímos da piscina.

“Vou ajuda sua mãe.” Digo enquanto me seco e coloco um short jeans e blusa. Ele também se veste e me dando um beijo, seguimos caminhos diferentes.

Entro na casa e encontro Lauren e Juli, cozinheira da casa, preparando as coisas. Ajudo eles e quando está pronto, levamos para mesa do jardim. Levei um susto vendo que já são duas da tarde.

Almoçamos e conversamos à mesa. Uma tarde tranquila em família. Amanhã vamos embora e por isso eles pediram para passarmos hoje em casa. Agora conversarmos enquanto comemos a sobremesa. Lauren puxa o assunto sobre as travessuras de Ethan na escola e rimos horrores, menos ele. Pelo visto ele adora se meter em encrenca com Anton.

“Eu não acredito que você fez isso com a sua professora?” Falo surpresa.

Ele dá de ombros. “A ideia não foi minha. Anton que veio com as tachinhas e mandou eu colocar na cadeira da professora. Que era dele também” sorri presunçoso “e como ninguém na escola gostava dela. Todos me acobertaram e a direção nunca soube quem foi.”

“Eu soube e a direção também, e você ficou uma semana em casa.”

“Claro que soube. Não é mamãe?” Diz cético. “Nós tínhamos uma cobra no

meio de nós e não sabíamos. Se não fosse ela, ninguém iria saber nunca.”

“Talvez outra pessoa fosse contar para a escola.”

“Isso não vem mais ao caso, já passou. Mas você sabe que ela me ferrou várias vezes. Essa da escola não foi nada demais se compararmos com a última.”

Lauren entorta a boca, chateada e muda de assunto. Não consigo morrer o assunto. Estou muito curiosa para saber de quem eles estavam falando, mas não pergunto. Seria muito falta de educação.

A conversa segue tranquila e mais tarde os homens vão jogar cartas e Lauren, Hannah e eu vamos cuidar das plantas juntas. Tanto a estufa, quanto o jardim da casa são fenomenais.

“Nossa, aqui é tão lindo Lauren.” Exclamo.

“Muito obrigada, querida.”

“Eu adorei essa flor.” Falo mexendo na orquídea azul perfeita. Parece até de plástico.

Lauren chega mais perto de mim e toca com delicadeza a flor.

“Essa orquídea tem uma história interessante. Ela ficou dessa cor porque uma gota do caule da orquídea *Phalaenopsis* — a roxa — caiu na semente de cor branca, e assim ela pegou o tom azul celeste.”

“Que legal. Eu achava que ela era uma mistura de tintas. Como as rosas coloridas.”

“Não, ela foi uma criação da natureza e seu significado para muitos é a paz e a tranquilidade. Mas na realidade ela representa o amor, o poder, a beleza e a paz.” Sorri olhando para a flor e arranca uma que já estava meio caída. Limpa a orquídea e estende para mim. “Eu poderia escolher várias flores para você, mas essa é puramente sua essência, minha querida. Você me faz muito feliz em estar com meu filho. Espero que ele te faça feliz e você a ele.”

Respiro fundo e pego a flor. “Nossa, Lauren, muito obrigada e eu vou tentar.”

“Você vai conseguir.” Acaricia meu rosto. “Você era tudo que meu filho precisava, sabia. Eu sei que ele é fechado, às vezes grosso e muito reservado, mas debaixo disso tudo. É meu menino teimoso e desconfiado, mas nem sempre foi assim. Ele era mais chegado para as pessoas. Você pode notar pela quantidade de amigos que ele tem da escola.”

“E por que ele mudou?”

Ela sorri com amargura. “Foram decisões erradas e até certo ponto minha culpa.” Desvia os olhos, pega o pequeno regador e molha as plantas. “Eu não deveria ter confiado tanto em um rostinho bonito, porém as pessoas se enganam. E pode acreditar Victoria” se vira para mim. “Todo mundo sempre tem uma máscara e acaba caindo. Eu só fui boba demais e não percebi há tempo. Meu

filho infelizmente foi o mais prejudicado.”



“VAMOS JUNTAS NA COZINHA, HANNAH.”

“Não *quero* tia.” Ela responde sentada no balanço, que tem no parque de madeira que Aaron mandou fazer para ela ou para todos os netos que tiver.

Me agacho na frente dela e apoio as mãos nos joelhos. “Você não quer água?”

Ela assente.

“Então vem comigo. Estou com fome e nós podemos fazer um lanchinho. Topa?”

Fica emburrada e nega com a cabeça. Sorrio e me levanto.

“Está bem mocinha. Daqui a pouco eu trago sua água.”

Ela assente e dou beijo nos seus antes de entrar na casa. Vou em direção a cozinha e quando passo na porta do escritório de Aaron vejo Ethan entrando. Me aproximo e os escuto falar.

“Oi filho.”

“Grace me disse que estava me chamando.”

“Estava sim. Queria ter uma conversar com você.”

“Então fale, estou aqui.” Ethan responde e sinto seu sorriso na frase.

“Você está bem lá em Los Angeles? Você me parece muito bem com Victoria.”

Não escuto a resposta. Juli passa na hora no corredor e disfarço, mexendo em um quadro. Não quero que pensem que escuto atrás da porta. Sorrio e espero ela passar para me aproximar da porta de novo.

“O que é?” Pego Ethan fazendo a pergunta.

“Conversei com Sandoval, responsável geral pelo RH e ele me disse conseguiu aquilo que você me pediu.”

“Do que o senhor está falando?” Ethan pergunta e noto que está interessado.

“Sua transferência para Nova York. Esqueceu?”

Acho que não escutei direito. Ele — ele... Eu não posso ter ouvido direito. Nova York. Transferência. *Como?* Coloco a mão na boca sentindo minhas forças falharem. Meu coração quer parar.

Ele vai embora?

Olho para o chão perdida. Sem ar. Não posso acreditar nisso. Ele me prometeu ficar comigo para sempre.

“Você está bem?” Ken aparece no corredor.

“Sim. Só vou lá fora rapidinho. Pode levar água para Hannah? Ela está no parque.”

Desconfiado Ken assente. “Posso sim, mas você está bem mesmo?”

Aceno com a cabeça e lhe dou as costas. Assim que meus pés tocam a varanda da casa, desço o caminho para piscina e passo correndo pelo extenso gramado, abro o portãozinho que leva ao deck e corro pela garagem dos barcos até chegar no píer. Vou sem limites pela passarela sentindo meu coração querer pular de dentro de mim. Meus pés batem com força no píer e caio de joelhos.

“Não!” O choro preso na minha garganta verbera pelo meu corpo e minhas mãos puxam meus cabelos.

Não pode ser. Eu achei que já tinha chorado tudo o que eu podia e não podia, ontem à noite. Estava esperançosa de que agora podia ser forte junto com ele. Ter ele para mim. Para sempre.

“Não, Ethan. Fica comigo.”

Vinte & Dois

Ethan

DOMINGO, 01 DE NOVEMBRO DE 2013.



ESTOU ADMIRANDO MINHA PRINCESA e Hannah brincando no parque. Não me lembro de já ter sentido tanto medo e amor na minha vida. Medo de Victoria não aceitar de forma alguma ficar comigo, de não me querer o quanto eu a quero. E amor por ela. Eu nunca pensei que iria entregar meu coração para alguém como entreguei a ela.

E não faz muito tempo que não queria me arriscar em um relacionamento e agora estou *profundamente apaixonado*. Eu não sei se ela me ama, mas a verdade é que não ligo. Claro, que seria muito melhor se ela me amasse também.

“Sr. Ethan,” viro para Grace. “Seu pai está lhe esperando no escritório.”

Agradeço com um aceno de cabeça e caminho para onde está meu pai. Passando pelo corredor, que leva ao escritório, observo os quadros com fotos da minha família.

Anton e Jenny no casamento deles. Eles com Hannah bebê. Mamãe comigo quando eu era criança. Tem uma foto minha sozinho na Inglaterra e o maior quadro somos nós quatro; Mamãe, papai, Anton e eu na primeira casa em Los Angeles.

Porém a foto que me chama atenção está no canto, quase dobrando a esquina para a sala de visitas e entrada da casa. Paro e olho melhor.

Meu rosto com espinhas, cabelo liso demais — *que me irritava muito* — e um boné dos Lakers para disfarçar. Meu corpo de moleque sem muitos músculos. Eu tinha entorno dos meus doze anos. Estava de calça jeans e uma blusa larga dos Lakers também — *meu time no basquete e nunca mudei*.

Eu estava em um jardim florido ao lado de uma menina loirinha de vestido rosa e um laço branco na cabeça. Ela era sorridente. Minha mãe está ao nosso lado sorrindo e eu também estou sorrindo. Estamos felizes na foto. Aperto os olhos, focando no rosto da menina e confirmo minhas suspeitas.

Victoria. Reconheço a fonte que tem no jardim da casa dela e seu sorriso é inconfundível para mim agora, já que passo horas observando ela desde o dia

que a reencontrei. Ela está linda e tão pequena ao meu lado. Se eu tinha meus doze anos, ela tinha uns cinco ou seis.

Sorrio e passo o dedo por cima da imagem. *Você sempre esteve na minha vida, minha princesa e sempre vai estar.*

Respiro fundo e volto a caminhar para o escritório pensando em pedir minha mãe a foto ou roubá-la sem ela perceber.

Assim que entro meu pai me cumprimenta. Sento-me na cadeira em frente à mesa dele, ao lado da outra. O escritório é idêntico ao da casa de Los Angeles, que agora é meu.

“Fala pai, Grace me disse que estava me chamando.”

“Estava sim. Queira ter uma conversa com você.”

“Então fale, estou aqui.” Sorrio para ele. Meu pai adora andar em círculos quando começa uma conversa, já minha mãe vai direto ao ponto. Não sei se gosto mais de um ou de outro, na verdade, depende do que eles querem falar.

“Você está bem lá em Los Angeles? Você me parece muito bem com Victoria.”

Assinto com um sorriso satisfeito. “Estou muito bem e muito feliz com Victoria. Mas vai logo ao ponto que o senhor me chamou aqui pai.”

Ele rir e assente. “Queria falar uma coisa importante com você ontem, mas ainda bem que esperei para falar hoje.”

“O que é?”

“Conversei com Sandoval, responsável geral pelo RH e ele me disse que conseguiu aquilo que você me pediu.”

“Do que o senhor está falando?” Pergunto curioso.

“Sua transferência para Nova York. Esqueceu?”

“Ah... pai... Eu — eu não sei.” Gaguejo porque eu não acredito no que ele está me dizendo, ou oferecendo.

“Você não quer mais?”

Nego com a cabeça. Estou pensando.

Assim que ele me propôs a volta para Los Angeles, praticamente coloquei uma arma na cara dele e disse que eu queria minha transferência para Nova York o mais rápido possível. Mas agora eu não me vejo não estando perto do mar. Ver o sol nascer da janela do meu quarto e mais ainda na companhia da Victoria, que completa meus dias.

Ela é, hoje, a razão para eu acordar, levantar, me esforçar no trabalho. Ser reconhecido e me tornar o homem ideal para ela. Sei que meu humor não é um dos melhores, mas estou tentando não ser tão cretino com as pessoas.

Nem todo mundo é como a ordinária da Nicole. Porque eu posso colocar a culpa em tudo sobre ser tão desconfiado agora, mas a verdade é que eu fiquei

pior depois do que aconteceu com Nicole.

Respiro fundo e dou um olhar concentrado ao meu pai.

“Então pai, eu não sei. Estou muito bem onde estou agora e não quero ir agora” ou *talvez nunca. Isso depende de Victoria é claro.*

“Isso é por causa da Victoria?” Indaga.

“De certa forma é sim. Se eu aceitasse teria que ver se ela quer ir junto.”

Visivelmente ele fica surpreso. “Filho você está mesmo levando a sério esse relacionamento?”

“É claro que sim.” Respondo e tenho certeza que minha cara está torcida. “Você acha que eu estou brincando com ela?”

“É claro que não, Ethan.”

“Então...” levanto da cadeira e falo com a voz firme. “Ela é a coisa mais importante para mim agora e eu vou mantê-la comigo enquanto eu conseguir. Eu já não sou mais aquele moleque idiota e irresponsável. Eu sou um homem e já estou garantindo meu futuro. Victoria é meu futuro.”

Meu pai levanta da cadeira com a postura de homem experiente e do pai que eu conheço: camarada e leal.

“Ethan. Eu achei que nunca iria ouvir você dizer isso e se um dia acontecesse, não tão cedo.”

“Bem, pai. As coisas mudam e finalmente eu vou ter algo em comum com Anton.”

Ele assente e sei que entendeu meu recado.

Anton casou muito cedo e na época até pensamos que Jennifer estava grávida, mas a verdade era que eles eram inseparáveis e grudentos. E eu tão hipócrita, zoava da cara dele. Dizia que estava com os quatro pneus arriados, sendo que hoje eu tenho até o step arriado por Victoria. *É, o mundo dá voltas.*

Apertamos as mãos, damos o assunto como encerrado e afirmo ao meu pai que a vaga de sênior de Nova York é minha, se Victoria quiser ir comigo.

Saio do escritório e levo um susto com Sebastian.

“Senhor, a Srta. Colton está lá no píer e eu acho que está chorando.”

“Hãn?” Não entendo merda nenhuma que esse idiota fala.

“Ela saiu correndo para lá tem uns cinco minutos. Procurei o senhor, mas a Grace disse que estava em reunião com seu pai.”

“Merda” praguejo com raiva tomando caminho para fora da casa. “Da próxima vez você me interrompe.” Resmungo para esse incompetente.

“Certo, senhor.”

Desço as escadas da piscina e ainda sinto ele atrás de mim. Viro-me mais irritado. “Vai ficar me seguindo agora?”

“Ah, perdão senhor.”

“Fica aqui. Não preciso da sua ajuda para cuidar dela.”

Deixando ele para trás, corro e passo pelo portão do deck encontrando-o aberto. Pisando no píer a chamo “Victoria”, mas ela não se vira.

Estando meus passos sentindo como acabasse de tomar uma porrada forte no peito. A imagem dela com os ombros caídos, as mãos na cabeça e o corpo tremendo. *Está chorando*. Deus. Por quê?

Fecho os olhos e mordo o maxilar para aliviar um pouco a tensão do meu corpo. *Caralho*. Ela não pode estar pensando de novo em me deixar. Eu não aguento isso.

“Victoria.” Minha voz sai quebrada.

Vejo seu corpo enrijecer e os cabelos voam como uma pluma pela rajada de vento que passa justamente quando vira o rosto para mim. Seus olhos parecem soltar faíscas quando me olha e então ela solta um soluço forte, que me faz chegar até ela. Me ajoelho e a tomo em meus braços. Ela chora com força, mais forte do que na noite passada e aquele choro ainda está como um fantasma na minha memória.

“Shh...” Nino-a, balançando para frente e para trás. “Pare de chorar e fale comigo.” Ela soluça e agarra com força meu casaco. “Fala alguma coisa? Fica calma e me diz o motivo desse choro agora.” Insisto nervoso.

Victoria assente e toma uma respiração profunda. “Eu ouvi que... Você vai embora.” Ela levanta o rosto. “Você vai embora?”

“Do que você está falando?”

Ela aperta meu corpo. “Eu ouvi o que o seu pai falou com você. Sobre sua transferência.” Uma lágrima grossa escorre no seu rosto e limpo. “Você vai embora?” Sua voz falha. “Eu num... não sei porque estou chorando... eu — eu era para estar feliz. Não é?” Ela soluça e eu sinto meu coração se apertar. “Você vai ficar seguro... longe de mim. Eu — ”

“Do que você está falando?” Repito ficando nervoso.

Eu não acredito que ela está falando isso. Não pode ser. Fecho os olhos e respiro fundo. Estou com raiva de saber que é tão fácil para ela se separar de mim. As lágrimas teimosas queimam meus olhos e a dor massacra meu coração. Meus dentes rangem quando mordo o maxilar.

“Como pode ser tão fácil pra você?” Pergunto indignado.

Ela leva um susto, seu corpo chega a tremer, com minha voz rude. Me arrependo, mas não consigo me controlar. *Como ela pode não sentir nada por mim? Nada?*

“O quê?” Victoria pergunta sussurrando.

“Você fala tão fácil sobre acabar com a gente. Eu sei que não sou o suficiente para você. Você merece muito mais, mas...” fecho os olhos e apenas

escuto seu soluço.

“Não Ethan. Eu — ”

“Eu achei que conseguiria ficar com você, sem você sentir o mesmo por mim. Mas dói e muito, saber que é fácil para você desistir de mim.” Abro meus olhos e a fito. “Dói muito saber que você não me ama.”

Vejo-a se desesperar, negando freneticamente com a cabeça e o ar lhe faltar. Ela abre a boca várias vezes, mas não consegue falar, só chora e agarra minhas mãos com força.

“Está tudo bem, Victoria.” Seguro seu rosto e acaricio com o polegar. “Eu te amo mesmo assim e vou ficar com você... *mesmo assim*.” Desabafo o que está engasgado há duas semanas. “Não vou deixar você escapar de mim.”

Ela chora mais alto, descontrolada como se sentisse dor. *Por que ela está assim?* Eu não entendo isso. Ela olha para todos os cantos, passa as mãos no meu peito, ombros e nos braços. Soluça e começa a procurar algo. Eu não entendo e seguro suas mãos.

“Meu Deus, Victoria. O que você tem?”

Ela arfa sobre o seu choro. Tateia meu corpo e de repente arranca com força a chave do carro, que estava presa pelo chaveiro. Estava pensando em sair com ela.

“O que você está fazendo?”

Ela me dá um olhar aflito e sem me responder, se vira um pouco para o lado. Vejo levar a chave ao chão de madeira do pór e mexer a mão. Ela está escrevendo alguma coisa, e chorando a cada segundo. Sua outra mão segura firme a minha.

Quando termina, sei lá o que, vira-se para mim e acena freneticamente com a cabeça.

“O que foi?” Pergunto emocionado, por causa dos seus olhos agoniados.

Ela olha para o rabisco que fez no chão e eu acompanho.

TE AMO

Te amo

Te amo

Te amo

É o que está escrito. É o que ela escreveu para mim. Escreveu porque está emocionada demais para falar.

Viro meu rosto para olhar o seu e vejo o seu torcido em agonia. Ela parece estar engasgada com seu choro e eu sinto uma lágrima cair no canto da minha

face. Meu coração acelera e minha respiração fica fora de controle.

Ela me ama.

“Você me ama?”

Ela assente freneticamente e ofega. Contemplo seu rosto sem acreditar e não sei como descrever o que sinto.

“Você me ama.” Digo e a puxo para os meus braços.

Caralho! Aperto com tanta força seu corpo e desmorono, despejando e sentindo o contentamento de ter conquistado a mulher que eu amo. Solto uma lufada de ar, fazendo um som estranho ao esvaziar os pulmões e sussurro no seu ouvido.

“Diz pra mim.” Me afasto e olho seus olhos. “Eu preciso ouvir.”

Victoria treme, toma uma respiração profunda e diz com a voz instável. “Eu-eu eu amo você.”

Beijo seus lábios e encosto minha testa na dela apenas sentindo esse frenesi de sentir esse amor. Ficamos em um silêncio bom, que é cortado por um pranto baixinho de Victoria.

“Você vai embora?” Ela pergunta.

“Não. Você acha que eu consigo ficar longe de você? Acha que vou te deixar?”

Ela levanta os ombros.

“Não, Victoria. Eu não vou para lugar algum. Eu não consigo ficar longe de você e já disse. Se eu for, você vai comigo.”

Ela assente e vejo uma sombra de um sorriso. “Eu te amo” e se joga em cima de mim. “Eu preciso de você” sussurra no meu ouvido. “Preciso demais de você. Fica comigo.” Implora chorando.

“Eu vou ficar, é claro que vou ficar com você, meu amor.” Abraço-a apertado. “Eu também preciso de você.”

“Não!” Ela exclama e balança a cabeça, e continua: “Eu preciso mais... Eu preciso ter você na minha vida. Não consigo me ver sem você.” Respira, emocionada. “Só você conseguiu tapar o vazio e a dor no meu peito. A dor que eu fingia não existir. Você é a minha maior felicidade e eu preciso tanto de você, Ethan.”

“Shuu...” Sussurro e a abraço mais forte, beijando o topo da sua cabeça repetidas vezes.

“Eu amo você.” Repete mais uma vez. Ela chora baixinho, soluça e com o tempo sinto-a relaxar.

Também sentia um vazio na minha vida, mas sei que o que ela está dizendo não é isso. Entendo que, talvez, antes de mim ela fingia estar tudo bem, que tinha uma vida perfeita, porém eu vi que durante as noites não é verdade.

Victoria ainda tem medo e os pesadelos é a prova de que sofre com o aconteceu com ela. Eu quero protegê-la e amá-la para sempre. Dar uma vida digna a ela.

“E eu amo você.” Digo baixinho, sussurrando no seu ouvido.

É tão revigorante ser amado por quem se ama. É uma sensação incrível e boa para caralho. Eu não imaginava que seria assim, que eu ia sentir essa felicidade tão grande.

Afasto um pouco ela e segurando seu rosto, junto nossos lábios. Quero sentir o seu sabor, quero tê-la para mim. Eu preciso sentir ela. Sentir a sensação maravilhosa dos nossos corpos juntos. Com isso, passo meus braços por baixo das suas pernas e rapidamente levanto com ela em meus braços.



COM CERTA DIFICULDADE, abro a porta da garagem dos barcos dando graças a Deus por estar destrancada. Deixo Victoria no chão e andamos apressados para o barco que veio incluído na compra da casa. Entramos nele em um beijo atrapalhado, às cegas pelo caminho para achar a cabine do quarto. Rimos quando derrubamos um vaso.

“Vai com calma, príncipe.” Ela brinca e agarro seu corpo pelas coxas.

Ela enlaça minha cintura e quando achamos o quarto — o meu, pois cada membro da família tem o seu — imprenso o corpo dela na parede e ataco sua boca. Estou me sentindo descontrolado em uma dosagem que nunca me atingiu. Tenho que estar dentro dela. Sentir ela toda. *Minha*.

“Eu preciso te foder.”

Ela geme e agarra com força meus cabelos como sempre faz quando está perdendo o controle.

Seguro sua coxa e empurro minha ereção para o meio das suas pernas. Gemo sentindo sua boceta sobre a calcinha úmida. Ela geme de novo e joga a cabeça para trás, e acaba soltando um soluço do reflexo do seu choro.

“Vou fazer você chorar agora de prazer, princesa.”

“Ah... Ethan” ela pega meu pescoço, me puxando para ela e encosta sua boca na minha, arfante.

Ela me beija sem delicadeza ou carinho. Estamos enfurecidos um no outro. Enfio minhas mãos por dentro do seu vestido para sentir sua pele. Suas curvas que tanto amo e morro de tesão. Seguro com força sua bunda e roço meu pênis nela. Gemendo na minha boca ela se esfrega em mim e arranca meu casaco, jogando para trás de mim e coloca suas mãos dentro da blusa e empurra para cima.

“Tira, tira.” Pede afoita.

Rio e antes de levantar os braços, dou um beijo molhado seguido de uma

mordida na sua boca. Rapidamente fico só com minha calça e agarro a batinha do casaco dela e tiro junto com o vestido.

“Amo seu corpo.” Murmuro no seu ouvido.

“Também amo o seu” fala passando as mãos no meu corpo com malícia.

Pego-a nos braços de novo e caminho, quando batemos no pé da cama. Tento solta-la, mas ela está agarrada a mim e suas mãos estão nos meus cabelos, puxando-os. Com delicadeza, coloco uma das mãos em suas costas e a outra vou apoiando na cama, até nos deitar. Pairo sobre ela, deixando os joelhos dobrados sob a cama e corro minha mão nas suas curvas. Tão macia. Ela me puxa com as pernas e sorrio na sua boca. Ficamos meio de lados e assim minhas mãos alisam suas costas e sua bunda. Encontro o fecho do sutiã e tento abrir.

“Vamos tirar isso” sussurro.

Victoria assente lambendo meu pescoço. Com muita dificuldade começo a puxar o fecho. Tento uma, duas, na terceira resmungo.

“Porra.”

Ela rir e se distanciando um pouco, olha sem piscar para mim e me distraio em seus olhos. Abro um sorriso e beijo carinhosamente sua boca. Ela passa o nariz no meu e leva a mão que estava no meu ombro para trás do seu corpo.

“Me deixe ajudar” diz.

Ela puxa o fecho comigo e não conseguimos na primeira tentativa. Fazemos de novo e suas feições concentrada, me dá um tesão do caralho. Passo minha perna por cima do seu corpo e começo a perder a paciência.

“Putá que pariu, Victoria.”

Seu rosto se desmonta, perdendo a careta, e se dissolve em uma gargalhada forte.

“Não acho graça nenhuma. Estou maluco para sentir seu corpo.”

Parando de rir, ela me ajuda de novo com mais calma, mas não abre. Então levanto meu corpo, puxo o corpo dela para ficar colado ao meu e tento ver o fecho. Vejo os diabinhos dos ferrinhos e agarro, forçando a abrir ou quebrar. Foda-se.

“Amor, vou quebrar essa merda.” Rosno irritado.

Victoria se afasta de mim, ficando de joelhos na minha frente e segura o sutiã como se fosse uma camisa e começa a tirá-lo. “Pode me ajudar?” Indaga sorrindo.

Dou um sorriso perverso e fico de joelhos também. E invés de puxar para cima a lingerie, simplesmente destruo nas minhas mãos como se fosse uma folha de ofício, rasgando ao meio. Perplexa, ela abre boca.

“Eu compro um milhão desses para você depois” digo para sua careta. Chego mais perto e assim rasgo sua calcinha também, dando um puxão, que a

faz balançar. Seguro-a para não cair, dizendo; “Pode ficar despreocupada. Compro calcinhas também.” Termino de falar e a pego nos meus braços, e jogo na cama.

Ela solta uma risada e se acalmando, passa as mãos no meu corpo sensualmente. Contorna meus músculos e ergue seu rosto, fazendo um biquinho pedindo para eu beijá-la. Lógico que encontro seus lábios no meio do caminho. Deslizo minhas mãos pelas suas costas e segurando-a, volto a nos acomodar na cama.

O que eu mais quero na minha vida é venerar, amar e amparar esse corpo, essa mulher, esses olhos e esse coração que ela me deu o privilégio de ser meu.

Me levanto rapidamente e termino de me despir com seus olhos acompanhando meus movimentos. Sorrio quando ela morde a boca.

“Eu amo seus olhos, sabia?” Digo e ela assente. “Amo suas pernas. Suas coxas. Sua cintura...” Volto a me juntar a ela e vou deslizando as mãos no seu corpo conforme ficamos encaixados. “Amo sua barriga lisinha. Seus seios me matam de tesão...” abocanho um seio e vou lambendo seu colo até sua boca, sussurrando. “Amo sua pele. Seu gosto e isso leva eu a amar sua boceta...” Ela geme e enlaça as pernas na minha cintura. “Amo seu cheiro, sua boca e amo seus sons.”

Victoria assente e segura meu rosto. “Eu também amo tudo isso em você.” Murmura fitando meus olhos.

Deixo um beijo em cada pedacinho do seu rosto e falo baixinho com a boca na sua. “Amo você toda. Cada coisinha. Amo você por inteira.”

Ela abre um enorme e o mais lindo sorriso, que já vi. “Eu amo você e todas as suas coisas também. Você é perfeito.”

Engulo em seco e finalmente penetro-a com uma lentidão que me deixa tonto. *Ah porra, ela não sabe o que eu sinto quando ela diz isso.*

“Ah!” Ela geme e arqueia as costas, jogando a cabeça para trás.

Apoio minhas mãos perto da sua cintura e forço meu corpo para cima, metendo com força, fazendo nós dois gritar. Fecho os olhos, abaixo minha cabeça para lambar seu pescoço e encosto meu rosto no dela.

Victoria segura com uma mão meus cabelos pela nuca e a outra crava suas unhas na minha carne, fazendo eu rugir como um animal. Mordo seu pescoço e não paro de investir dentro dela totalmente sem controle. Sinto suas paredes me apertarem. Suas coxas tremerem e seus suspiros afogados no meu ouvido.

Putá que pariu, eu vou fazer esse momento durar o quanto puder, mesmo já estando quase *lá...* Meu saco pesa com a vontade de gozar. Bato com força meu corpo no dela, fazendo-a se deslocar na cama e tentando se agarrar a alguma coisa. Ela joga as mãos para cima e corro minhas mãos pelo seu corpo até

encontrar suas mãos e entrelaço nossos dedos.

“Se segura — ” Solto um gemido quando sinto seu núcleo me aperta mais forte. “Só mais um pouquinho.”

“Eu não consigo. Ethan!” Ela grita meu nome.

Soco para dentro dela e urro. “Consegue sim.”

Victoria olha dentro dos meus olhos com o rosto torcido, a boca aberta e arranha com força meu corpo. Merda. Estoco com força e ela grita jogando o corpo para cima, mas eu seguro e volto a estocar.

“Merda, Ethan!”

Começo um vaivém, sem pausa e agarro ainda mais suas duas mãos à cima da sua cabeça. Encontro sua boca e a beijo, sugando e passando minha língua por seus lábios. Ela geme, aperta com toda sua força as coxas. Movemos nossas cabeças para lá e para cá, em um beijo de entrega. Afoito e molhado. Então sinto meu orgasmo chegar como uma corrente elétrica passando pelo meu corpo.

“Goza” peço e ela ofega. “Goza, amor. Vem para mim, Victoria.”

“Ah...” Ela grita, “Eu te amo...” solta minhas mãos “Ethan” e agarra meus cabelos. “Ethan.”

Gozo forte dentro dela como nunca gozei na minha vida, sentindo uma espécie de calma e alívio. Solto a respiração e deixo meu corpo cair por cima do dela e puxo o ar com força.

Ela me abraça, recobrando os sentidos e a respiração. Passa as mãos pelas minhas costas, beija meu ombro e suspira. Aperto-a nos meus braços, beijo sua bochecha e murmuro no seu ouvido depois de um tempo.

“Eu não pensei que conseguiria fazer isso na minha vida.”

Ela segura meu rosto, me afastando e me olha intrigada. “O quê?”

“Confiar de novo e amar alguém.”

Seu rosto mostra confusa. Respiro fundo, saio de cima dela e deito do seu lado trazendo-a comigo. Ela se acomoda em meu corpo. Passa uma perna por cima das minhas, as mãos; uma no meu peito e a outro debaixo do meu braço, onde está com a cabeça. Minha mão livre acaricio seu braço em cima de mim.

Então explico a ela e digo tudo que aconteceu comigo nos meus quinze anos. Ela tem que saber. Conto com detalhes sem omitir nada sobre o que aconteceu comigo e Nicole. Ela fica um pouco surpresa no início, mas quando chego na parte da traição da ex afilhada da minha mãe, Victoria arregala os olhos.

“Minha nossa”, exclama ela com a testa franzida. Se senta na cama e leva as mãos à cabeça. “Por que você não disse para sua mãe?”

“A verdade?” Pergunto mordaz, sentando também e apoiando as costas na cabeceira.

“É.”

“Eu disse, mas ela não acreditou e aquela filha da puta ainda disse que perdeu um filho meu.”

Ela fica perplexa e ao mesmo tempo receosa.

“Mas era mentira e eu tenho a gravação para te mostrar se quiser. Anton fez questão de guardar as palavras daquela víbora.”

“Por que eu quero isso?”

“Para você acreditar em mim. É tudo mentira e estou te contando tudo agora para que Nicole não possa chegar na minha frente e contar a versão dela. E prometi que não haveria segredos entre nós.”

“E como ela chegaria até a mim?”

“Porque ela é a sua amiguinha da faculdade. Nicole Connor.”

Seus olhos se arregalam e ela bate na boca. “Nick?”

“Ela mesmo. Ela é uma cobra e eu não quero que ela estrague minha vida de novo.” Seguro suas mãos, nervoso. “Por causa dela eu perdi o contato com minha família, ficando longe deles. Perdi a fé nas pessoas e acabei me tornando um cretino. Me fechei e até fui afastado de você querendo ou não. Sei que possivelmente nossa relação não iria acontecer da mesma forma, mas eu ainda acredito que uma hora ia reparar em você.” Ela abre a boca, mas eu não deixo falar. “Que seja. Eu estou aqui agora. Eu abri meu coração para você. Eu confio inteiramente em você. Eu amo você.”

Ela engole em seco, os olhos marejados.

“E estou tentando ser o melhor para você e orgulhar meus pais e fazer você feliz. Nada do que aconteceu é verdade. Não liguei de ser traído por ela. Apenas fiquei puto pela mentira e dela fazer minha família ficar a favor dela, por pouco tempo, mas... Agora estou voltando a ser o antigo Ethan e quero você comigo. Você entende? Você acredita em mim?”

Ela abaixa o rosto, olhando para nossas mãos e as solta. Meu coração quase para de bater, mas volta ao normal quando ela vem para cima do meu colo, passa os braços pelos meus ombros e fita meus olhos intensamente.

“Fala alguma coisa.” Peço preocupado. “Por favor.”

Victoria dá um suspiro profundo, segura meu rosto e vagarosamente abre um sorriso sapeca. “Você acha mesmo que eu não acreditaria em você? É claro que eu acredito. Quando é que alguém faz a merda e conta para outra pessoa? Só os loucos e você não é louco.”

“Sou por você.”

Ela rir e continua. “Eu sei que você está falando a verdade. Acredito em você.”

“Minha mãe não acreditou.”

“Uma pena, meu príncipe.” Alisa meu rosto. “Mas deixa para lá. Você agora só vai ter que se preocupar com uma coisa.”

“Com o que?” Pergunto nervoso.

“Em eu parar na cadeia quando me encontrar com Nicole e enfiar a mão na cara dela. Onde já se viu enganar meu príncipe assim.”

Dou uma gargalhada e a jogo na cama e subo em cima dela. “Eu te amo mais a cada coisa que você diz e faz.”

“E eu te amei um pouquinho mais por ser a garota que te fez acreditar de novo.”

Assinto e a abraço com todo o meu amor. Eu achei aquilo que Anton disse: *Alguém para dar meu coração e receber outro em troca.*



SÁBADO, 12 DE DEZEMBRO DE 2013.

DESLIGO O ALARME E deixo o celular em cima da cabeceira. Hoje, eu e minha princesa fazemos aniversário de namoro. A cada dia que passa tenho mais certeza que ela é a mulher da minha vida.

Os dias que passamos até hoje, foram maravilhosos e nem acredito que vamos fazer dois meses juntos. Tudo dela me fascina, me deixa bobo e mais apaixonado. Passo a mão nos seus cabelos e fico admirando.

Estamos deitados na cama nova do antigo quarto dos meus pais, no terceiro andar, que mandei reforma mês passado.

Mandei abrir a porta do *closet* como o do meu antigo quarto. O banheiro é maior que o antigo e bem espaçoso. Tem banheira, duas pias, madeira e marfim como todas as suítes da casa. As paredes estão em branco e com traços em cinza. Mandei estender a varanda, como um terraço e colocar um ôfuro sobre um deck, uma mesa com duas cadeiras e guarda-sol gigantesco. Uma área particular de lazer, pensada no meu bel-prazer em curtir com Victoria. O último andar é só meu e dela.

No quarto, uma cama box king-size com a cabeceira da cama acolchoada em branco e bege. Vi Victoria passar os olhos por ela, quando fomos ao shopping e mandei estalarem ela. Parece um encosto de sofá. Tem uma antessala com duas poltronas e uma mesa de centro. E no canto do quarto, uma saleta onde fica uma estante cheia de livros, vídeo game ligado a TV de tela plana, de 45 polegadas.

Do lado de dentro é luxo, mas bonito mesmo é a vista fantástica panorâmica

das montanhas de Hollywood Hills. Fiquei muito satisfeito com o trabalho e me surpreendi com a lareira elétrica que fica na parede que é o corredor para o ôfuro.

A suíte é simplesmente foda e tem espaço para vinte pessoas, mas na minha cabeça quer dizer que tem muitas superfícies para explorar com Victoria aos berros e gemidos. E como um bom matemático e pensador, eu mandei colocar paredes a prova de som e as portas de vidro também são acústicas. *Agora podemos fazer barulho e já comprovamos isso.*

Foi como um presente de um mês de namoro a suíte e Victoria trouxe para enfeitar e fazer parte do designer do ambiente, um tapete gigante peludo e branco que mais se parece um urso morto no meio do quarto, mas eu confesso que fazer sexo em cima dele é maravilhoso.

Me levanto da cama e vou no banheiro urinar. Terminado, lavo as mãos, passa a mão no rosto com água — vou tomar banho quando Victoria acordar — e escovar os dentes. Quando termino fico me fitando no espelho e vejo realmente que meus traços estão mudando e eu estou ficando com cara de homem maduro.

Todo mundo na empresa, principalmente meu irmão, faz questão de dizer que eu estou ficando com cara de “homem”. *Como se eu fosse o que?* Um cachorro ou algo do tipo. Relevo as brincadeiras porque realmente noto uma mudança no meu comportamento, nas atitudes e na aparência física um pouco.

Eu acordo pensando em fazer meu melhor para ser reconhecido e ter meu primeiro milhão antes de completar meus vinte e sete anos, que é daqui a quatro meses. Quero que olhem para mim na empresa e pensem que eu tenho o cargo que tenho, por mérito, não porque sou filho do dono.

Resolvo meus problemas sem ajuda de ninguém. Consigo as transações financeiras sem ligar para o meu pai e ele procurar um meio para eu resolver ou ele mesmo. Chega de ser o filho do Ryan Brown. Agora sou *homem* e posso arcar com meus trabalhos, problemas, relacionamentos e etc.

Meu corpo está mais forte e eu estou fazendo com mais empenho as aulas de Boxe, MMA e Muay Thay. Até contratei um professor particular de artes márcias para me acompanhar. Não fico alimentando o perigo para Victoria, mas como minha mãe fala: *É melhor prevenir do que remediar.* Estou ficando mais forte e focado para cuidar dela.

Victoria reparou nas mudanças no meu corpo e agora me chama de Capitão América, porque ela fala que eu pareço com ele, por ser loiro e ter olhos azuis. Ela só não pode me pedir para me vestir de Capitão América e fodê-la. Isso eu não faço mesmo. Me mexo demais, suado demais e gosto de livre acesso ao corpo dela, ou seja, preciso sentir a pele dela quente e suada colada a minha e das suas unhas arranhando meu corpo.

Voltando para o quarto, lembro o final de semana que passamos juntos, semana passada. O melhor da minha vida. Fomos para o meu apartamento em Nova York e ela simplesmente realizou o meu sonho e de qualquer homem.

Flashback-On:

Pegamos o jato da empresa as oito e meia da noite e chagamos em Nova York as onze da noite, por causa do fuso horário. Subimos para minha cobertura, no vigésimo oitavo andar. Um duplex gigantesco. Ken e Sebastian ficaram no apartamento adjacente, porque eu preciso desse fim de semana sozinho com ela.

A porta do elevador privado se abre e eu deixo Victoria passar na minha frente. Ela caminha pelo chão de granito escuro indo na direção das salas. Primeiro passa na sala de estar e olha tudo. O sofá cinza em L com a mesa de vidro retangular na frente, na parede a TV de plasma de cinquenta polegadas e meu Home Theater e X-box no aparador.

Continuando; passa pelas duas poltronas com pés de aço perto do bar. Desliza os dedos nos porta-retratos na mesa de vidro antes da sala de jantar. Eu tinha que ter a presença da minha família no meu dia quando morava sozinho, mesmo apenas só em imagens. Victoria sorri para mim e assinto.

Passa direto pela sala de jantar e chega na mesa de sinuca próxima da cozinha aberta por um balcão. Uma vez quase perdi meu carro em uma partida com meus amigos da faculdade. Nós apostávamos dinheiro, porém uma vez passei dos limites.

No segundo andar têm dois quartos e duas suítes, uma delas é a minha. Totalmente intacta. Nenhuma mulher chegou a entrar lá, na verdade, nem no apartamento. Minha mãe não conta, e motel existia para isso.

Com um sorriso de cabeça baixa, Victoria passa a mão no filtro da mesa de sinuca contornando ela. Para e contempla a vista da janela panorâmica de Manhattan. As luzes acesas e dando um tom romântico ao ambiente, pois aqui dentro as luzes estão baixas.

Me aproximo dela e abraço por trás. Encosto meu rosto no dela e beijo seu rosto.

“O que achou?” Pergunto.

Ela sorri e coloca as mãos em cima da minha.

“É bonito, sofisticado e... Um apartamento de solteiro.” Vire-se em meus braços. “Você tem um monte coisa. Um belo lugar.” Murmura com um sorriso no rosto e fitando meus olhos.

“Obrigado e eu era solteiro.” Rio.

Ela assente e passa os dedos no meu colarinho, abre dois botões da minha blusa de linho e vem uma coisa na minha cabeça, e digo:

“Uma vez meu amigo que morava aqui falou que eu tinha tudo aqui e por algum motivo disse que falta algo.” Sorrio e acaricio seu rosto. “Hoje eu sei o que era. Você. Você era o que falta aqui e na minha vida.”

Victoria engole em seco e suspira. Desvia os olhos para minha boca, morde o lábio inferior e volta para os meus olhos. “Você é um chato de tão romântico.” Sua voz está emotiva.

Dou de ombros, sorrio e ela me beija. Fechamos os olhos e tocamos os lábios vagarosamente. Então tirando seus pés do chão e a levo para o sofá.

Minhas mãos passam por todo seu corpo sentindo suas curvas e ela tira meu paletó, despenteia meu cabelo e estou quase arranco o sobretudo dela. Eu sei que está frio em Nova York. O inverno castiga aqui, porém estou queimando por dentro e sem contar que sou calorento.

“Amor, pega uma bebida para nós.” Victoria interrompe minhas mãos e nosso beijo.

“Mas?”

“Por favor” pede baixinho.

“Claro.” Digo e vou pegar as bebidas para nós no bar.

Estou terminando de servi as bebidas e de repente um som invade o ambiente da sala — Como uma garota inteligente que ela é, sabia que não teria dificuldade para mexer no meu controle remoto máster. Ele mexe em todos os funcionamentos do apê. Liga das luzes, a TV, DVD, X-box, Home Theater e a lareira elétrica. — com uma música sensual e as luzes da casa ficam mais baixas e a lareira é ligada. Saio de trás do bar e não a vejo no sofá.

“Victoria?”

“Senta no sofá da janela, Ethan.” Sua voz surge, mas ela não.

“Cadê você?”

“Senta.”

Sorrio e sento no sofá com meu uísque e deixo seu vinho branco na mesinha. E então vejo saindo por de trás de uma coluna do apartamento ela sair. No primeiro instante vejo apenas um brilho e ganhando foco, sinto meu coração parar.

“Uau.” Deixo escapar baixo.

Puta que pariu. Ela está usando a lingerie da Victoria's Secret que eu dei para ela.

Sorrindo ela vem andando para mim lentamente e dá uma voltinha mostrando a cinta liga ligada ao corpete cintilante azul. Os cabelos estão soltos e ela repassou o batom. Seus lábios estão divinos.

“Gostou?” Ela pergunta com as mãos na cintura, mexendo o corpo para lá e para cá.

Tento responder três vezes, mas nem consigo pensar direito e sou obrigado a aperta meu pênis, sentindo-o endurecendo. “Mui-muito, querida. Gostei muito.”

Ela dá uma risadinha e chega perto de mim, pega o vinho, beberica e volta a taça na mesa.

“Você vai dançar para mim?” Indago ansioso.

Ela assente.

Faço menção de me levantar e ela faz que não com o indicador. Porra isso é sexy.

“Eu vou dançar e você vai assistir.”

“Só assistir?”

Ela assente de novo. “Eu quero que você fique quietinho no sofá e não me toque.”

“O quê?” Pergunto já com o sangue correndo no corpo com mais força.

“Isso mesmo, príncipe. Não pode me tocar.” Murmura e começa a rebolar quando a música muda, na minha frente como uma daquelas dançarinas de boate, que já assisti milhares de vezes. Mas muito melhor, porque a mulher é minha. Só minha!

Victoria move o corpo sensualmente, passando as mãos nas pernas, na barriga, acariciando os braços até sua nuca e levanta os cabelos rebolando e fica de costas para mim. De costa vejo a volta da sua bunda redondinha e gostosa. Meus lábios vão acabar sangrando de tanto que mordo e meu pau vai quebrar.

Ela volta a ficar de frente para mim, se aproxima. Fica na minha frente e passando as pernas nas minhas, senta no meu colo. “Abre o corpete. Só abre” diz baixinho, sedutoramente.

Aceno com a cabeça e solto os laços e os botões das casas enquanto ela dança para mim no meu colo. Deus! Ela está em cima do meu pau duro se remexendo. Tiro a parte de cima da lingerie e sem resistir, beijo seu ombro. Victoria geme e segura minhas mãos.

“Você já fez isso que eu sei e sabe que não pode.”

“Mas porra Victoria, você é minha. Elas não eram.”

Ela gargalha e sai do meu colo.

“Volta aqui.”

“Eu ainda não acabei.”

“Amor...”

“Na-na-ne-na não!” Murmura fazendo biquinho e nega com a cabeça.

“Quero que assista.”

Ela volta a dançar e agora só com a parte de baixo. Sinta liga, meias e a calcinha que eu consigo ver tudo. Suas mãos sobem pelo seu corpo. Ela joga a cabeça para trás quando a música pega um ritmo mais rápido e segura seus seios com firmeza. Abre a boca, desliza as mãos mais para cima, passando por trás do pescoço e volta a ficar de costas para mim levantando os cabelos e me dando a perfeita visão da sua nuca.

Fico apaixonado e extremamente excitado com sua performance. Quero muito saber como ela sabe os pontos fortes para me atingir. Nuca, seios, boca aberta, cabelos em movimentos e ainda faz o favor de jogar a cabeça para o lado, deixando os cabelos voarem e movimenta com os ombros como se tivesse com frio. Esses pontos são o fraco de qualquer homem.

Meu Deus, eu não aguento. Abro minha blusa de linho, mostrando para ela meu corpo e sei que fica maluca. Victoria morde o indicador e vem para mim e... começa a dançar como o lap dance, mesmo, em cima de mim. Eu viajo minhas mãos no corpo dela. Passo um tempo me comportando, mas não muito.

Pego seus seios, dou uma lambida e trago-a mais para perto. Mordo seus ombros, fazendo-a gemer. Cheiro seu pescoço, mordo sua jugular sentindo sua pulsação alta e ela moi a pélvis, esfregando-se por cima do meu pênis.

“Ah querida” arfo.

Ela termina de abrir minha blusa, arrancando os botões à força e tira apressada.

“Ethan.” Exclama jogando a cabeça para trás quando mordo o bico do seu seio.

Victoria espalma as mãos no meu peito e se levanta.

“Está fazendo o que?” Pergunto confuso.

Ela responde abrindo minha calça, puxando para baixo e fico nu em um piscar de olhos. Victoria fica de pé e então desliza as mãos no meu peito, coxas e fica de joelhos. Sem esperar, ela pega meu pênis e enfia na boca.

“Putá que pariu.” Urro e seguro seus cabelos.

Ela faz um boquete maravilhoso. Como gosto. A prática leva a perfeição. Aprendemos a administrar o prazer do corpo um do outro.

Quase gozando, dou um aperto mais forte nos seus cabelos e na mão que está em meu peito. Ela para dando uma lambida na cabeça e vem subindo com a boca aberta, passando no meu peito até subir e encontrar minha boca ansiosa por ela. Nos beijamos e calmamente faço-a ficar no meu colo. Rasgo sua calcinha e a penetro de olhos fechados e com força.

“Oh céus” grita jogando a cabeça para trás.

Forço para cima, investindo dentro dela cheio de fome e desejo pelo seu

corpo. Nossa, sempre parece que a última vez que transamos será a memorável ou a melhor, mas a verdade é que não importa. Sempre é único. Sou maluco por ela. Apaixonado por quem ela é e meu pau não cansa nunca dela.

Gozamos entregues a uma paixão intensa. Vagarosamente, vamos relaxando, nossas respirações ficando estáveis e o suor secando. Ainda bem que ela ligou a lareira. Dá para sentir um pouco do frio do lado de fora.

Ficamos caídos no sofá, na mesma posição. Victoria passa as mãos nos meus ombros e meu abraço a aquece. Na verdade, nosso abraço nos aquece. Arfo e beijo seus cabelos.

“Por que você quis fazer isso aqui?”

Ela sobe o rosto com um sorriso sapeca. “Porque na sua casa em Los Angeles eu ainda me sinto perto demais dos meus pais para fazer esse tipo de coisa. Sei lá.” Ri e me beija. “Acho que aqui sinto como estivíssimos sozinhos. Entendeu?”

“U-hum.” Afirmo e ela me olha intrigada.

“Você não gostou que foi aqui?”

“Porra. Está brincando? Eu amei e por favor, quero de novo. Nem que eu viaje com você para o Havaí.”

Ela ri alto e diz: “Mm... Eu gosto da ideia. Nunca fui no Havaí.”

“Então nós vamos com certeza.”

Flashback-Off:

Esse foi o melhor final de semana da minha vida de os tempos. Até agora. Nós fizemos amor por cada parte do apartamento. Saí com ela para conhecer os lugares que eu ia — não todos, porque não são todos ambiente para levá-la.

Apresentei ela aos meus amigos da faculdade, que ainda moram lá e os que são nova-iorquinos mesmo. Victoria fez sucesso com eles. Todos a adoraram e Richard me perguntou se vou casar com ela. Não lhe desrespeita, mas respondi que sim. Não consigo me imaginar casar, construir família com mais ninguém. Não gosto nem de imaginar ela casando com outro homem.

Agora me vejo torcendo para ela receber com o coração aberto meu presente. Ele é muito valioso sentimentalmente e guarda uma coisa dentro dele que ela não pode desconfiar. Não que ela vá ficar chateada ou coisa do tipo, mas acho que não vai entender meus motivos.

Eu sei que no relógio de ouro da Chanel que ela usa no pulso, tem um chip rastreador de longa distância. Foi presente do Ryan, e ela disse que ele fez questão de contar para ela sobre o chip. No meu caso eu não vou contar porque não quero que ela ache que eu estou paranoico.

O chip que eu mandei colocar no presente dela é um microchip de longa distância também, a prova d'água e tombos. Mesmo que ela jogue ou deixe cair, não vai danificar.

A maior arma e esperança para esse presente não sair do alcance dela — que ela não o tire nunca — é que ele tenha um valor e significado inestimável. E ele tem mesmo. Vou dar de coração e com a esperança de nunca precisar usá-lo e que aceite o que representa. Que ela é profundamente minha.

Chego perto da cama, coloco a sacola na mesa de cabeceira do seu lado.

Sorrio olhando deitada. Pernas jogadas e espalhadas para o seu lado e o tronco e braços para o meu lado, abraçando o meu travesseiro. Subo o edredom, entro debaixo e encontro seu corpo quentinho e macio. Abraço e beijo seu ombro.

“Mm...” Ela geme, manhosa e sexy.

“Bom dia, minha coisa linda, quente e gostosa.”

Ela abre um sorriso sonolento lindo e vejo as bochechas incharem ficando vermelhas. Remexe o corpo, ficando mais junto ao meu corpo.

“Bom dia, príncipe feliz.”

“Como você sabe que eu estou feliz?”

“Porque eu sei” ela responde e se vira para mim. “Feliz aniversário de dois meses. Nossa. Já foram dois meses?”

Assinto e ela sorri.

Chego meu rosto mais perto e dou um beijo na sua boca. Ela passa os braços por trás da minha cabeça, puxando meus cabelos. Minhas mãos afagam seus braços e ela sobe a perna direita, abraçando minha cintura com ela. Minha língua se enrosca na dela e começamos a gemer.

Sua respiração profunda me ascende. Sorrio na sua boca e pego com força sua cabeça, enterrando meus dedos nos seus cabelos. Gememos, reclamamos, resmungamos, mordemos a boca um do outro. Victoria força meu corpo a ficar mais para cima do dela e eu vou praticamente engolindo ela. Devoro sua boca enquanto ela também devora a minha.

Suas pernas vão para cima de mim, meus braços travam seu corpo junto ao meu. Seus dedos massageiam com fúria meu coro cabeludo e puxam às vezes meus cabelos. Aperto sua carne, coloco minhas mãos embaixo do seu corpo, abraçando-a com mais força.

Nós gememos mais alto, respirando e sentindo falta de ar, mas não paramos. Ela arranha meu ombro e eu desço minha mão e aperto a bochecha da sua bunda. Mexemos o corpo fervendo de fome um pelo corpo do outro e eu estou com o pau duro e pronto para ela, mas agora nós estamos transando com nossas bocas e é muito gostoso. Minha língua passa por cada pedacinho da sua

boca e a dela faz o mesmo. Quando elas se encontram causa um frenesi louco dentro de mim.

Vamos desacelerando e nos beijando com carinho: Só lábios, mordidinhas, sons de lábios se estalando. Um beijo adolescente e apaixonado. Paramos e a vejo sorrindo de olhos fechados. E quando os abre, estão intensamente verdes.

“Isso foi maravilhoso. Acho que batemos um record de beijo.”

Rio assentindo. “Provavelmente.” Dou um estalinho nela e estico o braço, e pego o presente. “Espero que goste e nunca o tire.” Digo entregando.

Vinte & Três

Victoria



SENTO NA CAMA e sinto o coração disparar quando pego a bolsinha de papelão. Antes de abrir, olho Ethan. Ele parece estar ansioso e até um pouco... *nervoso*? Não sei, mas eu acho fofo isso e sorrio.

Abro a bolsa e encontro dentro dela uma caixinha azul do mesmo tom, abro a mesma — desfazendo o laço que a envolve — e meu coração pula dentro do peito. Tem uma caixinha de veludo preta, que serve para abrigar normalmente anéis. A *Tiffany & Co.* usa caixas largas ou retangulares para colares e brincos, então... *Isso é um anel?*

Abro a caixinha e... Meu Deus. Olho para Ethan e para o presente.

“Uau.” Exclamo me sentindo inquieta.

Um anel de ouro branco cravejado de pedras brilhantes, uma pedra de esmeralda cortada em triângulo no meio — enorme — brilha dentro da caixinha. É o anel mais lindo que eu já vi.

“Nossa. É perfeito” falo admirada. Não consigo parar de olhar.

“Veja as laterais.” Ele orienta e eu faço.

Oh meu Deus do céu. Bato a mão na boca absolutamente emocionada e surpresa. É o símbolo Claddagh. Tiro meus olhos do anel e olho para Ethan já sentindo o gosto salgado das lágrimas.

“Você me deu um Claddagh?”

Ele assente engolindo em seco. “Eu pensei na melhor forma de dizer o que eu sinto por você. Então eu perguntei a moça da loja sobre os anéis e ela mostrou um Claddagh e me contou o significado.”

Assinto, mordendo o lábio inferior tentando não chorar.

“Você conhece?” Ele questiona calmamente.

“Nana Maya me contou.”

Ele assente e pega minha mão, e sinto as dele suando. Respira fundo e fala com a voz baixa e apaixonada:

“Como você sabe, o símbolo Claddagh tem uma história rica na cultura Irlandesa. O símbolo Claddagh é tradicionalmente composta de duas mãos que

representam confiança e fé” ele pega o anel e mostra as mãozinhas “segurando um coração coroadado”, e agora mostra a coroa em cima do coração e depois ergue o rosto para mim. “Representa o amor absoluto. Bem, a moça da loja disse que normalmente é um anel de noivado — ”

“Quê?” Meu coração faz um solavanco. Assim eu não aguento.

Ethan sorri e aperta de leve minha mão direita. “Calma, Victoria, não estou lhe pedindo em casamento. Não hoje, não agora, não ainda, mas um dia eu vou.”

Aceno que sim com a cabeça e agora foi minha vez de engolir em seco.

“Eu mandei fazer um anel especial para você. A pedra de esmeralda é por causa — ”

“Dos meus olhos?” Sussurro.

“É por causa dos seus olhos sim e o anel representa meu amor e que estou lhe entregando meu coração. Bem, eu não preciso desse anel para isso, mas é uma forma de mostrar isso para todos e de dizer que você é minha.”

Sorrio e *paralisada* assisto ele colocando o anel no meu dedo anelar. Depois que ele termina, fica um bom tempo fitando minha mão. Nossa. Solto um suspiro de tão perfeito, tão sufocante que é esse amor todo. Ele é meu e eu sou dele e se possível para sempre.

Levanto meu rosto e olho para os seus olhos com as vistas embaçadas. “Eu te amo tanto, Ethan.”

Ethan afaga meu rosto com as costas da mão. “Eu fico muito feliz de você me amar. Você não sabe o quanto, e como eu amo você. Imensamente.” Murmura e beija com ternura minha mão e eu repito o gesto na mão dele. Quando levanto meu rosto e me afasto, ele diz: “Você gostou.”

“Amei. É lindo” falo e me jogo nos seus braços.

Ele me ampara abraçando e beijando minha boca com todo seu amor e carinho. E eu faço o mesmo, beijo-o com todo meu coração, segurando seu rosto. Nos afastamos e ele pega minha mão de novo e deixa um beijo casto sobre o anel. Abro um sorriso bobo para ele, dou uma fungada emocionada e falo: “Obrigada, amor.”

“Não há de que e eu quero que você nunca tire ele.”

“Nunca?” Sua exigência traz meu humor de volta e sorrio.

“Nunca, nunca, nunca” repete e me derruba na cama e começa a fazer cócegas nas minhas costelas.

Bato na mão dele. “Ah! Para.”

“Não. Agora me diz que nunca vai tirar ele.”

“Por quê?” Berro entre risos.

“Porque eu quero que não se esqueça de quem você é e que todo mundo saiba disso também. Você é minha.”

“Nossa! Isso é muito possessivo, Sr. Brown.” Dou uma gargalhada.

Ele nega e não para de fazer cócegas em mim com uma carranca, mas é brincadeira. Dou gargalhada e aperto suas mãos sobre minha cintura.

“Por favor...”

“Só se prometer — ”

Tapo a boca dele e digo: “Eu já sou sua. Ninguém precisa saber disso e nem de uma anel para isso. Só tenho olhos para você.”

“Mas eu preciso disso e você tem que saber, Srta. Colton. Que tem um homem apaixonado, obcecado, possessivo, compulsivo por você.” Dou risada e ele baixa o corpo para enfim encostar sobre o meu. “Um tipo de homem doentio que quando ama uma mulher, fica cego, louco e viciado. Você me estragou e agora eu quero que todo mundo saiba que você é minha. Entendeu?”

“Oh! Minha nossa, Ethan” balbucio apaixonada e agarro seu pescoço, abraçando-o com força. “Você é tão maravilhoso. Te amo, amo, amo, amo” minha voz vai diminuindo conforme pronuncio a palavra mais linda do mundo para o meu homem mais lindo do mundo. Por dentro e por fora. Dou vários beijinhos no seu rosto e sussurro no seu ouvido. “Você está apaixonado?”

Ele levanta o rosto, sorrindo de orelha a orelha como uma criança em uma loja de brinquedo, aperta minha cintura e responde com a voz rouca, incrivelmente sexy e deliciosa. “*Profundamente apaixonado.*”



TOCK TOCK TOCK — Alguém bate na porta da suíte, interrompendo nosso amasso: quentinho e aconchegante.

“Já vou.” Ethan diz parando de me beijar.

“Hun...” resmungo quando ele começa se afastar de mim e levantar da cama.

“Deixa eu atender Ruby. Ela deve ter trago o café da manhã para nós na suíte. Tinha pedido ontem.”

“Mm... Serviço cinco estrelas?” Brinco e me sento na cama. Adoro quando ele pede o café aqui. Na nossa suíte simplesmente irreel.

“Para você sempre o melhor.” Vejo-o pegar uma calça de flanela, que estava em cima do sofá que fica na frente da cama. Amo ele com essas calças. E contemplo seu corpo caminhar até a porta, mas antes de abrir, detém os passos e vira-se para mim. “Se cubra.”

“Eu estou de calcinha.” Cantarolo rindo e me enterro debaixo das cobertas. “Seu possessivo.”

“Você vai ver quem é possessivo.” Ele replica e escuto abrir a porta. “Bom dia, Ruby.”

“Bom dia, senhor e...” um silêncio se estala no quarto, mas logo ela volta a falar. “Cadê a menina?”

“Não sou menina.”

Ruby ri e Ethan fala: “Viu, Ruby. Ela acordou de mau hoje.”

“Para de falar de mim. Seu rabugento.”

“Ah, mas ele não faria isso. Ele seria a última pessoa do mundo a falar algo de ruim da senhorita.” Ruby fala humorada.

Solto uma risada. “Eu sei. Ele é um fofo.”

“É sim.” Ela concorda.

“Parem com isso de que eu sou fofo” Ethan reclama, mas sei que é de brincadeira.

“Certo, senhor.” Ruby fala, entrando na brincadeira. “Enfim, senhorita. Você quer que eu traga aquilo até aqui agora?”

Ai caramba. Fiquei tão feliz e empolgada com o anel que esqueci o presente do meu príncipe.

“Sim, Ruby. Com certeza.”

“Vou pegá-lo.”

Escuto a porta se fechar de novo e um Ethan pesado está em cima de mim.

“Caramba. Você é pesado.” Brinco, mas é verdade.

“Shu...” Ele levanta a coberta e me olha desconfiado. “Que história é esse de eu ser fofo?”

Sorrio abertamente e balanço a cabeça. “Mas você é.”

“Hun.” Resmunga. “Vou te mostrar quem é fofo, logo que a Ruby voltar com o que você está me escondendo.”

Faço cara de inocente e ele morde minha boca.

“Segredos é?”

“Não, é uma surpresa. Seu presente.”

“Sei...”

Escutamos a porta se abrir de novo. Ruby traz o meu presente no colo com todo cuidado e Ethan vira o rosto em direção da porta e levanta da cama em um solavanco. “Putá merda, Victoria.”

“Toma, é todo seu.” Ruby diz colocando nos braços de Ethan o presente “Vou deixá-los a sós” e sai da suíte com um sorrisinho e pisca o olho para mim fechando a porta.

Rio baixinho e me desvencilho das cobertas. Visto meu hobby de seda branco, que estava no sofá da cama e sento no mesmo, ao lado do meu namorado congelado.

“E?” Pergunto curiosa. “Gostou da surpresa?”

Ele fica estático olhando para a coisa peluda, caramelo no seu colo e depois

de uns segundos faz um carinho no bicho. O cachorro lambe minha mão quando eu vou fazer carinho na sua cabeça também.

“Diz alguma coisa?” Peço e fixo meus olhos no perfil dele, vidrado no Golden Retriever de três meses e meio. “Você não gostou, é isso.” Levanto chateada e sigo o caminho do banheiro.

“Ei. Ei. Ei.” Ethan agarra meu pulso, fazendo eu virar meu corpo para ele. “Amor, eu só estou surpreso e um pouco nervoso. Nunca tive um cachorro.”

“Mas você gosta deles, não é? Zeus é seu amigo. Você o adora.”

“Gosto, é claro” murmura agitado. “Mas eu nunca tive um. Só meu. Não sei como cuidar.”

“E eu sirvo para que? Você acha que eu não vou te ajudar?”

“Não foi isso que eu quis dizer.” Diz contrariado.

Suspiro e abaixo a cabeça. Olho para o cãozinho deitado, já dormindo debaixo do sofá em frete a pequena sala de leitura.

“Se você quiser eu fico com ele.”

“Claro que não Victoria. Eu gostei do presente.” Ele puxa meu rosto para fitar meus olhos, beija meus lábios e abraça minha cintura, colando meu corpo ao dele. “É um presente com muita responsabilidade e se você ajudar, eu vou ficar mais calmo.”

Assinto, um pouco sem ânimo e ele me pega no colo, me joga na cama e fica em cima de mim.

“Eu juro que gostei e tira essa cara amarrada. Não combina com a minha princesa.”

Respiro profundo e faço um carinho no seu rosto, pensando a melhor forma de dizer o porquê eu dei um cachorro de presente.

“Sabe, eu quis te dar um cachorro porque você tem de tudo e o que você quiser comprar, você compra. Eu pensei em lhe dar um relógio lindo que eu vi na Armani, mas você tem vários. Então eu passei em frete ao Pet-Shop e vi o cachorro. Eu me apaixonei e você sabe como eu amo animais.”

“U-hum, eu sei.”

“Então eu pensei em lhe dar ele para deixar a casa mais alegre e viva.” Faço círculos com o indicador no seu ombro e falo acanhada. “E também porque eu queria um cachorro para me distrair aqui quando chego na sua casa e você não está.”

“Número um: Eu tenho tudo mesmo e o mais valioso é você.” Pisco meus olhos para ele envergonhada. “Número dois: Eu não me importaria de ganhar mais um relógio, porque tudo que você me dar é mais significativo.” Abro um sorriso e remexo meu corpo embaixo dele. “Número três: O que tornou minha casa e minha vida mais alegre foi você. E mesmo eu gostando da ideia do

cachorro. Você já faz o serviço de alegria meus dias, querida.”

“Oh!” Jogo meus braços nos seus ombros e as pernas eu enlaço na sua cintura.

“E número quatro é mais importante.”

“O quê?” Pergunto sorrindo.

“Você podia ficar aqui já.”

“Como assim?” Franzo a testa.

“Morar aqui.”

“Ah...”

“Calma. Venha se você quiser. Não se sinta pressionada, mas eu acho mais fácil ficar de uma vez aqui já que vem todos os dias.

“Posso pensar?”

“Claro que pode, amor.” Ele rir e emenda: “E agora vou mostrar que sou distração o suficiente...” deixa a frase morrer.

Ele levanta um pouco o corpo, puxa o laço do meu hobby de seda, começa a distribuir beijos no meu maxilar, pescoço, clavícula, desce para os meus seios, passa o rosto no meio, arranhando minha pele com a barba de dois dias e — Eu amo essa barba quando começa a crescer. Oh céus! — abocanha um seio de cada vez suavemente. Mas antes de eu começar a sentir um calor lá em baixo, ele volta o rosto para cima e sua boca encontra a minha sedenta.

Paramos quando estamos ofegantes e quase saciados. Sabemos muito bem que precisamos de mais, porém meu estômago ronca de fome. Tinha que ser. Ethan solta uma risada e se afasta um pouco de mim. Poxa. Estava tão bom ficar agarradinha ao meu amor numa cama quentinha e macia.

“Vamos tomar café e depois um banho de banheira. Eu preciso resolver umas coisas no escritório e você tem a bendita” diz irônico “aula de sábado.”

“Hum. Eu sei...” Afirmo *super feliz*, né.

Quando ele começa a se levantar, não deixo. Abraço ele de volta e passo as mãos nas suas costas definida e quando ele eleva o corpo para olhar o meu rosto, sinto seus músculos flexionar e isso me dá um tesão inexplicável. Eu amo o corpo dele.

Suas feições estão neutras e eu lasco um beijo dos seus lábios carnudos e gostosos, e rio.

“Você quer que eu perca o emprego?” Pergunta com os olhos cerrados.

Rio alto. “Como isso fosse possível e hoje é sábado. Você não deveria ir nem trabalhar.”

“Não duvide do meu pai.” Ele levanta e me puxa para sentar na cama com ele. “Enfim, mais tarde temos nosso jantar romântico.”

Assinto sorrindo, feliz da vida.

“E vou fazer amor com você até o dia virar.”

“Mm... Eu gosto disso.”

“Idem e seria tão mais fácil se você ficasse todo dia aqui.”

Solto uma risada forte e balanço a cabeça. “Não me pressiona.”

“Eu não estou. Só...”

“Está bem.”

Ele ri e quando nos ajeitamos, vamos para a mesa. Comendo fico olhando-o e pensando no assunto.

Eu o amo demais. Amo de verdade mesmo, mas não quero já morar com ele. Eu já passo de sexta — *depois da academia ou das festas inusitadas de Clara* — a segunda com ele. Terça acordo aqui e ele me leva para a faculdade. Nos outros dias nos vemos na academia e ele me leva para casa. Muitas vezes namoramos na casa da piscina e sem sexo.

Eu já passo muito tempo com ele e não vejo motivo de moramos juntos tão cedo. Nós não nos desgradamos e ele está pior que os seguranças me monitorando. Eu não reclamo, mas é sufocante às vezes.

Enfim, não sei se devo morar com ele por enquanto, mas talvez nas férias fique aqui. Não tem nada de ruim nisso. Acho que meus pais não vão reclamar. Afinal a casa dele é muito perto da dos meus pais.



COMEMOS NA MESA DO LADO DE DENTRO, porque está frio demais lá fora e enquanto eu tomo uma vitamina de morango que Ruby fez — essa mulher tem que ser colocada em um potinho — Ethan está com o cachorro no colo. Meu namorado bonzinho o pegou no colo e agora discute um nome para colocar nele.

“Você tem cara de que?” Ele questiona e ergue o cãozinho na frente do rosto.

“Bupi?” Dou a ideia.

Ethan vira o rosto para mim em uma careta. “Sério?” Volta a olhar o cão. “Você é macho demais para isso. Calma.”

Reviro os olhos, apoio meu rosto na mão direita e olho para eles. O movimento faz a luz do sol bater no anel e espelhar pontos brilhantes no rosto de Ethan. Ele vira o rosto sorridente para mim e exclama:

“Já sei.”

“Sabe?” Pergunto curiosa.

“Prince.” Ele exclama. [*tradução livre, seria príncipe.*]

“Você não vai colocar o seu apelido no seu cachorro.”

“Nosso cachorro. E qual o problema? Ele vai ser o nosso mascote.”

“Mas eu dei esse apelido a você, Ethan. Não tem graça.”

“Ué? Os cachorros não são tratados como filhos às vezes? É como eu colocasse o meu nome no meu filho.” Ele vira o rosto para o cão e diz: “Prince Junior.”

“Quanta criatividade” resmungo, mas reprimo a vontade de rir.

“Prince fala para mamãe.” Ele estende o cãozinho na minha direção. “Você não vai me amar porque eu tenho o nome do papai?”

Caio na gargalhada de doer a barriga. “Meu Deus,” abano o rosto. “O Anton te possuiu?”

Ethan aperta os olhos, entorta a boca e coloca o cachorro no chão, e se levanta da cadeira. Chega até onde eu estou e me pega no colo de mau jeito. Uma perna ele segura, a outra está meio que envolta da sua cintura e meu corpo está um pouco sobre seu ombro e seguro com firmeza seus braços, que me circulam com força.

“Ah! Meu Deus. Me solta Ethan.”

“Só na banheira onde eu vou te provar que eu não sou o Anton porra nenhuma.”



DEPOIS QUE TIVEMOS UM BANHO UM POUCO DEMORADO DEMAIS, onde eu tive dois orgasmos. Ethan me leva para a faculdade e vai trabalhar.

O dia passa normal. Assistio a aula, que na verdade é um filme. Até os professores não gostam de dar aula fim de semana. Para que inventaram isso então?

Quando a termina, vou em casa e almoço com minha mãe. Na mesa, ela pega minha mão e arfa surpresa. Acho que acabou de levar um susto com o anel no meu dedo.

“Victoria você está noiva?”

Meus olhos quase pulam para fora e engolindo em seco respondo: “Não mãe. É só um anel de compromisso. Presente de namoro do Ethan. Nós completamos dois meses hoje.”

“Esse menino.” Ela murmura e processando a informação, puxa mais minha mão. Vira para o lado, para o outro, coloca os óculos de leituras, que estavam ao seu lado na mesa e diz surpreendida: “Isso é um Claddagh.”

Confirmo com a cabeça.

“Que romântico. Ele te ama mesmo, querida.” Fala dando um apertãozinho na minha mão.

“E eu o amo da mesma forma.”

“Oh, minha querida. Você encontrou o amor tão cedo quanto seu pai.”

Franzo a testa. “Você e papai se conheceram muito cedo?”

“Ah... É é-é.” Assente algumas vezes. “Nós nos conhecemos bem novos e isso é de família, né. Afinal o Anton também se estabilizou com Jennifer ainda no colegial.”

“É verdade. Eles se casaram muito novos.”

Mamãe assente e sorri. “Você já mostrou a Cora? Ela vai ficar muito feliz.”

“Sobre o anel não, mas vou ligar assim que terminar aqui.”

“Certo, faça isso.”

Voltamos a comer e eu anoto mentalmente que tenho que ligar para Clara e Cora para mostrar o anel e dizer as últimas fofocas.

Elas sabem de tudo que se passa comigo e com Ethan. Clara, é obvio que faz aquele show. Exagerada como sempre. Já Cora, se comporta de um jeito mais tocante até. Ela fica me ouvindo falar do Ethan e o que fazemos, como foi nosso final de semana e sempre detecto em seus olhos uma emoção. Um brilho de contentamento pela minha felicidade. Cora é como um amuleto para mim. Um pózinho de alegria. Basta eu abraçá-la às vezes e eu melhora — se estiver ruim — e me renovo — quando me sinto fraca. Isso é desde criança.



APÓS DUAS HORAS NO TELEFONE COM CLARA e mais uma hora com Cora, eu levanto da minha cama. Pego a roupa da academia e vou me encontrar com Ethan.

Como sempre, logo que nos vemos, nos beijamos e ficamos agarradinhos o percurso todinho até a academia. Hoje não iremos demorar.

Chegamos e vou correr meus trinta minutos na esteira, ao lado dele. E eu quase — sempre — morro do coração com a visão do seu corpo suado e em movimento.

A imagem dele correndo, suando, os músculos rígidos, as veias saltadas do esforço e o sorriso que ele me dá quando nossos olhares se cruzam. Me faz sentir mole e por duas vezes, quase caio de cara na esteira.

Acabamos nosso aeróbico, descemos para o salão dos aparelhos e nos separamos para fazer nossas séries. Faço meu treino tranquila e de vez em quando, espio Ethan e ele também faz o mesmo, *normal*. Quando vou fazer agachamento, ele aparece do meu lado.

“Quer ajuda?”

“Como?” Pergunto virando o rosto para o lado, enquanto coloco as anilhas na barra, no apoio do agachamento livre.

“Para fazer o agachamento.” Responde.

“Não precisa,” ajeito minha blusa e minha calça legging “estou acostumada. Obrigada.”

Ele assente, cruza os braços sobe o peito e apruma a postura mais ainda. Sorrio para ele e passo o corpo por debaixo da barra, arrumo ela, alinhando-a sobre os meus ombros, levanto o corpo e suspendo a barra com oitenta quilos, ajeito a postura. Joelhos levemente flexionados, bunda empinada, barriga para dentro, peito para fora. E começo a fazer o movimento. Puxo o ar, agacho, sustento um pouco e soltando o ar subo o corpo.

Faço oito repetições, das quatro de doze, e então sinto as mãos de Ethan na barra. Respiro sentindo ele perfeitamente atrás de mim e a nona repetição, ele simplesmente desce e sobe o corpo junto com o meu.

Quando volto a ergue o corpo, pergunto ofegante: “Está fazendo o que?”

“Ajudando.” Fala secamente.

Dou um olhar cético para ele pelo reflexo do espelho à nossa frente.

“Você não está aí ajudando. Você está tomando conta de mim.”

“Grandes merda e anda logo” engrossa a voz e me força a fazer mais um movimento.

Com o olhar fixo no dele, desço e subo o corpo mais duas vezes.

“São quantos?”

“Doze e... essa é a última.” Falo pausadamente descendo o corpo e subindo. Quando termino, ele me ajuda a colocar a barra no lugar e eu me viro para ele, apoiando os braços na barra e encosto meu queixo nas mãos. “Você já acabou seu treino?”

“Sim.”

“Você agora vai ficar atrás de mim quando eu fizer agachamento?”

“Sim e todos os exercícios que sua bunda fique muito a amostra.”

Faço um estalo com a língua nos dentes e balanço a cabeça. “Você está ciumento demais. Nem me deixou tirar o anel para malhar, foi correr comigo — coisa que normalmente não faz — e agora está aqui. O que houve?”

Ele dá um passo, chegando mais perto de mim, fecha os punhos na barra e diz com a voz em um volume que só eu posso ouvir:

“Não houve nada. Apenas disse que você não iria tirar o anel para nada. Eu fui correr, para manter o pique e a energia na cama, porque a minha namorada é uma safada.”

Rio baixinho, negando com a cabeça achando graça e ele continua:

“E da mesma forma que meus braços cresceram a sua bunda também e eu não vou deixar marmanjo olhando a bunda da minha mulher. Ou eu fico aqui, ou eu vou quebrar a cara deles todos.”

Meu rosto está doendo por causa do sorriso que está estampado na minha cara. Oh céus! Eu amo tanto esse homem.

“Tudo bem e obrigada.”

“Pelo o quê?” Pergunta confuso.

“Por escoltar minha bunda.” Digo e viro meu corpo, para mais uma série.

“Você está ficando terrível.” Ele solta atrás de mim e me encarado através do espelho à minha frente.

Dou de ombros e pisco o olho. “Tenho um excelente professor.” Repito a frase que eu disse para ele quando fiz o nó na sua gravata e em troca recebo de levinho um tapa na bunda.

Acho que ninguém reparou, *eu espero*.



CHEGAMOS AO RESTAURANTE, que Ethan reservou. Sentamos na melhor mesa da casa, de frente para o mar. Estamos em Santa Monica no *Marine Room Dining*. Um luxuoso restaurante muito conhecido pela redondeza e no dia dos namorados, acolher muitos casais apaixonados. O lugar é lindo, sofisticado e romântico, e a comida é maravilhosa.

“Srta. Colton, que prazer lhe receber.” Diz o maître que trabalha há anos aqui.

“Obrigada Christopher. Esse é meu namorado Ethan.”

“Muito prazer senhor.”

“Ethan Brown, o prazer é meu.”

“Os senhores vão querer o que?”

Ethan e eu já tínhamos visto a carta de pratos de hoje e escolhemos o rodízio de frutas do mar. Salmão defumado com vegetais. Aspargos e purê de abóbora com casquinha de Siri e no fim uma sopa mix de frutos do mar.

Falamos nossas escolhas e antes de Christopher ir, Ethan pede o melhor champanhe da casa. Quando chega, fazemos um brinde e conversamos sobre várias coisas.

“Você vem muito aqui?”

“Você está me cantando?” Brinco com ele.

“Não engraçadinha.” Ele abraça meus ombros.

Em vez de estarmos sentados um na frente do outro. Meu príncipe é grudento e está do meu lado.

“Não, só em ocasiões especiais.”

Realmente venho raramente aqui por ser um pouco longe. Isso me faz lembrar o trajeto de duas horas para chegar. O bom é que a minha companhia é meu príncipe e passamos essas duas horas nos beijando e nos amassando no carro. Ele foi tão astuto que entrou no carro sem o blazer para não amarrotar e graças a Deus que meu vestido de seda é do estilo amassado, porque eu ia ficar linda toda amarrotada entrando em um restaurante como este.

“A última vez foi no aniversário de Cora”, explico. “Will quis nos trazer para cá.”

Ethan assente e bebe o champanhe.

“Eu não entendo porque eles escondiam o namoro de mim. É tão evidente eles dois. Sempre foi.”

“Bem, amor. Não sei também o motivo, mas não devemos julgar o que não sabemos a razão.”

“Você tem razão.”



SAÍMOS DO MARINE ROOM DINING, quase dez horas. E vamos para um hotel perto dele. Lindo, cinco estrelas e luxuoso.

Entramos e encontramos a lareira ligada. Caminho e vou até as portas de vidro de correr da varanda e abro-as. Respiro fundo sentindo o cheiro do mar, que invade o quarto.

Ethan me encontra na varanda e com seu jeito apaixonadamente feroz, me vira para ele. Nos atacamos. Nos beijando com sofreguidão. E na velocidade da luz, vamos para dentro do quarto e começamos uma guerra de quem tira a roupa do outro mais rápido.

Ele me coloca em cima da mesa encostada na parede perto do frigobar. Abre minhas pernas, para abraçar o seu corpo e como um homem bruto, puxa minha meia-calça, rasgando-a. Puxo ele para mim pela camisa de linho, tirando-a de dentro da calça, abro os botões apressadamente, fazendo os botões voarem e ele abre um sorriso perverso, acariciando minha pele.

“Você está acabando com minhas camisas de linho.”

“Você acaba com minhas calcinhas, oras.”

Ele range os dentes. “Hm...”

Sorrio e arranho seu peito. “E não se preocupe. Natal está chegando e eu te dou de presente um estoque de camisas.”

“Para você destruir de novo.”

“U-hum.” Assinto.

Sinto suas mãos indo para o meio das minhas pernas. Ele segura minha calcinha e “Então...” rasga com um olhar excitado para cima de mim “se é assim. Compro lingerie para você no natal também.”

Mordo a boca e Ethan sorri. Me pega no colo mais uma vez e me joga na cama.



Quarta-Feira, 23 De Dezembro De 2013.

ACORDO COM UM LEVE SUSTO E me agito na cama. Acho que tive um pesadelo ou sei lá o porquê da aflição.

Sinto um corpo quente ao meu lado, colado em mim, me aconchegando. Um braço está debaixo do meu pescoço, circulando meus ombros e segurando uma das minhas mãos, que está para cima — com meu braço dobrado. A outra também está com os dedos entrelaçados à minha, que está sobre minha barriga e é seu braço que está sobre meu corpo, me aquecendo. Nossas pernas estão entrelaçadas: as minhas por cima e as dele por baixo. É claro que esse corpo cheiroso, quentinho e forte é Ethan.

Me remexendo na cama, Ethan resmunga e aperta meu corpo. Abro os olhos e não vejo nada a não ser o escuro do quarto. Virando o rosto para o lado, vejo o relógio digital, que é ligado na toma. 04:22. Reviro os olhos e volto a me aconchegar na cama.

Viro-me na cama e abraçando-o com as pernas, encolho meus braços, me encaixando no seu peito e meu corpo fica escondido. Sendo engolido pelo seu e meu rosto fica encostado no peito musculoso e macio dele. Deixo uns beijinhos no seu peito e um beijo mais demorado perto do seu coração.

Ele solta um gemido rouco, os braços me puxam e eu abraço de lado seu braço, que está por cima de mim, com meu braço de cima. Dou um suspiro profundo, relaxo meu corpo e volto meus pensamentos para o dia maravilhoso que passamos, para ver se esses pensamentos felizes me trazem bons sonhos.

Eu e Ethan estamos em Napa Valley na fazenda da minha família onde minha avó Maya vive. É véspera da véspera de natal e viemos buscá-la para o natal que vai ser na casa dos pais de Ethan em Maryland. Lógico que antes vamos voltar para Los Angeles para todos irem juntos em um dos jatos da empresa.

Mesmo tendo empregados o suficiente e dinheiro para levar ou buscar Nana Maya, eu quis vir buscá-la e mostrar Ethan a fazenda e mais ainda minha instituição para os animais.

Eu tinha falado bastante sobre o ‘Lar dos Amados’ para ele durante esse tempo que estamos juntos e ele sempre dizia que queria conhecer. Então a oportunidade chegou quando minha mãe disse que teria que vir buscar Nana Maya aqui. Eu, então juntei as ideias e matei dois coelhos com uma cajadada só.

Ontem nós nos divertimos muito e como saímos de Los Angeles bem cedo, deu bastante tempo para aproveitarmos o fim do dia aqui.

Vovó está apaixonada pelo Ethan. Ela ficou encantada com ele, morreu do coração quando viu o anel no meu dedo e mesmo eu já tendo contado para ela sobre ele no telefone, quando ela o viu pessoalmente se derreteu de alegria e cochichou no meu ouvido. *"Imagina o anel de noivado que ele vai te dar."*

Bem, eu não respondi nada a ela na hora, mas eu obviamente já tinha pensando isso e tive um ataque de borboleta: Elas simplesmente fizeram um reboliço na minha barriga.

Enfim, depois que nos hospedamos no meu quarto aqui, passeamos com vovó pela fazenda. Fomos até os vinhedos, visitamos a instituição dos animais e eu chorei de tanta saudade deles.

Antes de começar minha faculdade, meu irmão e Cora sempre vinham aqui comigo, mas com as aulas, até nos sábados, e o grande avanço da empresa nos últimos três anos, minhas visitas ficaram cada vez mais difíceis.

Eu amo isso aqui. A fazenda, os bichos, meus cachorros, gatos e amo andar de cavalo visitando e admirando a ampla paisagem da natureza. O verde, os pastos e as fazendas vizinhas ao longe.

Napa é um lugar rural com diversas iguarias que crescer aqui e se espalham pelo país e para outros países. Estava com muitas saudades de tudo isso e principalmente do meu antigo quarto onde passei muitas férias de verão, ouvindo vovô William — que morreu quando eu tinha sete anos — lendo histórias para eu dormir.

Eu amo as lembranças que tenho daquele cômodo, mas minha avó fez uma reforma na casa e ela mudou meu quarto. Agora ele fica no terceiro andar, no final do corredor. É perfeito, lindo, branco, com a aparência colonial.

O closet na frente da cama de dossel cor de mogno, tem o aspecto de um armário normal. Mas quando abre as portas, parece que é o guarda-roupa do livro: As Crônicas de Nárnia. É gigante.

Tudo aqui é lindo demais e a casa agora parece um castelo. A entrada da fazenda parece um conto de fadas e a piscina um lago mágico. Parece exagero, mas só vendo para saber como aqui é meu *país das maravilhas*.



UM POUCO DEPOIS DE CONSEGUIR PEGAR NO SONO NOVAMENTE, acordo com a cabeça latejando. Eu sabia que eu ia me ferrar ontem quando insisti em andar de cavalo sem um casaco mais grosso, mas eu não dei ouvidos para Ethan e agora já sinto os primeiros sintomas da gripe.

Resmungando, me viro nos braços dele, que está dormindo como ele merece: profundamente.

Tadinho ele trabalha tanto e está tão cansado, que eu senti sua alegria

quando ontem chegou e ele disse que estava de férias, entre aspas, até dia dois de janeiro.

Fico de costas para ele, que mesmo dormindo como uma pedra, me abraça e encaixa nossos corpos deitados de conchinha. Eu deito minha cabeça no seu braço e pego meu travesseiro e puxo para o meio dos meus braços, e o aperto forte.

Eu sinto frio mesmo com Ethan me aquecendo, com o edredom por cima de nós e tudo fechado. Merda mil vezes porque eu vou passar o natal gripada.

“Por que você já está tão agitada?” Escuto sua voz cansada e uma respiração forte e quente na minha nuca.

“Mm...” Gemo e pego sua mão e deixo um beijo. “Porque eu estou ficando gripada.”

Ele beija meus cabelos. “Eu disse para você não— ”

“Eu sei o que você disse” corto-o “e eu estou arrependida.”

“U-hum.” Faz um som afirmativo rouco, que me dá calafrios. “Mmm... Alguém ficou excitada.” Brinca e moí a pélvis.

“Para com isso.” Reclamo e tento fugir dele.

“Nem pensar.” Ele me prende com seus braços e pernas, e flexiona o corpo, fazendo sua ereção matinal roçar minhas coxas expostas porque caímos no sono depois de fazer amor lentamente e estamos pelados.

“De novo não Ethan” digo manhosa apertando o travesseiro.

“De novo sim e solta essa merda.” Ele arranca o travesseiro das minhas mãos, jogando-o longe e me deita de barriga para cima já se jogando em cima de mim. “Quer agarrar alguma coisa. Estou aqui para isso.”

Faço uma careta e bato no seu peito de brincadeira. “Eu gosto dele. É quentinho e molinho. Vai pegar.”

“Como é que é?” Diz ficando no meio das minhas pernas e forçando minhas mãos para o alto da minha cabeça. “Você quer algo mole, Victoria?” E empurra seu pau no meu sexo exposto.

“Ah...” solto um gemido misturado com uma risada que no final crescer e eu começo a gargalhar. “Meu Deus. Você não presta.”

Ethan ri também e desce o rosto encostando ao lado do meu, “Eu sou melhor que xarope,” beija minha garganta, “melhor que neosaldina,” suga minha pele perto dos seios “e tenho a formula ideal para te curar e se você quiser te dou leite quentinho.”

“Ew! Ethan?!” Jogo a cabeça para trás e apertando seus cabelos quando ele solta minhas mãos. “Para de falar essas coisas.”

“Até parece que você não gosta.”

Ah eu gosto. Eu adoro, eu amo fazer, mas por algum motivo tudo fica sujo e

feito demais em voz alta. Ele desce o rosto para os meus seios e os beija, me distraíndo.

“Ethan, a mi-mi-minha minha avó deve estar nos esperando para o café da manhã.”

“Ah! Minha querida, deixa sua avó para lá.” Ele desliza as mãos para os lados do meu corpo, parando nas costelas. “Fica quietinha.”

“Ethan... po-por-por favor” gaguejo de novo sentindo sua língua fazer círculos no bico do meu peito e as mãos juntando meus seios pelas laterais. “Oh céus.” Suspiro e ele morde, dá uma lambida molhada antes de sugar com força e dando beijinhos, troca de lado e faz a mesma coisa no outro. Começo a ficar molhada e um sonzinha nos interrompe.

AU AU AU — Prince late.

Nós tivemos que trazer ele por ser muito filhote e ele é o nosso xodó do momento.

“Putaquepariu” Ethan resmunga em voz baixa e levanta a cabeça. “Deita!” Faz voz de comando e o cachorro choramingando se esconde de baixo da cama.

“Que maldade.”

“Maldade é ficar uma semana sem sexo.” Fala com a cara amarrada e subindo o corpo, me encara. “Você inventou a regra de não fazer sexo em Maryland por causa do natal e — ”

“E porque toda nossa família vai estar lá e eu vou ficar incomodada em estar transando com você com todos eles no mesmo teto.”

“Incomodo vai ser meu pau duro como uma rocha e minhas bolas roxas de tesão e tendo você tão perto.” Ele beija minha boca e morde meu lábio no final.

“Aí. Isso doeu.”

“Doer?” Ele diz e me penetra sem pensar duas vezes, me fazendo urrar. “Dor eu vou sentir em ter você tão perto sem poder fazer o que eu mais gosto.”

“Então você só me quer para isso.” Falo gemendo sentindo ele entrar e sair dentro de mim.

“Não mesmo,” me beija de novo e fita meus olhos, “mas transar com você é uma das melhores coisas do mundo. Eu amo sentir meu pau dentro de você.” Sem conseguir me controlar, gemo e fecho os olhos. “Amo sentir você me rodear assim e sei que você também ama isso.” Ele ondula a pélvis e seu pênis faz o mesmo dentro de mim.

“Eu amo.” Arfo sentindo ele indo muito fundo e beijando meu pescoço.

Oh céus. Ele, somente ele me faz tão... Nossa! Cadê a dor no corpo? Cadê a dor de cabeça e a febre chegando? Foram para o espaço, porque o calor que eu estou sentindo agora não tem nada a ver com gripe. Tem a ver com meu príncipe gostoso, lindo, maravilhoso, romântico, bom de cama e enorme.

Ethan coloca seus braços embaixo do meu corpo, colando meus seios no seu peito largo e forte, e começa a forçar suas investidas. Vejo estrelas quando ele faz isso. É tão bom. Arfo, suspiro e faço sons baixos porque eu não quero que alguém, muito menos minha avó, escute.



“NOSSA! VOCÊ VAI ME DEIXAR SEM ANDAR ASSIM.”

“Bem, querida, se isso acontecer eu vou ficar orgulhoso. Afinal você vai ter uma semana para se recuperar.” Ele replica e pega meus pés que estão repousados no seu colo.

Nós acabamos de transar na banheira, de novo. Eu estou encostada em uma ponta e ele na outra, fazendo uma massagem nos meus pés. Ethan está insaciável, tudo por culpa da minha regra.

Ele está a todo o momento me pegando, amassando, passando a mão onde quer e transando em todos os cantos que são possíveis desde ontem em casa. E eu já estou de pronto aviso, que antes de pegar o avião para Maryland, vamos transar em todos os andares, cômodos, espaços quando retornaremos amanhã à tarde para Los Angeles.

Estou muito saciada, mas ele não e disse que eu preciso lembrar como é estar com ele, porque como troca, ele vai me deixar carente os dias seguintes. Vou ficar sem um beijinho sequer por uma semana. Maldade. Acho graça das coisas que ele fala e acho um exagero.

“Mm...” solto um gemido baixo e deito minha cabeça no encosto da banheira enquanto ele passa os dedos nos tendões do meu pé esquerdo.

“Está gostando?”

“Oh... se estou.” Alongo mais as pernas e deixo meu corpo cair, mergulhando na água quente. “Isso é maravilhoso.” Fecho os olhos.

“De nada e eu acho que eu poderia ser recompensado por isso.”

Reviro os olhos — fechados ainda — rindo. “Com o que?”

“Com você, pelo menos, quebrando essa greve dia vinte e seis ou vinte e sete. Hun?” Ele levanta meu pé e beija suavemente. “Nós poderíamos sair rapidinho, ir naquele hotel que nós ficamos a última vez...” deixa a frase morrer e vem para cima de mim. Abro os olhos com o susto.

“Ah... Ethan.” Abro minhas pernas para ele ficar no meio delas e o abraço com elas. “Por que você tem que ser tão teimoso?”

Ele rir com força. “Porque eu posso e você já sabia que eu era assim.”

Afirmo com a cabeça, sorrindo. Sim, eu já sabia que ele era assim: teimoso, insistente e irritantemente persuasivo. Ele poderia ser advogado. Com certeza ele ganharia nos tribunais; Ou por teimosia, deixando todos loucos até dar o

veredicto que ele está com o réu inocente. Ou; pela intensidade dos seus olhos quando quer convencer alguém a fazer algo.

“Vou pensar no seu caso.” Murmuro.

Ele chega o rosto mais perto e me beija. Enfiando a língua de cheio dentro da minha boca. Me seduzindo até ficarmos sem fôlego.

“Gostei de negociar com você.” Sussurra na minha boca.

“Ah claro...” debocho. “Você nem é irritantemente teimoso para eu acabar fazendo o que quer.”

Ele dá de ombros. “Não posso fazer nada se eu tenho ótimos argumentos e você me ama tanto”

“É verdade” digo e o puxo para mim, voltando a beijá-lo.



ESTAMOS CHEGANDO NA MESA DE CAFÉ DA MANHÃ, depois de passar alguns minutos nos amassando na cama de toalha e finalmente nos vestir. Abaixo meu corpo, deixando Prince no chão e me sento ao lado de Ethan na grande mesa de mármore na segunda sala de jantar.

“Bom dia, pombinhos.”

“Bom dia, Nana.”

“Bom dia, Sra. Wayne.”

“Mas eu já disse que não precisa me chamar assim, querido.” Ela diz com doçura para Ethan e se serve com um pote de frutas vermelhas.

“Tudo bem. É costume mesmo.”

“Certo e eu aprecio sua educação.”

Discretamente vejo Ethan entorta a cara e reviro os olhos. Não aguento quando ele acha que é um porco sem educação, pois eu acho ele perfeito e mesmo ele não sendo o ser humano mais simpático do mundo, é muito educado.

“E agora você é meu netinho de qualquer forma.” Vovó fala.

Abro um sorriso envergonhado e sinto minhas bochechas ficarem vermelhas, porque estão queimando. Eu sabia que Nana ia falar esses tipos coisas e mesmo assim não estava preparada. Vovó adora expor suas opiniões e se eu deixar daqui a pouco ela vai começar a falar de casamento. Mas antes de um assunto como esse ser o tópico do nosso café da manhã, eu entro no assunto sobre expandir minha instituição para outros estados do país.

Os animais que vivem aqui em Napa são recolhidos de vários bairros de Los Angeles e alguns de outras cidades. Meu pai e William estão pensando em colocar um abrigo para animais com o mesmo intuito em outros municípios como San Diego, também aqui na Califórnia e obviamente um abrigo em Los Angeles. Eu adoro essa ideia porque vou ficar mais perto para participar e me

envolver com os animais.

E sobre fazer instituições em outros estados como Nova York, Chicago, Carolina do Sul, etc. Eu também acho uma ótima ideia. Vou amar ver mais e mais animais sendo tirados das ruas e pegos de donos irresponsáveis que abandonam eles.

É muito fácil comprar um cachorro, achar ele fofo porque ainda é filhote e depois jogar fora porque enjoou. O próprio cachorrinho do Ethan — ou nosso como ele fala — era de uma menininha que o pai devolveu para o petshop, só porque o cachorro estava roendo tudo.

Eu fiquei indignada quando a moça me contou a história do cachorrinho fofo que ela voltou a colocar à venda. Eu acho isso tão desumano. Abandonador um bichinho indefesso e inocente.

O bom nesse caso do Prince é que o pai babaca pelo menos levou o cachorrinho para o seu lugar de ‘origem’ e eu achei ele. Agora eu e Ethan damos muito amor e carinho... quer dizer... o Ethan dá bronca nele e muita. Mas sei que é para ele ser um cachorro bom, por tanto que está mais calmo agora.



À TARDE, MAIS OU MENOS SEIS HORAS, Ethan e eu, com Prince a tira colo — porque ele chorou quando nos saímos e com pena Ethan o pegou, trazendo no colo — vamos andar um pouco pela fazenda.

Estamos perto dos pastos, admirando o sol ao fundo ficar mais escuro, pegando o tom dourado no céu e no finzinho os tons degradê do azul para o vermelho.

“Aqui é realmente lindo.” Ethan fala segurando minha mão e com Prince no outro braço.

“É perfeito mesmo, olha lá.” Eu aponto para um rebanho bovino sendo pastado. “Aquele é a Luci.”

“Luci?” Ethan vira o rosto para mim, confuso.

“A cadela que está pastando o rebanho. É a Luci, tem onze anos.”

Ele volta o rosto para o rebanho e deixa a cabeça cair para lado, pensativo. “Eu nunca soube de cadelas fazendo essa tarefa.”

“Oras, seu machista.” Brinco. “Mulheres podem fazer de tudo e a Luci é filha do melhor cão pastor que nós já tivemos.”

Ethan sorri e volta a me fitar. “Eu sei que as mulheres podem fazer tudo e é incrível ela fazer isso. É bem legal.”

“É mesmo, ela é incrível.” Olho para ela. “Meu avô amava o pai dela e sei que iria adorar ver a Luci hoje fazendo o que seu pai fez.”

“Com certeza e onde está o pai dela?”

“Ele faleceu uns três anos depois que meu avô William.”

“Que pena.”

Assinto e voltamos a andar, e Ethan pergunta:

“Você gostava muito do seu avô, não é?”

“Amava ele.” Digo e sinto meu coração pequeno pela saudades. “Ele foi o melhor avô do mundo. Me ensinou a assoviar e óbvio que a montar.”

“Por isso você monta tão bem e fica linda cavalgando. Toda segura.”

Fico envergonhada e assinto. “Obrigada.”

“Não há de que.” Ethan beija meu rosto. “Agora assovia para eu ver.”

“O quê? Por quê?”

“Porque eu quero ouvir.”

Dou de ombros e assovio acanhada, porque odeio o bico que eu faço para sair o som. Ethan abre um sorriso enorme e abraça minha cintura.

“Você é um talento, meu anjo.”

Balanço a cabeça e a deito no seu ombro pegando o caminho para casa calmamente.



Sábado, 31 De Dezembro De 2013.

QUANDO DÁ DEZ PARA MEIA NOITE, todos nós saímos da casa para assistir à queima de fogos à meia noite. Estão todos no jardim dos Brown, com suas taças nas mãos erguidas e ao som do maestro da banda que tocou a festa toda de fim de ano, esperávamos chegar os dez segundos finais de dois mil e treze, para fazer a contagem regressiva.

Tudo está lindo. A casa toda com luzes brancas de pisca-pisca e tem até nas cercas vivas e rodeando as árvores maiores e o pinheiro de três metros de altura no meio do jardim. Mesas e cadeiras de ferro com arranjos de flores brancas. O buffet está debaixo de uma tenda branca com pisca-pisca no teto e cortinas pratas e brilhosas. As bebidas são servidas pelos poucos garçons.

Lauren e Aaron fizeram questão de que o Natal e o Ano Novo fossem aqui, mas quando eles falaram isso, achei que seria só nossas famílias juntas, porém...

O Natal foi só nós. Uma festa linda com muitos presentes e fizemos até um amigo oculto que eu quase tive um treco do coração quando Ethan anunciou que ele tirou Will. Meu Deus, eu imagino como meu namorado ficou ao entregar o

presente para o meu irmão, que insiste em olhar para Ethan com ar sério.

Sorrio com esse pensamento e vejo agora Ethan conversando com Anton e Will perto da mesa de doces com Hannah no colo do pai. Eles estão conversando com alguns convidados, que são amigos de longa data de Aaron e Lauren, e alguns funcionários da Colton & Bronw de Maryland e Nova York.

Eu sei que por mais que Will trate Ethan com esse jeito *‘Estou de olho em você.’* Ele gosta do Ethan e aprova nosso namoro. Tenho isso como certeza, porque minha madrinha amada — Cora — me contou que Will só está fazendo o papel dele em zelar por mim, mas ele gosta de eu ter escolhido Ethan como namorado.

Cora ainda disse que Will me vê casada com Ethan, coisa que com George ele sentia o coração se torcer dentro do peito. Meu irmão nunca, nunca gostou do meu namoro com George e tinha pavor de eu acabar ficando com ele para sempre. Exagerado como sempre ele uma vez chegou a me oferecer uma viagem — com a tropa resgate de Victoria no meu pé — para outro estado, para eu estudar. No momento eu adorei isso e logo em seguida descobri que ele estava tentando me afastar de George.

Saindo do meu devaneio, pego minha taça com champanhe na mesa e vou em direção a Ethan, que agora está apenas com Will, Anton, Hannah.

“Eu adorei esse seu vestido, Vic.” Diz Clara.

É claro que Clara e sua família foi convidada. Ela está linda com um vestido floral branco com flores nude, que quase não se notam. Usa um batom vinho e os olhos, esfumados e com os cílios chamativos — assim como eu, Clara ama rímel. E nossa maquiagem é parecida, mas meu batom é rosa nude para combinar com meu vestido longo azul caneta e as costas nuas.

Ethan infernizou meu ouvido quando me viu pronta e como estamos dando um tempo e quase nem nos beijamos. Ele ficou zangadinho e nem me deu um beijo até agora. Saímos do quarto com ele reclamando e eu rindo.

“Obrigada amiga e eu também adorei o seu. Vai me emprestar?”

Clara sorri de lado e já sei que ela vai falar algo engraçado.

“Mesmo que você não precise, eu empresto e é uma pena que eu não possa pedir o seu emprestado também.”

“Nada a ver isso. Você sabe que eu não ligo para essas coisas. Somos amigas e você também não precisa do meu vestido emprestado. Mas...” Eu a olho intrigada. “Porque você não pode pedir o meu?”

“Porque você é muito mais alta do que eu e tem mais bunda e peito do que eu. Para eu usar esse vestido aí, vou ter que fazer uma reforma geral nele.” Ela pisca. “É mais fácil comprar um para mim.”

“Bem... sobre a altura é um exagero da sua parte. Você falando assim me

sinto uma girafa e meus peitos e bunda não são tão grandes assim.”

“O QUÊ?” Ela fala alto e vejo alguns convidados olhando para nós duas. Sorrio amarelo, disfarçando. “Como não? Olha para esses peitos e a sua bunda. Você é tipo a Barbie fitness gostosa e eu sou a Barbie morena fitness normal.”

Solto uma gargalhada forte e paro quando sinto uma mão no meu ombro.

“Qual o motivo da risada, meninas?” Ethan pergunta humorado.

“Eu estava falando dos atributos da sua namorada.”

“Fica quieta Clara.” Aperto meus olhos para ela.

“Atributos?” Ethan pergunta ficando do meu lado e me abraçando pelos ombros.

“É” Clara responde assentindo. “Dos peitões e a bunda da Victoria.”

“Mm...” Ele faz e eu olho para o rosto dele, que está olhando para minha amiga louca, com ar curioso ainda. “Eu concordo sobre... os atributos da minha namorada, mas ...” Não creio que ele disse isso, reviro os olhos e escuto ele terminar. “Por que o assunto?”

“Ah, foi porque eu disse que ela pode até usar minhas roupas, lógico que se não for muito justa, porque nos peitos vai ficar espremido, mas vai dar. Mas eu não posso usar as roupas dela. Ela é alta e gostosa demais.”

“Eu acho que você já bebeu demais, Clara.” Digo.

“Talvez sim amiga e nem ligo. Hoje é o último dia do ano Vic. Carpe diem, amiga.” Ela diz saindo para longe de nós dois.

Clara deve estar com saudades de Lucca, o seu ficante, namorado, não sei. Ela está em cima do muro com ele. Lucca e ela estão num rolo desde o baile.

“Viu *amiga*?” Ethan murmura imitando Clara, no meu ouvido, quando estamos a sós. “Carpe diem.”

Fico na sua frente e o fito. “Sobre o que?”

“Sobre deixar eu possuir esse corpo *gostoso*.” Ele me abraça e fala baixinho: “É muita crueldade você ter esses peitões” ele exagera falando “e essa bunda toda, e eu não poder fazer nada.”

“Ai meu Deus.” Jogo meus braços nos seus ombros, tomando cuidado para não derramar champanhe nele. “Você não se conformou ainda, não é?”

“Não, não mesmo” fala com o rosto sério. “Eu estou louco para que o ano vire logo.”

Sorrio levantando a sobrancelha.

“Vem casal vinte, vamos ficar juntos.” Diz Lauren e eu abaixo o rosto, envergonhada.

Nossa, eu me sinto tão tímida com ela sobre eu e Ethan ainda. E ainda não consegui apagar da minha memória a pequena discussão que ela e o filho tiveram para eu ficar no quarto com ele. Ethan teimou com a mãe e argumentou

que é claro que dormimos juntos. Quase três meses juntos e eu fico muito na casa dele.

Nós somos uma família influente e muito unida e ela apenas quer manter o respeito de uma com a outra.

Andando para o palco onde está um telão ligado mostrando a bola da virada de ano na Times Square, Ethan dá uma paradinha para pegar mais champanhe e seguimos de mãos dadas para perto de Will e Cora ao lado dos meus pais e dos outros convidados.

“Oi, minha princesa” Cora diz logo que eu fico ao seu lado e segura minha mão livre. “Ethan” diz olhando-o e ele faz um sinal com a cabeça para ela. “É incrível como ele é o Will mais *novo*.” Fala voltando a me fitar.

“Jura?” Eu pergunto achando graça.

“U-hum.” E cochicha só para eu ouvir. “Ele era calado e na dele, igualzinho Ethan.”

Rio e olho meu irmão ao lado dela, conversando com nossos pais.

“Pessoal, todos prontos?” O maestro pergunta animado e todos respondem em uníssonos que sim. “Então vamos contar. Dez... Nove... Oito... Sete... Seis... Cinco...” Solto a mão de Cora e me viro para Ethan, que também olha para mim. “Quatro... Três...”

“DOIS ... UM ...” Eu e Ethan gritamos alto junto com os fogos e a música emocionante que começa a tocar. “FELIZ ANO NOVO!”

Os fogos começam a colorir o céu, as pessoas em nossa volta se abraçam, desejam feliz ano novo, brindam suas taças e depois bebem. Mas eu não consigo — por hora — me soltar dos braços de Ethan e digo para ele no seu ouvido:

“Eu estou tão feliz que você voltou para casa” prendo o ar, para não chorar. “Estou muito feliz que você está aqui, comigo e eu te amo. Feliz ano novo, meu príncipe.”

Ele me aperta e eu sinto a taça que ele segura no meio das minhas costas nuas. “Eu também estou muito, muito feliz de ter voltado e mais ainda por ter te encontrado.” Ele afasta o rosto e fixamos nossos olhos. “Feliz ano novo e que esse ano de 2014 sejamos mais felizes do que já somos. Eu te amo” me puxa até tirar meus pés do chão sutilmente, “muito, minha princesa. Meu anjo. Minha vida.”

Nós ficamos um pouco grudados assim e eu passo todo o meu ano na cabeça, todos os dias felizes e tristes. Todos os medos e esperanças enchem meu coração e eu o abraço tão forte, desejando que esse novo ano seja repleto de amor, saúde, prosperidade e paz.

“Por que você está chorando?” Ele pergunta quando me solta e eu me afasto dele e limpo meu rosto com o lenço que ele me oferece.

“Eu sempre fico emocionada na virada do ano.”

“Ok, certo.” E olhando por cima do meu ombro “Vamos falar com todo mundo logo” diz ansioso.

“Por que a pressa?”

Ethan inclina o rosto e murmura: “Porque eu tenho planos para nós dois e como já é 2014, posso fazer o que quiser e suas regras acabaram.”

Meus olhos crescem e eu só não pulo em cima dele — no bom sentido — ele está lindo com uma blusa de algodão branca, estilo canoa e a calça café com leite — porque eu escuto Cora chamar meu nome.

Apertando os olhos para o sorrisinho safado dele, me viro para minha família, com um pensamento — *2014 seja bem-vindo querido.*

Vinte & Quatro

Ethan

SEXTA-FEIRA, 08 DE JANEIRO DE 2014.



“SR. BROWN A LIGAÇÃO QUE O SENHOR PEDIU, está na linha 1.” Diz Débora ao telefone.

“Obrigado, pode passar.”

Logo a linha é ocupada por uma voz muito familiar, que mesmo depois de praticamente um ano de convivência — pela empresa — e três meses como namorado da irmã, ainda me assusta. Não é bem medo o que sinto por William, mas sim algo perto de um respeito e necessidade de mostrar que sou um homem capaz de fazer sua irmã feliz. Provar meus valores.

“Boa tarde, Ethan.”

“Boa tarde, Will.”

“O que você precisa? Alguma coisa com aquele problema da Cobalto?”

Cobalto deu uma grande dor de cabeça para empresa logo no início do ano, porque fez propaganda com outra empresa com o contrato fechado que tinha conosco e assim ela quebrou o acordo de direitos exclusivos. Mas eu consegui resolver isso com Anton, que é advogado da empresa, e no final, a COLTON & BROWN recebeu de indenização meio milhão de dólares da Cobalto Inc.

“Não, já está resolvido completamente o caso e ele não deu sinal de vida. Estou ligando por motivos pessoais.”

Ele fica uns minutos em silêncio e eu já sei que lá vem bomba. “Qual é os seus planos agora? Vai levar Victoria agora para onde?”

Will ainda não superou minha viagem surpresa para o Hawaii na virada do ano com Victoria. Não vou dizer que não sabia que estava fazendo algo que ele e seus pais fossem ter um pequeno AVC, mas eu tinha prometido a Victoria e depois de passar uma semana sem ter ela só para mim, precisava passar um tempo com ela do jeito que passei no Hawaii.

Nós tivemos um tempo maravilhoso na ilha. Matamos todas as saudades um do outro. Ela fez a greve, mas também estava sofrendo com ela. É por momentos onde Victoria nadou pelada comigo na piscina privada do bangalô no Hawaii e

muitos momentos românticos, que vale a pena as broncas de William.

Uma das mais marcantes foi a *ida* para o Hawaii. Mal o avião pegou a pista de decolagem, ele mandou uma mensagem para o meu celular com as seguintes palavras: *Quando você chegar, teremos uma reunião muito séria e é pessoal. Muito pessoal. Boa estadia no Hotel Four Seasons.* Mas tentei esquecer a ameaça e foquei em me divertir os quatro dias na Ilha de Hualalai.

“Não a quero levar para nenhum lugar tão mirabolante como a Disneylândia.” Respondo voltando para o presente. Meu Deus. Estou fingindo estar cheio de confiança, mas rezando para ele não arrumar problema com isso.

Will fica em silêncio, de novo, e eu sei que é para fazer suspense e me matar do coração antes dos trinta. “Quando é isso?”

“É amanhã. Hannah vai comemora seu aniversário no parque.”

“E a festa que Anton me chamou há duas semanas?”

“Ela vai acontecer, mas a festinha no parque é só para as crianças e de mais cedo. Jennifer organizou tudo porque Hannah quer comemorar lá primeiro.”

Will pigarreia e diz humorado. “E você e Victoria são crianças?”

Ele está rindo de mim? Reviro os olhos e soltando uma respiração forte, falo: “Não, mas ela quer Victoria e eu presente. Você sabe que ela ama ficar conosco.”

Nos três somos uma versão mais nova de Cora, Will e Victoria. Foi o que minha mãe e Elizabeth falaram quando nos veem juntos. Assim como Cora e Will ficavam muito com Victoria, quando ela era pequena, para cima e para baixo. Hoje, Hannah é o terceiro membro do nosso triângulo perfeito. Anton até fala que fica com ciúmes da filha gostar tanto assim de mim e Victoria.

“Ok, não tem problema o passeio amanhã, mas por favor não perca ninguém de vista” e completa “de novo.”

COMO?

Merda, Ken ou Jorge devem ter relatado o que aconteceu no Halloween em Maryland. Ah que ódio. Aqueles linguarudos.

Engolindo a raiva, respondo Will, para encerrar a ligação e acabar logo meus trabalhos pendentes.

“Tudo bem e pode ficar despreocupado que eu tomarei conta de todo mundo.”

Will concorda e em seguida emenda um pedido de trabalho e nosso telefonema vira assunto de trabalho. Depois que o assunto termina, ele se despede, desligo o telefone e eu volto a fazer meu trabalho.



CHEGO EM CASA AS NOVE E MEIA sentindo minha coluna reclamar e

pouso minha pasta no canto do sofá. Estico meus braços, alongando meus músculos das costas e os tendões do pescoço.

AU AU AU — Prince vem correndo da cozinha e eu logo me abaixo para pegar ele no colo.

“Ei garotão. Cadê nossa garota bonita?” Afago os pelos da sua cabeça e vou em direção da sala de jantar. Sorrio com a surpresa de ver *minha* Victoria saindo da cozinha, de Prince veio, com uma travessa nas mãos. “Boa noite, Srta. Colton.”

Ela está maravilhosa como sempre. Está usando um vestido longo e leve, preto com as botinhas de camurça bege, que ela vive nos pés agora no inverno. Ela é muito friorenta nos pés.

“Boa noite, Sr. Brown.” Ela me cumprimenta colocando a travessa com algo que está quente e exalando um cheiro que me dá fome na mesa e caminha na minha direção.

Deixo Prince no chão e a encontro no meio do caminho.

“Você está linda.” Abraço-a e murmuro no seu ouvido: “Senti sua falta.”

Victoria sorri de leve e deita a cabeça no meu ombro e passa a mão nos meus braços e ombros. “Senti a sua também.”

Deixo minhas mãos deslizarem para sua lombar e ela suspira relaxando a cabeça deitada no meu ombro, aproveito e deito minha cabeça sobre a dela. Passamos um tempinho assim, aproveitando desse conforto de tê-la nos meus braços. Às vezes o que eu mais quero é isso. Senti-la na proteção do meu abraço.

Dou um beijo nos seus cabelos e passando meus braços por trás das suas pernas e das suas costas, pego minha princesa no colo e sento no sofá de deitar, na sala de estar, com ela em cima de mim, agarradinha. Relaxo e respiro fundo sentindo seu aroma. Seu calor e apenas afago suas costas e braços, e de vez em quando beijo seus cabelos.

“Mm...” Ela geme deslizando as mãos pelo meu peitoral até descansar no ombro. Aperta seus braços em minha volta e beija meu pescoço. Sorrio continuando o carinho. “Eu fiz o jantar” sussurra com a voz sonolenta.

“Você?” Pergunto e sorrio fitando um ponto qualquer da estante.

“Sim, eu que fiz” responde e sobe o rosto para olhar para mim. “Ruby me ensinou umas coisas e eu resolvi tentar fazer hoje porque cheguei cedo. Lógico que ela estava presente na cozinha.” Revira os olhos e eu abro um sorriso erguendo a sobrancelha.

“Então agora você está aprendendo culinária?”

Ela ri e deita a cabeça de novo no meu peito, suspirando. “Mais ou menos. Eu sabia algumas coisas é claro, porque sempre fui intrometida e pedia Margot para me ensinar desde muito nova e mesmo assim, mamãe cozinha e eu acho

legal saber fazer as coisas. Então, na verdade, Ruby apenas me ensinou o que você gosta e algumas coisinhas que eu não sabia fazer ainda.” Conclui e beija meu pescoço, de novo.

“Mm...” faço um som com a garganta. “Interessante e o que de especial você preparou?”

Animada, ela senta no meu colo sorrindo e levanta puxa minhas mãos. “Levante e verá.”

Rio e seguindo seu entusiasmo, levanto do sofá e vou até a mesa. Victoria puxa uma cadeira para mim, sento relutante — porque quem deveria fazer isso sou eu — e assisto-a pegar a comida da travessa e servir calmamente no meu prato.

“Eu fiz uma lasanha de frango defumado ao quatro queijos. Ruby disse que você adora e espero que goste da que eu fiz.”

Olho para ela sério, para provocar e sirvo um pedaço na colher com a ajuda do garfo, antes de abocanhar, cheiro. Parece espetacular. Fechando a boca solto um gemido de prazer. *Nossa está muito saboroso.* Ergo meus olhos para de Victoria que está em pé ao lado da mesa e parece ansiosa.

“Bem, eu tenho certeza que para a primeira vez você até foi bem, mas...” Solto os talheres e finjo não gostar. “Eu achei um pouco sem tempero.”

“Jura?” Pergunta com as feições preocupada e triste.

“É, mas isso acontece querida. Na próxima você acerta o ponto.”

Victoria baixa o rosto e abri a boca, sem jeito. “Ah, desculpe, eu—eu vou ligar para algum lugar e — ”

Não aguento a carinha de triste dela e não a deixo terminar a frase. Agarro sua mão, força a cadeira que estou sentado, deslizar para trás e coloco Victoria no meu colo.

“Eu estou brincando, meu amor.”

Ela olha para mim com a respiração presa e eu me sinto terrivelmente culpado.

“Oh querida.” Abraço-a com força. “Me perdoe. O jantar está maravilhoso, eu amei de verdade. Estava brincando.”

“Jura?” Indaga com os olhos ansiosos.

“Juro amor, está muito bom.” Puxo seu rosto e o seguro. “Obrigado pelo jantar e desculpe a brincadeira. Eu não sabia que você ia ficar tão triste.”

Ela dá um sorriso amarelo e foge os olhos, passando o dedo em uma linha imaginária no colarinho da minha camisa de linho.

“Eu não fiquei triste.”

Seguro seu queixo e a faço me olhar.

“Eu só queria fazer uma coisa para você comer, sabe, te agradar.” Termina.

“Minha princesa” encosto meus lábios nos seus, dando um beijo terno. Victoria suspira e abre um pouco os lábios e nossas línguas se chocam. Acomodo-a melhor no meu colo, agarrando suas coxas e círculo sua cintura com o braço e aprofundo o beijo em algo ardente. Ela geme quando nossas línguas se enroscam e abre mais a boca.

O gosto da sua boca é uma mistura de vinho tinto e queijo, e provavelmente ela estava cozinhando bebericando um vinho. Victoria recua um pouco e fala com os lábios nos meus.

“Eu não deveria estar lhe beijando agora. Seu idiota.”

Sorrio. “Me desculpe e eu prometo recompensar.”

Negando com a cabeça, ela sorri e faz um biquinho. E beijo suavemente seus lábios que encontram os meus, em um biquinho também, sorridente.

“Eu amo você até quando você é tão ogro.” Ela se afasta e me olha com cara de sapeca. “Eu acho que são seus olhos.”

“Então você só ama meus olhos?” Pergunto passando a mão livre por dentro do seu vestido e recebo um tapa na mão.

“Tira a mãozinha daí. Os seguranças estão por aí.”

“E daí?”

“E daí nada.” Levanta do meu colo e senta na cadeira do lado direito da mesa, perto da minha na cabeceira. “Vamos jantar e depois dormir. Amanhã temos a festa da Hannah logo cedo.”

“Nem me fale.” Conversamos enquanto ela coloca a lasanha no seu prato. “Falei com Will hoje mais cedo pa — ”

Ela me corta. “Para que?”

“Para dizer sobre a festa e porque desde a viagem para o Hawaii, ele está monitorando onde eu levo você.”

Victoria solta um suspiro irritado e eu pego sua mão e aperto.

“Não ligue para isso. Eu já resolvi e hoje eu acabei de descobrir o porquê de ele estar fazendo isso.”

“Hm?” Com a boca cheia ela faz um som interrogativo.

“Ele disse para mim não perder ninguém de vista, amanhã” e aperto os olhos ao terminar, “de novo.”

Victoria visivelmente fica inquieta e engole a comida com a ajuda do vinho. “Ele sabe sobre o parque?”

“Acho que sim e com certeza foi Ken ou Jorge que contou para ele.”

Ela fica irritada e pousa calmamente a taça do vinho ao lado do prato, pega seu celular e parece que está mandando mensagem para alguém.

“O que está fazendo?” Pergunto

Ela não se dá o trabalho de vira o rosto para mim, apenas levanta a mão,

pedindo para eu não falar. *Nossa, ela está com raiva de verdade.*

Passos ecoam atrás de mim e Ken aparece.

“Boa noite, Sr. Brown.” Me cumprimenta e se vira para minha princesa que está espumando pela boca. “O que a Srta. precisa?”

“Eu preciso saber quem foi que relatou para William o que aconteceu em Maryland no Halloween.” Diz com firmeza olhando séria para ele e eu me mantenho em silêncio.

Um orgulho me atinge pela postura dela e no fundo um tesão danado, de vê-la irritada assim. Toda sexy e poderosa. *Meu Deus, ela está parecendo até comigo. Merda, estou fazendo um monstro.*

Ken fica nervoso, mas disfarça como um ótimo ex militar e apruma a postura. “Não foi eu que disse, mas eu não posso dizer que não disse nada sobre o ocorrido.”

“Então você está me dizendo que foi o Jorge que contou?”

Ele assente e emenda. “Eu apenas confirmei e narrei o que aconteceu naquele dia.”

Minha princesa linda, meiga, safada e carinhosa, respira fundo e dá lugar a uma mulher poderosa e muito séria, e se levanta da mesa.

“Já volto” diz deixando o guardanapo de pano, que estava no seu colo, cair na mesa de qualquer jeito. Faço menção de levantar e ela coloca a mão no meu ombro e pede calmamente. “Fique aqui e aproveite o jantar. Eu já volto” e beija meu rosto.

Com passos marcantes ela caminha — rebola um pouco e me mata de tesão — para o corredor da casa, que chega até a sala de monitoramento da casa, onde os seguranças ficam, que é perto da área de serviço e o quarto de repouso dos empregados. Meu pai sempre pensou que os empregados merecem ter seu canto e privacidade, quase nunca invado o lugar, mas às vezes é preciso — como agora.

Volto a comer pensando em tudo. Minha vida, minha casa, meu trabalho, meu relacionamento com Victoria e reparo que não é só ela que está mudando.

Eu acabei de me deparar com uma mulher que apenas presenciei uma vez na vida. Na loja da Giorgi Armani, quando Natalie passou dos limites julgando meus motivos por estar namorando Victoria. Naquele dia eu vi que minha donzela não é assim tão indefessa. Certas coisas ela sabe e pode lidar, menos sobre sua segurança. Eu não gosto de subestimá-la, mas nunca vou apostar se ela saberá se defender sozinha. Nem quero.

Enfim, o que eu andei reparando é que namorar não é uma coisa tão simples assim. Lógico que isso é de pessoa para pessoa, e de casal para casal. No meu caso e de Victoria, nós estamos, *sem pretensões*, caminhando para algo mais

concreto e decisivo.

Eu não tenho dúvida de que ela é a mulher que eu quero dividir minha vida e meus sonhos. Não passa na minha cabeça outra mulher para fazer a função de minha esposa, mãe dos meus filhos e companheira até o fim. Mas não é por ter cem por cento de certeza de que isso irá acontecer, que eu vou fazer agora.

Nós estamos cada dia mais evoluídos. Penso que estou passando pela puberdade adulta. A fase que um homem deixa de ser egoísta e começa a pensar no futuro, nas escolhas boas para colher lá na frente. Hoje quando penso em querer fazer algo, praticamente tenho uma fusão de conexão com Victoria. Penso se irá ser legal para nós dois, não só para mim.

Já Victoria está desabrochando e amadurecendo. Não esquecendo que ela tem apenas dezenove anos e já tem muita história para contar. Ela está mostrando o quão forte e maravilhosa é como mulher, não como uma menina. Victoria é cercada de atenção e mimo, e mesmo assim é um ser humano exemplar. Gentil, meiga, humilde, generosa e nas horas que precisa, mostrar ser a mulher forte que tem dentro dela. Levanta da cadeira e vai dá bronca no segurança dela como acaba de fazer e volta para a mesa, senta e volta a comer contente.

A única — *única* — coisa que realmente passa na minha cabeça olhando para ela agora é: *Eu amo tanto essa mulher e sou um sortudo filho da puta*. Sorrio e como a comida que ela fez para mim, orgulhoso até os confins de Hércules.



Sábado, 09 De Janeiro De 2014.

ACORDO COM O DESPERTADOR ÀS OITO DA MANHÃ.

“Miserável hoje é sábado.” Merda, eu sempre me esqueço de configurar o despertador. Jogo o travesseiro na cara, mas já estou disperso mesmo.

Viro-me na cama e a encontro vazia. Levanto o corpo, passo as mãos no rosto e levanto da cama atrás dela. Ela e a mania de acordar cedo até aos sábados. Coitada, é costume por causa das aulas da faculdade aos sábados.

Antes de descer para tomar café, passo no banheiro, urino e relaxo minha ereção matinal. Lavo as mãos aproveitando para lavar o rosto e escovo os dentes.

Rapidamente chego ao primeiro andar da casa. Encontro Prince despertando da soneca no pé do sofá da sala. Victoria diz que é por causa da idade. Ele tem só cinco meses.

“Preguiçoso. Você nunca cansa de dormir, não?” Falo e ele vem correndo

para mim desengonçado. Abaixo o corpo e afago sua cabeça. “Bom dia, filhote.”

Ele abana o rabinho e me segue até a cozinha, onde uma visão linda me surpreende.

A mulher da minha vida está cozinhando para mim — de novo. Assisto admirado, não por estar vendo ela fazendo comida e sim porque eu nunca realmente almejei esses tipos de coisa na minha vida.

Eu e Victoria nos adaptamos a essa vida juntos com muita facilidade e como pensei ontem, com maturidade. Brigamos de vez em quando, ou nunca, mas por motivos bobos. Como porque eu dei umas chineladas em Prince por ele ter roído meu tênis de correr e Victoria veio com o argumentar a favor dele; ‘*Você além de ter milhões de tênis, é rico e pode comprar um perfeitamente idêntico a este.*’ Ela dizia com tênis erguido perto do meu rosto.

Neste dia eu infelizmente não consegui colocar na cabeça dela que deixar Prince roer as coisas era ruim e fui para o trabalho brigado com ela. Odiei aquele dia e quando chegou a noite, fiz de tudo para ela me perdoar e com a graça divina. Ela me desculpou e no final ainda disse que eu tinha razão. Não por bater no cachorro, já que ela é a defensora dos animais, mas sim por eu ensinar Prince. Me pediu a partir daquele dia, para corrigi-lo deixando de castigo.

Passei o dia seguinte — *na realidade até hoje* — pensando: Como se coloca um cachorro de castigo?

Me aproximo dela e passo os braços em sua cintura, abraçando. Pousando meu queixo no seu ombro coberto por um hobby da cor da camisola sedutora dela.

“Bom dia” murmuro e beijo seu rosto. “Acordou cedo hoje de novo?”

Victoria suspira, vira o rosto deixando um beijo na minha têmpora e acariciando meu braço direito, deixa a mão por cima da minha, que está relaxada em cima do seu ventre. “Bom dia e eu não consigo ficar mais na cama depois que despertador toca.”

“Então desligue ele. Eu vou configurar o meu do quarto para não tocar mais nos sábados.”

Ela ri e eu sinto os músculos da sua barriga tremer. “Não, Ethan, o despertador que eu estou falando é o meu despertador biológico.”

“Hun...” Resmungo e vendo que ela tira os ovos da frigideira, viro-a para mim. “E como é que eu ia adivinhar isso?”

“Não enche meu saco logo de manhã, seu zangado.” Ela brinca e abraça meu corpo. “Você ainda está quentinho.”

Tiro seus cabelos de cima do seu rosto, jogando para o lado e deixando as costas e o pescoço livre. “Sabe, se você tivesse ao menos me acordado eu não estaria zangado agora.” Minha voz sai rouca e sedutora, empurro a manda do

hobby para baixo e beijo seu pescoço até a curva do ombro esquerdo, nus. “Eu poderia estar bem mansinho agora.”

“Mm...” geme passando as mãos nas minhas costas nuas. Estou só com a calça de flanela. “Você falando essas coisas... logo de manhã...” salpica beijos no meu peito e no braço direito, o que a estou sustentando. “Todo lindo com esses cabelos rebeldes... Essa calça do pecado é carinhoso.” Se afasta e faz um charme com os olhos. “Estou muito arrependida.”

Dou um sorriso predador e a pego-a, tirando seus pés do chão. Giro seu corpo e a encosto na parede mais perto. “Não es quente. Hoje é sábado, eu não trabalho — ”

“Mas tem a festa da Hannah.” Me corta.

“Shuu...” Mordo seu lábio inferior. “Não corte meu raciocínio.”

Ela solta uma risada e fica quieta, prestando atenção. E continuo:

“Então, nós dois temos o pôs café da manhã, totalmente livre e eu vou testar minha coluna na cama com você.” Pisco o olho. “Para ver se eu vou poder me aventurar no parque daqui a pouco.”

“O que tem sua coluna, Ethan?” Ela pergunta preocupada.

“Nada demais, só cansaço.”

“Ah... Então foi por isso que você não demorou na academia ontem?”

“Foi. Só corri e pedi Scott para me dar uma mãozinha no alongamento.” Solto um gemido de dor e afundo meu rosto no seu pescoço. “Você vai cuidar de mim?”

“Oh... Meu príncipe está dodói é?” Ela entra na minha brincadeira.

“Estou sim.” Seguro as maçãs da sua bunda. “Estou muito doente.”

“Tadinho” diz acariciando uma das minhas pernas com a sua. “Vamos tomar café, para eu cuidar de você e logo a gente sai para encontrar Jennifer e Hannah. Okay?”

“Com certeza.” Concorro apressado e a ajudo a colocar as coisas que ela fez na mesa, para comermos de uma vez. Eu amo minha vida de vez em quando, até demais.



SÃO DUAS HORAS DA TARDE E EU — Ethan Brown — depois dos doze anos, estou em uma fila idiota para The Magic Kingdom porque Hannah quer ver as princesas e tirar foto no Castelo principal e o mais almejado por todos.

Mas se não me bastasse estar aqui com Hannah — *eufórica* — Victoria e Jennifer — *entusiasmando minha sobrinha* — têm cerca de mais dez versões de Hannah tagarelando e pedindo isso, pedindo aquilo. E eu como o único homem — *Anton vai me pagar depois* — tenho que ajudar minha cunhada:

carregar as coisas, dar dinheiro e Victoria, para ajudar a conter o *bando* de vozezinhas alegres pelo parque. A babá de Hannah está na frente perto das mais chatinhas. Sempre tem elas.

“Tudo bem, Ethan?” Jenny pergunta com um sorriso debochado no rosto.

“Você já sabe a resposta.”

“Ah, que isso, Ethan.” Ela chia de cara feia.

Jennifer pega um balão transparente com o Mickey dentro da minha mão — estou segurando os reservas, caso estoure e alguma delas comece a chorar — e passa para minha namorada, que vai socorrer uma amiguinha de Hannah que deixou o balão escapar.

“Quando você tiver filho vai ter que fazer a mesma coisa.”

Resmungo e ajeito meu óculos aviador. Hoje amanheceu ensolarado e temos que agradecer por causa do frio e aproveitar o dia.

“Quando eu tiver meus filhos e eles quiserem fazer algo desse tipo,” indico o parque com a mão livre e depois coloco no bolso da calça. “Eu vou contratar babás para cada menina e pode colocar fé em uma coisa.”

“Em quê?” Indaga Jennifer de braços cruzados sobre o peito.

“Você e Anton estarão presentes nesse dia.” Falo bem sério e recebo da minha cunhada um sorriso presunçoso. “Ri mesmo. Um dia vai chegar minha vez.”

“Tia Clara!” Hannah berra olhando para trás de mim e quando me viro, vejo Clara vindo toda sorridente de vestido rosa com bolinhas brancas e na cabeça as orelhas da Miney, e de mãos dadas com meu *pobre* amigo Lucca.

Vejo minha sobrinha saí correndo e Clara a pega no ar. “Boneca.”

Beija seu rosto quando está com ela no colo. E então caminha para perto de onde estou e desce Hannah do colo para ela voltar a ficar com as amiguinhas.

“Oi pessoal, que dia lindo.” Clara cumprimenta Jenny, Victoria, joga beijinhos para todas as crianças, que mandam de volta e por último fala comigo depois que Lucca termina de me cumprimentar. “Oi, Ethan.” Beija os dois lados do meu rosto.

Faço o mesmo e quando se afasta a engraçada fala:

“Está se sentindo em casa?”

“Como assim? Não entendi.”

Ela sorri. “Você não é o príncipe encantado? Então você está em casa.” Coloca as mãos na cintura e se vira para Victoria, que está ao meu lado agora. “E você? Cadê o vestido da Bela Adormecida?”

“Muito engraçada.” Victoria replica no mesmo tempo que eu reviro os olhos — escondidos pelo óculos de sol.

“Ah gente. Parem de ser tão ranzinhas. Aqui é a Disneylândia. Por Deus,

sorria.” Clara fala e puxa Victoria para o meio das crianças. “Vamos brincar um pouco e deixar os homens sérios em paz.”

“Você parece feliz aqui, amigo.” Lucca dá um aperto no meu ombro, quando elas estão longe.

“Mais ou menos.” Olho para ele. “O maior problema não é fazer as vontades de Hannah, nem de Jenny e Victoria. É sim aturar essas crianças sem ter mais pessoas aqui para ajudar. Nós e a babá da Hannah, não estamos aguentando mais. Porra. Estou aqui desde dez horas da manhã.”

“Cadê as mães delas? E os seus seguranças?” Ele dá uma olhada para trás.

Ken, Sebastian e Jorge nos segue de longe.

“Jenny não quis chamá-las porque a reunião é para as crianças. Victoria e eu viemos ajudar, e porque Hannah é minha afilhada também, e ela queria que nós viéssemos. Então...” deixo a frase morrer e vejo a fila andar. “E os seguranças apenas vigiam. Não se metem.”

Quando elas conseguem entrar no castelo eu fico olhando e recebo um olhar árduo de Victoria. *Okay, entendi.* Assinto para ela e entro atrás delas com Lucca.

“Que bonitinho, agora você é praticamente um homem casado.”

Sem os óculos de sol, eu o olho cético e respondo; “Com todo prazer do mundo.”

Não vou dizer muito, mas eu sou um homem compromissado com muito orgulho. Ninguém tem o que eu tenho e sabe o que vivo em quatro paredes com minha princesa. Então eu calo a boca deles, me mantendo quieto.

“Ok, Brown.” Lucca diz sorrindo. “Eu entendi o que você quer dizer.”

“Amor!” Victoria chama. “Tira uma foto da gente aqui. Por favor.” E pede chegando perto de mim e quase escuta minha conversa com Lucca. “Tira com a câmera e depois com meu celular.” Ela sorri. “Quero postar no Instagram da Hannah.”

“Instagram da Hannah? Eu escutei *mesmo* isso?”

“Sim, Ethan.”

“Desde quando?” Franzo a testa.

Victoria ergue as sobrancelhas. “Tem um mês que eu e Jennifer fizemos. Até sua mãe sabe e segue ela.”

Coço a barba e tenho total consciência de que estou de cara feia.

“Ai meu Deus. Não começa com isso. Não tem problema nenhum ela ter um Instagram.” Argumenta ela.

“Eu vejo um grande problema sim. Ela é uma criança ainda.”

“Eu sei, Ethan. Mas ela não tem celular, então as fotos são postadas por mim, Jennifer, sua mãe, seu irmão e até você — se quiser. Nada demais vai aparecer.”

Assinto mantendo a cara fechada e Victoria entorta a boca. Está achando que estou exagerando.

“Relaxa e se você está achando isso um absurdo. Vamos testar mais um mês.”

“E?”

“E se caso não ficar legal para ela. Nós excluimos a rede social.”

Por mim tiraria agora, melhor, nem existia, mas não digo e assinto.

“Tudo bem, agora vai lá se divertir. Vou ficar de longe, registrando as fotos.”

Ela suspira e beija meu rosto rápido. “Seja um tio bonzinho agora e sorria.” Se afasta sorrindo e eu abro um sorriso amarelo para ela. Gargalhando ela me dá as costas finalmente e me deixa com Lucca de novo.

“Nossa, por ela eu sorriria mais, viu.” Ele coloca as mãos no bolso. “Mas sobre o Instagram, eu concordo com você. Suas famílias são famosas e visadas. Colocar Hannah no olho do dragão, no caso em uma rede social, não é uma boa. Porém vamos esquecer isso hoje e curtir o dia.” Lucca coloca o boné azul com as orelhas do Mickey, que ele tirou não sei de onde e começa a andar. “Vamos Sr. Ranzinza, sorria.” Debocha falando a frase de Victoria e como Clara me chamou.

“Você está por um tris Lucca. Eu vou me vingar.” Falo caminhando para perto dele com os olhos mostrando que vou dar uma porrada nele, mas ele apenas ri.

“Amigo, você já me puniu.” Fala rindo.

“Como seu babaca?”

“Estou namorando Clara, meu chapa.”

Sem conseguir evitar, solto uma gargalhada. Lucca e Clara são a minha culpa e mesmo ele dizendo isso agora, e sabendo como Clara é chata às vezes, tenho informações de que eles estão muito bem, quer dizer, desde depois do ano novo. Vejo que ele gosta dela e quer apenas bancar o durão e não admitir. Por enquanto. Eu já fui assim também.



“AJUDA!” Clara grita saindo do brinquedo que ela, Jennifer e Victoria estavam com as crianças. “Lucca ajuda Jennifer com as crianças e Ethan pegue logo sua princesa aqui.”

Lucca sai disparado para *O Barco dos Piratas*, ajudando Jenny com as meninas e eu chego até Clara e Victoria.

“Para de fazer estardalhaço.” Victoria reclama apoiada na amiga e em mim.

“O que houve?” Pergunto preocupado.

“Victoria está passando mal. Quase desmaiou no brinquedo.”

“Isso é verdade?” Pergunto a Victoria, pegando-a no colo.

“Não é para tanto. Eu só fiquei tonta.”

“Em um brinquedo que só vai para frente e para trás.” Clara completa.

“E isso faz diferença agora?” Victoria se irrita.

“Não, mas você ficou pálida e enjoada, quase desmaiou como estivesse na xícara.”

Victoria suspira e diz baixinho: “Me leva no banheiro, amor.” Sobe a voz e vira o rosto para Clara. “E você vem comigo, sua linguaruda.”

Clara resmunga e quando chego ao banheiro, coloco Victoria no chão e ela entra com a amiga.

Na hora que ela some da minha vista, solto o ar que estava segurando e nem percebi estar prendendo. Passo as mãos no cabelo nervoso.

Eu sempre tive pânico de parques por causa de certos brinquedos. *Montanha Russa, Kamikaze, Zone Tower of Terror* e aquela aterrorizante e causadora de labirintite, *A Xícara*.

Sabia desde moleque que muitas pessoas passavam mal, ficavam tontas e saíam desses brinquedos às vezes direto para o posto de emergência. E a imagem que vi; Victoria saindo do *Barco dos Piratas do Caribe*, me deixou nervoso. Ela estava pálida e com a mão — sem perceber — na boca como para segurar o vomito. Meu coração está acelerado de preocupação ainda. E Clara tem razão no que disse.

O Barco, não é lá um brinquedo que deixa as pessoas passando mal, enjoadas e quase desmaiando. É um brinquedo neutro, tão neutro que as amigas de Hannah e ela estavam nele. E todas têm entre quatro a cinco anos.

Então porque Victoria passou tão mal assim?



ALGUNS MINUTOS DEPOIS DE ESPERAR COM LUCCA, Jennifer e as crianças na porta do banheiro. Victoria sai sorrindo com Clara e com a cara boa.

“E aí? Ainda está se sentindo mal. Quer ir para casa?”

“Não, Ethan.” Ela enlaça o braço no meu e fala se dirigindo para todos. “Eu estou bem. Acho que apenas não medi a quantidade de doces que as crianças me deram.”

Todos riem e voltamos a andar para o parque. Fico um pouco para trás com Victoria. Fito-a e tento achar algum sinal de mal-estar.

“Para de me olhar.” Ela reclama me olhando de soslaio.

“Eu estou preocupado com você. Posso?”

“Iii...” faz e para de andar. “Eu estou bem, Ethan. Só estou com jujuba, balas e algodão doce até a alma.”

Aperto os olhos e ela sorri relaxada.

“Eu juro que estou bem.” Ela me abraça e beija meu queixo. “Fique despreocupado e vamos logo para os três últimos brinquedos. Assim vamos poder ir logo para casa. Eu não quero que Hannah saiba, mas eu estou cansada.”

Deixo meus ombros relaxarem e aperto meus braços em seu corpo, tiro seus pés do chão de leve e a beijo. “Eu também estou cansado e com fome. Preciso de comida de verdade, não lanchinhos. E só estou preocupado porque te amo.”

Um enorme sorriso se abre em seu rosto, fazendo seus olhos brilharem. “E eu amo você e vou te mostrar em casa o quão bem estou me sentindo.”

“Merda, então vamos logo para esses brinquedos.” Falo voltando a andar com Victoria gargalhando. “Estou a fim até de subornar os guardas das filas e passar todas na frente.”

“Isso é trapaça.”

Dou de ombros e ela ri.

Vinte & Cinco

Victoria

SÁBADO, 09 DE JANEIRO DE 2014.



A FESTA DE HANNAH ESTÁ ACONTECENDO EM UM SALÃO INFANTIL. O tema é da princesa Aurora. A Bela Adormecida. Está tudo lindo e perfeito. *Minha* Hannah ficou radiante de Princesa Aurora, mas enquanto todos estão sorrindo e esperando ela na mesa do bolo. Ela faz birra.

“Não quero tirar foto, mamãe.” Hannah reage e balança a cabeça.

“Mas tem que tirar filha.”

Falta pouco para cantar o parabéns e antes tem as ‘fotos na mesa do bolo’ com os parentes e padrinhos. Porém ela está irredutível e sem a aniversariante não tem como acontecer a magia, né. Hannah está de cara feia e batendo os pezinhos no chão, falando com a mãe na mesa da família — duas mesas juntas, unindo os Colton, Brown e Wilson.

Todos riem, Aaron chega e sabendo do problema tenta ajudar, mas só piora. Então eis Anton e ele pega a filha do colo de Cora, porque ela foge para o colo da minha dinda. Ela é esperta e sabe que Cora é mole com crianças. E assim leva a filha para a mesa do bolo conversando sério com ela.

Ethan, eu, Cora, Will e meu pai, levantamos e vamos para a mesa do bolo. Também vamos tirar foto. Clara aparece do meu lado e enlaça seu braço no meu e rir das gracinhas de Hannah com os pais, tirando foto.

Em pouquíssimos segundos, Hannah como uma perfeita criança, está sorrindo e feliz tirando as fotos. Depois dos pais, vai os dois tios de parte de mãe. Ian, o mais novo, com a namorada e depois Dilan com a esposa e a filha, minha amiga Rebecca. Quando acaba com eles, é a vez de Lauren e Aaron, depois meus pais e chega minha vez.

“Tia, você não vai tirar com o tio?”

Sorrio para ela e digo “Daqui a pouco”, mesmo sem muita certeza, afirmo. *Deve ser porque você quer isso. Não é?! —* Acusa meu inconsciente.

Saio de trás da mesa e ela tira foto agora com Cora junto com meu irmão. Depois vai os avós de parte de mãe: Judith e Christian. Ethan tira sozinho e logo Ana chega, por último para tirar a foto juntos. Ethan e a prima de Jennifer — Anais ou Ana — são os padrinhos de Hannah. Fico com ciúmes, mas abro um

sorriso forçado.

A sessão de fotos acaba com eles, mas Hannah faz cara feia, voltando a ficar zangada, e se agarra ao tio. Ethan sorri e a abraça apertado. Deve ter falando alguma coisa, porque ela responde ao tio com a testinha franzida. Não consigo ouvir pela distância. Estou ao lado da mesa, no cantinho, para a câmera não me pegar. Eles conversam e então ele me chama com a mão, sorrindo.

Com um sorriso no rosto, vou até eles. “Qual o problema?”

“Ela quer tirar foto com você.”

“Mas nós já tiramos — ”

“Quer uma foto de nós dois juntos, amor.” Ele me corta, sorri e pisca o olho para mim.

Assinto e me aproximo mais deles, indo para trás da mesa. “É claro que tiro a foto com vocês, amorzinho.”

Hannah se desgruda do tio, vira-se para mim e se joga, pedindo colo. Pegoa e Ethan beija meu rosto. Ao longe Anton assiste nós três com um sorriso orgulhoso no rosto e pede o fotógrafo para registra a foto.

“Sorriam.” O fotógrafo diz.

Agarramos Hannah, que passa os bracinhos por trás dos nossos pescoços e abrimos um grande sorriso para a câmera. Depois beijamos seu rostinho e ela repete o gesto, beijando o meu e depois o do Ethan.

Após as fotos, saio de trás da mesa e entrego Hannah para Anton. Quando Ethan chega perto dele, o irmão diz algo só para ele ouvir. Meu namorado rir e segura minha mão, indo para frente da mesa, esperando para cantar o parabéns.

“Por que essa cara?” Indago.

Meu príncipe me beija e fica atrás de mim, me abraçando. “Nada, Anton só disse uma coisa que eu achei graça.”

“Hum...” Resmungo e aperto suas mãos em cima da minha barriga.

“Vocês estão colados demais. Vão para um quarto.” Brinca Clara ao nosso lado.

“Como se você não precisasse de um também.” Ethan a replica.

Ela rir e vira o rosto para a mesa e fita Hannah, contudo eu continuo olhando-a. Clara está estranha desde o ano novo. Está mais calma — ou seja, calada — e menos sorridente. Aposto, na verdade tenho certeza, que se fosse três semanas atrás e Ethan brincasse assim com ela, minha amiga iria dizer algo bem constrangedor e engraçado.

Mas hoje ela fugiu da brincadeira e seus olhos foram muito mais além de Hannah com os pais sorrindo na mesa do bolo. Preciso ter uma conversa com minha amiga.

A música do parabéns começa e todos começam a cantar:

“Parabéns para você. Parabéns para você. Parabéns para Hannah... Parabéns para você.”

Rebecca grita para cantar; ‘*Com quem será*’ e todos fazem. Hannah fica vermelha quando falam o nome do menininho da sua turma e Anton tenta pescar com os olhos o menino no meio das crianças que estão em frente à mesa.

Cora e minha mãe, que estão do meu lado e de Ethan, começam a rir da cara de zangado de Anton. Rio também e quando olho a cara dos outros homens da família, todos estão à procura de Noah, amiguinho de Hannah. Reviro os olhos. *Ai esses homens exagerados.*

A brincadeira acaba e Hannah sopra a velinha feliz da vida, imparcial sobre tudo, e o bolo é cortado logo em seguida. Faz pose para o fotografo e a filmadora, Anton e Jennifer saem de trás da mesa e meu cunhado vem até nós.

“Toma. Ela não me ama mais” fala e a filha se joga para mim, sorrindo.

“Fazer o que?! Somos os melhores.” Digo dando um beijinho no rosto dela. “Não é minha boneca linda?”

Hannah assente e sorri.

“Ela tem bom gosto.” Ethan fala.

“Vão arrumar um filho para vocês, porra. Seus ladrões de filha.” Anton implica.

“Você está louco?” Ethan dá um soco de brincadeira no braço do irmão. “Ainda está cedo e somos muito novos.”

O outro faz uma cara arrogante. “Você fala isso agora, e só para encurtar o assunto. Fui pai com vinte e oito. Você não está muito longe disso meu irmão.” Termina e vai conversar com os outros convidados.

Ethan suspira forte e passa os olhos com a cara fechada e estranha em mim, depois em Hannah no meu colo. *Esquisito...* “Quê?” Arguo.

Ele agita a cabeça, como para esvaziar os pensamentos e caminhamos até a nossa mesa. Sento, coloco Hannah sentada também e Ethan pega sua taça de champanhe e vira todo o líquido, fazendo cara feia engolindo.

“Essa merda está quente.” Reclama. “Porra.”

“Titio falou palavrão.” Hannah exclama e eu balanço a cabeça torcendo a boca.

“Desculpe.” Ele pede e vira-se se afastando da mesa.

“Ei! Vai aonde?” Levanto, mas ele segura meu ombro.

“Vou pegar algo mais forte para beber. Fica aqui com Hannah.”

Franzo a testa e assinto. “Está tudo bem?”

Ele sorri de lado e beija minha testa. “Está, amor. Só quero algo mais forte, talvez um uísque seco.”

Passo a mão no seu rosto e olho no fundo dos seus olhos.

“Tudo bem, então. Vai lá e pode trazer para mim um champanhe?”

“Claro.” Me dá um beijo no rosto e caminha pelo salão.

Com os pensamentos confusos, volto a me sentar e brinco com Hannah. Aaron vem até nós, trazendo com ele três presentes — o suborno para ela aceitar tirar as fotos — e entrega nas mãos da neta. Ela os abre com minha ajuda e logo Clara se junta a nós.

“Então você conseguiu, sua malandrinha.” Brinca passando a mão nos cachinhos de Hannah, que sorri e mostra a boneca que ganhou. Brincamos por um tempo com ela.

Ethan vem rapidamente entregar minha bebida, trazendo uma para Clara e Hannah também e volta para conversar com os amigos, distante da nossa mesa. Quando Hannah cansa de brincar, solta as bonecas no meu colo, tira a coroa da cabeça, me entrega e desliza da cadeira, e sai correndo pelo salão indo para o parquinho.

A sós com Clara, olho para ela atenta e minha amiga desvia os olhos.

“Qual o problema?” Indago.

“Nem um. Não existe nada. Por que está perguntando isso?”

“Porque você está quieta demais e até séria. Uma coisa raríssima.”

Ela faz um gesto com a mão, pega sua taça e bebe um grande gole. “Você está cismada. Eu estou normal. Apenas com sono. Acordei cedo hoje para ir ao parque, lembra? E sábado não é dia de acordar cedo.”

Solto uma gargalhada. “Para você nunca é dia de acordar cedo, Clara.”

Ela bate a taça na minha, fazendo um brinde e diz: “Fato e isso nós duas já sabíamos. Porém eu até que levanto bem cedo.”

“É. Você é a louca da universidade.”

Rimos e Clara fixa os olhos em mim. “E você, está se sentindo bem?”

Franzo a testa, confusa. “Oi?”

“Você acha que eu caí na história de que você estava passando mal por causa de um brinquedo tão idiota quanto aquele?” Fala com as feições ásperas.

Reviro os olhos. “Não disse isso. Falei que foi por causa dos doces.”

“Um doce de um metro e noventa, olhos azuis e cabelos loiros. Incrivelmente sexy e apaixonado.” Insinua, debochada.

“O quê?” Pergunto alto e vejo algumas pessoas olhando para mim. — *Por que ela sempre me faz fazer isso? Argh!* — “Você está insinuando o que?”

“Que você está grávida.”

Merda. Cuspo minha bebida e por pouco na cara dessa maluca. Limpo minha boca e viro-me para ela, com o semblante bem sério.

“Não crie coisas onde não tem. Você tem a mente muito fértil, só te falo isso.”

Ela finge não ligar para mim e faz um gesto com a mão de desprezo novamente.

“Amiga, vamos lá. Vai dizer que não pensou nisso? E desde quando você está passando mal?”

Fecho os olhos mexendo a cabeça, coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha e depois abro os olhos para fitar ela. “Eu só passei mal hoje e não acho que esteja grávida.”

“Tem certeza?”

“Sim.”

“Absoluta?”

Faço um som parecido com um rosnado e murmuro entre os dentes. “Sim.”

“Então não está mais aqui quem falou” e volta a beber seu champanhe.

“Eu adorei seu cabelo novo, mas achei radical.” Mudo de assunto.

Clara mexe nas madeixas cor de vinho escuro. Ela ficou linda com essa cor de cabelo, eles deixaram seus olhos castanhos esverdeados mais vivos e como ela adora roupas floridas e escuras, combinou com ela. Está linda.

“Obrigada amiga e eu mudei porque estava precisando de algo revigorante na minha vida. Precisando de algo para me dar um *Up*.”

Assinto concordando e sorrindo. *Ai essa Clara.* Ela está deixando de me contar alguma coisa, mas alguma hora ela me conta. Ela nunca consegue segurar muito tempo a língua na boca.



FECHO OS OLHOS, descansando minha cabeça no banco do carro. Ethan está dirigindo seu Lamborghini preto tranquilamente, nos levando para casa — Amo esse carro dele — ao som do remix suave da música: We Found Love da Rihanna, no volume baixo. Essa música é perfeita. Suspiro e sinto meu corpo relaxando ao ponto de apenas escutar o motor do carro, que mesmo sendo silencioso rosna às vezes e eu ressona.

Estamos na autoestrada Pacific Coast — porque o salão de festas fica no começo de Malibu — em uma velocidade maior que a estrada permite. São duas e dez da manhã. Ethan não quer saber de leis e sim de chegar em casa rápido e seguro.

O clima da noite está maravilhoso, um friozinho gostoso do inverno que ultrapassa os vidros fechados e gela a ponta do meu nariz e dos meus dedos. O céu está estrelado, a lua cheia e essas luzes amarelas dos postes na estrada, me deixam meio bêbada. Uma bêbada contente. Não passei de seis, ou oito taças de champanhe para *tanto*.

Atrás de nós, estão: Sebastian, Ken e Jorge em outro carro. Mais atrás, o

carro com minha mãe e meu pai com os dois seguranças deles. Eles estão nos seguindo, porque é o mesmo caminho, né. Will e Cora pegaram o caminho de Santa Monica.

Rapidamente cortamos a estrada, a cidade e chegamos em Hollywood Hills. Subimos um pouco, nos aproximamos das nossas casas no alto da montanha. O carro dos meus pais buzina e entra na rua deles, Ethan buzina também. Andamos mais um pouco e quando chega à rua de casa, Ethan não entra.

“Amor, você passou a rua?”

“Eu sei.” Ele responde e passa à marcha, pegando a estradinha que tem aqui e subindo mais, ao acelerar.

“Por quê?” Pergunto confusa.

“Porque eu quero.”

Franzo a testa e ele sorri olhando para mim.

“Eu amo correr nessa estrada quando ela está vazia e com esse carro é ainda melhor.”

Prendo meus lábios para não sorrir e ele pega minha mão.

“Relaxe e curta o ronco desse morto, querida.”

Solto a gargalhada e admiro-o dirigindo seu brinquedo. “É magnífico mesmo.”

Ele assente e solta minha mão para diminuir a marcha, faz o retorno na volta da estrada, onde dá para ver o monumento de Hollywood e voltamos para o sentido da nossa casa. Encosto minha mão no meu queixo e observo ele. Todo lindo, concentrado e machão. É bonito de se ver uma coisa dessas.

Meu. Todinho meu.

“Você pegou mesmo minha doença de ficar olhando, né.”

Rio e inclino meu corpo para beijar seu ombro e deixo meu queixo no lugar. “Fazer o que se você é lindo.”

Ele deita a cabeça sobre a minha — um pouco — e pega minha mão, que estava repousando na minha barriga, entrelaçado nossos dedos em cima da sua coxa. Sorrio de olhos fechados e movimento meu dedão, acariciando a mão dele e ele faz o mesmo.

“Mm...” suspiro de novo, feliz.

Sinto o carro descer e Ethan abre os vidros. Sinto a brisa das montanhas e cheirinho das árvores e do rio.

Sinto uma calma tão boa e revigorante. Essa paz só sinto quando estou olhando para o mar. Sempre faço isso quando estou na cobertura de Will em frente à praia, ou quando vou na praia mesmo. Que acontece raras vezes e não estou fazendo ultimamente por causa do inverno também.

À pequenos momentos na vida que muitos não percebem como são

valiosos. E são esses momentos que ficam gravados dentro do nosso coração para sempre. Hoje foi um dia assim. Melhor, está sendo.

Esvazio meus pensamentos e viajo na música de Sia, Lullaby e reflito quem eu sou hoje e o quanto eu tenho. Me sinto tão feliz, que chega até doer meu coração de tanto amor envolvido na minha vida.

“Ah...” Solto o ar tão forte que chega a fazer som.

“Que foi isso?” Ethan pergunta com humor.

Abro os olhos e o vejo me olhando de soslaio com um sorriso carinhoso. “Nada.” Trago sua mão até minha boca e deixo um beijo suave. “Só estava viajando na música.”

“Minha garota sonhadora.” Ele beija minha mão também.

Murmuro afirmando e coloco para repetir a música que estava tocando. “Quero fazer amor com você escutando essa música.”

Seus olhos sorriem, mas sua boca está em uma linha, sem expressão. Franzo a testa. *Será que ele não gostou da ideia?* Ergo as sobrancelhas e ele vira o rosto para estrada. Sorrio e fico olhando-o atento a estrada.

Rapidamente estamos entrando na garagem de casa. Tenho tanta intimidade com a casa, que a vejo como minha também.

Ethan coloca o carro no espaço designado ao Lamborghini — *cada carro tem seu lugarzinho* — desliga o motor e vira-se para mim. Fito-o ainda confusa e sem esperar sou capturado e colocada no seu colo.

Seus lábios encontram os afoitos e quando suspiro, ele enfia a língua dentro da minha boca. Nosso beijo é profundo e arrebatador. Agarro seus cabelos e ele me abraça forte. Vamos nos acalmando e encostamos nossas testas com a respiração pesada.

“Uau” solto alisando seus ombros.

Ele dá um estalinho na minha boca e se afasta para olhar para mim. Ele não precisa me dizer nada. Seus olhos falam por ele com sua intensidade ao fitar o fundo dos meus olhos, cheio de amor.

Me colocando no banco do passageiro, abre a porta do carro, que abre para cima, e sai. Contorna o veículo e abre a minha porta.

“Vamos. Saia logo desse carro, mulher.” Brinca com a mão estendida para mim e a pega sorrindo. “Vamos que eu vou fazer amor com você agora.”



Terça-Feira, 12 De Janeiro De 2014.

“ONDE VOCÊ ESTÁ?” ETHAN INDAGA.

“Estou na Roder Drive fazendo compras com Cora, depois que saí da aula.” Respondo sorrindo para minha madrinha mostra um vestido fazendo sinal positivo. “E eu já tinha falado isso para você. Esqueceu?”

Cora tinha planejado isso ontem, quando estava no trabalho e como terça tenho aula, ela disse que me pegaria para nos almoçarmos e fazer umas comprinhas juntas. Há muito tempo não fazíamos isso e eu adoro passear com ela.

“Hun...” Ethan faz um só emburrado e eu rio. “Achei que você já estava em casa. Enfim, vai demorar aí?”

“Por que o interesse?”

“Porque nós combinamos de ir à academia cedo hoje, assim que eu sair do trabalho.”

Acho que tem algo que ele não está me contando. Mas tudo bem, porque eu estou comprando seu presente de aniversário de namoro — três meses juntos — e ele não sabe. O combinado era sem presentes. Contudo ele só fala e depois eu me deparo com um embrulho em minhas mãos.

“Eu sei e para de reclamar. Já estou acabando aqui.”

Ele resmunga do outro lado do telefone. “Está bem. Quando estiver indo para academia, me ligue.”

“Sim, senhor capitão.” Brinco sobre seu nome apelido. Meu Capitão América. “Nos encontramos lá.”

Ethan solta uma respiração e fala baixo, como estivesse escondido.

“Não me chame de capitão quando estou tão longe de você e não posso fazer nada. E porra. Estou em uma reunião.”

Solto uma risada.

“Oras, então não me perturbe.”

“Linda” murmura com carinho e sei que está sorrindo. “Até daqui a pouco.”

“Até, te amo.”

“O mesmo.” Ele desliga o telefone e Cora aparece ao meu lado sorrindo.

“Vocês são tão lindos e olha esses olhos brilhando.” Ela passa a mão nos meus cabelos e vejo que seus olhos estão um pouco marejados. “Fico feliz de ver você assim, minha princesinha.”

“Obrigada” aperto sua mão e dou-lhe um beijo no rosto. “Vamos agora comprar aquele vestido azul na Prada?”

“Ah, eu não sei, Victoria.” Cora sorri de lado. “Não acha ele muito jovial para mim não?”

“Mas é claro que não. Você é linda e está toda em cima.” Pisco o olho e a empurro para fora da Channel. “Vamos comprar ele e um sapato para combinar.” Olho para trás e vejo Ken, Clooney e Carlos — seguranças dela. “Ken abra a

porta e Clonney pegue as outras sacolas, por favor.”

“Sim, senhorita.” Clonney responde e saímos da loja.

Jorge — que estava esperando do lado de fora — vem ao nosso encontro e seguimos caminho para a loja da Prada. Caminhando Cora ri baixinho e eu viro meu rosto para ela.

“Por que está rindo?”

“Você me lembra tanto William às vezes, é incrível isso.” Diz com a voz carinhosa.

“Run.” Faço um som de superior, levanto o queixo e falo. “Vem no sangue ser mandona.”

“Não, minha princesa. Vem no sangue ser abusada” fala e todos riem, inclusive os seguranças “e linda.” Ela murmura só para mim.



“VOCÊ PEGOU MENOS PESO HOJE e nem fez a aula de bike.” Ethan fala segurando minha mão caminhando para a saída da academia. “Por quê?”

Olho para ele de soslaio e dou um *meio* sorriso. “Não estava muito a fim de fazer nada hoje.”

“Só isso?” Ele insiste.

Assinto e deito minha cabeça no seu ombro. *Para de pergunta, por favor.* — Peço mentalmente porque eu não quero tocar no assunto de eu estar me sentindo estranha e cansada desde domingo à noite.

Não sei o que eu tenho. Não sei se eu estou ficando gripada ou se é porque estou dormindo mal desde o pesadelo que eu tive no sábado. Eu não contei para Ethan sobre o pesadelo, mas eu não o esqueço. As lembranças do meu sequestro com aquele homem do baile sempre se misturam em uma coisa só. É um dos meus piores pesadelos.

E o pior. Ele se repete quase toda noite. Quando estou na casa de Ethan, torço para não ter e quando acontece. Fico chateada de acordá-lo com empurrões, socos, tapas... e gritos.

“Amor, eles deram boa noite para você.” Diz Ethan no pé do meu ouvido baixinho.

“Oi?” Pergunto-o confusa.

“Ei, Vic. Você está desligada menina.”

Viro para a voz que falou isso e me deparo com oito pares de olhos me fitando. Gustavo, Giovanna, Paula e Rick — os novos funcionários da academia. E a voz foi a de Giovanna que está me olhando estranho.

Sorrio sem graça. “Desculpe pessoal. Estou no mundo da lua.”

Eles riem e Gustavo fala: “Não é uma grande novidade, baby.”

Balanço a cabeça e encosto no balcão de mármore da recepção. “Vocês sabem como eu sou. Vivo pensando em mil coisas.”

“Bem, eu não sei. Sou novo aqui, mas você é famosa.” Rick fala um pouco envergonhado.

Rio e Giovanna entrelaça o braço no de Rick — *está pitando um clima, já estou até vendo* — “Bem, Rick” ela imita a voz dele “essa pessoa fabulosa e linda à nossa frente. Nada mais é do que a madrinha de todos nós aqui da *Fitness-Lover*.”

Rio e escuto ela termina:

“E causadora das minhas celulites, por causa dos docinhos que ela traz para a gente.”

Dou uma gargalhada de jogar à cabeça para trás. “Ai meu Deus.” Acalmo meu riso e emendo: “Eu venho aqui com todo carinho trazer doces para vocês e sou acusada disso. Que injusto.”

“Ah, minha linda. Você é malvada, porque dá para nós os doces que você nem passa a boca.” Diz Gustavo rindo. “Olho o seu corpo.”

Ethan ri e finalmente se manifesta. “Vocês não estão certos, porque ela come sim.”

“Jura que ela come?” Gustavo pergunta tirando sarro da minha cara.

Ethan assente, mas eu falo na sua frente. “Eu já disse que eu provo os doces também.”

“Hun.” Resmunga Giovanna. “Sim, sei. Você realmente prova. Dá uma mordida de formiga e por isso continua desfilando como uma Barbie por aí.”

“Não posso discordar sobre ela desfilando por aí, mas ela é mais gostosa que a Barbie.” Ethan fala e pronto. Todos estão morrendo de amores por ele e rindo, menos Rick, que mantém a pose de profissional e é hétero.

“Ai menina” Gustavo fala me chamando com o indicador. “Você deu sorte hein e diz aí. Ele tem outro irmão sem ser o Anton?”

Rio alto e forte, minha barriga dói. “O que ele disse, amor?” Ethan pergunta e Giovanna e Gustavo suspira.

“Perguntou se você tem outro irmão.”

Ethan levanta as sobrancelhas e responde olhando para Gustavo. “Só tenho um e ele é casado e hétero. Desculpe aí cara.”

“Ah, boy.” Gustavo fala, óbvio. “Você não sabe o terço a missa.”

Meu namorado franze o cenho.

“Você não sabe com quantos héteros eu já saí e eles são os melhores e mais — ”

“Chega.” Giovanna tampa a boca de Gustavo.

Ethan pigarreia e diz: “Se eles saíram com você, com certeza não eram tão

héteros assim.”

“Ou simplesmente queriam experimentar outras coisas.” Gustavo defende.

Rick revira os olhos e fala com a voz baixa: “Sinceramente, o que um homem pode fazer em outro, ele pode fazer em uma mulher. Desculpe aí amigo.” Ele chega mais perto de Gustavo e diminuí mais a voz. “Tem mais lugares para explorar.”

“Aí senhor. Eu não ouvi isso.” Paula sussurra mirando a tela do computador que ela está digitando algo.

“Sim pode até ter, Rick.” Gustavo olha para ele e diz bem sério. “Mas o que eu posso fazer com eles não podem receber de uma mulher.”

“Putaquepariu.” Giovanna suspira. “Que papo mais doido.”

Faço uma careta e rindo, digo: “Olha pessoal. O corpo e desejo de cada um, pertence a cada um. Não julgo ninguém. Porque o que importa não é isso.”

Eles assentem.

“Então, vamos respeitar cada gosto e eu vou para minha casa agora.”

“Até eu iria para casa.” Gustavo não perde uma e pisca o olho para Ethan, que aperta minha cintura.

“Então é isso, boa noite para todos e até amanhã.” Me despeço.

Todos dão tchau e peço meu amor para fazer o mesmo. Saímos e quando chegamos ao lugar que sempre esperamos os seguranças, Ethan se vira para mim e eu jogo meus braços no seu ombro.

“Eles têm cada assunto.”

Rio e beijo seu nariz. “Eles são divertidos, querido. Não leve tudo muito a sério.”

“Certo” assente e seus braços apertam meu corpo em um abraço quentinho, pouso meu rosto no seu braço.

“Já chamou eles?”

“Já sim. Ken falou que está subindo.”

“Okay.” Sussurro.

Os segundos passam e eu fico abraçadinha nele, ouvindo-o falar sobre o trabalho. Adoro ouvir ele, sobre qualquer coisa e até coisas chatas eu aturo. Que nem na vez que ele me contou que um amigo da sua antiga academia queria fazer sei lá o que com o peso e o idiota não aguentou e uma comoção se instalou na academia por causa dele. Moral da história, o menino foi parar no hospital com o ombro deslocado.

Achei tão bobo isso e muito chato, porém não liguei porque quando eu estou ouvindo a voz do meu príncipe, qualquer coisa é interessante e eu viajo no timbre da sua voz maravilhosa.

Nossa, eu estou tão apaixonada. Chega a ser doentio. Sorrio com esse

pensamento e ainda ouvindo Ethan, passo meus olhos pelo pátio onde estamos.

O chafariz com uma estrela no meio, que está desligado por causa da temporada e as luzes azuis, lilás e verde acesas ainda. Em frente a academia tem um restaurante e ao lado uma padaria que tem uma torta de limão maravilhosa.

A padaria está um pouco vazia por causa da hora. São oito e meia, já estamos na hora de jantar. Logo o restaurante está movimentado. Ele é lindo, todo envidraçado com vidros fumes e na curva, que dá para rua, vejo os carros passarem no fluxo de Beverly Wood, fluindo tranquilamente.

Essa hora as pessoas estão voltando para suas casas, descansar de um dia de luta e com certeza alguns desses carros tem alguma pessoa vindo malhar, porque vejo diminuir a velocidade para pegar a entrada do estacionamento.

E dentre esses carros, um me chamou atenção tem uns três minutos. Ele está parado bem antes de eu começar a contemplar o pátio. *Estranho.*

Levanto minha cabeça e olho melhor. Nada, não dá para ver nada daqui. O insulfilme do carro é bem escuro e eu não consigo enxergar nada. Contudo quando aperto os olhos, vejo um homem encostado na parede da curva do restaurante.

Ele é alto, cabelos escuros, forte, deve ter uns trinta anos e está todo de preto. Está no celular e de cabeça baixa. Fico olhando para ele e dentro de mim o alarme de perigo apita. De novo o arrepio na espinha.

Levanto mais o corpo. Olho para as pessoas passando e em um canto... *Ai meu Deus.*

O homem do Baile. Ele está aqui e está me olhando. Ele tenta disfarçar um pouco sua presença, mas eu já percebi e ele sabe disso, por tanto vira o rosto para mim e dá um sorriso perverso. Prendo a respiração e agarro o braço de Ethan.

Fecho os olhos e rezo: *Vai embora, vai embora. Me deixe em paz, por favor. Ai meu Deus.*

Meu coração começa a bater forte, fraco, rápido, lento. Estou morrendo de medo e confusa. *Não, por favor. De novo não.* Repito e repito isso e as vozes vêm na minha cabeça, me levando para o pior dia da minha vida.

“Não!” Cora grita me agarrando com força no seu colo. “Eu não vou soltar ela.”

“Se você não soltar ela por bem, eu vou estourar seus miolos sua vadia.” O homem mal fala e eu tenho medo. Seguro o corpo de Cora com toda minha força. Estou chorando baixinho nos seus cabelos, no seu colo.

“Calma, minha princesa. Eu vou te proteger.” Ela diz no meu ouvido, mas eu estou com medo.

“Mamãe.” Eu quero minha mãe. Eu quero meu pai. Quero meu irmão. Quero sair daqui com ela.

“Shh...” Ela afaga meus cabelos e sinto que está andando. Mas ela está andando para trás. Ela quer fugir.

“Mm...” Solto um gemido chorando e ela me aperta.

“NÃO ME SOLTA.”

“Não vou.”

“Solte ela, vadia.”

“NUNCA.” Seu grito verbera.

“Pega ela logo.” Um outro homem fala.

Eu não sei. Eu não sei. Eu estou saindo dos braços de Cora.

“CORA!” Eu grito. Estico meus braços. “Me pega!”

Ela me olha e está no chão. Está chorando e sua mão está pedindo para eu segurá-la.

Eu não consigo.

“CORA!”

“Eu te amo minha princesa.” Ela diz. Cora está chorando. Tem sangue nela.

Grito.

“Faz ela calar.” O moço mal fala.

Tudo apaga.

Não sinto nada.

CORA? WILL? MAMÃE? PAPAI?

Nada.

Eles me tiraram deles.

Choro. Choro muito.

Eu quero minha família.

“Victoria.” Ethan me chama e eu volto das minhas lembranças de doze anos atrás.

“Oi, querido.”

Ele me olha estranho, segurando meus ombros e fitando meus olhos.

Eu amo tanto esses olhos. Amo tanto todo ele e eu prometi não desistir de nós nunca mais. Juntos para sempre. Foi nosso juramento.

Mas não prometi que para protegê-lo cederia a mim mesma e sei que estou a um passo de tomar a decisão mais difícil da minha vida. Eu tenho medo, muito medo. Porque eu não sei o que essas pessoas querem e tenho medo do que vão fazer. Temo neste instante por meu príncipe.

Fecho os olhos para não chorar e a imagem de Cora no chão com sangue no

rosto e lábios cortados fechando os olhos por causa do éter, me assombra. Eu não posso deixar que isso aconteça de novo. Eu tenho que proteger Ethan deles.

Respiro fundo, tento acalmar meu coração e subindo meus olhos para os dele, eu o olho com todo meu amor e o abraço. Só não posso me demorar aqui. Eu vi que aquele homem do baile fez sinal para o outro de preto e isso quer dizer que eles estão se preparando para atacar.

“Tudo bem?” Pergunta comigo nos seus braços.

Inspiro com força e me solto dele. “Estou meu amor.”

Ele franze a testa e passa a mão no meu rosto, tirando o cabelo da frente. Sorrio para ele, mesmo meu coração chorando por dentro, e pego sua mão do meu ombro, e beijo. *Eu te amo.*

“Eles estão demorando.” Ele diz, sobre os seguranças e eu assinto.

“É, estão mesmo.” Digo vagamente e pego minha mochila. Finjo procurar algo e engolindo meu choro, levanto o rosto para ele. “Hmm... não acho meu celular. Ele não está aqui.”

“Tem certeza?”

Assinto e olho para a mochila de novo. Está aqui, eu estou vendo ele no cantinho: Rosa, brilhando por causa da capa de glitter. Ele está aqui.

“Não está aqui.” Olho para Ethan. “Acho que deixei no balcão da academia.”

“Você estava com ele lá?”

“Sim. É. Segurando enquanto... conversamos.” Falo meio perdida.

“Então vamos lá buscar.” Ele pega minha mão.

“Não!” Falo um pouco alto demais e Ethan vira-se para mim, confuso. “Vai lá você. Vou ficar esperando aqui.”

Ele fica me olhando por alguns segundos e acaba soltando minha mão.

“Está bem. Espere, não vou demorar.” Assinto, porque se eu falar, vou chorar. “Espera aqui.” Ele beija minha testa e caminha para a recepção.

“Eu te amo para sempre.” Sussurro para suas costas e me viro.

Meus passos estão rápidos demais e meu coração acompanha. Deixo um soluço escapar quando estou em uma boa distância e passando da esquina do restaurante, o homem de preto agarra meu braço com força.

“Vai aonde menina burra?”

Meu corpo treme e eu olho para frente, sem focar em nada. “Lugar nenhum.”

“Pensei que você poderia ser mais esperta, mas é uma autentica Colton. É idêntica a todos da sua família.” Ele chega o rosto perto do meu e sussurro no meu ouvido. “Lixos.”

Meu coração parece parar, um soluço preso faz meu corpo tremer e uma

lágrima escapa, e para não abrir um berreiro. Mordo os cantos da boca e espremo os lábios, mas eles começam a tremer.

“Deixa eles em paz.” Falo sobre a respiração difícil e arfo.

“Quieta.”

Começamos a andar, nos afastando ainda mais e vejo o carro preto e fúnebre parado perto da árvore que fica na calçada cinza e preta que combina com o restaurante. Ele me empurra um pouco e eu tropeço.

“Idiota. Anda direito.” Ele murmura e eu sinto uma coisa cutucar minha costela, fazendo meu corpo pular pelo susto. “Anda bonitinha ou eu vou enfia uma bala em você, vadia.”

Engulo meu choro para ninguém perceber e faço meus pés movimentarem: um depois do outro. Fecho os olhos e mentalizo um discurso para minha família.

Mãe. Pai. Eu amo vocês. Cora e Will. Vocês foram meus anjos da guarda. Eu amo vocês. Ethan... — só em pensar nele, minhas lágrimas atravessam minhas pálpebras fechadas — Eu te amo, meu príncipe. Me desculpe, mas eu não posso deixar fazerem mal a você. Eu vou te amar em qualquer lugar. Para sempre.

“Anda e engole esse choro. Sua miserável.”

Cheia de raiva, limpo meu rosto e fito-o pela primeira vez. Ele é alto, branco amarelado, o queixo está coberto por uma barba malfeita e tem uma cicatriz, cortando de trás da orelha até o maxilar.

Ele me dá um olhar mordaz e eu viro meu rosto, antes que eu leve um tiro.

Estamos quase chegando ao carro quando um grito vem de trás de nós.

“Larga ela agora.” Uma voz berra atrás nós.

Suspiro. É Ken. Não consigo ficar aliviada. Eu estou com medo, muito medo porque se ele está aqui, os outros devem estar também. Eles vão vir para cima e isso pode não acabar bem. *Ah! Meu Deus, por favor, não.*

“Victoria.”

Para meus passos.

Ethan.

“Solte ela.”

O homem me empurra, mas meus passos estão presos. Vejo o carro se movimentar e a porta traseira abrir. Outro homem aparece. Mas ele se mantém perto do carro e tem uma arma na cintura, e sua mão está nela.

Ethan foge, amor.

O homem do carro olha para o comparsa que me segura e faz um sinal, dando um único aceno de cabeça e apertando os olhos.

Ai meu Deus, não.

Sinto-me em câmera lenta. Ele puxa meu corpo, abraçando com raiva meus ombros pela frente. Coloca a arma na minha cabeça e vira-se comigo para Jorge, Ken e Ethan.

Jorge e Ken estão com as armas apontadas. Um para o cara no carro e o outro para o que está me segurando. Ethan está parado atrás de Ken, que o protege ao mesmo tempo em que tenta me proteger.

Nos olhos de Ethan vejo medo e uma raiva tão grande que seus olhos tremem. Meu coração parece ter me deixado. As lágrimas caem livremente do meu rosto e eu só peço para Deus deixá-lo sair daqui vivo.

“Vocês querem que eu meta bala na cabeça dela?” O cicatriz fala.

“Solta ela e nós vamos deixar vocês irem.” Ken diz, mas eu sei que é mentira. Ele tem vingança e ódio nos seus olhos.

“Você acha mesmo que eu sou idiota?” O homem rosna e bate a arma na minha cabeça. “Não dê mais um passo.”

Olhando de soslaio e por debaixo dos meus cabelos, vejo que Ethan está na frente de Ken agora.

Não, volta para trás dele.

“Solta ela.” De algum lugar Sebastian fala e eu levanto o rosto procurando ele.

“Merda.” O homem do carro fala alto e o da cicatriz dá dois passos para trás e levanta a arma para frente. “Vem logo Onze. Atira em um deles e vem.”

“Não.” Choro e sacudo que não a cabeça, olhando para Ethan que dá mais um passo. “Fica aí.” Levanto a mão pedindo para ele parar, mas ele não obedece até que Ken segura ele.

“Vou atirar se não parar.” Cicatriz diz e de repente escuto um estouro.

“Merda.” O homem atrás de mim diz e depois escuto outro estouro. “Vem com ela ou sem ela, mas vamos seu idiota.”

“Filhos da puta.” O homem da cicatriz diz.

Sebastian aparece vindo da rua com dois homens vestidos casualmente e armados, para cima do carro e do homem comigo. Meu coração bate tão forte que eu posso escutar e sentir minha pulsação. Estou com tanto medo. O homem me puxa e me sinto mole, e acabo desabando um pouco. Ele me xinga e depois dá uma pancada muito forte na cabeça.

“Victoria.”

“Senhorita Colton.”

É a voz de Ethan e Ken. Parecem vir de muito longe.

O chão frio e duro da calçada me abraça. Tudo fica turvo, enevoadado e confuso. Escuto vozes, pneus de carro cantando, gritos de pessoas e disparos. Eu quero me mexer, mas meus braços, pernas, tudo não me obedecem.

Ethan? Eu o chamo mentalmente.

Eu sou só escuridão e vazio. Sinto frio, mas não é só do chão. Meu corpo dói e eu sinto algo escorrer no meu rosto.

Fico nesse vazio e inércia por um tempo, mas quando meu corpo começa a ganhar forças de novo, a primeira coisa que eu faço é abrir os olhos. O lugar está com algumas pessoas em volta, Ken está em cima de mim

“Srta. Colton?” Ele me ajuda a sentar.

Olho para ele, me sentindo tonta e agarro seu terno. “Cadê ele? Ethan?”

Seus olhos ficam perdidos, mas logo se ascendem e seu rosto fica preocupado. Medo me consome e eu me solto de Ken. Ele me ajuda a ficar de pé e eu logo vejo Ethan.

Ele está no chão. Abro a boca com um soluço doloroso e cambaleio até ele e caio de joelhos na frente dele, gritando. “AMOR?”

Seus olhos se abrem assustados e ele segura minha mão com a sua cheia de sangue, e geme. “Você está bem?” Pergunta com a voz fraca.

Minhas mãos soltam a dele e tremendo passam pelo seu corpo. *Ai meu Deus, por favor não.* Desesperada eu o seguro nos braços e ele resmunga de dor. Minhas lágrimas molham seu peito e eu afasto seu casaco e acho o foco da sua dor. Foi no braço ou no ombro. Não sei direito, mas não para de sangrar.

“NÃO.” Balbucio e levanto o rosto. “Ken chama ajuda.”

“Já liguei.”

“AGORA!” Berro e olho para Ethan. “Amor me desculpe.” Eu choro desesperadamente. Meu corpo treme e esquenta com a dor que eu sinto no meu peito. Soluço forte e o abraço.

“Eu estou bem, querida.” Ethan murmura beijando minha cabeça fracamente. “Se acalma.”

Movo a cabeça repetidas vezes que não e passo a mão no seu rosto. “Me perdoe. Me perdoe. Me perdoe.” Ai que dor. Choro do fundo do meu ser e mio de dor de vê-lo ferido.

“Te perdoar. Por que?” Ele pergunta e seu rosto torce de agonia. “Não foi sua culpa.”

“Foi sim.”

Ele nega e segura meu rosto. “Não importa, só fica comigo.” Suas lágrimas transbordam, fazendo meu choro ficar mais forte.

Assinto e nos abraçamos, mesmo ele sentindo a dor do tiro, me aperta bem forte nos seus braços. Não sinto eu mesma, só o medo de perdê-lo e de ter ferido ele. Foi minha culpa. Seguro a parte de cima do seu corpo, deitado no chão com muito esforço e tento ampará-lo, mesmo sentindo a maior fraqueza do mundo.

“Amo você.” Ele sussurra.

“Eu te amo. Me desculpe.”



SEGURO SUA MÃO FIRMEMENTE ENQUANTO a ambulância nos leva para o hospital e meus olhos não abandonam de jeito nenhum os dele. Ethan aperta minha mão, que está perto do seu coração.

“Olhem a cabeça dela.” Ele murmura fraco.

Curvo meus lábios, se é que se pode chamar isso de sorriso e olho-o com gratidão.

“Eles vão olhar depois.” Digo baixinho.

“Não.” Ele tenta se levantar e a paramédica o segura.

“Calma aí rapaz. Nós vamos cuidar dela daqui a pouco.”

Ele faz uma cara feia para mulher, teimoso como sempre. “Não me chame assim e cuide dela logo.”

“Ethan.” Tento repreender ele, mas minha voz está fraca. “Não está doendo, fica calmo.” Minto para não preocupá-lo.

Ele assente e fica calmo.

Passa alguns minutos e finalmente chegamos ao hospital. A maca que ele está, é e puxada.

“Victoria!” Ele chama.

“Calma” respondo saindo da ambulância e coloco a mão na cabeça por causa da forte tonteira que sinto e a dor.

“Você está bem para andar?” Um enfermeiro pergunta.

“Estou sim.” Digo, forçando meu corpo a se equilibrar e chegar até Ethan.

Nós entramos no pronto socorro e os olhos de Ethan tremem. O aperto da sua mão afrouxa.

“Amor?” Chamo chegando perto do seu rosto. “Ethan?” O desespero ganha força. Me falta ar e começo a tremer. “Olha para ele.” Peço para os médicos, enfermeiros, sei lá. Todo mundo.

“Estou vendo.” A enfermeira fala e depois de gritar o caso de Ethan, um médico aparece e eles começam a correr para o corredor da UTI.

“Ele precisa ser operado para tirar a bala, agora.” O médico anuncia.

A enfermeira assente. “Ele perdeu muito sangue.”

“Vai precisar de transfusão.”

Escuto tudo isso apática. Respiro com dificuldade e além do nervoso e medo, minha cabeça está latejando.

“Você vai ter que deixá-lo agora.” O enfermeiro diz colocando a mão gentilmente no meu ombro.

“Não.” Puxo meu corpo e quase caio.

“Você precisa ver sua cabeça e ele vai ser operado.”

“Eu não posso deixar ele.” *Eu não posso fazer isso.*

“Menina, por favor, escute o enfermeiro.” O médico diz.

Olho para Ethan com os olhos turvos e meu coração se aperta.

“Ele precisa ser operado, se você nos deixar levá-lo agora, ele logo, logo vai voltar para você.”

Com muita dificuldade e perdendo as forças, solto as mãos de Ethan.

“Salva ele... Ajuda ele, por favor.” Peço chorando.

“Nós vamos.” A enfermeira diz com simpatia.

Eu vejo Ethan sumir pelas portas da UTI e tudo fica turvo. Negro. E piscando vagorosamente, tudo se apaga e eu mergulho profundo em uma escuridão fria e solitária.

Vinte & Seis

Ethan

DOMINGO, 17 DE JANEIRO DE 2014.



TENTO ENGOLIR EM SECO MAIS UMA VEZ, mas minha garganta está muito seca. Merda, que dor é essa no meu ombro esquerdo. Que maldição é essa dor nas minhas têmporas. Sinto tanta dor de cabeça e no corpo que estou com raiva de estar sentindo dor.

Faço força para me mexer e nada acontece, apenas aumenta o aperto no meu ombro fazendo a dor piorar. Mais que merda aconteceu comigo? Que inferno.

Forçando novamente meu cérebro a responder, meus olhos abrem e que inferno de luz forte é essa. *Porra*. A claridade do quarto — porque de uma coisa eu sei. Estou em uma cama, que é dura demais e meu corpo está deitado de forma uniforme: braços descansando nas laterais do meu corpo, deitado de barriga para cima e meu tronco e cabeça, levemente repousados altos — maltratam meus olhos.

Onde estou?

Pisco meus olhos, para me acostumar com as luzes do ambiente e quando finalmente consigo focar em algo. Vejo paredes brancas com uma faixa bege clara na altura das maçanetas e tudo branco. *Esse lugar não me é estranho*.

Viro minha cabeça para o lado direito e encontro máquinas hospitalares de respiração e monitoramento cardíaco e arterial. *Porque isso?* Desço meus olhos para o meu corpo e me vejo de roupa branca com bolinhas azuis claras. É uma roupa hospitalar. Na minha mão direita tem um oxímetro no meu indicador e no braço uma agulha furando minha pele passando o soro.

Mais que merda é tudo isso?

Meus olhos passam pelo quarto todo e vejo um sofá de dois lugares bege em um canto em frente uma porta fechada, com uma mala, um casaco e um balão escrito: Te amo, tio Ethan.

Voltando meus olhos para perto da cama, encontro minha mãe em uma poltrona confortável de visitantes. Eu já sentei nessa cadeira quando meu pai

operou o joelho fodido por causa do futebol americano.

Fito minha mãe e ela está sentada, meio deitada de lado, com certeza parece que sofreu para achar uma boa posição na poltrona. Ela parece esgotada. Um cobertor abraça seu corpo por trás, como um manto. Na cabeça ela colocou um travesseiro que parece ser do sofá de dois lugares e em suas mãos um terço nos seus punhos fechados com força.

Franzo a testa, com certo esforço e estico minha mão para tocar no ombro dela.

“Mãe.” Minha voz sai em um fio de voz, então pigarreio para limpar a garganta e tento de novo. “Mãe.”

Ela pula da poltrona e vem para cima de mim em um impulso. “Filho. Meu menino.” Seus olhos cansados e desesperados ficam marejados e ela beija meu rosto diversas vezes. “Fiquei tão preocupada com você.” Murmura com a voz chorosa, me abraçando.

“Ai” resmungo com a dor no meu ombro. Ela está bem em cima.

“Me desculpe, querido. Você está se sentindo bem?”

Balanço a cabeça negando, mas sem ter certeza. “Por que... Por que está aqui, na verdade. O que eu estou fazendo aqui nesse hospital? Que dia é hoje?”

Minha mãe fica surpresa visivelmente com suas sobrancelhas erguidas e afaga meu rosto.

“Domingo. Você não se lembra do que aconteceu?”

Foco meus olhos nos dela e forço minha memória. Saí de casa cedo para ir trabalhar, à tarde fechei um novo negócio com um cassino de Las Vegas. Depois encontrei Victoria na academia... Isso.

Meu sangue gela e as memórias revivem na minha mente. Os seguranças subindo desesperados da garagem perguntando cadê Victoria e eu também procurando. Quando saí da recepção e não a achei. Fiquei desesperado.

Ken foi esperto e logo rastreou o diamante no anel que dei. Não perdemos tempo e fomos atrás dela. E quando vi... ela sendo levada para longe.

Nunca senti tanto medo e incapacidade ao mesmo tempo na minha vida. Eu morri mil vezes com a hipótese de eles conseguirem roubá-la e quando todos os seguranças aparecem, dominando a situação. Tudo piorou e mil vezes com a arma na sua cabeça.

Nossa, eu estava morrendo de raiva dele e medo dele acabar com a minha vida naquele exato momento. Porque sem Victoria eu não existo.

Eu estava atrás de Jorge na hora que fiquei de frente para aquele desgraçado e fixei meus olhos em Victoria. Ela tremia visivelmente e lágrimas grossas saíam dos seus olhos e feriam minha alma. Meu amor, minha princesa, meu anjo estava sofrendo.

Nunca vou me esquecer dos olhos dela, era tanto medo e preocupação que me encheu o coração com uma dor trucidante. Meu amor estava sofrendo e de novo.

Então meus pensamentos começam a passar rapidamente e tudo virou um caos. Sebastian atirou com os outros agentes de Victoria, o homem do carro chegou perto do outro e o puxou. E aí, o filho da puta deu uma coronhada na cabeça dela, que a fez cair no chão como uma boneca de pano.

Gritei junto com Ken desesperado enquanto os outros homens trocavam tiros e seguiam o carro que saiu cantando pneu... mas antes de conseguir chegar nela, levei um tiro no ombro. Ken soltou um urro de raiva e ficou indeciso se chegava até a mim, ou Victoria, mas eu não permitiria isso.

“*Não! Ken, vai até ela.*” Ele hesitou. “*Agora. Vai até ela, agora.*” Ken me atendeu e eu fiquei agonizando de dor no chão.

Dizem que quando estamos morrendo todos os momentos bons da nossa vida passa na nossa cabeça e por um momento eu achei que naquela hora eu estava morrendo.

Imagens de quando eu era criança, moleque, adolescente babaca, universitário, adulto cretino, passaram na minha cabeça e os mais longos e duradores, foi todos os momentos que tive com Victoria.

Eu senti uma dor tão forte no peito, mais forte e matadora do que a do tiro só em pensar que eu iria dizer adeus a ela.

Respirei fundo e fechei os olhos fazendo toda força que eu conseguia juntar, para me concentrar e me manter vivo até o socorro chegar, porque eu sabia que iria acontecer.

E ela apareceu ao meu lado, gritando, chorando e desesperada. Ela pedia ajuda e fiquei nervoso vendo a mancha na cabeça dela. Sangue. Ela me abraçou e chorando culpada, me pedia perdão com desespero na sua voz.

“*Me perdoe, me perdoe, me perdoe.*”

Temí naquele momento muito mais que minha morte. Tinha medo de sobreviver e ela me deixar, apenas pensando que era o melhor a se fazer. Então falei sentindo minhas forças falhando cada vez mais, que não foi culpa dela. Nada é culpa dela. Quis colocar isso na cabeça dela de uma vez por todas.

Tudo foi tão aterrorizante e quando chegamos no hospital, lembro agora das suas últimas palavras. “*Eu não posso deixar ele.*”

Isso gira e gira na minha cabeça. Sinto meus olhos queimarem e meu peito parece estar rachando pela dor de tudo que aconteceu. Minhas lágrimas grossas embasam minhas vistas e fitando o teto — para segurar mais um pouco meu pranto.

“Cadê ela? Cadê a Victoria?”

“Ela está em um quarto repousando.”

“Eu preciso vê-la, mãe.” Estou desesperado e tento levantar da cama, mas a dor irradia meu ombro. “Merda.”

“Filho, fica aí. Você não vai a lugar nenhum. Está se recuperando da operação.”

“Não, mãe” falo perdido e seguro suas mãos, que me empurram para me deitar de volta na cama. “Eu preciso vê-la, porque...” engasgo com meu soluço “porque ela vai me deixar.”

“Querido,” afaga meu rosto e sinto seu amor me amparando “ela não vai te deixar. Ela só precisa se recuperar como você.”

“O que? Como assim?” Meu coração para.

“Ela teve um pequeno sangramento cerebral, nada grave. Mas precisou de pontos e ser internada também.” Fico nervoso e ela parece ler meus pensamentos, e diz: “Ela também não queria ficar no quarto dela e sim ficar com você. Eu fui lá hoje mais cedo e ela estava sedada para não ficar se debatendo e querendo vir aqui. Vocês sofreram um choque muito grande e você foi ferido gravemente.”

“Eu não me importo, só *preciso* ver Victoria.”

Minha mãe suspira e aperta minha mão esquerda. “Eu entendo que você está preocupado com ela — ”

“É mais que isso, mãe” corto ela com a voz rouca. “Eu estou morrendo de medo dela me abandonar achando que é o melhor a se fazer.” Coloco a mão nos meus olhos e respiro com dificuldade. “A senhora não sabe quantas vezes nós tivemos essa conversa.”

“Sobre o que?” Ela pergunta se sentando na beira da minha cama.

“Ela é traumatizada pelo sequestro e por esses homens que perseguem ela.” Fixo meus olhos na porta do quarto. “Victoria me contou que lembra de tudo que aconteceu com ela no dia que a levaram e do cativeiro. Ela também me disse que um homem apareceu no último baile da empresa e falou coisas horríveis para ela.” Volto meus olhos para minha mãe. “Mãe...” minha voz falha e ela me olha com piedade.

Ela abre a boca, mas não fala nada, só balança a cabeça e limpa uma lágrima do meu rosto. Suspirando fundo, fecho os olhos e digo em um fio de voz:

“Eu não sei viver mais sem ela mãe.” Engulo em seco com dificuldade. “Deixa eu ir ver ela rapidinho, por favor. Falar com ela.”

“Ethan” ela diz meu nome com a voz embarcada e me abraça como pode, sem colocar seu peso em cima do meu ombro. “Eu te amo meu menino e eu faria tudo para isso acabar e você viver feliz com Victoria.” Ela me fita e as lágrimas

abandonam seus olhos. “Eu sei que ela ama você e eu só te peço um pouco de paciência, que logo eu a trago até aqui.”

Assinto e seguro sua mão com a minha que está com o oxímetro, e deixo um beijo. “Eu também amo a senhora e, por favor. Vai até ela e veja se está tudo bem.” Aceno a cabeça, tentando convencê-la.

“Eu vou sim, mas primeiro vamos ver como você está. Está bem?” Fala com sua voz autoritária e carinhosa.

Assinto e ela sai do quarto rapidamente. Logo uma enfermeira de cabelos vermelhos vivos e um sorriso calmo, deve ter a idade da minha mãe, entra com o médico já beirando a idade dos meus avós, mas muito divertido e jovial.

Ele me lembra Victoria com seu jeito simpático e aposto que ela o adorou. O médico testa meus reflexos, faz perguntas meio toscas do tipo: Meu nome todo, aniversário e até minha última refeição. E vê como está meu ombro esquerdo.

O tiro atingiu meu deltoide e a bala se alojou próximo a escápula. E como o tiro entrou e atingiu uma veia, perdi muito sangue e tiveram que fazer transfusão na mesa de cirurgia às pressas. Mas a operação ocorreu perfeitamente e a maior surpresa de todas. É que se passaram quatro dias e que fui colocado em *coma* induzido.

Tremo nas bases e só volto a respirar direito quando o médico me informa que deixou Victoria dormindo também, por mais ou menos três dias. Ela acordou ontem, porém ela foi sedada por aproximadamente oito horas, porque estava muito nervosa e agitada querendo me ver.

Idiota ou não, gosto de saber do desespero dela. Eu não tenho dúvida do seu amor, mas também não tenho dúvida de que ela faria tudo para me manter seguro e na cabecinha tonta dela, isso significa se separar de mim.

“Agora meu jovem, você vai descansar e quando puder eu deixo sua noiva vir te ver.”

Abro um sorriso bobo e esclareço a ele. “Ah... Primeiro eu acho que estou muito descansado e Victoria não é minha noiva” *ainda* — completo.

“Oh. Desculpe-me pelo erro, mas eu achei que vocês eram noivos pela forma que ela ficou e o anel no dedo dela.”

Balanço a cabeça e vejo minha mãe sorri atrás do médico.

“Não, aquele anel foi um presente de aniversário de namoro apenas” e desde terça-feira, é o presente do universo para mim, por colocar o rastreador e conseguir salvar minha garota das garras daqueles filhos da puta. Falando deles, olho para minha mãe. “O que fizeram com os filhos da puta?” Olho o médico e aperto os lábios. “Desculpe.”

Vejo os olhos de mamãe se estreitar e sei que dona Lauren está irradiando

raiva só em pensar nos caras que atiraram no filhinho dela. Ela é tão protetora quanto uma leoa e perseguidora quanto uma águia.

“Eles conseguiram fugir, mas seu pai, que está resolvendo as coisas com Ryan e Will, disseram que conseguiram acertar o homem que estava com Victoria e conseguiram o número da placa do carro que eles estavam. A polícia está investigando.”

“E?”

“E que a placa era clonada e não temos mais notícias. A esperança é que ele entre em algum hospital pedindo socorro, mas sinceramente.” Fica mais séria. “Eu duvido que eles vão fazer isso.”

“Bem, esse assunto não me desrespeita, mas concordo com você, Sra. Brown.” Diz o médico enquanto a enfermeira espeta uma seringa no meu soro. Resolvo não prestar atenção nela e olho para ele. “Em meus anos de experiência, duvido que um bandido irá procurar ajuda em um hospital. Provavelmente ele vai se resolver com os comparsas dele. Curativo e ponto falso.” Ele balança a cabeça exasperado. “É um absurdo o que aconteceu com você e sua namorada. Revoltante.”

Vejo que minha mãe sente um calafrio, mas ignoro e volto minha atenção ao médico, que está se mostrando um quase doutor House. Cheio de especulações e ideias. Gosto dele.



MEU IRMÃO ACABOU DE SAIR DO MEU QUARTO COM HANNAH e Jennifer. Eles entraram no meu quarto, para uma visita, quase no mesmo minuto que os detetives saíram do meu quarto. Para tomar um depoimento meu sobre o ocorrido.

Contei tudo do que me lembrava e sabia sobre a situação. Os homens ficaram realmente intrigados e prometeram investigar o assunto e achar os homens que encurralaram a gente. Falando dos seguranças, tive a triste notícia pelo meu irmão de que Sebastian foi atingido em cheio na cabeça, quando correu para perseguir o carro dos sequestradores.

Eu fiquei abalado com a notícia por ele e por saber como Victoria irá reagir sobre isso. Ela com certeza vai colocar na cabeça dela que é mais uma morte por culpa dela. *Inferno.*

Minha necessidade por vê-la está sendo maior do que a de respirar. Pedi para Anton me falar o quarto dela, mas o filho da mãe não quis me dizer e eu sei que foi ordem da minha mãe. Então curti sua visita e minha sobrinha fazendo perguntas para mim. *Por que eu estava no hospital? Por que eu tenho uma faixa enorme cobrindo meu ombro esquerdo? Por que a tia Vic está machucada na*

cabeça?

Amo minha sobrinha, mas realmente senti que precisava descansar e Jennifer reparou, e assim fez Hannah se despedir de mim. E eles foram embora têm dois minutos.

Fecho os olhos, tentando acalmar minha ansiedade, mas a porta do quarto é aberta novamente.

“Desculpe incomodá-lo, só vim lhe medicar.”

“Tudo bem.” Digo para a enfermeira e volto a fechar meus olhos.

Sinto ela chegando para ao meu lado, escuto mexer nos remédios e depois um silêncio. Abro os olhos e olho de soslaio ela novamente ingerir alguma coisa no meu soro. Acho que tem que ser de seis em seis horas.

“O que você está me dando?”

Ela olha para mim ainda apertando a seringa e responde: “É para o senhor se recuperar e não ter nenhum tipo de inflamação ou infecção. E por ordens do médico, um calmante.”

Franzo a testa. “Não precisa me dar um calmante, eu não estou nervoso. Só meio... ansioso para ver minha namorada e falando nisso. Pode me dizer o quarto dela?”

“Com certeza não precisa de calmante”, ironiza, “e claro que não vou te dizer o quarto dela. Posso ler nos seus olhos, que se eu disser onde é, você vai fugir para lá.”

Faço uma careta, torcendo minha cara toda e vejo-a sair do quarto.

“Chata.” Murmuro para o quarto solitário, porque minha mãe foi tomar banho e me abandonou.

Ainda com os olhos fixos na porta, vejo-a abrir de novo. *Que inferno. Como vou descansar desse jeito?* Espero ser a enfermeira de novo e volto a fechar minha cara. Mas desmancho quando vejo quem está abrindo a porta. Com o rosto sério, vejo chegando para o lado da minha cama e sigo seus movimentos calmos.

Sua mandíbula flexiona e vejo seus olhos inspecionar meu quarto. Sinto que está tentando achar palavras para falar algo e quando seus olhos caem novamente sobre mim, vejo engolir em seco.

“Pensei muito no que dizer quando viesse te visitar e chego até aqui agora e...” Franze a testa e dá um sorriso de lado sem jeito. “Devo te pedir obrigado por salvá-la?”

Engulo em seco também e fito seus olhos cinzas esverdeados tão iguais os da minha princesa.

“Não salvei ninguém, apenas não iria deixar levá-la de mim.” Pigarreio. “Eu disse que podia confiar em mim, Will.”

Seus olhos fogem e ele assente. “Sim, eu sei que posso confiar em você e muito antes de levar esse susto. Nunca pedi uma prova para suas palavras e estou sem reação sobre o que aconteceu.” Olha para janela ao meu lado direito e sua voz está distante. “Eu tenho certeza que se você não estivesse lá, eu talvez agora estaria lamentando não ter sido capaz para protegê-la melhor. E talvez dessa vez nunca mais encontraria ela.”

William abre a boca para soltar o ar preso e eu também sinto o medo corroer meu ser.

“Muito obrigado por estar lá com ela e eu fiquei desesperado quando soube que ela desmaiou e você estava em uma cirurgia. Você não tem noção de como eu prezo sua vida.” Ele me olha sem piscar. “Eu daria o céu para ela e se algo lhe acontecesse eu ia ter que descobrir como resolver isso. Não duvide nunca do quanto ela te ama. Ela é minha...” ele balança a cabeça, olhando para o chão, sem focar em nada “família. A amo e conheço. Conheço os olhos dela e sei a força do amor que sente por você. É verdadeiro e Victoria, infelizmente, daria a vida por você.”

Eu juro que estava tentando escutá-lo com seus olhos e voz emocionados, sem me emocionar também. Mas escutar sua última frase me quebra e uma lágrima escapa do canto dos meus olhos, e falo, forçando minha voz sair auditiva: “Eu sei disso.”

Will dá um aperto no meu antebraço, por não pode fazer isso no meu ombro, passando confiança e força no gesto.

“Obrigado de verdade e fique firme. Preciso de você.”

Assinto para ele e o vejo andar para a porta do quarto. E antes de fechar a porta e sumir. Ele vira o rosto e me dar um olhar penetrante.

“Porra.” Murmuro para a porta do quarto. Nem sei o que faço com isso, só sei que eu preciso ver Victoria para ontem. Merda. Preciso fugir daqui e vê-la.



ABRO A BOCA BEM ANTES DE ABRIR MEUS OLHOS e novamente sinto como tivesse algodão colado no céu da minha boca e não consigo engolir. Estou sem saliva, que coisa mais horrível. Acho que isso é por causa dos remédios que estão me dando. Só pode.

Espreguico meu corpo, ainda deitado, fazendo ondas de energia com meus músculos e quando levanto um pouco minhas mãos para flexionar e sair da sonolência meus braços. Apenas meu braço direito levanta porque o esquerdo está sendo segurado.

Abaixo meu rosto para minha mão e congelo. *É meu anjo.* Victoria está dormindo sentada na poltrona de visita e a cabeça na minha cama.

Singelamente seu rosto está deitado nas costas da minha mão esquerda e suas mãos rodeando meus punhos. No topo da sua cabeça tem uma faixa feita com atadura, que forma uma toca beirando acima das suas sobrancelhas.

Ela parece tão pálida e cansada. Dói meu coração por vê-la assim, mas estou contendo de ver ela aqui. Quero mexer a mão para passar nos seus cabelos.

Puxo lentamente minha mão debaixo da sua cabeça e do seu aperto firme ao meu pulso. Mesmo dormindo ela me segura firme. Quando puxo mais um pouco meu braço, ela resmunga e sua cabeça levanta. Seu rosto está assustado e sonolento.

“Ethan?” Ela mal desperta e vira o rosto para cima.

Nossos olhos se encontraram e algo perto de magia se estala no quarto. Parece que o mundo parou e balançou todo ele, e voltou a girar lentamente... quase em câmera lenta. Enquanto eu estava nervoso pensando em ser abandonado, seus olhos dizem que ela não viveria mais um dia a não ser velar meu sono até me ver despertar um dia.

Ela é tão linda. Eu a amo tanto e há quatro dias poderia ter sido o fim de uma curta jornada. Eu podia ter perdido ela, ou deixado ela. Meu coração se aperta e parece que ela lê meus pensamentos.

Seus lindos olhos verdes estão brilhando com a emoção e ficando marejados. Victoria torce o rosto e balança a cabeça olhando para mim, talvez pensando em tudo. Em nós. Engole um soluço e se levanta, vindo me abraçar.

Ela não diz nada enquanto seu corpo está sobre o meu e eu com certa dificuldade, coloco meus braços por cima dela. Silenciosamente ela começa a chorar e seu corpo a tremer.

“Me desculpe por tudo.” Ela sussurra no meu ouvido e a abraço com força, dano a mínima para a dor.

Beijo o topo da sua cabeça gentilmente para não a machucar.

“Para de pedir desculpas por algo que não foi sua culpa.” Falo baixo perto do seu ouvido.

Victoria soluça e beija várias vezes meu peito e pescoço, onde sua cabeça está deitada. As mãos estão na minha cabeça, massageando meu couro cabeludo. Afago suas costas lentamente e sussurro para ela se acalmar. Só que é inútil, ela chora culposamente, sem parar.

“Oh meu amor, por favor.” Murmuro.

Eu achei que estava abalado, que quando a vise ficaria sem chão pelo que aconteceu, mas ver o quanto ela está perdida na sua culpa e tristeza. Transforma qualquer sentimento meu em pó.

“Eu só queria salvar você disso tudo e quase perdi você por ser uma burra.” Seu corpo estremece em um soluço. “Eu nunca me perdoaria se algo pior lhe

acontecesse, Ethan.”

Queria me salvar?

Do que ela está falando? Subo minhas mãos para o seu rosto e o seguro. Fito seus olhos vermelhos de tanto chorar e acaricio seu rosto com os polegares.

“Do que você está falando?”

Ela engole em seco e pisca os olhos, para deixar as lágrimas saírem e poder focar meu rosto.

“Eu vi aquele homem do baile me olhando lá no pátio. Eu fiquei desesperada dele chegar para me levar.” Balança a cabeça perdida, lembrando do dia. “O homem que me agarrou estava me olhando também e...” outra pausa engasgada com o choro e eu preciso confortá-la.

“Calma, fica calma. Eu estou aqui, você está aqui.” Falo pacientemente como se ela fosse uma criança. “Não foi sua culpa. Está me ouvindo?”

Seu lábio inferior treme e ela segura meu rosto, olhando no fundo dos meus olhos.

“Eu só queria te manter distante deles e-e... Olha para você? Eu quase te perdi.”

“Oh meu amor.”

“Eu não queria que ninguém lhe fizesse mal, não queria sofrer de novo aquilo que aconteceu com a Cora e no fim aconteceu” fala com a voz fraca e trepidada. Levanta um pouco mais o rosto, tirando uma mão do meu rosto e colocando suavemente em meu ombro. “E foi bem pior. Você levou um tiro.” Fecha os olhos e eu consigo sentir toda sua dor por me ver assim. “Eu queria tanto poder acabar com isso.”

“Acabar com o que?” Pergunto olhando para o seu rosto virado.

“Com essa perseguição. Esse foi meu pensamento na hora que eu fui atrás daquele homem. Eu só pensava em deixar todos livres desse tormento e seguros. Já que eles me querem...”

“O que? Você o que?” Engulo em seco e perco uma respiração. “Você se entregou pensando que assim nós viveríamos... melhor?” Minha voz sai irônica no final.

Victoria prende a respiração e a veia da sua testa salta. E só acontece quando ela fica nervosa.

“Eu não sei.” Balança a cabeça, negando e gagueja. “Eu não sei, Ethan. Eu estava tão apavorada.”

Começo a sentir minhas lágrimas escorrem e aperto minhas mãos no seu rosto. Puxo-a para mim e encosto nossas testas.

“Você não pensou que nunca mais iria ver ninguém?”

Ela soluça e novamente acena que não.

“Que eles iam levar você para longe... Para longe de mim.” Minha voz rouca vibra tanto quanto seu corpo treme chorando. “Eu nunca mais ia ver você. E como eu ia continuar vivendo?”

Afasto seu rosto e fito seus olhos. *Eu amo tanto esses olhos.*

Ela abre a boca, fecha e abre de novo, mas acaba não dizendo nada e apenas chora. Subindo mais o corpo, me abraça pelo pescoço e geme com sofreguidão.

“Me perdoa, me perdoa, eu não pensei... eu-eu só queria manter você longe deles.” Chorando ela beija meu rosto. “Eu amo tanto, tanto, tanto você.”

Fecho os olhos e abraço seu corpo com força. “Eu amo você mais que tudo. Nunca mais faça isso.”

Ela assente freneticamente. “Eu fiquei com tanto medo de você está morrendo naquele chão.” Suas lágrimas banham meu ombro bom, do lado direito.

“Shuu... Está bem. Está bem. Agora esqueça isso e fique aqui. Okay?”

Ela assente de novo e mesmo que ainda chore, eu prefiro ela aqui desse jeito: frágil e vulnerável. Do que longe de mim. É mil vezes melhor ter isso, do que ficar pensando que ela quer me deixar por causa desse desastre.



DESPERTO COM O SOM DE ALGUÉM TOSSINDO e vejo Clara no pé da minha cama, secando os olhos com um lencinho de papel. Levanto a sobrancelha e ela anda para o lado da minha cama, que fica a janela e os aparelhos.

Ela vai para esse lado para ver Victoria de frente. Minha amada dormiu nos meus braços depois de tanto que chorou e se excedeu. Fiquei agradecido, porque senti como ela estava passando dos limites da tristeza e eu não aguentava mais vê-la chorando.

“Oi.” Clara fala baixo para não acordar Victoria.

“Oi, Clara” sussurro por estar mais perto da minha princesa.

Clara sorri singelamente e olha para o meu ombro. “Você está bem?”

“Estou sim, a dor aliviou bastante desde a última dosagem do medicamento e acho que sua amiga tem poderes curativos.”

“Ah que fofo. Vocês são tão lindos.” Seus olhos brilham olhando para a amiga. “Ela merece alguém como você.” Seu sorriso morre e Clara limpa uma lágrima, rapidamente. *Como se eu não tivesse reparado.* “Na verdade, ela merece o melhor desse mundo. Ela é maravilhosa.”

Sorrio com carinho e vejo ela abandonar a cara durona de: *Eu não vou chorar.* E suas lágrimas brotam livremente.

“Eu vim correndo para ver como ela estava na noite de terça feira e fiquei aqui até ela acordar na sexta.” Diz emocionada e faz um biquinho igual ao de

Hannah quando chora. “Eu não sei se falaram, mas a primeira coisa que ela fez quando abriu os olhos, foi perguntar de você e começou a chorar.” Traz os olhos para os meus. “Ela te ama mesmo, cara. De verdade, nunca duvide disso.”

Fico realmente tocado e emocionado pela devoção e carinho de Clara por Victoria, e também por tudo que ela está me contando. Agora entendo porque elas são amigas. Elas se amam como irmãs. Além do mais elas se entendem e tem o mesmo coração bondoso.

“Muito obrigado pela devoção a ela, sei que faz porque ama Victoria e não por mim.”

“Verdade, mas também tenho uma missão de mantê-la boa para você roubar de mim depois.”

Sorrio. “Desculpe por isso, mas você tinha que ter em mente que um dia a princesa acharia um príncipe.”

“Você é convencido demais.” Balanço a cabeça e se aproxima mais, leva a mão até a amiga e acaricia o rosto dela. “Cuida dela, está bem? Ela é muito importante para mim. É minha irmã.”

“Com toda certeza eu vou.”

“Okay. Está certo.” Clara se afasta, dá um passo para trás e limpa o rosto. “Agora eu tenho que ir, meus pais estão indo viajar e eu tenho que vê-los pegar o avião.”

“Tudo bem, obrigado pela visita. Vou falar para Victoria quando ela acordar que esteve aqui.”

“Obrigada e até mais.”

Ela caminha para a porta e antes que ela feche a porta, a chamo.

“Clara.”

“Oi?”

“Só para você saber, você foi a segunda pessoa que me falou para não duvidar do amor de Victoria, mas nem precisava. Eu não tenho nenhuma dúvida.”

Ela abre um sorriso de mil quilates e pisca o olho fechando a porta. Tiro meus olhos da porta e olho para Victoria dormindo serenamente. Beijo sua cabeça com cuidado por causa do curativo e afago seu braço em cima de mim, abraçando minha cintura. Minha princesa que tem asas de um anjo salvador.

Eu achei que o anjo da minha vida fosse Hannah, com seu jeito de me distrair e dissipar as discussões. Mas agora eu sei que o anjo da minha vida é Victoria. Ela que me ilumina, me engrandece, me ama e me salva. Mesmo que de um jeito imprudente e perigoso, ela apenas quer e quis me proteger e sua família.

“Te amo tanto, querida.” Sussurro e fecho os olhos, voltando a dormir com

a paz que eu sinto com ela em meus braços.

Vinte & Sete

Victoria

TERÇA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 2014.



“SOLTA ELA.” Ethan grita e vem para cima de mim, mas o homem de preto me aperta com mais força e aponta sua arma para ele.

NÃO...

NÃO

“ETHAN FICA AÍ” Grito desesperada e vejo todos correm.

São vultos. Muitos barulhos. Gritos e um tiro estoura no meio da nevoa.

MEU DEUS, NÃO.

“ETHAN!” Chamo-o de novo.

“Victoria?” Escuto sua voz, mas não o vejo. Cadê ele?

Cadê todo mundo?

Eu estou sozinha... de novo.

Pulo na cama assustada e arfando. Sentada no meio da cama, respiro sem controle. Colocando a mão no coração, tento fazer minha respiração voltar ao normal e meu coração se acalmar também. *Foi só um sonho, Victoria. Só um sonho.* Repito isso várias vezes. *Só um sonho ruim. Um sonho do que você passou e agora está tudo bem. Está tudo bem.*

Fungo com pesar, sentindo uma lágrima escorrer no meu rosto e estico a mão, para pegar o travesseiro atrás de mim, para abraçá-lo. Inspiro com força e sinto ainda o cheiro do *meu* Ethan nele. Eu roubei o travesseiro do quarto dele, apenas para ter seu cheiro comigo. Esse foi o único jeito de eu conseguir dormir sem sedativo longe dele.

Fecho os olhos e deixo o esgotamento do pesadelo dissolver lentamente, assim como as lágrimas molharem meu rosto.

“Ele está bem. Está tudo bem” sussurro no quarto vazio. “Ele está bem.”

Um soluço fica preso, parecendo está trancado no meio do meu peito. Se alojando no meu coração. Ah, Meu Deus. Que dor horrível, que tristeza infernal é sentir esse medo me abraçar. Assombrar meus pensamentos agora. Queria ele

aqui, mas o médico pediu para eu descansar e deixá-lo descansar também, cada um no seu quarto.

Todas as noites eu tenho o mesmo sonho, desde que acordei anteontem: Eu sendo puxada por um homem de preto, depois Ethan aparece pedindo para me soltarem e tudo fica turvo. Escuto o tiro e sempre tem dois fins. Ou tudo some e eu acordo. Ou Ethan leva o tiro e eu grito desesperada vendo ele no chão agonizando.

É aterrorizante reviver esse momento quando fecho os olhos. Hoje é terça-feira e faz exatamente uma semana. Uma semana que meu príncipe levou um tiro por culpa minha e eu realmente percebi o quanto ele é significativo para mim. Não que eu não soubesse antes, mas agora... *agora* é maior. Ele é muito mais para mim do um namorado. Ele é o homem da minha vida. Meu único e verdadeiro amor para todo o sempre.

Eu amo meus pais, meu irmão e Cora, mas o Ethan é minha outra metade. Eu não sei se existe essa coisa de alma gêmea, mas se existe. Ethan com toda certeza é a minha alma gêmea. Eu o amo mais do que eu posso ou consiga explicar.

Seria horrível ter que decidir entre minha vida, ou a dele. E sem sombra de dúvidas, eu escolheria a dele sem pensar duas vezes. Ele é o amor da minha vida. Meu coração não me pertence mais. É todinho dele.

Sinto meu corpo balançar por causa do soluço forte, vindo do meu choro silencioso. Aquele tipo de choro que sua alma está chorando, não sua carne, não seu corpo. É seu coração e alma que chora e clama aos céus trégua.

Puxo e solto o ar. Puxo e solto. Eu tenho que ser forte. Tenho que continuar a ser a menina forte que Will pediu para eu ser depois do sequestro.

Fecho os meus olhos com força e lembro-me dele, me abraçando e dizendo: *“Seja a princesa valente que eu criei. Seja a menina forte que eu sei que você é.”* E eu fui. Fui até hoje o que Will pediu para eu ser e nunca deixei que as sombras daqueles dias me dominassem.

Abro os olhos, sentindo o ar gelado do inverno gelar as lágrimas dos meus olhos, as que molharam meus cílios. Olho para o quarto. Tão silencioso e vazio. Assim como eu estou me sentindo agora. Vazia e solitária. O relógio da cabeceira da cama mostra 06h20min e eu estranho não ter ninguém no quarto comigo.

Aperto o botão vermelho para chamar a enfermeira no braço eletrônico da cama hospitalar, do lado direito e espero.

“Sim?” A enfermeira que está me atendendo desde o primeiro dia entra.

Ronda é muito atenciosa e calma, gosto dela e quando tirou sangue do meu braço ontem de manhã — de novo e eu nem sei por que — nem senti a agulha.

Tem mais ou menos a minha altura, a pele morena bronzeada e os cabelos negros presos em um coque formal.

“Está sentindo alguma coisa?” Ronda, pergunta caminhando até a mim.

“Não necessariamente, só me senti sozinha e com sede.” Respondo-a e vejo seu semblante preocupado desfazer claramente. “Desculpe te assustar.”

“Oh, não foi nada. Eu apenas estranhei você chamar e mesmo assim, já está na hora de trocar seu soro.” Ela aponta para a bolsinha de soro pendurada em um apoio de ferro, próprio para tal e bem acima da minha cabeça. Está quase sem nada.

“Nem reparei” digo.

“Não está sentindo a pressão no seu braço como estivesse tentando puxar seu sangue?”

“Não. Eu deveria?”

Ela me olha, depois de verificar o monitor que mostrar minhas frequências cardíacas, pressão arterial e saturação.

“Normalmente sim, mas isso não é importante. Espera um pouco que eu vou buscar sua água e o soro.”

Assinto e ela dar as costas. Chegando à porta ela diz sorrindo: “Sua mãe está voltando. Ela só tinha ido comer algo. Eu falei que ela está tempo demais aqui sem comer nada. Por isso foi comer.”

“Minha mãe ainda está aqui?” Estranho, minha mãe disse que ia embora ontem de tarde, logo que visitou Ethan.

“Sim”, ela responde e abre mais o sorriso, juntamente com a porta sendo escancarada por Cora. “Aqui ela. Disse que não ia demorar e eu também, já volto com sua água.”

Ronda sai e Cora entra sorrindo com um ursinho lilás na mão.

“Olho para isso? Você tinha um quando era criança.”

Assinto e entendi o que a enfermeira quis dizer. Ela confundiu Cora como minha mãe. Não que o tratamento e sentimento sejam diferentes dela para mim e vise versa.

“Por que esse sorriso?” Cora pergunta sentando na beira da cama, colocando o ursinho em cima de mim.

“Nada demais.” Pego o urso. “Ronda é divertida.”

“É mesmo.”

Mal respondo e Ronda retorna acompanhada por uma médica. A doutora está usando um jaleco branco padrão, mais as golas têm estampas de desenhos animados. Ela é linda, morena clara, chocolate, cabelos alisados castanhos escuros e seus olhos brilham tanto quanto seu sorriso branco. Tem a altura de Cora, mas pelo modo elegante e calmo de andar, aposto que ela está de salto.

Sinto simpatia por ela de cara. Acho que é o sorriso amigável dela.

“Trouxe sua água e a doutora Russell de presente.” Ronda brinca e a médica sorri.

“Olá, sou a doutora Karen Russell.” Ela cumprimenta Cora com um aperto de mão e olha para mim. “Você deve ser a famosa Victoria Colton?”

“Famosa?” Pergunto surpresa.

“Me esqueci de falar que você e Ethan estão no noticiário desta semana. Toda Califórnia fala do atentado a vocês.” Com o rosto para baixo, Cora murmura.

Meu coração salta dentro do peito. Isso é ruim, muito ruim. Will odeia que nós sejamos ou estamos alvo de paparazzi ou mídia, principalmente em um caso como este.

“Ele está bem com isso?” Pergunto para Cora e eu sei que ela entendeu a referência.

“Está resolvendo tudo como sempre e Ryan está com ele.” Ela deve ter notado meus olhos assustados e pega minha mão. “Não se preocupe. Nós já passamos por isso antes e sabemos o que fazer.”

Suspiro e escuto um lamento, que vem da doutora Russell. “Lamento trazer as notícias, achei que você sabia.”

“Não se preocupe. Eu ia conversar com ela mais tarde sobre isso” Cora fala e aperta minha mão.

A médica assente e pede meu prontuário a enfermeira. Observo elas falando sobre mim brevemente e depois sobre um paciente que Ronda está monitorando também. Ronda termina de verificar minha saturação e logo se despede de nós.

No quarto fica apenas eu, Cora e a doutora Karen Russell, que eu ainda não entendi o que ela quer.

“Bem, vocês devem estar se perguntando o motivo da minha visita. Certo?”

“Acertou” respondo e Cora assente.

“Eu sou umas das clínica geral do hospital Cedars-Sinai Medical Center e você já estava aos meus cuidados, mas eu sou também responsável pelo setor de Hematologia.” Assinto. “No caso eu sou mil e uma utilidades aqui.”

Sorrio para ela, mesmo não entendendo o que ela quis dizer de verdade.

“Que vem a ser? Desculpe a ignorância, mas eu não entendo de medicina.”

“Hematologista trata do sangue. Doenças e problemas no sangue.” Responde com um sorriso amigável.

“Ah” abro a boca e olho para Cora que está atenta com os olhos vidrados na médica.

“E o que a senhora quer com a Victoria?” Cora pergunta.

“De início eu quero saber se ela sentiu algo de diferente.” Ela fala se

virando para mim no final. “Você sentiu alguma coisa esses dias?”

“Como o que?”

“Dores de cabeça, febre, cansaço, fadiga, falta de apetite.”

“Não sei. Dor de cabeça às vezes, cansaço...” balanço a cabeça, despreocupada “fadiga, mas só na academia. O que é normal, aliás estava fazendo exercício” explico.

Abaixando o rosto para a prancheta de acrílico com papéis em suas mãos, a doutora Karen anota alguma coisa e depois sobe o rosto para mim.

“Você sente falta de apetite e dor no corpo também?”

“Sim, não muito. Eu estava gripada há pouco tempo. Fiquei bastante gripada mesmo. Por quê?”

Ela faz um sinal concordando com a cabeça e diz: “Porque me enviaram seu exame de sangue e eu vi umas taxas diferentes dos seus leucócitos. E por isso, mandei fazer um exame minucioso e preciso coletar mais um pouco da amostra do seu sangue hoje. É importante no seu caso.”

Franzo a testa e meus lábios curvam-se levemente.

“Tudo bem. Eu já até estou ficando acostumada com isso.” Minha voz sai amarga e recebo um aperto na mão por Cora.

“Eu lamento, mas é preciso.”

“Sem problema mesmo.”

Doutora Karen ainda com seu sorriso amigável chega mais para perto de mim. “Você irá receber alta ainda hoje, deve ser à tarde — ”

“Ethan também?”

“Provavelmente sim.”

“Você não sabe?”

Ela balança a cabeça, negando. “Não, eu não sei. Eu sou responsável pelo seu plantão, não o dele” ela diz e assinto, sem entender de novo “e como eu estava falando. Você voltará para casa hoje e vou agendar para você uma consulta comigo na sexta-feira. O exame já estará pronto. Você pode vir?”

“Posso sim.”

“Certo. Até lá ligue para mim por qualquer motivo.” Ela passa um cartão para mim. “Esse é meu cartão. Têm meu celular e o telefone da clínica. Você se sente bem hoje?”

“Sim” responde e Cora fala por cima.

“Por que a senhora está fazendo tanto mistério?”

“Não estou fazendo mistério,” ela se dirige para minha madrinha, muito séria “apenas sou uma médica que gosta de ter certeza antes de alarmar meus pacientes e mesmo assim. Não é do meu feitio dar um veredito que nem eu mesma tenho certeza.” Ela se vira para mim. “Não fique preocupada antes da

hora. Vou ter seus exames na sexta de manhã e a sua consulta deverá ser umas duas da tarde.”

Concordo. “O que a senhora acha que é?” Pergunto. Estou mais curiosa hoje do que o normal e nervosa.

“Não quero tirar conclusões precipitadas, mas assim que souber de tudo, vou lhe dizer. Fique tranquila tudo está bem com vocês.” Ela me dá um sorriso amarelo.

Assinto, sem querer mais perguntar nada. “Tudo bem então.”

“Agora vou pedir para a enfermeira Ronda vir tirar seu sangue. Vai ser apenas três tubinhos.”

“Nossa” deixo escapar meu espanto. “Tudo bem, né” sorrio de lado, sem vontade.

“Até sexta-feira Victoria e foi muito bom conhecer você e sua mãe” ela se afasta um pouco da minha cama e olha para Cora.

“Ela é minha madrinha” murmuro e sinto Cora se mexer e soltar minha mão. Ela pega o copo de água na mesinha perto da poltrona de visitas.

“Ah desculpe.”

“Sem problemas” Cora diz sem esboçar sentimento.

“Vocês se parecem, mas vou parar de falar e ir atender meus outros pacientes” doutora Karen sorri sem graça e abre a porta. “Se cuidem.”

A porta bate e eu viro meu rosto para Cora. Ela está sentada agora na poltrona com o corpo inclinado e as mãos segurando o copo na frente do corpo com os dedos tamborilando.

“Você está bem?” Pergunto.

Levantando o rosto, ela me dá um sorriso que não chega aos seus olhos. “Estou sim, só fiquei mexida com a visita dessa médica. Estranha.” Franze a testa.

Levanto da cama e me abaixo ficando na sua frente, quase de joelhos. “Não fique preocupada. Escutou o que ela disse? Não vamos tirar conclusões precipitadas.”

“Vou tentar” Cora sorri, forçado de novo e eu me levanto, indo para o banheiro e a escuto falar quando chego à porta. “Vou tentar tanto que vou tomar remédio para dormi até sexta.”

Rio e fecho a porta do banheiro.



“ESTÁ PRONTA PARA IR PARA CASA?” Ethan pergunta caminhando para a saída do hospital.

Cora, Will, meus pais e os pais de Ethan estão na nossa frente com três

seguranças os guiando e dois atrás de mim e Ethan. Eu realmente me sinto o presidente Obama às vezes e sair de um hospital assim, é glamoroso. *Consciência não seja sarcástica.* Acuso meus pensamentos e volto a presta atenção em Ethan.

Seu braço bom, o esquerdo — porque o direito está com uma tipoia azul escura o sustentando — entrelaçado no meu braço, enquanto com o meu outro braço, agarro um cachorro de pelúcia gigante que Hannah me deu.

“Acho que sim. Não sei” balanço a cabeça com os meus pensamentos caóticos e os pesadelos ainda me torturando no fundo do meu inconsciente.

“O que você tem?” Ethan pergunta preocupado.

“Nada. Acho que estou ansiosa para chegar em casa e talvez eu durma finalmente.”

“Não está dormindo bem?” Ethan pergunta me olhando, logo que chegamos em frente ao nosso carro — na verdade a fileira de carros para nossa família — e antes que eu responda, Lauren chega perto de nós.

“Entrem logo, em casa vocês conversam” ela exclama dando uma bronca.

“Está bem, mãe” Ethan resmunga como uma criança e eu rio seguindo ele para dentro do carro.

“Daqui a pouco a gente se vê” meu pai diz atrás de Lauren e Cora — que dá um *tchauzinho* — que fecham a porta.

Deslizo no banco do carro, assim que o sinto andar. Ethan passa o braço por trás de mim, me puxa de encontro ao seu corpo “Melhor agora?” Murmura nos meus cabelos.

Ronro como um gato, me acomodando ao corpo dele e fecho meus punhos no seu antebraço em cima do peito.

“Muito melhor” respondo de olhos fechados.

A viagem para casa de Ethan é tranquila e silenciosa. Quando os médicos falaram sobre minha alta, eu pedi — ou implorei — ao meus pais para ficar com Ethan na casa dele, pelo menos por enquanto. Eu consegui contanto que ligue sempre e um dia volta para casa. Cora separou umas roupas para mim e mandou entregar na casa dele.

Ken dirige e ao lado de Jorge, nos levando finalmente para o nosso lar. Atrás estão os carros de Cora e Will, meus pais e o dos pais de Ethan. Um grande desfile. Sorrio sem vontade. Minha vida às vezes é um circo e agora eu preciso rir, porque pensar no que aconteceu.

Pensar nos seguranças... meu peito se apertar e meus olhos ficam cheios d'água. Sebastian vem na minha cabeça: aquele jeito sério, sem muitas palavras e seus cabelos ruivos quase castanhos, cacheados. Eu bem poderia compará-lo a um anjo malvado, mas eu sabia que ele era do bem e agora está morto. Solto o ar

com força e Ethan aperta seu braço em mim.

“O que foi isso?” Pergunta e me faz um carinho — do jeito que pode — com a outra mão.

“Nada.”

“Não, me conta.”

Tomo uma respiração profunda e penso em falar o que eu pensei, sem parecer que eu estou remoendo isso. Porque eu não estou. Apenas estou pensando como uma vida é valiosa e única, que somos frágeis e devemos dar valor a tudo. *Será que ele era casado? Será que tinha alguém que o esperava em casa? Será que ele tinha uma mulher louca por ele como eu sou pelo Ethan?* Meus lábios tremem e eu trago a mão de Ethan até minha boca e deixo um beijo. E para o meu azar fungo denunciando minha vontade de chorar.

“Está chorando porque, amor?” Me afastando, puxa meu rosto para ele pode ver.

“É porque eu me lembrei do Sebastian” confesso e pisco os olhos, para limpar um pouco minhas vistas embaçadas. “Estava pensando se ele tinha alguém... Se alguém agora está...” subo meus olhos e fitos os olhos azuis penetrantes de Ethan. “Odeio que eles tenham conseguido matar ele. Ele era um bom homem.”

“Querida,” Ethan me abraça e me deixa chorar no seu colo, “não fica pensando isso. Tenho certeza que ele está orgulhoso do que fez. Era o trabalho dele nos proteger e ele deu sua vida por isso. É claro que eu não queria perdê-lo, mas... foi o sacrifício.”

Mais um sacrifício por mim...

“Eu sei” sussurro em um fio de voz.

Ele beija meu rosto suavemente. “Me diz que você não está se culpando?”

Não respondo e ele insiste.

“Fala comigo, Victoria.”

“Não”, deito minha cabeça no seu peito e dou um beijo. “Não é bem culpa. É... um remorso e pena se ele tinha alguém.” Uma onda de choro me abate e eu deixo sair um soluço, que me corta. “Pensar em alguém que o amava tanto quanto eu te amo e agora — ” deixo a frase morrer e Ethan fica em silêncio por um tempo.

“Eu entendo o que você está sentindo e deve ser mesmo aterrorizante” diz e pressiona seus lábios nos meus cabelos com força.

Deixo passar a onda do meu choro e pergunto:

“Quem falou com a família dele?”

“Acho que foi Ken, por ser responsável por todos os nossos seguranças, inclusive os meus e minha mãe disse que meu pai falou com algum parente de

Sebastian também.”

Assinto e passo a mão superficialmente no ombro machucado dele. “Você não sabe se ele era casado?”

“Sei e sim, a resposta é sim” a voz dele sai distante. “Era casado de pouco tempo e não sei se digo, graças a Deus ou infelizmente, mas sem filhos.”

Suspiro e fecho os olhos. Também não sei qual das duas opções é a melhor, ou pior.

Um pouco tempo depois sinto que o carro está sumindo as montanhas de Hollywood Hills, estamos chegando em casa. O sol já sumiu e o entardecer pinta o céu com tons de rosa e lilás, beijando o azul turquesa no horizonte de Los Angeles.

Esse azul me lembra os olhos de Ethan. Nem muito claro, nem muito escuro. Para mim é o tom perfeito e eu acho que nunca os ver, seria um crime.

Toda natureza é bela, mas elas se tornam mais lindas quando amamos, porque sempre irá remeter a alguma lembrança de quem nós amamos de verdade. Minha avó Maya disse que o que a curou das saudades de meu avô, quando ele faleceu, foi e é — ela ainda sente saudades dele — ver a imensidão da fazenda que ele tanto adorava.

Deixo de contemplar o céu e fito o rosto do meu príncipe. Essas lembranças me invadem agora porque estou me sentindo bem emotiva.

“Chegamos senhores” a voz grave de Ken atravessa meus pensamentos e parece despertar Ethan de uma soneca também. Coitadinho, ele está cansado.

“Ótimo” Ethan diz e a porta do seu lado abre.

“Bem-vindo de volta” Lauren diz com um enorme sorriso.

“Mãe, por favor, não exagere.”

“Não fala assim, deixa ela ficar feliz, poxa” reclamo e saio do carro, sorrindo.

“Só não acho que precisa tanto alvoroço” ainda reclamando Ethan fica de pé ao meu lado, quando sai do carro.

Lauren chega mais para perto dele e beijo o rosto do filho com carinho. “Espero nunca que você passe o que eu passei para saber minha felicidade agora.” Acaricia o rosto dele, liso porque tiraram a barba dele no hospital. “Mas tenho certeza que um dia você vai compreender o amor que um pai sente pelo seu filho e aí, você vai parar de me mandar ficar quieta, quando eu estou cuidando de você.”

Ele tenta segurar o riso e eu acabo abrindo um sorriso enorme. É lindo ver ele com a mãe.

“Nunca disse para senhora deixar de me amar” fala como um menino de dez anos — me deixando mais derretida por ele — e abraça a mãe com carinho.

Lauren coloca uma mão nas costas do filho e nos guia para dentro. “Que seja, você nunca pediu e mesmo que peça. Eu nunca deixaria de amar você.”

“Vamos logo com essa valsa. Entrem em casa” Aaron brinca, quebrando o clima meloso de mãe e filho, na porta da casa com os outros membros da família entrando também.



ASSIM QUE TODOS FORAM PARA SUAS CASAS. Meus pais, Cora e Will. Aaron e Lauren vão deitar, no antigo quarto do Ethan. Eu e meu namorado subimos para o nosso quarto, para tomar um banho calmo e rápido. Estamos muito cansados.

Saio do *closet* ajeitando os cabelos e vejo Ethan sorrindo. Ele já está sentado no seu lado da cama, recostando o corpo na cabeceira da cama acolchoada e as pernas esticadas com os tornozelos cruzados. Está vestido com a calça de flanela preta. *Apenas ela*. Lindo que só ele.

Ele dá uma palmadinha no colchão, me chamando e eu corro para chegar até ele. Me sento no meu lado da cama e passo meu braço por suas costas. Abraçando-o e com a minha outra mão, afago seu torso. Ele me aperta com um braço, me abraçando também, acariciando a lateral do meu corpo.

Ficamos fazendo carinho um no corpo do outro por longos minutos e chego a ficar sonolenta. Minha mão escorrega e ele a segura no meio do seu peito. Levanto meu rosto, deitado no peito e o fito.

“Amei a camisola nova” ele sussurra sorrindo.

Subo mais meu corpo e beijo seu queixo. “Obrigada. Eu a comprei naquele dia — ” deixo a frase inacabada e desvio os olhos. “Queria fazer uma surpresa para você naquela noite, quando chegássemos da academia.” Levanto os ombros culpada. “Mas não deu, né?”

“Victoria,” gentilmente ele levanta meu rosto, segurando meu queixo com as pontas dos dedos, para fazer eu o olhar fixamente, “já passou e eu adorei a camisola. Você ficou linda com ela.”

“Obrigada, amor” sussurro e beijo seu pescoço.

Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e me dá um beijo na testa.

“Ficou muito, muito sexy também” murmura sedutoramente. “Muito gostosa.”

Sorrio de orelha a orelha. Subo meu corpo, para beijar seu queixo carinhosamente, mas ele desce o rosto e nossos lábios se encontram. Levo minha mão para o seu rosto e ele para trás da minha cabeça, ajeitando meu rosto no ângulo que ele quer. Puxo seu rosto um pouco mais para mim, beijando com o mesmo ardor que ele me beija.

Nossas línguas se enroscam, deslizam uma na outra. Ethan dá mordidinhas nos meus lábios, depois lambe e enfia sua língua de novo na minha boca. Arfo cheia de desejo e calor por ele.

“Amor” sussurro entre um beijo e outro, “não” tentando pará-lo “não podemos.”

“Por que não?” Ele morde minha boca e volta a passar a mão pelo meu corpo.

“Porque você está machucado.”

Me pegando com força — com um braço só — ele me puxa para cima do seu corpo. Sento-me com as pernas abertas e com cuidado deixo uma mão no seu ombro bom e a outra no seu peito.

“Querido” tento me afastar, mas ele dá um apertão na minha cintura.

“Eu estou machucado, mas não estou doente e nem morto.” Diz subindo as pernas, deixando os joelhos altos e prendendo meu corpo ao seu. Sinto seu membro endurecendo e quente no meio das minhas pernas.

“Ah! Ethan!” Gemo de desejo.

“Sch...” ele lambe meu pescoço e mesmo com uma mão só, está me deixando louca. Enfiando a mão por dentro da minha camisola, ele sobe a seda e chega sua *mãozona* no meu seio. “Vem mais para perto” ele pede. “Deixa eu te sentir.”

Não consigo negar. Colo meu corpo no dele e passo minhas mãos havidas e sedentas nos músculos do seu peito. Ah, como eu amo esse corpo. Desço meu rosto para o seu pescoço e beijo o mesmo. Ethan geme e beija meu ombro.

“Me dá esses seios” sussurra na minha pele, lambendo e mordendo meu ombro. “Por favor.”

Suspirando, me afasto um pouco. Seguro a bainha da camisola com os braços cruzados e levanto o tecido, tirando e jogando a camisola para trás de mim. Ethan desliza a mão no meu corpo, passando deliciosamente as pontas dos dedos na frente do meu corpo, no meio dos meus peitos.

“Sempre me sinto no paraíso quando vejo sua pele,” mordendo os lábios. Ele não tira os olhos do meu corpo. “Quando sinto seu calor nas minhas mãos. Só minha.”

“Só sua” afirmo e inclino o corpo para trás, expondo mais meus seios, deitando meu corpo nas suas pernas e curvando para frente meu tronco. Sinto os pelos das suas coxas nas minhas costas.

“Chega mais perto, preciso beijá-los” diz fazendo um círculo nos meus mamilos.

“Só beijar?” Provoco com os olhos cerrados.

Ethan morde o canto da boca e me puxa pelo pescoço, encostando a boca na

minha. “Você sabe que sempre faço muito mais do que beijá-los.”

“U-hum. Eu sei.”

Ele rosna como um predador e bate seus lábios nos meus. Não perde tempo e invade minha boca com sua língua. Me agarro a ele, mexendo meu corpo, sentindo cada vez mais minha vontade de senti-lo dentro de mim. Ethan fecha o punho nos meus cabelos, separando nossas bocas puxando minha cabeça.

“Preciso te sentir por inteira. Tira a calcinha” ele pede com os olhos famintos.

“Mm.” solto um gemido contido e me afasto mais. “Você não pode.”

“Posso sim. Tira — por favor — essa calcinha e senta em mim.”

“Ethan!” Exclamo o nome dele de antecipação.

“Vai Victoria. Você me quer tanto quanto eu te quero” ele fala e eu assinto com o rosto mostrando frustração. “Tira logo.”

“Promete se comportar?”

“Nunca me comporto” ele pisca o olho e eu aperto os meus em desaprovação. Mais ou menos, amo ele safado desse jeito.

“Você sabe o que eu quero dizer. Quero que você prometa que não vai mexer o corpo.”

“Como eu vou fazer amor com você imóvel?” Indaga com o rosto mostrando frustração.

Aperto meus lábios para não rir. “Não disse totalmente. Apenas o braço do ombro machucado. Deixa ele parado.” Ele faz uma careta com minha exigência. “Você não pode forçar ele. Os pontos podem abrir” peço com mais carinho e passo o dedo delicadamente por cima do curativo no seu ombro. “E eu não posso me forçar muito tempo.” Aponto para minha cabeça.

“Eu sei.”

“Então?”

“Está bem. Eu prometo tentar não mexer esse lado. Agora tira logo a calcinha e monta em mim” diz e sua mão aperta minha coxa.

Dou gargalhada e acaricio seu rosto. “Adoro seu jeito doce, meu príncipe.”

“Meu charme” ele brinca.

“Príncipe cretino” digo me levantando e tenho uma ideia. “Vou aproveitar que estou de pé e vou tirar sua calça.”

“Aprovo” fala com um sorriso malicioso.

“Sch...” Peço silêncio. “Estica as pernas.”

Ele faz e fico por cima dele, sem sentar, e puxo sua calça, com ajuda dele que levanta um pouco o corpo. Quando termino de tirar a calça, deixo ela em algum canto da cama e fico na frente dele em pé.

“Puxa” digo olhando os olhos dele.

“O que?” Ele pergunta me olhando de baixo com a mão na minha perna.

“Puxa a calcinha, querido” murmuro.

“Mm... Eu gosto...”

Ele passeia a mão pela minha perna direita e puxa o elástico da calcinha. Conforme eu pensei, ela fica torta e dificulta o trajeto. “Vou te dar uma mãozinha” digo sedutoramente.

Seguro com ele a lingerie e tiro do meu corpo, descendo pelas minhas pernas. *SLAP* Ethan dá um tapa na minha bunda, quando fico com ela para o alto empinada.

“Ai, isso dói” reclamo, passando a mão.

“Vira para eu dar um beijinho.”

Sorrio e fico de costas para ele. Ganho um beijo suave nas pernas, uma de cada vez, ele me força a descer mais um pouco e corpo e beija a maçã da bunda onde deu o tapa. E sem esperar, sou puxada para baixo, pela cintura.

“Nossa” exclamo sentada no seu peito.

“Queria poder fazer mais do que isso, mas com uma mão fica limitado.”

“Não estou reclamando.” *Oh! Eu não estou mesmo, estou amando isso.*

“Desce mais um pouquinho e me coloca para dentro” sussurra beijando minhas costas.

Suspirando, me ajeito e antes de colocar seu pau na minha entrada, aliso-o com carinho. Passo as mãos nas suas coxas e finalmente, segurando seu membro. Duro e quente, e deslizo-o para dentro de mim abrindo bem as pernas.

“Ah!” Solto um gemido e jogo meu corpo para trás, me deitado no peito de Ethan sentado atrás de mim.

Ele solta um gemido rouco no meu ouvido. “Fica paradinha. Só quero te sentir” sua voz rouca e excitada aquece meu pescoço. “Deixa eu sentir você, meu amor.”

Nossa, ele me deixa tão doida. Eu amo sua voz, seu corpo assim colado ao meu. Sentir seu suar se misturando ao meu. Sua respiração começando a acelerar e seus lábios, deixando beijos na minha nuca e no ombro. Meu paraíso, meu céu. O melhor lugar do mundo.

“Porra, que saudades que eu estava de sentir você assim” ele murmura e lambe meu pescoço para depois morder a curva do meu ombro.

Fecho os olhos e aceno que sim, concordando. Eu também senti falta de senti-lo assim. Eu precisava senti-lo dentro de mim, para saber que tudo está bem mesmo. Que ele está aqui *ainda*. Que eu o tenho *ainda* para mim. Meu coração se aperta tão forte, que sinto falta de ar.

Trago sua mão até meus lábios e beijo com carinho e reverencia. Deixo meu corpo cair um pouco para o lado e viro minha cabeça. Fito seus olhos e ele

também fixas seus olhos azuis nos meus. Não preciso de palavras.

Às vezes as palavras são necessárias. Às vezes nós precisamos delas para dizer e explicar as coisas, ou o que estamos sentindo. Mas um olhar vale muito mais e ele crava na alma. Não preciso de palavras para saber que o mesmo sentimento que eu sinto agora, passa no coração de Ethan.

Ele também achou que seria o fim. Que nosso conto de fadas iria acabar muito antes de vivermos tantas aventuras e realizarmos tantos sonhos juntos nessa vida. E na verdade, eu *nunca* quero que acabe. Quero viver nos braços dele para sempre. Para todo o sempre como nos contos de fadas.

“Meu príncipe” sussurro com a voz embargada.

“Minha princesa” Ethan sussurra também com os olhos marejados e acaricia meu rosto com o dele. “Amo você profundamente. Sabia?”

Assinto sorrindo. Subo meu rosto, para novamente nossos lábios se encontrarem. Nos beijamos com todo nosso coração e fazemos amor apaixonadamente nos confortando e reconectando.

Vinte & Oito

Ethan

QUINTA-FEIRA, 21 DE JANEIRO DE 2014.



SORRIO AO VER MEU IRMÃO ENTRAR COM MINHA CUNHADA e minha sobrinha na minha casa. Hannah passa direto por mim e se joga nos braços do meu pai enquanto Jennifer cumprimenta minha mãe e Anton chega até a mim.

Meu irmão me abraça, me cumprimentando dando uns tapas fortes em minhas costas. Coisa de homem e no caso de Anton, coisa dele mesmo. Ele é um bruto e não sabe dar um cumprimento de *brothers* sem quase deslocar meu ombro.

“Gosto de ver você assim, irmão. Firme e forte” ele murmura baixo, apenas para eu ouvir. “Eu te amo seu cretino.”

Rio e o abraço com carinho. Não é porque somos homens que não nos amamos e demonstramos isso. Porém seu aperto está me machucando.

“Se você bater com mais força, vai arrebentar meus pontos.”

“Não seja fracote.” Ele diz se afastando. “Cadê sua bela amada?”

“Está no telefone com a Clara, daqui a pouco ela aparece” respondo sorrindo. Efeito que Victoria causa em mim até distante.

“Achei que ela estava na sua cola depois daquele dia?”

“Não toque nesse assunto Anton.” Jennifer briga com meu irmão e depois me abraça.

“Não tem problema Jennifer. Aconteceu e não vou deixar de lembrar apenas porque ninguém toca no assunto. Está tranquilo, Jenny.” Viro-me para Anton. “E Victoria está mesmo assim.”

Minha princesa sempre, na realidade nós somos grudados um no outro, mas desde que tivemos alta anteontem, ela não me larga para nada. Levantamos juntos, mesmo que ela acorde primeira e muita das vezes é devido aos pesadelos que ela anda tendo. Victoria me espera acordar e só então levanta para tomarmos café da manhã, *juntos*. Banho também é juntos, almoço, lanche, janta. Ela praticamente senta no meu colo na mesa.

Assistimos televisão na sala de TV ontem, deitados juntinhos no sofá

reclinado e depois fomos dormir abraçados de conchinha. Estamos absolutamente ligados. Somos quase um só desde que acordamos no hospital e a sensação de quase perda, nos atingiu com força.

“Certo então.” Anton diz e sinto mãozinhas baterem na minha perna.

“Tio me pega. Pega eu!” Hannah exclama contente.

Me abaixo e a pego no colo com o braço esquerdo. O direito ainda está curando e por causa dos pontos não posso fazer muito esforço, fora que dói para caralho.

“Meu anjinho lindo. Como você está?”

“Melhor agora que estou com você, tio Ethan.”

Um sorriso babaca — o costumeiro quando estou com minha sobrinha — abre-se em minha face.

“Cadê a princesa?”

“Estou aqui”, Victoria responde.

Todos se viram para ela que está descendo as escadas. Está usando um vestido preto que chega mais ou menos até a altura dos joelhos com as mangas longas e uma bota de cano alto. Ela está linda e sexy. Hoje vou driblar novamente a dor no ombro e fodê-la gostoso, e com certeza as botas ficam.

Ela chega onde todos estão e cumprimenta minha cunhada, meu irmão e pega Hannah do meu colo, que se derrete no colo dela. Minha sobrinha dá beijinhos no rosto de Victoria e ela faz o mesmo. Fico olhando para elas com sensação de estar no lugar certo com a pessoa certa. Minha princesa me flagrar a admirando e abre um sorrisinho para mim.



ESTOU SENTADO À MESA DA SALA DE JANTAR, tendo um maravilhoso jantar em família. Anton, Jennifer e Hannah, meus pais e Victoria. Todas pessoas mais importantes da minha vida estão aqui e depois do susto é bom tê-los perto de mim.

Minha mãe vira-se para mim e me olha atenta e preocupada. Ela está em cima de mim o tempo todo, falta quase a me dar comida na boca. Sempre fui mimado, não nego isso e nunca vou negar. Minha mãe foi e é aquelas mães que leva café da manhã na cama até o filho ter cem anos. É uma mãezona. Sempre está desposta a ajudar e salva os filhos. E mesmo que eu tenha perdido boa parte disso quando fui mandado para Inglaterra. Quando ela me visitava, sempre compensava a falta que fazia nos meus dias sem ela, na minha vida, nos meus dias e noites longe.

Eu amo esse cuidado, amo essa atenção que recebo da minha mãe. Quando eu falo para ela não exagerar e parar um pouco, é pura zoação. Todos os filhos

gostam de paparico e principalmente os homens. *Porra!* Homem adora ser tratado como *filhinho da mamãe* e é por isso que alguns casam e as mulheres falam que eles são uns exploradores.

Mas merda, não é exploração querer receber carinho, atenção e mimo. Não é porque os homens são por natureza mais fortes, que eles não precisam de atenção e paparico. Lógico que um bom homem quando se casa, gosta de dar e receber carinho.

Eu por exemplo amo receber carinho de Victoria. Fico todo bobo quando ela faz algo especialmente para mim, mas fazer para ela também é uma honra e um dever. O melhor de tudo é isso. A troca. Tanto gosto de agradar, quanto gosto de ser agradado.

“Não pai, absolutamente não.” Anton reclama.

“Por que não? É uma ideia brilhante, filho.”

“Porque comprar uma casa é desnecessário. Vivo muito bem na minha cobertura.” Meu irmão esbraveja e vejo minha cunhada torcendo a boca.

“Você não gosta de casas?” Victoria pergunta curiosa.

“Não.” Jennifer responde. “Ele acha um saco morar em *casas*.”

Victoria sobe as sobrancelhas e me olha sorrindo.

“Ele é idiota, amor.” Brinco com ela e Anton joga o guardanapo de pano em mim.

“Você também não gostava.”

“Nunca disse isso.”

“Crianças, não comecem”, mamãe fala.

“Você só gosta dessa casa aqui porque fica perto da casa de Victoria e porque nossos pais deram para você. Sua vontade era comprar uma cobertura em frente à praia. Nem vem com essa.”

“Você está falando besteira. Eu já gostava da casa antes de começar a namorar Victoria.”

“Verdade.” Meu pai se mete.

“A não forcem a barra. Por que vocês querem que eu compre uma casa?” Anton pergunta olhando para mim e meu pai.

“Porque é mais seguro.”

“E se você e Jennifer tiverem mais filhos, a casa é melhor para eles.” Minha mãe fala.

Anton olha para a esposa e Jennifer franze a testa. “Quê?” Fala olhando-o confusa.

“Você tem alguma coisa a ver com isso?”

“Não.”

Ele cerra os olhos e olha para os nossos pais. “Só para vocês saberem eu e

minha família vivemos muito bem na nossa cobertura em Santa Mônica e tenho dois quartos sobrando.”

“E se você tiver mais três filhos?” Meu pai pergunta com humor.

“Aí eu compro um apartamento maior ou reformo o meu. Sem problema.” Meu irmão diz fitando meu pai e sorrindo coloca um pedaço de carne na boca.

“Você é um pentelho no cu” falo e minha mãe arregala os olhos.

“Ethan Lyon Brown.”

“Que isso?” Hannah pergunta, sentada ao lado de Victoria e eu.

Victoria pisca os olhos para mim, sorrio para ela como um pedido de desculpas. “Desculpe” murmuro.

“Filha não é nada.” Anton diz e me fuzila com os olhos.

“Até parece que isso vai adiantar.” Jennifer balança a cabeça, em desacordo com o marido.

“O que você quer que eu diga?”

“Nada querido, ela vai esquecer. Não é filha?”

Hannah nega com a cabeça e olha para Victoria. “O que é isso tia princesa?”

“Ah...” Victoria fica sem jeito. “É uma pessoa... chata. Palhaça, brincalhona. Tipo o seu pai.”

Todos caem na gargalhada e meu irmão fica com cara de poucos amigos.

“Muito obrigada cunhada.”

Ela sorri, mostrando todos os dentes. “Queria que eu dissesse o que?”

Anton faz uma careta e acaba rindo.

“Ai meu Deus.” Hannah exclama dramaticamente capturando a atenção na mesa. “Tem um monte de meninos na minha sala então que são uns *pentelhos no* —“ Victoria tampa a boquinha de Hannah a tempo.

Rio e ganho um chute do meu irmão na canela. “Culpa sua, seu idiota.”



ME DESPEÇO DE TODOS. Anton, Jennifer e Hannah vão para casa. Meu irmão fez questão de ver novamente se meu braço está curando, com seus tapas fortes. Idiota como sempre. Meus pais vão para o aeroporto, para voltarem para casa em Maryland.

Com muita insistência, minha mãe aceitou voltar porque afirmei que já estou me sentindo bem. Que estou cem por cento e ela pode ficar na casa dela tranquilamente, mas sei que ela vai ligar todo santo dia e provavelmente mais de uma vez. Aposto que umas quatro ligações por dia. No mínimo.

Volto para dentro da casa e não vejo ninguém, ou seja, Victoria. Vou para sala e Prince está deitado no seu colchãozinho. Quando me vê na sala, levanta

cabeça e o rabo abana.

“Oi amigo. Você viu uma loira gostosa por aí?”

Prince dá seu latido fraco — ainda é um filhote — e corra para mim. Sento-me no sofá e pego-o no colo. Ele lambe meu rosto e suas patinhas dançam em cima do meu corpo.

“Quanto amor” Victoria diz sentando ao nosso lado. “E eu?” Ela afaga o cão.

AU AU AU — Ele late e se joga para ela. Lambe seu rosto, pescoço e ela tenta fugir do carinho.

“Calma, bebê.” Ela diz sorrindo.

“Ele não nega que é meu.” Digo virando meu corpo para ela e segurando sua cintura.

Ela dá gargalhada e faz Prince sentar-se no nosso meio, mas ele se revolta e pula correndo pela casa. Sorrindo, puxo minha princesa para mim. Ela deita a cabeça no meu peito e eu deixo o corpo deitar um pouco no sofá, nos acomodando.

“Ele está crescendo.”

“É. Daqui a pouco não vai caber debaixo do sofá dele.” Victoria lembra do sofá da biblioteca do nosso quarto que Prince adora tirar uma soneca.

Rio e ela passa as mãos no meu peito e nos meus braços. “Como está o ombro?”

“Depois das porradas do Anton, acho que está quase cem por cento.”

Ela ri e eu sinto seu corpo tremer com o movimento. Amo essa risada dela. Beijo seus cabelos e ela chega o corpo para frente, pega o controle remoto e liga a TV.

“Vamos ver um filme.”

“Jura?” Sussurro no seu ouvido quando seu corpo volta a se encostar no meu. “Não prefere fazer um filme não? Comigo?”

Ela vira o rosto, tirando sua atenção da tela, onde estava vendo a programação da TV de assinatura.

“Que tipo de filme?”

“Erótico. No estilo sexy hot com cenas muito quente e sem cortes.”

Ela joga a cabeça para trás de tanto ri e eu a derrubo no sofá. Fico em cima dela e olho seus olhos verdes acinzentados.

“O que acha?”

“Você é terrível, querido.”

Pisco o olho e ela me empurra.

“Sai, eu quero ver o filme do Homem Formiga.”

“Que insulto. Eu sendo o Capitão América, trocado por uma formiga.”

Ela bate no meu peito. “Cala a boca. O poder dele é incrível e o filme é ótimo.”

“Prefiro o meu poder.” Faço-a sentar no meu colo e sussurro no seu ouvido, baixinho. “Que é fazer você gritar quando sente a minha força. Se é que me entende.”

Ela solta um gemido e eu beijo sua boca.



“FIQUE BONZINHO. OKAY, AMIGÃO?” Digo afagando os pelos da cabeça de Prince.

Ele está nos meus braços, aconchegado enquanto estou sentado no sofá. Victoria que tanto quis assistir um pouco de televisão, já se mandou e eu que estou aqui. Gostei do filme do Homem Formiga. Tenho que admitir que o poder dele é foda, mas do Capitão América é melhor. Mesmo que meu Super Herói favorito seja o Superman.

Enquanto o filme passava, Victoria foi caindo no sono e disse que ia subir para tomar banho antes que não tivesse mais forças. Não tem muito tempo que ela disse isso. Então se levantou e foi. Até aí eu não discordei e não achei estranho.

Só que ela disse que queria tomar um banho sozinha. Eu não gostei de nenhum pouco disso, mas deixei ela fazer o que queria. De forma alguma a impedirei de fazer algo que ela não quer ou quer fazer. Então chamei Prince para me fazer companhia quando ela subiu.

Isso tem uns quarenta minutos. E como o filme acabou, vou subir também. Preciso deitar também. Deitando Prince no sofá — mesmo não sendo certo — levanto do mesmo e passo uma última vez a mão no seu corpinho peludo, e fico de pé.

“Não me olhe com esses olhinhos, amigão.” Brinco com o cachorro que está com aquele olhar de filhotinho pidão: Olhos brilhantes me olhando quase sob os cílios, as orelhas juntas para baixo e as patinhas juntas na frente do corpo. Parece até o gato do Shrek — que eu conheço porque Hannah me fez assistir esse filme umas trezentas vezes.

“Nossa, você me quebra viu, carinha. Mas não vou te levar lá para cima.” Ele parece entender e passa as patinhas na cara fazendo dengo. “Não adianta e pense comigo. Aqui em baixo tem tudo seu. Água, ração, caminha e espaço livre para você fazer suas necessidades. O quarto não é lugar para isso e não quero acordar de madrugada para abrir a porta para você.”

Eu amo esse peludo, foi o melhor presente que ganhei até hoje, mas odeio com todas as forças ter que levantar da cama para abrir a porta para ele sair e descer para fazer coco e xixi, e sei lá mais o que. Comer, bebê ou destruir mais

alguma coisa. Os brinquedos que Victoria compra — praticamente tem um novo todo dia — são restos para ele em poucas horas, por isso minha namorada precisa renovar e guardar em estoque para ele.

Dou uma última olhada em Prince — que permanece com a carinha de pidão — e decidido giro meus calcanhares, indo para as escadas.

Chegando ao terceiro andar, passo pelo pequeno corredor até a porta do quarto. Antes de entrar, ajeito o tapete em frente ao quarto — parece que alguém estava com raiva dele ou algo do tipo — e pego na maçaneta.

Quando abro a porta do quarto, acho estranho o que vejo. É realmente uma cena estranha e preocupante. Principalmente no meu novo estado de espírito: *Neurótico*.

Victoria está encolhida, abraçada a uma das almofadas do sofá que tem na pequena sala de leitura. Ela balança o corpo vagarosamente e repetitivas vezes, para a frente e para trás. Os braços — que engolem o travesseiro — também puxam as pernas, com as mãos segurando os joelhos e os dedos entrelaçados.

O estranho nem é mesmo ela estar sentada encolhida e parecendo tão abandona, e sim onde ela estar sentada.

No chão. Victoria está encolhida sentada no chão, especialmente em cima do tapete de pelo que ela adora. Eu sei que o tapete é fofo e aconchegante, nós dois já fizemos amor em cima dele umas cinco vezes, ou mais.

Tive muitos momentos maravilhosos em cima desse tapete com meu amor. Nós dois rolando por ele, nos amando e até nos enroscando com Prince no meio de nós dois. Momentos felizes e agora ela não parece estar nenhum pouco feliz. Parece tão abandonada e distante. Sei que ela anda tendo pesadelos todas as noites, mas não percebi que estava tão mal assim.

Ignorando meu lado de sempre fazer a perguntar: *‘Se ela está bem.’* Pressentindo que agora a resposta é obviamente *não*. Me aproximo dela, para procurar uma forma de fazê-la se sentir melhor.

“Victoria?” Chamo-a, faltando apenas alguns passos para alcançá-la.

Noto que ela não me ouve, contudo não se move nenhum pouquinho ao som da minha voz. Me ajoelho ao lado dela e a puxo para os meus braços.

Como se estivesse esperando eu chegar e resgatá-la dos seus pensamentos. Sua cabeça repousa em meu peito. Um braço vai para trás das minhas costas e envolve minha cintura e o outro sobe, levando sua mão até uma das minhas mãos — que está no seu ombro, enquanto a outra eu acaricio a lateral do seu corpo — e entrelaça seus dedos nos meus. Suas pernas deslizam, ficando esticadas e o travesseiro é esquecido.

Ela está fria com a respiração pesada. Seu corpo não para de balançar mesmo eu a abraçando com todo amor e carinho, que tento passar para ela.

“O que você tem? Foi mais algum pesadelo?” Murmuro baixo, para tentar acalmá-la e fazê-la falar. “Me conta para eu poder dizer que tudo está bem.” Deixo um beijo no alto da sua cabeça. “Hm, meu amor? Fala comigo.”

Seu corpo retesa e ela arfa com força, com um soluço. Levando minha mão para o seu queixo, ergo e olho para seu rosto. Sua aparência sempre angelical e alegre, está aparentemente pálida e tristonha. Os olhos estão marejados e vermelhos confirmando o que eu suspeitava. Ela chorou.

“Fala comigo.” Sussurro bem baixinho e ela pisca.

Olhando-a atentamente, vejo que por debaixo da tristeza, seus olhos transparecem tudo: Medo, tristeza, solidão e amor. Amor é o mais profundo e eu sinto na minha alma.

Uma dor no meu peito me domina e a aperto em meus braços.

Ela sente a minha preocupação e seu corpo estremece. Victoria pisca novamente e uma lágrima solitária escorre no canto da sua face. Meu polegar consegue pegar a gotinha que escorreu e o rosto de Victoria se contorce de tristeza. Como se o meu toque a machucasse.

Seu corpo vira-se para mim rapidamente e ela encosta nossos joelhos. Suas mãos caem nas minhas pernas dobradas e aperta minhas coxas. Afasto as pernas para ela encaixar as delas no meio — entendendo o que ela quer. Ficar mais perto de mim. Com um soluço, ela deixa o corpo cair para frente e prontamente a envolvo e sua testa bate no meio do meu peito com um baque.

Com um ruído ela sobe as mãos para o meu torso e seus punhos fecham-se no meu suéter — o seu favorito — e que eu vesti porque ela escolheu, antes de sair mais cedo. Soltando outro ruído, sinto seu corpo tremer e a puxo mais para mim. Ela deita o rosto em mim, perto do meu coração e sinto o ponto onde seu rosto estar, umedecer meu suéter com seu choro, não mais silencioso.

Fico sem reação, não sei o que fazer. Apenas a seguro, querendo que ela entenda que eu estou aqui. Ninguém vai fazê-la mal. Lentamente a nino em meus braços e ela faz carinho no meu corpo. As mãos agarram meu suéter, provavelmente deixando uma marca.

Ela acaricia meu corpo sob o casaco e descendo as mãos para a bainha do suéter, Victoria enfia as mãos por debaixo e encontra minha pele, e volta a acariciar meu corpo. Agora sinto suas mãos tremulas e frias, na minha pele quente e nos meus músculos rígidos pelo esforço emocional que eu estou fazendo.

Eu quero ampará-la. Prometi a ela que sempre seria tudo o que ela precisasse. Tudo o que eu puder lhe dar, darei. E agora eu não sei bem o que fazer para resolver a situação. Ela não disse nada até agora para eu tentar achar uma solução. Mas no fundo sei o que está querendo e é isso que estou

oferecendo. Meu corpo e meu amor.

Pelo jeito que ela faz carinho no meu corpo, sinto seu amor também. Suas mãos viajam dos lados do meu corpo, passando em minhas costas demoradamente, catalogando os músculos. Deixando o corpo se soltar um pouco do meu, ela desliza as mãos pelo meu peitoral, se demorando no abdômen.

De repente ela sobe o corpo, ficando de joelhos na minha frente. Inclina o corpo e segura meu rosto. Repito seu gesto e fico de joelhos também com seu rosto em minhas mãos e encosto nossas testas.

“Fala comigo.”

Ela balança a cabeça suavemente. “Eu não quero falar. Não quero conversar.” Faz uma pausa e as mãos circulam os meus punhos ao lado do seu rosto. “Eu quero você. Só isso.” Sussurra afastando o rosto apenas para conseguir olhar meus olhos.

“Minha nossa. O que aconteceu? Fala comigo.” Murmuro, tentando arrancar alguma coisa. Qualquer coisa.

Volta a balançar a cabeça negando com os olhos brilhando. “Eu não quero falar. Eu quero você. Poxa, Ethan.”

Aceno que sim e puxo seu rosto para mim, colocando os lábios nos dela. Victoria me abraça e passa as mãos ávidas pelo meu corpo. Beijo-a, acariciando seus lábios com os meus fazendo-a abrir a boca. Quando ela afasta os lábios, enfio minha língua e ela geme.

Tentando apagar qualquer merda de pesadelo da cabeça dela. Beijo a boca da minha garota com desespero, lambendo furiosamente e sentindo seu gosto. Deslizo minha língua na dela, enfiando mais fundo quando ela faz um ruído doloroso na minha boca. Minhas mãos seguram seu rosto com carinho e a outra faço correr para trás da sua cabeça e enfio nos seus cabelos loiros e sedosos.

As mãos dela chegam até a barra do meu suéter e segura, puxando para cima. “Preciso sentir você.” Sua voz suave pede, mesmo que suas mãos já estejam tirando meu suéter.

Levanto meus braços para ajudá-la a tirar o suéter e não perco tempo, seguro a barra do seu vestido e o puxo, tirando do seu corpo. Ela se joga para mim, passando as mãos apressadas nos meus ombros, braços, costas e abdômen.

Solto um ruído quando ela consegue me derrubar no tapete. Deitando-se em cima de mim, ela beija meu torso. O rosto faz carinho no meu corpo como se ela fosse um gato e as mãos chegam até o botão da minha calça jeans ao mesmo tempo, seus lábios beijam meu corpo.

“Amor”, rosno como um animal e levanto o corpo, fazendo ela ficar sentada em uma das minhas pernas.

Victoria arfa e abre a boca. Ela agarra meu rosto no mesmo momento que

eu agarro o dela. Em um beijo ardente. Minhas mãos vão parar no fecho do seu sutiã e rapidamente abro-o, tirando e jogando para longe.

Gemendo nos meus lábios, ela diz meu nome repetida vezes e as unhas arranham meu couro cabeludo. Puxando-a mais para perto, giro meu corpo fazendo-a cair para o lado e deitando ela.

“Ethan”, arfa passando as mãos pelo meu corpo e depois segurando meu rosto. “Amor.” Respira e eu encosto nossos lábios novamente.

Seus seios quentes e os mamilos rígidos raspam na minha pele que está pegando fogo. Eu sinto seu corpo — *agora* — tão febril quanto o meu. As mãos dela se enterram no cóis da minha calça. Sinto meu pau endurecendo e minhas entranhas dolorosamente pedindo para eu penetrá-la.

Me beijando e arfando, Victoria separa nossos lábios. “Faz amor comigo.” Sussurra, passando a língua nos meus lábios. “Faz amor comigo.” Repete.

Seguro seu rosto e fixo meus olhos no dela. “Desde quando precisa pedir?”

Um sorriso transparece em seus olhos e as mãos fazem um carinho no meu rosto. “Eu sei. Mas. Faz. Agora. Amor. Comigo.”

Assinto e sugo seu lábio, depois a língua para murmura: “Como você quer? Lento e carinhoso, ou rápido e furioso.”

“Tanto faz. Só quero você dentro de mim.” Arranha meu peito, fazendo-me retesar os músculos do corpo todo “E agora.”

“Te amo” falo meio desesperado.

“Eu muito mais” balbucia e enfio minha língua na sua boca.

Chupo sua língua com ardor sentindo seu gosto, sentindo os ruídos dos seus sons de súplica e sinto suas mãos pelo meu corpo e de vez em quando as unhas arranham minha carne.

Levo minhas mãos para sua nuca, deixando-a imóvel e assumo o controle. Ela abre as pernas, abrigando meu corpo no seu meu e esfrega sua boceta no meu pau, com sua calcinha e minha calça no meio, impedindo o que ela realmente quer.

Gemendo como um animal, abandono seus lábios com os meus sendo puxados por seus dentes e suas mãos deixam meu corpo lentamente enquanto me ponho de joelhos no meio das suas pernas.

Seus seios estão inchados e os mamilos pontudos. Desço meu rosto e mordo a pontinha de um mamilo e Victoria arqueia as costas, chamando meu nome — *carente*. Ela geme com a boca aberta quando abocanho um seio, faminto e louco com o sabor da sua pele na minha língua. O calor do seu corpo e o gelado da minha saliva a deixa maluca.

Mordiscando o caminho de um seio ao outro, sugo e mordo o outro. Desço meu rosto, meu propósito agora não são os seios maravilhosos dela. Beijo suas

costelas, enfio a língua no seu umbigo e passo o nariz na fenda da sua entrada por cima da calcinha de renda, que por sinal está molhada.

Chego a calcinha para o ladinho e fecho meus lábios, apertando com os dentes o seu clitóris. Ela agarra meus cabelos e arqueia a pélvis. Victoria crava os calcanhares no tapete e levanta a boceta na direção da minha boca. Quando deixa o corpo cair de volta, seguro sua bunda com uma mão e a outra, eu seguro sua calcinha, deixando-a ainda mais para o lado.

Com o frenesi de entrar dentro da sua quentura úmida, envolvo seu clitóris com os lábios e o chupo e lambo lentamente. Seu corpo se retese e ela remexe na minha boca.

“Oh céus. Ethan!” Ela geme gritando e os nós dos seus dedos ficam brancos com a força que segura os pelos do tapete.

Meu pau se contorce pelo tesão eu fico louco com o gemido erótico que Victoria solta. O sangue aquece mais ainda meu corpo, correndo pelas minhas veias. Enfio a língua nela para fazê-la gozar e eu poder penetrá-la sem machucar.

“Por favor!” Implora suspirando em um gemido. “Por favor!”

Eu esfrego seu clitóris com o dedão e enfio o indicador dentro dela, depois abro mais espaço e enfio outro dedo. Pressiono meu quadril no chão ao sentir sua maciez e o aperto do seu núcleo.

Colocando mais pressão, meus dedos circulam dentro dela e dou uma mordidinha de novo no seu clitóris, na pontinha sensível e suas paredes me apertam. Victoria arqueia as costas e as mãos puxam meus cabelos dolorosamente pela raiz e ela goza vigorosamente nos meus dedos e na boca.

Ela pediu para eu fazer amor com ela. Não precisava pedir, basta ela existir. Na verdade, bastou ela passar as mãos no meu corpo e deixar eu enfiar minha língua na sua boca para tentar acalmar o que estava a agonizando. Às vezes o que mais precisamos é apenas dos nossos corpos unidos.

Levanto, ficando de pé na frente dela e abro minha calça sendo inspecionado por olhos verdes brilhantes e emanando luxúria. Tiro a calça e a cueca junto e chuto para o lado. Voltando a abaixar o corpo, fico de joelhos no meio das pernas dela, que levanta o corpo apoiando as mãos atrás do corpo e rasgo a fina calcinha de renda.

“Mais uma.” Ela diz torcendo os lábios, fingindo estar zangada.

Dou de ombros e passo a mão na volta da sua cintura, segurando-a e forçando seu corpo a deitar com o meu corpo empurrando-o. Com os olhos grudados nos dela, paio por cima do seu corpo, deixando meus cotovelos dobrados ao lado da sua cabeça e roço a cabeça do meu pau na sua carne úmida.

“Mm...” Minha princesa geme mordendo os lábios e fechando os olhos.

“Olhos abertos.”

Ela os abre e fita os meus, soltando faíscas excitantes e fazendo-me vibrar para entrar dentro dela de uma vez. Com força.

Coloco a pontinha na entrada da sua boceta e sinto mais do que vejo o arrepio que passa por seu corpo. A luz amarela e baixa que ilumina o quarto, vindo da lareira elétrica, deixa o clima especialmente romântico, fazendo conjunto com a lua que brilha no céu escuro e sem estrelas do lado de fora. A vista da janela panorâmica ao nosso lado é uma verdadeira paisagem. Um pintor morreria por esse tipo de visão.

Desço meu rosto, colando meus lábios aos dela e vagorosamente deslizo meu pau — *dolorosamente* — duro para dentro da sua boceta molhadinha. Solto um gemido, deixando minha testa cair sobre a de Victoria.

Tão quente. Tão molhada. Apertada. Toda vez que estou dentro dela, sinto todo o meu corpo se conectar ao seu. Minha alma se conecta a dela e meu coração acelera brutalmente com essa dominação de fazer dessa mulher *minha*.

Estoco com força, indo profundo dentro dela e suas coxas macias me apertam. Abraço-a — enfiando minhas mãos por debaixo do seu corpo — e ela me abraça igualmente. Nossos corações acelerados e nossos lábios se encontram novamente.

Nossos corpos se mexem harmoniosamente. Eu forço para a frente e ela acompanha meus movimentos. Seu núcleo úmido aperta meu pau e meto com força. Ela geme e arranha minhas costas, beijando meu ombro.

Deixo nossos corpos mais próximos, deixando o peso do meu prendê-la ao tapete e levanto meu tronco, para poder ver meu pau deslizar para dentro e para fora. Victoria crava as unhas nos meus punhos — ao lado do seu rosto — e arqueia as costas quando tiro tudo e meto de volta.

“Você é tão linda.” Rosno, tirando de novo, “Está me sentindo agora?” Deslizo para dentro de novo e seus seios sacodem.

“Eu estou — ”

“Está o que?”

Ela choraminga e olha para mim. “Estou sentindo. Eu estou... sentindo.”

Seus olhos mostram quanto prazer ela está sentindo agora. O mesmo que eu. Tiro e penetro-a lentamente. Ela me aperta e geme dolorosamente. Um calafrio sobe pelas minhas costas até a nuca quando meto mais fundo e seu núcleo me aperta com força e sua boca se abre, provando que ela está chegando no clímax.

Seu peito sobe e desce, com a respiração difícil. As coxas tremem e ela geme silenciosamente. Arranha meu peito até deixar as mãos na minha nuca. E Victoria goza enquanto eu ainda forço para dentro dela.

“Estou quase... quase, *querida*.”

“Ah... Ethan.” Ela choraminga sem fôlego.

Deixo o corpo cair um pouco para ela e Victoria leva as mãos para as minhas costas. Ela força o quadril para cima, de encontro ao meu: Geme rouca e sua boceta me aperta mais ainda. Uma delícia. Minhas bolas se comprimem e meu pau começa a inchar.

“Isso. Continua.” Suplico metendo e seguro sua cintura para conseguir forçar mais. “Isso, Victoria.”

“Ethan!” Ela grita jogando a cabeça para trás e um novo orgasmo começa a desenrolar pelo seu corpo. “Por favor.”

Ela está inchada e deve estar dolorida, mas sei que aguenta e continua a mexer junto com meu corpo. Estoco mais uma, duas, três, quatro vezes. Faço-a gritar e gemer.

“Merda.” Urro e meto mais uma vez gozando jatos dentro dela. Seu núcleo me aperta e ela goza junto comigo.

“Ai... Meu Deus.” Ela murmura ainda gozando.

Meto bem fundo, liberando todo o meu gozo e finalmente paro meus movimentos, fitando seus olhos.

“Eu te amo tanto.” Sussurro com dificuldade e engulo em seco.

Victoria pisca e levanta o rosto. Seus lábios vêm abertos à procura dos meus, que os recebe. Nossas línguas se chocam e deslizam uma na outra. Ela me abraça, envolvendo meu pescoço com os braços, fazendo meu corpo cair em cima dela e cobrindo-a.

Acalmamos nossos corações e respiração, nos beijando. E meus braços vão para debaixo dela e rolo nossos corpos, deixando-a por cima de mim.

“Assim é melhor.” Digo com meus lábios nos dela.

As pontas dos seus dedos fazem carinho no meu rosto e ela abre a boca na minha. Sugo sua língua sedutoramente, beijando-a apaixonadamente. Passo as mãos nas suas costas, na sua bunda e subo, para então segurar seu rosto com reverência.

“Está tudo bem agora?” Murmuro com a voz cansada.

Ela suspira e depois de fitar meus olhos, sorri de lado e deixa um beijo no meu queixo. Pousa a mão no meu rosto, fazendo um carinho e afasta o dela quando deita a cabeça no meu peito.

“Meu príncipe” sussurra bem baixinho, quase não escuto.

Envolvo seu corpo, abraçando com amor e beijo o topo da sua cabeça. Acho que ela não quer falar — ainda — qual é o problema, mas se ela quer o conforto do meu corpo, eu vou dar. Dou tudo o que ela quiser.

“Eu vim tomar banho, mas aí eu deitei rapidinho na cama e peguei no sono.”

Sua voz baixa soa e eu me mantenho quieto, deixando-a desabafar.

“Eu estava na academia, depois aconteceu aquilo e... depois eles atiraram em você.” Seu corpo estremece. “E tudo sumiu e de repente eu estava no cativeiro...”

“Calma.” Aperto meus braços com forte. “Você está aqui. Eu estou aqui.” Beijo o topo da sua cabeça, de novo. “Está tudo bem agora.”

Ela suspira, beija meu peito e volta a deitar o rosto. Seguro-a nos meus braços como se eu pudesse ter superpoderes e pudesse enfrentar o mundo todo. E talvez eu possa. Meu amor por Victoria é algo brutal. *Ela me dá poderes.*

“Ninguém vai lhe fazer nada. Não vou deixar.”

Ela assente com a cabeça e diz baixo: “Eu confio em você.”

Epílogo

MADRUGADA DE QUINTA PASSADA, 14 DE JANEIRO DE 2014.

Quem será o dono da sombra que se espreita para fora das luzes. Quem será aquele que tem corpo sem vestígio, que tem sombra e nem a morte mais reconhece. Como quem não existe mais, persiste?



DE POSTURA SEGURA E ARROGANTE, vestido todo de preto e que faz corpos se arrepiarem com sua presença, o homem cerra os punhos com raiva. Ele acabara de ler uma manchete em um jornal. ATENTADO QUASE LEVA A MORTE DE ETHAN LYON BROWN. O jornal contendo a informação está amassado e virando cinza com a brasa acesa pela guimba do cigarro do homem. E correndo livremente pelo terraço que ele está apoiado na varanda e fitando o rio a sua frente.

O ódio corroeu ele mais ainda, com toda sua força. Ele não se conforma de seus planos terem fracassado, mais uma vez. Que seus homens tinham falhado novamente. Todas as missões que ele deu sempre deram errado. As primeiras eram a impetuosidade de amedrontar, talvez assim seu alvo fosse esperto e abrisse mão de tudo e possivelmente — na cabeça dele — correria para ele pedindo ajuda.

Mas isso não aconteceu. Ele perdeu a paciência e o amor virou ódio. Ele queria a família de William Colton extinta. Queria Will sozinho e abandonado. Assim como uma vez se sentiu e sua família.

Ele queria ver a dor. A tristeza e destruição de Will. O queria sofrendo. A morte era muito fácil. E mesmo que ele tenha feito Will viver por quase vinte anos no inferno, praticamente, ele não está satisfeito. Seu objetivo é muito mais do que ele já fizera.

Ele adentra sua casa, vai até o bar, enche seu copo com mais uma dose de uísque e anda até as grandes janelas da sua casa luxuosa e fita as luzes da cidade que nasceu e que vive sob as sombras. Ele é alguém que ninguém imagina ser, e que está preparando em sua cabeça, o golpe perfeito.

“Vou fazer por minhas mãos e dessa vez não haverá espaço para o acaso.” Ele pensa em voz alta, com *sangue* nos olhos.

Um homem sem alma, sem vestígios. Ele é apenas uma sombra que vaga sem ser notada. Uma poeira sobre pistas sem rastros. Pois como haverá ele se ele

não é ninguém? A própria morte não tem mais seu nome e sobrenome, mas ele está aqui.

Bônus

Victoria

PRIMEIRO DE JANEIRO DE 2014.



SINTO A BRISA DO MAR REFRESCAR MINHA PELE. O mormaço é bem-vindo também e fico grata mentalmente por estar emplastada de protetor solar, que por sinal foi Ethan que passou no meu corpo. Os cantos da minha boca se curvam e um sorriso bobo por lembrar dele mandando eu não me queimar muito. Meu príncipe é um fofo.

“Alguém está com um sorriso bobo no rosto”, escuto ele falar e sinto seu hálito no meu pescoço. Um beijo é deixado no meu nariz e acabo abrindo um olho. “Está sonhando?” Indaga.

Levanto as sobrancelhas sorrindo e suspiro. Puxo ele para mim, envolvendo seu pescoço. Seu corpo pesado e molhado do mar fica em cima do meu fazendo e me dá calafrios.

“Você está gelado.”

Ele rir. “E você quentinha. Eu prefiro você”, diz e abaixa o rosto para beijar meu pescoço.

“Tem gente na praia. Não é só nós dois, não. Para.”

“Não tem, não”, murmura e as mãos passam pelo meu corpo, apalpando e apertando.

“Ethan.”

“Hm?”

“Para. Vamos ser acusados de atentado ao pudor.”

“Porra nenhuma, se falarem é recalque.” Dou risada e ele completa: “Inveja porque não tem uma gostosa como você para fazer isso.” Ethan morde minha orelha e suga depois me fazendo suspirar alto.

Viro o rosto para o lado e flagro uma menininha nos olhando. Ai meu deus. “Para Ethan. Tem uma garotinha com a idade da Hannah nos olhando e... ela está congelada.”

Ele arfa com força e levanto o rosto virando para o mesmo lado que o meu. “Oi.”

Seguro a vontade de sorrir e a garotinha acena para ele. *Não acredito.*

“Cadê seus pais?”

Ela aponta para o resort atrás de nós, onde estamos hospedados. O lugar é lindo, Ethan o escolheu pela internet quando estava procurando um lugar para me trazer no Hawaii e ele gostou desse resort que fica na ilha de Honolulu. Aqui é lindo, parece a fotografia de uma paisagem, só que se sente o cheiro do mar, pode pisar na areia fofa e limpa, e mergulhar na água gelada do oceano pacífico. A ilha é maravilhosa e estou muito grata a ele pela surpresa que fez para mim. Ethan disse que foi seu presente de ano novo.

“Então por que não vai ficar com eles?” Meu — super meigo e fofo — namorado pergunta.

“Eles estão namorando que nem você e a sua esposa.”

Prendo a gargalhada e Ethan me olha com as feições travessas, pisca o olho e volta a dar atenção a menina.

“É porque é bom namorar na praia, mas você é muito pequena para saber disso. Então pega seus brinquedos e vai brincar na areia. Aproveita que a areia daqui é incrível.” Fala todo entusiasmado da areia. Até eu quero brincar agora.

“Não posso, quem vai cuidar de mim?”

“Eu que não vou ser”, murmura e eu dou um tapa no ombro dele.

“Ethan. Não seja indelicado”, digo e olho a menina. “Olha, vai lá nos seus pais e chama eles, simples.”

Ela balança os braços e bate as mãozinhas ao lado do corpo. “Mamãe não gosta de areia.”

“E seu pai?”

“Mais ou menos.”

“Chama ele merda”, Ethan resmunga.

“Sch...” mando ele calar a boca e falo para a menina: “Então eu já sei. Ken!” Grito meu segurança e ele aparece de pronto ao meu lado.

“Sim.”

“Você pode fazer um favor e cuidar dessa juvenzinha enquanto ela se diverte um pouco na areia. Sei lá, você cuidava de mim quando pequena. Agora cuida dela por mim?” Bato os cílios fazendo charme.

Ken respira fundo e olha para a menina de cabelos negros e olhos azuis escuros. “Qual seu nome?”

“Victoria.”

“Está explicado agora ela ser tagarela”, Ethan murmura e rio.

“Idiota.”

“Bem, Victoria é meu carma cuidar de meninas com esse nome, então vamos logo.” Ken fala e dá um empurrãozinho na menina. Ela abre um sorriso

enorme e acena para mim e Ethan, e começa a fazer um monte de perguntas para o meu segurança particular. Achando graça, solto uma risada.

“Você é tão generosa.” Ethan fala voltando a ficar com o corpo — meio — em cima de mim.

“Só queria que ela parasse de ver você me assediando.”

“Sei.”

“O quê?”

“Nada, só acho você modesta demais e essa garotinha tinha que ter teu nome?”

Balanço a cabeça rindo e acaricio seus cabelos enterrando meus dedos neles. “É o destino.”

Ele fecha os olhos e desce o rosto até o meu para me acariciar com o mesmo.

“O destino é bom às vezes, ele me trouxe você. Então não me importo com essa menina. Ela só provou mais uma vez que estou com a pessoa mais incrível do mundo”, ele sussurra.

Abráço-o forte e beijo seu rosto. “Eu acho o mesmo de você marido.”

Sua risada rouca vibrar em seu peito. “Minha esposa está engraçadinha hoje, né.”

Rio de novo e falo baixo: “Achei um máximo ela falar isso. Fofa.”

Ele levanta o rosto e fita meus olhos, bem sério. “Você quer ser minha esposa?”

Pisco e engulo, ansiosa com a pergunta repentina. “Um dia” dou de ombros “quem sabe.”

Ele assente e me beija. Sua boca está com o gosto do coquetel de frutas que ele tomou na hora do almoço e se mistura com meu gosto de morango cítrico. É maravilhoso e refrescante. Me agarro a ele e deixo sua língua se enroscar na minha, sugando, rodopiando e deslizando em um beijo sedutor. Se afastando e deixando meus lábios levemente inchados Ethan fala assentindo:

“Eu quero muito isso.”

“O quê?”

O canto da sua boca se curva, no seu sorriso galanteador. “Te chamar de esposa. Minha esposa.”

Meu corpo todo fica quente e sou obrigada a puxá-lo para mim de novo, beijando com desespero.

Se fosse tão simples ter ele, mas não é. Tem o medo. Tem o perigo lá fora e eu não posso imaginar fazerem mal a ele por causa de mim, mas também quero muito ser sua, ser sua esposa e ele meu marido. Viver para sempre ao seu lado. Rezo para que tudo continue como está. Que aquele homem esteja bem longe de

nós.

Paramos de nos beijar e Ethan se levanta da espreguiçadeira. “Vem, vamos fazer algo legal.”

“O quê?” Pergunto ficando de pé e ajeitando meu biquíni.



EU NÃO ACREDITO QUE ETHAN CONSEGUIU me arrastar para uma praia na ilha vizinha de Honolulu, mas a praia Sandy é linda e estou apaixonada por ele. Nadamos, tiramos foto, na verdade quem ficou como nosso fotografo foi Ken, que agora está mais distante deixando eu e meu namorado curtindo a ilha a sós. Vir para o Hawaii foi uma aventura maravilhosa e já estou triste porque vamos embora amanhã. Voltaremos para vida real em Los Angeles.

Agora estou deitada nas pedras da praia com Ethan ao meu lado. Brinquei que queria fazer topless e ele quase faltou colar a parte de cima do meu biquíni em mim, para essa possibilidade não existir mesmo.

As ondas vêm e vão, molhando meu corpo — chegando na minha cintura. Estou com um chapéu para me proteger da luz forte do sol — que ainda está no seu ponto máximo as treze horas da tarde. Ethan está de óculos escuros e a bermuda vermelha que eu comprei para ele na loja que fica no nosso resort. Lindo e perfeito com um braço em baixo da cabeça e o outro ao longo do corpo com os dedos entrelaçados aos meus.

Estico mais meu braço — para tomar uma boa distância e um ângulo bom — e tiro uma foto de nó dois assim com a nossa câmera-group. Por sinal a segunda, porque perdi a primeira no passeio de jet-ski no primeiro dia na ilha.

“Mais fotos?” Ele pergunta virando o corpo para mim.

Sorrio e me sento já com a câmera na minha mão e vendo a imagem. “Ah mais uma imagem dessa merecia uma foto. Olha” digo e viro a câmera para ele. Seu sorriso deixa claro que gostou tanto quanto eu.

“Com você todas as fotos ficam linda.”

“Ah não começa.”

“O quê?” Ele pergunta sorrindo e ficando de pé — me puxa também.

“Ah ser tão fofo e romântico.”

“Eu romântico?” Fala incrédulo e me beija. “Você não vai achar mais isso quando ver o nosso próximo passeio aqui.”

Arregalo os olhos e viro-me para onde ele está focando. Um homem alto, moreno como todos os nativos daqui, traz nas mãos dois pares de óculos de mergulho. *Ai minha nossa.* Viro-me e fito Ethan exasperada.

“Nós vamos mergulhar?”

“Sim” responde assentindo “e em alto mar como você pediu.”

“Ah!” Dou um gritinho pulando em cima dele, abraçando seu pescoço.
“Você é o melhor namorado do mundo.”

“Só porque eu tenho a namorada mais maravilhosa do universo.”

“Para com isso.” Sorrio e o beijo com paixão. Eu amo tanto esse príncipe safado. Sou profundamente dele para todo o sempre, sempre e sempre. Infinitamente dele.

NÃO PERCA O SEGUNDO VOLUME

PROFUNDAMENTE
ENVOLVIDO

SOBRE A AUTORA:

Alessa já sabia o que queria desde criança: deixar um pedacinho seu no mundo. Sempre sonhadora (pensou até em ser astronauta), aprofundou-se na dramaturgia e suas infinitas possibilidades. O teatro foi sua primeira paixão, e logo depois vieram os livros, que se tornaram seu escape da realidade após conseguir superar sua depressão. É uma legítima carioca que vive ainda na cidade maravilhosa com sua família e seus amados cães.

Para conhecer mais dessa autora regada a humor e sinceridade, siga suas redes sociais.

CONTATO

Grupo do Facebook: [Alessa Abille Livros](#)

Wattpad: [Alessa Abille](#)

Instagram: [Alessa Abille](#)

Twitter: [Alessa_Abille](#)

Site para comprar os livros físicos: www.alessaabille.tumblr.com

MUITO OBRIGADA POR CHEGAR ATÉ AQUI.

SE QUISER, DEIXE SUA AVALIAÇÃO — FICAREI BEM FELIZ COM ISSO
— E MANDE O PRINT PARA UMA DAS MINHAS REDES SOCIAIS, PARA
RECEBER SEU BRINDE.

Até a próxima.

XOXO

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Bônus](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Bônus](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte & Um](#)

[Vinte & Dois](#)

[Vinte & Três](#)

[Vinte & Quatro](#)

[Vinte & Cinco](#)

[Vinte & Seis](#)

[Vinte & Sete](#)

[Vinte & Oito](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Não Perca O Segundo Volume](#)

[Sobre A Autora:](#)

[Contato](#)